THE J. PAUL GETTY MUSEUM LIBRARY

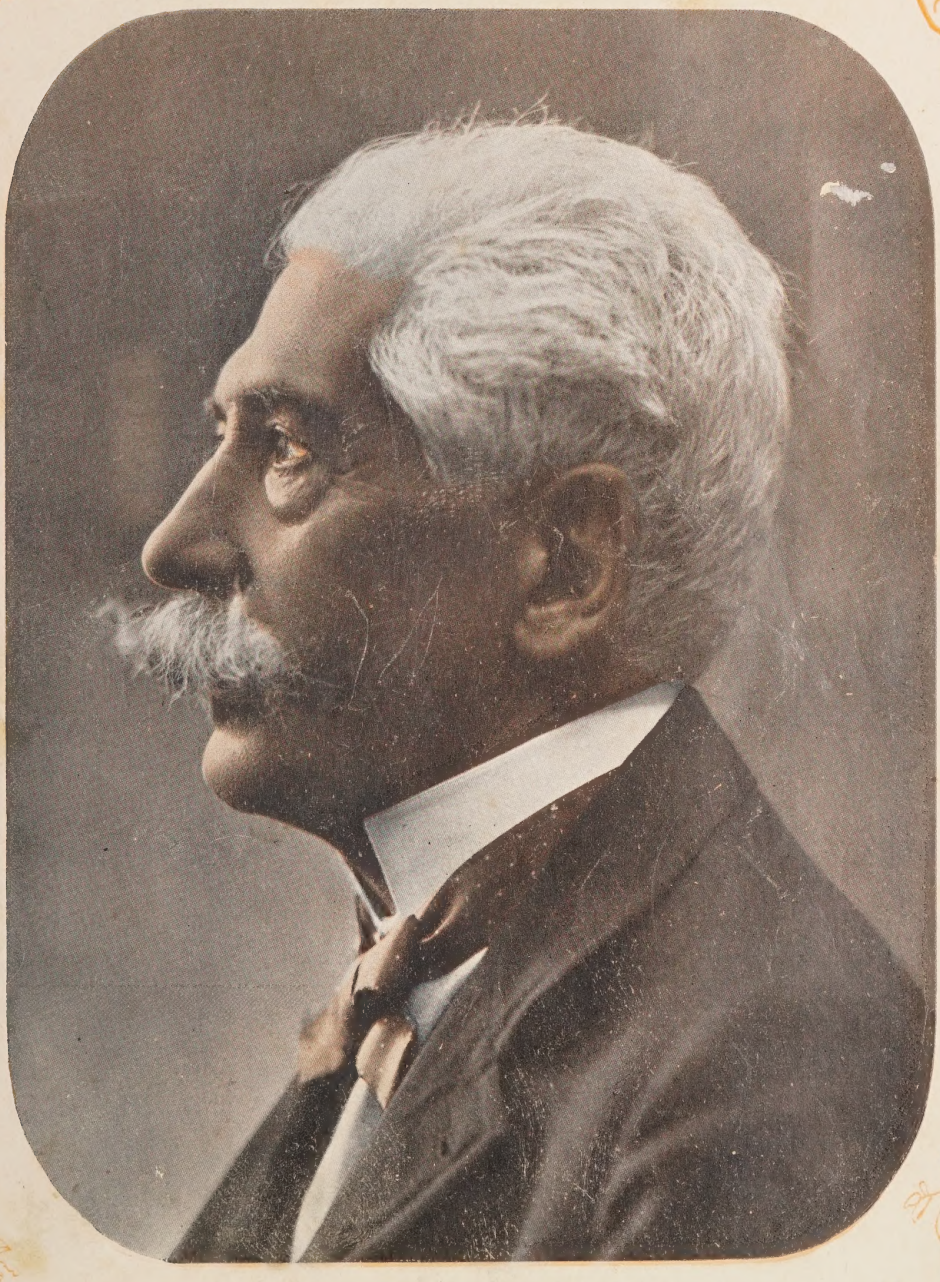
Digitized by the Internet Archive
in 2025 with funding from
Getty Research Institute

https://archive.org/details/seroesrevistamen10unse

N.º 55 JANEIRO

SERÕES

LIVRARIA FERREIRA, EDITORA



Redacção e administração PRAÇA DOS RESTAURADORES, 30, LISBOA — Telephone 805

SERÕES

SERÕES

MAGAZINE MENSAL ILLUSTRADO

SEGUNDA SÉRIE — VOLUME X

LISBOA
LIVRARIA FERREIRA — EDITORA
132 — RUA AUREA — 138

Composto e impresso na Typographia do Annuario Commercial
Praça dos Restauradores, 27

1910

THE J. PAUL GETTY CENTER
LIBRARY

Aos nossos assignantes de 1910

BRINDES DOS SERÕES

Uma viagem a Paris

(Ida e volta em 1.ª classe, partida de Lisboa), em época á escolha do favorecido pela sorte, ou o seu equivalente em moeda corrente, como em 1909.

Brinde mensal a todos os leitores

Pela apresentação de BONUS publicados em cada numero

descontos em varios estabelecimentos sobre as compras effectuadas

GRANDE VANTAGEM AOS ASSIGNANTES

Desejosa a administração dos **"SERÕES"** de reunir o maior numero de assignantes, em uma publicação de tanto interesse e unica no seu genero em Portugal — revista profusamente illustrada, com escolhida e escrupulosa collaboração, que se publica no primeiro de cada mez — e querendo facilitar-lhes o completar esta publicação desde o seu inicio, offerece — **a todos que assignarem a revista "SERÕES" por periodo não inferior a um semestre—**, o adquirir um qualquer volume publicado ou todos os treze, com um desconto de 50 %, ou seja cada volume (que corresponde a um semestre) **600 réis** ou, ainda, **1$000 réis,** lindamente encadernado em capas de luxo.

O preço da assignatura dos **"SERÕES"** é:

Pertugal, ilhas, colonias e Hespanha	Anno	2$200 réis
	Semestre	1$200 »
	Trimestre	600 »
Para o Brazil (Moeda fraca)	Anno	12$000 »
Para outro qualquer paiz estrangeiro	Anno	15 fr.

Numero avulso, 200 réis

Pedidos á

Administração dos "SERÕES" — 30, Praça dos Restauradores, 30 — LISBOA

Telephone n.º 805

NOTA. — O brinde do anno de 1909, sorteado pela loteria do Natal, coube á sr.ª D. Annita Victoria, do Estado de Parahyba do Norte (Brazil), no n.º 4238.

TYP. ANNUARIO COMMERCIAL - C. GLORIA, 5 - LISBOA

Proprietaria: Livraria Ferreira — **Director litterario:** Eduardo de Noronha — **Director gerente** Caldeira Pires — **Séde da redacção e administração:** Praça dos Restauradores, 30. — Composto e impresso na **Typographia do Annuario Commercial,** Praça dos Restauradores, 27.

Os **Serões** *desejam a todos os seus assignantes, leitores e amigos, a todas as pessoas, emfim, que lhe fazem a honra do seu convivio, um anno muito feliz.*

Summario

MAGAZINE

Pag.

FRANCISCO RANGEL DE LIMA
(Frontispicio) 2

COMO SE PREPARA UM NECTAR
(7 illustrações) por J. Reis Gomes 3

IN PULVEREM *(Versos)* de Celestino Monteiro 12

DESPEDIDA DE COIMBRA
(7 illustrações) por Sousa Costa 13

MARIA *(Versos)* de J. d'Arruella 19

A VICTORIA DO HOMEM *(Versos)* de Augusto Casimiro 20

O PAPA PIO X
(17 illustrações e 1 vinheta) por S. B. 21

SONETO de José Fuzeira 28

ESMALTES ARTISTICOS
(11 illustrações e 1 vinheta) por Arthur Lobo d'Avila 29

SILVA PEQUENINA *(Versos)* de J. de Oliveira Simões 36

A VIDA NA CIDADE E NOS CAMPOS
(6 illustrações e 1 vinheta) por Carneiro de Moura 37

AMOR-DEO *(Versos)* de Alberto Corrêa 44

MARK TWAIN
(1 illustração e 1 vinheta) versão de Manuel de Macedo 45

O GRANDE ACTOR VALLE
(8 illustrações e 1 vinheta) de Portugal da Silva 48

O DESVARIO DA ZAGALA
(2 illustrações) por Costa Macedo 54

NATAL E ANNO NOVO
(8 illustrações e 1 vinheta) por Arthur Belmonte 60

ECCOS E REFLEXOS
(14 illustrações) 67

HYBERNAL *(Versos)* de Santos Vieira 83

A MUSICA DOS SERÕES

MINUETE CELEBRE, de L. Boccherini . . . . . 2 pag

Typographia do ANNUARIO COMMERCIAL DE PORTUGAL

Propriedade de **MANOEL JOSÉ DA SILVA**

OFFICINA TYPOGRAPHICA

Movida pela electricidade — Installação apropriada

Executam-se trabalhos typographicos em todos os generos, e mui especialmente os que dizem respeito ao commercio, como facturas, memorandums, livros de escripturação, etc., garantindo-se perfeito acabamento e modicidade de preços.

Reproducção de planos. Cartas Geographicas.
Laminas e pergaminhos antigos. Quadros a oleo e aguarella
em tamanho natural, ampliado ou reduzido

ESCRIPTORIO E OFFICINAS

Praça dos Restauradores, 27 (PALACIO FOZ)

CALÇADA DA GLORIA, 5

Telephone 1:239 **LISBOA**

Expediente

Aos nossos assignantes dos **"Serões"** que ainda não satisfizeram a importancia das suas assignaturas, lembramos que começamos a fazer o envío pelo correio dos respectivos recibos de cobrança, rogando a fineza de não demorarem a resposta, não só para nos evitarem despezas maiores com nova remessa de recibos a cobrar, como tambem para não soffrerem interrupção na remessa do nosso magazine **"Serões"**.

Accresce que os chefes das estações dos correios a quem remettemos recibos para cobrança de assignaturas, os não reteem o tempo legal, de fórma, que os assignantes residentes em logares affastados dos locaes das estações, não teem, muitas vezes, occasião de liquidar os seus recibos, o que nos prejudica pelas repetidas remessas e augmento de expediente.

A administração.

AGUA CASTELLO

Minero-gazoza, lithinada natural

DE

MOURA

Refrigera os sãos e cura os doentes

A melhor, a mais pura e a mais barata das aguas de meza do Paiz.

Agradabilissima ao paladar, tomada simples ou misturada com cognac, leite, wisky, vinho, etc. — premiada na Exposição de S. Luiz e no Palacio Crystal do Porto.

ESCRIPTORIO E DEPOSITO

123, RUA DA CONCEIÇAO

Telephone 880

Empreza das Aguas de MOURA ASSIS & C.ª

LISBOA

Brinde mensal a todos os leitores dos SERÕES

CORTAR COM UMA TESOURA SOBRE O PONTEADO

Brinde dos SERÕES

BONUS para o desconto de **10 por 100** em qualquer compra feita pelo portador na

LIVRARIA FERREIRA

Rua Aurea, 132

durante o mez de janeiro de 1910.

Brinde dos SERÕES

BONUS com o desconto de **50 por 100** em qualquer logar e dia (excepto domingos e dias santificados) no

SALÃO FOZ

(Calçada da Gloria, em frente da rua do mesmo nome)

durante o mez de janeiro de 1910.

Brinde dos SERÕES

BONUS com o desconto de **50 por 100** em qualquer logar nos espectaculos realisados ás terças feiras, ou dia seguinte passado aquelle seja festivo, no salão

MUSIC-HALL

PRAÇA DOS RESTAURADORES

durante o mez de janeiro de 1910.

Brinde dos SERÕES

BONUS para o desconto de **10 por 100** sobre os preços estabelecidos no Consultorio Dental de

Tugmann

PRAÇA DOS RESTAURADORES, 30

durante o mez de janeiro de 1910.

Brinde dos SERÕES

BONUS para acquisição de um exemplar do

ANNUARIO COMMERCIAL DE PORTUGAL

PRAÇA DOS RESTAURADORES, 30

com o desconto de **10 por 100** durante o mez de janeiro de 1910.

Brinde dos SERÕES

BONUS para o desconto de **10 por 100** em qualquer compra feita pelo portador, em instrumentos de precisão na

CASA MIRAMON

46, Praça D. Pedro, 48

durante o mez de janeiro de 1910.

Brinde dos SERÕES

BONUS para o desconto de **10 por 100** em qualquer encommenda feita pelo portador no atelier de gravura de

PIRES MARINHO & C.ª

Praça dos Restauradores, 27

durante o mez de janeiro de 1910.

Brinde dos SERÕES

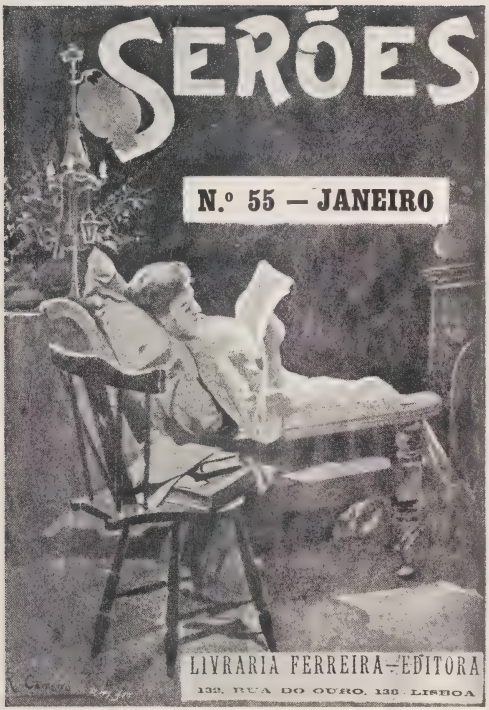
BONUS para acquisição de um exemplar da

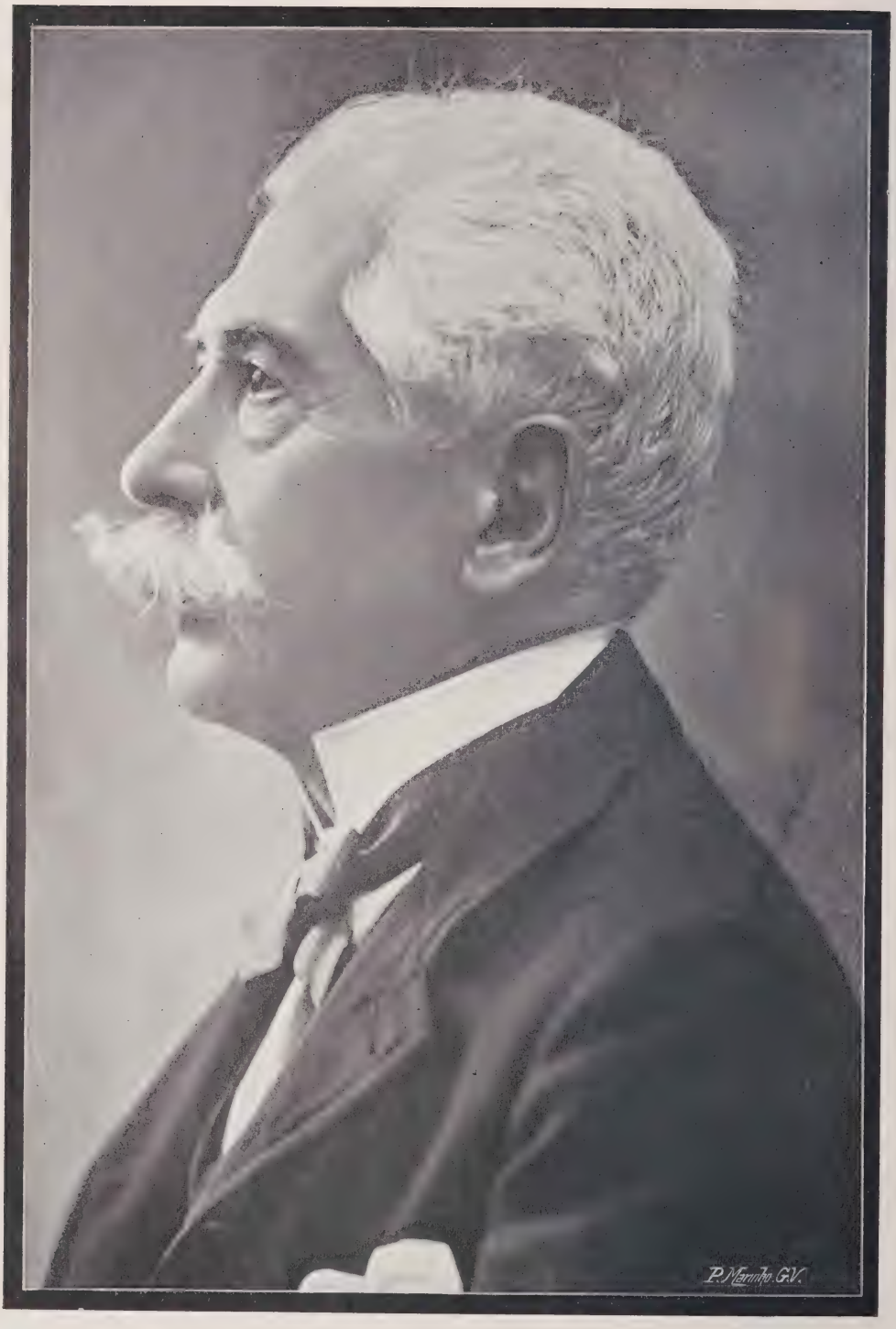
AGENDA

do Annuario Commercial de Portugal

Praça dos Restauradores, 30

com o desconto de **10 por 100** durante o mez de janeiro de 1910.


SERÕES
N.º 55 — JANEIRO
LIVRARIA FERREIRA—EDITORA
132, RUA DO OURO, 136 LISBOA



FRANCISCO RANGEL DE LIMA

Funccionario publico, dramaturgo e jornalista

NA PRENSA «MABILLE»

Como se prepara um nectar

O vinho da Madeira. — Traços historicos. — A cultura. — As vindimas. — Lagares e «repisa». — Trovas dos lagareiros. — Os borrachos. — A cantiga dos borracheiros. — — Artimanhas d'estes. — Dentro das pipas. — No campo. — O que se deve ao carvão.

NENHUM vinho, pelas suas qualidades tonicas, pelo seu valor nutritivo, pelo seu sabor e sobretudo pelo seu aroma delicioso e raro, póde egualar-se ao genuino e bem tratado vinho da Madeira.

Isto, embora o pareça, nem é uma these que se passe a demonstrar, nem um brado, solto, d'epicurista enthusiasta. E' o relembrar d'uma verdade, que, infelizmente, para a economia madeirense, parece ter-se esquecido ultimamente.

Elle é «o leite dos velhos», dizia um antigo e experimentado medico estrangeiro, celebrando-lhe as virtudes nutrientes e reconfortantes verificadas em longos annos de clinica. Receita-se, vulgarmente, o «Madeira» para certos estados pneumonicos, e está indicado nas debilidades e longas convalescenças.

O finado conde de Torre Bella, tão cavalheiresco homem do mundo como famoso vinicultor, alimentou-se nos ultimos annos da sua longa vida, só de bolachas e «Madeira velho»: este era, como elle dizia, o seu verdadeiro leite, e o seu unico caldo.

O sabor do «boal» antigo, cheio de corpo, que appetece mastigar para bem dividil-o e subdividil-o em particulas gustati-

vas, carece de termo excellente para sua comparação; e o aroma do «Malvazia» ou «Sercial», que o amador inglez deita ás gottas no lenço, ou esfrega demoradamente entre as mãos, vae além das requintadas essencias com que os perfumistas acariciam as pituitarias elegantes: lisongeia voluptuosamente o olfato, estimulando em acção reflexa as papillas ávidas da lingua.

Mas, agora reparo, que não é tambem uma panacéa ou elixir que venho pomposamente annunciando.

Vamos a umas linhas de historia, afim de derivar-se o rumo ás considerações que pareciam dever terminar com os attestados de cura pela garrafeira de Roque Caetano d'Araujo, gottas de «Boal» concentrado do dr. Barboza, ou pelas respeitaveis «cabelleiras» da sr.ª D. Maria Paula Rego.

*

Os primeiros vidonhos plantados em terra madeirense, foram enviados pelo infante D. Henrique, dizem uns, em seguida á descoberta, ou trazidos á ilha pelos mercadores italianos, como dizem outros, e bem bôas razões persuadem. Seja como fôr, a tradição indica no «Malvazia» o primeira vinho d'esta região que gosou um renome universal.

Outro haveria antes, talvez na costa norte, mas pouco e inferior, incapaz d'alentar a Fama a soprar por elle na sua clangorosa tuba.

Aquelle vinho, como o seu nome indica, é natural de Napoli-di-Malvazia na ilha de Minoa, junto á costa oriental da Moreia. A sua adaptação ao solo madeirense melhorou-o e deu-lhe um caracter especial, exactamente como a transplantação de outras sub-especies, «Boal», «Sercial», «Bastardo», trazidas de Portugal, fez de seus vinhos verdadeiras e famosas especialidades.

O «Sercial» velho, no dizer dos entendidos, o mais nobre e estomacal vinho da Madeira, sêcco, mas já sem travo, fino e intensamente aromatico, é o conhecido «Esganação» do continente, assim chamado pela sua acridez insupportavel. E' elevadissimo o grau saccharino da uva produzida n'esta ilha, permittindo, pela quantidade de glycose que se não deixa passar a alcool, obter-se varios typos de vinho, desde o dôce, abafado, até o extra-sêcco.

O periodo da opulencia vinhateira corresponde, aqui, ao ultimo quartel do seculo XVIII e primeiro do seculo XIX, ainda que as grandes exportações começaram por 1660, tempo do casamento da infanta D. Catharina com Carlos II de Inglaterra. Os privilegios concedidos aos mercadores inglezes attrahiram-n'os á ilha, e foi a sua actividade commercial, nem sempre honesta pelo que respeita á pureza do producto, que deu á exportação do «Madeira» o mais proficuo e decidido impulso.

O nosso «Malvazia», comtudo, já era bem conhecido em França nos principios do seculo XVI, na côrte de Francisco I, e, pouco mais tarde, na Belgica e outros paizes da Europa. N'este mesmo seculo era elle enviado para as Indias, voltando o que não era collocado ali, beneficiado por tal fórma que, mais tarde, o vinho da «Roda da India» constituia uma famosa preciosidade vendida a preços fabulosos. A viagem, a sua passagem lenta sob as altas temperaturas do Equador, «envelhecia-o» a tal ponto, que nenhum outro o podia exceder ou egualar.

Além das castas indicadas havia, até 1852, época em que o *oidium-tuckery* invadiu os vinhedos madeirenses, outras sub-especies, taes como: o «Listrão», o «Alicante», «Barrete de padre», «Tarrantrez» e a «Isabella», especie americana que resistiu um pouco á *mangra* e ainda mais, ao phylloxera, e que alguns falsamente suppõem ser casta nova adaptada ao nosso sólo depois d'esta ultima doença.

O *oidium* ou *mangra* deu um golpe terrivel nos vinhedos d'esta ilha, determinando uma crise que levou á emigração para o Brazil e Indias occidentaes, grande parte da população dos nossos campos.

Foi o intelligente facultativo e grande proprietario do Estreito de Camara de Lobos, dr. João Vicente da Silva, que, pela correspondencia em que se achava com o seu parente, barão d'Ornellas, residente em França, primeiro ensaiou o enxofre, já n'este paiz empregado como remedio contra o terrivel flagello. Primeiramente, era feita uma papa com enxofre e agua, juntando-se-lhe por vezes ainda cal, e n'ella se mettiam os cachos; depois, vendo que este processo seguro mas pouco pratico, era insufficiente para defender a flôr da vinha, experimen-

tou encher com o enxofre em pó um chuveiro de regador, pulverisando com elle os elementos atacados da videira, do que tirou excellentes resultados; a seguir, appareciam, intraduzidos por elle, os pulverisadores francezes já absolutamente praticos e proficuos, fazendo renascer a farta e dourada alegria das nossas parreiras.

Mas o povo ficou desconfiado de que o vinho depois do *oidium* perdera algumas

preciosa vida de seu senhor e mano. Preso e julgado por um tribunal de cavalleiros que o condemnou á morte por crime d'alta traição, foi secretamente encarcerado na Torre de Londres. A sua alta gerarchia, a irmandade do sangue, moveu a real piedade a facultar-lhe a escolha do processo de execução. O duque, para se decidir, pediu umas horas d'espera e um tonel de «Malvazia». Quando iam receber-lhe a resposta, encon-

BORRACHOS CHEIOS E VASIOS

das suas qualidades tonicas. E quando quer designar, mesmo hoje, um velho com robustez e côr, diz sempre:

— Aquelle, lá, ainda bebeu do vinho sem *mangra*.

Ao antigo «Malvazia» — hoje quasi restringido á Fajã dos Padres, d'antes pertencente aos jesuitas e propriedade actual do sr. capitão Doria — anda ligada uma bem curiosa anedocta historica: o duque de Clarence, irmão de Eduardo IV, d'Inglaterra, malevolo, sarcastico, má lingua, e bom bebedor, era accusado de tramar contra a

traram-n'o dentro do tonel, regaladamente morto no saboroso liquido que o saciára, afinal, d'uma vez para sempre.

•

Em quasi toda a ilha, o terreno se presta para a cultura da vinha que, preferindo o sul e os campos baixos, medra, comtudo, ao norte, em vastas plantações de «Jacquez», casta exotica que produz um vinho relativamente rico em grau, pela feliz adaptação ao nosso sólo.

Campanario, S. Gonçalo e, mais especialmente, Camara de Lobros e Estreito de Nossa Senhora da Graça são as regiões, por excellencia, dos vinhos generosos, onde o «Verdelho» aloira, assucarado, e a «Tinta» de sumo dôce e casca de tanino, ostenta o bello negro azul, chamado «Aza de corvo».

A phylloxera, apparecida, aqui, em 1872, deu o golpe de misericordia nas antigas cepas já abaladas pelo *oidium*, sendo raras as varas que dão hoje o fructo «de seu pé».

A enxertia sobre cavallos de «Jacquez», «Riparia», «Herbemont» e outras videiras resistentes é que salvou o vinho da Madeira, hoje só em temerosa lucta com os para-

LATADA DE MOSCATEL

sitas da especulação e da falcatrua que torpemente o desvalorisam e imitam tanto dentro como fóra do paiz.

As terras menos alagadas, como é natural, são as que dão melhores vinhos. Nas propriedades mais bem cuidadas, o sólo é aberto, até á profundidade de dois metros; o bacello, plantado fundo, alonga-se pelo gavião a procurar a humidade do sub-sôlo, unica que lhe dissolve os elementos necessarios á sua nutrição. Para que a vinha se não tente com a alimentação, facil d'inverno, mas improficua no verão, das mais altas camadas de terreno, as raizes superiores, as «Pastadeiras», são cortadas, permittindo-se-lhe unicamente esse arduo trabalho de mineiro que ha de garantir-lhe, por longos annos, o sustento, e a producção dos seus saborosos e abundantes cachos d'oiro.

Só no fim de três annos é que o bacello dá colheita apreciavel. O seu tratamento não é muito trabalhoso: dá-se-lhe uma cava em janeiro, para arejar a terra, mettendo-se-lhe adubos, entre os quaes o tremoceiro e a giésta que fornecem á planta grandes quantidades d'azote, ajudando a acção do ar. Essas cavas, ou «mantas», permittem o empoçamento da agua das chuvas e o seu escoamento profundo, na direcção do pé.

Duas enxofrações, uma «esfolha» depois da flôr «vingada», e outra, mais tarde, para melhor amadurecer o bago, é tudo quanto se concede de mais privativo á vinha. Indirectamente, recebe ella outros beneficios que visam ao desenvolvimento de certas culturas, horticolas, medrando sob as latadas durante o tempo em que a ausencia da folha permitte á luz do sol chegar ao terreno agricultado.

O mez de setembro é o reservado ás vindimas que vão, n'algumas regiões, até mais de meados d'outubro. Uma faina alegre se nota, então, nas localidades vinhateiras, durante todo o anno silenciosas e pacatas.

A vindima, como as romarias, traz o ajuntamento, a approximação da gente moça d'ambos os sexos, as conversas, as trovas e os namoros. Ha ditos, sorrisos, confidencias, beberetes e folgares. Todo o conjuncto dispõe para o amor entre esta gente forte e tisnada que constitue a população dos campos, n'uma grande parte herdeiros do sangue negro e mourisco aqui ficado dos tempos da colonisação da ilha.

E' no meio do trabalho, illudindo os olhares, disfarçadamente, que o aguilhão da trova vae despertar o coração que quer ferir. Ella começa por uma ironia ou por um desdem, passa por vezas á agrura do ciume e descae n'uma declaração que, por ser publica, constitue um documento irrefutavel de derriço.

Nem em todas as localidades da Madeira

a vindima tem este caracter pittoresco dos descantes, tem este ar de tarefa alegre apetecida de alguns mezes, muito menos um labor rustico do que uma festa ou divertimento popular.

Ha freguezias, no entanto, em que alguma cousa da tradição pagã se vem misturar ao trabalho simplesmente extenuante dos homens do lagar.

No Estreito da Calheta, particularmente nos vastos e bem cuidados vinhedos do fallecido João do Nascimento, as vindimas foram o enlevo não só da gente da freguezia e localidades proximas, mas ainda de muitas pessoas do Funchal que lá iam attrahidas por tão curiosa e sympathica folgança.

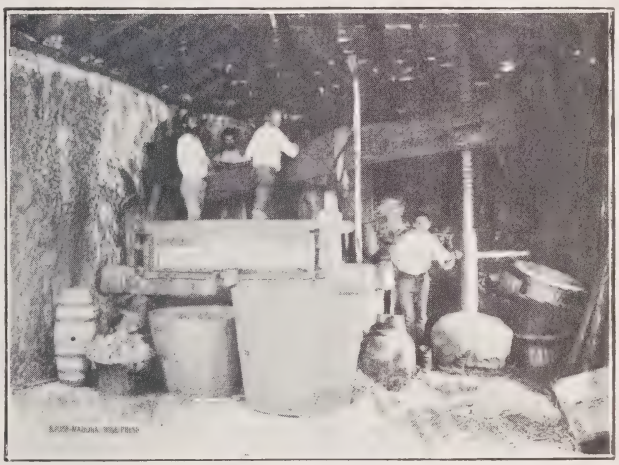
Ali o vinho era sómente feito durante a noite, sendo o dia destinado á apanha das uvas.

Só mulheres, e de preferencia, raparigas, muitas das quaes de fóra, do Jardim do Mar, tomavam parte na colheita: de cabeça envolta em garridos lenços atados adiante em ponta, cada uma, de cabaz e podôa, lá ia trabalhando e estabelecendo despiques, ou com algum matulão que a derriçava, ou com um ou outro «menino da cidade», parente do patrão, por quem havia maior complacencia.

A' noite espremia-se as uvas nos grandes lagares primitivos que, afóra duas ou três prensas mechanicas, — mal vistas por, no dizer do povo, deixarem oleo no mosto, — são os unicos extractores do sumo das uvas da Madeira.

Fazer um «pé de vinho» n'um lagar, é coisa interessante para vêr-se. As uvas lançadas dos «cestos de vindima» sobre o «lastro» são esmagadas sem osforço, pelos pés descalços de quatro valentes latagões que agarrados á «vara» do lagar vão, por um movimento de marcar passo, fazendo sahir, abundantemente, o primeiro mosto. Depois de espremidos os cachos, é necessario despojal-os do sumo que ainda lhes resta, por meio de mais violentos processos. Aqui é que vae começar a intervir a «vara,» funccionando d'alanvanca inter-resistente.

O bagaço é arrumado ao centro, «posto em pé,» e enrolado, helicoidalmente, por uma corda, que dá ao todo o aspecto d'um tronco de cone de largas bases. Sobre a base superior como diametro, e na direcção da «vara» assenta o «juiz,» decidindo, pela justa collocação, da proficuidade dos esforços que o todo se prepara a supportar. E' em cima do «juiz» que se collocam, sucessivamente, as taboas, os «malhaes,» a «porca,» os «leitões» e por ultimo o «cachaço,» pedaços de madeira de grossura variavel, sendo este ultimo que recebe directamente a acção da vara. O extremo livre d'esta grossa trave é atravessado pelo «fuso» que



O LAGAR PRIMITIVO

se prende inferiormente á pesada «pedra do lagar » Pondo-o em movimento d'aperto, atarrachando-o, a pedra, que descançava no sólo, levanta-se e fica exercendo a desejada pressão sobre o bagaço. E' a chamada *impésa.*

O mosto corre, denso, pela bica para dentro da grande tina, deixando a superficie liquida recamada de volumosas bolhas iriadas.

Cessou de sair o mosto; mas n'aquella massa dura de cascas e «engaços,» ainda ha vinho.

Para extrahil-o é que se torna necessario recorrer a um meio inda mais violento, mixto de trituração e de pressão.

Vae, pois, começar a «repisa,» a parte mais interessante, ou melhor, mais curiosa de todo o trabalho do lagar.

E' n'esta occasião que as trovas, amenisando esse labor excessivamente fatigante, veem, pelo seu rythmo especial que marca uma dança selvatica, de todo o ponto africano, trazer uma impresaão original e intensa a quantos pela primeira vez assistam a este espectaculo.

Raro, a «repisa» começa sem que parta de dentro do lagar uma trova estimulante da assistencia ou do dono do trabalho, definindo uma tradição e explicando em sua origem este processo vinicola que se tem conservado intransigentemente o mesmo, desde a época dos escravos até agora, aos nossos dias:

Quem quizer que o preto cante
Faça-lhe a bella vontade
Dê-lhe «ponche» ou aguardente
Por obra de caridade.

Os caçadores, habitualmente, não comem caça. Assim tambem os lagareiros raras vezes bebem vinho.

A aguardente, pura ou diluida em pouca agua assucarada e com sumo de limão, o «ponche» — é a sua bebida favorita.

Elle é o fóco de todas as energias e de toda a agilidade, a condição indispensavel ás attitudes de batuque, áquellas cadencias estranhas, e a musa feliz da inspiração trovadoresca.

No Estreito de Calheta. o vinho era feito á luz de lanternas e archotes. Na orchestra, constituida por violas, «rajões,» cavaquinhos e uma rabeca, só eram admittidas mulheres, em trajo especial, sendo ainda uma mulher quem a regia.

Servido o «ponche,» começava a repisa, cuja musica seguia n'uma cadencia approximada á das pateadas d'impaciencia dos nossos circos e theatros inferiores. Desenrolada a corda e espalhado o bagaço, os calcanhares batendo, ora sobre a pasta d'onde tiram um som baço, ora ferindo o «lastro» que resôa intensamente, vão acompanhando n'este rufar bizarro, de dois tons, a cantiga amorosa, quasi sempre bregeira ou, pelo menos de dupla intenção.

As trovas são lançadas para as raparigas ou homens presentes, fazendo allusões mais ou menos directas, muitas vezes, a amores occultos que alli tomam, então publicidade:

'stá um melro preto cantando
Na janella do doutor
Perguntando a quem passa
Se lhe viram o seu amor

O melro preto é vadio
Vae cantar donde quer
Não te prendas ao sé canto:
Elle é melro e tu mulher.

Tem cuidado co'a rozeira:
Junto ás rozas tem espinhos,
Não te encostes tanto a elle,
Nem te tentes com beijinhos.

Quando a idéa está sufficientemente clara e manifesta a perturbação dos alvejados, rompe, para rematar a insidia, um estribilho conhecido que é recebido com gargalhadas e palmas da assistencia:

O arco da rabeca
Ainda tem «rasina»
Q'anto mais se toca,
Q'anto mais afina.

A bebida e os applausos excitando os lagareiros, levam-n'os a extremos d'esforço e destreza.

O mosto manchando-lhes as pernas nuas e os braços cabelludos, espirrando a sua côr de sangue sobre as camisas e rostos afogueados, cobertos de suor, dá a estes homens, que parecem presos d'uma furia insana, um ar acabado de possessos que impressiona fundamente.

Em uma noite de maior folguedo, os rapazes da cidade coroaram de folhas rubras de parreira a fronte dos lagareiros. A chamma dos archotes inflammando estes rostos incendiados pelo alcool, pelo picante das trovas e maior actividade das combustões organicas, punha-lhes um aspecto, a um tempo, aterrador e grotesco, de bacchos sanguinarios, vesanicos no seu ardor inapagavel de calcar, d'esmagar a pés um inimigo que lhes resiste longamente, denunciando apezar de todo este esforço e voluptuosa crueldade, n'um fio de sangue, um sôpro persistente de vida.

Ás nove horas entrava a mascarada, composta das raparigas que durante o dia faziam a vindima, as cabeças ornadas de

pampanos, simulacros de bacchantes dançando febrilmente ao compasso da «repisa.» Então a festa attingia o delirio.

A satyra cruel e plebeia dos homens, atirava-se, ciosa, sobre aquelle grupo onde havia desdenhosas requestadas, ainda mais apetecidas sob o berrante das vestes e o confuso incognito das mascaras.

N'ellas a velatura do rosto dava-lhes coragem para replicas terriveis de sarcasmo e de desprezo que, como settas, se iam cravar no peito dos desgraçados amantes preteridos.

A voz do patrão intervinha, por vezes, a acalmar estas grossas trovoadas promettedoras de terriveis tempestades; a ceia da meia noite, fartamente servida ao meio da casa do lagar, curava, finalmente, pelo entorpecimento d'uma laboriosa digestão, as feridas do amor-proprio, socegando os humores anteriormente irritados.

RANCHO DE BORRACHEIROS ENTRANDO NOS ARMAZENS DA CASA COSSART, GORDON & CO.

Algum tempo depois da refeição, recomeçava o trabalho que ia até de madrugada, esmorecendo o enthusiasmo das danças e cantares com o desbotado alvorecer do dia.

*

Extrahido o mosto, é elle conduzido em «borrachos» para a adega do vinicultor que o adquiriu ao vinhateiro afim de ahi soffrer o tratamento necessario para entrar no consumo interno ou ser exportado para a França, Suissa, Allemanha e principalmente para os mercados de Inglaterra.

O «borracho» consiste n'uma pelle de cabra inteira, curtida, e voltada do avêsso. um mez antes das vindimas, os «borracheiros» começam a preparar os seus odres, na verdade, bastante originaes.

A cabra é morta pelo ouvido, para se não golpear a mais pequena porção de tecido aproveitavel. Com o auxilio das mãos é o animal completamente descarnado, separando-se a pelle até dos proprios membros que vem adherente aos cascos. O corpo, inteiro, retira-se pela abertura correspondente á bocca que fica, depois de limpa e preparada, constituindo a bocca do «borracho.» Cortado o pello, cosidos os orificios naturaes do envolucro, voltado com a carnagem para fóra, cheio d'ar, e esfregado a sal, é exposto á luz solar por muitos dias.

No Estreito e Camara de Lobos nenhum borracho é feito com pelle de bode ou de cabrito. Quem ahi se atrevesse a carregar vinho na pelle d'um caprideo macho, arriscava-se á mais despejada troça e até a ser apedrejado...

Curtido o borracho, tomam-se as porções de pelle correspondente aos membros e atam-se, perna com perna e braço com braço, formando-se d'esta fórma duas ansas que se ligam por uma corda, tecida de lã, chamada «ricola». Durante a conducção, o ôdre, descançando transversalmeute sobre as costas, á altura dos hombros, apoia a «ricola» á testa do conductor.

Algumas vezes, o borracheiro malicioso e fraudulento, deixa de cortar o pello interior que, roubando, por absorpção, uma certa quantidade de mosto de cada vez, é depois escorropichado á socapa. Mas o olho experimentado do empregado que recebe o vinho, dá, em geral, com o *truc* e o espertalhão é obrigado a cortar ali mesmo o pello do borracho que, marcado com um

signal, fica fóra das condições d'uma nova tentativa de logro d'esta especie

Nas grandes colheitas, os borracheiros, formando n'uma longa fila, a um de fundo, marcham em rancho das freguezias visinhas do Funchal, e do Campanario e Quinta Grande, cantando n'uma toada que lhes é particular e que attrae invariavelmente a attenção de nacionaes e, especialmente, de estrangeiros. A maior parte dos visitantes não resiste mesmo á tentação de fixar pelo *kodak* o original cortejo.

A cantiga do borracheiro começa sempre por um —«ai»!— sobre uma nota alta e prolongada que fica a morder-nos o ouvido ainda muito depois de acabada a trova. A melodia, larga e dolente, acabando duas das suas phrases por uma nota grave, gemida e longa, tem um accentuado cunho arabe, realmente interessante para quem pelas primeiras vezes a escuta.

CONDUZINDO VINHO PARA EMBARQUE

Este boieiro, conhecido pelo «Cuéca», falleceu ha pouco, conservando toda a vida o trajo d'origem moura, caracteristico do camponio madeirense.

As palavras, exprimindo geralmente um pensamento amoroso, são intercaladas d'um estribilho monossyllabico, fixo.

Ai, lá,
Trigueirinha d'olhos pretos
I, lá, lá, li, lá, lá-á-lá
Que fazes a costurar?
Ai, lá,
'Stou fazendo o meu vestido
I, lá, lá, li, lá, lá-á-la,
Sou noiva, vou-me casar.

Ai, lá,
Chega, vem cá, trigueirinha
I, lá, lá, li, lá, lá-á-la
Que te dou a minha mão.

Ai, lá
Obrigada pela offerta
I, lá, lá, li, lá, lá-á-la
Deu-me outro o seu coração.

Na Madeira não são frequentes as boas vozes: falta-lhes extensão e carecem, sobretudo, de côr.

A má qualidade da voz pela deficiencia de timbre musical, se póde ter explicação na humidade do clima e abuso do alcool, creio que resultará tambem de causa hereditaria, pois o camponez madeirense havendo por avós, algarvios, mouros e bastantes negros, padece, na origem, da carencia de elementos ethnicos em que a musica e o canto sejam uma fórma preferida, variada e espontanea de expressão. Falha, quasi completamente, a tradição musical na Madeira não se cantando, entre o povo, mais do que em tres ou quatro toadas de caracter agareno e africano, constantes, immutaveis, através dos quasi cinco seculos passados depois da descoberta.

Apezar d'isto, nota-se, uma ou outra vez, entre os camponios, vozes bastantes extensas e que por uma educação methodica seriam capazes de adquirir timbre e amplitude.

Entre os borracheiros é este facto mais frequente.

Ha familias em que esta profissão passa de paes a filhos em muitas gerações que, sob o peso do mosto, cantam sempre a mesma melodia. Durante o resto do anno, são carregadores e ainda esta cantiga lhes serve para adoçarem a agrura do trabalho. D'aqui,

um natural aperfeiçoamento de dotes e desenvolvimento de orgãos, accumulados e transmittidos por cada um á sua descendencia.

O povo não deixa de marcar o facto, sem lhe procurar, claro, a explicação. E informam frequentemente:

— Um que canta bem ao borracho é o filho do João das Preces; já o pae e o avô eram dos melhores cantadores d'esta freguezia.

Lembro-me que um musico habil já fallecido, de nome Antonio José Barboza, tenor da Sé do Funchal, me dizia que, d'uma vez, estando em casa, ouvira a distancia o primeiro — *ai* — do canto d'um borracheiro ferindo uma nota agudissima que lhe chamou vivamente a attenção. Correu a munir-se com diapasões de sôpro, esperando pela repetição do mesmo som que seria fatal no começo do terceiro verso da quadra. De facto, a nota veiu. Tratava-se nem mais nem menos que d'um bello *dó sustenido,* agudo, cheio de sonoridade e de força, emittido nas condições desfavoraveis d'uma viagem de dez kilometros, de dorso curvo sob a pesada carga do borracho.

Pela continuação do canto o observador reconheceu ainda, que se não tratava d'um esganiçado contralto masculino, mas d'um verdadeiro tenor de bom registo médio e notas graves com volume e timbre.

Depois do borracho vasio, é violentamente soprado até a pelle ficar, por completo, retezada. Torcida a «ricola» no bordão, ahi voltam os borracheiros. trazendo os seus grandes ôdres em trophéu, promptos para uma nova e fatigante caminhada.

EMBARQUE DE VINHO NA CALHETE

Dentro das pipas e toneis, nas adegas ou nos vastos armazens dos grandes exportadores, começa a fermentação, o desdobramento da glycose em alcool, a transformação do mosto em vinho.

Para que elle não fique extremamente sêcco e conserve algum assucar natural, junta-se-lhe uma porção de alcool, variavel conforme os typos a obter, soffrendo depois o liquido varias trasfegas e collagens pela

clara d'ovo, leite, barro, sangue de boi ou gomma de peixe, conforme as preferencias do tratador. O carvão d'urze, pulverisado, ultíma toda a purificação,

Para que o vinho «envelheça», rapido, e se neutralisem os micodermes determinantes das fermentações, submettem-n'o muita vez á acção da estufa de sol e, frequentemente ao calor do fogo. Assim se prepara a maior parte do destinado a embarque, menos apreciado do que o que adquire as cans, naturalmente, sobre os dormentes, e por isso denominado «de canteiro».

Ah! mas é o carvão, esse abençoado absorvente, que nos faz esquecer, ao pôrmos nos labios o copo de Malvazia ou Sercial, que aquelle licôr dos deuses, cordeal, aromatico, côr de topasio e transparente, teve origem d'um liquido sanguineo e tôrvo, onde estiveram de môlho as plantas nodosas e gretadas de quatro matulões ébrios e lanzudos.

Funchal. J. Reis Gomes.

IN PULVEREM

Numa alegria feita de tristeza,
Num alvoroço louco, de doente,
Puz-me um dia a seguir-lhe avaramente
O pórte erecto e fino de princeza.

Sonhei em febre um mundo de grandeza,
(Sonhos de visionario impenitente)
Onde pudesse amal-a eternamente,
Nella revendo as fórmas da Belleza.

Porém, bem cedo a torre de crystal
Das minhas illusões se espedaçou,
E vi então que amôr bem pouco vale.

— Desilludido, alegre agora sou,
Pobre que fôra o numero cento e tal,
D'entre mil a quem ella amor jurou.

Coimbra Celestino Monteiro,

NOS «GERAES» — PASSADOS DE «COLICAS»...
Cliché do academico J. Vasco de Mascarenhas

Despedida de Coimbra

II

DIZEM-ME, porém, que apezar de tudo, apezar da frivolidade pautada dos dias da Coimbra academica d'hoje, eu terei saudades d'estes dias. Ter saudades de Coimbra é um tributo tão obrigatorio para o bacharel, como o pagamento da congrua para o cidadão inscripto na matriz. Seria menos attentatorio dos nossos preceitos sociaes visitar alguem em chinellos, do que sahir de Coimbra sem a alma retorcida de saudades.

Póde representar torturas, difficuldades monetarias ou intellectuaes de toda a especie a conquista da bacharelice. Ella póde equivaler a um numero sem fim de humilhações, de desalentos, de anciedades d'ar e de confôrto, de revoltas e de desdens. Mas concluido o quinto anno, preparadas as malas, o bacharel observador dos bons costumes começa a desdobrar o lenço para enchugar a lagrima. E enchuga a lagrima ao chegar á Estação-Velha, ao perder de vista a silhueta ondulada da cidade, ao entrar na terra abraçado por parentes e amigos. E a todos assevera, os olhos humidos em alvo, a voz rouca de commoção, a mão espalmada sobre o peito:

— Ai, aquillo sim, meninos! Vida como aquella não torna!...

Desfia então scenas e proezas para que

concorreu, d'ordinario, com o facil esforço de memoria que as fixou, colhidas de boccas alheias. Atravez d'essas proezas corre invariavelmente o rio fertil dos amores — amores de tricanas, sempre as melhores em fórmas e em oval de rosto, mas em que nunca poisou senão os olhos tôrvos, alvoroçados de appetite.

D'este modo, em pouco tempo, desgastados pela phantasia os contornos asperos das humilhações e das amarguras, a sua vida de Coimbra, alargando-se em branduras e opulencias, toma proporções de invejavel felicidade que o proprio bacharel já não ousa pôr em duvida. Attingido este momento de reversão sentimental, a lagrima converte-se em pranto — e desde então as saudades accodem aos labios, ás faces contristadas como enxames de abelhas inquietas aos ramos de amendoeiras em flôr.

E afinal, serei eu d'um barro mais grosseiro, mais impermeavel á influencia desvanecedora da saudade do que os meus irmãos em Minerva? Ninguem affirma seguro de si que não matará a sede em certa fonte... Todos nós zombamos do ridiculo das abas d'uma casaca. Chegada a hora de nos apresentarmos de casaca, não temos a sensação de que ella é differente das peças usuaes do vestuario a não ser pela tranquillidade de nos reconhecermos lado a lado das conveniencias.

Creio tambem, firmemente, que chegará o periodo invernoso das minhas lagrimas. Não espero furtar-me á obrigação de pagar o meu tributo intimo em saudades legitimas, das que seccam a garganta e inundam os olhos. O que desejava, era pagá-lo mais tarde, ao ter de recordar, por exemplo, os tempos de agil robustez em que conservava direito o meu tronco hyperbolico de pinheiro do norte.

Porque, ao ver-me dobrado pelos annos — se «a Parca implacavel», no dizer noticioso de gazeta d'Alhos-Vedros, «não me tiver ceifado da seára da vida» — sem fresta na alma que dê entrada a um raio de esperança no renascer de seivas novas, ha-de por certo agradar-me o relembrar, com uncção e amargura, até aquelle transe de subita paralysação do sangue, de suffocação e calafrios que á entrada para os *actos* me toldava o entendimento, como se tolda a agua d'um pôço fortemente agitado e revolvido. Ainda que não seja senão por ter n'essa epocha, em seguida á *colica* dos *actos*, a facil e compensadôra escôlha do amor ou do riso.

CURSO DO QUINTO ANNO DE MEDICINA
(Cliche do dr. João Bianchi)

Depois, eu pertenço ao ramo occidental dos celtas cujo orgulho inventivo se sustenta, e á larga, da satisfação de haver encontrado para seu uso exclusivo a singular doçura da palavra *saudade*. Portugal não cooperou no Progresso moderno com movimento ou ideia que lhe custasse uma gotta de suor. Isso tem pouco valor, afinal. A sua larga missão de povo europeu consolida-se perante a humanidade e a historia desde os torneios trovadorescos da côrte galante de D. Diniz. Conseguiu, por uma combinação subtil de lettras e de sons, encerrar n'um só termo, harmoniosamente como em nenhuma lingua morta ou viva, «o delicioso pungir d'acerbo espinho».

Ao menos por patriotismo, pois, não seria louvavel recusar a minha parcella de coração á visita do «delicioso pungir».

Começo mesmo a observar me ao longe,

de busto curvado como o arco d'uma ogiva, a voz tremula, as pupilas fundas, pequeninas, incertas, fixando no vácuo traços de imagens engrandecidas pela distancia, recortando na confusão das reminiscencias a physionomia geral dos *meus tempos:* — e os *meus tempos,* n'essa data, é que hão-de ser tempos!...

O Mondego *d'esses* tempos não encontrará na minha palavra senão enfados e zombarias. Mondego, o dos meus tempos!... Tudo arvores, sombras, rouxinoes, amores, idilicas suavidades a cingir-lhe as margens! Quanto ás aguas... aguas de prata e oiro, que corriam mansas com murmurios de sêda, e que o sol, ao morrer, no seu antigo sensualismo pagão, cobria de afagos e de beijos, deixando-o tremulo, abrasado como virgem pela primeira vez beijada e afagada... E mulheres? Ai, as dos meus tempos! — exclamarei, vendo-as novas e tenras na memoria como da derradeira vez em que lhes louvei os vinte annos e como se sobre esses vinte annos não houvesse passado o somno d'uma noite...

NO BUSSACO — PORTAS DE COIMBRA
(Cliché de Gabriel Tinôco)

Creio bem que nem faltará occasião de me surprehender, em qualquer serão de provincia, enaltecendo o puro, o pittoresco regionalismo das *fogueiras* de S. João — e nada, na verdade, tem merecido mais do meu desdem do que essas *fogueiras* modernisadas, exhibidas em palcos d'entremez, com musica de *revista d'anno* e orchestra de missa cantada em festa sertaneja.

Porisso invejo aquelles que em Coimbra souberam o que era alegria e mocidade. Para esses a velhice é e ha-de ser como tarde de verão clara do sol que se escondeu, depois de radiosamente aquecer, fertilisar, illuminar, e que, se já não aquece e fertilisa, ainda suavemente illumina.

Cada um d'elles dá uma historia que não tem ultima pagina — e em cada pagina perpassam, com a fulgurancia estrepitosa de fôgo d'arraial, trechos de vida que lembram rumorosas façanhas do Amadis de Gaula. Ouvimo-los falar de si e dos condiscipulos — é certo que se deve attender a que se referem a factos vistos a distancia, e dos *seus tempos*... — e envolve-nos a illusão d'eras famosas, em que a alma, o coração, os labios dos rapazes eram uma corrente continua de lances d'amor, de heroismo, de alegria.

Eu, se houvesse de inventariar as minhas proezas á despedida de Coimbra, diria singelamente, não omittindo um pormenor ou uma virgula: — «Almocei, jantei, tomei o meu chá com pão e manteiga dia a dia; dei ás aulas assiduidade compativel com dez a dezeseis faltas; fui uma ou outra noite ao theatro; de prazeres ao luar só conheci a voz sentimental do meu amigo Mathias; arrisquei incolume a segurança dos meus passos pela Baixa e mudei o meu nome d'anno a anno, mais regularmente do que um canario muda a penna de primavera a primavera — entrei em Coimbra Alberto Costa, fui Alberto de Sousa Costa, passei a ser Alberto Mario, de-

pois Alberto de Sousa e conto sahir d'aqui Sousa Costa.»

Inventariar as proezas dos meus condiscipulos é que constituiria fadiga de volumes. São muitos, e se não se salientaram pelo humorismo, pela negligencia ou pelos commetimentos heroicos, deixam de si, no registo da sã moral e nas dezenove cadernetas das dezenove cadeiras frequentadas, memoria que não esquece. Formam um alto relevo d'um cento de figuras, surgindo todas do conjuncto egualmente d'olhar ancioso, de physionomia absorta nos problemas da *sebenta* — coladas á *sebenta* como a forte escudo invulneravel.

NOS «GERAES» — A' ESPERA DOS «ACTOS»
(Cliché do academico José Vasco Mascarenhas)

Assim, dos meus condiscipulos, ao alcançar a edade em que se vive do passado, é provavel que não cite golpes d'audacia, estragos amorosos. Ampliarei, em compensação, se tolerarem ampliações, as suas qualidades d'estudantes d'uma solidez inalteravel, spartanica. E evocando-os pelos nomes virgens de titulos que usam agora, e com que a camaradagem de cinco annos me familiarisou, apresentá-los-hei previdentemente aos meus netos, frequentes vezes, como exemplos para respeitar e imitar. «Attendam vocês — dir-lhes-hei, solemne e de sobrecenho carregado — vejam o Madeira Pinto... Conselheiro, ministro d'Estado, pois então? A intelligencia descuidada não chega lá. Elle soube estudar, meditar. E o Alpoim, o José d'Alpoim? Ora essa... Se vocês se dedicassem aos livros como elle, quem sabe se tornariam realidade a escada de Jacob, subindo ao céo... O Alpoim, antes de o vêrdes presidente de ministros, vi-o eu vergado sob a sciencia dos Pharaós passados e futuros» — sim, os futuros Ptolumeus, por emquanto legumes e pão alvo nas hortas da beira Nilo, vão insinuando aos estranhos que governam o seu paiz e que os recolhem no estomago, no sangue e no cerebro, as leis que hão-de preferir e guardar apenas attinjam a forma, a soberania de Ptolumeus humanisados.

Aponto lhes a seguir o Alberto Saraiva. E considerarei, gravemente: «Saber, aquillo... Já não ha quem saiba assim... Parecia ter nascido da obra reputada de Cimbali ou da cabeça luminosa de Chiroui. De cada uma das suas cellulas pensantes os conceitos juridicos brotavam, como se fossem a morada elysea do espirito de todos os Bartolos e Pillets cuja materia a terra consumiu. Lentes de tal saber já os não cria o pão d'estes tempos...» Falar-lhes-hei ainda do Azevedo Souto, então desembargador e especialista afamado de doenças do figado; do Camarate Campos, governador civil, commandando os politicos do seu districto com o eterno lapis que lhe defendia, brandido corajosamente, os argumentos dos *actos* e das lições; do Henrique Braz, que, se d'aqui a dez annos a Republica houver vingado, dominará na ilha Terceira como presidente do municipio — falando aos municipes n'aquella voz aveludada e cauta que nas aulas tão bem seguia a curva accentuada do *costume* entre os romanos. E se me interrogarem ácerca do Orlando Rego, ajoujado de grã-cruzes adquiridas em missões diplomaticas, nas Côrtes d'aquem mar — diz-m'o discretamente o tirocinio de en-

carregado de negocios do seu curso, em cinco annos, para os effeitos protocolares do *feriado*... — informa-los-hei, tão seguro da verdade como da inteireza dos cinco dêdos da minha mão direita: «Estudava por calculo... e com sorte. Mas se o obrigassem a uma lição sobre os mil volumes da astronomia chineza, alinhava-a n'um dia e n'uma noite, sem desatender certas preferencias de coração — assim conhecesse o chinez e conseguisse correr a vista, n'esse curto espaço, atravez da vasta sciencia sideral do Celeste imperio.»

Desconfio, porém, que os meus netos, embora estarrecidos deante de tanto saber official, indagarão, insatisfeitos, se da alma particular ou collectiva do meu curso não brotou fio de emoção que denunciasse natural anceio d'arte e de belleza. E não descubro maneira precisa de os elucidar...

Ah!... só divagando, accentuando que a uma aggremiação estudiosa não convem a multiplicidade de aptidões — elemento perturbador da homogeneidade que integrou o meu curso na confiada certeza de que o seu primeiro dever residia na observancia dos mandamentos escolares. No meu curso não se nos deparariam fios limpidos de emoção preludiando vagas e intangiveis harmonias: — mas não faltava quem tivesse do recurso de *aggravo* ou de *revista* a noção rigorosa d'um codigo commentado.

NO BUSSACO — A' SOMBRA DAS ARVORES
(Cliché de Gabriel Tinôco)

E fios d'emoção, afinal, encontra-los-hiam, mais claros do que o brilho de diamantes, em cursos anteriores e posteriores áquelle a que pertenci. Não brotaram da alma de condiscipulos — mas não me envaidecia menos a alma dos contemporaneos que os crystalisou em perfeita expressão verbal.

Enumero-lhes os contemporaneos. Os meus netos, que mostrarão conhecê-los e admirá-los, ignorando só que houvessemos bebido juntos o leite universitario, dispensam-me desde logo um ar do respeito que lhes prestam, porque lhes toquei com os dêdos as capas e as batinas, porque permutei com elles palavras e idéas, porque comeram com o meu talher ou eu com o talher d'elles. E estou a ouvi-los, enaltecendo-lhes a graça e a pureza dos pensamentos, a singeleza ou o colorido da forma, alludindo ao grande publico que os festeja e aos editores que bizarramente lhes pagam o nome e os livros — emquanto eu, n'uma profunda dôr, secreta e muda, lamentarei para commigo não os ter seguido, hombro a hombro, na sua trajectoria faiscante de sol, á mingua d'ouvido para a afinação da viola em que arranhei fados corridos, nos vagares das minhas aulas.

Repetem-lhes as virtudes, querem saber se passeei com elles, se fomos amigos. Eu, despertando da mágoa que me absorvera, descrevo-lhes episodios occorridos entre nós, que os satisfazem e attestam a nossa familiaridade, «as suas inequivocas demonstrações de deferencia». E vou-os passando em revista, um a um, desde o João de Barros, o Candido Guerreiro, o Antonio Granjo, o Vicente Pinheiro, o Camara Reys, o Augusto Casimiro; desde o Annibal Soares e o Lopes d'Oliveira, tragados pelas contingencias da politica, até aos que vieram depois d'estes e de mim: — o Hypolito Raposo, já recolhido nas suas investigações prehistoricas; o Affonso Duarte, preludiando

ladainhas sobre a alma dolorida das pedras; o Alberto Monsaraz, ainda *urso*, um *urso* com voz de sabiá entre florescencias de versos; o Antonio Monforte e o Veiga Simões, «*Romeu* e *Julieta* da litteratura coimbrã», o primeiro preso ao alto estimulo de accordar seivas n'um tronco resequido, insuflando-lhe o sonho rimado das suas crenças, o segundo, bem calçado e bem vestido, occupado no vigoroso recorte de pyramides

GRUPO GERAL DOS 37 QUE CONCORRERAM A' FESTA DE DESPEDIDA, NO BUSSACO
(Cliché de Gabriel Tinôco)

e miranettes do Egypto sobre cadernos de papel do Prado. E, naturalmente, devo lembrar-lhes tambem que fui subdito do João Corrêa d'Oliveira, administrador concelhio de Coimbra, tão sensivel, nos *meus tempos*, aos dramas silenciosos das arvores, que mais d'uma vez receei vê-lo estender a magreza dos seus braços para o cutello d'um paliteiro inclemente, em sacrificio dos ramos de qualquer choupo menos soffredor.

Claro — estes nomes, com os respectivos episodios relembrados, e a que me associei, serão outros tantos motivos de regresso aos *meus tempos*, á Coimbra em que architectei um futuro tranquillo, com uma quinta murada e arvores de fructo no Minho. De maneira que, mesmo que a hereditariedade e o patriotismo me não obrigassem ás saudades, não me resta duvida, confesso, carpi-las-hia, amargurado, vendo o futuro converter-se pouco a pouco em presente, em passado, sem tranquilidade, sem quinta murada, sem arvores de fructo, não podendo sequer transferir-me em edade, em vigôr, em aspirações á Coimbra que me deu tormentos, mas que me deixava o espirito livre para esperar e desejar.

E acharei talvez, quem sabe? que o meu curso se despediu dos cinco annos universitarios com magnificencia e originalidade — elle, que se limitou a reduzir a trapos minusculos o grande trapo da capa e da batina. Erguerei á altura sonorosa das lendas as scenas de despedida dos *trinta e sete*, no

jantar do Bussaco, cujas linhas hoje mesmo difficilmente reconstituiria—a não ser que a folhagem complacente do velho bosque, sorrindo por habito das *fraquezas* dos rapazes, das suas lagrimas, das suas ternuras, das suas commovidas expansões, me confessasse tudo o que viu e ouviu na santa paz da noite. E acharei magnifica a despedida do curso, dignos de lenda a festa e os discursos dos *trinta e sete*, porque, uma e outros, marcam na minha vida, e na dos meus camaradas de sebenta, o momento em que nos despedimos da serenidade tepida da manhã, para entrarmos na atmosphera cálida, estimulante e fecunda do alto dia — ao passo que então, entorpecidos na velhice, só nos resta despedirmo-nos do dia crepuscular, para entrarmos na noite fria, cerrada, infinita de que os cyprestes falam, taciturnamente, entre môchos de marmore e estatuas desoladas.

Coimbra — Junho de 1909.

Sousa Costa.

JOÃO FRANCO DESPEDINDO-SE DE COIMBRA
(Cliché do dr. Paulo Cancella d'Abreu)

MARIA

Ella e sempre Ella! Sempre! Noite e dia,
A cada hora e instante! Em vendavais,
Em horas de tristeza ou nostalgia
Ella e sempre Ella! Sempre... E ninguem mais!

Ella!... O seu nome... o seu perfil... Maria!...
Ella e sempre Ella! Deus!... É já demais...
É a visão da loucura ou d'agonia...
Já basta Coração não posso mais!

Já basta, Coração... quero esquecê-la!

. . . . . .

Morrer? Mas para quê? Quero eu morrer?
Viver? Mas para quê?... Se a vida é Ella!

Ella e sempre Ella. Sempre!... E que fazer,
Se d'esta ancia tão grande de querê-la
Nem Ella o sabe, nem lh'o sei dizer?!

Paris — Junho de 1909.

J. d'Arruella.

A Victoria do Homem

(EXCERPTO)

. . . . . .

— Homem —, tu és na vida o resultado
Duma força infinita e creadora,
Num desejo constante humanizado!
E, sobre a terra, apenas tu condensas,
No Amor, no sentimento e no que pensas,
A propria natureza!
— Só tu, na terra, vês profundamente
Com teus olhos piedosos de vidente
A harmonia profunda da Belleza!
— Abençôa e condemna, ama e liberta! —
Que seja o teu Amor quem te desperta
E conduz os teus passos pela Dôr...
Que o teu pranto redima e abençôe,
E que o teu gesto bom crie e perdôe
A luz intensa d'um profundo amor!

Só os teus olhos podem alcançar
A unidade das coisas infinitas,
O sonho em que tu sonhas e palpitas
E um dia saberás realisar...

Ama e liberta e chora humanamente,
Religiosamente, a tua Dôr.
— Vencer a Dôr é triunfar naturalmente
— E amar a gloria como um forte vencedor!

Num abraço perfeito envolve o Mundo,
Num heroismo natural, fecundo,
Numa suprêma e santa comunhão;

— E pelo Amor o teu coração ha-de
— Ser luz na deslumbrante claridade
— Da tua Perfeição!

Augusto Casimiro.

O PAPA PIO X

Do berço humilde á cadeira de S. Pedro.
Na escola, na parochia, no bispado, no sacro collegio e no throno pontificio.
O dia official e intimo de Pio X. Prophecias e anecdotas.

Os primeiros annos — O escolar — O parocho — O bispo

O sr. Chaumié, ex-ministro da instrucção publica, em França, ao regressar de Veneza aonde fôra assistir á collocação da pedra fundamental do *campanile,* retratou assim o cardeal patriarcha Sarto, hoje chefe da christandade:

«Imaginae um homem de boa estatura, aprumado, a fronte erguida, rôsto rosado. Não lhe darieis mais de 60 annos, apesar dos seus cabellos brancos. Impressionou-me a majestade do seu porte. A doçura do seu olhar, a pureza da sua voz, reflexos da sua alma intelligente, tinham o que quer que fosse de paternal.

«Dirigia-se ao conde de Turim com um perfeito ar senhoril. Nada de exageradamente obsequioso, nem de demasiadamente soberbo na sua pessoa. A sua attitude era a de um homem que se sente inteiramente á vontade no seu posto.»

MARGHERITA SANSON-SARTO, MÃE DE S. S. PIO X

Passaria pelo espirito do sr. Chaumié um rebate da possibilidade de vir o patriarcha de Veneza a occupar um dia o solio pontifical? Não se sabe; a prophecia, se a houve, jazeu inedita até hoje; mas quem leu o esboço physionomico feito pelo ex-ministro francez, não sentiria grande extranheza ao saber que a votação do dia 24 de agosto de 1903 desviou do solio o cardeal Rampolla, — sabido é que tudo se canalisara a favor do famoso secretario de Estado de Leão XIII — fazendo passar para o primeiro plano José Sarto, aquelle que sempre agradecera a Deus o não ser *papabile.*

No capitulo — *Prophecias* —, não faltaram ellas a Pio X; o que porém lhe faltou, sem duvida, foi a lenda; foram as fadas lendarias que, acocoradas junto dos aureos berços, esprei-

tando as criancinhas privilegiadas, lhes tecem com trama de oiro e perolas um destino maravilhoso. Em volta do berçosito de pinho de Giuseppe Sarto, estiveram provavelmente a «*Modestia*», qualidade constitucional no futuro chefe da christandade; o «*Dever*», norma a que elle viria a subordinar toda a sua vida, e a «*Democracia*», visto que a propria constituição da Egreja Catholica permitte, ao simples presbytero de hoje, o poder ser ámanhã um conego, um bispo, um cardeal e até o «Vigario do Christo na terra e Successor de S. Pedro».

ESCOLA-GYMNASIO DE CASTELFRANCO VENETO, EM QUE ESTUDOU JOSÉ SARTO

Os biographos e commentadores do Papa Pio X, tiveram a ingenua paciencia de elaborar a arvore genealogica da familia Sarto. Alcançam os ramos extremos a 1431, mas não pendem de lá fructos de genuina nobreza. Nomes de gente modestissima veem decorrendo atravez dos tempos, até que naturalmente conseguimos deter-nos nos nomes vulgares de Giovanni (João) Battista Sarto e Margherita Sanson, humildes personagens que se fixaram em Riese e onde se uniram pelos laços da Egreja.

EGREJA DE CASTELFRANCO VENETO
ONDE JOSÉ SARTO TOMOU AS ORDENS SACERDOTAES

No registo matrimonial dos dois conjuges se declara que Margherita era *illetrata*. Não sabia lêr, o que em tal epocha não é caso para grandes espantos. Não foi isso razão para os paes desviarem o filho das primeiras letras: Giuseppino, segundo do mesmo nome havido no casal — o primeiro morrera pouco depois de haver nascido — cedo frequentou a escola, onde deu mostras de muita applicação e de uma excellente indole (1).

Giovanni Battista era um modesto continuo, official de diligencias ou cousa equivalente da communa de Riese; o registo parochial designava-o tambem como pequeno proprietario. Habitava uma casa acanhada, com

(1) De Giovanni Battista Sarto e Margherita Sanson houve os seguintes filhos: José, nasceu em 1834, fallecido no mesmo anno; José Melchior, nasceu em 2 de junho de 1835: é o actual pontifice; Angelo, nasceu em 1837; Thereza, nasceu em 1839; Rosa, nasceu em 1841; Antonia, nasceu em 1843; Maria, nasceu em 1846; Lucia, nasceu em 1848; Anna, nasceu em 1850; Pietro Gaetano, nasceu em 1851, morreu em 1852. Foram portanto dez filhos. A fecundidade é de regra na familia Sarto; uma das irmãs de Pio X, Thereza, casada com G. B. Parolin, teve tambem dez filhos; Antonia, outra irmã, cinco; Angelo, cinco.

tres compartimentos apenas e a principal riqueza cifrava-se n'uma cabrinha e n'um burrito. Giuseppino, como todos os rapazitos da sua condição, quando frequentava a escola, ia levar, ou trazer, a recado do pae, alguma carta, ou brincava com os companheiros de escola, ou vigiava os irmãosinhos mais novos; e quando teve de frequentar outras aulas superiores á primaria, era o burrinho puchando uma pobre carriola, que permittia á criança descansar algumas vezes das caminhadas a pé para Castelfranco, povoação distante de Riese alguns kilometros.

Giuseppino mostrava-se cada vez mais applicado e desejoso de aprender. Todos o tinham, com effeito, por uma criança viva, impressionavel, de engenho agudo, sereno no raciocinar e singularmente diligente. Essas qualidades se foram afinando com o tempo; e, ao passar das primeiras aulas para as de grammatica, sempre sob a direcção de mestres e educadores cultos e pios, o joven Giuseppe revelava um desejo mais intenso de se instruir, de se fazer homem pelo esforço proprio.

Valia a pena de continuar em tão bom trilho, passando a estudos mais favoraveis á adopção de uma carreira; tornava-se por conseguinte necessario transitar para a rhetorica, para a philosophia, para a theologia. Tornava-se: mas como? Esses estudos só poderiam ser ministrados n'um seminario: mas se os paes eram tão pobres! se só tinham uma riqueza: os filhos! Giovanni Battista era, como dissemos, um simples continuo; d'isso viviam, e, á medida que a prole augmentasse, as difficuldades domesticas iriam accumulan-

ANGELO SARTO, TERESA SARTO-PAROLIN, ANTONIA SARTO-DE-BEI E LUCIA SARTO-BOSCHIN, IRMÃO E IRMÃS DE S. S. PIO X

do-se. Ora, João Baptista e a boa Margarida eram dois corações fundamentalmente religiosos; profunda era a sua crença na Providencia: para esta affluiram pois as suas preces. Rezaram-lhe, rezaram muito, até que a Providencia os ouviu. Tinha o patriarcha de Veneza o direito de collocar gratuitamente no seminario de Padua alguns rapazes pobres, candidatos ao sacerdocio. Por instancias do cardeal Jacopo Manino, entrou José Sarto n'aquelle seminario diocesano.

JOSÉ SARTO, SACERDOTE

Calcula-se lá a alegria dos paes! Quanta felicidade encheu a modesta casota do Giovanni e da Margherita no dia em que receberam a boa nova, e sobre tudo quando souberam que o Giuseppino Melchior havia cruzado os humbraes do seminario! Não havia duvida: ouvira-os Deus, rendido ao fervor de suas orações...

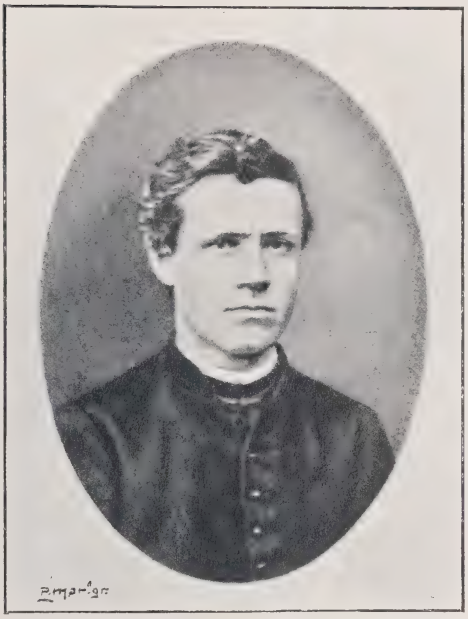
José Sarto não desmentia as esperanças que sobre elle se haviam fundado, porque se tornou o primeiro entre os seus 39 condiscipulos, como o fôra entre os 43 da escola. Existem ainda — e hoje religiosamente conservadas — as notas do alumno a quem um dia o conclave elegeria Papa: *eminentemente distincto* nas cadeiras de religião; *eminente* na lingua italiana pela facilidade de interpretar os classicos, pela correcção do estylo e pela vastidão de conhecimentos em litteratura; *distincto* nas linguas latina e grega; *eminente* em geographia; *distincto* na mathematica, na physica e nas sciencias naturaes. O que o não impedia de cultivar a musica até com muito amor, mórmente a musica sacra, sendo até regente da capella musical do seminario, no ultimo anno do seu curso. Não terá hoje lazeres para os dar ao orgão ou ao piano: mas quando patriarcha de Veneza, alguns intimos puderam apreciar a virtuosidade do notavel prelado veneziano.

Ainda outros predicados se revelaram em José Sarto, quando no carnaval de 1852 se improvisou a recita annual de uso n'essas curtas ferias. Tinha o seminario paduano um elegante theatrinho e, n'aquelle anno, a peça escolhida foi *Gli Esiliati in Siberia* (Os exilados na Siberia). Parece que a interpretação foi commoventemente encantadora. Pelo menos, o professor D. Lourenzo Schiari, em carta a um amigo, dizia que o seminarista Sarto incarnara a sua parte *com un sentimento che innamora!*

JOSÉ SARTO, CAPELLÃO EM TOMBOLO

Adoravel idioma, o italiano, em que os elogios parecem favos, de uma doçura exquisita, trabalhados com o melhor mel do Hymeto!

A vocação, porém, do seminarista era genuinamente ecclesiastica. Em 1858 acabava o seu curso, e uma dispensa de edade concedia-lhe o tomar as primeiras ordens. D'ahi a pouco era ordenado sacerdote em Castelfranco e, a breve intervallo, recebia o provimento da capellania de Tombolo.



D. JOSÉ SARTO, PAROCHO DE SALZANO

Vida simples, toda consagrada ao bem — eis a divisa a que o novel sacerdote subordinou toda a sua acção sacerdotal; assim o foi como capellão de Tombolo, a essa regra se adstringiu como conego de Treviso, cuja nomeação data de 1875; a sua palavra limpida e consoladora, a sua bolsa aberta sempre a todas as desditas, infortunios e miserias, avolumaram a onda de sympathias, o grande amor e respeito de grandes e pequenos pelo bom sacerdote que em Riese vira a luz do dia. Por maneira que, vagando a Sé episcopal de Mantua, Leão XIII, que sabia conhecer os homens e honrar as vocações, escolheu, em 1884, o conego Sarto para bispo d'aquella Sé. O unico a ser surprehendido com a noticia foi precisamente Mons. Sarto. Não o foram os outros, não o foram todos quantos o conheciam e sabiam apreciar a sua conducta irreprehensivel, as suas grandes virtudes. A nomeação feita por Leão XIII obedecia á logica, á força das coisas, tanto mais que este pontifice era homem que sabia pesar as suas sympathias pessoaes, não se deixando influenciar por ellas, se acaso um merecimento real não vinha justificá-las.

MONS. SARTO, CONEGO DE TREVISO

Aqui se intercala, vindo bem a pêllo, uma anecdota, authenticada pelo biographo que vamos seguindo n'este artigo. Viajava José Sarto, novo bispo de Mantua, com um collega, em caminho de ferro. No mesmo compartimento seguiam dois individuos que, naturalmente, começaram a discutir a nomeação do bispo Sarto, mostrando receios de que o novo prelado não estivesse á altura do cargo, de que a sua intelligencia e mais predicados lhe não permittissem arcar com as responsabilidades de tão espinhosa diocese. Para esta — diziam — eram precisas capacidades superiores de politico e administrador.

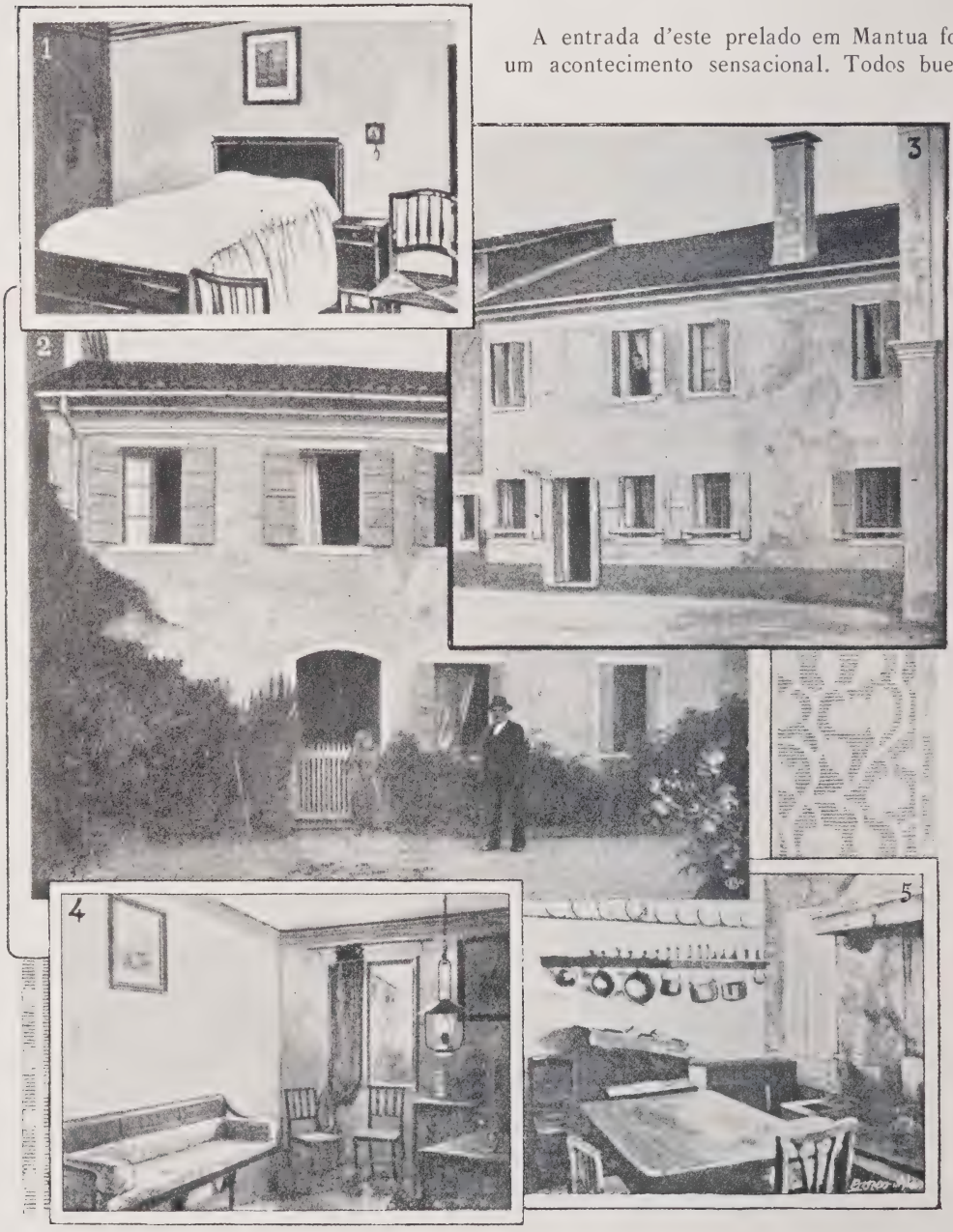
O bispo de Mantua fez signal ao collega para não intervir em seu favor no discurso. Elle proprio entabolou então palestra com os dois viajantes, fazendo uma lucidissima exposição das responsabilidades que pésam sobre os hombros de um bispo, quando se encontra á testa

de uma diocese melindrosissima, por exemplo, como a de Mantua; e concluia triumphantemente por negar ao novo prelado os requisitos necessarios de tino e governo para essas elevadas funcções.

Imagine-se o espanto de um d'esses viajantes quando, ao acercar-se do companheiro do bispo José Sarto, e perguntando *quem era aquelle distincto sacerdote,* lhe foi respondido:

— Mons. Sarto!

A entrada d'este prelado em Mantua foi um acontecimento sensacional. Todos bue-



CASA SARTO, EM RIESE

1. Alcôva onde nasceu Pio X — 2. Lado posterior — 3. Lado que dá sobre a estrada — 4. Sala — 5. Cozinha.

riam vêr e saudar o novo bispo, de quem a fama espalhava os mais sympathicos e calorosos commentarios. Na praça, a massa compacta dos diocesanos, acclamava o prelado com vivas atroadores e outras manifestações egualmente carinhosas. O bispo, extinctos os ultimos echos de taes saudações, entrou logo em acção; restaurou o seminario, assoberbado com difficuldades de toda a especie, — e a bolsa do prelado muitas vezes se abriu para esse fim — melhorou os estudos, fortificou a disciplina interna d'esse instituto, bem como apertou mais os laços disciplinares em todas as parochias, tudo isso com muito tacto, com muita mansidão, mas tambem com muita firmeza — *forte in re, suaviter in modo*. O seu lemma foi e tem sido sempre este: «Para haver boa religião é preciso que haja bons sacerdotes.»

MONS. SARTO, BISPO DE MANTUA

Todos gabavam, por outro lado, a singeleza e substancia da palavra no novo prelado — palavra que cahia no coração dos diocesanos, limpida de refolhos, mas turgida de bons conselhos, palavra suave, communicativa e eminentemente consoladora. Uma vez que andava de visita pastoral pela sua diocese — era um domingo, em Castelbelforte — abriu os thesouros da sua sensibilidade paternal a algumas centenas de infelizes que, dentro de poucas horas, emigrariam para a America, em cata do pão que lhes escasseava ou de todo lhes faltava em casa. «Não me pertence julgar, carissimos filhos, se no nosso paiz ha pão para todas as boccas e se são em demasia os braços que pedem trabalho; como quer porém que seja, eu, como pastor de almas, devo antes lamentar a sahida de tantos filhos meus para logares onde difficilmente encontrarão os soccorros espirituaes que, com o favor de Deus, ainda nos não faltaram aqui. Deixar a Egreja onde fomos feitos christãos, onde nos ministraram a primeira communhão, onde tomámos parte em tantas festividades em honra do Senhor, onde temos ouvido a palavra divina, para ir em demanda de paizes onde talvez haja menos confortos religiosos — e muita fortuna será se, na roda do anno, se encontrar um sacerdote e se puder assistir á missa, — oh! é impossivel, só com esta idéa, não sentir uma grande dôr de alma, não sentir piedade e compaixão!... Recommendo-vos, filhos meus, que conserveis a fé recebida no santo baptismo; que pratiqueis a religião; que procureis, ainda que seja longe, os auxilios religiosos que possam ajudar-vos a supportar as miserias da vida...»

Bem prega frey Thomaz: faz o que elle diz, não faças o que elle faz. E' um proverbio nosso, e, aqui á puridade, um pessimo, um immoralissimo proverbio. Vem isto a significar que a acção disciplinar do bispo de Mantua cahiria talvez por si, ou relaxar-se-hia, se não viesse de cima o exemplo, — esse exemplo que elle, com uma severidade que ás vezes se transformava n'uma finissima ironia, impunha ou lembrava simplesmente aos outros. Aconteceu alguma vez, certo padre da sua diocese deixar-se ficar na cama, no quente, muito bem afoufadinho contra o frio, esquecendo-se de ir cumprir os seus deveres confessionaes á egreja? Aconteceu; mas como o corrigiu Mons. Sarto? *Sem pau nem pedra,* como é de uso dizer-se, porque foi á egreja e metteu-se no con-

fessionario, substituindo o cura de almas na sua tarefa; de maneira que, quando este, avisado pelo sacristão, corria a vêr quem se atrevera a encafuar-se no confessionario, usurpando funcções que a elle competiam, ficava naturalmente *embatocado*, ao vêr que era o seu bispo, em pessoa, o usurpador!

Foi assim que, pouco a pouco, sem choques nem impulsos violentos, prevenindo attrictos, lubrificando peças enferrujadas de machinismos que já guinchavam, conseguiu levantar a disciplina, fazendo entrar na ordem padres rebeldes, resingões ou ralaços, sem se esquecer, — pois que a justiça era a sua norma, — de prover as parochias campestres de bons ecclesiasticos, presbyterios que jaziam esquecidos havia annos.

Não admirará, então, que a propria imprensa liberal fosse a primeira a prestar homenagem ás qualidades superiormente conciliadoras do bispo de Mantua!...

(Continúa.) S. B.

SONETO

Thema de Felix d'Arvers

Minha vida e minha alma escondem um segredo:
— A cruz d'um grande amôr na qual sou outro Christo—.
Amôr sem esperança occulto sempre a mêdo...
E quem m'o inspirou nem sabe que eu existo...

Vêem-me os olhos seus, mas d'elles não sou visto;
Sigo-a, e é o prazer que ao peito meu concedo;
É grande o meu tormento e apezar de tudo isto,
Eu nada lhe direi, quer morra tarde ou cedo.

Fê-la Deus dôce e terna e assim continuará
Seguindo o seu caminho emquanto est'alma chora
Um murmurio d'amôr que a morte calará...

Ao seu dever fiel e sem saber que aflora
Seu ser nos versos meus, se os ler — ella dirá:
— Quem será a mulher que este homem tanto adora?...

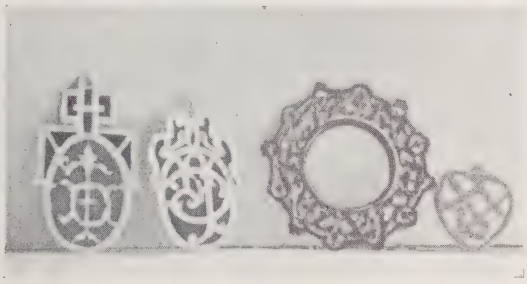
José Fuzeira.

Esmaltes artisticos

(Conclusão)

O genero limosino tocou, pois, na arte de esmaltar, o grau supremo da perfeição, satisfazendo todas as exigencias. Reproduziram-se em esmalte as obras primas dos pintores da Renascença, com a riqueza e o fulgor que o vidrado e os metaes preciosos accrescentam ao effeito da pintura a oleo, trabalhando-se em dimensões avantajadas e ainda não attingidas em esmalte.

Existem placas, vasos, salvas, retabulos, tripticos e muitos outros objectos de esmalte de Limoges, inteiriços, de grandes formatos.



ESMALTES «Á JOUR — A. LOBO D'AVILA

Para cobrir maiores superficies, como frentes de altar, arcas e outros moveis, ou compôr grandes *panneaux*, surgiu o processo dos chamados: *esmaltes de plique*, ou de applicação.

Dos mais notaveis mestres limosinos existem na collecção do Louvre grandes quadros de talha dourada, em que se acham incrustadas numerosas placas esmaltadas, tratando pontos diversos d'um mesmo assumpto, como por exemplo: a vida de Christo.

Lá se encontra o quadro da capella do Castello d'Ecouen, que mede perto de um metro de alto por metro e meio de largo, contendo dezeseis grandes placas devidas a Pedro Curteys, nas quaes são tratados os passos da paixão e morte de Jesus.

Hoje, em quasi todos os paizes se esmalta pelo processo de Limoges, sem comtudo se ir além da perfeição attingida pelos grandes artistas limosinos.

Os *esmaltes de pintura*, que seguiram aquelles, graças ao melhor preparo das côres vitrificaveis e das essencias, e a terem mais desenho e perspectiva, são decerto superiores como interpretação do natural; mas como trabalhos de esmaltagem, ficam muito áquem das difficuldades technicas e dos requisitos de saber e dextreza que os *Limoges* representam.

Posteriormente, nos encantadores *esmaltes Luiz XV*, n'essas obras *mignones* e preciosissimas: os retratos em miniatura, os relogios, as caixas para rapé, os agulheiros, os frascos para essencias, as carteiras, e nos objectos requeridos pela moda ás ordens do bom gosto feminino, o pincel experimentado de notaveis artistas fez maravilhas; e a apropriação dos *paillons*, as microscopicas decorações cortadas em folha de ouro ou de prata, tornaram esses esmaltes verdadeiros prodigios de delicadeza e de paciencia

operatoria, como obras d'arte nascidas da alliança da ourivesaria com a pintura e a esmaltagem.

Pelo emprego das tintas vitrificadas, com alguns relevos a branco ou dourado; pelo uso dos *paillons,* a descoberto ou sob translucidos, os *esmaltes Luiz XV* participam essencialmente do processo limosino. Mas o tamanho reduzido d'essas obras de arte, deixa-as n'um plano inferior á grande arte de Limoges.

BROCHE EM PRATA CINZELADA
COM ESMALTES TRANSLUCIDOS
A. Lobo d'Avila

A mais recente conquista da esmaltagem é dos nossos dias, estando representada nos *esmaltes à jour* ou *transparentes.* Este genero é como que uma imitação reduzida dos antigos vitraes. Obtem-se fundindo esmaltes translucidos entre minusculos caixilhos de ouro ou prata.

O modo de os fazer é ainda desconhecido para muitos esmaltadores. Tivemos occasião de o estudar com um profissional francez, que durante alguns mezes se utilisou da nossa pequena officina de amador.

E' não só n'este genero d'esmaltes, mas na combinação dos translucidos, dando, pela fusão, meias-tintas esbatidas e realizando verdadeira pintura, que se affirma o progresso da esmaltagem artistica contemporanea em que principalmente se notabilisam a França e a Suissa.

Póde tambem dizer-se que, para as grandes peças, se voltou aos esmaltes de *plique,* ou de applicação, fazendo-se o que, na technologia de officina se chama: *peças montadas.* N'estas, assim como na joalheria de adorno pessoal, a esmaltagem realisa hoje com esmaltes translucidos, sobre ouro ou prata, os primores de floricultura e os rendilhados, que são apanagio da delicadissima porcellana de Saxe.

A bem afamada ourivesaria Leitão, produziu no reinado de D. Luiz I, para offerta d'este monarcha a Leão XIII, um precioso calix d'ouro, maravilhosamente cinzelado, com applicações de *esmaltes de caixa,* feitos pelo habil decano dos esmaltadores de Lisboa, meu amigo e mestre dos primeiros rudimentos da arte, o sr. Ernesto Taborda, actualmente chefe das officinas do meu amigo sr. Frederico Gaspar da Costa, cujo fabríco de condecorações nada tem que invejar ao que de melhor se faz no estrangeiro.

PRATO EM ESMALTE DE LIMOGES
DEVIDO AO AMADOR FRANCEZ MR. BARBEDIENNES

Como já disse, a combinação dos esmaltes translucidos, os esmaltes *à jour* ou transparentes, apenas circumdados pelo supporte metallico, e, mais ainda, obter os esmaltes fundidos, compondo desenhos plolychromos, separando-os depois inteiramente de qualquer supporte metallico, para armar com elles as peças de avantajadas proporções, eis o que representa o progresso da esmaltagem contemporanea.

O profissional francez, a que já me referi, trabalhou em Bruxellas, durante mezes, em esmaltes translucidos, sem supporte metallico, para, montados, formarem um pavão de tamanho natural. Conservo em meu poder uma extremidade das lindas pennas da cauda, com os seus cambiantes e furta-côres, em que ha grande exactidão.

. . .

Entre nós já presentemente se fabricam esmaltes *industriaes* em Lisboa e no Porto. A respeito, porém, de esmaltes *artisticos*, a questão acha-se estagnada em um verdadeiro circulo vicioso: não se produzem porque não são procurados, e não são procurados porque não são conhecidos.

Admittida a verdade irrefutavel, de que os profissionaes não podem produzir sem retribuição assegurada ao seu trabalho, e não tendo este genero mercado garantido, forçoso é appellar para os amadores, incitando-os a cultivar a linda arte dos esmaltes, creando o gosto e o apreço por ella, que de futuro possam abrir-lhe mercado convidativo para os trabalhos de artistas de profissão.

O esmaltador parisiense, Mr. Gagneré, não poude manter-se em Lisboa por falta de trabalho; e não obstante, larga copia de esmaltes artisticos se vende entre nós, importados do estrangeiro, e adquiridos por compradores que não conhecem senão muito superficialmente taes obras d'arte.

Sempre que leio as resenhas das nossas exposições de trabalhos de bellas-artes, deploro a ausencia dos esmaltes sobre metal, que tanto se faz sentir entre os numerosos e variados exemplares de arte applicada. E deploro tanto mais esse facto, por quanto é certo que nenhuma especialidade artistica existe mais propria de amadores, pelos seus encantos, pela utilidade do uso pessoal que pode ter e pela facilidade em ser principiada e concluida pela mão do amador unicamente, e no seu proprio domicilio, graças aos meios que a sciencia e a industria teem posto ao seu alcance, facilitando-lhe a acquisição de ferramentas, utensilios, esmaltes, tintas, pinceis, todo o material, emfim, de que pode carecer.

Esta arte, mais bella e mais valiosa do que a ceramica, cujos trabalhos especiaes de pintura vitrificavel, sobre faiança ou sobre porcellana, tanto attrahem o labor dos curiosos, é victima, estou persuadido, do seu desinteresse, porque aos amadores assusta a perspectiva das suas difficuldades praticas.

PLACA EM ESMALTE DE LIMOGES
A. Lobo d'Avila

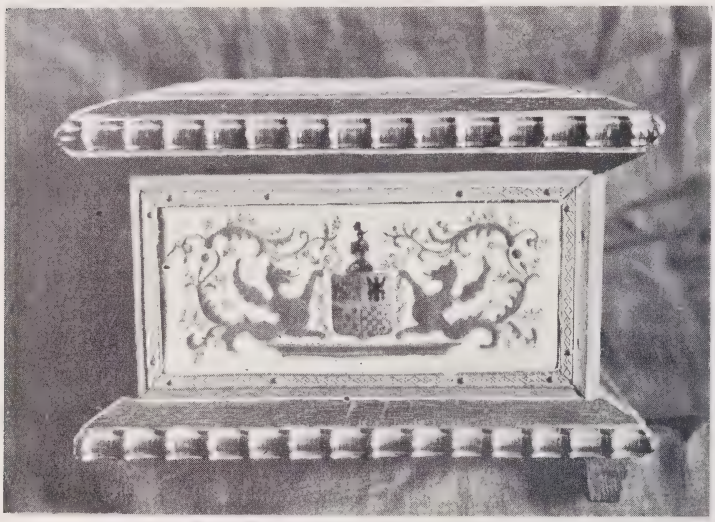
E' preciso, porém, distinguir entre essas difficuldades. Não se pode exigir, sensatamente, ao amador, que seja um mestre, que se abalance aos grandes trabalhos, ás supremas difficuldades que só os profissionaes logram vencer.

Mas não é menos certa a força do adagio: *estuda e serás mestre*. Sem começo laborioso, sem lucta com as difficuldades do inicio, é que nada se consegue.

Depois do incansavel amador, mais tarde verdadeiro artista, que foi Cifka, cujas faianças tão alta cotação teem hoje, e que alguns esmaltes artisticos me consta ter feito para el-rei D. Fernando, creio terem sido o talentoso Visconde de Coruche e o auctor d'estas linhas os unicos curiosos que, entre nós, teem procurado fazer alguma coisa n'esse genero. O meu saudoso amigo, o Vis-

conde de Coruche, dedicou-se especialmente á photographia em esmalte, logrando vencer-lhe as muitas difficuldades e produzir trabalhos primorosos.

Pelo que respeita aos outros generos de esmaltes artisticos, por exclusão de partes, e na intenção de attrahir novos cultores, sou forçado a falar de mim. Exoro os amadores que tiverem algum conhecimento do desenho, da pintura, e, melhor ainda, se não forem completamente leigos em modelação, a tentarem a esmaltagem.



COFRE COM ESMALTES DE APPLICAÇAO, LIMOSINOS, POR A. LOBO D'AVILA
Pertence á Ex.ma Sr.a D. Maria Amalia Vaz de Carvalho

Que á falta de melhor incentivo o meu exemplo os anime. Muito mais poderão conseguir, porque não realisarão a tentativa nas condições precarias do meu caso, em que a determinou uma doença que me forçára ao afastamento dos trabalhos intellectuaes, ao passo que, na carencia de dotes artisticos, só podia contar com a relativa força de vontade d'um enfermo. Não obstante, a obstinação, a persistencia, alguma coisa lograram. Muito mais poderão, seguramente, conseguir, os de boa saude e averiguada aptidão.

No meu solitario tirocinio de aprendiz, muitas vezes as tentativas para alcançar os resultados, garantidos nos livros dos mestres, contaram-se por dezenas, arrastando-se por dias e semanas consecutivas de insuccessos desanimadores. Mas de subito, imprevistamente, o exito surgia, reaccendendo a confiança nas theorias, e no alcance da tenacidade.

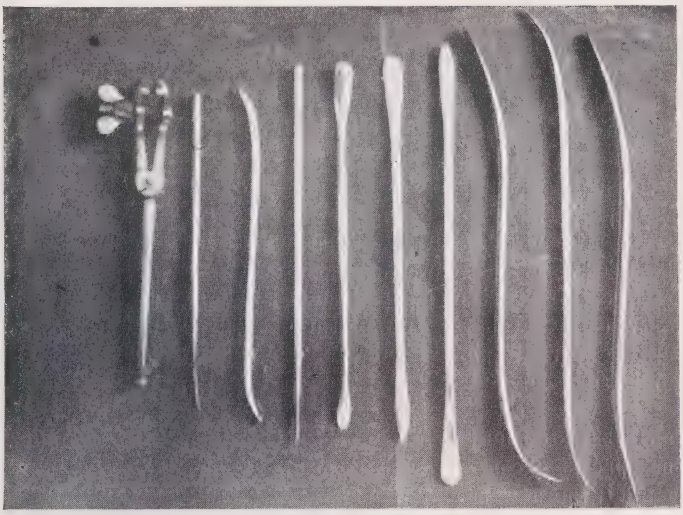
Infelizmente, quanto mais se avança na vida mais se vão perdendo os enthusiasmos dos seus melhores tempos; e a falta de incentivo, para não dizer o desalento, mais se faz sentir, tornando verdadeiramente penoso o trabalhar só, quando se deplora a ausencia d'um talentoso coadjuvante prematuramente arrebatado pela morte.

Ha annos, alguns trabalhos comecei a fazer de collaboração com o mallogrado pintor Augusto Paschoal Corrêa Brandão, alumno laureado da Academia de Bellas Artes, artista de assignalado talento, que, apenas terminado o curso, tão brilhantemente revelou as suas notaveis aptidões no concurso para o quadro da descoberta da India, por occasião do Centenario.

PLACA DO TAMPO DO MESMO COFRE

Juntos trabalhámos durante os tempos em que elle luctava para obter uma cadeira de professor. Ensinar o desenho, em que era insigne, difundir os conhecimentos que

possuia, era o seu sonho dourado; e veiu a realisal-o, tornando-se um dos mais prestimosos e conceituados professores das escolas industriaes. O que elle conseguiu nas suas cadeiras da escola industrial do Funchal, mereceu-lhe alta cotação nas estações officiaes, e demonstrou-se em trabalhos notabilissimos enviados á exposição do Rio de Janeiro. Como tyranna que é, a morte compraz-se em ceifar mais cedo os seres de eleição.



TORNILHO E ESPATULAS DE ESMALTAR

No esmalte de Limoges representando Santo Antonio, de que não damos a photogravura por deficiencia do *cliché*, collaborou Augusto Brandão, fazendo a pintura dos rostos e das extremidades, e parte da decoração.

Por feliz me daria se novos e decididos amadores da pintura e da ceramica quizessem tentar a esmaltagem artistica, e do melhor grado, a par d'um tal ou qual peculio de informações, poria ao seu alcance e disposição um conjuncto de materiaes e utensilios, que só com bastantes fadigas é possivel reunir no nosso meio.

Em França e n'outros paizes, os esmaltes artisticos são cultivados por numerosos amadores e amadoras, distinguindo-se entre estes curiosos verdadeiros mestres.

A copiosa bibliographia sobre esta especialidade, compõe-se, quasi totalmente, de obras escriptas por elles, ou por abalisados colleccionadores.

Depois de enumerar as facilidades que em Paris o amador encontra para adquirir material e installar a sua officina, Ris Paquot escreve, na obra já citada:

«A pintura sobre esmalte, ao contrario das outras artes, não priva, de forma alguma, o artista que a executa das dôces e amaveis relações mundanas que entreteem e fomentam a amizade, d'esses recreios joviaes, de essas conversações amaveis que encantam os mais bellos e preciosos annos da vida. Uma senhora praticando esta arte, fica o que era antes, tão bella e mais rodeada do que nunca, precisamente em razão d'esta arte que accrescenta mais um attractivo e um novo successo ao seu talento.» (1)

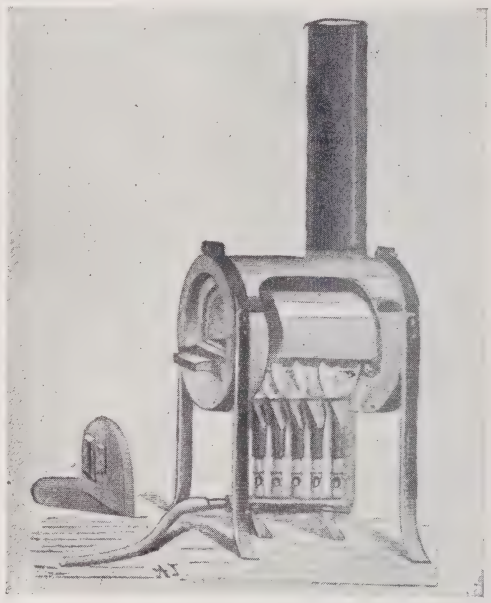
ALMOFARIZ DE AGATHA PARA REMOER OS ESMALTES

(1) *Guide pratique du peinteur e moulleur amateur*, pag. 73.

Com effeito, o esmalte tem regalias e vantagens especiaes a compensar as suas difficuldades. Assim, por exemplo, o amador não é forçado, como na pintura em faiança ou em porcellana, a confiar o seu trabalho ás mãos, praticas sim, mas em todo o caso mercenarias, d'um forneiro de profissão.

O producto do trabalho, as mais das vezes apaixonado e laborioso do amador, saelhe n'estes casos da vista, para ser encerrado, com indifferença madrasta, n'uma qualquer caixa de barro refractario e depois atirado para a pilha enorme da cosedura industrial, em que se faz vista grossa aos azares do forno, prévia e commercialmente já descontados no coefficiente do refugo.

Com o esmalte não succede nada d'isto. Pelas suas qualidades fusiveis, o esmalte derrete-se e *banha* a chapa metallica em minutos ou segundos; e essa operação póde e deve ser passada sob o olhar attento do esmaltador, para retirar o trabalho da mufla rubra, evitando que uma demora, ás vezes instantanea, o requeime.



FORNO DE ESMALTAR
AQUECIDO POR BICOS DE BUNZEN

Ora, um forno de esmaltar a carvão, installa-se em qualquer chaminé; e os modernos fornos a gaz, aquecidos por bicos de Bunzen, pódem funccionar em qualquer compartimento, uma vez que a chaminé communique com o ar livre. Ainda ha, porém, fornos mais commodos; são os chamades: *fumiveros,* com a corrente d'ar combinada com o gaz, para augmentar o poder calorifero, quer a corrente seja produzida por folle de pedal, quer por apparelho automatico. Os fornos d'este systema pódem collocar-se em qualquer sala, e mudar-se de uns para outros compartimentos, sem requisitos especiaes de installação.

No trabalho dos esmaltes artisticos, desde a preparação da chapa, ou peça metallica, até aos ultimos retoques na pintura, ou acabamentos na decoração, succedem-se operações diversas, nos *atelieres* executadas por artistas de profissões distinctas.

A preparação da simples chapa é feita pelo embutidor; se tem relevos, póde intervir o lavrante, ou o gravador, se tem lavores a buril. Se se trata d'uma caixa, ou de qualquer outro objecto, o torneiro em metal, o ourives, ou, presentemente, o galvanoplasta, pódem tornar-se necessarios. Mas o amador encontra todos estes artigos á venda, promptos a esmaltar.

O esmaltador, toma a peça unicamente para a revestir com as camadas de esmalte. Se é destinada a simples esmalte de pintura, a obra passa ás mãos d'um pintor, que póde conhecer, ou não, o trabalho do forno, conforme a pintura é por elle mesmo cosida, ou por outro artista.

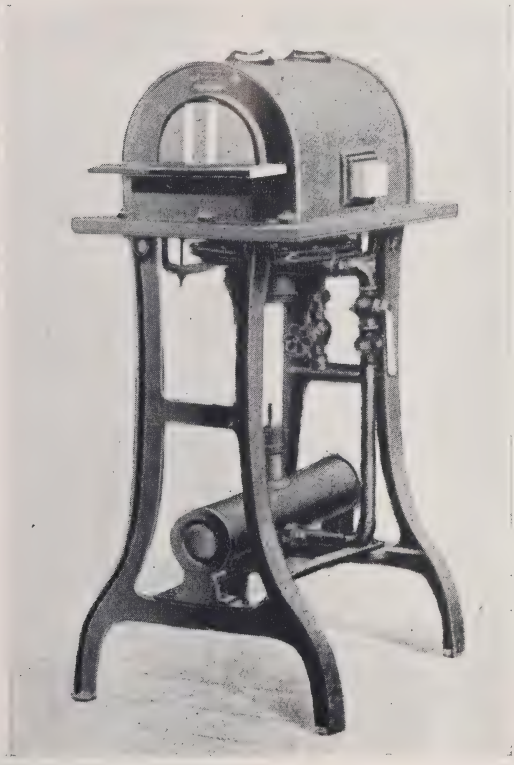
Se o trabalho é no genero limosino, tem de intervir um artista que conheça a modelação, a collagem das folhas de ouro ou de prata, e dos *paillons,* da sua cosedura, da *couverte* de fundente, e conheça estylos e entenda de decoração.

Na esmaltagem industrial, observa-se rigorosamente a divisão do trabalho. Nos esmaltes artisticos, já não é tanto assim, sendo comtudo raros os casos em que um só profissional comece e conclua todas as operações. O habil esmaltador francez a que já me referi, não praticava a pintura nem a modelação. Nos trabalhos d'este genero que em Lisboa executou, fui ao mesmo tempo seu aprendiz e seu collaborador. Algumas ourivesarias da capital tiveram ensejo de o averiguar.

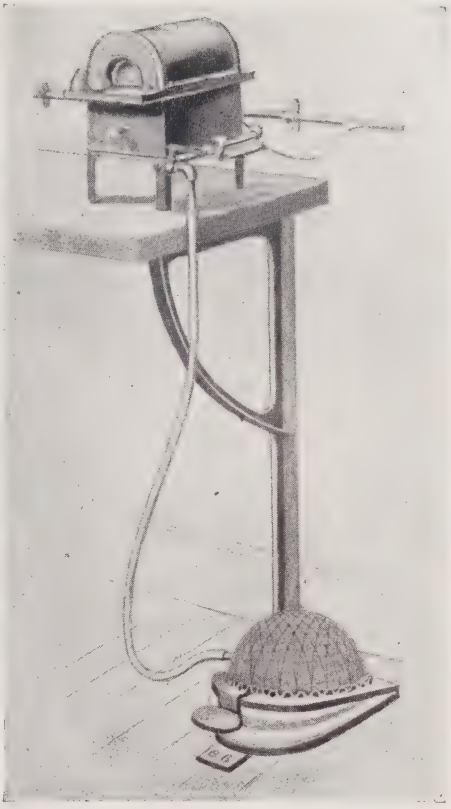
O amador de aptidões e de boa vontade, póde, e, no meu entender, deve, executar todas essas diversas operações. O trabalho é assim muito mais empolgante, e, por mais variado, faz sentir menos o effeito moral dos contratempos, dos insuccessos e das difficuldades.

Não querendo esmaltar por suas mãos, mas apenas pintar ou decorar esmaltes, encontra o curioso no commercio estrangeiro peças e placas esmaltadas para esse effeito. Ainda na hypothese de querer esmaltar, póde eximir-se aos trabalhos mais fatigantes, como são o remoer os esmaltes, ou o lotar as côres vitrificaveis com os fundentes para melhor conhecer o material com que trabalha. Os esmaltes, póde mandalos vir de França, de Italia ou da Suissa, já pulverisados, e passados por peneiro mais ou menos fino, segundo o trabalho a que os destinar.

Pelo que respeita á pintura, as conhecidas casas Lacroix, de Paris, e Wengers & C.ª, de Inglaterra, fornecem tudo o que se carece: côres remoidas ou em pasta, essencias, pinceis, etc.



FORNO A GAZ COM APPARELHO AUTOMATICO PARA PRESSÃO D'AR



FORNO A GAZ COM FOLLE

Para obter os *paillons* d'ouro ou de prata, tem que se recorrer á Suissa. Ultimamente, ouvi que em Milão, onde tão avançadas se acham as artes industriaes, se fabricavam tambem essas mycroscopicas e preciosas decorações, de que ainda ha pouco só constava existirem na Europa duas fabricas suissas.

Os fornos e as peças de barro refractario encontram-se em todos os grandes centros industriaes, sendo Barcelona o mais proximo. Existe n'essa cidade uma succursal da importante casa allemã de Fries & C.ª, cuja séde é em Dusseldorf.

Muitas outras informações poderia ministrar sobre o complexo assumpto dos esmaltes artisticos. Mas só poderão aproveitar ao amador disposto a emprehender qualquer trabalho. Para a grande maioria dos leitores seriam por certo fastidiosas e talvez incomprehendidas.

Assim, melhor é concluir este artigo pondo o meu limitado prestimo á disposição de quem desejar maior copia de esclarecimentos, dando-me por feliz em concorrer para que a interessante esmaltagem d'obras d'arte venha ainda a ter entre nós cultores numerosos e perseverantes, como se nota nos centros de maior cultura artistica.

Lisboa — Outubro de 1909.

ARTHUR LOBO D'AVILA.

Silva pequenina

Velho estilo

A huma Silva

MOTE POPULAR

Uma silva me prendeu
Uma silva pequenina;
Não ha cousa que mais prenda
Que esses teus olhos, menina!

GLOSA

Eu vivia livre, isento
Sem affectos, sem paixões;
Não conhecera o tormento,
Nem magoas do desalento,
Não conhecera illusões.
Chegou um dia fatal,
Este bem se me perdeu
Como se parte um cristal...
Uma silva me fez mal,
Uma silva me prendeu.

«Ferros d'el-rei são prisões»
Em que gemem condemnados;
Os teus olhos são grilhões
Que acorrentam corações
E os tornam desgraçados.
Se de amor aos doces laços
Ninguem ha que se não renda,
Da verde silva os abraços,
Enleiam, gentis baraços;
Não ha cousa que mais prenda!

Seus aculeos me rasgaram
O coração que padece;
Se os perfumes me encantaram,
Ai, de todo perturbaram,
Meu peito que desfallece.
Foi bem negra a sorte minha;
Foi bem triste, bem mofina,
Pois não encontro mézinha
Ao que lhe fez, tão asinha,
Uma silva pequenina.

As vivas chammas escuras
Desses olhos de setim,
Dessas duas fermosuras,
Hão de causar amarguras.
Olhos que riem assim!
Nunca se deve fitar
A sua luz peregrina;
Não é mais profundo o mar
Nem mais suave o luar,
Que esses teus olhos, menina!

J. de Oliveira Simões.

A vida na cidade e nos campos

A INFLUENCIA DA INSTRUCÇÃO

I

A educação das populações ruraes

A' falta de mais largos elementos de observação que não podémos obter, restringimos as referencias que passamos a expôr sobre a vida e condições moraes, economicas e demographicas das parochias, aos districtos de Vianna do Castello, Braga, Bragança, Villa Real, Porto, Aveiro, Coimbra, Guarda e Vizeu.

Em todos estes districtos ha um traço commum que torna semelhante a vida das parochias ruraes que os constituem.

A vida das populações ruraes dos restantes districtos não differe muito da que passamos a descrever, e cujo conhecimento muito convem aos que teem de intervir na educação do povo portuguez.

As parochias ao norte do Mondego existem taes como hoje se encontram na sua feição ethnica e nos limites da freguezia, desde o seculo XIII. O regime da propriedade tambem não tem variado muito. As leis de desamortização da terra, e o direito successorio do Codigo Civil de 1868, bem como a lei da extincção dos morgados, influiram no emtanto na extensão das propriedades. Ao norte do paiz não existem grandes latifundios. O systema de partilhas, sem morgadios, tem parcellado a terra, e, por motivo da grande divisão das heranças em quotas iguaes pelos filhos, e pelo accidentado da região, não é possivel a cultura por meio de machinismos agricolas modernos como no Alemtejo (1).

A alienação da propriedade rural é rara. O amor á terra, as difficuldades das transacções sujeitas a um systema moroso, tão opposto ao Acto Torrens; a pobreza; a falta de capitaes, que só os emigrados que regressam do Brazil minguadamente corrigem, explicam a fixação da propriedade rural.

A população trabalhadora das parochias ruraes, ao norte do Mondego, offerece pequenas differenças ethnicas. O minhoto é mais economico e mais desconfiado que o trasmontano; o trasmontano é mais aspero de caracter e mais emprehendedor que o minhoto; o beirão é mais tenaz que o trasmontano; mas todos estes typos de população rural revelam facilidade de disciplina social; mediocre amor de innovação; aferro ao tradiccionalismo. Nalgumas parochias do littoral, onde á industria agricola se junta a industria da pesca, apparecem typos que pela dolycocephalia mais accentuada, pela côr clara, pelos cabellos louros, revelam as pequenas immigrações que do norte da Europa teem vindo para o litoral portuguez,

(1) Anselmo de Andrade — *Portugal economico.*

por motivo das relações provenientes da pesca do bacalhau.

Mas estas immigrações não teem influido no caracter geral da população.

As culturas do norte do paiz são secularmente as mesmas. A cultura do trigo, do milho, do centeio, para alimentação panificada; a da cevada e de fenos nas terras humidas ou lameiros, para alimentação dos gados — o boi, o cavallo, o jumento, a ovelha e a cabra, é geral ao norte do Mondego. Mas acontece que até no mesmo districto ha regiões de pequenas differenças culturaes.

No districto de Villa Real, por exemplo, o milho é o alimento panificado no concelho de Boticas, o centeio no de Montalegre; e o trigo, por ser pouco abundante, não é alimento usual, no norte do paiz, para as classes pobres. No concelho de Montalegre ainda ha pouco tempo se panifica o trigo. E assim, apesar de ser pouco abundante a cultura do trigo no norte do paiz, por que é restricto o seu consumo, as populações ruraes ao norte do Mondego não carecem de importar aquelle cereal, pois que o milho e o centeio o substituem na alimentação.

LAVANDEIRA DE LOURES

A acção educativa da escola poderia ir dispondo as gerações novas a tornar mais intensa a cultura da terra, pela acção dos adubos, pela regularização dos pousios, pela abertura de pequenos canaes distribuidores das aguas, pela arborisação da serras incultas. E poderia o professor primario fazer comprehender aos espiritos simples dos filhos dos trabalhadores dos campos a vantagem da associação para, por meio de quotas, criarem caixas economicas, que poderiam, como na Allemanha, transformar-se em bancos populares, de credito agricola (1). E assim haveria adubos com maior facilidade, evitar-se-ia a usura de bancos de exploração que infestam o norte do paiz, porque o capital-terra não póde utilizar o dinheiro a 10 por cento.

O professor primario educaria os filhos dos trabalhadores dos campos ensinando-lhes as vantagens da hygiene nas terras onde a agua corre em caudaes, e onde as crianças se não lavam, nem comprehendem as vantagens do banho. Criando prestigio, o professor primario faria o milagre de tornar rico o povo portuguez; insinuaria ás crianças a vantagem de se lavarem, de equilibrarem o trabalho com o descanço, de juntarem capital pela economia e pela associação, de se alimentarem com sobriedade mas com sufficiencia. E tambem levaria á choupana do trabalhador do campo a convicção de que em Portugal está na agricultura a base da riqueza nacional. Ha no mundo *deficit* de alimentos; isso prova-se pelo facto de haver quem tenha fome, porque os ricos não jantam duas vezes e não escondem os viveres. Resta, portanto, augmentar a producção dos alimentos para que elles cheguem para a população humana. O mundo moderno tem andado entretido com a producção de automoveis, de chapeus modelos, de tecidos elegantes, de manufacturas, de pedras preciosas que invadem os povos europeus. Mas nada d'isto augmenta a producção dos alimentos, antes a diminue, porque retira braços que deveriam destinar-se a arrancar da terra o pão, de que a população humana carece.

II

A instrucção como meio de riqueza

Se o industrialismo moderno assim continuar, chegar-se-ha a ter milhões de diamantes, mas não haverá quem os compre, porque a fome terá morto a humanidade sem pão.

Em Portugal a tentativa de criar riqueza por industrias exoticas, além de ter encarecido o vestuario, e todos os productos, tem deixado ao abandono a unica riqueza séria — a agricola. Cumpre ao professor primario iniciar o ensino da agricultura scientifica, para que Portugal seja rico pela producção dos cereaes, das fructas, das flôres, dos gados, dos lacticinios, etc., — e tão rico,

(1) CARRAU — *De l'education.*

que poderá exportar cereaes, em vez de os importar, e cobrirá o *deficit* actual de 25:000 contos, que a balança do commercio indica, com a venda de flôres, essencias d'ellas havidas, e de fructas deliciosas que melhores não ha em qualquer outro paiz do mundo.

Ao professor primario portuguez está destinado maior papel do que ao allemão, do qual apenas se diz que venceu os francezes em Sédan.

Ao professor primario portuguez está destinado o papel de vencer... a fome, quando ensinar ás novas gerações das populações ruraes a trabalhar nos campos com methodo, com tenacidade e com opportunidade (1).

UM PASTOR

Conseguirá assim o professor primario desviar os filhos do povo do empregomania, mostrando-lhes quão superior é o trabalho agricola ao sedentarismo improductivo. O Estado então não terá de alargar ruinosamente os quadros dos funccionarios civis e militares, sob pretextos fementidos de seriedade governativa, mas em verdade pela razão de ter de calar uma alluvião de diplomados inuteis que preferem uma farda ao prazer innefavel de produzir alguma cousa.

E' na educação popular que pode estar a salvação do paiz.

Hoje nas populações ao norte do Mondego, apesar da construcção da novas linhas ferreas, a vida commercial resente-se da falta de educação para o trabalho, porque a população se mantem ainda nas formas tradicionaes. E' nas feiras que principalmente se fazem as permutas do commercio agricola.

A exportação dos vinhos está prejudicada, dado que em Hamburgo se fazem vinhos baratos para todos os paladares. Não é facil encontrar consumidores. E como não ha outros productos para exportar, o commercio nas parochias ruraes do norte é primitivo e minguado. Na região montanhosa de Traz-os-Montes, onde, pela abundancia de aguas, se podem desenvolver *lameiros* de extensissimas pastagens para gados, poder-se-hiam desenvolver industrias ricas, como a de lacticinios, coiros, criação de gados, producção de lã, etc.

E o Minho, pela cultura de flôres e fructas, poderia ser uma riquissima região onde o commercio externo viria procurar productos sem igual (1). Mas não é com os 30:000 contos de réis que annualmente se gastam com os funccionarios civis e militares que tal obra se ha de realisar... a não ser que aquelles funccionarios sejam mandados arborizar as montanhas escarpadas, abrir canaes no Alemtejo e na Extremadura, e arrotear as charnecas...

As parochias do norte de Portugal, umas dominam a cumeada das serras; outras assentam na elevação dominadora dos planaltos; outras abrigam-se nas encostas, muitas vezes sob a guarda de velhos castellos medievaes que se firmam nas cumeadas proximas, e outras espraiam-se á beira-mar, vivendo da industria da pesca, ou assentam nos ferteis valles, regados pelo serpenteado de um rio que aduba com o seu nateiro — jardins, pomares, searas, hortas e campinas. Não ha montes em maior elevação do que 1:400 metros acima do mar, e ahi a neve e gelo obrigam, como na Beira e em Trás-os-Montes, a um regime especial de hybernamento: as casas são cobertas de colmo; os gados alimentam-se nos curraes com feno secco, durante tres ou mais dias, porque as nevadas não deixam as pastagens a descoberto; os pastores cobrem-se de pelles e de coroças. E a vida simples do aldeão das regiões frias dá-lhes habitos de uma sobriedade rara. Regiões ha onde o dinheiro é quasi desnecessario, porque tudo se adquire pela troca entre vizinhos. O lume é conser-

(1) VANDERVELDE — *L'Exode rural et le retour aux-champs.*

(1) FREDERICO LAPANJO — *Theoria geral da emigração.*

vado permanentemente na lareira, onde a familia se agasalha, e onde as fiandeiras cantam ao serão descantes de amor ou cantigas mysticas a Deus. E quando o lume falta o vizinho fornece-o á lareira apagada. O calçado é feito pelo irmão mais engenhoso da familia, ás vezes com a pelle curtida de uma velha rez abatida. As peugas, as camisas, as calças e a jaleca, como o avental, o saiote e a sáia de linho, de estopa ou de burel, tudo é plantado, arrancado, cardado, fiado, ennovelado, tecido, talhado, cosido em familia, porque o pae e os filhos cortam a lã e sementam o linho, e as irmãs, nas horas vagas do labor dos campos, com a agulha fazem as peugas para toda a familia; com o cardador limpam o linho, e fiam a lã, para tecerem em teares feitos em familia todo o vestuario, incluindo as rendas com que as raparigas se enfeitam ao domingo, ou dias de festa, quando as ruas da aldeia cheiram a rosmaninho, para passar a procissão que sae da igreja.

FIANDEIRA DO MINHO

III

A acção do professor sobre a população dos campos

Tal é a vida simples das aldeias do norte de Portugal. Tal é o campo reservado ao professor primario que ha de respeitar as tradições simples do povo para o levar a um melhor estado de trabalho e de riqueza. O commercio reduz-se a irem os lavradores dos campos, em jumentos, levar á villa proxima, em dia de feira, semanal ou quinzenal, uns *alqueires* de cereaes para comprarem o petroleo da illuminação caseira, o azeite se falta no local, e, quando muito, para maiores dispendios, umas varas de percale para fatos de casamento, em dias raros de luxo.

Tal é a vida simples da grande maioria do povo portuguez, onde 60 por cento da população vive do trabalho dos campos.

Em regra, ao norte do Mondego, entre a população rural, todos são proprietarios, e o capital de cada familia em courelas e gados varía entre 1 e 12 contos de réis. Todos vivem do seu capital, e quando algum vizinho não tem *eira nem beira*, chama-se *cabaneiro*. Todos pagam contribuição predial, e para satisfazer este encargo chega a venda das «crias». E' dos gados que o tranquillo aldeão tira o dinheiro para pagar as contribuições ao Estado. E em verdade as familias dos campos pouco sentem a influencia da vida da cidade. Não ha illuminação nas ruas da aldeia; a limpeza publica, como a policia, é feita pelos vizinhos. Agora que se trata de enviar a todas as aldeias um professor primario que eduque aquellas populações simples, sem lhes fazer perder os habitos de disciplinado trabalho, é necessario que o professor não seja um homem saído dos grandes centros de população, ou uma senhora alheia á vida trabalhosa, rude e simples dos campos (1).

De Lisboa vão todos os annos mais de cincoenta professores e professoras para as aldeias simples que nada se parecem com a vida desgraçada de Alfama, com a miseria da Mouraria, ou com a desenvoltura do Rocio e do Chiado.

Os diplomados pelas escolas normaes de Lisboa, por necessidade, como quem evita o degredo na Africa, lá acceitam uma cadeira de ensino primario nas parochias de Barroso, de Miranda, Ceia ou de Pinhaços.

Cáem ali como que num abysmo, porque tudo os horroriza. Vão educar os filhos dos

(1) Alfred Fouillée — *Lenseignement au point de vue nacional.*

simples aldeãos para os quaes é *S. Carlos* o Bemdito entoado na igreja matriz; é escola philosophica o catecismo explicado pelo parocho, e museu de pintura e estatuaria o altar das Almas e o altar-mór do templo de Deus, é bibliotheca, o devocionario, a *Missão abreviada* do Padre Couto e o *Flos Sanctorum*, lidos depois da missa das Almas; e é escola de rhetorica a declamação parenetica do sacerdote em dias de festa do orago.

As procissões são os cortejos civicos do povo simples, e o seu *sport* são o carregamento dos andores e dos pendões.

E o professor ou professora que sáe de Lisboa, do Porto ou de Coimbra, não conhece o meio em que vae ser tambem elle como que um sacerdote.

Tem de ensinar a hygiene, que o aldeão pratica pela abstinencia das sextas e sabbados, pela guarda dos dias santos e pelas abluções de agua benta, sem offender as tradições populares.

Grande e difficil é a missão do professor primario, que não pode ser preparada com o esteril conhecimento livresco.

Só pode ser bom professor primario o que conhece o povo onde professe, e para ensinar as vantagens da agricultura junto á charrua, ao ar livre, quando os cavadores mondam os trigaes ou plantam as hortas; para ensinar noções de chorographia por meio de passeios apropriados, de orientação local e disposição topographica; para fixar noções de arithmetica pela combinação de unidades de objectos de uso commum; para ensinar economia domestica social junto ao lar onde se consomem os productos, e para formar os caracteres civicos por meio de exemplos de rectidão, bondade e abnegação (1).

E' diversa a população e a area das parochias. Ao norte do paiz é mais uniforme a divisão parochial. As freguesias ruraes em regra variam entre 250 e 70 fogos, ou entre 1:200 e 300 almas. Em geral comprehendem dois, trez ou mais logares muito separados uns dos outros.

A média annual da natalidade nas freguesias ruraes, é de 5 por cento, a da mortalidade é de 3,5 por cento e a dos casamentos é de 1,2 por cento.

SERVIÇAL DO MINHO

(1) M. Breal — *Quelques mots sur l'instruction publique en France.*

Na parte montanhosa, ao norte do Mondego, os terrenos incultos são ainda em média de 25 por cento, mas freguesias ha no districto de Villa Real, em que os incultos excedem a 50 por cento da area total da freguesia. E certo que os gados pastam nas terras incultas, quando estão cobertas de urze, tojo, carqueja, giestas, etc. E o torgo é arrancado para d'elle se fazer o carvão, de uso vulgar nas lareiras.

A arborização systhematica não é conhecida das populações ruraes, embora se encontrem nas serras de Larouco, Barroso e outras, matas de carvalhos que poderiam ser grande riqueza de madeiras para mobiliario rico. Mas falta o espirito de industrialização moderna, que o professor primario, devidamente educado, deve incutir nas populações.

O regime individualista privilegiado em que vivemos não se accentua entre as populações ruraes, onde ha vestigios accentuados de um fraternal communismo, não só na existencia dos baldios que são ás vezes um terço da area da freguesia, como na troca de serviços e na cummunisação das pastagens, depois das culturas.

Entre as diversas freguesias ha antiquissimas divisões que marcam, por meio de padrões com duas iniciaes indicadoras das parochias limitrophes, o limite das respectivas areas. Os pastores que ultrapassam a linha divisoria da sua freguesia são perseguidos pelos vizinhos da outra, e este facto dá ás vezes origem a graves conflictos. Mas dentro da mesma freguesia, apesar da tentativa de *desamortização* por via municipal, ha extensos baldios que são bens communs e communaes da parochia onde todos os proprietarios d'ella teem pastagens communs (1). E, mau grado as tentativas da intervenção burocratica central, este communismo parochial chega até o ponto de resolverem todos os vizinhos da parochia reunidos em assembleia geral, num largo da aldeia, a convite de qualquer vizinho, ou do proprio *regedor*, sobre a divisão cultural dos baldios entre os vizinhos durante um certo tempo.

CEIFEIRA DO MINHO

IV

A instrucção e educação agricolas

E, aproveitando estas tradições, conveniente seria que o Estado permittisse aos que o quizessem um mais fixo regime communal agricola, como ensaio em Portugal de doutrinas que hoje tanto agitam o mundo culto.

E qual a funcção do professor primario perante estes grandes problemas?

Nada mais nobre do que o ensino que fosse elevando a vida economica e civica das parochias, pois que é n'estas que existe o principal estimulo da vida nacional. A decadencia das parochias, originou entre nós a grande decadencia nacional a que assistimos (2).

Como poderiamos ser ricos, se arroteassemos os incultos, se arborizassemos as serras, se desbravassemos as mattas improprias, se plantassemos as charnecas, se augmentassemos as pastagens para a criação de gados, se estabelecessemos um scientifico regime de pousios, para tornar intensa a cultura hortense nas terras baixas e abri-

(1) Almeida Figueiredo — *A Terra*.

(2) Oliveira Martins — *O Brazil e as colonias portuguezas*.

gadas, para fixar as aguas pela cultura arvense, para augmentar por canaes a area dos prados e dos pomares! A vida agricola das freguesias do norte é empirica e rotineira.

As aguas são distribuidas por insufficientes corregos, limpos pelos vizinhos nos dias de *caminhos*. Porque a viação parochial e as aguas communs, estão ao cuidado dos vizinhos, já que a administração central não provê a taes serviços. Combinam-se os *vizinhos* ruraes sobre a partilha das aguas, e quando algum defrauda o vizinho, desviando o curso d'ellas, principalmente no estio, originam-se graves conflictos de que ás vezes resultam mortes. Ha uma população a educar.

CARREIRO DO DOURO

E tudo é rudimentar; as hortas são em regra para consumo domestico; não ha mercado estabelecido para hortaliças, frutas e flôres. As linhas ferreas teem alterado os costumes das simples populações do norte, mas ainda não são meio de fixar um regular commercio. Que excellentes fructas, que saborosos productos hortenses, que lindas flôres não poderiam ser vendidas em Lisboa, vindas do norte do paiz! E se tivessemos uma marinha mercante ao lado de uma vida mercantil intensa, como seriam ricos os districtos do norte com a exportação da riqueza cultural que ali existe? Resta educar o productor, e esta funcção compete inicialmente ao professor primario.

Para que Portugal entre na vida facil, espontanea e de economia social condigna da civilização é necessario que todos os factores do cultismo convirjam n'um plano que ha de ter por base a agricultação intensa do paiz, por meio da educação apropriada de todas as classes e por fim o ideal de um povo forte, sadio, equilibrado, liberal, transigente, ordeiro e democrata.

Ha de o professor primario, saído das escolas de ensino normal, deixar de estar eivado do *snobismo*, para comprehender e amar a grandeza da vida dos campos. O alumno-mestre que de Lisboa, Coimbra ou Porto vae ser professor n'uma das lindas aldeias da provincia, não se resigna a trocar a vida simples e encantadora dos campos, pelo fetido das viellas do Bairro Alto.

E no entanto é necessario que o professor primario não esteja confrangido junto aos pequeninos alumnos das aldeias. A vida dos campos é muito preferivel á da cidade (1).

Nas aldeias o alvorocer é uma agitação suavemente perturbadora das almas bem formadas. O toque dos sinos do presbyterio que acorda os trabalhadores para a rega matutina dos milharaes só tem como comparavel o bucolismo da marcha dos pastores, com os rebanhos tilintantes que caminham para as campinas, floridas de madresilvas.

O carro romano que sáe dos casaes fumegantes, dourados pelo sol, alegres pelo cair dos eixos nas rodagens, dá ás canções aldeãs um tal encanto, e a alma dos que ali vivem purifica-se tanto que bem vale a pena trocar a vida tormentosa das cidades pelo carinho das aldeias.

A vida das aldeias de Portugal é um pleno festival pantheista. De manhã ha uma alvorada de luz: tudo canta hymnos á terra bemdita que nos dá o pão. As ceifeiras cantam e trabalham nos trigaes; mondam, podam, arroteiam, vindimam, espargem... e o espirito bemdiz aquella vida de gente boa, simples e trabalhadora, que depois do trabalho recolhe contente aos casaes acolhedores, construidos entre carvalheiras, ou junto do florido castanheiro que dá á man-

(1) CANCERLIER — *Les lois de la population.*

são do cavador uma frescura e um bem-estar que não teem os milionarios nos seus palacios, onde vive o tédio. O regresso ao campo é o caminho feliz.

A serra é a paragem bemdita onde o rosmaninho rescende, e as giestas em flôr decoram o campo immenso onde os trabalhadores descansam com a consciencia tranquilla depois de haverem plantado a terra uberrima.

(Continúa.)

CARNEIRO DE MOURA.

AMOR-DEO

Jamais! — por Deus! — jamais! — O Amor é sentimento —
Não é, nem póde ser, paixão ou sensasão.
O Amor solidarisa e abraça n'um momento
A vida universal na mesma communhão.

Nada tem de commum, nem póde ter, por certo,
Com tudo quanto seja egoismo e preferencia —
E as paixões o que são, senão um desconcerto
Na harmonia da paz, do bem, da consciencia?

Amores, não — Amor. — O Amor não tem plural.
O resto são paixões; são vicios; são vaidades;
São productos do meio, estupido ou venal;
Resultantes fataes da «bêsta»; enfermidades...

Amor, é o sentimento ingenito e profundo
Que unifica na Dôr a natureza em prece:
E' a ancia que nos leva através d'este mundo
Sonhando a remissão de tudo que padece;

E' o bem pelo bem, no sonho pelo bello;
E' a synthese ideal da perfeição; é Christo,
Com Budha e Platão, dentro do mesmo anhelo;
E' Deus dentro de nós gritando-n'os — «existo»;

E' o bem fazer a tudo e a todo o que precisa;
E' o sentir e ouvir as magoas do universo,
Quer as grite do chão a terra que se piza,
Quer as cante a chorar a mãe junto d'um berço;

E' saber agarrar na propria alma e abril-a —
Não para metter n'ella a fórma traiçoeira
De quanto nos desune e opprime e anniquila,
Mas sim a humanidade e a natureza inteira.

Bahia dos Tigres.

ALBERTO CORRÊA.

MARK TWAIN

A caravella de Christovam Colombo

De Noé a Christovam Colombo, a architectura naval soffreu algumas modificações, e passou de uma inefavel mediocridade a uma condição um pouco menos precaria.

Li algures, não sei quando, que a lotação dos barcos de Christovam Colombo era de oitenta e duas tonneladas. Comparando aquelle navio aos modernos *lebreus* do Oceano, podemos fazer ideia da pequenez das embarcações hespanholas, e concordar em que seriam mal apercebidas para aguentar em nossos dias a concorrencia e transportar passageiros através do Atlantico.

Eram precisas setenta e quatro para representar a tonnelagem do *Havel* e engulir uma das suas fornadas. Se bem me lembro, a *almiranta* necessitou de dez semanas para fazer a travessia.

Com as nossas ideias actuaes, seria pouco apreciado como rapidez de andamento. A caravella tinha um capitão, provavelmente um immediato, quatro marinheiros e um grumete, e eis toda a tripulação.

A tripulação do *lebreu* moderno comprehende duzentas e cincoenta pessoas.

O navio de Christovam Colombo, além de ser pequeno, era muito velho, e portanto, podemos deduzir d'ahi com segurança diversos pormenores secundarios que escaparam á Historia. Por exemplo, temos certas desconfianças de que, com as suas fracas dimensões, devia gingar, dar bordos e afocinhar, em mar de leite, para nunca mais se firmar, a não ser na cabeça ou na anca, e reclinar as orelhas na agua, ao mais pacato macareu; suppômos que as ondas deviam passear-lhe lá por dentro como por sua casa e varrer-lhe a coberta de pôpa á prôa; as planganas estariam fixas na mêsa, em permanencia, o que não impedia a sôpa dos mareantes de lhes ir parar mais amiude aos joelhos de que ao estomago; que a sala de jantar mediria, quando muito, dez pés por sete; que era escura, abafada, com um fedôr a azeite, de tombar; que o unico camarote de bordo — do tamanho de uma sepultura — continha um renque de duas ou três tarimas, estreitas e entaladas como ataúdes, e que uma vez apagada a luz, lá dentro era uma escuridão lugubre e tão compacta, que se podia trincar e mastigá-la como quem mastiga um pedaço de borracha. Deduziremos ainda que apenas se podia passear no castello da pôpa (porque o barco era talhado como um sapato de salto alto): na realidade, o passeio comportava apenas uma pista de dezeseis pés em comprimento por três de largura, pois todo o resto do navio estava atravancado de cordame e inundado pelas ondas. Nada disto sofre duvida.

Se considerarmos que aquelle barquinho era um velho calhambeque, devemos render-nos a outras certezas evidentes.

Por exemplo, estava inféstado de ratas e carochas; por tempo rijo, as juntas jogavam tanto como os dedos das nossas mãos e metia agua que nem uma canastra.

Quem diz *estoque de agua* diz agua no porão; ora, agua no porão é a morte sem palavreado, a asfixia a breve transe, provocada por um cheiro comparado ao qual

um queijo de Limburgo é um arôma paradisiaco.

Segundo estes dados, de rigorosa exactidão, podemos fazer uma ideia aproximada com respeito ao viver quotidiano do grande explorador. De madrugada, cumpria as suas devoções diante do relicario da Virgem. Assim que davam oito horas, effectuava a sua apparição no convés-passeio do castello de pôpa. Se fazia frio, subia todo bardado de ferro, desde o capacete de plumas até ás esporas dos calcanhares, revestido com a armadura damasqueada de arabescos de oiro, que tivera o cuidado de aquecer de antemão ao fogão da galera. Se fazia calor, trazia o fardamento de bordo, da marinha da época: um immenso chapéu de aba caída, de veludo azul, com um penacho ondulante de pennas de avestruz, apresilhado com um firmal esplendente de diamantes e esmeraldas; um justilho verde todo elle bordado a oiro, com mangas de golpes, carmesís; uma gorgueira larga e punhos de rendas ricas e flexiveis; calças de setim côr de rosa, com soberbas ligas de brocado amarelo; meias de seda *gris perle,* bordadas a primôr, borzeguins côr de limão de cabrito morto á nascença, cujos canos de barca se viravam para fazer valer o casquilhismo das meias *gris perle;* amplos guantes de pelle de hereje, talhados pela Santa-Inquisição na cutis de uma dama de alta jerarquia; uma catana com a bainha cravejada de pedraria, suspensa num largo boldrié realçado de rubís e safiras.

Christovam Colombo passeava a fazer horas e meditava; ia notando o aspecto do firmamento e a velocidade do vento; lançava uns olhos de inquisidor para as ervas a boiar e para outros indicios da proximidade da terra; depois, a modo de passatempo, ralhava com o homem do leme; sacava da algibeira o ovo fingido, fadario para exercitar a mão a pô-lo em pé do lado mais grosso (a sua classica intrujice); de tempos a tempos, atirava um cabo a um marinheiro em perigo de se afogar no castello da prôa; o resto do quarto, fazia pasciencias, espalitava os dentes, bocejava e espreguiçava-se jurando que não tornava a caír noutra, ainda que elle cuidasse descobrir seis Americas.

Pois tal era Colombo em sua ingenita singeleza, quando armava ao effeito para os mirones.

A's nove horas, tomava o ponto e declarava com aprumo que o seu valente navio tinha galgado cem jardas em vinte e quatro horas, que doravante tinha a certeza de «ganhar o bolo».—Qualquer pode «ganhar o bolo» quando ninguem mais tem direito a tocar na direcção do barco.

O almirante almoçava sósinho, com magno ceremonial: presunto, feijão e genebra; ao meio dia, jantava sósinho, com magno ceremonial: presunto, feijão e genebra; ás dez horas, ceava sósinho, com magno ceremonial: presunto, feijão e genebra. Não havia musica durante nenhum d'estes festins; a orchestra a bordo é de introducção moderna.

Depois da sua ultima refeição, o almirante agradecia ao Céu todas as suas bençãos, com mais gratidão, talvez, do que valiam a pena; depois, despojava-se de seus sedozos esplendores ou da sua latoeiria doirada, e introduzia-se no seu minusculo ataúde; ali, depois de haver assoprado a pouco odorifera torcida, principiava a refrescar os pulmões, aspirando por tenues baforadas, alternadamente, o azeite rançôso e a agua de porão. Depois, a respiração

ia-se-lhe tornando mais sonora: resonava, e então, ratas e carochas a surgirem por brigadas, divisões e corpos de exercito, para vir dançar-lhe em redor.

Era este o viver quotidiano do grande explorador, na sua «saladeira aquatica», durante as poucas semanas que fizeram d'elle um grande homem: quer-me parecer que a differença entre o seu navio, tão inconfortavel e os nossos barcos actuaes, não escaparia ás vistas de ninguem.

Na volta, conta-nol'o a Historia, o rei de Hespanha, maravilhado, observa-lhe:

— Este navio afigura-se-me que mete agua, um tanto ou quanto.

Realmente, elle meterá tanta agua como affirmam?

— Faça idéa, Real Senhor. Durante a minha travessia, vi as bombas esgotarem dezeseis vezes o Oceano Atlantico.

E' o numero apresentado pelo general Horacio Porter. Outras pessoas auctorizadas, comtudo, affirmam que foram só quinze.

E' evidente que os contrastes entre aquelle barco e este em que estou escrevendo este artigo são notaveis a mais de um ponto de vista.

Tomemos o capitulo da decoração, por exemplo. Tornando a olhar em redor de mim, hontem e hoje, notei varios pormenores que certamente não existiam a bordo do navio de Colombo, ou que pelo menos deixavam muito que desejar. Eis as portas do grande salão, de bom carvalho encerado, com três polegadas de grossura.

Eis os vestibulos, tendo, nas paredes, nas portas e nos tectos, apainelados de madeira rija, egualmente encerada, já claros, já escuros, do mesmo estylo elegante e delicado, ajustando com rigor hermetico; com formosos mosaicos de azulejos incrustados, — d'estes mosaicos, alguns não abrangem menos de sessenta ladrilhos — a assemblagem d'estes ladrilhos é uma perfeição!

Eis aqui, sem dúvida, um par de innovações arrojadas. Qualquer recearia que no primeiro dia de tempo rijo aquelles ladrilhos viessem a despegar-se e a cahir em migalhas. Isso sim!

Prova evidente de como a arte da marcenaria progrediu menos mal desde a era primitiva em que os barcos eram tão mal amanhados que, á menor investida de mar grosso, as portas punham-se todas a bater.

Passemos á sala de jantar: adornam as paredes garridas tapeçarias, e vejo no tecto frescos e pinturas a oleo. Nos outros pontos de reunião, cá temos uns grandes apainelados de coiro de Cordova, de relevo e com padrões em que não foi poupado, quer o oiro quer o bronze. Descubro por toda a parte côres ricamente matizadas — côr, tudo côr, côr por todos os lados; todos os tons, todas as gradações, quanta variedade existe de côres.

D'ahi resulta ser clarissimo o barco, e alegrar a vista, alegria que se nos apodera da alma infundindo-nos jovialidade.

Para apreciar bem a funda impressão que tão radiosa devassidão de côres nos incute, é preciso ter estado cá fóra, de noite, na densidade das trevas e da chuva, e mirar a tudo isto através de uma vigia, ao esplendor obcecante da illuminação electrica.

Os navios antigos eram sombrios, feios, sem graça nenhuma, de uma tristeza medonha, deprimente. Impelliam-nos a um *spleen* inevitavel. A idéa moderna é a boa: rodear os passageiros de commodidades, de luxo e de uma profusão de côres apraziveis para os olhos.

Em taes condições sentimo-nos quasi tentados a declarar, que em parte nenhuma se está melhor do que a bordo — salvo talvez na propria casa.

Versão de MANUEL DE MACEDO.

O grande actor Valle

Ha quanto tempo isto foi!

Estava eu no ultimo anno do Lyceu, estabelecido então na rua de S. José, e entre os meus companheiros havia um, em extremo sorumbatico, afastando-se de todos, mas que impunha respeito porque se suppoz sempre que era a pobreza que o distanciava.

Uma tarde, porém, em que chovia despiedadamente, e todos nos agglomeravamos á entrada, rindo com a despreoccupação de quem tem annos a menos e illusões a mais, esse infeliz que acabava pouco depois alojando um tiro na cabeça, a proposito não sei de que, exclamou:

— Quem me dera ser comico!

— ?

— Porque ao menos é uma gente que está sempre alegre.

E' claro que n'aquella epocha em que se olha o mundo por um vidro facetado de mil côres berrantes, provavelmente, ninguem o contradictou, e o infeliz foi-se para o Além com essa persuasão mentirosa.

Porque a realidade, bem tarde por signal, diz-nos que os que se mostram mais serenos na vida são uns timoratos, os mais scepticos uns profundos crentes, os mais risonhos uns tristes.

E assim os actores que nos obrigam a rir quando os vemos no palco, constituem, na sua maioria, a *legião dos melancholicos*, o que me daria ensejo a um estudo de psychologia, se o meu fito não fosse apenas o deixar aqui uns *croquis* ligeiros sobre a maior individualidade comica do actual theatro portuguez.

*

O actor Valle é o Gymnasio, e o Gymnasio sem o Valle é uma *mayonnaise* sem mostarda, um jantar sem queijo, uma mulher linda com dentes não cuidados, um beijo caloroso retribuido com frieza, uma dedicação a que se corresponde com um gesto de fastio.

Póde um theatro de maior grandeza ace-

nar-lhe, uma scena mais vasta requebrar-se para elle, mas indo para lá achar-se-hia *gauche*, porque tendo entrado no Gymnasio ha quarenta annos, e quando se sente dentro do peito alguma cousa a palpitar — *alguma cousa que algo é* — toma-se um amor enorme ás paredes, ás bambolinas, ás gambiarras, ás ribaltas, conhecem-se as cadeiras onde se sentam aquelles que os admiram, e o panno a levantar-se e o artista a suppor que se encontra no meio de uma grande familia.

Representou o Valle pela primeira vez n'um theatrinho improvisado em casa d'um vizinho. Todo o seu afan era dar-se com os actores, e assim, lá se ia encostar para o *Café Freitas*, no Rocio, onde, com uma moeda de 500 réis, fazia o papel de ricaço, pagando a este um refresco, áquelle um calice de genebra...

O dinheiro diminuia, mas os apertos de mão abundavam...

Um dia procura-o um amigo com modos mysteriosos:

— Valle, estou entalado!

— Onde, *amico mio?*

— Uma d'essas que nem ao diabo lembra...

— Se te posso servir...

— Pódes, sim, e lembrei-me que tu, um elegante — o Valle córou — devias ter uma sobrecasaca.

— Oh! menino! já me lembrei d'isso. Mas não é nada barato.

— Pois vou ser o teu Messias, vou dar-te essa alegria. Passa para cá seis tostões — e entretanto ia desembrulhando um papel — e aqui tens um verdadeiro talisman.

E acenava-lhe ante os olhos deslumbrados com uma sobrecasaca preta.

AOS 18 ANNOS

O Valle á direita, com a sua sobrecasaca, e um seu intimo amigo, já fallecido, o irmão do actor Joaquim Costa.

Negocio feito, e o amigo a apanhar o dinheiro e a esgueirar-se immediatamente.

Elle a desapparecer e o Valle, satisfeitissimo, a envergá-la e a requebrar-se diante do espelho, fazendo grandes cumprimentos:

— Como vae, sr. Taborda! Amigo Tasso, está melhor? Gostei hontem muito de o ouvir, sr. Epiphanio...

E a lista d'actores não terminaria nunca se não sentisse bater á porta, e uma voz muito querida — a de sua santa irmã por quem o artista tem uma veneração — não lhe perguntasse:

— Com quem estás tu a falar, José?

— Com pessoa nenhuma, aqui não está ninguem.

— Crédo, Santo Deus! Quem fala só, fala com o diabo!

E a pobre senhora afastou-se murmurando uma oração.

Em publico apresentou-se pela vez primeira nas Variedades.

Não obedece este artigo a traçar notas biographicas, mas apenas a relatar alguns factos da vida do unico discipulo que o grande Taborda deixou.

Evidente é, que não posso contar aqui as aventuras de coração do Valle, mas dir-lhes-hei só que enormes devastações deixou n'essas creaturas que a Hespanha para aqui nos envia annualmente com uma espantosa fertilidade, e tanto mais que não lhes dá o phylloxera...

Convidado por Lucinda Simões e Furtado Coelho para ir ao paiz vizinho dar uma serie de recitas, o Valle entendeu que não devia fazer *fiasco* nas horas vagas que alli tivesse, e assim em casa principiou — *elle* que tanto conversara com *ellas* na lingua de Cervantes — a exercitar-se n'esse idioma.

De repente ouve passos no corredor.

— Oh! sr. Romão! então vocemecê agora é que vem para as compras?

— O que é isso, mana?

— Ah! como ouvi falar gallego julguei que era o Romão.

Foi um balde d'agua deitado pelas costas.

Conhecem a *Pera de Satanaz*?

No S. Luiz, do Rio de Janeiro, representava-se essa magica, fazendo o actor Martinho o papel do *Rei Caramba* e o Valle o do escudeiro *Vasco*.

O publico corria alli só para ouvir o duello que se estabelecia todas as noites entre os dois actores.

Havia um quadro em que cada um chegava á boca de scena e dizia quem era, mas em vez de pronunciarem os nomes das respectivas personagens, mudavam-os por nomes de peças. Assim ouvia-se:

— Sou o *Conde d'Andeiro!*

— Sou o *Pagem d'Aljubarrota!*

— Sou o *Alfageme de Santarem!*

— Sou o *Frei Luiz de Sousa!*

Mas uma vez já muito excitados, combinaram ir até onde pudessem.

— Sou *D. Antonio de Portugal!*

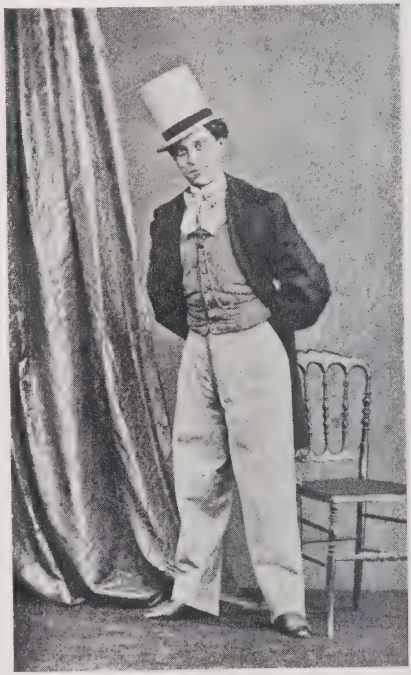
— Sou os *Dois Proscriptos!*

O Valle, não querendo collaborar na asneira, retorquiu:

— Sou o *Cavalheiro da Casa Vermelha!*

O «PETIZ»

Na peça «Mestre Jeronymo» com que se estreou no Rio de Janeiro.



«VOU NAMORAR»

A sua primeira scena-comica

O Martinho augmentou a sua representação.

— Sou os *Sete Infantes de Lara!*

O Valle sentiu a lingua pegar-se ao céo da boca.

— Sou o *Alvaro Gonçalves, o Magriço!*

Resposta do outro:

— Sou os *Sete degráos do crime!*

Então o Valle não pôde mais e berrou:

— Pois eu só sou as *Onze Mil Virgens!*

Quando esteve em Barcelona com o Furtado e a Lucinda, queixaram-se os catalães que não percebiam os nossos actores.

O Valle ficou desapontadissimo, mas jurou-lhes pela pelle.

Na representação que se seguiu, dava-se a *Thereza Raquin*.

Fazia elle um dos velhos que estão jogando o dominó, e, então, com o seu collega, resolveu não dizer nada do papel e assim estabeleceu-se uma scena com este dialogo, com muitos gestos:

— *Comichi là tu?* o que significava: (Jógo sena).

— *Fa ta li!* queria dizer: (Fechado!).

— *Migache talafe mone suge?* (Vamos a outra partida?)

— *Chi si ia.* (Da melhor vontade).

E ao retirarem-se:

— *Soli pi chu la mané!* (Boas noites, meus senhores).

Nem uma palavra em portuguez, mas no ou-

tro dia a critica elogiava-os pela maneira como elles tinham interpretado os papeis.

Em Madrid receberam-o calorosamente e estreiou-se com essa impagavel scena-comica, que se não fosse dita por elle seria caso para se fugir: *Aldighieri Junior.*

E tão grande foi o successo, que tendo a Infanta Isabel chegado mais tarde ao theatro, e sabendo do exito obtido, mandou pedir ao Valle para a dizer novamente.

A' sahida esperava o actor uma hespanhola bonita, mãos e pés pequeninos, um palminho de cara estonteante, cabellos pretos, olhos negros.

Foram cear, e ao entrarem na *calle Valgame Dios* — cada qual mora onde póde — o Valle depoz um beijo na testa da andaluza que o recebeu de boa mente. Mas n'esse momento appareceu um *guardia.*

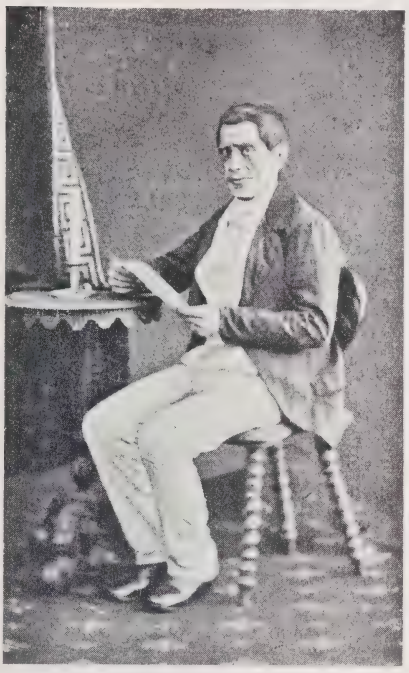
— *Valganos Dios!* exclamou a hespanhola agarrando-se ao braço do *su novio... de la noche...*

— *Está V. preso!* ordenou o mantenedor dos bons costumes.

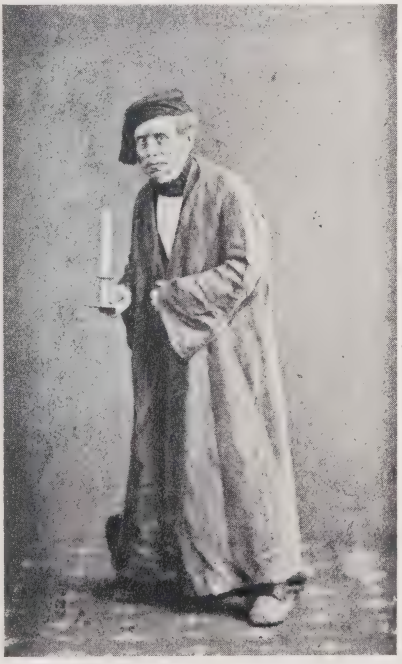
— *Escuche V., hombre!...* principiou o Valle.

Mas o guarda olhando o actor portuguez, á luz do candieiro, desatou a rir e alfim:

— *Tiene V. una cara tan graciosa, que no me atrevo a prende-lo.*



NO «DIABO ATRAZ DA PORTA»
Um dos seus melhores trabalhos em comedias em 1 acto.



NO «GATO POR HOMEM»

E reprimindo o riso:

— *Y ahora a casa y pronto!*

E o gesto do policia era significativo...

Do que nunca o distincto artista se ha-de esquecer é da recepção com que o publico o acolheu no Rio Grande do Sul: uma furiosa pateada.

Annunciara-se a sua estreia com o *Cotogni Junior,* hoje *Aldighieri.*

Não ignoram que é o pretexto para uma scena, que não tem principio nem fim, e quando cahiu o panno as manifestações de desagrado repercutiram, emquanto uma voz traduzia n'aquelle momento o sentir da platéa:

— Então este é que é o grande actor em que nos falavam? Pois se elle nem ao menos consegue cantar...

Embora muito portuguez, — porque se o querem ver zangado é falar lhe mal das nossas cousas — em amor o Valle é cosmopolita.

N'uma companhia que no verão foi para Setubal, iam duas hespanholas como bailarinas, acompanhadas de *su madre.*

O Valle, que fazia parte do elenco, — com Jesuina Marques e Amelia Vieira, então dansarinas, — deitou o arpéo para pescar uma d'aquellas. Mas a mãe — uma d'essas creaturas que nós temos visto por ahi, e que apresentam sempre identico

typo, parecem deitadas no mesmo molde — não perdia de vista as filhas.

As raparigas ante o bonito Sado a deslisar, resolveram tomar banhos, e a predilecta do Valle convidou-o a acompanhá-la, e em caso de necessidade a ser o seu salvador.

Ora elle não quiz dar parte de fraco, mas a verdade é que nadava como um prego.

Na vespera da manhã em que as ondas deviam acariciar suavemente a apimentada hespanhola, depois do espectaculo, o Valle fôra cear com o Faria, o celebre *General Boum* da *Gran-Duqueza*, e comera um pedaço de polvo, regando-o abundantemente. Deitara-se muito tarde, quando a porta do quarto estremeceu violentamente.

— Quem está ahi? perguntou elle estremunhado, mal podendo abrir os olhos.

— *Pepe, nos vamos...*

Eram as *niñas* prevenindo-o que chegara a hora do banho.

O Valle teve vontade de mandar para o diabo a aventura, mas pareceu-lhe que o nome portuguez não ficaria muito bem collocado ante a Hespanha.

A «MADRINHA DE CHARLEY»

Lá foi, e na praia metteu-se n'uma barraca, despiu-se, vestiu um fato de malha, e appareceu ás duas raparigas que brincavam doudamente na agua e que o festejaram ruidosamente ante a sua plastica morena.

Embrulhado tragicamente no lençol, seguiu pela ponte fóra, e fechando os olhos, com a resignação d'um martyr, pensou na vida que ia deixar, e atirou-se de cabeça.

Então é que foram ellas...

Estrebuchava, vindo á superficie, e de cada vez apresentava uma cara tão comica, que o riso dos presentes não tinha fim.

Valeu-lhe o Faria, dando-lhe a mão, e pouco depois o Valle depositava alli, todo inteirinho, o polvo que tinha comido.

— E comtudo, observa elle, durante muito tempo fiquei em duvida se era esse, ou se com a agua que enguli, tragara tambem algum peixe. Lá peixe era, agora se o mesmo...

•

José Antonio do Valle é um conversador impagavel.

Peçam-lhe a historia do papagaio de que vou dar um pallido reflexo, e teem para rir todas as vezes que a lembrarem.

Um fazendeiro no Brasil possuia um papagaio a quem ensinara a *ladainha*. Um dia, porém, fugiu-lhe e por mais diligencias que empregasse não o conseguiu rehaver. Perdera a esperança, mas uma occasião, indo a uma roça, ouviu um papagaio, que lhe pareceu ser o seu. Talvez uma illusão dos sentidos...

Cautelosamente, metteu-se pelo matto, e ao chegar a uma clareira, vê o seu *Janota* — era o nome do animal — á frente d'uns

vinte ou trinta *collegas,* entoando aquelle pausadamente:

— S. João Baptista!

E os outros, andando... como andam os papagaios, respondiam:

— *Ora pro nobis!*

— Santa Ludovina! volvia o professor.

Retorquia o côro:

— *Ora pro nobis!*

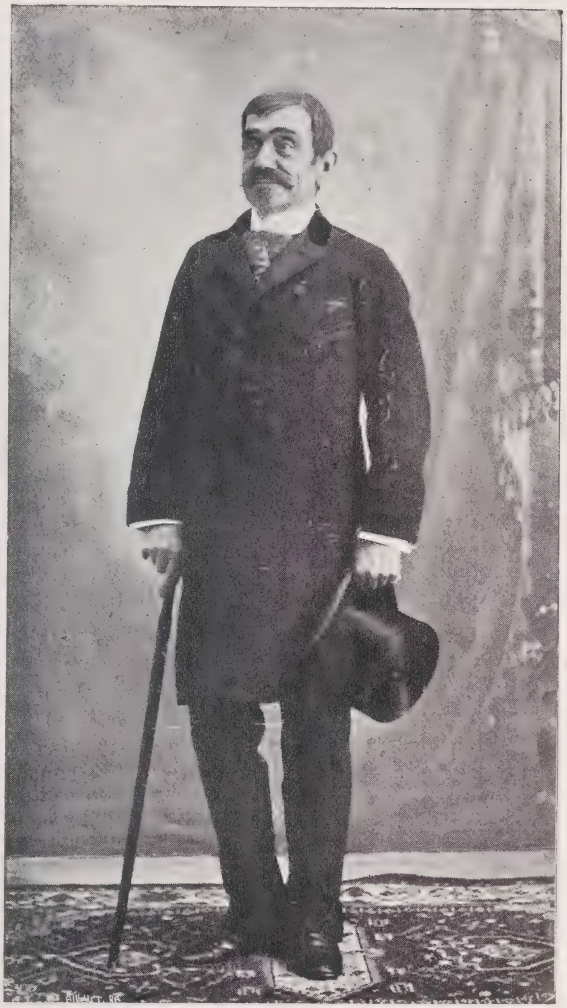
O patife fôra para o sertão ensinar a *ladainha.*

A falta que o excelso artista ha-de deixar no nosso theatro, já tão calvo de vocações risonhas, é uma das cousas que apavora.

Bem sei que ha por ahi o costume de se dizer que ninguem é insubstituivel, mas quando por qualquer circumstancia se não contar com elle, vejam se nos podem dar o *Commissario de Policia,* para não citar senão esta peça.

Acontece o mesmo que com o *Bébé,* — onde outro Antonio Pedro? — a *Sociedade onde a gente se aborrece* — sem a Rosa Damasceno, o Brazão, a Gertrudes, o Augusto e o João Rosa? — o *Sargento-Mór de Villars,* os dramas onde a Virginia foi sublime, porque talvez se representem, mas um Rubens é sempre um Rubens, e uma copia não passa d'uma copia, admittindo — por hypothese — mesmo a perfeição.

Assim, é com uma enorme dôr d'alma que se olha o futuro do theatro portuguez, onde são rarissimas as vocações, ou que crystallizam pouco depois, dando a triste impressão para os amadores do Bello, que a derrocada será d'aquellas em que ninguem se salva. Mas eu preveni a tempo.



O «COMMISSARIO DE POLICIA»
O trabalho mais original e o typo mais bem estudado da sua vasta galeria

PORTUGAL DA SILVA.

Ao purificar da manhã, bem antes do ouro do Sol, Antonio escancára o portelho da curralada, assobia estridulo duas vezes, e o rafeiro, que apparece d'impeto, as orelhas arrebitadas, a colleira hispida de pregos sacolejando, esvasia-a rapidamente, com uma lufada de ladridos acossantes.

A grei, emquanto ondula travez caminhos lisos, ora flanqueados por muros altos, ora especados de fortes torsos de carvalho em que se ennastam espessas comas de silvas, não tem nenhuma pelle desviada, nenhum contratempo. E' um encanto vel-a seguir, conglobada e mansa, sem intermittencias, seguir com o *cabresto* sempre á testa, esse pimpante que, conduzindo o chocalho de guia-mór, se julga deificado, um pendão em marcha victoriosa. Mas, mal sae das embocadas da terreola para trilhar os carreiros da serra apascentadora, — os carreiros que, lado a lado, serpeiam por'li fóra livremente, — quebra toda a sua eurithmia de pastorela á Cox, freme como ondas, esfarrapa-se, subdivide-se em flocos tumultuarios. E' ver: anhos transviando-se aos pequenos pulos dos uberes maternos, malatos experimentando, uns com os outros, as suas tenras massas corneas, ovelhas correndo em direitura ás searas, cabras fugindo arreliantemente, bodes trepando, ás guinadas, para as arestas dos escarpedos.

De maneira que Antonio, até agora sem preoccupação, a ponto de lhe não falhar a cachola para contar as occasiões — e quantas não eram! — em que fugira, d'enfado, aos desejos da Manuela, agonia-se, agonia-se mao grado os seus habitos de «tanto se me dá, como se me deu», brande o cajado nervosamente, anathematisa como um perdido, acirra o cão sobre o gado possesso: «Busca! Arrepanha, *Félpudo!*» e chega ao pastio esfalfado, a bocca em hiato espumoso, os olhos ennevoados de furia borbulhante.

Manuela, a zagala gentil, com cuja sirinx, de um velludo escorregadio no som, costuma seduzir todos os pastores e ganhões, e nunca rejeitar o amor efemero de nenhum, já apas-

centa lá a sua manada de cincoenta boas cabeças, da pretidão de carvões de giestas.

Quando elle se abeira, ella, toda desplante, magoadora:

— Eh! que cara trazes, Antonio! Sabes p'ra que está boa? (que p'ra mim não serve!) p'ra ser vista p'la rolinha que adoras.

E, gelhando os cantos dos labios, aconselhou, em um desgarre chiante feito vergastada de junco:

— Ouve, moço: Volta já p'ra traz, aprumado consoante um pinheiro, — mas sem escangalhares esses modos, sem mudares essa beleza de cara! — e vae amostra-lh'a a ella, lá ao Alpendre de Cima. Verás que surpreza, que regalo ella terá. Se ainda não 'stiver caidinha por ti... ficará nesse instante. A'la! Vá feito, meu tanso!

Antonio viu logo que, á falta de melhor, a pastora fazia aquelle reparo, tivera esta toleima... Quizera azedal-o, afinal. Porém, coitada da pobre! elle bem sabia o que lhe mordia, o que a tenezava sem dó nem piedade. Era o caso de, emquanto os outros se collavam mais a ella, alguns de fórma a abandonarem o gado, para ao depois se lhes safar todo o ganho em coimas, mais elle se arredava, menos queria aturar-lhe as excentricidades de pecora lasciva, de charnequeira pubente que, por principios fisiologicos, o marôco repudia. Ainda nas vesperas o assediara, com toda a desenvoltura de denguices e langores, para que, á noute, a procurasse na alpendrada sabida, afim de ameijoarem ambos; mas elle não poz lá os pés, — nem nunca mais os tornaria a pôr, — e esteve, des' o despêgo do serviço, ao lado casto da sua Ernestina, a ouvil-a contar, á lareira, carinhosas lendas misticas, a vel-a beijar com estalidos donzeis o linho que ia arrancando e fiando da roca, a adorar-lhe a imagem piedosa da Veronica, que se divinisava no grupo em torno e que a luz empanada da candeia, para maior aureola, reflectia, no todo, e remordia, suavemente, na fuligem negra da parede. E só se retirou d'aquelle céo, quando os velhotes, futuros sogros, sentenciaram que estavam finda a seroada, era tempo d'irem todos p'ra debaixo da coberta.

Vendo portanto aonde se feria Manoela, Antonio nem lhe respondeu, apenas a varou, de cima abaixo, com um olhar de pouco caso, a módo de quem ouve uma ovelha balar tolamente.

Porém, ella quiz despique, advertiu arrogante:

— Escusas de me olhar d'esse geito! Tu p'ra mim vales tanto como um penedo desabrigado, vales menos que um sapo morto!

E por fim, os olhos flameos arremettidos contra os d'elle:

— E ouve, tu não me enganas. Pensas que eu não sei em que pé está o derriço? que não sei o que já tens feito com aquella... enfunada de purezas?

Aqui, elle, porque a sujeira da pastora raspara na castidade alva da sua noiva, tem sacões de lhe esborrachar impiamente a cabeça d'embate á primeira lage; emtanto retráe-se, por vêr que está ao defronte de uma mulher, esse fragil rebento da costella genesiaca, e que fala uma d'essas pêgas que malbaratam o amor generosamente...

Inda assim, para lhe varejar o ciume, diz, resumbrando uma deliciosa calma d'arreliento:

— Ora tu, Manuela, se sabes de tanta cousa nossa, p'ra que andas então a rondarme, a te amofinares por minha causa, p'ra que caminhas sempre na minha peugada?! E's peior que uma varejeira, ó moça! E olha que agora foste mais que isso. Se não fôra o seres... terias o pago. Offendeste-me com toda a tua bruteza de desavergonhada... pensastes que eu era p'ra hi um bigorrilha. Não sabes que gósto com todo o meu sangue, da Ernestina? Na minha salvação! era capaz de dar a vida por aquelle anjo! Palavra d'honra! era capaz de dar a alma ao Cão-tinhoso p'ra lhe salvar a d'ella! E por ti... Que diacho, hoje, só te tolero a ti por desfastio, as mais das vezes por compaixão.

A zagala sente o esvair de toda a sua essencia, o retalhar de toda a sua carne, e que preferiria achar-se esmigalhada, a ouvir aquellas palavras inquisitoriaes, a ouvil-as da bocca que lhe queimara as faces de beijos, a bocca que se lhe abrira em bizarrias madrigalescas, da bocca de um dos seus mais sequazes amantes. Comtudo tem a summa contractilidade de o não figurar, de moer todo aquelle rescaldo fulgurante que vinha de lhe crestar, de vez, a mais esplendente miragem do Goso. Ella fôra sabedora, havia muito tempo, de que Antonio tinha os seus amorelhos... uns amores fugidios, da leveza de

frocos de velo: jámais amores de liame tão forte e que tivessem o poderio de o levar á crueza de lhe jogar em rosto, por via de outra rapariga, semelhante escarneo! E' verdade que ella, Manuela, se excedera, tivera inconvenientes ha bocado, mas porque achara que elle lhe fugia, que outra, menos merecedora, lh'o arrebatava!

Mas Antonio é no presente todo castidade, todo juizo. Mesmo que o não fosse, tinha rinha de perfumes votivos á Innocencia e de redondezas puras de marmores bucolicos, que brincara com elle, que lhe encobrira muitas traquinadas a quando isso, e cujo coração fôra talhado a bem dizer, para elle.

Esperara até 'li para desposal-a. Os paes, de um e de outro lado, já haviam decidido o casamento: seria na outra semana. A arcasita dos noivos estava a cogular de roupa de baixo — linho e estopa; de saiotes e fatos

É UM ENCANTO VÊL-A SEGUIR, CONGLOBADA E MANSA...

grandes motivos — antes não, que desconhecia tudo — para desprezar Manuela, a lamacenta que se entregava a quanto podengo lhe apparecesse. Até o Justino Torto lhe servia! Justino Torto, um esquinado e tortuoso, — dil-o a alcunha, — um atrofiado, um pôço de todos os peccados mortaes, que passa a maior parte da vida no Hospital, e de quem fogem, d'horror, homens e mulheres, creanças e animalejos.

O que se segue é que Antonio tem um compromisso sagrado e rico como o ouro das custodias: casar com Ernestina, aquella moide briche e serrobeco; de coturnos e lenços. Pelo visto, era só casarem.

Ao fim de pouco tempo, nessa manhã, a pegureira desaparta o seu gado do gado do Antonio e rompe para outras gargantas, outras chapadas de pastios limitrofes dos de concelhos visinhos. Depois, á fulgencia de Venus, recolhe á córte sem enxergar mais este pastor. E ao outro dia, foge-lhe tambem, foge-lhe ao terceiro, mais ao outro e ao outro. A doida quer esquecel-o, quer serenar o fogo que lhe cerca o coração. Que esforço e que inutilidade! Porque mais

se recorda, mais a corroe a chamma — a chamma que lhe sóbe até aos olhos e os atiça a chisparem com pequenas treguas appetencias rubidas, extasiantes.

Os outros pastores bem se lhe apresentavam, bem a convidavam. E ella nada. Só queria o Antonio, só anciava aquelle tipo erecto, rijeza de roble, reforçadas espaduas d'Apollo amicleano, cobreação arabe, olhar de uma verdade de aguas de fraguedos.

Até que em uma manhã de muitas corollas pelos montes tangeu, decidida, affegosa, para os sitios de Antonio. Este ainda não estava, porém pouco tardou. Ao reconhecel o, á distancia, a subir de vagar a ultima lombada da serrania, foi ao seu encontro e, de um salto, enganchou-se-lhe ao pescoço.

Elle ia, ness' hora de fragancia pantheistá, sem contrariedades, bonacheirão e passivo, dominalmente olvidado do que se dera entre elle e a pastora. Por isso tolerou de boa cara aquella expansão cabriolante, abriu com leveza, ao fim de muita pieguice da amorosa, os engates d'aquellas falanges febris e continuou a ascenção sem o roçagar das ninharias que turvam, por tempo infindo, a vida do homem commum. E subindo, não offertava ao desapontamento d'ella, que bem se lhe antevia por exclamações apaixonadas mais que monosillabos frios.

Mas ella impacienta-se, não gosta de tamanha fleuma.

— Então só sabes responder, sim, não, ao que te digo, ó Antonio?! Negregado, queres vender as palavras? P'ro que dizes, — que é menos que um éco, — é melhor não abrires a bocarra. O que parece, afinal, é que tu nem ao menos queres falar mais commigo!

E elle nada. Por fim, tremeluziram lagrimas, suavisou.

— P'ra que é isso rapariga? Não sei porque choras... Eu ainda sou teu amigo. E sendo da tua vontade, continuarei a ajudar-te a... tratar do gado. Só o que não posso mais, é... Bem sabes, já sou...

— Não digas! não digas, por quem és! — elevou ella, saltando sobre elle, arremessando-lhe o punho encrespado sobre os beiços talhados.

— Já sei o que queres dizer!

E, em um giro d'estonteada, baqueou no chão, tomando a immobilidade material dos bronzes.

Desde então nunca mais ella conduziria o gado para os lados do Antonio, deixal-oshia para sempre! Antonio estava casado... E ella que ainda o não sabia!... Não quer mais saber do Mundo. O Mundo não tornará a alimentar-lhe amores, será uma malfadada charneca a apascentar-lh'os mortalmente.

E abandona todos os adoradores, saco-de-os, cheia d'asco, como viventes cenosos. Depois, tem occasiões de misanthropa, não deseja nem falar á sua gente, ás suas amigas, vêl-as, nem dar contas da grei ao seu amo. E tem-nas tambem d'excessos e de doidices de toda a casta: — Não recolhe á malhada, fica, sem manta, á orvalheira das noites d'inverno e só adormece a deshoras, quando os lumes das estrellas estão na agonia; enfia-se, de dia, se o rebanho anda em socego, pelo seio do Juncal... O Juncal — quem o desconhece? — é o Paraiso das viboras e o Inferno dos pastores: corpo que lhe pisar o solo, não escapará immune ás picadas d'aquelles ofidios, cujo veneno, mesmo depois de retalhado e sugado o halo que alastra, raro desapparece de todo.

Mas ha isto que acaba por desvirtual-a completamente: o amo paga-lhe as primeiras coimas. E' a quéda, o desmazelo em toda a linha do seu labor, por fórma a deixar algumas cabras bohemias dormirem pelos cabeços dos rochedos, com o perigo de rebolarem a despenhadeiros sem fundo. E ella que era tão boa empregada! Verdade, verdade, que virava todos os pastores em máos empregados — elles, tambem que não andassem atráz do seu saiote! — mas, a sua pessoa nunca o foi, podia orgulhar-se de ser a mais cultual serva de Pales.

Agora, Manuela não tira partido de nenhum d'esses excessos, e só vê, de repente, a felicidade do Antonio, que é esta: Ella, sua antiga amante, já o não arrelia, deixa-o livre, bem livre. Elle tem ao lado, bem recolhida á alma, a sua casta Ernestina, — a redouça que lhe dá e embala sonhos estellares e lhe afungenta a hora merencorea. Tem sempre, ao chegar do monte, a sua tijela de leitugas muito fumegante e olorosa. Tem a roupa sempre branca e perfumada. E qualquer dia terá o cantico lourejado de um filhito... Oh! como era de maguas tudo aquillo! Era preciso desfazer tamanha sorte!

E a doeira, ao recolher a manada, pelas

trindades, começa a passar pela porta de Antonio e a jogar-lhe para dentro remoques e mais remoques. Em um chamou, cantando, bexigosa á Ernestina. Esta era-o de facto, e não se agoniava por lh'o chamarem. Já conhecia ha muito tempo a cantiga:

Sou picada das bexigas,
Foi Deus servido eu tel-as:
Não ha nada mais galante
Que o céo com suas estrellas!

De resto, o seu rosto de amóra ao ruborisar pouco denunciava as cavidades e essas apenas ponteavam aqui, além. Antonio é que não gostara. Chegara a sahir, para impor satisfação, para ameaçar que não queria laivos na Ernestina. Que era tratar d'ir andando — Vidinha, vidinha! — Mas a remoqueadora já ia a sumir-se em um cotovello do caminho, só poude gritar, os punhos ameaçadores:

— «Canalha! Volta que eu te ensinarei!»

E fez uma carantonha livre.

Manuela continúa a passar, porém, não se sabe porque, torna só uma vez a falar para lá. Foi para affirmar, cabalisticamente, os beiços corropiando a fechadura da porta:

— Deixa, minha rosa, qu'inda has de ver aonde irá parar a tua linda sorte!

Ernestina, que bem se julgou o alvo do agouro e que estava só (Antonio ainda andava lá pela vida), encolheu-se toda, esbogalhou os olhos de terror e quasi tombou de desfallecimento. Quando chegou o seu homem, contou-lhe o succedido. Mas elle disse:

— Ora! Aquillo é uma maluca. Isso são cousas de cadela... que não morde!

E ella então cobrou animo, esqueceu desdenhosamente a ameaça.

Emtanto, Manuela procura certa vingança potente que sirva para contrapor ao despreso e á inimisade — agora tem-lh'a elle, bem o sentia! — que Antonio lhe devota e que, ao mesmo tempo, possa annular, virtualmente, a gloria e o prazer de a outra o possuir. Segue para o monte com isto sempre em visão e a tomar-lhe todos os sentidos. Senta-se sobre uma corcova. Colla as palpebras e ouve. Ouve, perto, a reza dirimente, cochichada. das regueiras encantadas entr'hervagens e, á distancia, o reboar surdo das aguas do rio Ouve, sem pausa, o ronronar da grei retouçando aceradamente a pastagem cerce e, minuto a minuto, os écos agudos dos chocalhos. E, todavia, aquella idéa sobreleva tudo, é o poliedro a cambiar fugazmente os tons das outras cousas.

Descerra depois os olhos com o frenesi de, sob as sensações da vista, apurar o acaso, de um detalhe, de um brilho do grande scenaro, o modo como poderá conseguir a desforra, E vê, pelas portas do casarêdo, carros transpondo, altos de carga, as rodeiras d'argila purpura. Vê, ajoujando o povoado, a toada esverdeada, profunda como almas, dos pinheiros bravos. Vê, no afastamento rapido da serra, os covões e valeiros enfestados de salgueiros graciosos e de freixos esbeltos. E vê longinquamente, pela linha cimeira, os dorsos contornados dos penedos os desfiladeiros abruptos do feldspatho ourado...

Mas nada lh'o apura: e o seu espirito prosegue na informidade de pesadelo. Passa dias e dias n'esta indecisão. Indecisão e monotonia, tambem, apenas cortadas ás vezes pelas luctas, no Penedo Grande, entre cabras ciosas, cujos choques desenfreados lhe desabrocham a idéa de praticar o mesmo, — luctar, assim, com a mulher do Antonio, luctar até lhe abrir chagas, até a pôr em um amarfanho de carnês expirantes, e por fim arrimal-a do ribanço abaixo. Emtanto — que loucura! como poderia ella attrahil-a lá ao monte, tel-a a geito? era uma insensatez.

E desabrocham-lhe, de outros contactos, mais idéas: ora com suavidades leviticas, ora irisadas de allegorias supersticiosas. — Pede licença ao amo e vae offerecer a mais linda, mais immaculada ovelha da mó á Senhora do Sameiro. Não se deita pelo S. João e vae apanhar, á meia-noute, a semente da feitelha.

Até que certa vez, estando ao borralho, os grillos brancos... — branquinhos que ella bem os viu — cantaram muito. E diz logo comsigo:

— Ora, mais vale tarde do que nunca. Tenho a sorte em casa. Olé!

E teve-a, ao outro dia.

Encarreirou-se para a serra antes da hora habitual. Havia nevoeiro cerrado. Ia sem saber para onde, ás cegas. Por isso, em plena subida não deixou de berrar a clas-

sica formula, para afugentar as matilhas de lobos:

Nevoeiro, nevoeiro,
Põe-te atraz d'aquelle outeiro...

Finalmente, com grande custo lá arribou a um pascigo qualquer. Mas pastoreou, pastoreou, e nada do carujeiro se desfazer: parecia coalhado como estanho, não a deixava enxergar uma pala á frente do nariz.

Sentia-se desolada, sem uma vibração supportavel. Não vêr nada, e apenas ouvir, muito longe... o som quebrado dos guisos... Que afflição lhe causava aquillo! Estava já a descrer do appetecido prenuncio dos grillos, quando repercute, de proximo, este desespero retalhante:

— Ai! meu Deus! Acudam! Acudam, que eu morro!...

A seguir, gradativamente, é tudo entapulhado por um cahos de gemidos. E d'ahi, cuida ouvir, como de uma bocca esvasiando amor:

— Manuela... O' Manuela!... Acó... de...

As suas pupillas então accendem-se, coruscam para todos os lados, e ella reconhece, sob as sapatas, o pastio de Antonio. Fôra a corujeira que a levara nas suas dobras plumbeas até lá. Acredita que o antigo amante realmente a chamou e arremessa-se para o vasio d'onde rolaram os gritos, que golfou a onda de confusão, que transmittiu a agonia. E, logo, o solo que calca é um grande carreiro de sangue, quente e rubro, como poentes.

— Os lobos! Os lobos! — diz ella, rapidamente, e sapateando de jubilo feroz.

A' distancia, fosforencias da côr de absintho clareiam, renitentes, na opacidade vaporenta. Mas a pastora não se arreceia, caminha sempre, e, a mais dois passos, destaca-se-lhe, á raiz de uma touceira, a cabeça do Antonio.

Naturalmente os lobos, na furia atassalhadora da divisão, procuraram apoderar-se cada qual, do quinhão mais fressurento, tenro ou carnudo, e desprezaram-na, ardilosamente, como o tasgalho abominavel de aquelle banquete.

Oh! mas para Manuela, que fôra amante do pastor, d'esse Antonio que a repulsara, enganara, e ligara para todo o sempre, perante os altares, o corpo ao de outra, era o sacrario onde iria guardar todo o amargor da sua vingança, tinha a mesma valia que a alma para o Diabo!

Por isso, a recolheu soffregamente, delirantemente, ao bornal, e, em outra correria ainda mais violenta que a da ida, voltou para traz, direcção do rebanho.

Era já pela hora de recolher, de sorte que, com a bruma, parecia noute. A pastora tinha de tanger o rebanho para o redil, mas... — com'assim, que o fizesse outra pessoa, que ella estava perdida! — não se importa e, sempre anhelante, louca, toma, só, para a freguezia.

Em um instante está defronte da casa da Ernestina. Logo que estaca, abre a sacola, soergue-lhe o fundo, e a cabeça de Antonio reapparece, negra e sanguinea, escalavrada e sfingica. Percorre-a toda com os seus beiços envenenados e lubricos, corróe-lhe os cabellos, a testa, as faces, compressa-lhe a bocca e beija-lh'a, suga-lh'a prolongadamente... Depois, afunda-a de novo, e bate á porta com agitação e nervo.

A cabeça da Ernestina surge risonha e meiga ao postigo, a perguntar o que lhe quer a moça pastora, e esta, arrancando para fóra do bornal a do Antonio, joga-lh'a brutalmente de encontro ao peito e responde:

— Quero dar te o fim da tua linda sorte. Ahi o tens! E soffre agora, anda, como eu já soffri quando tu me d'estes o fim da minha... Avia-te, ó menina d'esses olhos mortos, ó sempre pura e feliz!...

Rio de Janeiro.

COSTA MACEDO.

S. JOSÉ — A NATIVIDADE — A CIRCUMCISÃO

Triptyco de Gentil da Fabriano (1360-1428), existente no Museu do Louvre

Natal e Anno Novo

Arte religiosa—Lendas populares—Tradições locaes

Differenças dos tempos — A noite do fim do anno — Numeros e philosophias impotentes — O «alto» na carreira da vida — As recordações do passado — Inevitavel recordação da patria auzente — A festa do Anno Novo em diversos paizes — Nove mil apertos de mão — A «queima das illusões» — Votos egoistas.

Mais uma vez, depois de tantas, nos encontramos em frente da banca do trabalho, com o fim de um anno e o começo de outro nos biccos da nossa bem modesta penna. O thêma era já velhissimo quando se nos apresentava em nossa adolescencia; tem continuado a envelhecer comnosco, e envelhecendo mais e mais proseguirá, na companhia dos que hoje são moços, e ainda dos que o futuro hade trazer a occupar o sitio que lhes havemos de deixar vazio.

Com Gimenez Pastor diremos que quando entramos, illudidos e enthusiastas, para o jornalismo, abraçando a tão ingrata profissão das lettras, era este thêma o que a nossa penna abordava com maior jubilo, anciosa de fazer lindas phrases, de architectar eloquentes philosophias, que, todavia — oh! ingenuidade feliz! — haviam sido feitas e architectadas mais de mil vezes, e muito melhor do que a nós podia ser permittido.

Seguidamente foi o thêma afigurando-se-nos cada vez mais bonito, á medida que resultava mais serio e grave. A penna já não corria tão ligeiramente, com o airoso desembaraço e a ousadia dos primeiros tempos; detinha-se a miudo sobre os quartos do papel, em largos intervallos de abstracção ou de impotencia para transmittir o pensamento. Mas lá chegava ao fim com a alegria da nova aurora a despontar, olhando intemerata para deante...

Depois vieram muitas noites eguaes, de cada vez fazendo-nos sentir menos o antigo enthusiasmo e mais a propria noite: a noite-silencio, a noite-murmurio vago e impenetravel, a noite-meditação, a velha companheira e amiga de jornalistas e de escriptores, mais do que nunca sentimento, pensamento e voz, quando vae a fechar, como agora, com o seu negro silencio, a porta de mais um anno que findou.

A NATIVIDADE

De Giovanni di Pietro (1480-1532), existente no Museu de Louvre

Assim é, com effeito, a do ultimo dia de dezembro, a mais funda das noites do que trabalha em silencio — o silencio propicio ao pensamento e ao trabalho, só interrompido em altas horas pelo som dos passos de algum transeunte solitario, que repercutem na solidão da rua, por uma ou outra badalada que os eccos trazem d'algum sino distante, desvanecida pelas ondas do ar, emquanto as horas vão passando insensiveis, como pedaços da sombra em que se nos esgota a vida...

Estas horas apertam laços invisiveis, estendem redes de sympathia entre os espiritos cuja actividade assignalam, aqui e além, as luzes fluctuantes sobre o negro e largo silencio da cidade adormecida. Sentimos a communidade da tarefa, como que nos sentimos confortados ao pensar: — «Não estou só, embora o pareça... Outros trabalham commigo... A noite está cheia de pensamento.»

Taes noites estabelecem entre os espiritos que velam, animados pelos mais diversos ideaes, uma intima fraternidade, a fraternidade do trabalho constante, a fraternidade dos afans communs, a fraternidade das laboriosas insomnias perante os quartos brancos do papel, banhados pela luz amiga da lampada — fiel e discreta companheira do labutar solitario com que vamos enchendo de lettras e de palavras esse papel, lettras e palavras sobre as quaes hão de, mais tarde, revolutear as «gentis mariposas da illusão» e germinar, florescer e abrirem-se as bellas flores dos sonhos...

Em certo sentido, para as gentes que querem ser tão praticas e para espiritos que se crêem obrigados a ser tão positivos como os do seculo XX, a extincção de um anno e o começo de outro, deviam ser coisas pouco menos de indifferentes, ou mesmo indifferentes de todo. Questão de horas, minutos e segundos, que arredondam no tempo uma conta parcial, para uma época que vive de numeros, que mede a sua existencia em metros e milimetros, e que a avalia em *réis*, para uma época que viu já o prisma arrancar á poesia do céu as luzes do arco iris, a correia sem fim dos dias deveria consumar o seu cyclo tão uniformemente, que, na realidade intima das coisas nada assigna-

lasse a hora em que um anno mais resvala para o abysmo do tempo. E, todavia, não é assim.

E' que os numeros e as philosophias não lograram ainda destruir esta pequena fracção do infinito em que se refugia o lyrismo, proscripto da vida pratica, e isso que se chama hoje espirito, o X da equação, ainda se não resolve por A mais B, pede todos os annos um pouco de si proprio trazendo-nos a esta situação pueril de illudidos, que, segundo a gente pratica, celebram um acontecimento que não é acontecimento! O tempo não se detém, sem duvida; isto é positivo, confessemol-o para tranquillidade dos taes praticos, mas a nossa alma necessita fazer um «alto» na implacavel carreira, reconhecer-se a si mesma fóra do nada colossal do infinito. E' um momento de abstracção que se concede e no qual descança, para depois proseguir na derrota.

A ADORAÇÃO DOS MAGOS
De Stephan Lochner

A ADORAÇÃO DOS MAGOS
De Correggio

Ainda com Gimenez Pastor diremos tambem, em ultimo termo, que tudo está dentro da mathematica; tranquillizem-se os espiritos positivos! Assignalar um limite entre um anno e outro, não é mais do que a maneira de contar como o tempo vae matando-nos, como bebemos cada anno uma taça de melancolia pelo passado e outra de illusão pelo futuro. Aquella certa; enganosa esta, quasi sempre.

*

Pensem e digam o que quizerem as gentes praticas e positivas a que temos alludido, não existe nada novo, nem commemoração alguma que tantas recordações cause e desperte na imaginação como a das tradiccionaes festas do Natal, que abrangem todo o periodo desde 25 de dezembro do anno velho até 6 de janeiro do novo anno. Periodo cheio de saudosas, e, por isso mesmo, doces lembranças, durante o qual, no decorrer dos annos, se accumularam em nossa mente quadros e episodios do genero dos que a imaginação não pode jámais olvidar. Atravez da distancia e do tempo, perduram sempre tão agradaveis imagens e recordações venturosas; e ainda mesmo na velhice, quando já os netos saltam sobre os nossos joelhos, e (emquanto esperam anciosos pelas guloseimas d'estas noites e d'estes dias de festa familiar) nos pedem que lhes contemos alguma historia, se lançamos a vista ao passado, como em magico kaleidoscopio, ou em moderno cinematographo, apparecem-

nos, bem nitidas, scenas e lembranças d'este tempo, que bastam, por si sós, para alegrar a aridez dos annos senis, e para povoar de risonhas alegrias as sombras tristes em que se vae diluindo, como sombra tambem, a existencia dos que velhos se sentem, porque até a propria existencia dos netos bem claramente lh'o faz comprehender.

Os annos da juventude ficam gravados na memoria como se n'ella se steriotypassem com toda a precisão e nitidez. Quarenta annos depois de qualquer successo, crêmos ver ainda as coisas passadas com toda a firmeza do seu colorido e em toda a belleza dos seus contornos. E as noites d'esta época de festa tradiccional da familia são, e serão sempre, no inexgotavel archivo da nossa memoria, fonte tambem inexgotavel de consolações e de refrigerios.

A FESTA EM FAMILIA — A ARVORE DO NATAL

Desenho de H. Merté

*

As festas propriamente religiosas d'esta época, as lendas populares que originaram, e as tradicções locaes a que deram motivo, inspiraram, em todos os tempos, algumas das mais notaveis obras d'arte que hoje enriquecem os principaes museus do mundo, e são motivos da admiração e apreço dos entendidos no culto do bello. De algumas d'essas verdadeiras joias da arte religiosa, damos nitidas reproducções a acompanhar este artigo, que assim serve de bem tôsca moldura a taes preciosidades.

Mas as festas do Natal são tambem não só religiosas e populares como patrioticas, sobre tudo quando o destino nol as faz passar longe da terra que nos viu nascer. Ha paizes em que estas festas se celebram com verdadeira pompa e ha outros em que as circumstancias da terra bastam apenas a proporcionar bem modesta commemoração aos seus habitantes. Nas calidas zonas das regiões proximas ao Equador, estas festas revestem um caracter muito diverso do que teem na Europa. Nos paizes do hemispherio sul, é o verão que preside á commemoração do anno novo, e os que lá habitam gosam dos esplendores de uma natureza radiante, e podem livremente, sem medo aos frios crueis dos nossos climas, entregar-se ás diversões proprias de tão assignalados dias.

A pessoas que teem passado algum fim de anno em taes regiões, temos ouvido asseverar, e acreditamol-as piamente, que não

lhes sabiam como saberiam em sua patria os typicos manjares consumidos nas mezas de festa, em obediencia a um culto que perdura atravez das idades. No meio das maiores alegrias, notaram sempre qualquer coisa, assim como se uma vaga reminiscencia, um apagado ecco da terra onde viram a primeira luz, viesse perturbar-lhes o brilho do olhar. Poderá passar o homem annos e annos sem ter uma unica recordação para a patria de que se encontre ausente, mas não ha um só, infeliz ou venturoso, que, em dias como os que ora decorrem, deixe de olhar para o passado, erguendo do pélago do esquecimento para a visão da memoria, scenas e palavras, factos e figuras, que resoam e luzem com eccos e matizes de agradabilissimo encanto. Assim se approximam mentalmente da patria longinqua, trazendo-a até elles, ou indo até ella, na magica evocação da mais vivida saudade...

*

O dia do Anno Novo, ou Anno Bom, que por ambas as fórmas é designado o dia 1 de janeiro, assume aspectos muito variados nos diversos paizes do globo. Em França, como em Madrid, Barcelona, Lisboa e outras cidades importantes latinas, apparecem as ruas extraordinariamente movimentadas, vendo-se innumeras personagens carregadas de presentes, para os seus ou para os estranhos, quasi sempre correndo, na intenção de poderem a todos contentar e a todas as relações fazer os seus cumprimentos de boas festas. Os môços de frétes não teem, n'esse dia, *mãos a medir,* como se diz em linguagem pittoresca. Andam, o que se chama *n'uma roda viva.* As confeitarias realisam n'esta época o mais importante negocio de todo o anno. E' a época dos *pudings,* das trouxas d'ovos, e das grandes peças montadas, verdadeiros monumentos á guloseima das familias e não menos verdadeiras obras primas da arte de confeiteiro, que não poucos ahi classificam entre as artes que de bellas teem o nome... (E não seremos nós que os havemos de contradizer!)

Nas outras capitaes europeas succede o mesmo. Tudo parece respirar alegria. Todos se felicitam, e sede sejam um novo anno cheio de venturas.

Na Russia, o costume é muito outro. Desde as primeiras horas da manhã que se dão mutuamente abraços, em plena rua, todos quantos se encontram, conhecidos ou não. A esse tradiccional costume nem o proprio Czar ousa subtrahir-se. Quando o vão cumprimentar a palacio, os funccionarios da côrte e os altos personagens da burocracia moscovita, o imperador não só abraça a todos os que se lhe apresentam, mas tambem os beija, por trez vezes seguidas, nos labios. Não é, decerto, este um costume muito limpo, mas é um costume a que o «autocrata de todas as Russias» se não peja de prestar culto.

E não se pense que estes abraços e estes beijos são apenas para os principes, granduques e outros magnates palatinos, pois tambem o Czar beija e abraça os proprios cossacos da guarda do palacio, e, porque lhe seria absolutamente impossivel abraçar e beijar a todo o exercito do seu paiz, abraça e beija a uns tantos homens de cada regimento!

*

Na republicana America do Norte a pratica é tão simples como na Russia, mas não mais egualitaria. O presidente abre as portas da Casa Branca a todos os cidadãos e ahi abraça e aperta a mão a quantos em tal dia o querem felicitar. Um jornalista newyorkino, no afan de bem detalhadamente informar o seu periodico, deu-se ao pacientissimo trabalho de contar os apertos de mão dados e recebidas pelo presidente Roosevelt, no dia de Anno Novo de 1906, e chegou *apenas* até 9:052. N'estes cumprimentos se gastaram, segundo elle asseverou, 3 horas e 44 minutos. A cerimonia ameaçaria eternisar-se, se o presidente ou quem quer que é que superintende nos assumptos de pragmatica da Casa Branca, não tivesse recorrido a um engenhoso estratagema. Uma banda militar, postada ao fundo do salão presidencial, tocava constantemente um passo dobrado, e, d'este modo, não só inutilisava todos os propositos de discurso como obrigava os que apresentavam cumprimentos a marchar a compasso, sem poderem deter-se mais do que o tempo restrictamente indispensavel para apertar a mão do chefe do Estado.

Tambem o Anno Novo *yankee* se distingue pela mais ampla hospitalidade. A nin-

guem se nega, em tal dia, o que possa necessitar ou pedir. «E' o dia em que começa um anno e é preciso que todos sejam satisfeitos.»

Nas regiões orientaes, ao contrario, cada novo começo de anno é saudado com demonstrações da mais profunda dôr. Tudo depende do ponto de vista adoptado, e assim se explicam muitas coisas que d'outro modo pareceriam inexplicaveis. Nós vemos em cada Anno Novo, um novo anno que começa, para disfructar e para viver. Elles consideram-no como um anno mais que findou, terminando a sua carreira. Na Persia, principalmente, ha cidades onde o dia primeiro do anno é um dos mais tetricos. E' dia de luto geral. Todos os habitantes se sentem mais velhos, e como a velhice é a morte das illusões, d'ahi vem que, em Teheran e Ispahan por exemplo, se presenceiam os mais raros espectaculos. Toda a gente veste de luto, ouvem-se gritos por toda a parte, e a tristeza vê-se espelhada em todos os rostos.

COSTUMES POPULARES ALLEMÃES — A CHEGADA DOS MAGOS

Desenho de George Hahn

Na India, então, a alegria é o mais ruidosa possivel. Mal rompe a aurôra, a cidade hindu apresenta logo o mais extraordinario movimento. Tudo é bulício e animação. Em folhas de figueira, é levado, de casa em casa, o arroz sagrado, feito n'essa manhã, em todas as cosinhas em festa, antes de romper o sol. As primicias da cosinha são dadas ás vaccas dos estabulos. Desventurada é a casa onde se quebrar a caçarola em que se ferve o leite, e felizes aquellas onde tal desastre não succede. No dia seguinte, as vaccas são trazidas para o melhor aposento da habitação, e, ahi, toda a familia da casa lhes presta homenagem. E assim se santifica o novo anno.

Na noite de 1 de janeiro os rios hindus apresentam o mais phantastico aspecto. Sobre milhares e milhares de cabaças ôccas, ou em quaesquer outros objectos que possam fluctuar, são lançadas á corrente das aguas méchas de filamento vegetal alimentadas por oleo de palma, e accesas no acto do lançamento. A corrente vae arrastando vagarosamente esta extranha illuminação, ao ver a qual se diria estar presenceando o desfilar de uma interminavel flotilha de microscopicas embarcações de um reino de fadas. Aquellas luzes, confiadas á corrente dos rios, representam as illusões que passam para nunca mais voltar.

Na China, o novo anno começa a 25 de janeiro, e não a 1 como entre nós. Celebram-se illuminações extraordinarias. Durante tres ou quatro noites consecutivas brilham milhões e milhões de lanternas de todas as classes e feitios, o mais altamente collocadas que é possivel, «para que as almas errantes, que vagam pelo infinito dos

espaços, possam ver o cemiterio onde repousam os seus respectivos esqueletos».

No Japão, quando, n'este dia, se encontram dois amigos ou conhecidos, olham-se, inclinam-se um para o outro, quasi de cocoras, e dizem: *Omedeto! Omedeto!* ou seja Bom anno! Bom anno! E sem mais um gesto, sem mais uma palavra, voltam á primeira posição e cada qual segue o seu caminho. N'esse dia, o amor e a tranquillidade reinam em todas as casas. Por muito que haja arrefecido o amor de um matrimonio, no dia primeiro do anno como que se reaccende a chamma que illuminou os dias da lua de mel. Madame Chrisanthemo torna-se carinhosa e amante; e o marido é outra vez o apaixonado joven d'outro tempo. Entra submisso nas habitações da esposa, inclina-se com a maior correcção, ella devolve-lhe o carinhoso cumprimento, abraçam-se os dois e a recordação dos tempos idos vem sellar a curta lua de mel, que assim reverdece periodicamente. Isto, em regra, com as excepções que nos seja licito suppôr...

•

Anno Novo! Anno Novo! Marcas o termo de uma era da vida, para indicar o inicio de outra, que, segundo a promessa mental de todos, deverá ser distincta da anterior. Passam os dias primeiros de cada anno e não se transformà nem se modifica o modo de viver. Decorrem alguns dias mais e ninguem ha capaz de reagir comsigo proprio.

O 1910 terá necessariamente a mesma sorte de todos os que o precederam no desenrolar dos seculos, pois tambem deve ter escutado milhares de promessas que nunca hão de ser cumpridas.

Que para os que lerem esta prosa elle decorra, ao menos, proporcionando-lhes todas as venturas que possam apetecer, taes são os nossos votos.

E n'isto entra tambem um pouco de egoismo... porque fomos os primeiros a lêl-a nas provas de granel e nas de pagina!...

Oxalá que taes votos sejam escutados por quem de direito.

ARTHUR BELMONTE.

DEBILITADOS *por* **EXCESSOS de forças physicas e musculares, pessoas excessivamente NERVOSAS,** *curam-se completamente com a* **Somatose em pó ou liquida (dôce ou secca). Vende-se nas pharmacias e drogarias.**

Senhoras em evidencia

Literatura

Attinge-se melhor a verdadeira noção da época de *Madame de Sévigné* em qualquer das cartas a sua filha, do que em quantos *in-folios* dos chronistas palacianos. Através das paginas intimas, escriptas sem a preoccupação da publicidade, adivinha-se a explicação de muitos casos enigmaticos que a subserviencia dos historiadores occultou para agrado dos imperantes.

A historia dos tempos que vão correndo deve ser dos trabalhos mais difficeis de que se occupará a critica historica de d'aqui ha alguns annos. O embate das paixões politicas, dos odios pessoaes, a desorientação das opiniões, exigirá do estudioso um esforço verdadeiramente superior, para que do fundo d'aquelle poço tenebroso, surja limpida e nua, a verdade — eterna Esphinge de todos os seculos!

D. BRANCA DE CARVALHO

De resto, a historia não é hoje e não será mais, o relato frio, secco e louvaminhoso dos mandantes, que sinthetisavam toda a vida dos povos. Não se fazia a historia d'uma época; contava-se a vida d'um principe. Os governantes d'hoje são, para a historia implacavel, figuras como as outras, frisando mais ou menos o seu tempo, conforme a evidencia e a efficacia da sua acção pessoal, no conjunto harmonico dos elementos de valor d'uma nação. Mais do que as phisionomias realengas, a critica historica terá de trazer em todo o relevo, ao de cima dos factos, os typos mais salientes e preponderantes de entre os homens publicos.

A biographia d'esses homens não se limitará aos factos de conhecimento correntio, mas será preciso descer (ou subir!) á vida intima em que muitas vezes se prendem factos de interesse geral, que só nella poderão ter explicação.

A senhora D. Branca de Carvalho, um finissimo espirito, uma senhora de nome consagrado entre as damas portuguezas que no nosso paiz se teem entregado a ingloria faina das letras, acaba de publicar em edição primorosa, um volume intitulado *O romance d'um homem politico*, em que se descreve brilhantemente a mocidade d'uma das mais salientes personalidades politicas dos ultimos tempos no nosso paiz.

Comquanto o véo do mysterio encubra o nome d'esse estadista, ha no volume cuja factura é verdadeiramente primorosa, paginas da mais flagrante e perfeita auto-biographia, que d'aqui a algumas centenas de annos, feitas em pó as suas figuras, e limpa dos preconceitos sociaes a historia, constituirão documentos de excepcional valor.

A senhora D. Branca de Carvalho é auctora de alguns romances de muito valor, publicados já ha alguns annos, como *O preço da felicidade* e *A virgem de Malaca* trabalhos que só por si, qualquer d'elles, consolidaria o renome litterario d'esta illustre senhora.

A pleiade de senhoras portuguêsas que se dedicam

á literatura é hoje um distinctissimo grupo que honra sobremaneira o nosso paiz. Entre ellas cabe sem duvida um dos primeiros logares á senhora D. Branca de Carvalho, pelo seu talento, pelo seu espirito e pela sua vastissima erudição.

Escriptores brazileiros

BAPTISTA COELHO
(João Phoca)

Baptista Coelho é um escriptor e jornalista brazileiro cheio de graça e de talento. Os seus romances e as suas obras de theatro são a pedra de toque por onde se póde avaliar o subido quilate da sua intellectualidade. A revista agora em scena no theatro da Rua dos Condes, *Fado e Maxixe*, são uma prova eloquente do seu merito de comediographo, do seu espirito de observação, do sal que sabe derramar aos punhados em tudo a quanto imprime o seu cunho de literato, scintilante, de chronista moderno, de *diseur* incomparavel.

Chronica da moda

A transformação dos penteados. — A simplicidade encantadora dos penteados modernos. — Os chapéos desta estação. — A grande moda do velludo para todas as toilettes. — As suas guarnições — As saias brancas rendadas e as chemisettes ou blusas. — Os grandes paletots de pelluche guarnecidos de pelles.

E' muito notavel a transformação porque passaram ultimamente os penteados das senhoras

As grandes pôpas foram completamente postas de lado e os penteados complicados e difficeis cederam o seu logar á fórma da mais encantadora simplicidade que se poderia desejar.

Os cabellos apenas ondulados, separam-se ao meio ou a um lado por uma risca e formam dois *bandeaux* sobre a testa, tufando largamente dos lados e formando á roda da cabeça uma especie de turbante muito singelo e artistico tambem.

Esta singularissima fórma de penteado deve ter sido inspirada pelos novos chapéos desta estação, cuja caracteristica é *coiffer* em toda a accepção da palavra.

E' pois fóra de duvida que com estes lindos chapéos de inverno, enterrando-se muito na cabeça, os penteados trabalhosos, com *pastiches* e *chichis*, não teriam razão de ser; e ainda bem que a simplicidade e o bom gosto vão suplantando as fantasias e os artificios dos penteados das senhoras.

Como chapéos modernos, estão fazendo furor esta estação *as toques* de pelles, os *tricornes* e *bicornes* em *poiluchon* e *melusine* guarnecidos apenas de galões *vieil or*, *aigrettes* ou *azas*.

Tambem se usam muito os grandes chapéos com as abas levantadas dum lado apenas, e descidas completamente do outro. Estes chapéos, em velludo, tendo por guarnição unica uma grande pluma artisticamente collocada, são muito graciosos e emmolduram vantajosamente um fino rosto de mulher bonita, formando-lhe como que o fundo do quadro em que o seu busto se destaca artisticamente.

*

Outra nota muito frisante desta estação é a grande moda de velludo para vestidos elegantes, *toilettes* de noite, *troteurs*, *manteaux*, etc.; mas um velludo, flexivel, manejando-se com facilidade e em tons escuros diversos. Ha uma gamma espantosa de nuances nestes velludos, e difficilmente se idealisará uma *toilette*, mais bonita para a rua que um *costume tailleur*, em velludo, feito por uma artista de nome.

As guarnições para estas *toilettes* são apenas os botões, os galões, a *soutache* e as bandas de pelles, pois nada se harmonisará talvez tão bem com o velludo como são as pelles.

Para usar com estes vestidos de velludo, estão completamente banidas as saias de côres e nada com estas *toilettes* irá melhor, que as saias brancas finissimas, guarnecidas de rendas ou bordados, e a *chemisette* de *batiste* branca. O contraste é certamente *exquis*, mas dá entre as pessoas elegantes a nota do verdadeiro *chic* desta estação.

Todos os tecidos leves como a *batiste* ou *mousseline*, rendas ou bordados, devem ser ligeiramente engommados, porque a simples passagem a ferro não bastará. Uma ligeira agua de gomma, além de conservar aos tecidos finos a apparencia de novos, é precisa para fazer sobresahir os relevos dos bordados e dar graça e valor ás rendas. Esta operação da *amidomage* não é para todas as mãos; requer mãos de anneis, finas, leves e experimentadas, que saibam conservar a graça e flexibilidade das rendas e dos tecidos.

As *chemisettes* ou blusas são quasi todas guarnecidas nesta estação, com um comprido e largo *jabot* plissado ou finamente encanudado.

Tambem não deixaremos de chamar a attenção das nossas leitoras para os grandes *paletots* de *pelluche* guarnecidos de pelles. Um grande *paletot* em

VESTIDO DE RENDAS, PARA SARAU, ULTIMA MODA EM LONDRES

pelluche de seda preta forrado de setim com golla e punhos de raposa preta, tambem é indispensavel, como abafo, a qualquer senhora elegante. Estes casacos são muito sobrios de guarnições e fecham, um pouco abaixo da cintura, apenas com um botão de *strass* e uma azelha de *passementerie*.

A fraqueza do corpo, dibilidade dos membros e nervosismo das senhoras, dissipam-se por completo com a **SOMATOSE.**

O regresso d'El-Rei

PARTIDA DO CORTEJO PARA O PAÇO DAS NECESSIDADES

Theatros

S. Carlos. — E' de verdadeira justiça prestar homenagem ao distincto emprezario Mimon Anahory pela fórma como vae constituindo a época no nosso theatro lyrico.

Desde a noite de 15 de novembro, em que se iniciou a época, até hoje, os espectaculos teem deixado em todo o auditorio, as mais agradaveis impressões de arte, tendo sido dispensados calorosos e enthusiasticos applausos ao conjuncto de artistas da bella companhia franceza.

De novo o lindo drama lyrico *Le Chemineau* executado sob a direcção do seu auctor Xavier Leroux, alcançou um extraordinario exito, devendo accentuar-se que d'esta vez, a encantadora partitura obtivera maior realce ainda pela melhoria do *ensemble* que imprimiu vigoroso colorido a todos os trechos musicaes, registando com brilho os mais insignificantes detalhes.

O *spartitto* do *Caminheiro* impõe-se, não só pela belleza da melodia, repassada de sentimento, como pelos effeitos da orchestração que attingem uma fórma modelar. As empolgantes scenas do 2.º e 3.º actos, o preludio orchestral d'este acto, o *intermezzo* do 4.º filiado sobre um velho thema do canto do Natal, o duetto do 1.º acto entre o soprano e o barytono são, de facto, d'um brilho inexcedivel e marcam o superior valôr do *Chemineau*.

Coube a interpretação ao soprano Hilda Fretal, tenor Gilly, barytono Bourbon que se revelaram artistasde alto valor, e ainda aos sopranos Gustin e Renaux e baixo Sequien, cujo conjunto mereceu, como dissemos, bastos applausos.

Seguiu-se-lhe as duas operas *La Navarraise*, de Massenet e *La Legende du Point d'Argentau*, de Fourdrain, novas para Lisboa.

La Navarraise, cuja estreia se realizou no theatro Covent-Garden, de Londres, ha quinze annos, é, sem duvida, um trabalho de valia.

A musica acompanha a acção dramatica do libretto n'uma elevada concepção artistica que sobremaneira honra Massenet. Nas suas paginas doridas, mormente na scena da loucura, Massenet marca com expressiva accentuação, o traço vivido de dôr e no delineamento empolgante da acção regista com vigor, o seu nome de compositor distincto. Basta o sublime *nocturno* que a orchestra executa apóz a sahida precipitada de *Anita* para se divisar a mão do mestre.

Justo, porém, é dizer-se que poderosamente concorreram para o successo que a partitura de Massenet alcançou entre nós, os seus dois principaes interpretes: madame Héglon e tenor Granier.

Héglon Leroux é uma artista distintissima; a cantora e a comediante ligam-se n'um forte amplexo. Como cantora se evidenciou logo ao entrar em scena e o confirmou depois no duetto com o tenor e no andante *Ah! Marier donc son cœur*. Como comediante se revelou em especial nas scenas finaes da opera. O seu primoroso trabalho foi coroado com uma salva de palmas de toda a assistencia. Eguaes manifestações obteve o tenor Granier que possue uma voz extensa e bella escola de canto.

A partitura de Fourdrain, *La Legende du Point d'Argentau* é a perfeita antithese da *Navarraise*. Esta é impetuosa, violenta, aquella, delicada e com o seu quê de mysticismo que bem traduz o seu romantico libretto.

La Legende teve como interprete a distincta artista, madame Fretal que confirmou os creditos que obtivera no *Chemineau*.

E para complemento falemos ainda das operas *Thérèse* e *Fortunio*, novas tambem para Lisboa e que, como as anteriores alcançaram um ruidoso successo.

Thérèse é impulsiva, arrebatada, vehemente, possuindo scenas de forte tensão dramatica que veem recordar essas paginas crueis e tristes da revolução franceza.

Em contraste, outras ha, subtis delicadas, que Massenet descreve com o seu superior talento.

O desempenho esteve a cargo dos artistas Héglon e Granier, quanto basta para se ajuizar do triumpho obtido pela *Thérèse*. A citar temos, as arias do 1.º acto *Oui, je t'aime, je te venere; Le parc! Et le perron!* O duetto em tempo de *minuetto* e os finaes do 1.º e 2.º actos em que os dois artistas foram de superior interpretação. Unanimes applausos lhe foram feitos, bem como ao maestro Leroux que dirigiu a opera com muita proficiencia.

ELSA BLAND

A comedia lyrica em 4 actos *Fortunio* extrahida da peça de Musset, é, sem a maior duvida um magnifico trabalho musical. Succedem-se as lindas melodias a que Messager juntou uma harmonia de superior effeito pela escolha dos timbres que formam um conjunto, por vezes, originalissimo. O 2.º acto e o preludio orchestral do 3.º, são verdadeiras joias musicaes

Messager é um dos compositores francezes de maior nomeada e occupa actualmente o cargo de director de orchestra do theatro da Grande Opera de Paris.

Mademoiselle Silian Grenwille que se estreou no *Fortunio*, recebeu uma carinhosa manifestação de apreço. Foram egualmente muito applaudidos o barytono Bourbon e tenor Gilly.

LADISLAWA HOTKOWSKA

A fechar esta brilhante serie de recitas da companhia franceza, deu-nos a intelligente empreza Anahory a opera em 4 actos *La Reine Fiammette*, poema de Catulle Mendès, musica do celebre maestro Leroux. Se no *Chemineau*, Xavier Leroux revelou qualidades de compositor distincto, na *Reine Fiammette* o seu talento patenteou-se nitidamente, moldando-se á uma maneira de ser poetica e graciosa.

CLARA JOANNA

As scenas d'amor, aquella frivolidade que caracterisa á protagonista, estão traçadas por Leroux com verdadeira mestria.

Toda a acção é, passo a passo, sublinhada pela

orchestra de fórma, que não ha um lance dramatico, uma phrase d'amor, que a musica a não delineie com viva côr, saltitando d'um para outro instrumento com inexcedivel facilidade e sem que as vozes percam a sua supremacia.

No 2.º e 3.º actos, muito especialmente, o trabalho de Leroux attinge a culminancia da arte com effeitos orchestraes, que constituem a principal belleza da partitura.

Bom é, porém, que se diga, que o exito da opera, entre nós, muito deve ao valor de Valandri, que é uma eximia cantora e uma actriz consumada. A sua voz encanta. Phraseia com facilidade e sabe emittil-a com arte.

O tenor Granier, cujos dotes artisticos já patenteamos, foi um illustre cooperador de Leroux e Valandri. Muito bem os demais artistas.

E assim de exito em exito terminou a companhia franceza as suas recitas deixando agradavel impressão no auditorio de S. Carlos.

Companhia de opera lyrica italiana. — Esta companhia estreiou-se no dia 22 com a opera de Bérlioz *Dannazione di Fausto.*

O elenco consta dos seguintes artistas:

Maestros directores de orchestra: Mascheroni, Bossa e Molajuoli (substituto).

Maestro de córos: Loriente.

Director de scena: Superti.

Sopranos e meio-sopranos: Baldassare e Lerma (de-

EMILIA SCAFIDI

zembro a 8 de fevereiro), Gay (janeiro), Giudice (22 de janeiro a 22 de março), Hotkowska, Joanna, Mantelli, Jeanne Morini e Marta Morini (8 de fevereiro a 8 de Março), Scafidi, Rosina Storchio (fevereiro a março), Carmen Toschi (até 8 de março), Dina Borgai e Ada Favi.

Tenores: Ballin (até 8 de fevereiro). Carpi, (desde 8 de fevereiro). De Tura (desde 12 de fevereiro), Gilion (até 8 de fevereiro), Giorgi (até 8 de fevereiro), Giraud (desde 25 de fevereiro), Favi e Paggi.

Barytonos: Luca (até 18 de janeiro), Galeffi e Nani (desde 22 de janeiro), Rossi, Niola, Ottoboni.

CARLOS BALLIN

Baixos: Dammaco, Nicoletti Kormann e Brilli.

Corpo de baile: Bottazzini, coreographo; Casella, 1.ª bailarina, Carlington e 24 bailarinas.

Ponto: Casellato.

Scenographo: Stefani.

Machinista: Vago.

Aderecista: Tubilal.

Electricista: Zarazaga.

74 professores de orchestra, 76 coristas, 30 professores de banda. Scenarios de Bertini & Pressi e Magni, de Milão. Guarda-roupa da casa Chiappa, de Milão.

Repertorio (operas novas): *Wally* de Catalani, *Hänsel* e *Grëtel* de Humperdinck. Além d'estas, outras escolhidas entre as seguintes: *Dannazione di Fausto* de Bérlioz, *Carmen* de Bizet, *Mefistofele* de Boito, *Linda de Chamounix* e *Elixir d'Amor* de Donizetti, *Fedora* de Giordano, *Palhaços* de Leoncavallo, *Cavalleria Rusticana* de Mascagni, *Manon* e *Werther* de Massenet, *Africana* de Meyerbeer, *Gioconda* de Ponchielli, *Tosca* de Puccini, *Guilherme Tell* de Rossini, *Samsão e Dalila* de Saint-Saens, *Aida, Otello, Rigoletto e Traviata* de Verdi, *Lohengrin, Siegfried* e *Tristão e Isolda* de Wagner.

D. Maria. — Com a peça de Oscar Wilde, *Um marido ideal,* traducção do sr. Freitas Branco, se realisou a inauguração da época.

Não se poupou a sociedade artistica exploradora do Normal a despesas; bem claramente demonstrou os muitos esforços empregados para conseguir pôr em scena uma peça tão grandiosa. E pelo esmero e bôa

vontade que de sobejo provou agora, muito ha a esperar em futuros emprehendimentos.

A peça que se acha consagrada em Londres foi, entre nós, recebida com inumeros applausos e d'elles partilhou, com justiça, o distincto actor e ensaiador Augusto de Mello.

No desempenho distinguiram-se os artistas Adelina Abranches, Augusta Cordeiro, Cecilia Machado, Maria Pia e Joaquim Costa. Foram todos muito victoriados.

D. Amelia. — A primeira peça nova da época foi *L'amour veille,* de Flers e Caillavet, traducção de Manuel Penteado e pode dizer-se que a empreza do D. Amelia encetou as novidades da presente temporada, com chave de ouro.

AUGUSTO ROSA

L'amour veille é uma peça encantadora. A graça, o espirito atravessam os seus 4 actos sem o mais leve esmorecimento e com muita e faiscante originalidade.

Tem effeitos e situações d'um comico irresistivel e por vezes, scenas d'um sentimentalismo delicioso, dando bem a nota do theatro francez de que Flers e Caillavet são illustres cultivadores.

Como sempre, no desempenho, obteve o primeiro logar o eminente artista Augusto Rosa, que no final do 1.º acto apresentou um soberbo trabalho.

Auxiliaram muito bem o distincto artista, Palmyra Bastos, no encantador papel de *Jacqueline;* Emilia de Oliveira, no de *Luciana* e Henrique Alves, no de *Ernesto Veinet,* de bastante difficuldade; Chaby Pinheiro Azevedo, Barbara, Luz Velloso, Jesuina Saraiva, Leonor Faria, Emilia Sarmento e Elvira Costa em papeis de menos responsabilidade.

A traducção de Manuel Penteado é muito correcta.

A peça *Samsão* que o D. Amelia deu em 3.ª recita de assignatura, é o que se chama uma verdadeira obra de theatro.

Sem artificios e complicações, fugindo por completo ao convencionalismo, as scenas decorrem simples e naturaes n'uma intensidade dramatica crescente e n'um forte poder de verdade que constituem o segredo de Bernstein. Lances de dôr, coleras intensas, rugidos de raiva, tudo se choca tão intimamente, com tanta simplicidade que a peça deslisa pelo tablado como um galopar d'um esquadrão ao longo de uma planicie.

Todas as scenas d'essa suggestiva peça de Bernstein são tão profundamente humanas, teem um vinco tão fundo de verdade, que subjugam e impõem-se na sua inteira plenitude. E é depois de vermos uma peça como *Samsão* e de assistirmos a um trabalho de arte como o que apresentou o grande actor Augusto Rosa, que ficamos, como que mal habituados para applaudir tudo que appareça.

Falta deveras palavras para bem galardoar o primoroso trabalho de Augusto Rosa. A scena do 3.º acto é grandiosa, empolgante, magistral. A extraordinaria ovação que recebe sempre que sobe á scena o *Samsão,* demonstra bem quanto impressionativo é o seu maravilhoso trabalho.

Merecem egualmente elogios as actrizes Angela Pinto, que deu ao papel de *Anna Maria* uma superior interpretação; Emilia de Oliveira, Barbara, Chaby Pinheiro, como sempre com muita naturalidade; Henrique Alves, Carlos de Oliveira e Raphael Marques. Como complemento diremos que a peça foi traduzida por Eduardo de Noronha com o cuidado e esmero que costuma pôr em todos os seus trabalhos.

ANGELA PINTO

Trindade. — Continúa em pleno successo a operetta *Sonho de Valsa* do maestro Oscar Strauss.

Gymnasio. — A peça dos irmãos Quinteros *O genio alegre,* é um mimo litterario. Possue a nota do sentimento e aquelle estylo tão proprio de todas as obras dos mesmos auctores. E' uma comedia fina encastoada n'uma leve ironia. Os ditos espirituosos salpicam aqui e acolá buscando mais o comico pelas situações das personagens. E' das peças que requer um bello desempenho para poderem ser apreciadas.

Apezar de estar em genero diverso do explorado no Gymnasio, todos os artistas procuraram fazer realçar os seus papeis e fazerem-se applaudir.

Avenida. — Depois das operettas *Vivalegre* e *Sonho de Valsa* a immortal revista *A B C*, com o attractivo do coupletista brazileiro Geraldos. Enchentes sobre enchentes. E actualmente a revista *Sol e Dó* de Accacio de Paiva e Luiz d'Aquino, optimamente recebida pelo publico.

Principe Real. — Com os dramas *O pé leve, A questão dos venenos* e o *Telegramma* tem obtido casas... *á cunha*.

O drama *Josette* em 5 actos de Paulo Reboux, que se representou no popular theatro da Rua da Palma, se não brilha pela novidade de acção, possue comtudo todas as tintas de uma paysagem triste profundamente emocionante.

E' talvez um pouco local mas nem por isso deixa de ter a sua parte interessante e deveras commovedora.

São typos das ruas de Paris, passados pelos bastidores n'uma bem urdida disposição de scenas e com estylo apropriado ás personagens.

No desempenho ha a citar o bello trabalho de Lucinda do Carmo que interpretou a sua parsonagem com talento. Bem, Amelia e Adelia Pereira, Pato Moniz, Eduardo Vieira, Gentil e Carlos Leal. Foram todos muito applaudidos. A traducção como todas de João Soller.

Colyseu dos Recreios. — Numerosa concorrencia tem sempre esta elegante sala de espectaculos.

As luctas greco-romanas, as de *jiu-jutsu* e porfim as d'estas duas especies de combate, tem despertado no publico extraordinarissimo interesse, dando motivo, todas as noites, a uma verdadeira romaria de espectadores.

Depois das interessantes sessões entre os dois irmãos Deriaz, deram-se as de lucta entre o athleta Maurice e o japonez Kirano. Os habeis golpes de «jiu-jutsu» não conseguiram vencer a força herculea de Deriaz. Kirano perdeu os sentidos.

A seguir realiza-se o *match* entre Kirano e Deguchi, entre Deriaz e Raku, entre este e Taki, etc., e de sessão para sessão augmenta o enthusiasmo por este genero sportivo dando logar até a vivas discussões na sala do Colyseu.

De todas estas sessões, devem especialisar-se as de lucta japoneza, muito interessantes pela belleza da arte.

Além d'este numero, outros effectuados pela numerosa companhia, tem alcançado bastos applausos.

Mimi Aguglia. — No proximo numero falaremos detidamente dos espectaculos d'esta eminente tragica, uma das artistas mais completas e suggestivas que teem pisado o palco do D. Amelia. Fez furor, é o termo, e ninguem o mereceu mais.

THEATRO DA TRINDADE

Sonho de Valsa — Final do 2.º acto

Sismographo de Ramos da Costa

Um notabilissimo invento que honra as sciencias e industrias portuguezas

O sismographo, installado no observatorio de marinha, genuinamente portuguez, foi construido não só para estudo, como tambem para resolver um problema de que se afigurou ao auctor encontrar solução. Este sismographo, modelo pequeno, pela sua fraca ampliação e pela grande velocidade do registador, pode ser considerado como um sismographo para macrosismos ou antes macrosismographo.

Embora o instrumento em questão seja de diminutas dimensões e não contenha *amortecedor* para as oscillações, como o sismographo do professor Agamennone, director do observatorio de Rocca di Papa (Roma) construido por Fascionelli, deve servir para todos os abalos de terra de epicentros não afastados.

O registo dos macrosismos exige sismographo especial sendo certo que a sua fraca sensibilidade o torna inutil para o estudo dos macrosismos e telesismos, isto é, para os pequenissimos abalos no logar da observação e para os abalos cujos episcentros se encontram afastados.

E' pois natural que o sismographo portuguez possa satisfazer com vantagem aos abalos classificados de IV a XII na escala de Forel-Mercalli-Cancani.

A velocidade d'este sismographo é de $6^{m},5$ por hora, bastante superior á menor velocidade conhecida que é $0^{m},30$ por hora para os registadores mechanicos, e de $0^{m},04$ a $0^{m},06$ por hora para os pendulos photographicos von Rebeur—Ehler, Milne, etc.; e outrosim bastante inferior áquelles que teem velocidade de 30^{m} por hora isto é, superior a $0^{m},008$ por segundo, como se teem pretendido construir.

A sensibilidade do mesmo instrumento, isto é, as

dimensões que alcança nos graphicos um desvio de 1″ da vertical, é de $^1/_{25}$ de millimetro.

O sismographo compõe-se de tres partes principaes que são: pendulo vertical, apparelho de ampliação e registador.

O pendulo é constituido por uma massa da fórma d'um cone truncado de bases parallelas de 0m,180 de altura e, 0m,115 e 0m,200 de diametro.

O apparelho de ampliação é constituido por uma haste que faz mover um pantographo de sorte que os sismographos veem dezeseis vezes ampliados.

O apparelho registador consta d'um cylindro de 0m,215 de diametro e que tem enrolado o papel sobre o qual escreve a penna-tinteiro. Este cylindro é movido por um motor de relojoaria cuja revolução é feita em 7 dias.

A parte mais capital do instrumento e que remove os obstaculos encontrados nos outros apparelhos congéneres consta: d'um apparelho intitulado *transmissor electro-automatico de velocidades,* o qual tem por fim fazer com que, na occasião do abalo, o cylindro seja movido por um outro systema de relojoaria cuja velocidade é 2:000 vezes, approximadamente, superior á velocidade ordinaria.

N'este systema de relojearia de grande velocidade, a velocidade de desenrolamento do cylindro é de 6m,5 por hora o que contrasta bem com a velocidade ordinaria que é de cêrca de 0m,005 por hora. Isto traduz uma economia de despeza e de trabalho.

Francisco Rangel de Lima

Dando no logar de honra d'este *magazine* o retrato do illustre escriptor e jornalista Francisco Rangel de Lima, que a morte arrebatou ha dois mezes, prestamos a homenagem devida a um honrado extincto, que foi sempre modelo de virtudes civicas e domesticas e um dos mais prestante ornamentos das letras patrias.

Um veterano da arte tragica

Muita gente ha de suppôr o illustre tragico Salvini desapparecido da scena do mundo como desappareceu do tablado. Pois está vivo e são com os seus oitenta annos. Reproduzimos a sua ultima photographia tirada ha poucos dias em Londres onde o glorioso actor foi para assistir á inauguração do busto do seu insigne collega britannico, sir Henry Irving, no vestibulo do theatro Drury Lane.

THOMAZ SALVINI

Thomaz Salvini nasceu em 1829 e entrou para o theatro em 1843, impellido por irresistivel vocação. Foi discipulo do afamado professor Gustavo Modena, que tambem ensinou Ernesto Rossi. Fez parte da companhia do emprezario Domeniconi e com elle representou durante seis annos ao lado da Adelaide Ristori. Desde então a sua carreira foi sempre em augmento, conquistando ruidosos triumphos não só em Italia, mas em todo o mundo civilisado. Em 1869 esteve em Portugal, representando em Lisboa e no Porto com grande exito.

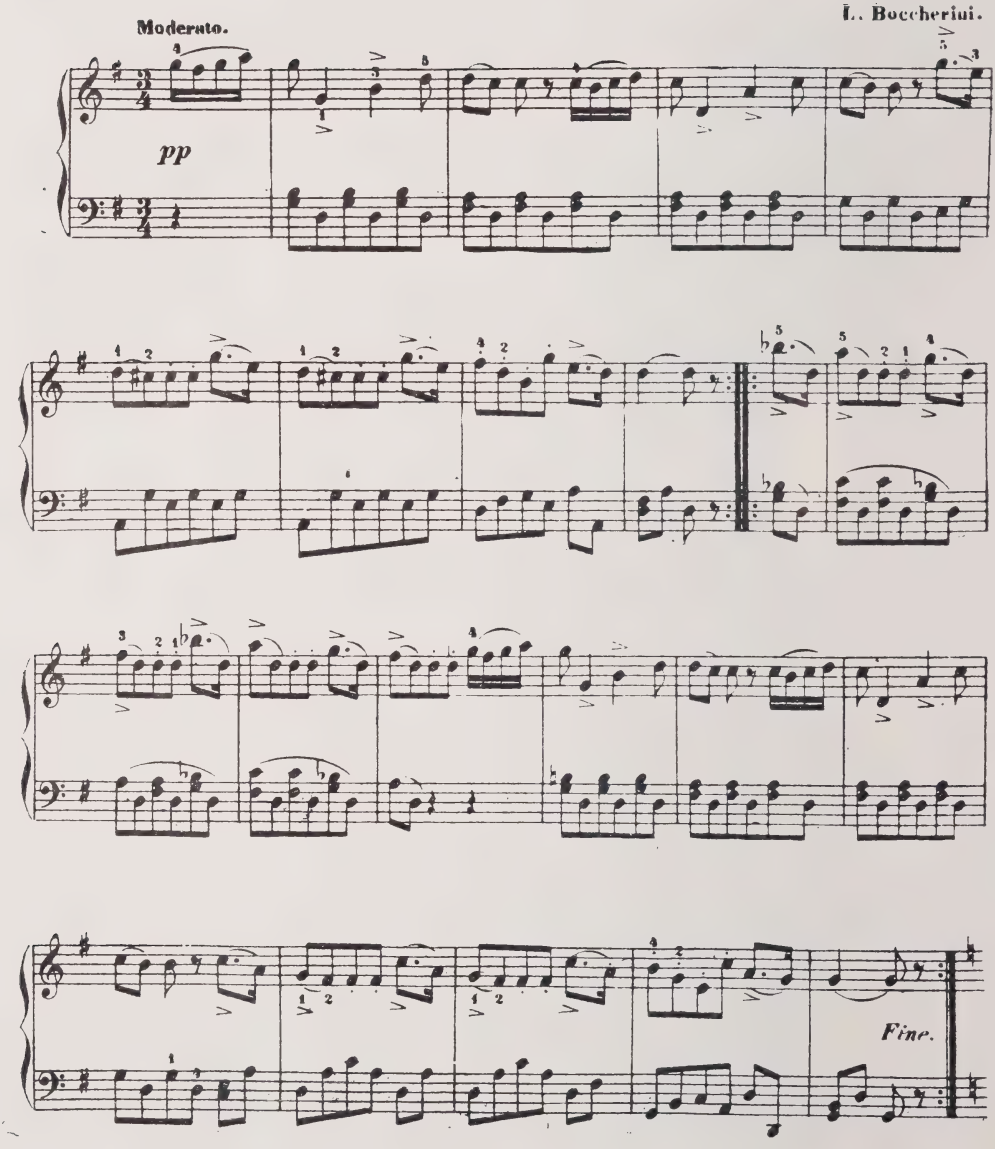
FARINHA LACTEA NESTLÉ

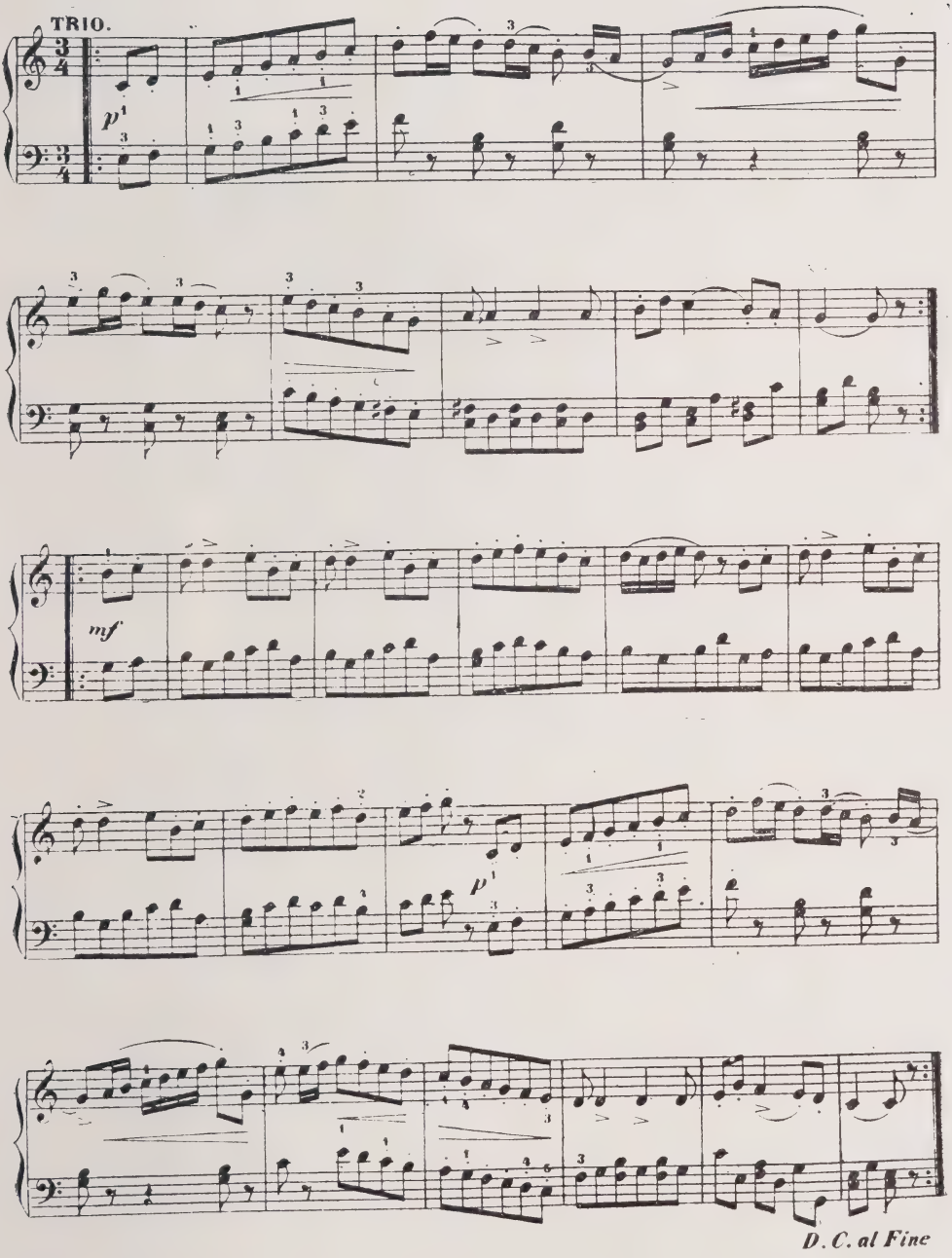
Alimento completo para crianças e pessoas edosas.

Musica dos SERÕES

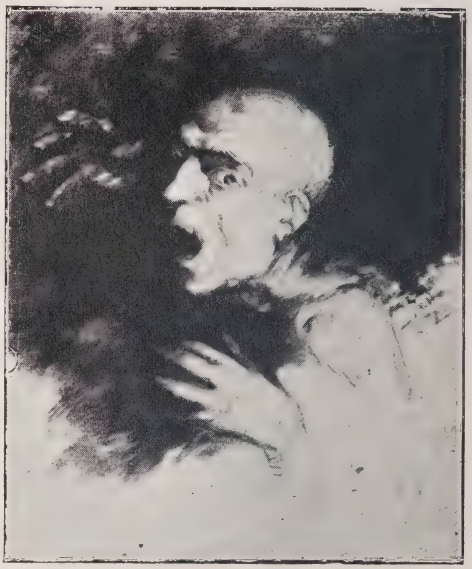
Minuete celebre

De L. BOCCHERINI


Moderato.
L. Boccherini.
pp
Fine.


TRIO.
p
mf
p
D. C. al Fine

O monstro quasimodeo



PINX GUILH (Sobre o soneto *Hybernal*) SANTA RITTA

Hybernal

Ao Sr. Eugenio Ré

Desadoro a tristeza e amo as invernias;
sinto-me bem no vil torpor d'uma espelunca
aonde estimo vêr o Andrajo, as Agonias
a rugirem, como eu, contra a dôr que nos trunca!

Detesto a primavera — esse tempo em que nunca
ha luctas colossaes de aereas felonias. —
A rajada é egual ao meu «spleen» — ella junca
o chão, de folhas, e elle a alma, de phobias.

O inverno é como um verbo audaz de cataclysmos.
Os nevoeiros são tédio, o relampago é odio:
Eu, que estimo no craneo a visão dos abysmos,

uno o meu odio ao odio physico do mundo,
gritando como grita um monstro quasimodeo
vindo da treva côr do mysterio profundo.

Santos Vieira.

AS GOTTAS CONCENTRADAS DE

FERRO BRAVAIS

São o mais efficaz remedio contra **DEBILIDADE, FALTA DE FORÇAS, ESGOTAMENTO**
ANEMIA, CLOROSE, CORES PALLIDAS.

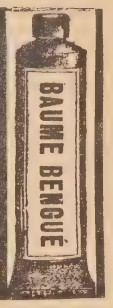
Sem cheiro nem sabor o Ferro Bravais é recomendado por todos os Medicos do mundo
Não dá prisão de ventre. Não ennegrece os dentes. Dá em pouco tempo :

SAUDE - VIGOR - FORÇA - BELLEZA

Desconfiar das Imitações. — ***Só se vende em Gottas e em Pilulas***
Em todas as Pharmacias ou Drogarias. **Deposito : 130, r. Lafayette, PARIS**

BAUME BENGUÉ

Cura Totalmente
RHEUMATISMO
GOTA
NÉVRALGIAS



Dr BENGUÉ, 47, rue Blanche, Paris, e em todas as Pharmacias.

LOÇÃO DEQUÉANT

CABELLO
BARBA
PESTANAS
SOBRANCELHAS

Unico producto scientifico apresentado na ***Academia de Medicina de Paris*** contra o microbio da Calvicie e todas as affecções do couro cabelludo.
L. DEQUÉANT, *Pharmaceutico*, **38, Rue Clignancourt, Paris.**
Em **LISBOA, 15, Rua dos Zapateiros,** a quem deve-se dirigir para todas as informações gratuitas.
A' VENDA EM TODAS AS BOAS CASAS DO **PORTUGAL**

Em LISBOA, Rua dos Sapateiros, 15, 1.°, direito,
a quem devem dirigir-se para todas as informações gratuitas.

CH. DENIS. — Agent exclusif pour les annonces étrangères, **128, Faubourg Poissonnière — PARIS.**

As nossas capas de luxo

Com o n.º 48, completou este bello magazine portuguez — **Serões** — o **8.º volume** da **2.ª serie.**

Os nossos estimaveis assignantes que desejarem utilisar-se das capas — de bello effeito em fundo de percalina vermelha a ouro e negro — pódem enviar-nos os 6 numeros para encadernar, juntamente com a importancia de 300 réis (custo da capa), 100 réis (de empaste) e 100 réis (de porte do correio), ou seja, tudo, **500 réis,** que dentro de cinco dias receberão o volume encadernado.

Os **Serões,** assim acabados, mais evidenceiam ser a publicação, relativamente, mais barata que se faz entre nós.

Serões das Senhoras

Capas de luxo para a SEPARATA dos primeiros 7 volumes

CADA ENCADERNAÇÃO 400 RS.

Serões das Senhoras

Capas de luxo para a SEPARATA dos primeiros 7 volumes

CADA ENCADERNAÇÃO 400 RS.

NOTA. — O maço a remetter-nos deverá ser embrulhado em papel consistente, atado com cordel forte, para que os numeros não soffram com o transporte. O pacote, devidamente estampilhado com sello de 80 réis, deve ser dirigido á

Administração dos SERÕES

Praça dos Restauradores, 30 — LISBOA

NOVIDADE LITTERARIA

OS BASTIDORES DO NIHILISMO

POR

MAX PEMBERTON

TRADUCÇÃO DO INGLEZ DE

EDUARDO DE NORONHA

OBRA ILLUSTRADA COM 16 GRAVURAS

INDICE DOS CAPITULOS

Capitulos	Pags.
I — Bruce Ingersoll principia a sua historia	7
II — Adeus a Cambridge	17
III — Jehan Cavanagh	29
IV — A casa do Fen	41
V — As noticias do jornal	55
VI — O grito nocturno	65
VII — A mulher e a creança	77
VIII — O destino de Cavanagh	93
IX — Prospero de Blondel	105
X — A festa do Corpo de Deus	119
XI — A luz da janella	143
XII — Ainda Paulina Mamavieff	165
XIII — A prisão de Bruges	177
XIV — A encarcerada	189
XV — A segunda intrevista	203
XVI — Raiz e tronco	217
XVII — O homem de cabello ruivo	229
XVIII — O expresso de Vienna	249
XIX — Na praça de touros	255
XX — O dr. Luthero James	27
XXI — Barcelona	299
XXII — No palacio da Ponte	321
XXIII — As desconfianças de Paulina	331
XXIV — O regresso a Inglaterra	337
XXV — Fédoro	351
XXVI — Um conhecimento	367
XXVII — Jornada nocturna a Waterbeach	377
XXVIII — A dama do bosque	395
XXIX — Na bibliotheca	403
XXX — O barco	413
XXXI — Robiniof	429
XXXII — A sua familia	437
XXXIII — Paulina emmudece	447
XXXIV — O milagre	461
XXXV — A memoria de Jehan Cavanagh	469

PREÇO 500 RÉIS

Á venda nas principaes livrarias

e no deposito, Livraria Ferreira, editora

132, Rua do Ouro, 138

LISBOA

O Cunha

ALMANACH HUMORISTICO
PARA **1910**

Á venda o 5.º volume

200 réis

Collaboração inédita em prosa e verso de **Alves Barbosa, Amadeu Salles, Arnaldo de Lacerda, Arnaldo Leite, Augusto Veras, D. Branca de Gonta Collaço, P.e Daniel da Cruz, El-Mano, Humberto Beça, Julio Moutinho, Manuel de Moura, D. Maria do Carmo Peixoto, Maximiano Ricca, Oliveira Passos, Rangel de Quadros, Raul Tamagnini, Vidal Oudinot, visconde de Villa-Moura** e de muitos outros escriptores consagrados

Caricaturas e desenhos do **dr. Manuel Monterroso, Amarelhe, dr. Virgilio Ferreira, Emmanuel Ribeiro, Alberto Meira, Marques Abreu, F. Alves Mendes, Jorge Collaço, Julio Nogueira** e **dr. José Moreira de Carvalho**

MAGNIFICAS GRAVURAS = EDIÇÃO ELEGANTE

Publica um interessante artigo do ex.mo sr. Visconde de Villa-Moura, intitulado

Coimbra do meu tempo

com gravura representando o curso do 5.º anno de Direito de 1899-900.

CALENDARIO HISTORICO — UMA VALSA

ESCRIPTORIO

Rua da Victoria, 33-A — PORTO

Agente em S. Paulo: AURELIO MACHADO — Caixa 630

Belleza do Rosto

Leite Antephelico ou Leite Candès

O Leite Antephelico cuja invenção data do anno 1849 deve effectivamente, as suas propriedades cosmeticas à combinação bem acertada de elementos tirados da materia medica, que reciprocamente se temperam por suas porções rigorosamente determinadas, e cuja acção não vai alem das camadas superficiaes da pelle.

O Leite Antephelico emprega-se em loções, em dose benigna, ou estimulante, segundo as alterações que se querem prevenir ou corrigir.

MODO DE EMPREGO SEGUNDO OS CASOS

Durante o tratamento empregar o LEITE CANDÈS só sem nenhum outro cosmetico.

1. DOSE BENIGNA E AGUA DE TOUCADOR. — Vascolejar o liquido até elle fazer-se côr de leite; deitar n'um pires a quantidade d'uma colher à café, e ajuntar as seguintes quantidades de agua: 1º um a dois tantos, contra o Rosto sarabulhento e as Picadas de insectos; — 2º dois a tres tantos contra as Rugas, o Tisne do sol, Borbulhas, Espinhas, Brotoeja, Fogagem, Efflorescencias farinhentas ou furfuraceas e outras alterações accidentaes da cutis, — 3º tres a quatro tantos, como agua de toucador, para conservar a pureza, transparencia e macieza da pelle. — Embeber n'estas misturas um panninho fino, e humectar duas vezes por dias os pontos affectados. Como agua de toucador, basta uma loção, com preferencia pela manhã, meia hora antes de lavar o rosto.

II. DÒSE ESTIMULANTE, CONTRA AS SARDAS E AS MANCHAS DE GRAVIDEZ. — Nos dois primeiros dias, ajuntar á pequena porção de LEITE que se deita no pires, igual quantidade de agua, e continuar esta dóse tres vezes por dia, se os effeitos abaixo descriptos principiarem a produzir-se; se não, logo no terceiro dia, emprega-se o LEITE puro e humectão-se as manchas, sem esfregar, uma duas ou trez vezes *quando muito* no correr do dia (segundo a delicadeza da cutis), até que a epiderme que as cobre, passando por duas phases previstas e sempre isentas de gravidade, — 1º ardor mais ou menos vivo, — 2º leve intumescencia acompanhada de sensação tensiva, — tenha tomado uma côr cinzenta, e se desseque. Oblido este resultado, as loções só se comparão de uma parte de LEITE e tres tantos d'agua. A epiderme exfolia-se, e a cutis, temporariamente vermelha, apresenta-se (depois de dez a quinze dias de tratamento) branca e fresca, livre das manchas que a embaciavão.

Composto e impresso na Typ. do Annuario Commercial — Praça dos Restauradores, 27, Lisboa

SERÕES

LIVRARIA FERREIRA, EDITORA

Redacção e administração PRAÇA DOS RESTAURADORES, 30, LISBOA — Telephone 805

Proprietaria: Livraria Ferreira — **Director litterario:** Eduardo de Noronha — **Director gerente:** Caldeira Pires — **Séde da redacção e administração:** Praça dos Restauradores, 30. — Composto e impresso na **Typographia do Annuario Commercial,** Praça dos Restauradores, 27.

Summario

MAGAZINE

PAG.

O CARNAVAL NO PAÇO D'AJUDA
(Frontispicio) 82

O CARNAVAL ATRAVÉS DOS TEMPOS
(9 illustrações) por A. BELDIABO 83

D. JOÃO II *(Versos)* de IGNOTUS. 90

EXEMPLOS DO BEM
(4 illustrações e 1 vinheta) por VICTOR RIBEIRO. 91

OLHOS *(Versos)* de EDUARDO METZNER 96

O PAPA PIO X
(7 illustrações e 1 vinheta) por S. B. 97

MEU IRMÃO *(Versos)* de AUGUSTO CASIMIRO 105

A VIDA NA CIDADE E NOS CAMPOS
(5 illustrações e 1 vinheta) por CARNEIRO DE MOURA 106

NO CASTELLO *(Versos)* de MARIA DE CARVALHO 114

A CONQUISTA DO POLO NORTE
(6 illustrações e 1 vinheta) por A. RAMOS DA COSTA 115

OBRAS PRIMAS DO THEATRO
(12 illustrações e 1 vinheta) compilado por EDUARDO DE NORONHA. 122

OS NOSSOS ERRANTES
(1 illustração e 1 vinheta) por EUGENIO VIEIRA 133

Á OLGA *(Versos)* de ODILON NESTOR 138

A RAINHA DO ORIENTE versão de MANUEL DE MACEDO 139

ECCOS E REFLEXOS
(30 illustrações) 144

A MUSICA DOS SERÕES

BOURRÉE, de JOH. SAB. BACH. . . . . 2 pag.

Expediente

Aos nossos assignantes dos **"Serões"** que ainda não satisfizeram a importancia das suas assignaturas, lembramos que começamos a fazer o envío pelo correio dos respectivos recibos de cobrança, rogando a fineza de não demorarem a resposta, não só para nos evitarem despezas maiores com nova remessa de recibos a cobrar, como tambem para não soffrerem interrupção na remessa do nosso magazine **"Serões"**.

Accresce que os chefes das estações dos correios a quem remettemos recibos para cobrança de assignaturas, os não reteem o tempo legal, de fórma, que os assignantes residentes em logares affastados dos locaes das estações, não teem, muitas vezes, occasião de liquidar os seus recibos, o que nos prejudica pelas repetidas remessas e augmento de expediente.

A administração.

AGUA CASTELLO

Minero-gazoza, lithinada natural

DE

MOURA

Refrigera os sãos e cura os doentes

A melhor, a mais pura e a mais barata das aguas de meza do Paiz.

Agradabilissima ao paladar, tomada simples ou misturada com cognac, leite, wisky, vinho, etc. — premiada na Exposição de S. Luiz e no Palacio Crystal do Porto.

ESCRIPTORIO E DEPOSITO

123, RUA DA CONCEIÇAO

Telephone 880

Empreza das Aguas de MOURA ASSIS & C.ª

LISBOA

As nossas capas de luxo

Com o n.º 48, completou este bello magazine portuguez — **Serões** — o **8.º volume** da **2.ª serie.**

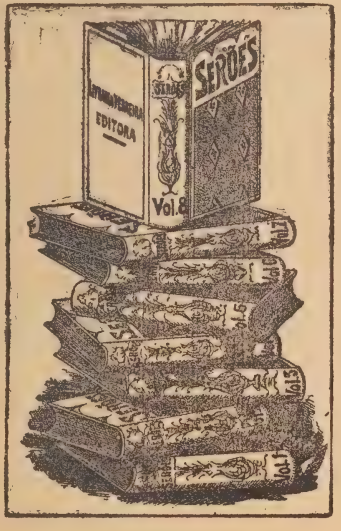
Os nossos estimaveis assignantes que desejarem utilisar-se das capas — de bello effeito em fundo de percalina vermelha a ouro e negro — pódem enviar-nos os 6 numeros para encadernar, juntamente com a importancia de 300 réis (custo da capa), 100 réis (de empaste) e 100 réis (de porte do correio), ou seja, tudo, **500 réis,** que dentro de cinco dias receberão o volume encadernado.

Os **Serões,** assim acabados, mais evidenceiam ser a publicação, relativamente, mais barata que se faz entre nós.

Serões das Senhoras

Capas de luxo para a SEPARATA dos primeiros 7 volumes

CADA ENCADERNAÇÃO 400 RS.



Capas de luxo para a SEPARATA dos primeiros 7 volumes

CADA ENCADERNAÇÃO 400 RS.

Serões das Senhoras

NOTA. — O maço a remetter-nos deverá ser embrulhado em papel consistente, atado com cordel forte, para que os numeros não soffram com o transporte. O pacote, devidamente estampilhado com sello de 80 réis, deve ser dirigido á

Administração dos SERÕES

Praça dos Restauradores, 30 — LISBOA

Brinde mensal a todos os leitores dos SERÕES

CORTAR COM UMA TESOURA SOBRE O PONTEADO

Brinde dos SERÕES

BONUS para o desconto de **10 por 100** em qualquer compra feita pelo portador na

LIVRARIA FERREIRA

Rua Aurea, 132

durante o mez de fevereiro de 1910.

Brinde dos SERÕES

BONUS com o desconto de **50 por 100** em qualquer logar e dia (excepto domingos e dias santificados) no

SALÃO FOZ

(Calçada da Gloria, em frente da rua do mesmo nome)

durante o mez de fevereiro de 1910.

Brinde dos SERÕES

BONUS com o desconto de **50 por 100** em qualquer logar nos espectaculos realisados ás terças feiras, ou dia seguinte passado aquelle seja festivo, no salão

MUSIC-HALL

PRAÇA DOS RESTAURADORES

durante o mez de fevereiro de 1910.

Brinde dos SERÕES

BONUS para o desconto de **10 por 100** sobre os preços estabelecidos no Consultorio Dental de

Tugmann

PRAÇA DOS RESTAURADORES, 30

durante o mez de fevereiro de 1910.

Brinde dos SERÕES

BONUS para acquisição de um exemplar do

ANNUARIO COMMERCIAL DE PORTUGAL

PRAÇA DOS RESTAURADORES, 30

com o desconto de **10 por 100** durante o mez de fevereiro de 1910.

Brinde dos SERÕES

BONUS para o desconto de **10 por 100** em qualquer compra feita pelo portador, em instrumentos de precisão na

CASA MIRAMON

46, Praça D. Pedro, 48

durante o mez de fevereiro de 1910.

Brinde dos SERÕES

BONUS para o desconto de **10 por 100** em qualquer encommenda feita pelo portador no atelier de gravura de

PIRES MARINHO & C.ª

Praça dos Restauradores, 27

durante o mez de fevereiro de 1910.

Brinde dos SERÕES

BONUS para acquisição de um exemplar da

AGENDA

do Annuario Commercial de Portugal

Praça dos Restauradores, 30

com o desconto de **10 por 100** durante o mez de fevereiro de 1910.

SERÕES
N.º 56—FEVEREIRO
LIVRARIA FERREIRA—EDITORA
132, RUA DO OURO, 136 LISBOA

D. MARGARIDA DE MASCARENHAS

D. JOAQUIM DE MELLO (MURÇA)

CONDE DE SABUGAL (D. LUIZ)

D. MARIA IGNACIA DE BREDERODE

O carnaval através dos tempos

O CARNAVAL EM VIENNA — COSTUMES POPULARES
(De G. Sieben)

A modo de exordio — A dictadura da Folia — Etimologia da palavra «Carnaval» e da palavra «Entrudo» — Da origem das festas carnavalescas — Os carnavaes famosos de Roma e de Veneza — Os Papas e o Carnaval — Costumes singulares do carnaval estrangeiro — Os «Maccoletti» e os «Pepernotem» — Bailes de mascaras historicos — Um baile no palacio da Ajuda — Differenças dos tempos — Um famoso «dominó» amarello no baile de mascaras do palacio de Versailles — Enigma vivo e sua decifração.

Aproximamo-nos em plena época de Carnaval, e não vem, portanto, fóra de proposito occuparmo-nos d'elle n'esta Revista em que mensalmente vão sendo registados os diversos acontecimentos artisticos ou sociaes que mais enthusiasmo despertam na massa geral dos leitores, tanto de Portugal como do Brazil.

Não nos alongaremos em larga dissertação de eruditos, alardeando conhecimentos que não sejam dos de uso corrente entre pessoas cultas, e tão só a largos traços vamos alludir ao que pode chamar-se o historico do Carnaval, amenisando o assumpto com referencias que nos parecem interessantes, e alguma nota alegre allusiva a este periodo do anno em que a Folia costuma rei-

nar como soberana absoluta, impondo-nos, dictatorialmente, as suas facecias nem sempre do melhor gôsto ou do melhor espirito, contra as quaes não valem protestos praxistas nem argumentos *constitucionaes...*

A Folia manda, e a humanidade obedece aos seus decretos com força de lei, por mais attentatorios que elles sejam da seriedade e do bom tom em qualquer sociedade que se prése. E' ella tambem a que nos dicta a obrigação de abordar hoje um assumpto que outras pennas seguramente trataria melhor do que a nossa.

Cumpra-se, todavia, a ordenação, já que não são de receber quaesquer escusas.

Manda quem pode!

D. EUGENIA D'ASSIS MASCARENHAS (SABUGAL)

•

Carnaval ou *Entrudo?* Ambos os termos designam o periodo de tempo que precede a quaresma. Quanto á etymologia attribuida a esses nomes: o de *Carnaval*, mais usado na Italia e em França, diz-se que significa *despedida da carne (carnis*-carne, e *vale*-adeus), por que da carne se faz abstinencia durante a quaresma; e o de *Entrudo*, mais usado em Portugal e em Hespanha *(antruydo* é como alli se diz), parece ser corrupção da palavra *Introito*, designando a entrada no tempo santo, embora haja escriptores antigos pretendendo que signifique *Intruso*, «pelos excessos e demasias que n'este tempo se introduziram contra a decencia e gravidade dos costumes».

Prescindindo de entrar na controversia etymologica, proseguiremos dizendo que, segundo testemunhos apurados em documentos e escriptos de remotos tempos, as folganças carnavalescas, ainda hoje em uso em todos os paizes, não passam de uma imitação, modificada mais ou menos pelo decorrer do tempo, dos usos populares e festas gentilicas realisadas na antiguidade, no velho Egypto, na Grecia e em Roma, e conhecidas na historia com os nomes de *bachanaes, saturnaes*, ou ainda *dyonisicas*, em honra de Bacho, o deus tradicional dos beberrões. De um modo geral encontram-se-lhe vestigios das festas religiosas, que todos os povos antigos celebravam, nos começos de cada anno, sacrificando aos seus deuses, para o tornarem mais favoravel a seus desejos, ou no principio da primavera, para symbolisar o renascimento da natureza.

A festa das calendas de janeiro dava, com effeito, logar a mascaradas em que collaboravam todos, desde os primeiros aos ultimos cidadãos, n'uma promiscuidade de verdadeira folia. Depois, em toda a parte, e em todas as épocas, se encontraram festas identicas, degenerando muita vez em vergonhosas desordens, e fomentando a degradação e o vicio. Taes eram, por exemplo, no Egypto as festas do boi Hapis (recordada e parodiada ainda em França pela festa do *boi-gordo);* entre os judeus a festa instituida em memoria da deposição de Aman; taes foram as bachanaes gregas e as saturnaes romanas, as luperchaes, as festas de Cybele, a festa chamada dos loucos e dos innocentes; tal é, emfim, o Carnaval de Veneza, de Roma, de Napoles, etc., porque sendo a Italia considerada a patria do Carnaval, não é de admirar que elle attingisse n'esse paiz um esplendor e um desenvolvimento excepcionaes.

Os Carnavaes de Roma e de Veneza, sobretudo, gosaram por largo tempo de fama universal. Corria gente de todas as partes do mundo a presencear e admirar tão

grandiosas festas. E' mesmo n'essa grande affluencia de estrangeiros ricos, a Roma especialmente, que se justifica, por parte de não poucos escriptores, a tolerancia da Egreja Catholica para com esses divertimentos profanos, tão deslocados n'uma cidade directamente submettida á auctoridade dos Papas. Alguns houve que protestaram contra os excessos e licenciosidades do Carnaval romano, mas outros parece ter havido que até collaboraram para a magnificencia das festas, que no tempo de Paulo III attingiram um esplendor desusado.

Nas cavalgatas entrava toda a nobreza romana, com mirabolantes trajes historicos ou mythologicos. Além dos bailes e festas especialmente consagradas ao povo, davam-se espectaculos nos theatros «com todo o sabor de verdadeiras bachanaes dos tempos idos». Foi debalde, ou pouco menos, que Sixto V, Clemente XI e Bento XVI (este ultimo em 1748), pretenderam fulminar o carnaval de Roma com os raios das suas lettras apostolicas.

CONDE D'OBIDOS (D. MANUEL)

A auctoridade papal conseguiu, todavia, com o decorrer dos tempos, restringir os folguedos carnavalescos aos ultimos tres dias do periodo, que outr'ora começava na vespera da sexagessima e proseguia sem interrupção.

Quando Roma foi annexada á corôa de Italia, o desbragado Carnaval da velha cidade soffreu o maior golpe, embora não fôsse de todo extincto, como o não foi, nem será tão cedo, em nenhuma outra capital.

Ficaram ainda as corridas de galos, as cavalhadas, as batalhas de flôres e de *confetti*, as mascaradas, os bailes e as corridas de cavallos no Corso (supprimidas em 1864). Havia tambem um divertimento especial, que por sua singularidade merece mencionar-se, — os *maccoletti*. Celebrava-se na tarde de terça-feira, em que se realisava o enterro do Carnaval, com a queima de um manequim.

Por essa occasião, filas de trens magnificos circulavam no Corso, enorme multidão comprimia-se pelas ruas, e cada pessoa trazia na mão uma pequena véla acceza *(maccoletto)*. O divertimento então consistia em cada qual tentar apagar a véla que lhe ficava mais proxima, defendendo a sua de egual proposito. Soprando ou fazendo vento com os lenços ou com os chapeus, resultava d'ahi um combate divertido e pittoresco. D'esta lucta ou jogo da véla ainda hoje ha reminiscencias, mas já sem o interesse e a intensidade d'outros tempos.

O Carnaval de Roma, ainda no seculo findo participava das honras de festa nacional, pois que o governo mandava annunciar, com salvas de artilheria, a abertura e o fim dos jogos e das corridas, que tinham logar nas ultimas semanas do Entrudo.

Na Baviera, no seculo XVI, corriam as ruas bandos de mascarados batendo nos transeuntes com saccos de cinza peneirada, sujando-lhes o vestuario. Ha quem assevere que d'ahi veiu a origem dos pós de gomma que se jogavam, e jogam ainda (embora o costume vá diminuindo de anno para anno) na época do Carnaval. Ainda na propria quarta-feira de Cinza, rapazes e raparigas costumavam atravessar as ruas atreladas a uma charrua, passeando-a ao som de chifres, á guisa de trompas, e indo, ao fim da tarde, precipital-a no rio.

Até ao seculo findo, o Carnaval perdeu muito do seu fausto e esplendor antigos. No

seculo XIX, porém, como que resuscitou. Não só Paris, mas Colonia, Dusseldorf, Moguncia e Treves, para não falar em outras ci-

D. MARIANNA D'ASSIS MASCARENHAS (SABUGAL)

dades, entraram a rivalisar com Veneza e Roma, e começaram a attrahir verdadeiras tribus de forasteiros com a fama das suas festas carnavalescas. Desde então ficaram celebres tambem os bailes dos tanoeiros de Francfort, e os dos carniceiros e tanoeiros de Munich.

Na Belgica, em Bruxellas, e sobretudo em Antuerpia, celebra-se ruidosamente o Carnaval, sendo o principal attractivo dos tres dias o *passeio dos gigantes,* que dá logar a peripecias divertidissimas, bem como a batalha dos *pepernotem*. Entre os costumes de Bruxellas são famosos: *petit Jean,* o *petit Michel, Jean de Nivelle,* a *Gudula,* o *Sultão* e a *Sultana,* etc., que sempre devem ser um pouco melhores do que o nosso ascoroso *ché-ché* e a nossa irritante *velha de capote e lenço*...

Em Antuerpia apparece o *gigante dos navios* e outras personagens monstruosas, que percorrem as ruas com um immenso cortejo de carros allegoricos, *baleias, delphins, pierrots, astrologos, pagens,* etc. Todos tocam obstinadamente em uma especie de trompas melhor ou peor... desafinadas, e batem nos transeuntes com bexigas de porco cheias de vento, tal como ainda não ha muitos annos se usava entre nós, especialmente nas provincias do Norte.

Os *pepernotem* a que deixamos feita referencia são uns pequenos cubos cheios de farinha e mel, do tamanho de dados de jogar. Com effeito, são esses cubos jogados da rua para as janellas, e das janellas para a rua, podendo calcular-se o estado em que, ao derramar-se-lhes o conteudo, deixam os *pepernotem* ficar o fato das pobres victimas do tiroteio! Antes isso, porém, do que a nossa *cocotte* com areia (e ás vezes até com pedras, embora miudas), o que é talvez um pouco mais *limpo,* mas é tambem algo mais contundente, e tem já originado conflictos bem serios.

Goya deixou-nos um interessante quadro

JOSÉ EMYGDIO CABRAL
(N'uma soirée no palacio d'Ajuda)

ácêrca dos «costumes carnavalescos no Canal», reproduzindo o afamado cortejo chamado do *enterro da sardinha,* mostrando-nos

a variedade dos trajes e das mascaras e petrechos exhibidos.

Além da gravura que reproduz esse quadro, outras apresentamos allusivas ao Carnaval: na Russia, em que um gravador indigena nos deixa vêr o carro historico da *Rainha do Carnaval*, empunhando uma colossal frigideira, e ao Carnaval em Vienna d'Austria, que nos mostra os trajes populares e costumes nacionaes d'esta época de folia n'aquella cidade.

•

O costume e o gosto pelas mascaradas, quer nas vias publicas, quer nas casas de espectaculos, e nos domicilios particulares, teem-se transmittido de geração em geração, e de seculo em seculo, até aos nossos dias, gosando de geral predilecção na Italia, França, Allemanha, Hespanha, Brazil e Portugal. Por vezes, até os proprios soberanos

JOSÉ EMYGDIO CABRAL
(N'uma soirée nas Tulherias)

se teem submettido ao costume, já mascarando-se elles proprios, já promovendo em seus palacios a realisação de sumptuosos bailes de mascaras. D'estes, alguns houve que ficaram memoraveis na historia. Foi, por exemplo, n'um baile de mascaras, realisado

D. MARIA THEREZA DE MASCARENHAS (SABUGAL)

no reinado de Carlos VI, que este monarcha foi assassinado quando se apresentou disfarçado em urso.

Não menos memoraveis foram os bailes de mascaras realisados em Paris, em 1385, por occasião do casamento de Izabel da Baviera com Carlos VI, em que «tudo e todos se entregaram ás maiores licenciosidades e extravagancias».

N'um baile dado por Luiz XIV, quando já o uso da mascara a tornára inviolavel, um dos convivas, disfarçado em paralytico, e que ficou inteiramente desconhecido, arrojou-se a convidar para dançar a propria duqueza de Borgonha, que dirigia o baile. Ella teve de acceitar o convite respeitando as leis inviolaveis da mascara, sem poder jámais saber com quem dançou.

•

E aqui cabe agora alludir a um baile de mascaras realisado na côrte portugueza, pouco depois do consorcio de Sua Mages-

tade El-Rei D. Luiz, avô do actual soberano, com a princeza D. Maria Pia de Saboya. Que saibamos, foi esse o unico baile de mascaras que se realisou no palacio da Ajuda. Reminiscencias que temos de informações lidas com respeito a essa festa, dizem-nos que foi verdadeiramente real, pelo fausto de que se revestiu, pela riqueza e variedade dos *costumes* exhibidos, e pelas personagens de representação que n'esse baile tomaram parte. De algumas d'essas personagens, damos os retratos, acompanhando este artigo, reproduzindo-os de photographias d'essa época, que nos foram obsequiosamente cedidas pelo sr. D. Miguel de Mello (Murça).

De José Emygdio Cabral damos dois retratos, sendo um representando-o em riquissimo *costume* de *pescador de perolas*, com que se exhibiu n'uma *soirée* dada, no palacio das Tulherias, pela imperatriz Eugenia, nos ultimos tempos do imperio de Napoleão III, ao qual Sédan poz o seu ponto final. O nosso retratado era então addido da legação portugueza na capital de França, e ali geralmente estimado.

O ENTERRO DA SARDINHA, MASCARADA POPULAR, NO CANAL

(De um quadro de Goya)

Voltando, porém, ao baile da Ajuda, a apresentação d'esses retratos e a evocação da lembrança d'essa festa principesca, a quantos dos nossos leitores não trarão, talvez, a *amarga consolação* da saudade por esses felizes tempos idos para não mais voltarem?... «Recordar-se é consolar-se», na phrase de Herculano; mas não é menos certa a designação de «gosto amargo de infelizes», achada por Almeida Garrett para esse sentimento tão bellamente expresso em a nossa palavra: Saudade! Ella traz até nós o «delicioso pungir d'acerbo espinho», mas quem «de a não sentir não morrerá saudoso», como escreveu um outro poeta nosso, que não recordamos, de momento, qual fôsse?...

Saudade d'esse baile não a sentimos nós, que não tinhamos edade nem categoria para a elle assistirmos. Sentimol-a, todavia, por muitos dos que puderam ter essa ventura, e que já dormem hoje o eterno somno, ou ostentam uma decrepitude desolante!

E' que o esplendor e a paz e a alegria d'esses tempos não existem hoje... O tempo

é outro. Circumstancias, côrte, personagens, caractéres, tudo mudou com o rodar dos annos; e a differença a notar-se ainda mais funda cava a saudade do que não volta!

Mas... um artigo da ordem d'este, que estamos escrevendo, não pode nem deve terminar pelo modo a que o conduziriam lamentações como as que ficam acima. Precisa de uma nota alegre.

Dal-a-hêmos alludindo ao que se passou no esplendido baile de mascaras realisado no sumptuoso palacio de Versailles, no tempo de Luiz XVI, para celebrar o nascimento do Delphim.

Os salões estavam bellamente adornados, e o *buffete*, que a historia diz fôra de proporções colossaes, ostentava enorme profusão de vitualhas, preciosos vinhos e exquisitos licôres. Apesar da extraordinaria animação, e do deslumbramento de uma festa de tal ordem, em breve começou a chamar a attenção de toda a gente, um mascarado, de elevada estatura (e por certo — suppunha-se — de não menos elevada estirpe), que vestia um *dominó* amarello, com largas fitas de seda, e que não fazia senão entrar e sahir do *buffete*.

A sua primeira investida aos solidos e aos liquidos ali amontoados, comquanto pudesse dizer-se terrivel, não chamou demasiado a attenção. Quando, poucos momentos depois, o viram voltar a servir-se com identica furia, o caso passou a constituir successo, a noticia começou de correr pelos salões, intrigando todos os convidados. Quem seria? era o que todos perguntavam, mas ninguem o sabia dizer.

NA RUSSIA — O CARRO DA RAINHA DO CARNAVAL

(De H. Karazin)

Terceira investida ao *buffete*, e novo destroço formidavel nas comidas e bebidas. Não era já sómente um caso phenomenal, mas entrava a constituir motivo de inquietação, pelas consequencias que eram de receiar, dada a *séde insaciavel* do alentado comilão! Como o estomago humano, por mais vasto que seja, tem seus limites, depois de apreciado o *estrago* feito no *buffete* pelo terceiro assalto do *dominó* amarello, toda a gente de raciocinio se tranquillisou, reflectindo judiciosamente, que, quem tanto comera e bebera, attingira, seguramente, o maximo das suas faculdades gastricas e havia posto ponto nas façanhas já dignas de chronica.

Pura illusão! Apenas alguns minutos transcorridos, e eis que pela quarta vez o famoso *dominó* entra no *buffete*, e de novo começa a comer e a beber como se estivera em jejum, e bem disposto a espantar o maior gastronomo d'este mundo. Aquillo não era

estomago: era um poço sem fundo. A credulidade do tempo levou mesmo diversos convidados a supporem que se tratava de algum ser sobrenatural.

A phantastica personagem não se contentou com os quatro assaltos. Foi-os repetindo, sempre com egual voracidade, e ainda a intervallos mais curtos do que até ahi, como que receando se acabassem as provisões fabulosas do *buffete* real. Decididamente era preciso descobrir-se o mysterio que envolvia uma pessoa de tão prodigioso estomago e de tão insaciavel apetite.

Um dos convivas, mais audaz ou mais atilado do que os restantes, deliberou fazer uma coisa, aliaz bem simples, mas da qual até então ninguem se lembrára: seguir o *dominó*, á sua sahida do *buffete*, e não o largar sem saber quem estava dentro do disfarce. Decifrou-se, a breve trecho, o enigma, e toda a gente poude ter a explicação do estranho caso. O que parecia um inegualavel prodigio gastronomico, reduzia-se a que os cem Suissos da guarda do palacio, verdadeiros gigantes, iam successivamente envergando o *dominó* amarello para disfarçadamente poderem... tirar a barriga de miserias!

E tudo largou então a rir, sendo a propria rainha das que riu mais perdidamente com o caso, dando logo ordens terminantes para que se não puzessem embargos á continuação da *habilidade* dos guardas.

O *buffete* achava-se tão bem fornecido, que mesmo quando o ultimo dos Suissos realisou o derradeiro assalto aos *comes* e *bebes* da famosa festa, as provisões ainda estavam longe de acabar.

A. Beldiabo.

D. JOÃO II

A vontade e valor, que o realçaram,
Buscando só no povo sua firmeza,
Derribaram os fóros da nobreza
E parentes, que contra o rei tramaram;

Judeus, que de Castella expulsaram,
Com trabalho, sciencia e riqueza,
Foram logo acolhidos com presteza:
E por tudo—o Perfeito—lhe chamaram!

Do D. Henrique foi:—continuador;
Da Boa-Esperança o cabo fez dobrar;
Morreu, sonhando a India, em Alvôr.

Pena foi que só houvesse, a empanar
Um tal reinado, um triste dissabor:
A Colombo não soube adivinhar!

IGNOTUS.

Exemplos do Bem

Fr. Miguel Contreiras, o Instituidor das Misericordias

GRANDES figuras nos aponta a *Historia do Bem*, como exemplos raros de nobres e caritativas almas, esbatidas na penumbra de vagas tradições, de lendas divulgadas pelos chronistas fradescos, e sobre as quaes, os documentos poeirentos e traçados dos archivos nada dizem, de formal e positivo, veridico e provado, ácerca da sua vida e obras.

Pertence a este numero de figuras notaveis e mal biographadas o celebre frade da ordem da Santissima Trindade, Miguel Contreiras, o fundador da Misericordia de Lisboa — a primeira de Portugal, da qual depois, por imitação feliz, se derivaram as irmandades da Misericordia, espalhadas por todo o paiz, pelas ilhas adjacentes, provincias do ultramar, India, China, Japão e Brasil.

Pouco se sabe de fr. Miguel, além do que as *Chronicas da Santissima Trindade* de Hespanha, escripta por fr. Pedro Lopez de Altuna em 1687, e da provincia da mesma ordem, de Portugal, por fr. Jeronymo de São José em 1789, assim como outros chronistas de conventos, nos deixaram dito a seu respeito.

Dão-n'o uns como valenciano, outros como filho de Segovia, attribuindo-lhe até alguns nobre ascendencia genealogica, mania corrente nos velhos livros de frades e de historiadores.

Attribuem-lhe como data de nascimento a de 29 de setembro de 1498; mas só veiu para Lisboa, na edade de 56 annos, com fama e reputação de excelso prégador. Confirmou-a em sermões que prégava na Sé e n'outras egrejas.

Mas o que desde logo sobrelevou á fama de prégador, foi a aura popular que o acolhia, pelas suas virtudes, a todo o momento demonstradas, de santo e venerando varão.

A popularidade que adquiriu foi grande, dizem os chronistas; elle era o protector das viuvas e dos orfãos; esmolava para elles dia e noite percorrendo as estreitas ruas da velha capital, com um jumentinho, em cujos ceirões ia amontoando as dadivas, ajudado por um servo anão, figuras populares de grande relevo typico n'aquelle meio, em que os peditorios dos frades, mendigos e dos memposteiros, as caixas para esmolas para santos e para as almas, abundavam por toda a parte.

Recolhia o bom frade ao pateo da Sé Cathedral, e alli contava o producto do peditorio do dia; e, dividindo o monte em tres porções, enviava uma, por um grupo de homens bons, que o ajudavam na empreza, a casa das viuvas pobres e recolhidas, de que tinha o rol; a segunda distribuia-a alli mesmo pelas viuvas pobres que acudiam com seus orfãos; e a terceira, ia elle proprio, com o anão e o jumento, leval-a aos presos pobres.

D'esses homens bons, velhos e prudentes, que passeando gravemente no adro e pateos da Sé, como conta fr. Luiz de Sousa, tiveram com o frade a idéa, abençoada durante seculos, de fundar a Misericordia de Lisboa, conservou-nos uma tradição documental os nomes, que são: — João Rodrigues Ronca, Contim do Poço ou do Paço, flamengo, mo-

rador á Rua Nova, João Rodrigues, cereeiro, que vivia á Porta de Ferro, um livreiro Gonçalo Fernandes, e um bordador valenciano, morador á Correaria.

De um d'estes, o Contim do Poço, flamengo, ainda ha pouco o erudito investigador sr. Anselmo Braamcamp Freire, no seu estudo documental, tão precioso, ácerca da Feitoria dos Portuguezes na Flandres (Antuerpia) (1), encontrou n'um velho documento, do seculo XV, o nome como testemunha, comprovando-se assim a sua existencia e nacionalidade.

ESTATUA EXISTENTE NO HOSPITAL DO RIO

Fundaram pois estes homens bons a Confraria; e como fr. Miguel era ao tempo, pela sua grande nomeada, Confessor e Prégador da Rainha D. Leonor de Lencastre, influiu elle no animo d'esta princeza, para que estando ella governante do reino, na ausencia de D. Manoel, instituisse solemnemente na Sé a Misericordia, na capella da Terra Solta, aos 15 de agosto de 1498, confirmando logo o *compromisso* da nova confraria de caridade, aos 29 de setembro, anniversario de fr. Miguel.

Entregava-se o venerando fundador ao resgate dos christãos, que ficavam captivos dos mouros no Norte de Africa, e em correr as ruas e as praias para recolher, amortalhar e sepultar piedosamente os cadaveres dos escravos e infelizes, que, áquelle tempo, succedia apparecerem mortos nas ruas ou eram arrojados á praia pelo mar, evitando assim, com louvavel caridade, que os cães vadios e esfomeados viessem devoral-os, como a miudo acontecia n'aquelles tempos de barbaros costumes.

Vivia fr. Miguel no convento da Santissima Trindade, junto á muralha de Lisboa, a S. Roque, e alli morreu, e se sepultou, segundo os chronistas, em 29 de janeiro de 1505. O seu tumulo foi uma campa rasa, sem letreiro nem epitaphio, na capella-mór da egreja do convento, perdendo-se assim pela destruição completa do edificio em 1755, a memoria sepulcral d'este illustre varão.

Nem nos papeis do seu convento, nem no vasto repositorio da Torre do Tombo, os indices accusam noticia alguma diplomatica da sua vida. Apenas em livros de escripturas de aforamentos e outros, apparece

(1) *Archivo Historico Portuguez*, n.os 9 e 10, de 1908.

como testemunha presente, o licenceado fr. Miguel de Contreiras, e isto nos annos de 1497 até 1502 (segundo obsequiosa informação do erudito investigador sr. general Brito Rebello).

N'este periodo, notavel para a *Historia da Misericordia* que eu largamente esbocei, tanto quanto m'o permittiram os minguados subsidios documentaes de que pude servir-me, apparecem muitos alvarás de privilegios e de importantes immunidades, concedidos pelo rei á nascente Confraria. Em nenhum d'elles porém, nem no *Compromisso*, se lê o nome do Instituidor.

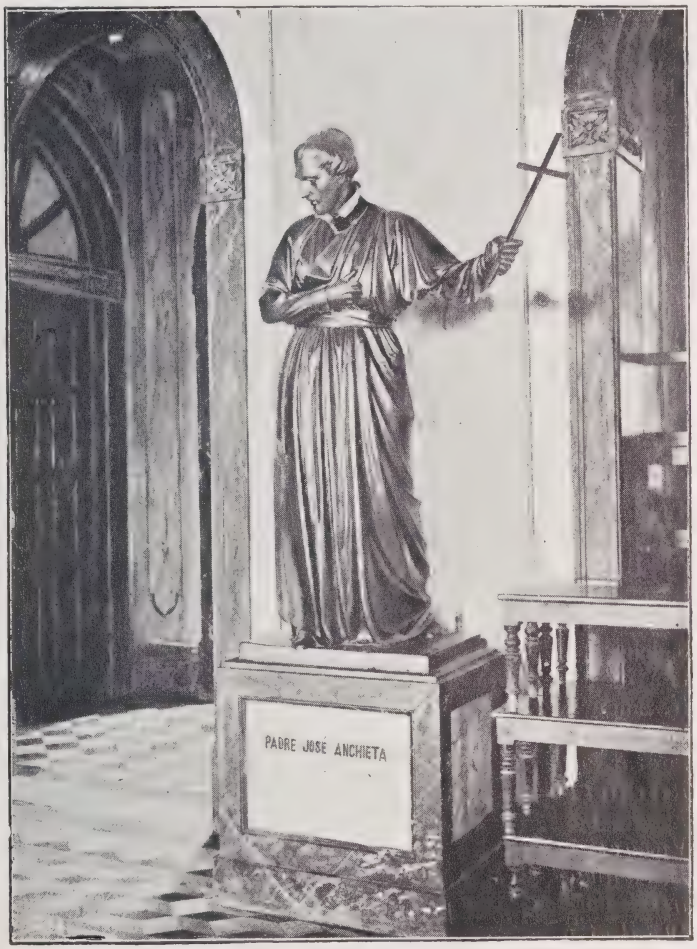
A sua memoria chegou mesmo a perder-se, segundo se vê por um precioso documento de 1574, existente no Archivo Nacional; e então a Ordem da Santissima Trindade, ciosa de tão notavel gloria da sua casa professa, promoveu o inquerito ácerca do Instituidor, do que resultou o Provedor e mesarios resolverem em 1575, que, para não se tornar ao olvido, se pintasse a figura do religioso nas bandeiras da Misericordia, pela fórma que já indiquei no meu artigo sobre a bandeira da Misericordia de Lisboa, publicado no n.º 43 dos *Serões*, de janeiro de 1909.

O alvará de Filippe II, de 24 de abril de 1627, mandou que as bandeiras de todas as Misericordias do reino, se conformassem com aquella determinação da Misericordia de Lisboa, pintando-se n'ellas a imagem do religioso com as letras *F. M. I.* — que significam *Frei Miguel Instituidor*.

Assim se fez, perpetuando-se a memoria do bondoso frade. Infelizmente porém a pouco mais se limitou esta tardia homenagem.

Escasseiam, ou desappareceram porventura os documentos officiaes ou particulares relativos a tão illustre benemerito da Patria.

Existe no maço 4.º das *Cartas missivas* da Torre do Tombo uma carta em castelhano, dirigida — *al rey y reyna nosos señores* — de tres meias folhas de papel almasso, sem data nem logar, contendo apenas consolações christãs e evangelicas pela morte de pessoa querida, que bem poderia ser a do principe D. Affonso, e assignada simplesmente *Frey miguel*, sem que possa dizer-se com segurança que seja do Instituidor das Misericordias; e em todo o caso, esta carta nada absolutamente nos re-



ESTATUA EXISTENTE NO HOSPITAL DO RIO

vela da vida nem da obra do venerando ancião.

O seu tumulo sumiu-se nos escombros do terremoto, e jazem quiçá os seus ossos debaixo dos alicerces de algum dos predios da Trindade, ou sob o chão de algum dos pateos, antigos claustros, que ainda alli existem.

Quanto á sua verdadeira figura, tambem a mesma nebulosa vacuidade. Houve, na varanda do claustro pequeno do antigo convento da Trindade, um quadro de pintura remota, tido como o verdadeiro retrato de fr. Miguel. D'elle diz o auctor dos *Retratos e Elogios dos Varões e Donas illustres de Portugal*, ter reproduzido pela gravura, o que acompanha essa valiosa obra, e d'ella tem sido reproduzido por diversos.

FREI MIGUEL CONTREIRAS
(Quadro de Carlos A. Leoni, na Bibliotheca Nacional)

O chronista da Santissima Trindade declara que outros retratos havia: mas só possuimos hoje o que na collecção da *Bibliotheca Nacional de Lisboa* existe, sob n.º 11, pintado em 1766 por Carlos Antonio Leoni, e reputado o mais autentico entre os que hoje conhecemos.

Differe porém este retrato, profunda e radicalmente, do dos *Varões e Donas*. O da *Bibliotheca Nacional*, representa um homem de já provecta edade, rosto venerando, insinuante, sympathica cabeça de velho, de longas barbas alvejantes. Traja o habito branco dos trinos e hasteia na mão a bandeira da Misericordia.

D'este retrato mandou o fallecido provedor da Misericordia de Lisboa, dr. Thomaz de Carvalho, tirar uma copia, pelo pintor Antonio Thomaz da Conceição e Silva, para o collocar na sala das sessões da Administração da Santa Casa.

Nunca se prestou outra mais condigna homenagem ao emerito varão, cujo vulto parece estar representado no grupo allegorico de pedra, da *Senhora da Misericordia*, collocado sobre a bella porta manoelina da egreja da Conceição Velha, que é, como se sabe, a ultima reliquia do magnifico edificio, que o rei *Venturoso* mandou construir

para a Confraria, na qual elle se inscrevera como *irmão* e *protector*.

No Brasil abundam as estatuas e homenagens publicas prestadas aos grandes vultos dos *heroes do Bem*, como Braz Cubas, honrado portuguez, que com a cidade de Santos, lançou juntamente os alicerces do seu grande hospital de Todos os Santos (1543), em tudo analogo ao grande hospital do mesmo nome, de Lisboa, e ao qual a cidade reconhecida erigiu uma estatua em 1908, ou ainda, como o abençoado bispo do Pará, D. fr. Caetano Brandão, a cujas boas obras e santa memoria, me referi já, no meu artigo inserto nos *Serões*, n.º 6, de dezembro de 1905.

RAINHA D. LEONOR
(Segundo o quadro no côro da egreja da Madre de Deus)

Tambem o Brasil erigiu um publico testemunho de homenagem a fr. Miguel, o fundador das Confrarias de Misericordia, que n'aquelle florescente paiz ainda hoje exercem a sua benefica acção caritativa. Na sala ou vestibulo do grandioso hospital do Rio de Janeiro, vêem-se desde 1841, a um lado a magnifica estatua de fr. Miguel, do outro, em harmonioso parallelo, a estatua do famoso padre José de Anchieta, missionario jesuita, que em 1552, entre o maior numero de monumentos religiosos e de caridade, que ainda presentemente se admiram no Brasil, lançou os fundamentos da egreja e hospital da Misericordia do Rio de Janeiro.

Bello contraste! O fundador das *Misericordias*, esses institutos pios, que durante seculos amontoando os piedosos legados de tantas almas caritativas, conglobaram na sua acção humanitaria, n'uma obra pia colossal, as intenções bemfazejas de tantas gerações, constituindo o mais notavel exemplo de quanto podem a iniciativa individual e a força associativa, colligadas, fr. Miguel Contreiras, emfim, posto a par do *apostolo do Brasil*, — «poeta, guerreiro, naturalista, que para fazer-se util sabia tomar todas as fórmas: dando escola ás creancinhas, commandando tropas, compondo canticos, pensando doentes, congra-

çando entre si, com risco de vida, as tribus gentias, ainda as mais ferozes, defendendo os colonos portuguezes contra o furor dos indios e as tribus dos indios contra as depredações dos colonisadores!»

As duas estatuas, collocadas em más condições de luz, foram expressamente mandadas photographar pelo meu bom amigo e illustradissimo cidadão brasileiro, residente entre nós, o sr. Luiz José Fernandes, com o fim de me offertar a imagem do benemerito fr. Miguel Contreiras, que em tempo eu lhe pedíra. Por occasião da sua visita ao Rio, em 1908, encarregou d'esse trabalho o photographo Leterre, de cujas photographias se reproduzem hoje as gravuras que acompanham este artigo.

Tal é a mais significativa homenagem com que o Brasil consagrou a memoria do illustre benemerito, cujo nome e obras, se emparceiram perante a admiração das gerações, com tantos outros immorredouros bemfeitores da Humanidade, como José de Anchieta, São Vicente de Paulo, São Francisco Xavier, D. fr. Bartholomeu dos Martyres, D. fr. Caetano Brandão, D. Francisco Gomes de Avellar, e muitos outros que constituem lidimas glorias patrias e alheias, da galeria luminosa dos *Exemplos do Bem*.

Lisboa — Janeiro de 1910.

VICTOR RIBEIRO.

OLHOS

A Deolinda

Deus, que fez as gangrenas do Poente,
— Esse borrão phantastico, sem norma,
N'uma arte rebelde, que não sente
Rudes grilhões convencionaes da Fórma;

Elle, que um dia, bebedo com opio,
Evocou o sabbát da vida tragica,
Cyclorama de Dôr, kaleidoscopio
Com relumbrancias de lanterna magica;

Deus, que creou o Mal, — o Shakspeare,
Que me fez o «Hamlet» e o «Rei Lear»,
— O peregrino errante da Ventura...

Pizando cardos, tremedaes, abrolhos,
Fez uma cousa boa, — essa doçura
Angelical dos teus formosos olhos...

Eduardo Metzner.

O PAPA PIO X

Do berço humilde á cadeira de S. Pedro.
Na escola, na parochia, no bispado, no sacro collegio e no throno pontificio.
O dia official e intimo de Pio X. Prophecias e anecdotas.

(CONTINUAÇÃO)

Sarto, cardeal e patriarcha de Veneza

Leão XIII não perdia de vista o tacto administrativo e disciplinar com que o bispo de Mantua dirigia a sua diocese; de maneira que, vagando o patriarchado de Veneza, o pontifice escolheu para tão difficil e delicada missão Mons. Sarto; mas como prova de deferencia e estima pessoal para com elle, e testemunho de apreço pelas suas virtudes, nomeou-o Cardeal.

Na visita do estylo que Mons. Sarto fez a Leão XIII, como alludisse a sua mãe, o papa interrompeu-o dizendo-lhe: «Pois tendes ainda mãe?! E em seguida ordenou que fosse enviada a benção apostolica á veneranda octogenaria.

Com 81 annos se finava em 1894 a boa velhinha, Margherita Sanson, e foi este um dos golpes mais rudes soffridos pelo actual pontifice. Modestissima, jamais esquecida da humildade em que vivera muitos annos, e embora visse o filho ir subindo desde simples sacerdote até ás eminencias ecclesiasticas, antolhava-se-lhe sempre, acima de tudo, o seu Guiseppe, ainda menino, esperança e alegria da familia. Exequias solemnes lhe foram feitas na majestosa egreja de S. Marcos, assistindo á ceremonia o alto clero e grande concurso de povo.

Em Veneza, a noticia da nomeação de Mons. Sarto causara uma alegria immensa, o que se explica: eram já bem sabidas do povo as altas qualidades que exornavam a figura sympathica do bispo de Mantua, entre as quaes sobresahia uma encantadora affabilidade, temperada com muita firmeza em tudo quanto dizia respeito á disciplina ecclesiastica, como já dissemos. Por isso a recepção imponentissima que lhe fizeram os venezianos, equivaleu quasi a um triumpho. Concorriam tambem para esse fim certas razões, provenientes de intrigas que haviam trazido como resultante o ter permanecido a séde patriarchal tres annos sem prelado. O povo veneziano, no seu triumpho, protestou indirectamente contra essas intrigas. Imaginar-se-ha então a imponencia pittoresca do espectaculo: a estação do caminho de ferro, decorada rica e vistosamente, repleta de venezianos; depois, o novo patriarcha, na sua gondola, seguida de muitas outras e de toda a especie de barcos, barcas, pequenos vapores, atulhados de gente, em grande grita festiva; o cortejo seguindo pelo canal grande; as janellas trasbordantes de senhoras, com suas vestes de côres variegadas, acenando com lenços; os homens ás portas das fabricas e das outras casas, saudando o prelado que, de rosto risonho, mas nobre e grave, ia lançando a benção e agradecendo essas effusivas demonstrações, no esplendor da purpura, rodeado de officiaes de marinha em grande uniforme. Apenas, o palacio municipal destacava pela sua mudez, não se ven-

do ali o menor signal festivo. Em compensação, no palacio patriarchal, onde a mó de gente quasi impedia a entrada do cortejo, a recepção foi egualmente ruidosa e imponente. Ahi foram offerecidos a Mons. Sarto valiosissimos presentes, e, entre elles, um bello calix de ouro, uma gondola artisticamente

S. E. O CARDEAL PATRIARCHA G. SARTO

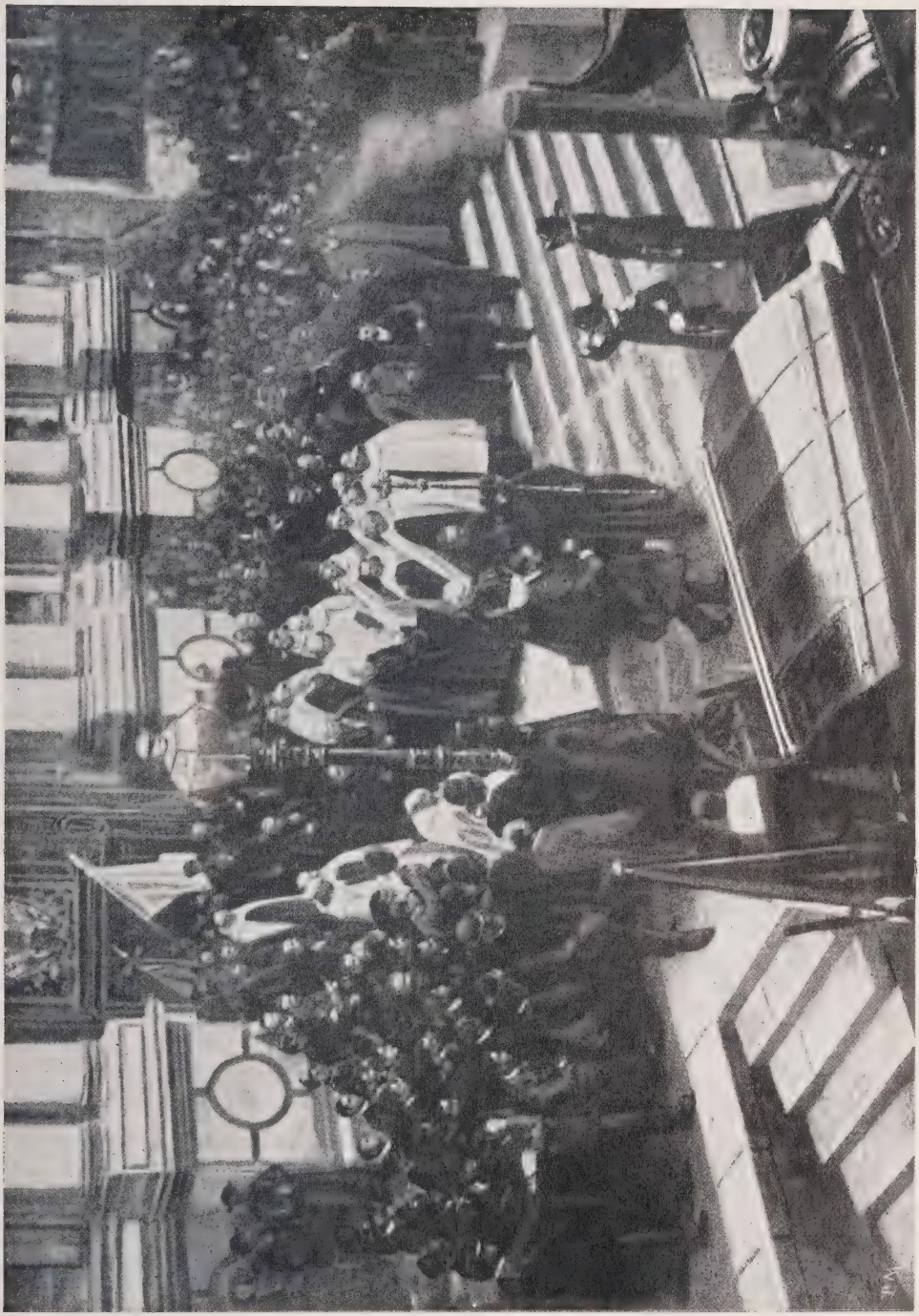
lavrada, trabalho notavel do artista Casal, com entalhes do celebre Besarel.

Não era o novo prelado de Veneza homem para pagar aggravos com aggravos: a sua primeira visita foi precisamente a que elle fez ao sindico da camara municipal, com quem logo combinou a maneira de soccorrer as victimas dos terramotos da Sicilia e da Calabria; a segunda foi para o hospital, aonde levou consolações espirituaes e soccorros materiaes avultados. E depois foram outras visitas a hospicios e estabelecimentos de caridade. A sua ternura com as crianças, essa então fazia saltar lagrimas até dos corações os mais impedernidos. Visitas ás auctoridades civis, ás auctoridades militares, e a outros elementos officiaes: em todos conquistava immediatamente as sympathias dos mais desconfiados ou dos mais remissos. O seu proposito era com effeito viver com as suas ovelhas na paz e na mutua estima.

Escusado será accrescentar que o seu alvo principal consistiu em fortificar na área da sua jurisdição a instrucção religiosa, a disciplina ecclesiastica, alargando e creando fundações pias para orfãos, para os desprotegidos da sorte, sem esquecer os operarios, com os quaes continúa as tradições do papa, seu antecessor na cadeira de Christo. Quando prégava, o povo, que o escutava e em tudo o entendia, observava: *como predica bene questo cardinale!*

Sentia-se o cardeal Sarto em extremo feliz: alma de artista, Veneza dava-lhe pasto amplo ás suas faculdades esthetica; tinha a confiança e a estima de todos; nos raros momentos de descanso, entregava-se á musica; as suas ambições parece que se confinavam na historica cidade das lagunas, onde cada pedra representa um trecho da historia passada, cidade cheia de tradições espantosas.

Limitavam-se ali as suas ambições? Assim tudo o levava a crer: elle mesmo dizia



ENTRADA DO CARDEAL PATRIARCHA SARTO, EM VENEZA

frequentemente aos intimos: *sou um cardeal do campo; não espereis de mim grandes coisas.*

A insistencia no dito, provava a sinceridade de um animo insuspeito: nunca a sua palavra peccara por falsa!

De cardeal a Papa

No dia 20 de julho de 1905, Leão XIII finava-se com 93 annos e 4 mezes, em seguida a uma *pulomonite adinamica con susseguente pleurite emorragica* — assim rezava o boletim assignado pelo medico de Sua Santidade, o dr. Lapponi. Colhera-o a morte ainda no equilibrio das suas extraordinarias faculdades mentaes, não lhe abrindo as portas da immortalidade, porque de ha muito o nome de Leão XIII se inscrevera a par das figuras mais notaveis do Pontificado Romano. Muito se escreveu laudatoria e campanudamente sobre o successor de Pio IX; mas não ha duvida de que foi um papa essencialmente politico e diplomata, a quem Bismarck, *o homem de ferro*, que nop arlamento declarara *não ir jamais a Canossa*, entregou a arbitragem na questão das *ilhas Carolinas*. Concordatas estipuladas com Portugal, com o Montenegro e com a Colombia; creação de legações na Prussia; arbitragem entre a Allemanha e a Hespanha na questão das Carolinas, entre Portugal e a Belgica para os limites do Congo; entre a Republica do Haiti e Republica de S. Domingos; retirada das leis de maio na Allemanha; relações effectuadas entre o imperador Guilherme e a Santa Sé — eis as grandes linhas da politica, toda de paz e de bom conselho, sustentada por Leão XIII, com tal brilho e rara habilidade que todas as nações da Europa e da America — não esquecendo a propria Turquia — testemunharam em diversas occasiões, por meio de embaixadas solemnes ou de missões extraordinarias junto do Pontifice, a altissima consideração que lhes merecia esse grande vulto da Igreja.

GONDOLA DO CARDEAL PATRIARCHA SARTO

Papa morto, Papa a eleger. Logo o cardeal Oreglia di Santo Stefano, decano do Collegio Sacro, tratou dos aprestos necessarios para o conclave que elegeria o futuro Vigario de Christo. Arranjaram-se as cellas ou compartimentos destinados aos eleitores na basilica de S. Marcos, ficando estes, como se sabe, alojados no rez-do-chão e nos tres andares superiores. Cada cardeal teria, como é do estylo, a sua cella com tres ou quatro quartos, onde se poderia albergar com o conclavista e o domestico. As cellas eram completamente separadas umas das outras, restando aos cardeaes a liberdade de tomar a refeição nos seus aposentos ou em commum. Dos 62 eleitores que figuravam no conclave, 42 declararam tomar as suas refeições na sua cella: os outros comeriam em commum. Cada cella tinha o competente numero.

Começaram os cardeaes de dirigir-se a Roma; o cardeal patriarcha de Veneza, porém, não foi dos primeiros a chegar á cidade eterna: retiveram-no as ordens sacras que, por dever do cargo, administrou em 26 de julho, na egreja de Santa Maria della Salute. O adeus ás irmans foi uma scena commoventissima. As boas velhinhas, como se presentissem que o irmão não tornaria aVeneza, quizeram beijar-lhe o anel. Não o permittiu elle, e beijando-as no rosto, bem como á sobrinha Amalia, alegre e calmo ao mesmo tempo, dizia-lhes, com a sua habitual meiguice:

— Ir a Roma não é o mesmo que ir á America.

— *Fato presto il conclave e tornate anche presto* (1), disse por ultimo a sobrinha.

— Cedo ou tarde, observou o tio cardeal, não importa. Entretanto vai a Passagno tomar um pouco de ar fresco. Asseguro-te que virei a Passagno quando menos o esperares.

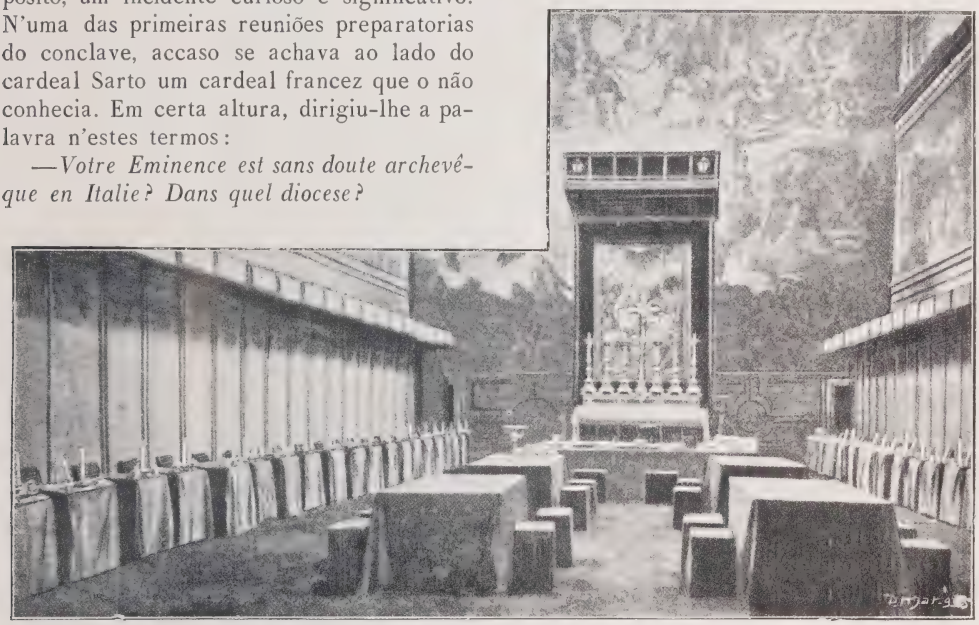
E o cardeal Sarto, mettendo-se na gondola, dirigiu-se á estação, seguido do cortejo fluvial que lhe dava a despedida no

(1) Apressa o conclave e volta breve.

meio dos repiques de sinos e das acclamações dos seus diocesanos, a quem agradecia, de momento a momento, as saudações.

Acompanhá-lo-ia já algum presentimento? Naturalmente, quando um cardeal se dirige ao conclave, por mais desprendido que seja das ambições ou das vaidades do mundo, verá erguer-se na sua frente este ponto de interrogação: *Serei eu o eleito? Verificar-se-ha em mim o famoso inter duo litigantes tertius gaudet?* Que o patriarcha Sarto se não fartava de observar que era um *pobre cardeal do campo,* é certo: de mais a mais, n'esse tempo não falava elle francez. E a proposito, um incidente curioso e significativo. N'uma das primeiras reuniões preparatorias do conclave, accaso se achava ao lado do cardeal Sarto um cardeal francez que o não conhecia. Em certa altura, dirigiu-lhe a palavra n'estes termos:

—*Votre Eminence est sans doute archevêque en Italie? Dans quel diocese?*



A CAPELLA SISTINA PREPARADA PARA O CONCLAVE

—*Non parlo franceze;* respondeu o interrogado.

—*In quanam diœcesi es archiepiscopus?* tornou o cardeal francez, falando então latim.

—*Sum patriarcha Venetiarum.*

—*Non loqueris gallice? Ergo non es papabilis, siquidem papa debe gallice loqui.*

—*Verum est, Eminentissime Domine;* apressou-se logo a dizer, o cardeal Sarto. *Non sum papabilis. Deo gratias!* (1)

Agitado ou não pela secreta esperança de cingir a tiara pontificia, se partiu o cardeal Sarto para Roma, com dinheiro... emprestado! A sua caridade, como já observámos, ampliava-se com os annos, de geito que quando resolveu ir ao conclave, não teria em casa com que comprar uma duzia de gallinhas. A obsequiosidade de um amigo nosso, diplomata bem visto na côrte pontificia, e a quem devemos informações muito interessantes para a biographia de Pio X, permittiu-nos saber uma particularidade sobre aquella ida a Roma, pormenor ouvido da bocca da condessa C... a quem o cardeal Sarto tratava com especial estima. S. Em.ª dirigira-se, em Veneza, a um conhecido, pedindo-lhe 300 liras para poder seguir viagem. Surpreza do homem: com tal bagatela seria lá possivel a um cardeal fazer viagem e estar em Roma uns poucos de dias?

(1) — V. Em.ª é sem duvida arcebispo em Italia. Em que diocese?

— Não falo francez.

— Em que diocese és arcebispo?

— Sou patriarcha de Veneza.

— Não falas francez? Logo, não és elegivel a papa, se é verdade que o papa deve falar francez.

— E' verdade, Em.mo senhor. Não sou «papabile», graças a Deus!

A' disposição de S. Em.ª estavam 3:000 liras, 10:000, o que quizesse...

— Não! 300 liras me bastam para estar em Roma com o meu secretario.

Perante uma tal insistencia, não havia remedio senão ceder.

E lá se foi o cardeal Sarto, com 300 liras apenas na algibeira, acompanhado simplesmente do seu secretario, começando logo por fazer uma economia na viagem. Com effeito o cardeal tomou bilhete de ida e volta.

Será esta mais uma razão para crer que effectivamente se não julgava *papabile*...?

Mas, antecipemo-nos um pouco e perscrutemos o destino do pedacinho de cartão que viria a ter honras de coisa historica. Voltasse o cardeal-patriarcha a Veneza, ficando Rampolla, ou Gotti, ou Oreglia eleito: o pedacinho de cartão seria recolhido automaticamente pelo modesto empregado á porta da estação e sepultado no olvido. Mas o cardeal Sarto ficara em Roma, eleito papa e internado no Vaticano. Logo o fragmento de cartão passou a constituir o pesadêlo de collecionadores e amadores de curiosidades. Da America, então, vieram propostas seductoras para a acquisição do bilhete que S. S. conservava em seu poder, como recordação de uma viagem de ida... sem volta: até parece que o Papa, se desse ouvidos a taes propostas, poderia ter avolumado sensivelmente o *dinheiro de S. Pedro*... S. S. comtudo declinou todas as offertas, repugnando-lhe sem duvida a idéa de mercancia.

O *Figaro*, porém, deu-nos ha pouco uma curiosa noticia ácêrca do destino do historico bilhete. Na visita que o rei da Grecia fez ao pontifice, teve artes de derivar a conversação para a viagem... sem volta do patriarcha de Veneza, mostrando desejos de possuir o tão apreciado cartãosinho. Logo S. S. annuiu com a mais requintada amabilidade aos desejos do rei da Grecia.

SUA SANTIDADE O PAPA PIO X

Veja-se como um pouco de cartão assumiu as honras quasi de monumento historico, invejado e perduravel!

Passemos agora de alto sobre as ceremonias religiosas que precedem os escrutinios para a eleição do Pontifice. Bastará dizer que ellas começaram no 1.º de agosto, sob um calor canicular abafante. A primeira sessão que não déra resultado, indicou que o cardeal Rampolla obtivera 24 votos, Gotti 17, Sarto 5, Vannutellí 4, Oreglia 2, Capecelatro 2, Di Pietro 2. A *sfumata* durara cêrca de 6 minutos. Como se sabe, os boletins da votação são queimados, e o fumo indica que a eleição não deu resultado. Na praça de S. Pedro, sempre cheia n'essas occasiões de gente que morre de curiosidade por saber o nome do novo pontifice, os photographos, de objectiva apontada á *sfumata*, voltaram, como os mirões, de ore-

lha cahida, esperando o dia da seguinte votação.

Ora, logo no dia 2, o cardeal Puzyna, bispo de Cracovia, declarara haver recebido do imperador Francisco José, communicações do desejo que S. M. I. tinha de que não fosse eleito papa o cardeal Rampolla. O primeiro a protestar contra esta intrusão de um poder estranho sobre o conclave foi o decano do Collegio Sacro (Oreglia): «Esta communicação, disse, não póde ser acolhida pelo Conclave senão a titulo *officioso;* e de tal se não tomará conta.»

Por seu turno o cardeal Rampolla (que no 2.º escrutinio do dia 1 de agosto alcançara ainda mais cinco votos, isto é, 29), asseverou, que nada lhe podia succeder de mais grato, quanto á sua humilde pessoa; mas que muito o molestava que um poder civil *(laico)*, entrasse onde não tinha o direito de tolher a liberdade dos eleitores. Ao seu protesto uniu-se tambem o do cardeal Perraud, bispo de Autun.

S. S. PIO X NA «SEDIA GESTATORIA» (CADEIRA PORTATIL)

Não obstante a communicação austriaca, os dois escrutinios da sessão seguinte deram, um 29 votos, o outro 30 ao cardeal Rampolla; 21 e 24 ao cardeal Sarto. Ainda a *sfumata* carregada e escura disse a mais de 50:000 pessoas, reunidas na praça de S. Pedro, que não se elegera o papa.

Tivessem paciencia: o caso seria resolvido em breve...

Que se passou naturalmente no animo de José Sarto? Sabendo-se quanta somma de modestia exorna o caracter do pobre collegial de Riese, não admira crer na sua sinceridade, ao vê-lo andar em volta dos collegas, supplicando-lhes que o não elegessem: que elle não era digno do cargo; que era incapaz de cingir a tiara pontificia. Pois foram precisamente esses discursos, esses protestos com lagrimas na voz, que moveram ainda mais os eleitores a seu favor, solicitando-o na sua *cella* a que acceitasse a eleição.

O voto de Francisco José não era um *voto*, puro e simples? Era apenas uma formalidade? Seria. Certo é porém que, receosos de complicações politicas, os eleitores do Conclave arripiaram caminho, por fórma que na proxima sessão, os escrutinios, deram: o quinto, 27 votos ao cardeal Sarto; 24 a Rampolla; o sexto, 35 a Sarto; 16 a Rampolla.

Francisco José poderia esfregar as mãos de contente...

A *sfumata* mais uma vez convidava o povo a dispersar.

Eram já passados tres dias, e nenhum dos 62 cardeaes obtivera os dois terços da votação, numero indispensavel para ser pontifice. A anciedade no dia 4 de agosto chegara ao paroxysmo; a curiosidade em todos attingira o seu ponto culminante. A

ROSA, MARIA E ANNA SARTO, IRMÃS DE SUA SANTIDADE PIO X

multidão soltou um grito de alivio e de satisfacção quando foram vistos dois camareiros, nas suas vestes vermelhas, estendendo um amplo tapete na *loggia* grande, superior á entrada principal da Basilica Vaticana. Não havia duvida: o papa fôra eleito! Até correu voz de que o novo pontifice viria á janella lançar a benção papal: os regimentos, postados junto da egreja de S. Pedro, ajoelhariam, n'esse caso, segundo as ordens recebidas. No emtanto, as tropas apresentam armas. A' *loggia* assoma o cardeal Machi, primeiro entre os cardeaes diaconos, e, em voz forte, sonora, pronuncia a formula classica: *Annuntio vobis gaudium magnum: Habemus Papam Eminentissimum et Reverendissimum Dominum Josephum Sarto, qui sibi nomen imposuit Pium X.*

Vozes atroadoras romperam da multidão: todos os sinos de Roma, em concerto festivo e ruidoso, saudaram o novo pontifice. A setima e ultima votação d'esse dia 4 dera este resultado: Cardeal SARTO, 50 votos; Cardeal RAMPOLLA, 10 votos; Cardeal GOTTI, 2 votos; total, 62 votos.

Consoante o estylo, os tres cardeaes *capi d'ordine* apresentaram-se ao eleito; o decano Oreglia pronunciou então a formula ritual: *Acceptasne electionem de te canonice factam in Summum Pontificem?* O eleito respondeu que se julgava indigno de tão grande honra, mas que, visto os votos se haverem unido concordantemente na sua pessoa, via no facto a vontade de Deus, perante a qual se prostrava, recebendo o calix que lhe era offerecido. Por fim, disse a palavra sacramental: ACCEITO.

Ainda n'este ponto intercalaremos um episodio que nos foi referido pelo diplomata a que acima alludimos. Antes do cardeal Machi haver assomado á *loggia* para annunciar o resultado da eleição, algumas pessoas notaram que se abrira uma das janellas da Basilica e um braço saccudira nervosamente uma jaqueta de homem. Este pormenor passou geralmente despercebido da mó de gente que pejava a praça de S. Pedro,

mas algumas pessoas comprehenderam a significação do enigma. O facto de saccudir roupa de homem queria dizer que fôra eleito um cardeal de appellido *Sarto:* em italiano esta palavra quer dizer *alfaiate.*

Não deixou de revelar certo engenho, o domestico do Vaticano que se lembrou de saccudir uma peça de alfaiataria a uma das janellas da Basilica Vaticana!

Fizera então o destino a vontade contraria á do modesto *cardinale di campagna,* sentando-o na Cadeira de S. Pedro!

(Continúa).)

S. B.

Meu irmão!...

Rude guerreiro heroico de olhar brando,
Em campo aberto, á luz do sol, e aos brados
Embriagantes, roucos, inflammados,—
—Vai pela vida, meu irmão, luctando!

E, calmo e forte, vê unicamente
Sombras da tua Força em toda a parte,
—Vive parte da Vida a procurar-te,
—Vive a outra a cantar triumfalmente!

—Conhece-te, domina-te, sentindo,
Por seres o mais justo e o mais forte,
Tudo p'ra ti apenas existindo!

E sê grande na lucta e na Victoria!...
—E olha a sorrir a tua preza—a Morte,—
—E olha a cantar a tua irmã—a Gloria!—

Augusto Casimiro.

A vida na cidade e nos campos

A INFLUENCIA DA INSTRUCÇÃO

(CONCLUSÃO)

V

A suggestão educadora do campo

Na serra, na planicie e no valle a vida do campo é um perenne encantamento, e quando as familias dos trabalhadores recolhem aos frescos casaes, limpos e tranquillos, onde as maçãs aromatizam as arcas de linhos frescos, o aldeão é bem mais feliz do que o attribulado habitante das grandes cidades, envenenado pelo ambiente degenerativo dos burgos decadentes.

Nada mais lindo do que as festas da aldeia; nada mais humanamente grande do que a doce serenidade e independencia das familias dos campos (1).

Felizes os povos, como o portuguez, que podem viver pela agricultura, e que podem por isso viver a vida grande, livre e espontanea da natureza.

Uma só cousa falta á vida dos nossos aldeões: é a illustração, a educação mais apropriada, para tirarem da terra a riqueza de que carecem para serem ricos e felizes. Não se illudam os que se interessam pelos destinos communs: o mundo moderno não pode já ficar em equilibrio só porque ás classes trabalhadoras lhes é promettida a felicidade... no ceu. Isso é o idealismo em que viveu a época feudal. Hoje o povo trabalhador quer mais; deslocou o ideal do velho misticismo, e quer ter na terra a felicidade que aliás os velhos evangelizadores não dispensavam para si, ao passo que ordenavam resignação, pobreza e obediencia aos outros, que iriam para o ceu, se os servissem na terra.

Hoje, pela acção benefica da imprensa, da viação accelerada e do industrialismo, quem manda são as multidões: só desconhecem estes factos os ignorantes. Resta procurar o equilibrio das multidões por via da riqueza, e esta reside primordialmente na terra, acompanhada pelo esforço humano. Portugal tem a sua grandeza garantida na cultura da terra. O territorio da metropole, quando fôr agricultado como o da Belgica, será sufficiente para o duplo da actual população empobrecida.

Só o professor primario poderá realizar este ideal moderno: educar homens que façam a patria grande, poderosa e rica (1).

Para isto o professor primario não ha de

(1) Guillon — *L'émigration des champs sur les villes.*

(1) Lavisse — *Questions d'enseignement nacional.*

obrigar os seus discipulos a decorar paginas de livros sempre inexpressivos para as crianças na época da escolaridade. Mais alta é a missão do professor primario, cuja acção não tem de confiar demasiado na obrigatoriedade e gratuidade do ensino. As creanças e seus paes procurarão a escola quando vejam no professor o benemerito que deve ser.

O professor nada ensinará com fadiga: tudo na vida deve ser facil e espontaneo. A creança, ella propria, habilmente provocada pelo mestre, procurará o que mais lhe convem saber. O professor aproveitará todas as inclinações do alumno, como que brincando, para lhe ensinar elementos de astronomia na contemplação agradavel do ceu; elementos de physica na queda das aguas, no ribombar do trovão, na medição e apreciação dos solidos, dos liquidos e dos gazes que o rodeiam; elementos de chimica na cremação das urzes do monte, como na fermentação dos lagares; elementos de geologia na observação dos mineraes, na experimentação da sua regidez, da sua utilidade e da sua applicação mais usual.

Aproveitará o professor a curiosidade dos alumnos para lhes ensinar elementos de botanica na observação da flora local, colhida em herbanarios apropriados a passeios no campo; elementos de zoologia ensinar-lh'os-ha junto ao estabulo dos casaes, nos corregos onde bebem os rebanhos e os passarinhos. Tal deve ser o professor.

TRAJO DOMINGUEIRO NO MINHO

A vida complexa dos povos não lh'a mostrará em grandes quadros historicos, mas deixar-lh'a-ha adivinhar na biographia de almas boas que fizeram o bem sem ostentação. A economia social e domestica ensinar-lh'a-ha mostrando-lhes primeiro os campos, indicando-lhes a topographia local em passeios de convivio alegre, revelando-lhes a producção da terra bemdita que a todos nos alimenta, mostrando-lhes como em casa de seus paes se gasta o que tanto custa a ganhar, e como melhor convem gastar o producto honrado do trabalho.

Isto tudo deve ser ensinado, não tanto por discursos que fatigariam a creança, como por meio e a proposito de factos occorrentes. Nada se deve tentar ensinar ás creanças que não seja pela lição intuitiva das cousas e dos factos.

Tudo na vida é simples, e só a mania doutrinaria do homem tem encontrado difficuldades. Tudo na vida se prolonga e coordena; quatro vem depois de tres, e assim é em tudo, como na arithmetica: tudo se coordena na vida e tudo é simples; só o espirito do homem é complicador.

VI

A escola na aldeia

O professor primario conseguirá elevar o civismo por meio de festas apropriadas, que tanto encantam as creanças; ensinará hygiene pelo exemplo, e a escola terá banhos, gymnasios, tudo quanto possa desenvolver a raça pela hygiene, pela educação physica (1). Os habitos de trabalho adquiri-los-hão as creanças manipulando, com plasticina, areia e madeiras, pequenas charruas, pequenas construcções que vão transformando o espirito imitador das creanças em alma creadora e fecunda pelo trabalho facil e methodico. Sobretudo é preciso ensinar ás creanças a saber trabalhar. Saber ler e escrever não é um fim; é um meio, para que ellas possam alargar o espirito pela leitura de bons livros; para que possam, quando lavradores, escripturar as contas da sua casa, conhecer onde existem centros de consumo para os productos agricolas; para que saibam redigir a correspondencia aos commerciantes e industriaes com que se houverem de relacionar; para que nos livros encontrem a exposição dos melhores processos agricolas.

LAVRADEIRA DO MINHO

E assim educados os filhos dos nossos trabalhadores dos campos, deixará a industria agricola de estar reduzida, como na Russia, a um trabalho de escravos, sempre mesquinho, porque só a liberdade e a dignidade humana podem occasionar a grande, a prospera riqueza. Deve procurar-se o trabalho espontaneo e a liberdade civica.

Tal é o principio da pedagogia britannica. Stuart Mill sustentou que n'um povo onde os cidadãos sejam disciplinados até ao ponto de todos pensarem da mesma maneira, onde todos queiram e façam a mesma cousa, onde todos obedeçam a um poder central e absorvente, a degradação e a pobreza é um corolario inevitavel.

Os chinezes são pobres e estacionaram depois que todos se resignaram á obediencia cega e á uniformidade do uso do rabicho.

Só a liberdade dá grandeza aos povos; e Stuart Mill pensa que o maior elogio que se pode fazer do povo britannico é chamar-lhe excentrico, porque em Inglaterra, com a condição de não fazer mal a outrem, cada um faz o que quer, e até se entende que a grandeza britannica provém de não se parecerem dois inglezes um com o outro: são originaes; são excentricos. Na Gran-Bretanha é da desharmonia apparente, da liberdade de cada um, que provém a grandeza e harmonia geral (1).

Na Russia, ou na China, é da harmonia forçada do poder central que provém a pobreza.

Na Gran-Bretanha não é só livre o cidadão, é tambem livre a parochia, o burgo e o condado que se governam por si, até o ponto de poderem, na maioria dos casos, negarem-se a pôr em pratica resoluções votadas pelo Parlamento.

E' tambem pela acção intelligente e liberal do professor primario que se poderá encontrar um Portugal novo. O professor provará como pelo desenvolvimento da industria agricola podem os trabalhadores dos campos ser felizes e ricos, se aproveitarem a instrucção como meio educativo, que lhes permitta melhorar os processos de producção, applicar com methodo os adubos, utili-

(1) NICOLAY — *Les enfants mal elevés.*

(1) STUART MILL — *La Liberté*, trad.

zar os pousios, comprar em tempo e logar opportuno as sementes, adquirir alfaias agricolas modernas, associar-se na parochia como centro de acção civica e economica, nas cooperativas de credito, de producção e de consumo, nas caixas economicas, nos syndicatos agricolas (1). Facil será ao professor provar, e persuadir os filhos dos trabalhadores dos campos, a geração de amanhã, por meio de caixas escolares em que a gerencia directa dos alumnos lhes incuta habitos de economia, de gerencia, de iniciativa, de trabalho, e de ordem — provar que não é necessario que a emigração para o Brazil continue á procura de pão, nas terras inclementes, porque na patria ha logar para todos poderem ganhar com abastança o pão de cada dia, se todos souberem e quizerem trabalhar, e impôr a obrigação geral do trabalho aos parasitas de toda a ordem. O *Brazil* não é necessario que os portuguezes o procurem fóra da sua terra, porque nas nossas colonias e nos nossos campos da metropole ha territorio para se desenvolver um povo rico, depois que n'elle se desenvolvam as naturaes qualidades de trabalho pela instrucção educativa.

VII

O professor primario e a riqueza nacional

Não queremos dizer que a riqueza publica em Portugal só ha de provir da população educada para a producção agricola interna. Não. Com base na industria agricola ha de criar-se um commercio opulento com as colonias que hão de ser o nosso principal centro de consumo, sem virem as colonias a ser victimas de uma exploração atrophiadora da metropole. Pelo contrario: os productos coloniaes serão protegidos no consumo da metropole de modo a virem a ser n'esta materias primas de florescentes industrias, como o algodão, a borracha, as madeiras, etc. (2).

Mas ha de o professor primario preparar a população para o trabalho, pela formação do caracter, conduzido pelo methodo e pelo conhecimento das cousas. O nosso agricultor ainda hoje se interessa muito em tirar da terra só o que ella mais expontaneamente produz. As aguas não são aproveitadas convenientemente, as estagnadas impalludam as regiões, e as torrenciaes arrazam os campos; a hydraulica agricola poderá indicar novas fontes de riqueza para motores e para vastas areas irrigadas. A *hulha branca* pode e deve dar tanta riqueza como a hulha que sae das entranhas da terra, como que em caudaes de ouro.

Os poços artesianos tambem hão de augmentar a producção agricola, e bem pouco está feito para arrancar da terra o que a terra pode dar beneficiada pela agua. Os trabalhos da regularização das correntes, pelos açudes, albufeiras e minas, não merecem o abandono a que tem sido votados pela ignorancia publica.

Quando a escola primaria encaminhar as aptidões agricolas do povo português, a prosperidade do nosso clima, cuja temperatura não excede 35^0 nem baixa a mais de 4^0 negativos nas regiões extra-litoraes, n'um paiz onde não ha geadas nem neves, com uma grande zona propria para culturas delicadas, onde a salubridade, apesar do desleixo das construcções ruraes e dos pequenos pantanos descurados é notavel, fará da terra portugueza um dos mais ricos centros de producção agricola da Europa. Porque, graças aos dados da chimica agricola, não ha terras pobres; com agua, sol e adubos todos os terrenos são ricos. E' necessario dar á terra o que a terra dá á planta, e a agua e os adubos que não faltam se o productor agricola fôr trabalhador e instruido, triplicarão dentro em pouco tempo a producção agricola nacional.

Desnecessario é andarmos para ahi a mendigar tratados de commercio com sacrificio da propria expansão nacional. Emquanto a Europa anda transviada n'uma producção industrial convencional, sejamos nós um paiz de intensa producção agricola; os nossos productos baratos penetrarão todos os mercados. Produzamos cereaes não já para não termos de os importar, mas para os exportar no valor de 5:000 contos de réis, o que não é difficil, se cultivarmos e irrigarmos todos os incultos. Exportemos mais 1:000 contos de réis de frutas, mais 500 contos de réis de flôres, mais 900 con-

(1) L. Poinsard — *La production, le travail et le probleme social dans tous les pays.*

(2) Coletti — *Il costo da produzione dell'uomo.*

tos de réis de essencias, mais 800 contos de réis de azeite, mais 1:000 contos de réis de cortiça, mais 2:000 contos de réis de bons typos de vinhos generosos e communs, mais 1:500 contos de réis de lactinicios, mais 3:000 contos de réis de gados, e façamos pela arte mais lindas e alegres as nossas serranias, as nossas praias e as nossas estancias de aguas medicinaes, cortemos o paiz de linhas ferreas, devassemos as cumiadas com funiculares, plantemos jardins ao pé de grandes casinos, façamos grandes hoteis, e abramos esta terra bemdita aos estrangeiros, que hão de vir aqui deixar o dinheiro que até agora teem levado a terras menos bellas (1). Mas para tudo isto, é necessario fazer a base do grandioso edificio — a instrucção educativa que está a cargo do professor primario.

COSTUME DE VIANNA DO CASTELLO

O povo portuguez é tão audacioso como o hespanhol, tão intelligente como o francez, tão independente como o inglez, tão trabalhador como o allemão, tão sobrio como o suisso, tão artista como o italiano... se o arrancarmos ao marasmo em que tem vivido ignorante e atrophiado.

Anthropologicamente tudo nos indica a superioridade da nossa raça dolichocephala apenas esmorecida por uma eclosão historica.

A pobreza agricola, a falta de educação physica, o regime centralista, teem obstado ao desenvolvimento da população, apesar da natural prolificidade da raça. A emigração tem-se feito sem systema e disciplina, porque á falta de uma seria organização colonial os desgraçados emigram estonteados pela fome, e algumas vezes pelo espirito aventureiro de raça. Em Portugal em regra ha ainda hoje só duas profissões — a do homem que moureja na terra, sem orientação, e a do empregado publico, militar ou civil. Isto revela um estado social degradante, que só a instrucção pode evitar, criando um povo capaz de ser rico e forte para eliminar o parasitismo. As escolas medias e superiores, incapazes de educarem para o trabalho productivo, só teem servido para aggravar o mal.

Se em todas as parochias o professor primario, encorporado n'um serviço communal de beneficencia, instrucção e assistencia, ensinasse a todos a amar o trabalho e o campo, se em todos os municipios se criassem escolas primarias superiores para receberem os mais intelligentes alumnos das escolas parochiaes, escolas para anormaes, hospitaes, museus agricolas, escolas agricolas, campos para ensaio, — a população triplicaria, as suas qualidades de trabalho tornariam o paiz rico e poderoso (1). O povo portuguez é mais que nenhum outro tendente a uma organização de cooperação social, revelada até na origem tão antiga das Mizericordias.

Muito mal causou á sua indole a centralização administrativa. Se em Inglaterra se houvesse atrophiado o *self-government* das parochias, dos burgos e dos condados, não seria hoje o povo inglez o primeiro do mundo.

Se não se houvesse destruido entre nós a independencia das parochias, porque só na parochia ou communa existe vivo o sentimento collectivo do interesse commum; se

(1) MESNAUD DE SAINT PAUL — *De l'immigration etrangère.*

(1) J. J. ROUSSEAU — *Emile.*

em vez dos artificios administrativos se houvesse reconhecido e mantido o organismo da parochia, com o regimen communal, com o *forno* vicinal, com os seus animaes procreadores do *logar,* como apesar de tudo ainda hoje persistem, mesmo contra a lei; se se houvesse cuidado da instrucção popular posta ao serviço do *self-government* communal, — não estariamos tão pobres e tão abatidos.

O sentimento da familia é tão vivo no povo portuguez que elle só revela de quanto é capaz a alma nacional devidamente educada.

VIII

Os impulsos educativos do povo

O portuguez ainda hoje vive uma existencia alheada da realidade economica do mundo moderno. Só a necessidade immediata de viver o estimula. Só a fome o impelle na vida material. Para muitos o sentimento religioso, para todos o sentimento da familia e os interesses da parochia são os estimulos sociaes que o professor primario ha de procurar como base da sua acção educativa.

UM OVARINO

A população é em geral agrupada nos aldeamentos em um termo demarcado. Os vizinhos trocam serviços, o que diminue a necessidade de numerario. Os habitos de limpeza e hygiene são raros, por falta de illustração e disciplina instructiva. Mas a intelligencia natural do povo acceita com facilidade os costumes de exercicios physicos, e de banhos hygienicos. Os filhos do povo não teem *sport* habitual. Mas ha jogos populares. Aos domingos, nas eiras, as crianças em bandos, dansam, cantam, jogam a bilharda, a barra, o *botão:* vão ás *prezas* dos corregos onde se banham e onde nadam. Em dias de festas religiosas fazem arraiaes, descantes e musicas, e nas vesperas das festas, de noite, o arraial é uma manifestação do espirito vivo e alegre do povo portuguez, principalmente no norte.

A caça, que aliás não existe organizada como industria, é um *sport* vulgar do povo nos dias santificados. Com «reclamos» que imitam o canto da codorniz e da perdiz, os homens do campo vão á caça, nos terrenos baldios e até nos terrenos particulares, murados, e exercitam-se no *sport* venatorio. A pesca que no litoral é uma primacial industria, embora não esteja protegida por fabricas de conserva como conviria e por um conveniente policiamento da costa, é tambem um *sport* nos rios, nos quaes ha trutas e enguias, que uma industria apropriada poderia desenvolver em tanques de grande criação artificial. Tudo isto deve conhecer e estudar o professor primario para habituar as crianças a taes elementos de riqueza e educação.

A vida social nas parochias é simples e attrahente. Todos os vizinhos se conhecem e estimam. Aos domingos, no adro da igreja, nos largos da povoação, os vizinhos lêem velhos *in folios,* e jornaes, e falam dos seus interesses communs. Mas apesar de se juntarem em certos dias do anno para fazerem ou limparem os caminhos vicinaes, para abrirem as rigueiras de aguas communs, falta-lhes uma organização parochial propria como teem as parochias inglezas, em que a *taxa dos pobres* dá recursos para a instituição de escolas, medicos, hospitaes, e bolsa de trabalho, que garantam o trabalho e a existencia a todos.

As nossas aldeias não teem illuminação, poucas teem pharmacia, e este abandono é

a causa do urbanismo que arrasta para as cidades muitos braços que poderiam ser uteis, applicados ao desenvolvimento da riqueza da terra.

A população dos campos, simples e trabalhadora, é no emtanto mais feliz do que a das cidades. O homem para ser feliz precisa estar na posse da sua actividade moral, e para isso ha de ser forte, e não ha de ser abalado por um desequilibrio nervoso entre o que tem e o que deseja (1).

UM CAÇADOR

A mulher, muitas vezes chega a perder a noção das conveniencias sociaes, a prodigalizar-se em *coquetteries* que a revelam menos boa do que realmente ella é, só para conseguir attenções, adulações e lisonjas que lhe dêem o convencimento da sua *importancia*. E' que os espiritos fracos vivem mais da percussão alheia do que do intimo convencimento de dignidade e do valor proprio. Um cumprimento de uma pessoa notada dá a um espirito fraco mais alegria do que uma boa acção cumprida. E' necessario que o professor primario fórme o caracter dos seus alumnos, no sentido de os convencer que o homem forte e sobrio é o que vive principalmente dentro de si, respeitando os outros e cumprindo o seu dever. O portuguez tem sob este aspecto grandes defeitos.

Um homem fardado, com ostentações vistosas é para muitos um homem de valor, como se a farda dourada valesse mais do que a nobreza incomparavel de um espirito forte, sem invejas, contente pelo trabalho. Na escola ha de ensinar-se isto: que uma menina capaz de governar a sua casa, trabalhadora, illustrada, conhecedora do mundo para evitar o mal e para praticar o bem, e que um rapaz educado para viver pelo trabalho, valem muito mais do que os espiritos enfermiços que se contentam com bugiarias e falsas e privilegiadas grandesas.

Mas não deve esquecer-se que o *exemplo* é sempre indispensavel como factor educativo. A *imitação* domina os espiritos, ainda os mais educados e fortes. Por isso na escola não ha de ensinar-se apenas a *vida* tal qual como ella é, antes ha de dirigir-se o animo das crianças por meios praticos: pela compostura, serenidade e correção inalteravel do professor, por meio de caixas economicas de alumnos e por elles dirigidas para assim irem adquirindo o senso administrativo, o methodo de trabalho, que tanto falta ao povo portuguez, cujo atavismo historico o tem lançado num messianismo doentio.

Emfim, é necessario ensinar á criança, que antes de tudo tem de confiar n'ella propria (1).

IX

O meio onde tem de actuar a instrucção

Em familia o povo portuguez dos campos vive n'um doce communismo.

A mãe auxilia o pae nos trabalhos agricolas; o espirito christão domina a familia portugueza, mas nas provincias do sul a mulher dos campos tem o retrahimento das arabes, o que a torna como agente agricola inferior á mulher das provincias do norte embora tenha a sua casa mais limpa e ordenada.

As casas de habitação dos trabalhadores dos campos, no norte, excepção feita de reduzido numero de familias, que se *nobilita-*

(1) Madame Guisot — *L'education domestique.*

(1) E. Demolins — *A' quoi tient la superiorité des anglo-saxons.*

ram por terem algum padre, doutor ou official militar na ascendencia, são construidas de rochas de região que o tempo denigre, cobertas de colmo, ou de telha vã, com janellas raro envidraçadas, com varandas salientes de pedra ou de madeira, agasalhadas á sombra de uma figueira ou de *latada*. Ali vivem tambem os gados em curraes cobertos, como os dos negros no kraal.

Se as nossas pitorescas montanhas fossem atravessadas por linhas ferreas, por estradas orladas de castanheiros; se fossem accessiveis por funiculares; se junto aos nossos rios que se despenham dos planaltos e que serpenteiam no fundo das gargantas e vales, se construissem frescas casas agricolas, *chalets* claros, esta nossa faxa occidental da Europa seria um encantador torrão agricola, capaz de enriquecer dez milhões de portuguezes e de aqui chamar os estrangeiros, que nos julgam barbaros, para contemplarem um dos mais lindos paizes da Terra.

Mas as provincias portuguezas são intransitaveis, sem estradas, sem matas frondosas, sem hoteis que dêem encanto aos que quereriam gozar o bom clima de Portugal.

Não se transforma um paiz assim, sem primeiro educar os seus habitantes. A Helvetia só veiu a ser a procurada Suissa moderna depois que os rudes montanhezes dos Alpes se transformaram nos attenciosos e emprehendedores cidadãos livres dos modernos cantões helveticos. E isto foi a obra de Pestalozzi que iniciou as escolas populares.

O valor usual dos terrenos para construcções urbanas nas provincias do norte, é infimo.

Ninguem quer alienar os seus casaes, nem as suas pequenas geiras de terra. Mas tambem os compradores são raros, a não ser alguns repatriados do Brasil que voltam á sua aldeia doentes, com o desejo de ali terem uma casa apalaçada, quasi sempre fria e desmedida.

A usura dos bancos obriga no entanto á venda de propriedades rusticas e urbanas, e por trinta mil réis onde quer se tem um hectare de terreno para construcções, n'uma encosta abrigada.

Poucos são os novos aldeamentos—que foram tão faceis aos velhos conventos de frades. Hoje só no littoral se tem desenvolvido alguns centros de população. O urbanismo diminue a população das aldeias e villas. Os melhores materiaes de construcção, no norte do paiz, são o granito, o castanheiro e o carvalho.

As fabricas de telha, primitivas, abundam; as fabricas de cal são raras, o que dá um aspecto triste ás populações do norte pela falta da caiamento.

Regiões ha onde a telha não resiste á acção das neves no inverno, e as casas então são cobertas de colmo, o que origina repetidos incendios de aldeias inteiras, com prejuizo do velho mobilario de castanho que vae desapparecendo nas suas fórmas simples em *catres*, cadeiras e mesas de pitoresca industria local e caseira.

N'estas condições é difficil encontrar quem arrende casas para escolas, e as que se arrendam são insufficientes e improprias.

Em cada freguezia deveria o Estado mandar construir uma casa para escola.

Com um bom systema de administração publica os 3:200 empregados dos serviços das obras publicas poderiam ser mandados trabalhar na construcção dos edificios escolares, amplos, arejados, bem expostos ao sol, com jardins, gymnasios, terrenos para jogos e campos de trabalho ao ar livre. Em cada freguezia poderia construir o Estado, até para dar trabalho aos operarios famintos dos grandes centros de população, um edificio escolar que fosse a um tempo, modelo de bom gosto e de simplicidade architectonica, installação escolar e edificio parochial para os actos eleitoraes, para conferencias, para museu, para secretaria das sociedades de soccorro mutuo e de cooperação, para bibliotheca popular e para centro de conferencias.

Um mobilario apropriado serviria este edificio parochial modelo. O material froebeliano para ensinar crianças, carteiras adaptadas ás diversas idades, cartas muraes, quadros historicos, solidos geometricos, modelos picturaes, balanças, herbanarios, mostruarios agricolas e industriaes, tudo seria material proprio para instruir intuitivamente e para formar o caracter das crianças. A idade das grandes impressões e por isso a idade mais propria para a formação do caracter é a dos seis aos doze annos. Dar ás crianças exemplos de bom gosto, de hygiene, de methodo, — é ministrar-lhes a educação facil e agradavel.

Mas a vida da escola, na maior parte das nossas aldeias, é impropria para o fim que se deve ter em vista na regeneração do povo portuguez. O professor, installado n'uma casa escolar lobrega, sem luz apropriada, sem campos proprios de recreio e observação, sem mobilario e material de ensino, apenas ensina as crianças a ler e a escrever, e estas decoram uma esteril, inutil e incomprehendida nomenclatura geographica, eriçada de difinições inexpressivas; decoram series de dynastias marcadas por nomes sem significação historica, fixam mnemonicamente preceitos de moral e de uma chamada educação civica, que só serve para criar entidades phantasticas como se faz nas escolas da China. E é necessario que em Portugal não haja *mujiks* como na Russia.

CARNEIRO DE MOURA.

No castello

Sorria a noite limpida e estrellada
Sobre esse velho e historico terraço,
Onde as heras se prendem, n'um abraço,
A's muralhas de pedra arruinada!

A escuridão no campo, semeada,
De luzes, scintillando espaço a espaço,
Era como outro céo, mas negro e baço,
Larga treva de maguas habitada.

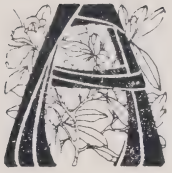
Senti cahir então, no pensamento,
Uma enorme tristeza silenciosa,
E meditei que todo o sentimento,

Vacilla, n'uma duvida forçosa,
Entre o suave azul do firmamento
E o negrume da terra dolorosa.

Maria de Carvalho.

A conquista do Polo Norte

As expedições polares — Vantagens que d'ahi adveem para a sciencia



O passo que a expedição ao polo Sul, dirigida pelo dr. Charcot e embarcada a bordo do *Pourquoi-Pas*, procura reconhecer as regiões do polo austral, acaba de ser feita a conquista do polo Norte pelos exploradores dr. Cook e commandante Peary

Aquelle sabio explorador, acompanhado dos seguintes homens de sciencia: Senouque, Liouville, Baudon, Gain, Bugrain, Rouet e Godfroy, para os estudos da physica, zoologia, botanica, geologia, meteorologia, astronomia, hydrographia e oceanographia, devem invernar nas terras de Alexandre I, que serão estudadas em trenós automoveis, os quaes fizeram, ha cêrca de um anno, as suas provas nos *Alpes*.

E' certo que o dr. Charcot não visa exclusivamente a descobrir o polo Sul, esse ponto mathematico, extremidade da linha em torno da qual gira a Terra, mas um fim mais scientifico deseja naturalmente obter. A oceanographia e a hydrographia são as sciencias que mais especialmente predominam nos seus trabalhos; todavia, elle diligencía colher elementos que mais interessem a fauna e a flora d'essas regiões, e bem assim a physica do globo.

A expedição ingleza antarctica, sob a direcção do tenente da marinha britannica Shakelton, a bordo do *Nemrod*, que devia regressar á Inglaterra, em agosto de 1909, contava tambem com o emprego de automoveis para alcançar o polo.

Ainda se noticiou a partida do dr. William Bruce, director do laboratorio oceanographico da Escocia, para explorar o oceano austral na parte relativa á oceanographia.

A expedição franceza, após a sua invernagem nas terras de Alexandre I, tentará executar a ligação das operações inglezas com as operações francezas.

No polo Norte, por fórma variada se tem procedido; assim, desde o seculo XVII, exploradores antigos e modernos, por differentes rumos e por meios diversos, teem pretendido desvendar as regiões mysteriosas d'este polo.

As primeiras tentativas, feitas pelas caravelas hollandezas e inglezas, d'outr'ora, que não possuiam a rapidez, nem a resistencia necessaria para transpôr os gelos, foram quasi todas mallogradas.

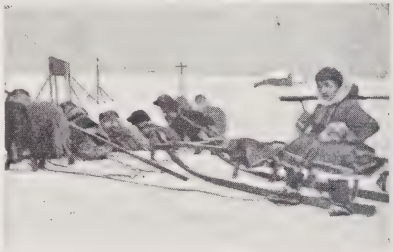
Mais tarde, com o desenvolvimento da arte de construcção naval, os navios tornaram-se mais adequados ao fim para que eram empregados, ao mesmo tempo que o enthusiasmo por este genero de pesquisa attingia o seu maximo, de maneira a origi-

nar um verdadeiro assalto ás regiões polares.

Além d'isso, os exploradores polares teem utilizado os trenós tirados por cães, como usam as tribus da Asia e da America septentrionaes.

Ainda o explorador Parry realizou um terceiro modo de locomoção que consiste no emprego combinado do trenó com a embarcação.

E com estes varios modos de locomoção, até que a aviação seja prática, teem os exploradores ensaiado alcançar o polo.



O TRENÓ TIRADO POR CÃES

A penetração na bacia polar arctica tem sido feita por quatro caminhos distinctos: pelo estreito de Smith; pelos dois canaes, que formam a ilha de Spitzberg, no immenso braço de mar comprehendido entre a Groenlandia e as terras de Francisco José; e, finalmente, pelo estreito de Behring.

A primeira tentativa, levada a effeito pelo estreito de Behring, foi a de Cook em 1776, e a ultima a da infructuosa expedição, a bordo do *Jeanette,* o qual aprisionado n'uma massa de gelo, em 6 de setembro de 1879, ao sueste da ilha de Wrangel, foi sossobrar, no fim de dois annos, ao Norte do archipelago da Nova Siberia.

Decorridos tres annos, destroços authenticos d'este barco foram divisados sobre uma massa de gelo fluctuante, perto de Julianehaab, ao sudoeste da Groenlandia E' claro que estes destroços tiveram de atravessar a bacia polar para ahi chegar.

Mas porque rumo?

Não tendo descido o estreito de Smith, por isso que a corrente polar cos-teia as terras de Baffin e de Labrador, e traz as massas de gelo para a costa americana e nunca para a da Groenlandia; os destroços deveriam ter então passado o oceano glacial da Siberia, o Norte das terras de Francisco José e da ilha de Spitzberg, e, provavelmente, na visinhança do polo, terem seguido nas aguas da Groenlandia oriental até serem arrastados para o Sul pela corrente polar d'essa região.

* * *

Vamos tentar enumerar as diversas expedições que, n'estes ultimos tempos, acabam de irromper, simultaneamente e por differentes lados, no polo Norte. Assim:

— A do explorador Bernier, o qual, segundo noticias transmittidas por balieiros, declarava ter visto na bahia de Erebus (ilha Norte-Devon) dois barcos pertencentes á infortunada expedição de J. Franklin, cuja partida de Inglaterra data de 1845. Estas noticias já foram contestadas, em tempo, pelo explorador polar Amundsen;

—Tambem por não merecerem grande credito e com o fim de constatar as apprehensões trazidas pelo capitão balieiro Klinkerberg, relativas ao encontro d'uma tribu que se lhe afigurou não pertencer a indios nem a esquimós, os americanos projectaram organizar, em 1908, mais uma expedição ás terras do Principe Alberto. Essa tribu, composta de umas centenas de indigenas, vive apenas da pesca, e maneja com perfeição o arco e a flecha, os quaes são em cobre, pois o ferro é ali totalmente desconhecido;

—Outra expedição, dirigida pelo explorador Bénard, embarcou, em meados de 1908, a bordo do *Jacques Cartier,* no intuito de: estudar a ilha de Nova Zembla; atravessar o estreito de Matotshin; proceder a trabalhos hydrographicos e hydrologicos; e, por ultimo, continuar os estudos do fallecido explorador Nordenskjöld que presentiu ser o mar de Kara d'uma grande riqueza biologica. Esta expedição, comquanto fosse scientifica, tinha principalmente por fim abrir novos campos de actividade aos pescadores da costa septentrional da França. Pelo exame dos trabalhos já realizados se deprehende que a mesma tratou de preencher, por assim dizer, os diversos pontos da carta polar que ainda estavam em branco. Posto que tal tarefa não revista o brilhantismo d'aquellas que determinam o descobrimento d'um polo, tem, entretanto, mais utilidade para a actividade mundial e

maior interesse para o commercio das nações.

Esta travessia servirá, talvez, conjunctamente com a traçada por Nansen, para em 1910 o explorador Amundsen partir de novo a bordo do *Gjoea* para o estudo das correntes arcticas. Amundsen, que é um explorador experimentado, fez as suas primeiras provas a bordo do *Belgica*, navio onde embarcou o duque de Orleans, em 1905, sob o commando de Gerlache;

— A expedição do dr. Nansen (junho de 1903), na qual este illustre professor e valente explorador se associou a Sverdrup e a Amundsen, foi aquella que mais valiosos conhecimentos trouxe do polo boreal, assim como foi tambem Nansen que primeiro concebeu o audacioso projecto de se deixar arrastar para o Norte pelo movimento das aguas que acarretam as massas de gelo através da bacia polar.

Como verdadeiras façanhas attribuidas a Nansen podem ser consideradas: a sua marcha com um unico companheiro nos desertos glaciaes; e a sua invernagem nas terras de Francisco José. A Noruega empregou todos os esforços para que a expedição, sob a direcção d'este seu filho e audaz explorador, adquirisse bom exito, subvencionando-a com uma importante quantia. Tal subsidio foi utilizado na construcção d'um barco — o *Fram* — perfeitamente apropriado e capaz de resistir aos assaltos dos gelos, durante o aprisionamento em qualquer massa glacial.

O «FRAM» NO MAR DE KARA

O engenheiro norueguez, escolhido, foi Colin Archer, que soube fazer d'esse navio um refugio solido e confortavel durante a travessia no oceano polar. O *Fram* era uma especie de barco quebra-gelo, embora não offerecesse as qualidades do celebre *Yermach*, navio mandado construir pelo governo russo, em Newcastle, sob os planos do almirante Makarow. Este illustre official, que prestou em 1899 importantes serviços no porto gelado de Cronstadt, a bordo do *Yermach*, fez, mais tarde, um novo cruzeiro no oceano arctico, nas paragens de Nova Zembla e terras de Francisco José, morrendo, sem ter dado publicidade aos trabalhos d'esse cruzeiro, na explosão do couraçado *Petropawlowsk*, em abril de 1904, durante a guerra russo-japoneza.

Não mereceu menos cuidado, ao chefe da expedição Nansen, a acquisição de instrumentos, e bem assim a selecção da equipagem que o havia de acompanhar. Uma outra vantagem, de que elle se soube aproveitar, foi a da procura de cães da Siberia oriental, que são os melhores animaes, n'estas paragens, para a tracção.

Depois de aturado estudo e de não desmentida coragem, Nansen chegou a concluir que o oceano que envolve o polo Norte, e no meio do qual se encontra esse ponto mathematico tão requestado, é muito fundo e e não semeado de ilhas e continentes dispersos, como os geographos phantasiavam. E' a continuação das fossas abyssaes do Atlantico abertas entre a Groenlandia e Spitzberg. Varias razões conduziram Nansen a suppôr que esses abysmos oceanicos se extendem bastante para o Norte, pois que, na direcção do polo, o gelo parecia mover-se livremente; além d'isso, assim como as massas de gelo veem para o Sul, quando sopra o vento dos quadrantes do Norte, com a mesma rapidez vão para o Norte quando sopram ventos do Sul, o que corrobora o facto de não haver terra firme que as possa deter no seu movimento.

Outro resultado excellente, que elle ainda obteve, foi o da descoberta do itenerario, seguido pelas fluctuantes massas de gelo,

através da bacia arctica, desde o estreito de Behring até ao Atlantico. D'esta sorte, em vez da calota de gelo immovel que os cartographos imaginavam existir no polo, foram reconhecidas massas de gelo em perpetuo movimento, produzido na maioria dos casos pelos ventos dominantes.

As observações hydrographicas deram tambem ensejo a concludentes illações, porquanto se até então se admittia que a bacia polar era cheia de agua fria a uma temperatura de — 1°,5, Nansen mostrou, ao contrario, que abaixo da camada superficial subsistem camadas d'agua relativamente quentes, isto é, com a temperatura de + 1° e de grande salinidade, o que Nansen attribue á existencia da corrente atlantica do *Gulf-Stream*. Outras observações, como magneticas, astronomicas e meteorologicas, foram cabalmente executadas; comtudo, muitos outros problemas scientificos concernentes ás regiões polares aguardam ainda solução. E' obvio que a expedição de Nansen e as subsequentes permittem fazer já uma idéa, senão nitida, pelo menos exacta da parte do globo terrestre até então encoberta em mysterio;

O PILAR PARA OBSERVAÇÕES ASTRONOMICAS

— Outras expedições se realizaram, como a do dr. Speathman com destino ás regiões vulcanicas da Islandia; e a do capitão Michelsen, a qual devia ter partido em 1908, a encontrar-se com o commandante Peary;

— Porém, ao presente, as attenções todas estão dirigidas para os exploradores Peary e Cook que annunciaram separadamente ter ambos tornado effectiva a conquista do polo Norte.

O commandante Peary, nascido em 6 de maio de 1856, nos Estados-Unidos do Norte, fez parte, durante muitos annos, do corpo de engenharia naval norte-americana. Elle foi, pelos seus trabalhos, elevado á honra de presidir á *American geographical Society*. Depois de 1886, que embarcou a bordo do *Eagle* com destino ás regiões arcticas, elle descobriu a *Inlandsis* (calota glacial typica, na Groenlandia), mais tarde atravessada ao Norte pelo illustre explorador Nansen; esteve cêrca de treze mezes na Groenlandia, tendo por companheiro o dr. Cook (1891-1892); vinte e cinco mezes n'uma nova expedição a bordo do *Falcon* (1893-1895); cêrca de quatro annos a bordo do *Windward* na determinação insular da Groenlandia, e, por ultimo, no *Roosevelt*, seu actual navio.

N'esta ultima expedição, ida a bordo do *Roosevelt*, Peary largou de New-York em 6 de julho de 1908, fazendo as *étapes* seguintes: Sydney (Nova Escocia), em 17 de julho; cabo York, em 1 de agosto; e Etah (proximo do parallelo 79° e na Groenlandia occidental) em 8 de agosto, invernando em Sheridan (terras de Grant); transportou-se em trenó directamente para o Norte, batendo os *records* britannico, italiano e americano respectivamente em 21, 24 e 28 de março, attingindo a 2 de abril o parallelo 88°; em 4, o de 89°; e, por fim, o polo em 6 de abril de 1909.

Peary, que não avistou novas terras, confirmando assim a convicção de Nansen e de Sverdrup, frisa a existencia d'um oceano polar arctico, opposto á *Antarctide*, continente polar no hemispherio austral, e no qual Ross (1839-1841) verificou a presença de picos elevadissimos com altura de mais de 4:000 metros; sendo certo que tal disposição garante o facto já universalmente estabelecido do antagonismo dado entre os continentes e os mares, e entre as depressões e as elevações nos dois hemispherios terrestres.

A rapidez, com que Peary realizou a viagem de regresso do polo ao cabo Sheridan, manifesta a existencia de correntes maritimas e não a immobilidade da massa congelada *(paléochrystica)* indicada pela expedição ingleza *Discovrey*.

Pela mesma época, o dr. Cook fez saber por telegramma remettido de Lerwich (ilhas de Shetland) no dia 1 de setembro d'este anno, que, em 21 de abril de 1908, isto é, um anno antes do commandante Peary, tinha alcançado o polo Norte.

O dr. Cook, partindo em julho de 1907 dos Estados-Unidos do Norte a bordo d'uma escuna pertencente a um dos seus compa-

triotas Bradley, chegou a Etah (região onde vivem numerosos esquimós); depois de ali ter invernado e quando as circumstamcias lhe pareceram favoraveis, elle poz-se a caminho com dez esquimós, onze trenós, e cento e tres cães, o que teve logar em 19 de fevereiro de 1908. Atravessou o estreito de Smith, as terras de Grinell e, por ultimo, a ilha de Heiberg. Aqui, elle lançou-se, sobre uma massa de gelo fluctuante, para o polo, acompanhado apenas de dois esquimós e vinte e seis cães, percorrendo a distancia de oitocentos e cincoenta e dois kilometros em trinta e tres dias. Em 21 de abril, elle hasteou a bandeira americana n'um local que imaginou ser o polo. Em 23, largou do polo em direcção á ilha Norte-Devon, onde fez a sua segunda invernagem.

O OBSERVATORIO DE SUKKERTOP

Em 21 de maio, elle alcançou Upernavich, perto da Groenlandia; em seguida, Shetland, e em 4 de setembro, Copenhague, depois de ter enviado directamente para os Estados-Unidos, por um baleeiro, os documentos scientificos e os registos d'observação.

Deve ser esta a terceira viagem arctica do dr. Cook, sendo: a primeira feita com o commandante Peary (1891 e 1892); a segunda com Gerlache no *Belgica*, servindo de medico; e a terceira, como chefe de expedição.

* * *

O CAÇADOR

Como se vê, é consideravel o numero de sabios e de navegadores que teem procurado attingir os polos, a despeito de toda a casta de soffrimentos e de toda a serie de perigos.

As primeiras explorações polares, que remontam ao seculo XVII, foram emprehendidas tendo por objectivo o incremento commercial. As potencias maritimas do Norte, de ha muito que buscavam alcançar a India e a China, quer pela passagem nordeste contornando a Noruega e seguindo as costas da Siberia, quer pela passagem noroeste entre a Groenlandia e a costa septentrional da America.

Actualmente, como já dissémos, não é a especulação lucrativa a mira a que visam os exploradores; mas um fim mais altruista os attrahe que é o scientifico, por isso as ultimas expedições se teem encarregado de novos estudos geographicos; da obtenção de documentos geologicos, zoologicos e botanicos; e, por ultimo, da elucidação de certos pontos ainda ignorados da physica do globo.

Sob o ponto de vista astronomico, a conquista do polo Norte não ensina, nem justifica as despezas de energia feitas pela humanidade, porquanto a sciencia astronomica só ganharia, se o polo, em vez de se encontrar na superficie oceanica, estivesse em terra firme, onde fosse possivel fazer observações com instrumentos fixos e de alta precisão. Nada d'isso é realizavel no polo boreal! Em compensação, os estudos meteorologicos, oceanographicos e, sobretudo, os da physica do globo devem recolher das explorações scientificas, nas regiões polares, dados preciosos para a resolução de innumeros problemas. A propria geographia obtem vantagens do conhecimento minucioso das regiões polares.

Foi assim que, depois dos ensinamentos colhidos nas regiões arctica e antarctica e da analyse dos relevos continentaes e oceanicos, o celebre physico inglez Lowthian Green deduziu que — se as depressões da superficie terrestre não obedecem a uma lei

relativamente simples, se a fórma real da lithosphera não se approxima d'uma fórma geometrica perfeitamente definida, e se o nosso globo foi, como o Sol, uma esphera incandescente — é natural que o resfriamento lhe tenha dado uma apparencia vagamente crystallina, de modo que a serie dos grandes accidentes geographicos podem assemelhar-se a uma especie de symetria crystallographica. E como a experiencia mostra que a *fórma tetraedrica* é aquella para que tende a d'uma esphera que se contrahe, sob uma pressão uniforme, quando se lhe faz o vacuo, tudo leva a crêr que a fórma da Terra seja identificada com a d'um tetraedro de faces curvas. Os tres grandes fusos continentaes (Americas, Europa com a Africa e Asia com a Australia), aguçando-se na parte que aponta para o polo Sul, correspondem ás tres arestas do tetraedro (pyramide de base triangular), emquanto que entre esses mesmos fusos se intercalam as depressões oceanicas (Atlantico, Indico e Pacifico) correlativas ás tres faces.

ESQUARTEJAMENTO DE PHOCAS

O polo Sul deve ser um ponto do continente polar *(Antarctide)* e representa o vertice da pyramide, ao passo que o oceano boreal significa a face opposta a esse vertice. A obliquidade dos fusos continentaes, cujas extremidades (Sul) se deslocam para Este, póde ser explicada por um movimento de torsão, resultante de deseguaes velocidades de rotação, no momento em que a solidificação do nosso globo não estava terminada.

Como vimos, o estudo das regiões polares Norte e Sul vale bastante mais do que o descobrimento d'um polo, o qual, embora não seja uma questão de *sport,* póde acceitar-se como objecto de galanteria, o de pôr o pé sobre o polo, voltando e atravessando todos os meridianos em alguns segundos.

A exploração das regiões polares é importantissima para o discernimento do nosso globo; pois, sem o conhecimento dos seus problemas, não só a geographia propriamente dita, como todas as outras sciencias, ficariam inacessiveis.

No decurso das explorações polares, dois periodos se salientam, que são: o da travessia do *Belgica,* 1897, 1898 e 1899, sob o commando de Gerlache de Gomery, pela quantidade e precisão de observações meteorologicas, hydrographicas e oceanographicas, as quaes observações, a par de revelarem quanto servem a coragem e o devotamento á sciencia, não obstante a falta de instrumentos, a penuria de soccorros e a assistencia á omnipresença dos gelos durante largos mezes, determinam ainda a resolução de immensos problemas scientificos. Estas observações foram devidas a Arctowisk, no *Belgica;* e o da travessia de Nansen, na celebre e valiosa exploração a bordo do *Fram.*

Ao fechar o balanço das diversas expedições do polo Norte, seja-nos permittido mencionar a desventurada, mas não menos gloriosa, expedição do navegador Ericcsen.

Esta expedição, que teve logar posteriormente ao duque de Orleans ter procedido a trabalhos topographicos na extensão de 200 metros ao Norte do Cabo Bismark (parallelo 77°), era destinada a explorar em trenó toda a região nordeste da Groenlandia. A mesma expedição foi dividida em quatro missões, das quaes: a primeira, a de Ericcsen destinada a ligar estes novos estudos com os de Peary; a segunda, a explorar as terras de Peary (ilha situada no Norte da Groenlandia); e as duas outras, a effectuar varios trabalhos topographicos ao Sul da Groenlandia.

Ella, depois de ter experimentado toda a

casta de desgraças, veiu terminar pela morte dos chefes, os quaes não puderam ser soccorridos pela expedição do commandante Trolle, que tinha ido em auxilio dos tres exploradores Ericcsen, Hagen e Brölund.

. . .

A titulo de curiosidade vamos dar umas leves indicações sobre os instrumentos mais empregados para determinar o ponto (latitude e longitude) nas regiões polares, referindo-nos, de preferencia, ás do polo Norte.

Em theoria, as difficuldades com que ha a superar, na execução das observações astronomicas n'estas regiões, não parecem ultrapassar as que sobreveem em qualquer outro logar. Os instrumentos utilizados são, em geral, os que servem na navegação de todas as marinhas, tendo em vista a excellencia da construcção quer na ligeireza, quer contra os erros possiveis que resultam das deseguaes variações (expansão ou contracção) dos diversos metaes, attenta a alterabilidade da temperatura. Na expedição do duque de Abruzzos, o sextante era construido de aluminio.

A selecção dos chronometros tambem requer especial cuidado, sendo quasi sempre inevitavel a congelação dos oleos com que são lubrificados; porém, como o seu principal uso está na determinação das longitudes, exigua importancia tem, visto que no polo se dá a convergencia de todos os meridianos. As alturas observadas são tambem meridianas, não carecendo, por consequencia, de chronometros a dedução da latitude.

O maior embaraço consiste na busca d'um horizonte capaz para a observação das alturas dos astros, pois se até o mercurio do horizonte artificial se solidifica, o que não admira, visto a temperatura ambiente ser de 40 graus centigrados, e mais, abaixo de zero; e assim a maioria dos liquidos n'elle usada. Os espelhos e as lentes n'esta atmosphera tornam-se com facilidade baços.

Durante o dia dos seis mezes de verão, a luz solar impede de ver as estrellas e, até mesmo, os planetas, os quaes só em circumstancias especiaes são visiveis. De inverno, ha a observação da estrella polar que nenhuma importancia tem.

Por ultimo, o precioso instrumento, a agulha magnetica, a que Victor Hugo chamou a *alma do navio*, e que nos guia através dos mares e dos desertos não póde ser aproveitada com segurança, porquanto o polo magnetico não coincidindo com o polo terrestre estando mesmo bastante afastado (ao noroeste da bahia de Hudson), faz com que, em qualquer logar, entre aquelle polo e o terrestre, a agulha aponte Sul em vez de apontar Norte.

. . .

Para terminar, diremos que a esperança de muitos exploradores polares está na aerostação e na radiotelegraphia.

Mas o aerostato moderno quer dirigivel, quer aereoplano, para se elevar acima das massas de gelo, com o fim de evitar a fadiga do explorador a pé e do aprisionamento do navio, tem de ficar bastante tempo no ar e, consequentemente, necessita de bastante mais viveres do que a actual machina aerea póde transportar. Afoitamente, póde dizer-se que emquanto o *equilibrio altitudinal independente* da aerostação não estiver decidido, a conquista do polo por este processo é impossivel. Victima da sua temeridade pela aviação foi o explorador Andrée, que ha cêrca de dez annos, estimulado no seu amor proprio, partiu, apesar de tudo, para o polo; não tornando mais a apparecer.

A telegraphia sem fio, essa é questãoassente, e tanto que os ultimos exploradores puzeram já em communicação alguns locaes da região arctica com Nova-York, e portanto com o mundo inteiro.

Como vimos, todos os esforços d'esses audazes exploradores teem contribuido para a divulgação de consideraveis verdades scientificas, pois que o conhecimento do nosso globo, que ainda ha pouco offerecia uma vasta região desconhecida — constituindo o grande problema da exploração polar — vae successiva e gradualmente avançando.

Tal progredimento, além de abrir novos e vastos horizontes para a sciencia em geral, resolve este enigmatico problema, o qual durante seculos ficou irresoluvel, a despeito da boa vontade e intrepidez dos antigos exploradores.

A. Ramos da Costa.

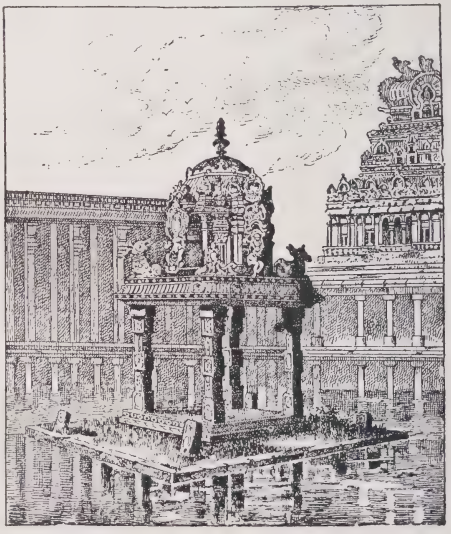
Obras primas do theatro

I

Sácuntalá e Pi-pa-ki

Bharata — Cálidása — O drama «Sácuntalá» — William Jones — «O carro da criança» — «O orfão da casa de Tchao» — Estanislau Julien — Os dramaturgos chineses — «Pi-pa-ki»

Bem acceita é por todos os criticos a convicção de que foi Bharata ou Bharatamuni quem primeiro expoz na India as regras da arte dramatica. Bharata ou Bharatamuni era, segundo a tradição, um sabio a quem Brahma, Civa e Durga revelaram essas regras, regras que elle exarou no quinto véda chamado *Gandharva-Véda* ou *Nátya-Véda*. Esta especie de tratado comprehende ao mesmo tempo a analyse das paixões dramaticas, a musica vocal e instrumental, etc.



INDIA — TANQUE SAGRADO EM TRICHINOPOLY

No periodo classico do theatro indú ha a considerar dois dramaturgos do mais alto merito e valor. São elles Cálidása ou Kalidasa e Babhavuti.

Cálidása viveu na côrte do rei Vicramáditya de Avanti ou Ujjaina, pretendem uns biographos que no seculo I, outros no seculo VI da nossa era. A auréola de celebridade que o circumda deve-a principalmente ao seu drama *Sácuntalá* incontestavel obra prima da litteratura sanscrita. Cálidása passa por ter escripto ainda mais duas peças. Uma, um drama *Vicrama e Urvasi* «O heroe e a nimpha», não offerece duvidas acêrca da sua paternidade; outra, uma comedia, *Málavicagnimitra*, ha quem presuma que pertença a auctor differente com o mesmo nome.

Vejamos agora qual é a base historica do drama *Sácuntalá* ou *Çacuntalá*. Sacuntalá era filha do richi-chatria Viçvamitza e da apsara (nimpha) Ménacá, recolhida e educada pelo anachoreta Canva. Casou com o rei Duchmanta e foi mãe de Bharata, o lendario soberano que deu á India o nome de Bharata-varcha, ou paiz de Bharata. Cálidása desenvolveu esse assumpto da seguinte fórma:

Sácuntalá ama perdidamente o rei Duchmanta, seu esposo, que a repudía em seguida á maldição de um muni ou sabio a quem elle descontentou. Sácuntalá refugia-se na solidão onde cria seu filho Bharata. De regresso á

côrte, é repellida por Duchmanta que se recusa a reconhecê-la, mas graças ao annel do casamento, que ella lhe mostra, cede á evidencia e restitue-lhe a devida categoria. E' este o entrecho do drama Sácuntalá, que Theophilo Gautier aproveitou para fazer d'elle um gracioso bailado com o titulo: o *Annel de Sácuntalá*.

Babhavuti ou Bhavabhuti era brahmane de origem. Floresceu no começo do seculo VIII. Os annaes de Cachemira asseguram que esse poeta viveu em 720. Das suas obras dramaticas chegaram até nós, tres: *Mahávára-Charitra*, *Uttara-Rama-Charitra* e *Málati e Madhava*. Os dois primeiros são dramas heroicos, baseiam-se nas aventuras de Ráma, a setima incarnação de Vichnú. O ultimo é um drama da vida domestica, com observação de costumes, tem por mola principal o amor e lembra nas suas linhas geraes o *Roméo e Julieta* de Shakspeare.

O *Veni-Samhara*, outra obra dramatica notavel da litteratura indú, foi escripta, segundo todas as probabilidades, no seculo VIII ou IX, por auctor de nome duvidoso. O seu entrecho attinge o maximo do horror, do pathetico e da violencia. As peças que se lhe seguem assignalam a época de transição entre o periodo classico e de declinação.

N'este ultimo surge o *Hanuman-Nataka* «O grande Nataka» no seculo X ou XI. E' um drama extensissimo, com quatorze actos,

INDIA — UMA VISÃO DA ETERNA BELLEZA — O TAJ MAHAL VISTO DOS JARDINS

em que collaboraram muitos auctores. Depois no seculo XI ou XII vem o *Prabodha-Chandrodaya* «O conhecimento do nascer da lua» que desenvolve o thema da victoria da boa doutrina sobre o erro. Em seguida classifica-se o *Ratnavali* «O collar» comedia

de intriga e de amores palacianos. Apoz este apparece o drama budhista *Nágánanda,* em que ha erotismo a principio e acaba por preconisar o sacrificio de si mesmo. Fecha este periodo o drama de intriga politica *Mudrá-Rakshasa* «O sinete do ministro», de Visakhadatta.

Citam-se ainda as seguintes peças, que pertencem já ao período da decadencia: *Anagha-Rághava; Arichandra* «O martyr da verdade», *Chitra-Yajna, Vidda-Salabhanjika.*

WILLIAM JONES

A traducção do drama *Sácuntalá* é devida ao sabio orientalista William Jones. Este erudíto conhecia a maior parte das linguas antigas e modernas da Europa e do Oriente. Nasceu em Londres em 1746 e publicou em francez, muito novo ainda, a *Vida de Nadir-Chah,* um *Tratado sobre a poesia oriental* e uma *Grammatica persa,* muito apreciada ainda hoje. Foi juiz do tribunal supremo de Calcuttá e fundou a Sociedade Asiatica, a que presidiu emquanto viveu. Os seus trabalhos foram o ponto de partida do desenvolvimento que o estudo das coisas do Oriente alcançaram mais tarde. As suas obras principaes são: *Sácuntalá,* traduzido do sanscrito em 1789; *Leis de Manú,* em 1794; *Digesto das leis indús,* publicado por Collebrooke, em 1800; *Cartas sobre o Estado da India,* em 1803. As suas obras completas publicaram-se em Londres em 1799.

Para terminar este rapido esboço sobre a dramaturgia indú relataremos o enredo de *O carro de criança,* drama em cinco actos e sete quadros, attribuido ao rei Sudraka, que viveu no seculo II da nossa era.

O seu thema baseia-se no amor que um ministro cahido em desagrado, Tcharudatta, dedica á cortezan Vasentasena. A peccadora é apunhalada pelo cunhado do rei, o qual, praticado este delicto, accusa do crime Tcharudatta. O antigo favorito é preso por homicida e soffreria a pena capital se Vasentasena, que não succumbira aos ferimentos recebidos, se não se apresentasse subitamente em frente do verdadeiro assassino para o accusar. D'este drama fizeram Mery e Gerard de Nerval uma tradução em verso, representada no theatro Odéon de Paris em 1850.

* * *

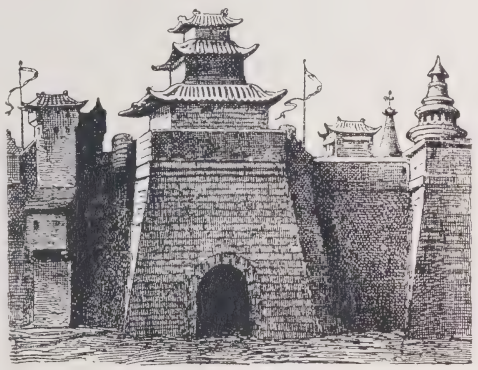
Muito deve a litteratura dramatica do Occidente ao missionario jesuita Prémare. Foi elle o primeiro a desvendar aos dramaturgos europeus a existencia da tragedia *Tchao-chi-ku-eul* «O orfão da casa de Tchao». Voltaire leu essa bella obra e aproveitou-a com muita habilidade para d'ella extrahir a sua tragedia *O orphão da China,* representada em Paris a 20 de agosto de 1775. Modificou-a um tanto e dotou-a com uma intriga amorosa, que falta no original.

CHINA — ESTATUA DE MANDARIM D'UM TUMULO IMPERIAL DA DYNASTIA DOS MING

A acção da tragedia decorre quando os tartaros estabeleceram o seu dominio na China. Gengis-Khan quer assegurar a posse do seu throno mandando assassinar o ultimo rebento da dynastia que reinava antes da sua usurpação. Esse rebento é uma creança confiada a um mandarim, que, para a salvar, está prompto a entregar o seu proprio filho ao tyranno, em logar do juvenil principe. Idamê, mulher do mandarim, quer salvar o fructo das suas entranhas e denuncia a Gengis-Khan a substituição com que o marido pretende ludibriar os designios do usurpador. O tartaro, n'outros tempos, amara Idamê, e a sua

antiga paixão reaccende-se ao vê-la. Quer tirá-la ao mandarim e desposá-la. Idamê, porém, é uma mulher virtuosa, esposa tão fiel como mãe cheia de carinho. Propõe ao marido o suicidar-se com ella. Gengis-Khan surprehende os dois n'este colloquio, que constitue uma scena immensamente pathetica. O usurpador encantado com a virtude da sua antiga amada concede a vida ao desventurado principe e transforma o mandarim em seu conselheiro.

O caracter de Zam-Ti é vigorosamente traçado. O do chefe tartaro seria egualmente bello, se Gengis-Khan apaixonado não representasse um contrasenso. A novidade do assumpto agradou. Não deixava de ter uma certa originalidade e ousadia pôr chinezes na tragedia quando até ahi só tinham apparecido gregos e romanos.



CHINA — MURALHAS E PORTA DE PEKIM

Apoz o jesuita Prémare vem Estanislau, ou melhor Noel Julien, um dos orientalistas que mais se dedicaram ao estudo da dramaturgia chinesa. Nascido em Orleans, em 1779, traduziu, entre outras obras, os dramas *Hoei-lan-ki* ou «Historia do circulo de giz», em 1832, e o mesmo *Tchao-chi-ku-eul* «O orphão da China» a que nos acabamos de referir, em 1834. Julien substituiu Gall em 1821, na cadeira de lingua e litteratura gregas no Collegio de França, em Paris.

Pelas traducções realizadas por sir Davis, Bazin e ainda outros sinólogos conhecemos mais desenvolvidamente cinco dramaturgos oriundos do Celeste Imperio. São elles: Chang-pchong-hien, Kao-tong-kia, Kuan-hang-king. Pe-jin-fu e Wang-chi-tu.

O primeiro Chang-tchong-hien viveu no seculo dos Yuens, de 1260 a 1368. Escreveu *Tan-pien-tho-so* ou «O combate de Yutchi-king-te», drama historico, e *Liéu-t'chuen* ou o «Rei dos dragões», drama mythologico. Estes dois trabalhos foram analysados e criticados por Bazin no *Journal Asiatique* de 1851.

O segundo, Kao-tong-hia, floresceu pelos fins do seculo XIV, durante a dynastia dos Yuen. Sabe-se apenas que o denominavam *Tsê-tching*, que viveu retirado e que morreu na pobreza. E auctor do drama *Pi-pa-ki* ou «A historia do alaúde» que passa por ser a obra prima do theatro chinez. Foi só em 1404, na dynastia dos Ming, que o seu drama, representado pela primeira vez em Pekim, recebeu um acolhimento enthusiastico. O *Pi-pa-ki* foi traduzido, do texto original, por Bazin, em 1841. Adeante trataremos d'esse momentoso trabalho.

O terceiro, Kuan-han-king, nasceu em Kiai-Tchéu, na provincia de Chan-Si, na dynastia dos Yuen, cêrca do seculo XIII da nossa era. A mais celebre das suas peças, que tem por titulo: *Têu-ngo-yuen*. «O resentimento de Têu-Ngo» foi traduzida tambem por Bazin em 1838 no seu «Theatro Chinez». O mesmo erudito sinólogo analysou no «Seculo dos Yuen», em 1850, mais sete outras peças suas, que são: *O espelho de jade, A cortezan sabia, A cortezan salva, Os sonhos de Pao-kong, O raptor, O casamento á força* e a *Casa de recreio*.

O quarto Pe-jin-fu viveu no seculo XIII. Compoz quinze peças. *A queda das folhas de U-thong*, o seu melhor drama, tem por assumpto a revolta do tartaro Ngan-Luchan contra o imperador Hiuan-Tsong. Finalmente Wang-chi-Fu conquistou a sua fama na dynastia dos Yuen, egualmente no seculo XIII. Consideram-no como o verdadeiro creador das obras de theatro chamadas *thsa-khi*, especie de dramas lyricos ou operas. Este celebre auctor, que os seus compatriotas collocaram no numero dos dez *thsai-tseu* ou escriptores de genio, compoz treze obras, entre as quaes o *Sisiang-ki* ou «Pavilhão do Occidente» obteve um exito extraordinario. Pode considerar-se como o verdadeiro inventor da opera chineza *thsa-khi*.

Vejamos agora o que é o tão apregoado drama *Pi-pa-ki* ou «A historia do alaúde». Foi composto, como atraz se disse, no fim do seculo XIV, por Kao-tong-kia e retocado mais tarde pelo seu commentador Mao-tsé.

CHINA — ESPECTACULO OFFERECIDO EM TIEN-TSIN, AO CORPO DIPLOMATICO, PARA CELEBRAR O ANNIVERSARIO NATALICIO DA IMPERATRIZ VIUVA ALGUNS DIAS ANTES DA SUA MORTE

Eis o seu entrecho:

Tsai-Yong é bacharel. Acaba de se casar com Tchao, quando o pae se resolve a mandá-lo aos concursos que se vão realizar na capital. Tsai-Yong parte. Obtem uma das primeiras classificações entre todos os doutores. Nomeiam-no magistrado e ascende em seguida a ministro de Estado. O imperador constrange-o então a desposar a formosa Nieu-Chi. Cheio de saudades pela sua juvenil esposa, Tsai-Yong sente-se vergar ao peso dos remorsos. Maldiz a sciencia e as grandezas, que o obrigaram a separar de Tchao. Uma das mais bellas scenas da peça é aquella em que uma noite arranca, pensativo, alguns accordes do seu alaúde e canta, em presença de Nieu-Chi, canções que alludem sempre á sua primeira consorte. Durante este tempo, morrem os paes de Tsai-Yong, e Tchao, cahida na miseria, encaminha-se para a capital pedindo esmola. A desventurada bate á porta do palacio onde reside seu marido. E' ahi acolhida por Nieu-Chi. As duas mulheres reconhecem-se, simpatisam uma com a outra e Tsai-Yong parte com as suas duas esposas para celebrar as ceremonias funebres em honra de seu pae e de sua mãe.

Este drama foi egualmente traduzido por

Bazin, em 1841. Antonio Pedro Luiz Bazin, sinólogo francez, nasceu em Saint-Brice, Sena e Oise, em 1879 e morreu em 1863. Discipulo de Abel Rémusat e de Estanislau Julien, lecionou chinez na Bibliotheca Real e depois na Escola das Linguas Orientaes; foi secretario adjunto da *Sociedade Asiatica*. Entre as suas obras convem citar a sua *Grammatica mandarina*, publicada em 1856 e a sua *Escolha de peças de theatro, compostas no tempo dos imperadores mongoes*, estudo publicado em 1836.

VESTUARIO DA TRAGEDIA GREGA — M. MASCARA

Eis o que de mais importante nos apresenta a litteratura dramatica chineza.

II

Eschylo

Thespis — Choerilos — Pratinas — Alcman — A tragedia — Os choregos — Monumentos choregicos — Eschylo — As «Supplicantes» — Os «Persas» — Os «Sete chefes em frente de Thebas» — «Prometheu encadeado» — «Agamemnon» — As «Choephoras» — As «Eumenides» — Astydamas — Bion — Agathon — Aristarco de Tegéa — Os tres Carcinos — Phrynicho.

As dansas e os hymnos deram o primeiro passo para a constituição do theatro grego; mais tarde Arion moldou o dithyrambo n'uma forma definitiva. Foi elle o inventor da *tragedia lyrica*, transição entre o dithyrambo e o drama regular. Os *rhapsodos* forneceram um contingente valioso recitando poesias épicas, e Thespis, com ou sem razão, engrinalda-se com os louros de inventor da tragedia.

D'este primeiro período, antes de Eschylo, e que abrange os annos decorridos de 535 a 499 antes da nossa era, citam-se varios poetas tragicos. A' frente d'elles apparece Thespis, nascido no burgo attico da Icaria, perto de Marathona, no seculo VI antes de Christo. As tradições athenienses conferem-lhe a honra de ser elle o creador da tragedia. Na verdade, commentam os críticos, só foi o mais ousado e o mais celebre das primeiras gerações de poetas dramaticos. Parece ter gosado da protecção de Solon e de Pisistrato. Introduziu nos espectaculos dionysicos dos dêmos narrativas de aventuras de heroes. Não existe d'elle um unico verso authentico. Os antigos attribuiam-lhe varios dramas, dos quaes só ha quatro fragmentos. Esses dramas tinham por titulos: os *Jogos funebres de Pelias*, a *Gente nova*, *Pentheu*, *Phorbas*, os *Sacerdotes*. Assegura-se que foram todos fabricados por falsificadores engenhosos.

Considera-se émulo do antecedente, Choerilos de Athenas, nascido no seculo V antes de Christo. Tomou parte em numerosos concursos de tragedias, disputou premios a Phrynicho, a Pratinas, a Eschylo, e foi coroado trese vezes. Affirma-se que compôz cento e cincoenta tragedias e dramas satiricos, genero em que era primoroso. Não chegou até nós nenhum fragmento. O mesmo succede com Pratinas, oriundo de Phlionte e contemporaneo dos seus tres rivaes. Compôz cincoenta peças, sendo d'estas dezoito tragedias e trinta e dois dramas satiricos. Sabemos os titulos de duas das suas peças: as *Caryatides* e os *Luctadores*, e temos d'elle alguns fragmentos sobre tudo lyricos. Seu filho Aristias foi tambem celebre pelos seus dramas satiricos.

A TRAGEDIA (*Estatua de Duret*)

Antes de proseguir não é justo deixar no esquecimento o poeta Alcman, nascido em Sardes, na Lydia, no seculo VII antes de Christo. A sua nomeada provém de ser elle o verdadeiro fundador da poesia coral, o primeiro dos grandes lyricos gregos. Compôz um poema sobre os *Dioscuros*, *Parthenias* ou *Elogios das raparigas* e diversas poesias eroticas.

Tratemos agora do chamado período classico da tragedia classica, que teve o seu inicio na transição do seculo VI para o V antes de Christo. Fulguram n'esse primeiro

periodo Astydamas, Bion e o inolvidavel Eschylo.

A tragedia grega, repitâmo-lo succintamente, nasceu entre os gregos em seguida á epopéa e ao lyrismo. Constituiu-se definitivamente no tempo das guerras medicas; produziu todas as suas obras primas no decorrer do seculo v antes de Christo e estava em plena decadencia desde o principio do seculo IV.

A tragedia brotou do culto de Dionysio, que introduzira no lyrismo religioso elementos novos: a exaltação dos sentimentos, alternativas de queixumes e cantos de regosijo. Este culto desenvolveu tambem o elemento mimico. Nas festas dionysicas, os córos eram constituidos por satiros, companheiros do deus e executavam o dithyrambo. Davam a *deixa* a um cantor, o *coripheu,* que improvisava ou declamava narrativas respeitantes ás aventuras de Dionysio ou a qualquer heroe local incluido nas mesmas aventuras. Estes *cantos tragicos* estiveram principalmente em moda no Peloponeso; uma tradição attribuia até a invenção do drama tragico a Epigêno de Sicyone. O atheniense Thespis, a quem atraz nos referimos experimentou sem duvida a influencia dos poetas doricos. Cêrca do meio do seculo VI antes da nossa era, creou ou attribuem-lhe que creou, definitivamente a tragedia substituindo o *coripheu* do dithyrambo por um verdadeiro actor, que desempenhava em frente do côro um papel distincto, ás vezes até muitos papeis. Assim se desenvolveram a narrativa, o dialogo e a acção; o côro deixou de se compôr de sátiros e passou a ter personagens que tomavam parte no drama. Pisistrato favoreceu estas inovaçõəs e instituiu em Athenas concursos dramaticos em que Thespis obteve a victoria cêrca do anno 535.

D'ahi em diante a tragedia figurou regularmente, em Athenas, no programma das festas dionysicas, especialmente nas grandes dionysicas, celebradas na primavera, O *archonte éponymo* estava encarregado da organisação e da vigilancia dos concursos em que, juizes nomeados pelo povo, concediam os premios. Entre os concorrentes, escolhiam-se tres poetas. Cada um devia apresentar quatro trabalhos. O Estado comprava-lhe esses quatro trabalhos e dava-lhes em seguida um côro e actores. As despezas da representação eram quasi sempre pagas pelo *chorego*.

Dava-se o nome de *chorego* aos cidadãos ricos que exerciam a *choregia*. A *choregia* era uma *liturgia,* isto é, um cargo honorífico imposto por escala aos cidadãos ricos. Na Attica eram dispensados de o exercer quem possuisse menos de tres talentos. Só mil e duzentos cidadãos eram compellidos a esta liturgia. A choregia existiu em muitos estados gregos, mas tinha sobretudo grande importancia em Athenas. Os *choregos* eram nomeados por occasião das festas dionysicas, das thargelias, das panathenéas. Em principio, cada uma das dez tríbus devia fornecer um côro com o seu *chorego*. Mas, de facto, muitas tríbus abstinham-se. O *chorego* era designado pela sua tríbu, e acceito pelo *archonte, archonte éponymo*, ou *archonte-rei,* conforme o caso. Devia recrutar os seus coreutas ou coristas, equipá-los, mandá-los instruir por um *chorodidascal* pagar todas as despezas, era responsavel por tudo. No dia do concurso, conduzia solemnemente o seu côro ao theatro e tinha direito a um logar de honra; emquanto desempenhava as suas funcções, fruia um caracter sagrado. Logo que os juizes do concurso classificavam os coros por ordem de merito, o primeiro da lista era proclamado vencedor. O *chorego* coroado recebia o premio em nome da sua tríbu e consagrava-o ao deus com uma inscripção commemorativa. Não sahia nada barato a gloria do *chorego*. Lysias conta que um côro tragico custára tres mil drachmas, e um côro comico mil e seiscentas; relata mais que um cidadão dispendera treze mil drachmas em nove annos, entre 411 e 403 em diversas *choregias*. Por causa d'este encargo em 406, os cidadãos foram auctorizados a associarem-se dois a dois para acudir a estas despezas. Mais tarde, o Estado avocou a si, com frequencia, o dispendio das *choregias*.

Os monumentos choregicos ou choragicos eram edificados pelos *choregos* em memoria dos seus triumphos nos concursos dramaticos e musicaes e destinavam-se a conservar o premio obtido. Esse premio era ordinariamente um trípode de bronze. Exigia o uso que fosse consagrado ao deus que presidia ao concurso. Os monumentos choregicos eram numerosos em Athenas, nos recintos de Dionysio Apollo, sobretudo ao longo da *rua dos*

Trípodes que ladeava a Acropole a nordeste e terminava no theatro. Todos destinados a sustentar ou a encerrar trípodes, apresentavam as formas mais variadas; pedestal com degraus; columna com capitel triangular; ediculo com pilastras e entablamento; rotunda em nicho. Visitam-se ainda, em Athenas, dois d'estes monumentos: o *monumento de Lysicrato,* consagrado em 335 antes de Christo, pequena construcção circular ornada com um portico, de seis columnas corinthias e de um lindo friso; o *monumento de Thrasyllos,* consagrado em 320, especie de gruta excavada na rocha na ladeira meridional da Acropole, com uma fachada enfeitada com tres pilastras doricas, com um architrave e com um friso onde estão esculpidas corôas de louro.

MONUMENTO CHOREGICO DE LYSICRATO.

Voltemos, porém, á tragedia.

O poeta nos primeiros tempos era tambem actor; mais tarde contentou-se em dirigir a instrucção do côro. O assumpto das tragedias era quasi sempre tirado de qualquer lenda, com frequencia de uma epopéa. As partes lyricas da peça eram o *parodos,* que o côro cantava á entrada; os *stasima,* que executava no auge da acção, no intervallo dos actos; o *exodos,* que entoava á sahida; diversas *monodias* e pequenos dialogos lyricos, executados no meio de uma scena commovente seja pelo côro, seja por uma personagem. O dialogo propriamente dito comprehendia o *prologos* ou exposição, antes da entrada do côro, e os *episodios* que se desenrolavam entre os cantos do côro e correspondiam aos nossos actos. A unidade do tempo era menos rigorosamente observada que as unidades de acção e de logar.

Entre os mais eminentes tragicos da Grecia avulta em primeiro logar Eschylo. Nasceu em Eleusis cêrca de 525. Era filho de Euphorion, e pertencia a uma antiga familia nobre da Attica. Era irmão de Cynegiro, heroe de Marathona. O proprio Eschylo tambem se encontrou n'essa celebre e encarniçada batalha, em Salamina e em Platéa. Dedicou-se muito cedo á poesia e a principio tomou parte como actor nas suas peças. Conquistou a sua primeira victoria, no concurso de tragedia, em 485. Viveu, ora em Athenas, ora na Sicilia, junto de Hieron, rei de Syracusa. Morreu provavelmente de morte natural em 456, apezar das fabulas ridículas espalhadas a este respeito. O povo atheniense venerou piedosamente a sua memoria. Derogando o uso, foi ordenado que voltassem de novo ao proscenio as peças já representadas do velho poeta; e varias das suas tragedias foram apresentadas aos concursos por seu filho Euphorion, e obtiveram premio. No seculo immediato foi collocada no theatro de Athenas, uma estatua de Eschylo, de bronze, e durante muito tempo houve uma constante romaria ao seu tumulo em Gela.

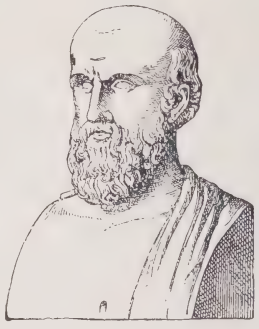
A obra de Eschylo é consideravel. Em primeiro logar acabou de constituir a tragedia, introduzindo-lhe um segundo actor, depois um terceiro em face do côro, o aperfeiçoamento das mascaras, dos trajes e das decorações, o desenvolvimento da acção dramatica no intervallo dos cantos. Poz em scena altas concepções religiosas e collocou em frente uma da outra a liberdade humana e a fatalidade. Compoz approximadamente oitenta peças, tragedias ou dramas satiricos, a maior parte agrupadas em tetralogias, isto é quatro a quatro, conforme o costume da época. Bastam os titulos para demonstrar a variedade dos assumptos. Eschylo explorou quasi todo o dominio dos velhos mythos, sobre tudo a theogonia, o cyclo troiano, a historia dos argonautas, as lendas thebanas e argianas. Só conhecemos fragmentos da maioria d'estas peças. Só sete chegaram até hoje completas: As *Supplicantes,* uma das tragedias mais antigas, especie de quadro lyrico que pinta a protecção concedida por Argos ás filhas de Danaos; Os *Persas,* que data de 472, magnifico cantico de triumpho em honra da victoria de Salamina; Os *Sete contra Thebas,* escripto em 467, em que o poeta traça a rivalidade dos dois filhos de Oedipo, Eteocle e Polynice; *Prometheu encadeado,* grandiosa evocação de um velho mytho que resumia os primeiros esforços da civilisação; finalmente as tres peças que formavam a trilogia da *Orestia,* representada em 458, em que o poeta põe successivamente em scena o crime de Clytemnestra e de Egistho *(Agammemnon),* o castigo dos assassinos

(Choephoras) e a expiação de Orestes *(Eumenides)*.

Hoje melhor comprehendido, considera-se Eschylo como um dos maiores poetas que teem existido. Foi verdadeiramente creador e na mais larga accepção da palavra: pela sua invenção original, pela sua imaginação poderosa animada pela natureza, pela lenda e pelo homem, pela profundidade do sentimento religioso e das vistas philosophicas, pela sua versificação e pelo seu estylo, pelas largas perspectivas que rasga em todos os sentidos. E, na mais ampla significação do termo, creou o theatro, addicionando o drama ao quadro lyrico.

Vejamos qual é o entrecho d'estas tragedias:

As *Supplicantes* a mais antiga das tragedias que nos restam de Eschylo, foram representadas em Athenas em 475. As *Supplicantes* teem por entrecho a chegada a Argolida das filhas de Danao, que fugiram da Lybia para não casar com os filhos de Egypto, e a protecção concedida pelos argianos ás danaides. As personagens são Danao, pae das supplicantes; Pelasgo, rei dos argianos; um arauto egypcio e soldados argianos. O côro é constituido por cincoenta danaides. A tragedia passa-se á beiramar, á vista de Argos. A peça quasi não contem incidentes; reduz-se tudo ás supplicas de Danao e do côro, ás hesitações dos pelasgos, ao voto favoravel dos argianos, á reclamação final do arauto, enviado pelas filhas de Egypto, e que parte ameaçando. As *Supplicantes* são um simples quadro lyrico, mas mesmo pela simplicidade da estructura, esclarecem as origens da tragedia.



ESCHYLO

A tragedia os *Persas* foi representada em 472, oito annos depois da batalha de Salamina. O poeta concebeu celebrar a victoria dos gregos, principalmente de Athenas, sobre os persas. As personagens são pouco numerosas: Xerxes, rei dos Persas; Atossa, viuva de Darío e mãe de Xerxes; a sombra de Darío; um mensageiro. O côro é composto de velhos persas. A scena passa-se em Susa, defronte do palacio do rei, perto do tumulo de Darío. Todo o drama obedece a uma idéa: a derrota de Xerxes é o castigo do seu orgulho. O poeta expõe primeiro os presentimentos do côro e a inquietação de Atossa. Chega um emissario, que participa a derrota dos persas em Salamina. Na sua angustia, Atossa e o côro invocam a sombra de Darío, que vê na derrota a realização de antigos oraculos, uma punição divina. Finalmente Xerxes fica vencido, desesperado. A peça acaba por um concerto de lamentações, d'onde resalta uma involuntaria admiração por Athenas. Os *Persas* tambem se resentem de pouca acção; mas o drama não desfallece um unico instante. E' um magnifico quadro lyrico, muito animado pelo enthusiasmo patriotico do poeta.

Os *Sete chefes em frente de Thebas* ou os *Sete contra Thebas* era a terceira parte de uma tetralogia que comprehendia tres tragedias: *Laios*, *Oedipo*, os *Sete* e um drama satyrico, *A Esphinge*. Foi representada em Athenas em 467. As personagens do drama são Eteocle, rei de Thebas; Antígona e Ismenia, irmans de Eteocle e de Polynice, um explorador, um mensageiro, um arauto e soldados thebanos. O côro é composto de mulheres thebanas. A scena decorre nas muralhas de Cadméa. Ha pouca acção n'este drama, que nem por isso deixa de ser extremamente vivo. O poeta faz esperar e prepara com habilidade o acontecimento capital, o duello. Pinta com traços vigorosos a coragem feroz e impaciente de Eteocle, a agitação dos guerreiros e o espanto das mulheres em Thebas sitiada, os preparativos do combate, a exaltação que impelle os dois irmãos ao fratricidio. Sabe-se por uma narrativa dramatica a morte dos irmãos inimigos. Após uma lamentação lyrica, um arauto proclama a prohibição de sepultar Polynice; mas Antígona declara que arrostará com essa prohibição. Perpassa por todo o drama um sôpro de guerra; contém descripções energicas, como os retratos dos chefes argianos e dos chefes thebanos, com admiraveis trechos lyricos cheios de religiosa commoção.

Esta tragedia de Eschylo foi imitada, mas

muito fracamente, pelo poeta e fecundo escriptor francez Racine na sua *Thebaida*.

A tragedia *Prometheu Encadeado* teve as suas primeiras representações em 467. O eixo do seu enredo é o supplicio do titan, punido por Zeus por ter roubado o fogo celeste com que este animara o primeiro homem. No começo da tragedia, Hephaisto, com o auxilio da Força e da Violencia, agrilhôa Prometheu a um rochedo do Caucaso. Vendo-se só, o titan deixa ouvir os seus queixumes sobre a injustiça dos deuses. Apparecem as Oceanidas, que compõem o côro, depois Oceano montado n'um gripho, em seguida Io transformada em vacca e perseguida por um moscardo. Estas personagens, cada uma por sua vez procuram consolar o titan e exortam-no a inclinar-se ante a omnipotencia do senhor dos deuses. Nada verga o orgulho de Prometheu, que lê no futuro e annuncia o castigo do seu inimigo. Zeus, com ser Zeus, inquieta-se. Hermes, enviado por elle, esforça-se baldadamente por arrancar ao titan o seu segredo. Prometheu torna a ficar só; e o drama termina no meio de uma terrivel tempestade.

O SUPPLICIO DE PROMETHEU
(Quadro de Gustavo Moreau)

O *Prometheu encadeado* é um admiravel quadro lyrico, onde o poeta renovou a lenda de Hesíodo pela sua concepção moral, que faz de Prometheu o representante divino da humanidade. Esta tragedia de Eschylo tem sido imitada muitas vezes. Houve as tragedias, hoje perdidas, de Accio e de Tiberano em Roma, e, modernamente, a *Pandora* de Voltaire, a *Estatua de Prometheu* de Calderon, o *Prometheu* de Goethe, o *Prometheu encadeado*, o *Manfredo* de Byron e o *Prometheu libertado* de Shelley, uma das melhores tragedias inglezas.

AS ERINNYAS
(Desenho de Gustavo Doré)

A *Orestia*, trilogia dramatica de Eschylo, representada em Athenas em 458, comprehende tres tragedias intituladas: *Agamemnon*, as *Choephoras*, as *Eumenides*. A *Orestia* é a unica trilogia grega que hoje possuimos intacta. Como o titulo indica a *Orestia* tem por assumpto as aventuras de Orestes: assumpto tirado das lendas cyclicas dos *Regressos* e das tradições argianas completadas pelas tradições atticas.

Na *Agamemnon* a scena representa a praça publica de Argos e o palacio dos seus reis. No alto d'essa vivenda está um escravo encarregado de esperar o signal da tomada de Troia. Finalmente a noticia chega e breve Agamemnon surge victorioso. A convite instante de Clytemnestra, sua mulher, entra no palacio. Agita-lhe o coração um sombrio presentimento. De subito ouvem-se gritos; degolam o desventurado rei. E vê-se Clytemnestra apparecer, de machado na mão, sanguinolenta, orgulhosa do seu crime. A tragedia é de uma elevação feroz e soberba.

As *Choephoras* appareceram em scena apoz o *Agamemnon*. Toma por base o castigo dos assassinos de Agamemnon. Orestes e Electra, depois de separados muito tempo, encontram-se junto do tumulo de seu pae. Ahi se reata, se desenrola e acaba a acção pela noticia do assassinio de Clytemnestra e de Egistho, seu amante. O titulo da peça provém das mulheres que trazem offerendas ao tumulo de Agamemnon e que compõem o côro.

As *Eumenides,* onde figura um côro de cincoenta Erinnyas, divindades defensoras da ordem moral, deve o seu titulo a esse côro, pois os gregos tinham dado o nome de Eumenides (benevolentes) áquellas divindades. O thema da tragedia é a fuga de Orestes depois da morte de Clytemnestra e de Egistho, a expiação, depois o perdão concedido aos heroes pelos deuses e a absolvição ante o tribunal do Areopago. E' seguramente uma das obras primas da tragedia grega.

Eschylo teve um sobrinho, Astydamas, poeta tragico como elle e discipulo de Isocrates. No dizer de Suidas compoz duzentas e quarenta tragedias e ganhou quinze premios. O filho de Eschylo, Bion, como atraz dissemos, entregou-se ao piedoso dever de retocar varias das suas peças.

Do mesmo seculo de Eschylo e dos posteriores ha uma pleiade de poetas tragicos. Agathon, de Athenas, nasceu em 448 e morreu em 401. Era filho de Tisameno e pertencia a uma das familias mais consideradas de Athenas. Platão fál-o figurar no *Banquete.* Hoje, de Agathon, só existem titulos de tragedias e fragmentos conservados por Aristoteles e Atheneu. Aristophanes censura-lhe imitar os defeitos de Eurípides e de empregar um estylo affectado, cheio de antítheses e subtilezas sophisticas.

Aristarco de Tegéa, foi poeta tragico de Athenas e contemporaneo de Eurípides; introduziu o cothurno no theatro e compoz setenta tragedias, de que só restam fragmentos curtos. Com o nome de Carcino relata-nos a historia terem havido tres poetas tragicos. Um de Athenas, em 450, conhecido apenas por algumas allusões malignas de Aristophanes; outro, tambem de Athenas, em 330, cujo estylo obscuro originou o proverbio: *é Carcino puro;* outro de Agrigento, de 380, passou uma parte da sua vida na côrte de Dinyz de Siracusa; era um auctor fecundo; Aristoteles fala d'elle frequentemente com elogio.

Um dos mais afamados poetas tragicos dos fins do seculo VI e principios do seculo V foi Phrynicho. Tomou parte na vida politica do seu tempo e pertenceu ao partido de Themistocles. Mas foi sobretudo celebre a escrever tragedias. Segundo Suidas obteve pela primeira vez o premio na sexuagesima olympiada, 512-509. Em 409, fez representar a sua *Tomada de Mileto;* esta peça impressionou tão fortemente o publico, que o poeta foi condemnado a uma multa por ter rememorado a catastrophe. Em 476, Phrynicho triumphou com as suas *Phenicias,* onde elle celebrava a victoria de Salamina. Morreu na Sicilia em data incerta. Contemporaneo de Eschylo, herdeiro ou discipulo de Thespis, brilha entre os creadores da tragedia. Foi elle, consta, que imaginou a mascara e introduziu na scena os papeis de mulheres. Conhecem-se os titulos de nove das suas peças: *Alceste, Anteu,* as *Danaides,* as *Egypcias,* as *Mulheres de Pleuron,* a *Tomada de Mileto,* as *Phenicias, Tantalo, Troilos.* Não possuimos de Phrynicho senão alguns fragmentos. Tinha, parece, o dom do lyrismo e do pathetico, mas pouca acção.

A corôa da poesia tragica passa então da cabeça veneranda de Eschylo para a fronte refulgente de Sophocles.

Compilado por

EDUARDO DE NORONHA.

Os nossos errantes

Um curioso typo de artista portuguez — O cantor «sportman» Antonio de Abreu — Como elle viaja a pé, cantando — Caminheiro e artista — De Lisboa a Madrid e de Madrid a Barcelona — No theatro da Revolução — O artista viverá? — Captivo ou em liberdade? — Notas criticas e biographicas.

Ha, para mim, uma dôr maior, mais pungente, mais lancinante, que essa que me causam os que, de olhos fechados e mãos cruzadas no peito, partem para a morte. E' a d'aquelles que, de olhos abertos, cheios de um como sonambulismo do Ideal, partem para a vida e pela vida.

Partir para a morte, *a região mysteriosa de onde ninguem voltou,* na phrase do immortal tragico inglez, é realmente doloroso e despedaçante, mas não é, não será nunca, menos doloroso e despedaçante, o partir para a vida e pela vida, em cata de um ideal sonhado que nunca se realisa, em busca da estrella sempre antevista e jámais alcançada, que, constantemente attrahe e constantemente despenha o nosso ser.

Quem morre, finda e deixa de soffrer, pelo menos na *apparencia das realidades* d'esta vida illusoria, em que se crê que a materia inerte não soffre, embora se corrompa e se fermente. Mas, quem vive soffre, pela certa; continúa a sua maré alta de fel e de dôr, e ha muitas vidas, muitas, que são a morte apparente de muitas vezes, e a resurreição de muitas outras.

Philosophava eu assim, quando me passou, rapida, pela mente, uma extranha figura de olhar doce, de olhar calmo e de maneiras originaes, typo de bondade e de sonho, um novo, um artista portuguez, talento facil e promettedor, alma brava de aventureiro imbelle, um d'esses partidarios do sonho, que, á similhança dos cysnes, hão de desafiar na alvura da sua alma os negrumes da vida, e hão de morrer cantando. Era um dos taes que partem para a vida, de olhos escancarados para ella, como se n'esse desdobrar de olhar franco e leal quizessem ostentar a panoramisação da sua alma grande e bôa, cheia das quietidões do amor e as aspirações do Bello fugaz e irrealisavel.

Era, em summa, a figura typicamente original de um bello môço, portuguez, na flôr da vida, e vogando na maré alta das suas aspirações — a figura a um tempo excentrica e sympathica do barytono Antonio de Abreu, esse novo artista que, a esta hora, ou anda por longes terras espalhando os perfumes sonatinantes da sua alma candida e idealisadora, ou jaz — quem sabe? — n'alguma das masmorras denegridas, por esse mundo além.

O jovem artista, cujo retrato hoje os *Serões* dão a publico, teve um dia a infelicidade de consagrar-se á profissão do canto, n'uma terra ingrata como a nossa. Embora habilidoso e devotado, o artista teve que, a breve trecho, tomar uma deliberação: partir *por todo o mundo,* fosse como fosse, comtanto que cantasse. Ia, na sua phrase, *formar-se na universidade de canto de todo o mundo,* para voltar depois, a provar o seu amor pela arte, o seu talento, a

sua gloria, e trazer a Portugal todos os possiveis ou provaveis laureis, que um dia, tarde ou cedo, — isso que lhe importava? — daria ao seu torrão natal.

E eil-o partindo, n'uma manhã já fria, por um adeantado de estação, viajando em primeiro logar a pé por todo Portugal, *para se acostumar,* dizia elle.

E foi assim, que, em 1907, o vimos partir d'aqui, depois de um fracasso artistico motivado por más vontades de uns, por miseria material do estreiante e um tanto ou quanto pelo seu descuido, porque Abreu é como quasi todos os bons, um inconsequente, um descuidado.

Era por uma manhã nevoenta. Do Tejo subia uma vaga e ondulante nebrina, d'essas que tanto encanto põem no espelho luzente e esmeraldino do nosso rio. Ouço bater á porta, deixo de contemplar o cunjuncto da nossa bella cidade, da minha janella larga de poeta inédito e de esmagado social, e corro a abrir.

— «Sabes? me diz o artista inopinadamente, parto hoje.»

— «Para onde?» lhe pergunto.

— «Por todo o paiz, a pé, cantando. Vou como um passaro d'arribação. Quero que por todas essas terras da provincia, cidades, villas e aldêas, até nos simples burgos e logarejos, se espalhe a musica sã, a musica bôa. Por onde eu passar, a mulher do camponez que sachar a terra, a creança que buscar os ninhos, o lavrador que enxertar as arvores, saberão depois cantar, á mistura com os seus lindos cantos populares, algum pedaço de canção ou de opera que eu lhes ensine. Que dizes?»

E ao dizer tal, Antonio de Abreu, tinha no olhar aberto as rutilações de sonho de um enthusiasmo sincero. Respeitei aquelle bello poder d'illusão. Eu entendo que a illusão, quando encaminhada no sentido do Ideal ou do Bello, é uma das poucas dulcificações do amargor da vida. Animei-o, e elle partiu. Atravessou o paiz, cantando como uma ave vingadora da arte, estirando as suas azas de idealista n'um vôo de poeta, desde os nossos arrabaldes citadinos até ás alturas da serra do Marão, transpoz a fronteira, entrou em Hespanha. De todo o paiz me enviou postaes illustrados, com uma ou outra nota de um caracteristico flagrante, em que se mistura a originalidade da sua pessoa. Destaco alguns pedaços d'elles. De Braga dizia-me:

«Que alegria, meu velho! Tenho sido protegido na minha excursão por todas as auctoridades locaes, quer civis quer militares, por estas terras. Os estudantes acclamam-me em Santarem e em Braga. As senhoras escutam-me e commentam. E, para mais, tenho um cão, tenho um verdadeiro amigo, que não consentirá que nenhum homem, honrado ou salteador, me toque n'um só pêllo. Será o guia que me acompanhará por esse mundo fóra. Custou-me algo caro, chama-se *Tufão,* quasi Tiphon, vê tu. Mando-te o retrato de nós dois. Estima-o tanto como eu, verás que não te late nem cá de longe.»

Effectivamente, o *Tufão* foi o companheiro leal do aventureiro artista, por essas asperas serranias da Beira e Traz-os-Montes. Contou-me Abreu, no seu regresso, que lh'o haviam roubado em Tuy e commentou graciosamente o roubo d'esta maneira: «Como era mas inteligente que muchos de los mortales se quedó en España para aprender a ablar la lengua.»

De Vigo, escrevia no cumulo da alegria: «Sinto-me um feliz mortal, olé! Chamam-me afinal artista. Cheguei a Vigo, onde me abriram, primeiro as portas de um bello casino, depois as do importante theatro Tamberlik. Viva España y las niñas! Conta ahi da minha vida a esses porteguesitos valientes. La salud, buena e *buona la voce.* Remetto jornaes com criticas a meu respeito e um cartaz — annuncio da minha festa.»

Era verdade. O pobre Abreu, o espesinhado novato portuguez, era em Hespanha um cantor applaudido. Lisboa batera-lhe com as portas na cara, Vigo, bella cidade Hespanhola, abria-lhe, de par em par, as portas do seu melhor theatro. Não pasmei. Eu sinto de ha muito um enorme orgulho e uma infinita tristeza de ser portuguez. Mezes depois, Abreu voltava. Vinha mais forte, a pelle crestada do sol e do ar puro das montanhas, o torax mais dilatado, e a voz, a sua voz que era um tanto adelgaçada mas de um soberbo timbre sympathico, melodiosamente flauteante, maviosa e simples, engrossara sem se enrocar, tornava-se potente. A sua linguagem era outra. Abreu fallava um mixto de mau italiano, portuguez e hespanhol. Uma aravia babéllica que, por vezes, nem o

ABREU ESTUDANDO, N'UMA SALA DE HOTEL DA PROVINCIA, NO SEU TRAJE DE CAMINHADA

diabo entenderia. Contou-me as suas aventuras de jornada, os seus sustos, as suas alegrias e pezares da caminhada. Conservo de memoria alguns dos episodios, umas vezes tragicos, burlescos outros. Dava um livro de lyrismo o *divorcio abrupto* de dois velhos, por espaço de tres dias, por causa d'uma discussão de antigos ciumes, desper-

tada pela audição da canção de Araujo Vianna, *Maria,* como dava uma comedia burlesca o episodio da fome de Abreu e o furto da tigella de marmellada, cousas que aqui não contarei para não alongar muito o artigo, mas que talvez um dia me disponha a esboçar. Uma das notas mais curiosas d'essa viagem foi o enthusiasmo do artista pela cavalgada do *raid* hyppico do *Seculo*. Dizia-me elle: «Acompanhei o tenente Beltrão nas serranias de Traz-os-Montes, fui o seu palafreneiro. Esse homem é um bom; repartiu commigo a sua camaradagem e bom agrado. Cantei a uma ceia dos cavalleiros.»

Porém, Abreu, de volta, não se demorou muito. Em fins de 1908 parte, d'esta vez para mais longe. Quer atravessar, a pé, a Hespanha, para apanhar as chaves de canto da zarzuella, depois dirigir-se-ha a Paris, e á Italia. Quer observar de perto esses campos da arte, e crear escola depois de amalgamar os varios estylos — diz elle. Depois irá á Argentina, ao Brazil, á America do Norte, a toda a parte aonde o seu destino o quizer levar. Soberba aspiração de um artista. O peor é o reverso da medalha — as realidades flagrantes, irrisorias, d'esta vida de contingencias e contrariedades!

Como quer que fosse ou lhe succedesse, depois de um postal conciso, em que annunciava a sua chegada a terras de Hespanha, escrevia de Madrid, em data de 23 de janeiro, uma carta de que porei em destaque alguns dos pedaços mais importantes: «Agora recebi tuya tarjeta. Gracias de tan buenos deseos. Te voi á decir tantas cosas, que quedarás tonto de oilas. (Continúa n'um mixto de hespanhol e portuguez): por aqui, arte, não ha nenhuma, a não ser a Maria Tubau, comediante, e Titta Ruffo, cantor en el Real. Madrid é uma cidade que não tem salões de concerto. Apenas dois casinos, um militar e outro civil. Curas por todas las calles e ramblas, a todas las horas, todos los ratos, com suyos trajes talares e el sombrero de pello de lustro. Lo que Madrid tiendria de mejor, la animacion de la noche, no la hay, pues la gobernacion presente quiere todos los commercios cerraus a la una y médea de la noche. Ya no se vê como se veia, la noche entera de passeo las guapas señoritas y los mancebos de el *high-life* madrileño!

«O postal que me mandaste é uma carga de cavallaria, e a mim parece-me a carga da vida, que inda é mais dolorosa. Paciencia! a terra não se fez para outra cousa, e ainda é grande. Mais tarde ou mais cedo chegarei ao meu destino.»

Em Madrid, Abreu demora-se bastante tempo, mas a sua vida, ali, deve ter sido bem precaria e contrariante, como se infere de uma outra sua carta: «Fallei com D. Luiz Morote, na redacção do *Heraldo,* onde o que de mais notavel encontrei, a não ser esse homem de bom trato, foram os retratos dos tres pápas, Pio IX, Pio X e Leão XIII. Noto que a Hespanha é uma terra muito religiosa. Não me opponho, mas gosto mais da nossa religião — a Arte. Uma cousa me alegra, o ver-me verdadeiramente criticado por artistas d'aqui, alguns de certa illustração, como verás pelos periodicos.» Era verdade. Os jornaes madrilenos, que tenho presentes, reforçavam as palavras do artista. O sonho d'este dilatava-se, e com elle o seu valor, com a pratica. Porém, essa escassa restea de alegria não devia durar muito, porque, mais adeante, noticiava: «Tenho uma proposta para o theatro Price, e para o Real tambem se arranjaria alguma cousa, se houvesse dinheiro, mas sem elle, que fazer? Marchar, marchar sempre... Os cantores, aqui, são maus artistas e más pessôas. Cheios de mal fundado orgulho e amor proprio. O que ahi vae ao D. Amelia é do melhor que por aqui ha. Que se fiquem com *Dios y la Virgen*, que não os importunarei muito. Foi um engano, isto que tive de vir a Madrid. Mas que se ha de fazer? Vou marchar para Barcelona, a cidade progressiva e revolucionaria e ali farei ou não farei qualquer cousa. Espero, comtudo, fazer um boccado de arte que se veja.»

De 23 de janeiro em deante, não mais soube nada do artista, até que a 2 de março escrevia de Zaragoça: «Meu caro. Desejo que hajas passado de saude. Eu, infelizmente, estive enfermo sete dias, mas hoje sinto-me já bom para cantar e continuar esta dança da minha peregrinação artistica. Tambem estive preso, aqui, 5 horas apenas, pensando as auctoridades ter nas pulchras mãos um anarchista que procuram, natural de Pravia. Custou a convencer estes homens da lei de que eu fosse apenas um humilde artista, pelo mundo adeante, em busca da fe-

licidade, essa coisa que eu nunca vi e nem talvez verei, mas não pensando em matar sequer uma formiga.

«Finalmente lá sahi, depois de se terem capacitado de que não eram falsas as cartas que trago do consulado de Madrid, documentos que fizeram com que me puzessem no olho da rua, esta larga rua que se chama a Europa e por onde eu vou caminhando sempre, sempre, como que infinitamente.»

D'essa data em diante não mais tive noticias do aventureiro moço, até que, n'uma das manhãs de junho passado, o *Diario de Noticias* n'uma das suas *Chronicas* de Barcelona, relatava a estada de Abreu n'aquella cidade, dizendo que «crueis vicissitudes e amargos episodios castigaram impiedosamente a sorte do novel cantor, e que o longo caminho de Portugal até á bella cidade mediterranea foi para elle doloroso exodo, quatro mezes de miseria, quatro eternos mezes de caminho incerto», o que me prova que em fins de abril chegaria elle á capital da Catalunha.

O chronista dizia ainda: «Comprehende-se assim as grandes privações soffridas em Barcelona durante dois mezes de permanencia aqui, vagueando pela cidade enorme, sem tecto, sem pão, sem amigos, dias e noites n'um soffrimento horrivel. No consulado portuguez não o attendiam. Dizia-lhe o consul que nada podia fazer por elle, pois uma lei de João Franco prohibe aos consules soccorrer os infelizes portuguezes em paiz estrangeiro.» Acabava o chronista por fazer um appello ao governo portuguez para que désse protecção ao artista, caso que muito deve ter vexado o seu caracter de trabalhador, para quem a unica razão da vida é uma constante lucta, em que elle quer vencer pelo trabalho e honestidade, como homem livre e independente. E a prova de que assim é, dil-o uma carta de Abreu, escripta de Barcelona, dois mezes depois da chronica citada, carta em que nenhum queixume pela improtecção, nenhum resaibro de amargura pelo seu martyrio se traduzem: «Barcelona, 5-8-1909. Meu caro: Depois d'este tão grande interregno, provocado não sei porque motivo da tua parte», (eu continuava a escrever, mas não recebia resposta), «cumpre-me hoje escrever-te para saber quaes os motivos que te levam a proceder para mim d'esta maneira, sabendo tu que não tenho mais amigos a não ser a tua pessoa. Se tens alguma cousa a dizer, emfim, seja o que fôr para mim, todos os criminosos teem defeza e se eu para ti estou n'esse rol, que não me accusa a consciencia de quê, manda dizer, que eu me defenderei; é mesmo um favor especial que me fazes, pois para estar na duvida, podes calcular o quanto não me incommoda o ser. Participote que parto para Paris no dia 16, se não houver «empeno» de maior. Já tenho ensaiados os *Palhaços* e *Puritanos* e vou começar com o *Hamlet*, que d'aqui levarei bem estudados, promptos para cantar. Se resolvo ir para ali, é porque estou melhor, é outro meio, mais artistico e de mais nome. Além d'isso, ha ali uma grande colonia brazileira e portugueza, emfim, é Paris. Adeus! Escreverei de Paris, assim que ali chegar.»

E lá vae, lá continúa, pelo mundo, depois de tão amargas vicissitudes, em cata do seu ideal, o illuminado artista. Vae? Mas quem o pode garantir que vá?! Com os acontecimentos tragicos de Hespanha, com as represalias após a semana sangrenta, com as desconfianças, as calumnias, as suspeitas, sahiria o infeliz portuguez, de Hespanha, ou respirará a custo na atmosphera pesada de algum presidio, entre esses treze estrangeiros de que falou a imprensa? Estará livre ou engaiolada a ave cantora das distancias, esse homem-passaro, cujo unico ideal é a arte e cuja maior aspiração, como elle proprio diz, é ser livre e marchar. E assim me fico a meditar n'aquellas suas phrases: «a carga da vida que ainda é mais dolorosa». «Mais tarde ou mais cedo chegarei ao meu destino.»

E chegará, o pobre Abreu. Se não chegar á Argentina ou ao Brazil, se não chegar a Paris, pelo menos poderá chegar ao ultimo dos destinos, áquelle a que todos nós havemos de chegar um dia — á estação da morte.

E se assim fôr, não mais me escreverá, não mais se realizará uma das resurreições de um d'esses personagens que me fazem mais tristeza, por partirem de olhar aberto, como que sonambulos do ideal para a vida, mais, infinitamente muito mais tristeza, do que, os que, de olhos fechados, resignadamente e de mãos no peito partiram para a morte.

EUGENIO VIEIRA.

Á OLGA

Que destino cruel, n'uma noite assombrosa,
te mergulhou p'ra sempre, oh! minha flôr querida?!
Brilhava o céo sem mancha... e, em teu frescor de rosa,
tu tinhas para o céo a doce fronte erguida!

Estranha ao teu pensar, entre os clarões da vida,
devera sêr da morte a imagem tenebrosa:
e oh! na sombra eternal, tão depressa envolvida,
talvez nem se assustasse a tu'alma medrosa!...

Por qual injusta lei: que a mente me tortura,
sou eu quem vem chorar na tua sepultura
tu que tão bella e moça ao pé de mim sorrias?!

Da tarde, iam descendo á frouxa luz, meus cantos,
e a vida, em plena aurora a te cobrir de encantos.
Ah! podera eu morrer, e tu, viver devias!

Não, eu não sei dizer-te oh! doce companheira
como tudo morreu com o echo dos teus passos!
N'alma, que te entreguei, hoje feita em pedaços,
não me ficou senão das illusões a esteira...

Agora fala a voz da minha magua inteira:
como tudo morreu!... Fugiste-me dos braços,
de tanto amor, p'ra sempre, arrebatando os laços,
vasando-me do peito a gôta derradeira!

A seiva, que em meu sangue, ardente fermentava,
provinha do teu sêr; — e, por ti, rebentava,
em madidos festões, a planta resequida...

Eu vi, de um torvo cahos na confusão sombria,
morrer tão cêdo a flôr que sorridente abria:
póde tombar, sem custo, uma arvore sem vida!...

De joelhos, ante o horror do teu sepulchro mudo
nos abysmos da dôr sinto a razão perdida!
Vê que supplicio atroz! — ficar-me a propria vida,
quando em torno de mim, tudo se extingue, tudo!...

Eras ultima crença e derradeiro escudo,
fortaleza e illusão!... Doce esperança erguida,
em meio do caminho, a um' alma já descrida,
poiso verde a sorrir n'um penhasco desnudo...

Eis que tudo acabou!... Restam doridos threnos
d'uma ventura extincta o mais acerbo canto
de quem, outr'ora, ouviste os madrigaes serenos.

Resta uma lousa fria, onde hei chorado tanto!
E a mortalha da noite... em que eu não vejo, ao menos
um só raio a luzir entre as nevoas do pranto!

Lisboa — Outubro, 1909.

ODILON NESTOR.

Mark Twain

Impressões de viagem — A rainha do Oriente

CONSTANTINOPOLA é um nobre quadro.

Os seus atractivos e o pitoresco principiam e acabam porém ao mesmo tempo. O forasteiro, desde que põe pé em terra até que torna a embarcar, execra-a.

O bote em que se mete é admiravelmente mal calculado em vista do serviço para que foi construido. E' acabado e aparelhado a primor, mas ninguem haverá capaz de o governar em termos através das correntes turbulentas que, vindo do Mar-Negro, enfiam pelo Bosporo, e não haverá muitos mareantes aptos a levá-lo, a remo, nas proprias aguas mortas.

E' uma canôa leve (caíque), larga em uma das extremidades e aguçada na outra, até á grossura do gume de uma faca. Essa parte mais esguia e comprida é onde elles estabelecem a prôa, e já podem calcular a que ponto a agua o fará andar num corropio.

Tem dois remos e, por vezes, quatro, mas nem sombras de leme. O passageiro embarca com destino a um dado ponto e anda a ladear em cincoenta direcções diversas, antes de que lá chegue. Um dos remos impelle primeiro a agua, o outro, depois; é raro mergulharem ambos a um tempo. Este genero de transporte nautico é calculado para reduzir á insania qualquer homem impaciente, no espaço de uma semana. Os barqueiros são os mais desastrados, estupidos e faltos de sciencia de quantos possam existir á face do mundo, sem questão.

Em terra — em summa, era um eterno circo de cavalinhos. A gente, mais basta do que um enxame de abelhas, naquellas ruas estreitas, e os homens amantilhados nos trajos mais extravagantes, mais exoticos, mais idolatras, mais disparatados que haverá podido conceber um alfaiate atacado de *delirium tremens*. Não havia capricho indumentario desatinado em demasia para ser posto de parte; absurdo demais para ser tolerado; frenesi em diabolismo andrajoso fantastico em excesso para ser tentado. Não se viam dois individuos trajando do mesmo modo. Cada multidão a barafustar em cada rua estabelecia um quadro dissolvente de estupendos contrastes. Alguns patriarcas usam turbantes de infundir terror, mas a grande mole da horda infiel usa o barrete vermelho assanhado a que elles dão o nome de *fez*. Os remanescentes atavíos que se permitiam eram absolutamente indiscriptiveis.

As lojas por aqui são meras capoeiras, meros caixotes, quartos de banho, cubiculos — tudo que lhes quiserem chamar —, ao rez-do-chão. Os turcos sentam-se nellas de pernas cruzadas, trabalhando, a fumar nuns cachimbos muito compridos, e cheiram — como turcos. E com isto fica dito tudo. Atulham as ruas, estreitissimas, defronte das lojas mendigos, aos cardumes, a pedir constantemente, sem nunca apanhar coisa nenhuma; e uns aleijados espantosos, contorcidos além de toda e qualquer apparencia humana, quasi; vagabundos a tocar burros; carrejões carregando ás costas caixotes do tamanho de cabanas; vendilhões de uvas, milho assado, pevides de abobora

e um cento de coisas diversas; e a dormir, beatificos, confortaveis, socegados, por entre a azafama de pés, os famigerados cães de Constantinopola. Deslisam, sem ruido, por toda a parte, esquadrões de mulheres turcas, envoltas desde o queixo até os pés em vestes reçagantes, e com veus brancos de neve de roda da cabeça, desvendando-lhes apenas os olhos e uma noção vaga, nebulosa das feições. A quem as vê cirandar, lá ao longe, por entre as lobregas arcadas do Grande Bazar, não deixarão de apresentar espéctaculo semelhante ao dos mortos envoltos no proprio sudario, no acto de resurgirem das campas por entre os vendavaes, trovões e terramotos que rebentaram sobre o Calvario, naquella tremenda noite da Crucificação. Uma rua em Constantinopola é um quadro que toda a gente deve vêr uma vez — mas não muitas.

E depois, lá vinha o guardador de gansos — um individuo levando adiante de si um cento delles pela cidade, e tentando vendê-los. Empunhava uma vara com uns quinze palmos de comprido, com um gancho na extremidade, e, eventualmente, um ganso a pisgar-se da manada, e a fazer uma lepida sortida dobrando a esquina, com as asas meio abertas e o pescoço estendido até os limites do possivel. Pensam que o homem dos gansos se alterava? Nem por sombras. Brandia a vara e alcançava o ganso com indizivel sangue frio, — enganchava-o pelo pescoço e pescava-o outra vez para o seu logar na manada, sem o minimo esforço. Mareava os seus gansos com aquelle pau com tanta facilidade como qualquer individuo haveria mareado uma canôa. Horas depois, vimo-lo sentado numa pedra, a um canto, no meio da barafunda, a dormir a somno solto, ao sol, com os gansos agachados em roda de si, ou a fazerem fósquinhas para se livrar de homens e jumentos. Tornámos a passar por elle, dali a menos de uma hora, e estava a contar a mercancía, para vêr se da manada haveria algum tresmalhado ou bifado. O modo porque o fazia era unico. Assestava a ponta da vara a seis ou oito polegadas de um muro de pedra, e obrigava os gansos a marchar a um de fundo, entre a vara e a parede. A' medida que iam passando, ia-os contando. Não havia meio de defraudarem semelhante combinação.

. . .

Se precisarem de anãos — refiro-me á meia duzia delles por curiosidade — vão a Genova. Se desejarem comprá-los por atacado, para vender a retalho, vão a Milão. Fervilham anãos por toda a Italia, mas quis-me parecer que em Milão a colheita era opulenta. Se desejarem vêr um exemplo significativo de aleijados sortidos, vão a Napoles, ou viajem através dos Estados-Romanos. Mas se quiserem vêr o emporio e a séde de aleijados e monstros humanos, vão direitos a Constantinopola. Um mendigo que em Napoles possa alardear um pé transformado de todo num dedo horripilante, com uma unha informe, dispõe de uma fortuna, — mas semelhante exhibição não atrahiria o menor reparo em Constantinopola. O homem morria de fome. Quem é que daria a minima atenção a chamarizes como aquelle entre as monstruosidades raras que atulham as pontes da Cornucopia de Oiro e patenteiam as suas disformidades nos tremedaes de Stambul? Miserando impostor! Como poderia elle sustentar o confronto da mulher com três pernas, e do homem com o olho na face? Como lhe cairía a cara, de vergonha, em presença do homem com os dedos no cotovelo! Onde iria elle esconder-se quando o anão dos sete dedos em cada mão, sem beiço superior, e com o queixo de menos comparecesse, majestatico? Bismillah! Os aleijados da Europa são uma illusão dos sentidos e uma fraude. Os verdadeiramente prendados florescem nas veredas de Pera e Stambul, unica e exclusivamente.

A aludida mulher das três pernas pairava na ponte, com o seu fundo mercantil disposto por fórma a produzir o mais impressionante effeito — uma perna natural, e duas ditas, compridas, delgadas, contorcidas, com uns pés taes quaes o antebraço de qualquer individuo.

Depois, campava um homem, mais além, que não tinha olhos, e com a cara da côr de um bifesteque em sangue, engelhada e revolvida que nem uma torrente de lava — e na verdade, tão baralhadas e contorcidas tinha as feições, que ninguem poderia differençar dos ossos malares a verruga que lhe supria o nariz. Em Stambul havia um homem com uma cabeça desconforme, um

corpo de comprimento descommunal, pernas com oito pelegadas de comprido, e pés como uns patins para a neve. Viajava sobre aquelles pés e aquellas mãos, e era tão selado das costas, que nem que o houvesse cavalgado toda a vida o colosso de Rhodes. Ah! muito prendado tem que ser um mendigo para poder ganhar a vida em Constantinopola! Um homem com a cara azul, nada tendo que offerecer, excepto o haver sido atirado pelos ares numa mina, considerá-lo-iam um impostor das duzias, e um mero soldado avariado e de muletas não conseguiria ajuntar um centésimo.

* * *

Fômos ao Grande Bazar, em Stambul, já se vê, e não o descreverei circunstanciadamente, cifrando-me a declarar que é uma colmeia monstruosa de logécas, — milhares dellas, com certeza, — todas debaixo do mesmo tecto, e cortadas em inumeros quanto pequenos quarteirões, por umas ruas estreitas cobertas com arcarias. Uma rua é adscrita a uma qualidade especial de mercadoria, outra, a outra, e assim por diante. Quem desejar adquirir um par de sapatos tem ao seu dispôr toda a correnteza da rua, — escusa de se estafar a palmilhar ruas á caça do objecto em outras localidades. O mesmo se dá com as sedas, antiguidades, chales, etc. O recinto acha-se atulhado de povo, a toda a hora, e como os garridos e alegres artefactos orientaes se acham expostos em profusão na frontaria de cada loja, o grande Bazar de Stambul é espectaculo digno de ser visto. Todo elle vida, movimento, negocio, esqualor, mendigos, burros, vendilhões a vociferar, carrejões, derviches, fêmeas turcas de jerarquia, a compras, gregos e muçulmanos fantasticos, não menos fantasticamente enfunicados, lá das montanhas e das provincias remotas, — e a unica e solitaria coisa que o forasteiro não cheira, ao achar-se no Grande Bazar, é qualquer coisa que cheire bem.

A moral commercial, muito especialmente, é má. Nem soffre contradicção. A moral grega, turca e armenia consiste apenas em frequentar a egreja regularmente, nos sabbados apontados, e em quebrar os dez mandamentos dez vezes por semana. Está-lhes na massa do sangue o mentir, embaçar, intuitivamente, e em seguida, com a pratica, vão aperfeiçoando os dotes naturaes, até que alcançam a perfeição. Um pae, quando recommenda um filho, a um mercador, como individuo habil em questões de venda, não diz que elle é honesto, moral, recto, que vae no domingo á missa e é bem comportado; mas antes: «Este rapaz vale quanto pesa em dobrões de oiro — pois attente — é capaz de engrolar a quem quer que tenha negocios com elle, e desde o Euxino até ás aguas do Marmora, não se encontra caramboleiro mais prendado!» Que lhes parece a recommendação? Os missionarios afirmam-me que ouvem elogios deste genero dispensados a sujeitos, todos os dias. Dizem de um individuo a quem admiram: Ah! que encanto de farçante, que primôr de pandilha!»

Todos mentem, todos trapaceiam — todos que se dedicam ao negocio, pelo menos. Os proprios estrangeiros não tardam em conformar-se ao costume do país, e a pouco tempo de terem de comprar e vender, vêm a mentir e a trapacear como qualquer grego. Digo como um grego, porque os gregos são apontados como os peores transgressores nessa materia. Varios americanos residentes em Constantinopola atestam que ha muito turco digno de certa confiança, mas poucos são os que sustentam o terem os gregos quaesquer virtudes que um homem possa descobrir — sem a prova do fogo, pelo menos.

* * *

Vou estando inclinado a acreditar que os celebres cães de Constantinopla têm sido calumniados — difamados. Fui sempre induzido a suppôr que eram tão bastos pelas ruas que atravancavam o caminho; que giravam em companhias organizadas, pelotões e regimentos e que se apossavam de tudo que lhes fazia falta mediante assédio feroz e determinado; e que, de noite, afogavam a todo e qualquer som com seus uivos horripilantes.

Os cães que eu por aqui vejo não pódem ser esses ácerca dos quaes eu tenho lido.

Encontro-os por toda a parte, mas não em grande força. O maior numero que eu tenho encontrado juntos, orçará por uns vinte ou trinta. Quer de dia quer de noite,

uma notavel proporção delles dormiam a somno solto. Aquelles que não estavam a dormir tinham uns ares de quem o desejaria estar. Nunca vi cachorros com aspecto mais desgraçado, faminto, com caras mais tristes e desconsoladas, em dias de minha vida. Parecia uma satira malevola o accusar semelhantes brutos de tomarem coisas á força de armas. Nem sequer apparentavam dispôr de forças ou ambição sufficiente para atravessar a rua — não me lembro de ter visto um unico deitar tão longe. São sarnentos, escanzelados, mutilados, e não raro se vê um ou outro com o pello arrancado, em tiras, tão largas e bem definidas, que fazem lembrar o mappa dos nossos novos territorios. São as alimarias mais tristes de quantas respiram á face da Terra — as mais abjectas, as mais dignas de lastima.

Trazem estampada no semblante uma expressão de melancolia, um ar de desespero e de desconsolação. As manchas pelladas num cão escaldado disfrutam a preferencia das pulgas de Constantinopola, em mais vasta proporção do que num cão mais sádio; e os sitios mais expostos ao ar convém justamente ás pulgas. Vi um cão nestas condições pular para aferrar uma pulga — atrahiu-lhe a atenção uma pulga e revirou-lhe o dente; a pulga fez-lhe nova visita, o que o pôs fóra de si para todo o sempre; olhou triste para o seu pascigo de pulgas, e depois, para o seu sitio pellado. Então, desentranhou um suspiro e tombou a cabeça, resignado, sobre as patas. Não estava á altura da situação.

Os cães de Constantinopola dormem pelas ruas, por toda a cidade. De um a outro cabo da rua, suppondo que haverá uma média de uns oito ou dez por quarteirão. A's vezes, é claro, vêem-se quinze ou trinta para um quarteirão. Não têm dono, e parece não terem amizades intimas, pessoaes, quaesquer que sejam, entre si. Repartem, porém, entre si, os districtos da cidade, e os cães de cada districto, quer tenha de ambito meio quarteirão quer tenha dez, têm que permanecer dentro dos seus limites. Ai do cão que transpõe a linha! Os seus vizinhos dar-lhe-iam cabo do pello, num segundo. Assim dizem. Mas não o parecem.

Elles, estes dias, dormem na rua. São a minha bussola, o meu guia. Quando vejo os cães, placidos, a dormir, ao passo que homens, carneiros, gansos, e toda a coisa semovente andam a girar á roda delles, sei que não me acho na grande rua, onde é situado o hotel, e que tenho que andar para diante. Na grande rua, os cães tem assim a modos de uns ares de quem está de atalaia — uns ares cognatos de serem obrigados a livrar-se de inumeras carruagens, todos os dias — e semelhante expressão confirma-a uma pessoa desde logo. Não existe na cara de cão nenhum além dos limites da dita rua. Os outros dormem todos com placidez e não fazem sentinéla. Não se arredavam, nem que passasse o proprio Sultão.

Numa rua estreita (ruas largas é coisa que por aqui não ha) vi eu três cães, deitados e muitos encolhidos, a distancia de um palmo uns dos outros. Jaziam cabo com cabo, estabelecendo assim nitidamente uma ponte através da rua, de valeta a valeta. Um rebanho de uns cem carneiros veiu vindo para elles. Galgaram mesmo por cima dos cães, os da retaguarda a empurrar os da frente, impacientes por avançarem. Os cães ergueram a vista, preguiçosos, encolheram-se um tanto quando os pés impacientes dos carneiros lhes tocaram nos pellados lombos — suspiraram e tornaram a deitar-se com toda a pachorra. A propria palavra não seria mais clara. De modo que varios carneiros saltaram por cima delles, esfolando aqui e acolá uma perna, com os acerados cascos, e quando o rebanho em pêso houve effectuado a sua excursão, os cães espilraram um tudonada, com a nuvem de poeira, mas nem sequer arredaram o corpo, tanto como uma polegada.

E eu a cuidar que era preguiçoso! Isso sim, comparado a um cão de Constantinopola sou uma machina a vapor. Mas não seria aquillo uma scena singularissima numa cidade de um milhão de habitantes?

Estes cães são os varredores da cidade. E' essa a sua posição official, e não deixa de ser ardua. E' a sua protecção, comtudo. Se não fosse a sua utilidade em limpar parcialmente aquellas temiveis ruas, ha muito tempo que não seriam tolerados. Comem seja o que fôr, e quanto apanham a geito, desde cascas de melão e uvas pôdres, incluindo todos os graus e especies de imundicies e rebutalho, até os seus fallecidos amigos e parentes — e não obstante, andam sempre magros, sempre esfomeados, sempre desconsolados.

O povo repugna-lhe dar cabo delles — não os matam, effectivamente. Os turcos têm uma antipathia innata a tirar a vida a todo e qualquer animal mudo, dizem. Mas fazem peor. Inforcam, correm a pontapé e á pedrada e escaldam as pobres creaturas, pondo-as ás portas da morte, e depois deixam-n'as viver e soffrer.

Um dia o Sultão propôs matar a todos os cães, e encetou a obra — o povoleu levantou tal alarido de horror a respeito do caso, que foi sustado o morticinio. Dali a pouco, propôs a remoção de todos elles para uma ilha do Mar de Marmora. Não se levantaram objecções, e carregaram-n'os a bordo de um navio. Mas quando se veiu a saber, fôsse lá por que fôsse, que os cães nunca chegaram á ilha, mas que iam sempre caíndo ao mar, de noite, e morrendo, ergueu-se outro alarido e o plano de deportação caíu por si.

Assim, pois, os caes ficam na posse pacifica das ruas. Não afirmarei que não uivam de noite, ou que não atacam as pessoas que não tragam na cabeça um fez vermelho. Digo apenas que seria deslealdade da minha parte accusá-los d'estes actos indecorosos não os tendo eu presenceado com meus proprios olhos, nem ouvido com os meus proprios ouvidos.

(Continúa.)

Versão de MANUEL DE MACEDO.

PRAIA DA VICTORIA (AÇORES)
Cliché de J. Maya

Somatose
Reconstituinte de primeira ordem
Estimula fortemente o appetite
Farbenfabriken vorm. FRIEDR. BAYER & C.°, Elberfeld.

Senhoras em evidencia

Uma cantora illustre

MADAME KENDALL

O nome da illustre senhora, a quem os *Serões*, hoje, prestam rendida homenagem, está, de ha muito, consagrado no nosso meio artistico. A insigne e notavel amadora de canto, depois que chegou a Portugal, tem recebido as provas mais inequivocas de uma profunda veneração, que, *pour droit de conquête*, são devidas á sua gentilissima figura de mulher e á sua grande alma de artista. Ao seu talento maravilhoso e á nobreza do seu caracter, tão integro, teem as duas aristocracias — a do talento e *vieille roche* — prestado a mais enternecida e enthusiastica homenagem.

Nunca a commissão de qualquer festa de caridade sollicitou o seu gracioso concurso, que a distincta cantora não accedesse, com a mais captivante amabilidade, a abrilhantar, com a sua Arte divina, uma iniciativa sympathica. Ainda está na memoria de todos o exito colossal, traduzido em ovações delirantes, que Madame Kendall despertou no sarau que a Sociedade de Geographia organisou, no theatro D. Maria, a favor das victimas de Messina e Reggio. Essa homenagem, de que compartilhou Sua Magestade El-Rei — tão amador de bôa musica — e que attingiu um verdadeiro delirio, é d'aquellas que consagram, em qualquer publico, não uma *amadora* mas sim uma notabilissima *cantora*. E, de então para cá, cada concerto, é um novo triumpho.

Dentro em poucos dias, no Conservatorio Real de Lisboa, com o distincto professor e concertista Rey Colaço, vae o nosso publico ter ensejo em assistir a uma série de notabilissimos concertos classicos. E assim ficará assignalado, mais uma vez, esse poderosissimo e scintillante talento de artista a quem prestamos esta pallida homenagem. Madame Kendall não é, apenas, uma grande cantora. Profundamente illustrada, a formosissima senhora de quem vimos traçando o perfil, é, tambem, uma pianista distincta, *doublé* d'uma polyglotta notavel.

Abertura das Côrtes

A GUARDA DOS ARCHEIROS

Em infanteria 16

A visita de El-Rei

EL-REI ELOGIANDO O COMMANDANTE DA COMPANHIA DE GUERRA QUE MANOBROU NA SUA PRESENÇA

Sua Majestade tem visitado nos ultimos tempos quasi todos os quarteis de Lisboa. Acompanharam el-rei na sua visita ao regimento, os senhores: visconde de Asseca, coronel de estado maior José Joaquim de Castro, coronel commandante de brigada Souza Machado, ministro da guerra, coronel Mathias Nunes, e o commandante de infanteria 16, Celestino da Costa.

EL-REI ASSISTINDO AOS EXERCICIOS

Sport

Presta hoje este *magazine* a merecida homenagem a duas individualidades a quem a educação physica da nossa raça mais deve. Eduardo Romero e João Bregaro, conhecidissimos em Lisboa, figuras preeminentes na sociedade, teem pelo seu amor ao *sport*, no qual são eximios, seja qual fôr a sua especialidade, dado um exemplo proveitoso á juventude actual. De trato lhanissimo, fidalgos pelo nascimento e pelos dotes de caracter, gosam de uma popularidade e de uma estima no paiz e no extrangeiro, que não é facil ser excedida.

JOÃO BREGARO

EDUARDO ROMERO

Chronica da moda

A extincção d'um reinado... — A morte d'uma soberana... — As bombas anarchistas no reinado da... pelle de lontra — Moda democratisada é moda passada — O horror da elegante ao vulgacho — A democracia é sempre inimiga dos reinados... — Os vassalos fieis e a economia das finanças — A volubilidade da moda — Os forros brancos e de côr — Tecidos antigos a fazerem de novos — Os milagres da varinha magica... — As blusas russas — Os casacos dos esquimós — Os trages biblicos — Os kimonos japonezes — Receios da cabaia e do rabicho... — Conselhos á leitora.

Na nossa ardua e espinhosa missão de chronista, temos hoje a annunciar ás nossas queridas leitoras, nada menos do que a extinção d'um reinado e a morte d'uma pobre soberana, victima da impiedosa democracia...

Socegue porém, a leitora, tranquillise os seus sentimentos monarchicos, e não se enfade, suppondo que vou falar-lhe de politica; do movimento dos partidos revolucionarios.

Nada d'isso.

A moda, como a sociedade, tem os seus eleitos, que arvora em pequenos reis de momento, festejando-os com enthusiasmo e parecendo mesmo amal'os com dedicação...

Aos profanos tudo isto parece sincero e duradouro; mas, ainda na moda, como nos agrupamentos sociaes, ha tambem o perigoso rastilho das bombas anarchistas, e quando os profanos começam a jurar a sua fé a um reinado, a bomba rebenta e *zás*... o reinado extingue-se!...

Foi o que aconteceu agora á pelle de lontra, e aos que se lhe tinham dedicado, pensando servir um bom partido...

Não devemos nunca pôr muita fé na moda que se vulgarisa.

A psychologia d'esta deusa, é toda feita de aristocracia, raridade e luxo intangivel...

Parece isto um contra-senso, não é verdade? Pois quanto mais usado é um objecto, mais em voga está, e portanto parece que mais a moda se devia enraizar.

Mas aqui, como sempre, as apparencias mentem.

Quando a moda se democratisa, já a bomba anarchista tem rebentado e o que se vê são apenas estilhaços... restos d'um imperio que derruiu!...

Emquanto a lontra foi uma pelle rara e cara, pouco accessivel aos orçamentos modestos, só usada pelos eleitos da fortuna e do bom tom, deu leis, impoz-se, gosou de homenagens, teve em suma o seu reinado...

Mas os industriaes começaram a fazer imitações tão perfeitas, tão lindas e tão baratas, que já não valia a pena gastar somas fabulosas para ter uma pelle verdadeira; o genero barateou-se pois e todo o mundo começou a usar a lontra.

As elegantes cheias de requintes de luxo desgostaram-se com esta voga seccante... e começaram então a abandonal'a como cousa democratisada... E a democracia, já se sabe, é um terrivel inimigo dos reinados... mesmo quando elles são... d'uma pobre pelle vasia...

Mas não vá a leitora ficar triste, se possue um bonito abafo de lontra, porque... já se vê... sim... ha sempre fieis vassallos... que se não rendem...

E além de ficar bem aos nossos sentimentos de constancia partidaria... fica ainda melhor ao nosso tacto administrativo de mulheres economicas, não deixar desbaratar as finanças do «ménage», seguindo apressada e irreflectidamente as rapidas mudanças da moda

Quem quizer seguir á risca os caprichos d'esta voluvel mariposa, não tem quasi tempo de vestir as suas *toilettes*.

D'antes a moda implantava-se durava mezes; agora dura apenas semanas e as cousas começam logo a estar *demodeés*.

Veje a leitora que ainda ha tão pouco tempo o uso dos forros de setim branco nos casacos era d'uma elegancia requintada, e já hoje essa elegancia começa a ser posta de lado.

Tomou-lhe o passo e impõe-se agora para fôrro um setim preto de largas palmas ou flôres brancas, côr de rosa ou azues formando magestosas ramagens, que, diga-se de passagem podem ter muita novidade para as nossas filhas, mas para nós!... Já são nossas conhecidas de ha uns bons 15 annos!

Voltou a ser novo o que já tinha caducado na nossa mocidade!...

A varinha magica da moda tem ás vezes d'estes milagres!...

Tambem voltam a usar-se muito as blusas russas.

Nos centros de patinagem em Paris, em todos os *skatings*, abundam d'estas blusas, dando ás graciosas parisienses um ar estranho de moscovitas, recemchegadas em linha recta, das frias margens do Néva...

Mas, como a moda tem a duração d'um relampago, não se admire a leitora, se, na minha proxima chronica, eu lhe apresentar estas linhas moscovitas de hoje, transformadas em bellas japonezas de vestuario ainda mais apropriado do que os soltos *kimonos* que já se usam.

Para tudo devemos estar prevenidas.

Não se faz senão imitar os paizes longinquos.

Por ahi, nos automoveis de carreira vertiginosa, passam vultos, de trajes excentricos, imitando os esquimós do fundo da Groelandia; á noite, nas saidas dos theatros, as roupagens das senhoras imitam os trages fluctuantes das figuras biblicas; no interior dos seus gabinetes familiares, as elegantes, teem a apparencia de lindas figurinhas do Japão, envoltas nos seus pitorescos kimonos... O vestuario vae perdendo as suas caracteristicas nacionaes.

Depois das blusas russas, dos casacos groelandeses, das fluctuantes capas biblicas e dos kimonos do Japão, a moda irá talvez buscar ainda aos confins da

UMA «TOILETTE» DE INVERNO QUE FEZ FUROR NO HYDE PARK, EM LONDRES

A alegria de vêr as creanças sans, robustas. fortes e rosadas, consegue-se unicamente administrando-lhes **SOMATOSE.**

Asia — oh! horror! — o uso da cabaia e do rabicho!!...

Quem sabe?

Veremos... veremos!...

De tudo ella é capaz, a endiabrada!

E a leitora apesar do seu bom senso moral e esthetico, nunca diga: «— d'esta agua não beberei...»

Pois não se prova por ahi todos os dias que a moda allucina e cega a ponto de obrigar as pessoas mais conspicuas aos maiores crimes de lesa bom senso e de lesa bom gosto?!

A policia na Allemanha

UM POLICIA DE BERLIM,
NO CUMPRIMENTO DO SEU DEVER, NO INVERNO

E' uma innovação de que nós não precisamos, felizmente, essa de andar de trenós e de patins para correr atrás dos criminosos.

Livros novos

Sentido de viver. de *Manuel Ribeiro.* — E' um livro de versos, que este anno não teem apparecido com a prolixidade do ultimo anno. E' poesia posta a serviço da causa social, com um largo e amplo ambiente, defendendo os humildes, combatendo as desegualdades sociaes, erguendo um hymno ao Bem, á Verdade, e á felicidade humana.

O sr. Manuel Ribeiro trabalha o verso com facilidade e elegancia e se no volume, aqui e além, ha pequenos senãos, o conjuncto faz esquecer esses pontos escuros, filhos, certamente, da hesitação. O sr. Manuel Ribeiro não parece ser amante da Arte

MANOEL RIBEIRO

pela Arte. Não a comprehende sem um fim, sem um alcance viavel, ou defendendo uma idéa, ou firmando uma escola.

No elegante volume elle define e que seja para si o *Sentido de viver*. Fazemos votos para que se não engane.

Os humildes

O PEQUENO MENDIGO

Avesinha cahida um dia á lama,
Do coração d'alguma humilde mãe,
Que o deixou ir sem forças, como quem
Uma onda vê sumir-se o que mais ama.

Foi da miseria ao vicio e irá tambem
Na preversão que os maus instinctos chama,
Do vicio hediondo ao crime, que ninguem
Nesse espirito em flôr a luz derrama.

E passa os dias o innocente — a errar
De porta em porta, mendigando o pão
Que á noite a um dono tem d'apresentar

Ha lá mais triste e negra condição?
Morrer de fome e não poder tocar
Nas três miseras codeas que lhe dão!...

As inundações

Foi um mau sonho que passou, mas que deixou os mais terriveis vestigios. Quasi todo o paiz tem a lamentar prejuizos materiaes importantes e a perda de dezenas de victimas. Houve quem de um instante para o outro se visse lançado, de uma relativa abastança em que vivia, para a mais negra e desoladora miseria. E' necessario que, na medida do possivel, todos concorram, conforme puderem, para se mitigar tanta desgraça, que a horrorosa tempestade produziu!

UMA VISTA DA CHEIA EM FRIELLAS

OS TERRENOS JUNTO A' RIBEIRA DE ODIVELLAS, INUNDADOS

UMA DAS RUAS DA POVOA DE SANTO ADRIÃO, QUE LIGA ESTA LOCALIDADE COM LOURES

A PONTE DO ESPIRITO SANTO, EM ALEMQUER, DERRUBADA

Visconde de Santarem

Com o titulo *O 2.º visconde de Santarem e os seus Atlas geographicos*, acaba de apparecer um estudo interessantissimo feito pelo erudito official da Real Bibliotheca da Ajuda, Jordão A. de Freitas, publicado por um sentimento de piedosa admiração pelo actual visconde de Santarem. E' escusado encarecer o enorme valor do trabalho do benemerito e sabio titular. Develhe a geographia e a sciencia inolvidaveis serviços. Não é no pequenissimo espaço de que hoje dispomos que podemos apreciar o importante labor do livro recebido. Por isso ficará para mais tarde a sua analyse.

ALFREDO PINTO (SACAVEM)

Alfredo Pinto (Sacavem)

Rapaz dos mais sympathicos do nosso meio lisboeta e escriptor cheio de finura e de gracil maneira de dizer, acaba de publicar um livro, *Impressões*, que tem obtido um grande triumpho de livraria. Idólatra pela musica, como todas as almas sensiveis e espiritos cultos, uma parte da sua obra é reservada a chronicas sobre esse interessante assumpto. A flux, com um grande poder de observação, um *quid* especial de graça e estylo facil e elegante, offerece ao leitor uma serie de notas attrahentissimas que se leem, como quem saboreia uma taça de champagne alegre e effervescente. Aqui e ali presta a devida homenagem aos mortos.

Bloc-Notes, a ultima parte do mimoso trabalho do illustre escriptor, não só tem graça, mas possue uma base de philosophia moderna.

A impressão que resalta do livro, finda a sua leitura, é que foi escripta por um profissional que modestamente occulta o muito que sabe por trás de fórmas despretenciosas e de facil assimilação. Matizam o livro ainda outros themas, de modo a tornal-o indispensavel não só na estante de uma senhora de bom gosto, como tambem na de qualquer rapaz que deseje passar por illustrado.

A Princeza Patricia de Connaught

Muito se tem falado n'estes ultimos tempos na futura rainha de Portugal. Affirmam uns que será a princeza Alexandra, filha do duque de Fife, neta do rei Eduardo VII; asseguram outros que é a princeza Patricia de Connaught, filha do duque de Connaught e sobrinha, portanto, do mesmo soberano. Ambas são formosas, novas, ambas esperam noivo. Nada mais é preciso, portanto, para que a imaginação dos jornalistas borde phantasias a seu bello prazer.

A gravura que hoje damos representa essa princeza com sua irmã, no momento de embarcarem no Arsenal, na sua ultima viagem a Lisboa.

A PRINCEZA PATRICIA DE CONNAUGHT, EM LISBOA

Theatros

S. Carlos. — Como succedera com a companhia de opera franceza, conquistou um legitimo successo a companhia italiana logo na sua inauguração.

A grandiosa partitura de Bérlioz, *Dannazione di Fausto*, abriu a série de ovações dispensadas todas as noites aos artistas, entre os quaes se contam alguns de grande merito.

O barytono De Lucca e o soprano Baldassare, já conhecidos do publico de Lisboa e que desempenharam os respectivos papeis de *Mephistopheles* e *Margarida*, se revelaram artistas de maior envergadura, deliciando o numeroso auditorio com as suas lindas vozes, d'um timbre agradavel e firme nos registos.

De Lucca junta á sua arte de bem cantar, a de ser um magnifico actor. A canção da *fuga*, a *invocação* do 2.º acto, foram executadas com extraordinario brilho. A canção do *Rei de Thule* e o duetto de amor

GIUSEPPINA BALDASSARE

com o tenor Giorgi, valeram á sr.ª Baldassare uma estridente ovação. E como esta artista se houveram o tenor que se estreára n'esta opera e o baixo Dammaco.

A orchestra, sob a direcção do eximio maestro Mascheroni, foi de inexcedivel correcção. O final do 1.º acto — a encantadora *marcha hungara* — teve as honras de ser bisada, merecendo egualmente elogios a *Dansa das Sylphides* e os córos, que sustentaram sempre uma brilhante afinação.

Da partitura de Bérlioz seguiu-se a de Verdi — *Aida* — a opera da velha guarda, que constitue o prato obrigado de todas as épocas lyricas.

Se, porém, a platéa de S. Carlos tem ouvido a *Aida* com o brilhantismo que merece este magistral trabalho de Verdi, nunca elle se elevou a tão subido grau.

A *Aida* foi, de facto, cantada por o actual grupo de artistas com uma superior interpretação.

A sr.ª Mathilde de Lerma, que voltou ao palco de S. Carlos com a sua voz em pleno vigôr, foi uma primorosa *Aida*. Especialisar este ou aquelle dos seus trechos musicaes, não será traduzir a verdade com-

GIUSEPPE GIORGI

pleta. Desde o monologo *ritorna vincitor* até final, manteve sempre uma perfeita correcção.

Das estreias, ha a citar a do tenor Gilion e a do barytono Carlo Galeffi.

Gilion possue os requisitos d'um cantor distincto.

Emitte a voz com muita facilidade, é firme nos

MARIA JUDICE

agudos, phraseia com arte e tem precisão no ataque.

Logo na romanza *Celeste Aida* conquistou o agrado da platéa, bem como nos duettos com o soprano, principalmente no do 4.º acto, e no quartetto final do 2.º

Galeffi é egualmente um cantor de merito.

É dos melhores barytonos que teem pisado o palco de S. Carlos. A sua potente voz, muito bem timbrada e pastosa, se revelou na *Aida* com sobejo valor, mórmente nos *concertantes* do 2.º acto.

FELY DEREYNE

Todo o auditorio lhe fez uma quente manifestação.

A sr.ª Hotkowska foi uma apreciavel *Amneris*. Além de possuir uma bôa voz de mezzo-soprano, tem uma linda figura para a scena. Merece menção o seu duetto com a *Aida* no 2.º acto e a scena do *julgamento*, em que sustentou a devida tensão dramatica.

Muito bem os baixos Dammaco e Kormann.

Bem ensaiados os bailados, e os córos sob a direcção de Loriente, bem como a orchestra, sob a de Mascheroni, formando tudo um conjunto deveras apreciavel.

Não foi, porém, na opera de Bérlioz, *Dannazioni di Fausto*, aquella em que De Lucca mais se patenteou como distinctissimo cantor que é; foi no *Rigoletto*. Quer cantando, quer representando, o barytono De Lucca foi o que se chama um artista genial.

Com a grandeza que requer toda a partitura da personagem *Rigoletto*, tanto nas scenas violentas como nas de sentimento, o distincto artista se houve d'uma fórma magistral. A *aria* do 3.º acto teve de ser bisada, a pedido geral, sendo De Lucca, ao terminar, coberto de applausos vibrantes.

O soprano Scafidi, no papel de *Gilda*, secundou bem De Lucca, contribuindo para os applausos dispensados nos duettos do 2.º e 3.º actos.

Como nas operas anteriores, se distinguiram os córos e a orchestra, que executaram o *spartitto* com bastante colorido.

E quando não bastassem estas operas a que vimos de nos referir, para bem conhecer o valor do maestro Mascheroni, o *Samsão e Dalila* provou, d'uma fórma segura, as suas excepcionaes qualidades artisticas. Toda essa obra modelar, cuja contextura musical assenta sobre as normas da escola franceza, foi executada pela orchestra com a delicadeza e vigôr que exige a linda partitura de Saint-Saens.

A *Tempestade* do 2.º acto, que constitue uma das mais bellas paginas orchestraes do *spartitto*, a *suite* dos bailados *Bacchanal*, toda a opera emfim, foi superiormente executada pela orchestra, o que valeu a Mascheroni uma enthusiastica ovação.

A sr.ª Hotkowska e o tenor Gilion, que se estreáram na *Aida*, confirmaram os seus creditos, formando com o barytono Rossi o bello conjunto que teve o *Samsão e Dalila*.

Por ultimo, como um remate de série, nos deu a intelligente empreza Anahory a encantadora e suggestiva opera de Bizet — *Carmen* — que já ha alguns annos se não cantava no theatro de S. Carlos, a empolgante opera de Verdi — *O Othello* e a delicíosa partitura do *Fausto*.

É a *Carmen*, sem duvida, uma das mais queridas e apreciadas pelo nosso publico, o que se explica pelas bellezas que encerra.

Alegre e saltitante nos dois primeiros actos, adquire a sua accentuação dramatica nos finaes do 3.º e 4.º actos, em que exerce toda a sua acção dominadora e onde, em especial, Bizet conseguiu suggestionar o publico n'uma melodia majestosa e bella.

Tem o *spartitto* diversos recifes, que só um bom grupo de artistas pode vencer, e d'ahi o motivo de ter estado retirada da nossa scena lyrica.

Coube á empreza Anahory o havel-o torneado com

EDUARDO MASCHERONI

as sr.as Fely Dereyne e Scafidi, tenor Giorgi e barytono Galeffi.

A sr.ª Dereyne, que a platéa já conhecia da época passada, na *Mignon*, foi uma arrebatadora interprete da *Carmen*. Viva, graciosa e sabendo, a um tempo,

tirar todo o effeito d'uma acção dramatica, desde a *habanera* até ao final, no duetto com o tenor, a sr.ª Dereyne foi d'uma admiravel correcção, sendo, por isso, delirantemente applaudida.

A parte de *Michaela*, que em geral tem uma fraca interprete, encontrou na sr.ª Scafidi uma conscienciosa artista. Com a sua bonita voz, imprimiu, a toda a sua parte, muito sentimento, especialmente no duetto do 1.º acto, com o tenor, e na aria do 3.º

O tenor Giorgi e barytono Galeffi podem contar no seu repertorio com a *Carmen*, como sendo das operas em que mais se evidenceiam os seus bons dotes artisticos.

Frizemos tambem as cuidadas enscenações e luxuosos guarda-roupas de todas estas operas.

Os córos e orchestra, como sempre, muito bem.

Outro magnifico exito obteve a companhia com o *Othelo*.

Sem receio de errar, se pode dizer que nunca a monumental obra de Verdi teve tão superior interpretação.

Desde a orchestra aos córos, se manteve de principio a fim uma inexcedivel correcção.

A sr.ª De Lerma, no papel de *Desdemona*, De Lucca no de *Yago* e Gilion no de *Othello*, conquistaram immarcessiveis loureis. Bem claramente o demonstrou a manifestação que o publico lhes fez.

A sr.ª De Lerma cantou d'uma fórma irreprehensivel o duetto do 1.º acto com o tenor, o concertante do 3.º e a deliciosa *Avé Maria*, uma das mais bellas paginas do *Othello*.

De Lucca foi um *Yago* brilhante, fazendo-se acclamar logo no *Credo*, que cantou com verdadeiro pri-

DE LUCCA

môr. No *Sogno* foi deveras surprehendente, tendo de bisar.

O tenor Gilion manteve, com a sr.ª De Lerma e De Lucca, o bello trio que a opera teve.

E, como dissemos, não foram unicamente as primeiras partes em destaque, foram tambem as segun-

VICO DAUMACCO

das partes da partitura, os córos e a orchestra, sob a intelligente batuta de Mascheroni.

O *Fausto* obteve tambem um ruidoso triumpho de que fallaremos no proximo numero.

D. Maria. — Antes de fazermos uma rapida resenha dos espectaculos no Normal, é de justiça que dediquemos algumas palavras ao distincto homem de lettras, Maximiliano de Azevedo, actual gerente d'aquelle theatro.

É assaz conhecido no nosso meio litterario e theatral o nome de Maximiliano de Azevedo.

Attestam o seu valor um grande numero de producções suas nas quaes se revelam, de uma fórma notavel, as suas primorosas qualidades de estylista, marcando-lhe um logar illustre no campo da litteratura portugueza.

Como escriptor de theatro o seu nome apparece-nos á luz da ribalta como um mestre d'essa complexa arte, revelando, além de conhecedor profundo do *metier*, um espirito de grande observador.

Com estes predicados, portanto, não podia ter sido mais acertada a escolha para o cargo de gerente do Normal, onde, sem duvida, se evidenciará.

Dos espectaculos temos a registar a marcha triumphal da peça de Wilde, *Um marido ideal*, a que já nos referimos no nosso numero anterior, e as *reprises* das peças: *Amor de perdição* de D. João da Camara, e *As pupillas do sr. reitor*, que o sr. Anthero de Figueiredo extrahiu do celebre romance de *Julio Diniz*.

Não é esta a primeira peça que se extrahe do alludido romance, outras ha de que nos não occorre o seu exito. Esta ultima conseguiu, em parte, debellar o mal que advém do ingrato trabalho. Foi ouvida com

bastante agrado e sem favor, pois que tem scenas deveras felicissimas.

O desempenho perfeitamente á altura dos artistas

MAXIMILIANO DE AZEVEDO

do Normal. Ignacio, Augusto de Mello, Joaquim Costa, Luiz Pinto, Carlos Santos, Adelina Abranches e Cecilia Machado se houveram de fórma a serem muito applaudidos.

D. Amelia. — Para bem se comprehender o que é Mimi Aguglia; para bem se ajuizar da sua extraordinaria arte de representar, é preciso tel-a visto.

O que sobretudo torna excepcional essa grande actriz siciliana, é o seu soberbo jogo physionomico.

De temperamento histerico, o seu corpo convulsiona-se ao traduzir um forte sentimento, a sua alma vibra n'uma expressão nitida de tortura quando impulsionada por uma dôr intima.

Toda a gamma do sentimento humano encontra n'essa genial artista uma real interprete.

Se é correctissima na declamação, é verdadeiramente assombrosa na mimica.

A mais simples particularidade surge clara no volver d'um olhar ou no desenho d'um gesto.

Mandam as leis de bem representar que o artista sinta a personagem a interpretar, mas que não seja por ella dominado, assim é e assim deve ser; pois, com Mimi Aguglia, dá-se o facto, de ser tão intenso, intimo e forte o seu sentir, que quasi nos transmitte a impressão d'esse erro, não deixando, por isso, de ser grande e majestoso o seu trabalho.

Já não é pequeno o numero de notabilidades estrangeiras que, devido á gentileza do distincto emprezario sr. visconde de S. Luiz de Braga, nos tem sido permittido admirar no palco do D. Amelia. Mas se todas ellas teem, mais ou menos vivamente, prendido a attenção do nosso publico, talvez que nunca o tenham conseguido, d'uma fórma tão vibrante, como Mimi Aguglia. E firma-se este nosso parecer, muito em especial, na interpretação do papel de *Margarida Gauthier*, da *Dama das Camelias*, que foi como que a pedra de toque da differença na sua maneira de representar.

Mimi Aguglia não encarnou a personagem nem pelo lado romantico, como a Sarah, nem pelo lado cruelmente duro, como a Duse; deu-lhe uma exteriorisação mais humana e real, a nosso vêr; tirou-a do vulgar, despiu-a das suas *ficelles* e apresentou-a com um córte da sua prodigiosa observação.

Todos os artistas teem a sua predilecção por este ou aquelle genero dramatico e assim succede com a celebre actriz a que nos referimos, cujo temperamento se manifesta mais propenso para a tragedia popular, sem deixar, comtudo, de ser distincta na comedia. Como exemplo, deu-nos Mimi Aguglia as tragedias *Malia* e *Figlia di Jorio*, verdadeiros estudos pathologicos, explorando as crendices populares n'um decorrer encantador de scenas campezinas.

Quanto possamos dizer, é quasi nada comparado com o seu colossal trabalho.

Mimi Aguglia tem o condão, como diremos, de hypnotizar uma platéa. Faz mesmo esquecer-nos de que estamos vendo representar. Transporta-nos ao meio da acção e obriga-nos a viver n'elle.

Na *Figlia di Jorio*, por exemplo, quando essa figura *Milia di Cotra*, creada por Gabriel d'Annunzio, se vê perseguida pelos segadores e quando por fim se encontra presa do lascivo Lazzaro di Rojo, um arrepio de forte tenção dramatica atravessa a platéa. Sente-se como que uma angustia e tão grande é a impressão, que ao cahir do panno parece accordarmos d'um pesadelo.

Extraordinaria mulher essa!

E, sem esmorecimento, confirmando sempre o poder da sua arte, Mimi Aguglia nos deu empolgantes trabalhos na *Cavalleria Rusticana*, na *I Carbunara* e *Zázá*.

A primeira e a ultima, sobejamente conhecidas, não deixaram, por isso, de ter a sua completa novidade, pois que a genial artista fez um destaque frisante de quantos as teem desempenhado.

Quem nos lê e a não viu, parecer-lhe-ha exaggero, mas não ha tal; muito principalmente na *Zázá*, ella é verdadeiramente assombrosa de verdade e, talvez, a nosso vêr, na que tem a sua melhor corôa de gloria.

Quem bem conhece a peça e pelo que acabamos de expôr, poderá calcular quanto Aguglia, que é eximia no real dos desenhos, soube apresentar a personagem frivola do 1.º acto, — a genuina coupletista de café concerto, — quanto foi terna e amante no 2.º, subtil e delicada no 3.º, d'uma commovente paixão no 4.º, de completa desillusão e de encantadora simplicidade no 5.º

Em contraste na *I Carbunara*, nova para Lisboa, bem como na *Buona gente*, apresentou mais uma facêta do seu formoso talento. A primeira violenta e tragica, a segunda serena, genero alta comedia, e que constituiram um novo successo.

E para complemento e poder tambem admirar-se a

comediante e de novo no drama, deu-nos Mimi Aguglia as peças *Santarellina*, extrahida da *Mam'zelle Nitouche*, *Um quarto d'ora*, *Teresa* e *Lupa*.

Bella comediante nas duas primeiras, provocou a franca gargalhada, querendo deixar a impressão do seu temperamento tragico, conseguiu vibrar na sala, durante as duas ultimas peças, principalmente na *Lupa*, o sentimento d'uma dôr impetuosa e grande.

Não veiu, porém, a celebre actriz desacompanhada, como tem succedido em algumas das companhias estrangeiras, pois que poucas vezes temos visto um conjunto tão harmonico, devendo citar-se os artistas: Faló Majorana, Sterim e Majivana.

Todas as peças tiveram uma bôa enscenação e bello guarda-roupa.

Após Mimi Aguglia representou a companhia portugueza a deliciosa comedia *Canto do Cysne*. O publico applaudiu-a com calor. O mesmo succedeu com a *reprise* da comedia *Direitos Paternos*, que subiu á scena na festa artistica de Palmyra Bastos.

*

Como estava annunciado, Jean Richepin, o illustre litterato francez, realizou no D. Amelia as suas duas conferencias sobre os themas: *O mar* e a *Lenda Napoleonica através os poetas*.

Quer declamando os seus lindos versos, quer apenas conversando, Richepin, que é hoje um dos vultos mais preeminentes da litteratura de França, empolgou o selecto auditorio com a sua palavra quente, sendo, por vezes, interrompido em fremitos de enthusiasmo.

Não esqueceu o distincto escriptor, nas suas dissertações, de prestar homenagem aos heroes portuguezes que em caravellas sahiram o Tejo na conquista de novos mundos, e, sempre com elegancia de estylo e delicadeza de phrase, soube recordar que foi debaixo do nosso lindo céo que as victoriosas aguias imperiaes receberam as primeiras feridas.

Teve egualmente o illustre poeta palavras de elogio para o sr. visconde de S. Luiz de Braga, recordando, a um tempo, a passagem pelo tablado do D. Amelia, de algumas das celebridades francezas, bem como para com Julio Dantas, que o apresentára n'um breve discurso, proferido pelo actor Chaby Pinheiro.

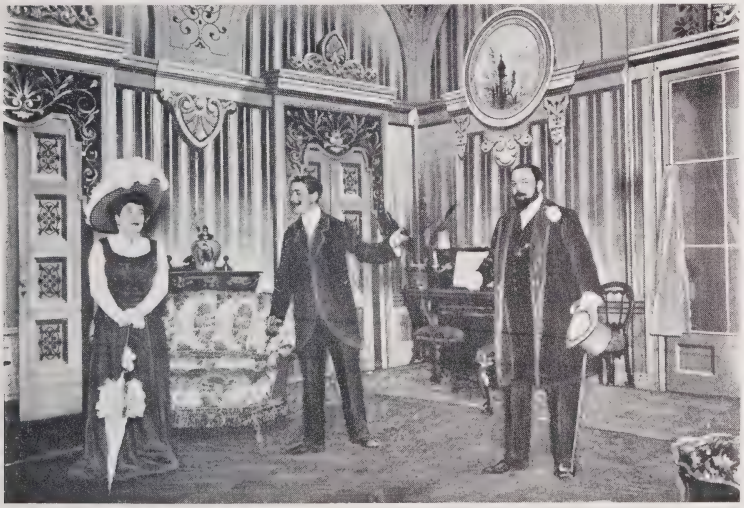
A Richepin succedeu Madame Jane Catulle Mendès, que effectuou duas conferencias, escolhendo para assumpto d'ellas *La chanson populaire en France* e *Les poetesses françaises*. A sala do elegante theatro acolheu festivamente a illustre litterata.

Trindade. — Não offerece duvida que esta casa de espectaculos encontrou uma verdadeira *mascotte* na operetta *Sonho de valsa*. Apenas umas *rèprises* com a *Bohemia*, *Barbeiro de Sevilha* e *Semana dos nove dias*, e como prato de resistencia a encantadora peça de Strauss que parece não sahir mais do cartaz. Ao *Espadachim do Outeiro*, letra de Lopes de Mendonça e musica de Augusto Machado nos referiremos no proximo numero. Desde já, porém, podemos affirmar que é uma obra á altura da fama conquistada pelos dois eminentes vultos.

Gymnasio. — Duas peças novas: *A mulher electrica*, imitação por André Brun, para recita da actriz Jesuina Marques e *Vinte dias á sombra*, traducção de Portugal da Silva, para festa artistica do actor Telmo

A mulher electrica é um perfeito *embroglio* mas que desperta franca gargalhada. A acção é curta, mas as scenas acham-se urdidas com habilidade, de fórma a prender a attenção do espectador. Do desempenho teve o primeiro logar a beneficiada, seguindo-se-lhe Telmo, Cardoso, Alegrim, Laura Hirsch e Rosa de Andrade.

A outra peça, *Vinte dias á sombra*, é o que se chama uma fabrica de risota. Os episodios comicos succedem-se, as situações hilariantes não teem conta. São tres actos polvilhados de um espirito esfusiante e com um recommendavel requisito: não faz uso da pornographia. Ha na peça do mais que



THEATRO DO GYMNASIO — UMA SCENA DOS «VINTE DIAS A' SOMBRA»

graça, ha engenho; é das que teem principio, meio e fim; é, n'uma palavra, uma comedia.

O desempenho muito harmonico por parte de Telmo, Cardoso, Albuquerque e todo o elemento feminino.

A traducção de Portugal da Silva muito esmerada.

É peça para lavar e durar.

Jesuina Marques e Telmo, nas suas respectivas festas, foram muito brindados.

Avenida. — Succedeu com a revista *Sol-e-dó*, de Luiz d'Aquino e Accacio de Paiva, o que bastas vezes temos presenciado. Recebida friamente na sua *prémière*, tem seguido com successo de noite para noite. Possue esta revista todas as condições das peças do seu genero — graça, critica, por vezes um pouco mordaz, bom scenario e luxuoso guarda-roupa. Não havia, pois, motivo para essa frialdade na sua primeira representação; mas as coisas são o que são, e, passada essa noite, os applausos não teem sido regateados aos artistas, scenographos, auctores e maestros. Já lá vae nas sua vinte e tantas e... continuar-se-ha.

THEATRO DA AVENIDA — UMA SCENA DO QUADRO «NA ROÇA» DA REVISTA «SOL E DÓ»

Principe Real. — Outra revista nos deu esta popular casa de espectaculos da rua da Palma, *Sol e sombra*, de Ernesto Rodrigues, Felix Bermudes e Marçal Vaz, musica de Filippe Duarte e Calderon, que agradou sem favor.

Toda a peça está recheada de bellos ditos de espirito e apresenta novidade. É um tanto *fresquinha*, mas o facto já está tanto em moda que quasi o approvamos. O 1.º acto é talvez o melhor, sem que possa dizer-se que os seguintes não sejam tambem de seguro effeito.

Está bem vestida e o scenario é bom.

Merecem elogios pela maneira como desempenharam os seus papeis, Lucinda do Carmo, Amelia Pereira, Carlos Leal, Emilia Romo, Isabel Pacheco, Eduardo Vieira e Gentil.

A musica está bem coordenada o que valeu aos maestros bastos applausos, dos quaes partilharam auctores e actores.

Muito bom o scenario de Luiz Salvador no final do 1.º acto.

Rua dos Condes. — Conhecida a predilecção do publico pelo genero revista, é natural que os escriptores de theatro o explorem, e assim mais uma revista *Fado e Maxixe* subiu á scena n'este theatro. E diga-se em verdade que o successo foi extraordinario.

THEATRO DA RUA DOS CONDES — BAILE FINAL DO 3.º ACTO DO «FADO E MAXIXE»

Não ha melhor, nem peor; ha apenas tres actos que não dão tempo para descançar de rir, tal é a graça que em abundancia se acha espalhada por elles.

Os auctores, André Brun e João Phoca, foram muito victoriados na primeira noite que subiu á scena o *Fado e Maxixe*, bem como os principaes interpretes Raul Soares e Martins dos Santos.

A musica, coordenada por Luz Junior, tambem agradou bastante, partilhando por esse facto o maestrino dos applausos do publico.

Colyseu dos Recreios. — De novo tem constituido o *clou* dos espectaculos no Colyseu a estonteante Imperio que todas as noites chama ao theatro uma romaria de espectadores que enthusiasticameute a applaudem. A voluptuosidade das suas dansas, o seu

SOPRANO DORA THEOR

TENOR VITTARIO GAMBA

talhe airoso e attrahente, os seus lindos olhos verdes, fascinam o publico que todas as noites a palmeia com delirio. E quando não bastasse a volupia dos seus bailes caracteristicos, a divina Imperio fez-se tambem *coupletista* de grande poder fascinante.

Junto a este numero, os parodistas *Chimenti*, a *troupe Marmorini* e o impagavel Walter e seu companheiro Tonitoff, teem constituido a serie de attractivos que fazem com que aquella tão grande quanto elegante casa de espectaculos, se encha... *á cunha*.

Terminada a época da companhia gymnastica principiou a da companhia liliputiana de opera, que se estreou com a *Lucia de Lamermoor*. A estreia foi auspiciosissima e nas recitas subsequentes os pequenos artistas conquistaram triumphos sobre triumphos, sendo a *Geisha* uma das operetas em que a petizada foi mais vibrantemente applaudida.

Dispensario de Santa Izabel

UM GRUPO DE PROTEGIDAS

UMA BIXA... DE VARIAS CABEÇAS

FARINHA LACTEA NESTLÉ

Alimento completo para crianças e pessoas edosas.

MUSICA

DOS

SERÕES

BOURRÉE

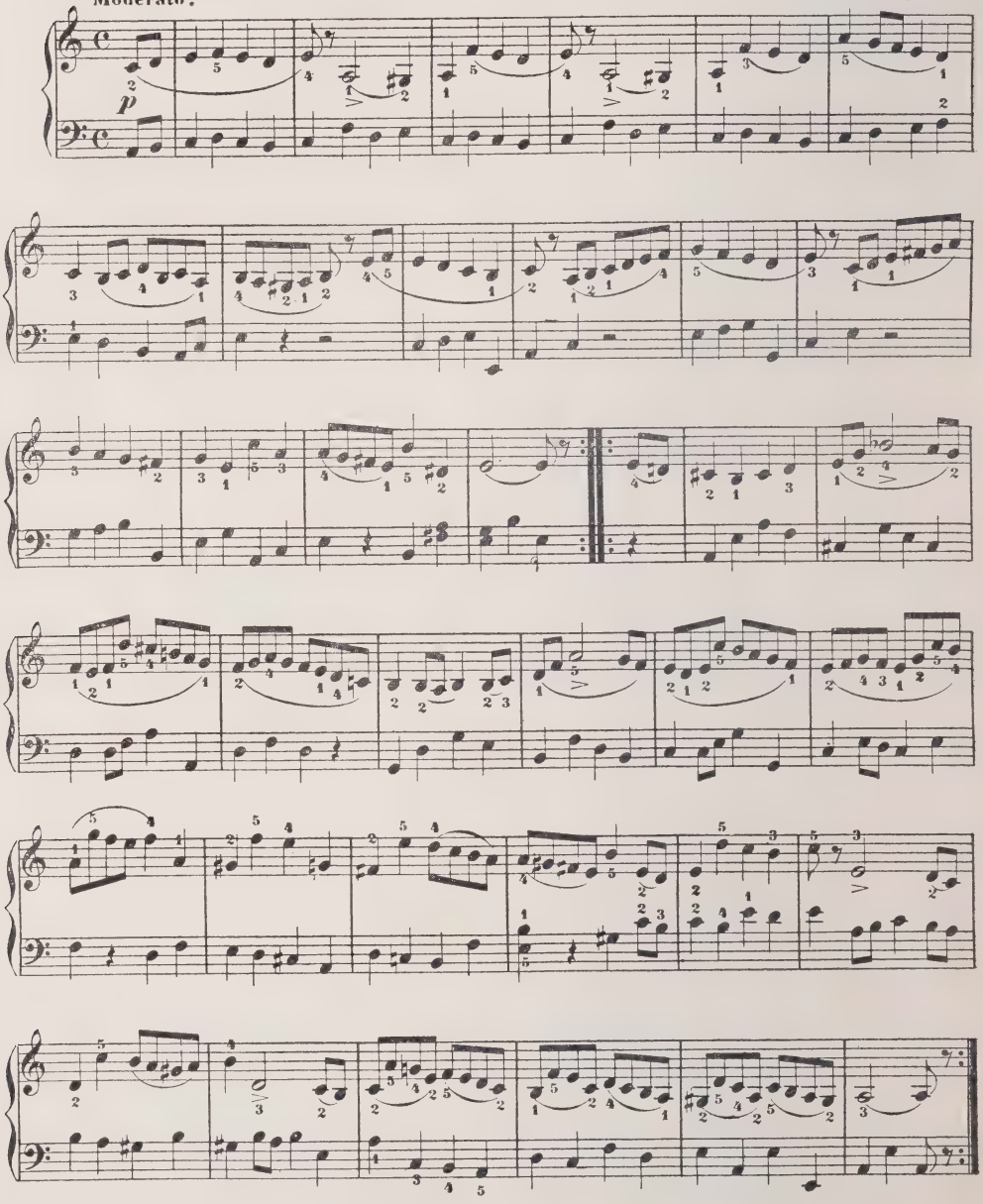
DE

Joh. Sab. Bach.

No. 3. Bourrée

aus der Englischen Suite No. 1. ▪ de la Suite Anglaise No. 1.

Moderato. Joh. Seb. Bach.



AS GOTTAS CONCENTRADAS DE

FERRO BRAVAIS

São o mais efficaz remedio contra **DEBILIDADE, FALTA DE FORÇAS, ESGOTAMENTO ANEMIA, CLOROSE, CORES PALLIDAS.**

Sem cheiro nem sabor o Ferro Bravais é recomendado por todos os Medicos do mundo
Não dá prisão de ventre. Não ennegrece os dentes. Dá em pouco tempo :

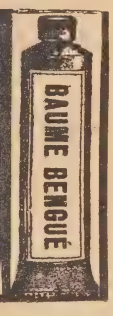
SAUDE - VIGOR - FORÇA - BELLEZA

Desconfiar das Imitações. — ***Só se vende em Gottas e em Pilulas***
Em todas as Pharmacias ou Drogarias. **Deposito : 130, r. Lafayette, PARIS**

BAUME BENGUÉ

Cura Totalmente

RHEUMATISMO
GOTA
NEVRALGIAS



Dr BENGUÉ, 47, rue Blanche, Paris, e em todas as Pharmacias.

LOCÃO DEQUÉANT

CABELLO
BARBA
PESTANAS
SOBRANCELHAS

Unico producto scientifico apresentado na *Academia de Medicina de Paris* contra o microbio da Calvicie e todas as affecções do couro cabelludo.
L. DEQUÉANT, *Pharmaceutico*, 38, Rue Clignancourt, Paris.
Em LISBOA, 15, Rua dos Zapateiros, a quem deve-se dirigir para todas as informações gratuitas.
A' VENDA EM TODAS AS BOAS CASAS DO PORTUGAL.

Em LISBOA, Rua dos Sapateiros, 15, 1.°, direito,
a quem devem dirigir-se para todas as informações gratuitas.

CH. DENIS. — Agent exclusif pour les annonces étrangères, **128, Faubourg Poissonnière — PARIS.**

NOVIDADE LITTERARIA

OS BASTIDORES DO NIHILISMO

POR

MAX PEMBERTON

TRADUCÇÃO DO INGLEZ DE

EDUARDO DE NORONHA

OBRA ILLUSTRADA COM 16 GRAVURAS

INDICE DOS CAPITULOS

Capitulos	Pags.
I — Bruce Ingersoll principia a sua historia	7
II — Adeus a Cambridge	17
III — Jehan Cavanagh	29
IV — A casa do Fen	41
V — As noticias do jornal	55
VI — O grito nocturno	65
VII — A mulher e a creança	77
VIII — O destino de Cavanagh	93
IX — Prospero de Blondel	105
X — A festa do Corpo de Deus	119
XI — A luz da janella	143
XII — Ainda Paulina Mamavieff	165
XIII — A prisão de Bruges	177
XIV — A encarcerada	189
XV — A segunda intrevista	203
XVI — Raiz e tronco	217
XVII — O homem de cabello ruivo	229
XVIII — O expresso de Vienna	249
XIX — Na praça de touros	255
XX — O dr. Luthero James	27
XXI — Barcelona	299
XXII — No palacio da Ponte	321
XXIII — As desconfianças de Paulina	331
XXIV — O regresso a Inglaterra	337
XXV — Fédoro	351
XXVI — Um conhecimento	367
XXVII — Jornada nocturna a Waterbeach	377
XXVIII — A dama do bosque	395
XXIX — Na bibliotheca	403
XXX — O barco	413
XXXI — Robiniof	429
XXXII — A sua familia	437
XXXIII — Paulina emmudece	447
XXXIV — O milagre	461
XXXV — A memoria de Jehan Cavanagh	469

PREÇO 500 RÉIS

Á venda nas principaes livrarias

e no deposito, Livraria Ferreira, editora

132, Rua do Ouro, 138

LISBOA

O Cunha

ALMANACH HUMORISTICO
PARA **1910**

Á venda o 5.º volume

200 réis

Collaboração inédita em prosa e verso de **Alves Barbosa, Amadeu Salles, Arnaldo de Lacerda, Arnaldo Leite, Augusto Veras, D. Branca de Gonta Collaço, P.e Daniel da Cruz, El-Mano, Humberto Beça, Julio Moutinho, Manuel de Moura, D. Maria do Carmo Peixoto, Maximiano Ricca, Oliveira Passos, Rangel de Quadros, Raul Tamagnini, Vidal Oudinot, visconde de Villa-Moura** e de muitos outros escriptores consagrados

Caricaturas e desenhos do **dr. Manuel Monterroso, Amarelhe, dr. Virgilio Ferreira, Emmanuel Ribeiro, Alberto Meira, Marques Abreu, F. Alves Mendes, Jorge Collaço, Julio Nogueira** e **dr. José Moreira de Carvalho**

MAGNIFICAS GRAVURAS = EDIÇÃO ELEGANTE

Publica um interessante artigo do ex.mo sr. Visconde de Villa-Moura, intitulado

Coimbra do meu tempo

com gravura representando o curso do 5.º anno de Direito de 1899-900.

CALENDARIO HISTORICO — UMA VALSA

ESCRIPTORIO

Rua da Victoria, 33-A — PORTO

Agente em S. Paulo: AURELIO MACHADO — Caixa 630

Mais vantagens aos nossos assignantes e compradores dos SERÕES

A todos os nossos assignantes e compradores dos SERÕES offerecemos o **Bonus de 10 %**, sobre o preço da venda, de um exemplar do **ANNUARIO COMMERCIAL DE PORTUGAL**, edição 1909, para o que, bastará a apresentação d'este bilhete na administração do Annuario Commercial, Praça dos Restauradores, 30 (Palacio Foz).

José Maria da Silva

PHOTOGRAPHO

Convida V. Ex.as a visitarem os seus estabelecimentos,
onde possue as melhores machinas operadoras
e executa todo o genero de trabalhos por preços sem egual

121, Rua do Poço dos Negros, 123 — 25, Rua de Alcantara, 25

Gravuras dos SERÕES

Alugam-se quaesquer clichés publicados n'este Magazine.

Para tratar, na Administração dos SERÕES, Praça dos Restauradores, 30.

Aos nossos assignantes de 1910

BRINDES

DOS

SERÕES

Uma viagem a Paris

(Ida e volta em 1.ª classe, partida de Lisboa), em época á escolha do favorecido pela sorte, ou o seu equivalente em moeda corrente, como em 1909.

Brinde mensal a todos os leitores

Pela apresentação de BONUS publicados em cada numero

descontos em varios estabelecimentos sobre as compras effectuadas

GRANDE VANTAGEM AOS ASSIGNANTES

Desejosa a administração dos **"SERÕES"** de reunir o maior numero de assignantes, em uma publicação de tanto interesse e unica no seu genero em Portugal — revista profusamente illustrada, com escolhida e escrupulosa collaboração, que se publica no primeiro de cada mez — e querendo facilitar-lhes o completar esta publicação desde o seu inicio, offerece — **a todos que assignarem a revista "SERÕES" por periodo não inferior a um semestre—**, o adquirir um qualquer volume publicado ou todos os treze, com um desconto de 50 %, ou seja cada volume (que corresponde a um semestre) **600 réis** ou, ainda, **1$000 réis,** lindamente encadernado em capas de luxo.

O preço da assignatura dos **"SERÕES"** é:

Pertugal, ilhas, colonias e Hespanha	Anno	2$200 réis
	Semestre	1$200 »
	Trimestre	600 »
Para o Brazil (Moeda fraca)	Anno	12$000 »
Para outro qualquer paiz estrangeiro	Anno	15 fr.

Numero avulso, 200 réis

Pedidos á

Administração dos "SERÕES" — 30, Praça dos Restauradores, 30 — LISBOA

Telephone n.º 805

Belleza do Rosto

Leite Antephelico ou Leite Candès

O Leite Antephelico cuja invenção data do anno 1849 deve effectivamente, as suas propriedades cosmeticas á combinação bem acertada de elementos tirados da materia medica, que reciprocamente se temperam por suas porções rigorosamente determinadas, e cuja acção não vai alem das camadas superficiaes da pelle.

O Leite Antephelico emprega-se em loções, em dose benigna, ou estimulante, segundo as alterações que se querem prevenir ou corrigir.

MODO DE EMPREGO SEGUNDO OS CASOS

Durante o tratamento empregar o LEITE CANDÈS só sem nenhum outro cosmetico.

I. DOSE BENIGNA E AGUA DE TOUCADOR. — Vascolejar o liquido até elle fazer-se côr de leite; deitar n'um pires a quantidade d'uma colher à café, e ajuntar as seguintes quantidades de agua: 1º um a dois tantos, contra o Rosto sarabulhento e as Picadas de insectos; — 2º dois a tres tantos contra as Rugas, o Tisne do sol, Borbulhas, Espinhas, Brotoeja, Fogagem, Efflorescencias farinhentas ou furfuracéas e outras alterações accidentaes da cutis, — 3º tres a quatro tantos, como agua de toucador, para conservar a pureza, transparencia e maciêza da pelle. — Embeber n'estas misturas um panninho fino, e humectar duas vezes por dias os pontos affectados. Como agua de toucador, basta uma loção, com preferencia pela manhã, meia hora antes de lavar o rosto.

II. DÒSE ESTIMULANTE, contra as SARDAS e as MANCHAS DE GRAVIDEZ. — Nos dois primeiros dias, ajuntar á pequena porção de LEITE que se deita no pires, igual quantidade de agua, e continuar esta dóse tres vezes por dia, se os effeitos abaixo descriptos principiarem a produzir-se; se não, logo no terceiro dia, emprega-se o LEITE puro e humectão-se as manchas, sem esfregar, uma duas ou trez vezes *quando muito* no correr do dia (segundo a delicadeza da cutis), até que a epiderme que as cobre, passando por duas phases previstas e sempre isentas de gravidade, — 1º ardor mais ou menos vivo, — 2º leve intumescencia acompanhada de sensação tensiva, — tenha tomado uma côr cinzenta, e se desseque. Oblido este resultado, as loções só se comparão de uma parte de LEITE e tres tantos d'agua. A epiderme exfolia-se, e a cutis, temporariamente vermelha, apresenta-se (depois de dez a quinze dias de tratamento) branca e fresca, livre das manchas que a embaciavão.

Composto e impresso na Typ. do Anguario Commercial — Praça dos Restauradores, 27, Lisboa

Magazine mensal illustrado
LIVRARIA FERREIRA, Editora
Redacção e administração
Praça dos Restauradores, 30 — LISBOA
Telephone 805

SERÕES

N.º 57 — Março 1910

Assignatura { Semestre . 1$200
Anno .... 2$200
Numero avulso..... 200

Composto e impresso
na Typ. do Annuario Commercial

Cofres á prova de fogo

MOBILIARIO EM FERRO

A MAIOR E MAIS IMPORTANTE
FABRICA
PORTUGUEZA DE METALLURGIA

Construcção de pontes,
vigamentos e estructuras metallicas
fundição de aço ferro e outros metaes

CALDEIRAS E MACHINAS A VAPOR
MOTORES A GAZ POBRE
CONSTRUCÇÕES MECHANICAS CIVIS E NAVAES
Alfaias e machinas agricolas
Ascensores e monta cargas electricos
SYSTEMA PRIVILEGIADO

Importação de todo o genero
de machinas
Materias primas e manufacturadas
para as industrias

ESCRIPTORIO E OFFICINAS
115, RUA LUIZ DE CAMÕES, A SANTO AMARO
TELEPHONE
N.º 256—BELEM
Telegrammas
Santamaro
LISBOA

Deposito d'Exposição Permanente
AVENIDA DE D. CARLOS
E
RUA VASCO DA GAMA
LISBOA

FOGÕES DE COSINHA

Enviam-se catalogos

Proprietaria: Livraria Ferreira — **Director litterario:** Eduardo de Noronha — **Director gerente:** Caldeira Pires — **Séde da redacção e administração:** Praça dos Restauradores, 30. — Composto e impresso na **Typographia do Annuario Commercial,** Praça dos Restauradores, 27.

Summario

MAGAZINE PAG.

MANOEL MARIA DA SILVA BRUSCHY
(Frontispicio) 162

O PRINCIPADO DE MONACO
(7 illustrações) por CACILDA DE CASTRO 163

ESPERANDO... *(Versos)*
(1 illustração) por DOMITILLA DE CARVALHO 170

DANTE E BEATRIZ
(3 illustrações) traducção de B. DE SALLES 171

EM SURDINA *(Versos)* de F. CARNEIRO 176

HYGIENE ESCOLAR
(5 illustrações) por MARQUES MANO 177

DOR DE VIVER *(Versos)* de AFFONSO CELSO 185

SOPHOCLES E EURIPIDES
(9 illustrações e 1 vinheta) compilado por EDUARDO DE NORONHA 186

ONDAS MARCONICAS *(Versos)*
(1 illustração) por AFFONSO GAYO 198

O VINHO DO PORTO
(5 illustrações) por ALBERTO BESSA 199

AI DE MIM! *(Versos)* de BERNARDO LUCAS 205

IMPRESSÕES DE VIAGEM — A RAINHA DO ORIENTE
(1 vinheta) versão de MANUEL DE MACEDO 206

A REPUBLICA DO URUGUAY
(11 illustrações) por LUIZ TRIGUEIROS 209

PARADOXAL *(Versos)* de SANTOS VIEIRA 217

ANTONIO NOBRE
(1 illustração) por LIA 218

SONETO de MARIA DE CARVALHO 219

VIOLINO *(Versos)*
(1 illustração) de RAUL DO VALLE 220

DE INHAMBANE A LISBOA
(6 illustrações) por THOMAZ DE ALMEIDA GARRETT 221

ENTRE DOIS ORPHÃOS *(Versos)* de MARIO FLORIVAL 227

MARIA ANTONIETTA NA SUA TOILETTE
(1 vinheta) 228

ECCOS E REFLEXOS
(11 illustrações) 230

A MUSICA DOS SERÕES

NOCTURNO, por FR. CHOPIN . . . . . 2 pag.

As nossas capas de luxo

Com o n.º 48, completou este bello magazine portuguez — **Serões** — o **8.º volume** da **2.ª serie.**

Os nossos estimaveis assignantes que desejarem utilisar-se das capas — de bello effeito em fundo de percalina vermelha a ouro e negro — pódem enviar-nos os 6 numeros para encadernar, juntamente com a importancia de 300 réis (custo da capa), 100 réis (de empaste) e 100 réis (de porte do correio), ou seja, tudo, **500 réis,** que dentro de cinco dias receberão o volume encadernado.

Os **Serões,** assim acabados, mais evidenceiam ser a publicação, relativamente, mais barata que se faz entre nós.

Serões das Senhoras

Capas de luxo para a SEPARATA dos primeiros 7 volumes

CADA ENCADERNAÇÃO 400 RS.

Capas de luxo para a SEPARATA dos primeiros 7 volumes

CADA ENCADERNAÇÃO 400 RS.

Serões das Senhoras

NOTA. — O maço a remetter-nos deverá ser embrulhado em papel consistente, atado com cordel forte, para que os numeros não soffram com o transporte. O pacote, devidamente estampilhado com sello de 80 réis, deve ser dirigido á

Administração dos SERÕES

Praça dos Restauradores, 30 — LISBOA

Expediente

Aos nossos assignantes dos **"Serões"** que ainda não satisfizeram a importancia das suas assignaturas, lembramos que começamos a fazer o envío pelo correio dos respectivos recibos de cobrança, rogando a fineza de não demorarem a resposta, não só para nos evitarem despezas maiores com nova remessa de recibos a cobrar, como tambem para não soffrerem interrupção na remessa do nosso magazine **"Serões"**.

Accresce que os chefes das estações dos correios a quem remettemos recibos para cobrança de assignaturas, os não reteem o tempo legal, de fórma, que os assignantes residentes em logares affastados dos locaes das estações, não teem, muitas vezes, occasião de liquidar os seus recibos, o que nos prejudica pelas repetidas remessas e augmento de expediente.

A administração.

AGUA CASTELLO

Minero-gazoza, lithinada natural

DE

MOURA

Refrigera os sãos e cura os doentes

A melhor, a mais pura e a mais barata das aguas de meza do Paiz.

Agradabilissima ao paladar, tomada simples ou misturada com cognac, leite, wisky, vinho, etc. — premiada na Exposição de S. Luiz e no Palacio Crystal do Porto.

ESCRIPTORIO E DEPOSITO

123, RUA DA CONCEIÇAO

Telephone 880

Empreza das Aguas de MOURA ASSIS & C.ª

LISBOA

Brinde mensal a todos os leitores dos SERÕES

CORTAR COM UMA TESOURA SOBRE O PONTEADO

Brinde dos SERÕES

BONUS para o desconto de **10 por 100** em qualquer compra feita pelo portador na

LIVRARIA FERREIRA

Rua Aurea, 132

durante o mez de março de 1910.

Brinde dos SERÕES

BONUS com o desconto de **50 por 100** em qualquer logar e dia (excepto domingos e dias santificados) no

SALÃO FOZ

(Calçada da Gloria, em frente da rua do mesmo nome)

durante o mez de março de 1910.

Brinde dos SERÕES

BONUS com o desconto de **50 por 100** em qualquer logar nos espectaculos realisados ás terças feiras, ou dia seguinte passado aquelle seja festivo, no salão

MUSIC-HALL

PRAÇA DOS RESTAURADORES

durante o mez de março de 1910.

Brinde dos SERÕES

BONUS para o desconto de **10 por 100** sobre os preços estabelecidos no Consultorio Dental de

Tugmann

PRAÇA DOS RESTAURADORES, 30

durante o mez de março de 1910.

Brinde dos SERÕES

BONUS para acquisição de um exemplar do

ANNUARIO COMMERCIAL DE PORTUGAL

PRAÇA DOS RESTAURADORES, 30

com o desconto de **10 por 100** durante o mez de março de 1910.

Brinde dos SERÕES

BONUS para o desconto de **10 por 100** em qualquer compra feita pelo portador, em instrumentos de precisão na

CASA MIRAMON

46, Praça D. Pedro, 48

durante o mez de março de 1910.

Brinde dos SERÕES

BONUS para o desconto de **10 por 100** em qualquer encommenda feita pelo portador no atelier de gravura de

PIRES MARINHO & C.ª

Praça dos Restauradores, 27

durante o mez de março de 1910.

Brinde dos SERÕES

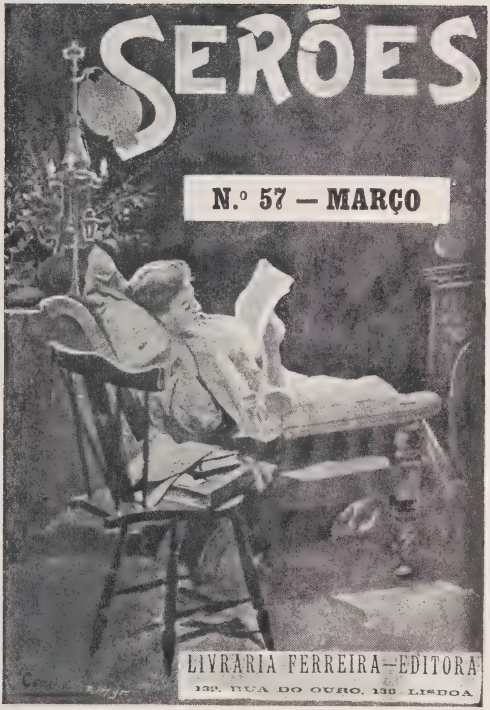
BONUS para acquisição de um exemplar da

AGENDA

do **Annuario Commercial de Portugal**

Praça dos Restauradores, 30

com o desconto de **10 por 100** durante o mez de março de 1910.


SERÕES
N.º 57 — MARÇO
LIVRARIA FERREIRA—EDITORA
130, RUA DO OURO, 130 LISBOA

MANOEL MARIA DA SILVA BRUSCHY

Escriptor, jornalista e jurisconsulto

MONACO — VISTA GERAL DO PRINCIPADO

O Principado de Monaco

A capital de Monaco, antigamente Portus Herculis Monaeci, refugio de navegadores

A recente estada do *yacht Princesse Alice* nas aguas do nosso Tejo, trazendo a bordo o principe Alberto de Monaco, chama naturalmente n'este momento as nossas attenções sobre a figura do illustre homem de sciencia e sympathico soberano que tão facil e singelamente dirige os destinos d'esse feliz principado que o Mediterraneo beija.

Monaco, que primeiro se chamou *Portus Herculis Monaeci*, acolhia primitivamente no seu porto, onde fôra erigido um templo ao deus Melkarth, os ousados navegadores e audaciosos marinheiros que ahi procuravam um abrigo passageiro ou um descanço de algumas horas.

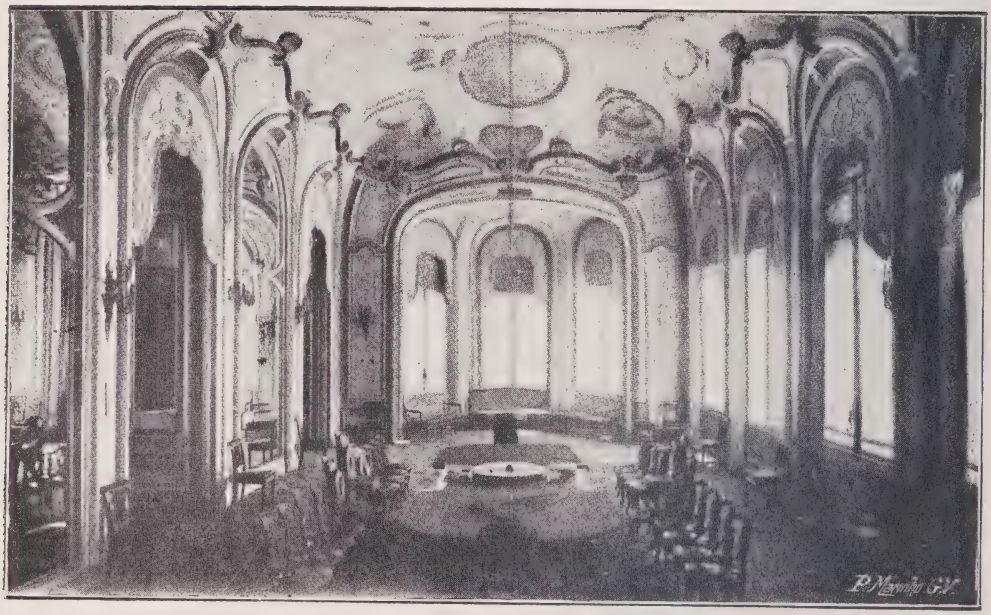
Mais tarde, os Romanos, irreverentes, apearam o deus dos Phenicios e collocaram Hercules em seu logar.

Depois dos Phenicios, dos Carthaginezes, dos Romanos, dos Allemães e dos Arabes, nos principios do seculo x, Monaco passou a pertencer definitivamente aos seus visinhos, os senhores de Grimaldi, familia illustre de Genova.

A casa de Grimaldi — O regimen politico

Primeiro senhores, principes de Monaco depois, — os Grimaldi desempenharam, desde o anno de 980 até aos meados do seculo XIV, os primeiros cargos da republica, tendo sido com os Fieschi, os chefes do partido guelfo.

Em Napoles obtiveram consideraveis feudos. Em França foram elevados ao ducado-pariato de Valentinois, que Luiz XII creara para Cesar Borgia, mas cuja doação revogou pouco depois; que Henrique II concedeu mais tarde a Diana de Poitiers, — e que, finalmente, Luiz XIII abandonou em 1642 a Ho-



MONTE-CARLO — O CASINO — O SALÃO COR DE ROSA

norato de Grimaldi, e esta casa conservou até 1789.

Foi assim que os senhores de Grimaldi, fizeram parte da camara dos pares em França.

Em 1731 extingue-se a linha masculina, levando a herdeira o principado á illustre casa de Goyon-Matignon que tomou tambem o nome de Grimaldi.

O actual principe reinante, Alberto Honorato Carlos, nasceu em Paris a 13 de novembro de 1848.

E' filho de Carlos III e da princeza Antonieta de Mérode, pertencente a uma das mais distinctas familias da Belgica.

Casou a 21 de setembro de 1869 com Lady Mary Douglas, filha do duque de Hamilton Brandon Châtellerault, tendo sido este casamento, de que existe um filho — o principe herdeiro Luis Honorato Carlos Antonio, nascido em Bade-Bade a 12 de julho de 1870 — declarado nullo pela curia romana em 3 de janeiro de 1880.

Casou segunda vez com Alice Heine, viuva do duque de Richelieu, sendo este novo casamento dissolvido judicialmente em junho de 1902.

O regimen politico de Monaco é o de monarchia absoluta, hereditaria na linha masculina (primogenito) da casa reinante e depois da extinção do ramo masculino. transmissivel á descendencia feminina.

Escusado será dizer que, apesar do regimen absoluto, todas as liberdades são adoptadas; não ha impostos e em vez de leis ha apenas regulamentos. Sob o ponto de vista politico, Monaco é uma terra ideal, disputando primazias com a republica de San-Marino, com o valle de Andorra, com o Luxemburgo, com a ilha de Man e com a communa livre de Moresnet, entre a Belgica e a Prussia.

A proposito d'estes pequenos estados, diz Em. de Laveleye, no seu livro intitulado *Le Gouvernement dans la Démocratie:* — «Felizes os pequenos paizes que não teem logar ás mezas dos congressos diplomaticos em que as grandes potencias dispõem dos destinos do nosso continente. Não invejam a sorte dos seus visinhos. Não sonham annexações. Não procuram adquirir colonias. Não precisam de manter o equilibrio europeu na ponta das bayonetas. Pódem viver em paz e á vontade na sua casa.»

O governo de Monaco

O principe de Monaco tem uma casa civil com chefe e secretario, além de tres conselheiros privados. A sua interferencia

nos negocios é rara, e Alberto I até pouco habita o seu principesco palacio de Monaco, vivendo habitualmente perto de Paris, no sumptuoso castello de Marchais, no departamento de Aisne, quando não anda nas suas viagens de estudo.

Ha um governador geral, que preside ao conselho de estado composto de seis membros, um tribunal superior e outro de revista. O restante funccionalismo superior, reduz-se a um inspector das finanças, a um inspector geral dos trabalhos de architectura e a um director das obras publicas.

Monaco é diocese e tem, portanto, um bispo tambem.

A força e segurança publicas são representadas por um director de policia, e por 4 officiaes e 82 carabineiros, além de mais uns 80 homens commandados por um coronel francez. Ha ainda alguns subalternos, e como Monaco é um porto onde entram durante o anno uns 80 navios e sahem outros tantos, possue uma guarda maritima commandada por um capitão.

A lingua que a população monegasca fala é uma mistura de provençal, francez, italiano e hespanhol.

O casino de Monte-Carlo, tornou Monaco um centro de luxo, por onde passam annualmente mais de sessenta mil estrangeiros.

O actual principe reinante Alberto I como homem de sciencia

Sua Alteza Serenissima, o principe Alberto I, que é a creatura mais simples e encantadora d'este mundo, apesar de possuir todas as ordens estrangeiras não usa geralmente senão a fita vermelha de cavalleiro da Legião d'Honra, ganha ao serviço da França durante a guerra de 1870.

Este amavel principe, tão affavel no trato, como realmente excepcional pelo talento e pela sua vasta e importantissima obra scientifica, tem-se dedicado em especial á zoologia maritima e á oceanografia, assumptos sobre que tem publicado notaveis trabalhos de difficil investigação.

A sua primeira preoccupação foi estudar o problema oceanographico referente ao *Gulf Stream*, a *Corrente do Golpho*, sobre a qual com relação á Europa havia apenas vagas informações sem caracter scientifico. Grande conhecedor da arte nautica e optimo marinheiro, experimentado já n'uma pratica de annos, adquirida ao serviço da armada hespanhola, o principe conseguiu completar o estudo do *Gulf Stream* no Atlantico norte, o que foi do mais proveitoso resultado para a rapidez e segurança da navegação, assim como para o conheci-

MONTE-CARLO — O «RIVIERA PALACE HOTEL»

mento da botanica, da antropologia protohistorica (migrações) e sobre tudo para as previsões de meteorologia.

Dos serviços prestados principalmente aos Açores, tratou n'uma elucidativa synthese o distincto professor de sciencias naturaes sr. dr. Eugenio Pacheco, referindo-se ás explorações scientificas do principe no mar do archipelago, ao descobrimento do banco *Princeza Alice* e ás vantagens do aproveitamento d'este baixio; — e indicando ainda os principaes topicos da campanha iniciada por S. A. a favor do *Observatorio Meteorologico Internacional,* actualmente estabelecido em Ponta Delgada.

Referindo-se ainda ao notavel soberano, que tantos pontos de contacto e semelhança tem com o nosso malaventurado rei D. Carlos, o sr. Eugenio Pacheco fala já em 1889 do numero incalculavel de iniciativas e trabalhos no campo da Sciencia e da Arte que o principe tem favorecido, com uma larga protecção moral e com os recursos da sua bolsa, e accrescenta:

«De facto, não ha por assim dizer, em França, obra arrojada, invento de alcance, estudo dispendioso, cuja historia não ande alliada ao nome do principe de Monaco.»

Ocupando-se tambem d'este principe illustre, o mallogrado escriptor e naturalista Rocha Peixoto, diz em uma das chronicas scientificas que compõem o livro intitulado *A Terra Portugueza:*

«São innumeras e bem conhecidas as suas communicações á Academia franceza, tanta é a amabilidade do auctor em as offerecer aos interessados. O principe de Monaco e os dois Bonapartes, excepções da sua casta, serão sempre estimaveis, sob o seu aspecto de trabalhadores, na incontestada democracia do saber. Seria mesmo um processo habil para se tolerarem os principes, se, quando intelligentes, os occupasse na vida um pouco de labor intellectual.»

MONTE-CARLO — OS EIRADOS

Devem ainda accrescentar-se os seus conhecidos e variados trabalhos realizados n'estes ultimos dez annos, e em que tem cooperado os mais sabios especialistas.

Immensamente rico, embora não receba um real das casas de jogo, pois que o producto dos Casinos reverte exclusivamente a favor dos cofres do Estado, é um excellente administrador da sua fortuna, com que largamente attende aquelles que a elle recorrem, pedindo auxilios para qualquer empreendimento scientifico.

O principado de Monaco actualmente — Um formoso ponto de vista nos Alpes Maritimos — O casino de Monte-Carlo

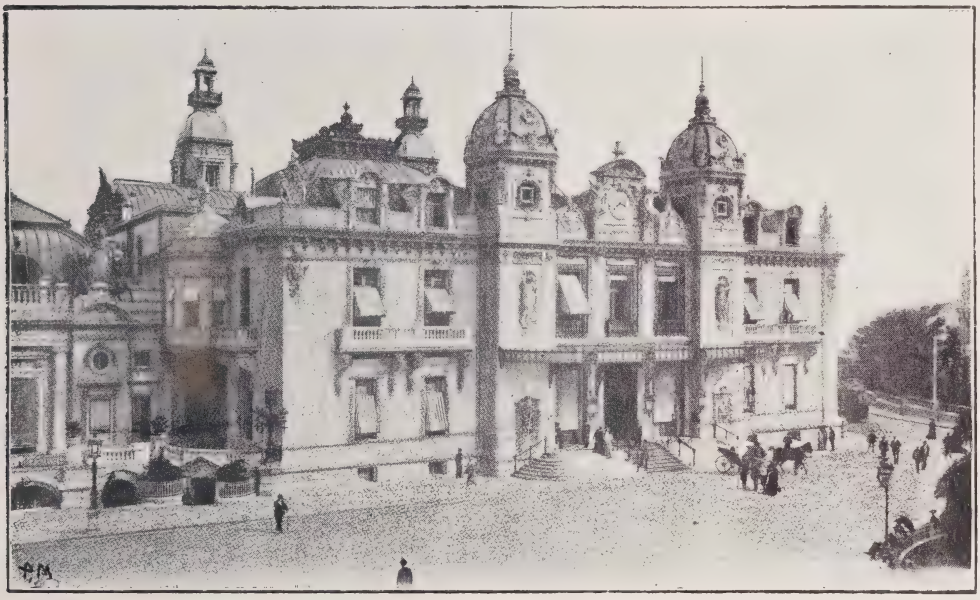
A cincoenta e oito metros de altitude, edificada sobre um rochedo que entra pelo mar dentro uns 800 metros, Monaco, a capital, compõe-se de tres partes que são: a velha cidade, debruçada do seu promontorio, que avança para o golpho de Genova; a Condamina, situada ao fundo do porto, e que é o bairro novo; e Monte-Carlo, a parte mais moderna, estadeando-se radiosa na sua aristocratica magnificencia, palpitante de vida e avida de sensações.

A dominar Monaco, no alto da montanha, de cuja crista se abrange n'uma perspectiva feerica, as lindas e verdejantes margens da Liguria, a Corsega e os Apenninos, erguese a Turbia, uma ridente e pittoresca aldeia dos Alpes Maritimos.

O excursionista que tem olhos para a paisagem, depois de ter admirado as bellezas alpestres e bravias, e os magnificos jardins dos arredores de Monaco e Monte-Carlo, sente-se verdadeiramente deslumbrado se sobe a esta pequena aldeia que foi na Edade média, a fronteira entre a Provença e a Liguria, e que, ficando a mais de mil metros acima do nivel do mar, offerece um lindissimo ponto de vista, que a despotica attracção do Casino, nem sempre deixa tempo para gozar.

A cidade de Monaco conta 3:292 habitantes, não tendo o principado todo inteiro mais de 15:180.

A sua superficie é de 21,6 kilometros quadrados, depois de ter cedido á França, em 1861, por quatro milhões de francos, as cidades de Menton, notavel pelas suas plantações de laranjeiras, limoeiros e oliveiras, e Roquebrune, tendo então todo o principado 133 kilometros quadrados e 7:500 habitantes.



MONTE-CARLO — ENTRADA DO CASINO

Em 1860, sacudindo o protectorado do rei da Sardenha, ficou sob a protecção da França e considerado como territorio francez. Os seus principaes artigos de exportação são: azeite, laranjas, perfumarias, licôres, louça artistica e tecidos de algodão.

O clima em Monaco é delicioso, mas não deve ser a temperatura, que no verão é de vinte graus e no inverno de doze, não descendo nunca a zero, — que chama a este minusculo estado que parece esconder-se á

sombra das palmeiras, dos myrtos e dos eucalyptos, a brilhante multidão de estrangeiros que ahi se acotovella.

Não é tambem a curiosidade de ver as ruas tortuosas do aristocratico principado, nem a sua comprida estrada da Corniche no alto da montanha, bordada de um e outro lado de bonitos *cottages* e de cuidados jardins.

MONTE-CARLO — A RAMPA E OS HOTEIS

O que ali attrae, de todas as partes do mundo, principes de sangue, millionarios, artistas celebrados, mulheres formosas — a aristocracia do sangue e do dinheiro, da belleza, do talento e até... a da curiosidade, — que é uma aristocracia especial, que tem quem póde viajar, quando não possue pergaminhos, — é sem duvida o Casino, com os seus preciosos e deslumbrantes salões dourados, faiscantes sob os jorros de luz electrica, onde as sedas, os sorrisos, os brilhantes e os olhos teem estranhas scintillações metallicas.

Não se offerece comtudo muito facil o ingresso no Casino de Monte-Carlo, que só é permittido a estrangeiros que se apresentem irreprehensivelmente trajados e possam provar a sua identidade, preenchendo varias formalidades.

A nenhum habitante da região nem dos estados circumvisinhos é concedida a entrada nas salas de jogo.

Nos jardins de inverno, nos terraços, no amphitheatro, nas salas de leitura e no café, é mais facil penetrar.

Durante o inverno, o Casino abre ao meio dia, mas apezar de ser muito frequentado, a verdadeira animação, agitada, febril e estonteante, só começa á noite, depois das dez horas.

Nos grandes salões de jogo, paira então um silencio pesado e sinistro, apenas interrompido, a espaços, pelo tinir do oiro e pela voz dos banqueiros.

Ahi se fazem e se desfazem fortunas entre um sorriso disfarçado e uma lagrima furtiva, n'uma atmosphera impregnada dos effluvios enervantes das essencias de Guerlain, Atkinson e Houbigant, e o tragico palpitar desordenado dos corações sob os peitilhos de neve salpicados de constellações de rutilos brilhantes, dos millionarios que se arruinam, — ou sob as rendas preciosas e antigas e os bordados de oiro marchetados de pedrarias, da mundana que joga o ultimo luis com o apparecimento da primeira ruga.

E, como na vida afinal nada se perde, este oiro sinistro, que sáe dos doirados sa-

lões de Monte-Carlo para a algidez dos cofres do Estado, reapparece depois, n'uma radiosa transmutação, purificado em seiva que é vida, e em frescura que é innocencia, nas bellas plantas que tornam Monaco um jardim eternamente em flôr.

Mas, não obstante todas as bellezas d'este paraizo em miniatura, com o seu clima de sonho, o seu luxo feerico, as suas sombras perfumadas, os seus pincaros floridos e as suas cristas verdejantes, Alberto I indifferente ás deslumbrantes seducções do seu principado, procura nas regiões polares, aspectos que melhor se coadunem com a sua grande e bella alma de poeta e de artista; detem-se maravilhado entre as velhas neves que os seculos crystallisaram, soltando os vôos largos do seu espirito pela pureza majestosa dos espaços arcticos.

Nas ultimas paginas do seu livro *La Carrière d'un Navigateur*, assim enlevado, descreve-nos apaixonadamente o Spitisberg: — «Pincaros nús que atravessam ás vezes o seu lençol de neve; campos de gelo que enchem as enseadas ou circumdam os promontorios; os *icebergs* que fluctuam como phantasmas sobre o theatro dos dramas concluidos; a morna vegetação que sobrevive ás florestas sepultadas sob os sedimentos; a languidez dos animaes e finalmente a noite que em cada anno envolve por muito tempo este logar; tudo annuncia uma fadiga da vida, a agonia de um mundo, o regresso da materia fatigada de transformações aos meios ethereos. Como a gente se sentiria bem aqui para morrer, entre a saudade das affeições perdidas, das separações crueis e dos sonhos de felicidade; longe das paixões nascidas com os vicios da humanidade.»

Não admira pois que Alberto I abandone o seu palacio que se eleva lá nas alturas de Monaco, á banal curiosidade d'aquelles que ali vão extasiar-se ante a sumptuosidade dos seus salões doirados ou vermelhos depois de terem passado pelo salão côr de rosa de Monte-Carlo. Mas, após a gelida visão de Spitisberg, quem não sentirá a nostalgia da vida ruidosa e quente de Monaco?! Subimos então em espirito, aquella soberba rampa que vae de um extremo a outro do principado, indagando onde fica Turbia ou Monte Argel, e, nos eirados de Monte-Carlo, misturando-nos na turba cosmopolita, experimentamos de novo o alegre prazer de viver.

CACILDA DE CASTRO.

MONTE-CARLO — O CAFÉ DE PARIS E A ENTRADA DO CASINO

ESPERANDO...

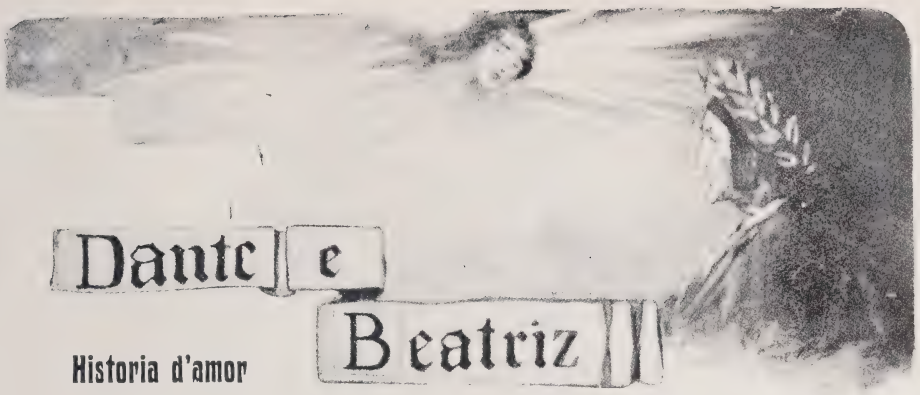
Iam as horas lentas caminhando
N'um suave poente côr de rosa,
Mais illusões e sonhos transportando
Para as sombras da noite pavorosa...

Passava pelo azul sereno e brando
Uma nuvem ou outra vagarosa,
E a esperança de ver-te ia findando
Na minha alma feliz e receosa...

Começou de toldar-se o azul em roda,
Desceu mais sombra e a natureza toda
Anciosa de paz adormeceu!

Sem ti, meu doce Bem, minha alegria
Toda a luz, todo o sol de que servia?
E dentro do meu peito anoiteceu...

Domitilla de Carvalho



Dante e Beatriz

Historia d'amor

POR

Alice e Claude Askew

«N'esse dia, o seu vestido era da mais linda côr, d'um ouro avermelhado, e com os enfeites que melhor condiziam com a sua juventude.»

Dante, o exilado florentino, o homem cujo olhar tinha penetrado a deslumbrante belleza do paraizo e os horrores do inferno, baixou a voz; mas madonna Pietra degli Serovigni inclinou ainda mais a cabeça, para não perder uma palavra do que elle dissesse, porque o grande exilado estava descrevendo o seu amor pela divina Beatriz, esse amor superior a todos os amores.

«A primeira vez que ella appareceu ante os meus olhos, teria talvez nove annos, e assim que eu vi aquella deliciosa creança, murmurei á minha alma: «A suprema belleza acaba de te ser revelada.» — Dante fez uma pausa; o seu rosto tornou-se brilhante: — «Oh! Era um anjo!» — exclamou; depois, suspirou fundamente. — «Foi o começo de tudo, para mim. Desde aquella hora, fiquei para sempre preso ao encanto da mais divina creatura que viveu na terra. Emanava d'ella todo o encanto feminino. Movia-se n'uma atmosphera de luz tão pura, que o olhar humano não podia fital-a, sem deslumbrar-se. Tinha uma voz onde se ouviam gorgeios de passaros, murmurio do mar, o canto da brisa, o terno som da lyra.»

«Via-a muitas vezes?» — perguntou Pietra, brincando com o seu colar de diamantes, entretecendo-o nos dedos delicados. Dante curvou a cabeça.

«Muitas vezes, na minha mocidade, fui procural-a. Seu digno pae, Folco Portinari, recebia-me com grande amizade, e eu achava Beatriz tão nobre e tão digna de admiração, que só podia dizer d'ella, o que Homero disse de uma outra: — «Não parecia da terra, parecia do céo.»

Ergueu a cabeça, olhou em torno de si, depois para madonna Pietra, sem reparar sequer no seu rico vestido de velludo, verde como um campo na primavera, nem para o seu diadema de brilhantes, nem para o cabello annelado e louro; — porque todas as mulheres do mundo eram tão indifferentes a Dante Alighieri, como as flôres d'um jardim. Para elle, só havia uma mulher; as graciosas creaturas que pretendiam a sua amizade nada o interessavam, eram sombras que passavam; e madonna Pietra, como as outras.

Madonna Pietra córou, o seu collo, branco como alabastro, purpureou-se tambem, e os seus olhos tomaram uma expressão de profundo interesse.

«E' admiravel», — murmurou ella, — «ouvir a sua narrativa, Dante; mas diga-me, quando foi que esse amor tão puro, pela sua dama, floriu e se transformou? Porque essa paixão infantil devia ter-se tornado mais forte, mais poderosa, quando ambos cresceram e se tornaram um homem e uma

mulher. Ha sempre uma occasião, em que um rapaz novo olha para uma rapariga e comprehende o que é amar, como seu pae já o comprehendeu, antes d'elle.

Dante franziu a larga fronte, e Pietra sentando-se melhor entre as almofadas bordadas da sua cadeira de espaldar, sorriu docemente, dizendo comsigo, que havia de obrigar Dante a dizer-lhe como tinha amado essa mulher que morrera, Beatriz Portinari; se a tinha amado com paixão espiritual e pura, como diziam todos os que o conheciam, ou com paixão humana, quente e poderosa.

«Quereria fazer-lhe comprehender, madonna», — murmurou o grande exilado, depois d'uma longa pausa, — «que nada havia de vulgar na minha verdadeira paixão por Beatriz; e comtudo, um dia, n'aquelle justamente em que fazia nove annos que os meus olhos pela primeira vez contemplaram a mais graciosa fórma humana», — sorriu ternamente ao evocar aquella imagem — um dia, appareceu-me essa divina creatura, vestida de branco, entre duas outras lindas mulheres mais velhas do que ella, e passando por uma rua, pousou em mim o seu olhar. Senti então, como se uma doce confusão dos meus sentidos me perturbasse; por certo foram esquecidas as phantasias infantis, no extranho deslumbramento que se apoderou de mim, provocado pela adoravel belleza d'aquella linda mulher. Os seus labios deviam ser tão doces e quentes ao contacto, como as petalas cahidas d'uma rosa vermelha, e o seu halito, mais perfumado que ellas. As suas mãos! eu bem sabia que aquellas pallidas mãos tocariam as fibras do meu coração, e inspirariam a minha alma a todas as harmonias do amor, emquanto eu mal tocava nos seus delicados dedos. Sim, notei os divinos contornos do seu busto, sob o velludo do riquissimo vestido, a graça do seu andar. Nenhuma flôr, ainda a mais delicada, poderia egualar aquella belleza feita de castidade, coroada de pureza.»

A sua voz era intensa e persuasiva, os seus olhos brilhavam, os labios tremiam; depois, continuou vagarosamente:

«Saudou-me com inexcedivel cortezia, e devo confessar-lhe, madonna» — Dante sentou-se e approximou-se mais da linda mulher com quem estava fallando «que na subita presença da minha amada, que agora attingiu os limites da perfeição, me senti desfallecer, como todos os amantes desfallecem, e sonhei o que outros homens sonham. Vi no horizonte da minha phantasia, Beatriz, como minha esposa. Corri brandamente as cortinas do nosso leito nupcial. Tive sonhos febris, loucos, embriagantes. Ah! Abandonei a sua presença com os labios ardentes, labios queimados de sêde, porque ainda não tinha apprendido, que o amor tem pensamentos mais sublimes que o casamento humano, e que as mais profundas paixões da alma, ultrapassam todas as emoções da carne.»

«Madonna Beatriz casou», — observou ella lentamente, — «e deixou a casa de seu pae para ser noiva. O que pensa d'esse casamento, Dante?»

Havia uma leve malicia na voz de madonna Pietra, e os seus olhos observavam-n'o.

Dante escondeu o rosto entre as mãos, calou-se durante algum tempo, e respondeu á pergunta com grande cortezia:

«Que havia eu de pensar sobre o casamento de Beatriz? Em que poderia elle affectar qualquer de nós? Seus paes mandaram, ella obedeceu; o casamento significava tão pouco para ella, que o acceitou pacientemente, como supportaria qualquer outro destino na terra; a sua doce alma foi vestal até ao ultimo dia, uma vestal consagrada a Deus...»

«Não o amava então a si, n'esse tempo; era fria como a neve, era uma pallida amante desapaixonada e insensivel...»

Madonna Pietra ao dizer isto franziu levemente os labios vermelhos, e concertou uma prega do vestido. Habituada como estava a ter o elogio e o amôr de todos, mal podia comprehender a belleza da paixão que Dante e Beatriz tinham um pelo outro, e julgava que o grande exilado a estava ludibriando. Não percebia como tão poucas provas d'amôr tinham produzido o maior dos amôres da terra, e que o homem cujos versos tinham immortalisado Beatriz, nunca tivesse beijado os labios que adorava, nem acariciado o seu cabello, nem apertado nas suas, as mãos d'ella. Pietra degli Serovigni estava descontente e mostrou-o n'um gesto petulante.

Dante ergueu-se da cadeira. Era um homem alto, e a sua figura esbelta, mais alto

MADONNA PIETRA INCLINOU-SE PARA TRAZ COM UM PEQUENO GRITO

o fazia parecer; havia n'elle um não sei quê, que o distinguia dos outros homens. Tinha uma expressão altiva e triste ao mesmo tempo. No seu olhar brilhava o genio.

Madonna Pietra, inclinou-se para traz na cadeira d'espaldar, com um pequeno grito, assustada, quando elle se levantou e ficou erecto em frente d'ella.

Assustada d'aquelle homem tão alto e delgado, na sua veste de velludo, o homem que uns chamavam *diabo* e outros *santo*, assustada como uma criança que teme o que não comprehende, receiando ter provocado a sua ira pela ultima referencia a Beatriz, — pois bem sabia que, incorrer no odio de Dante, era arriscar-se a uma vingança que podia ser eterna — porque este grande poeta entre os poetas, assim procedia com os seus amigos e inimigos, achando logar para os que amava, nas suas visões do paraizo, e para os que odiava, nas mais horriveis descripções do seu inferno.

«Diz que a minha dama me não amava, a minha divina Beatriz, porque os nossos encontros não tinham caricias, e porque o seu destino a conduziu para o caminho do dever, longe, bem longe d'aquelles que se divertem amando?»

Erguendo as mãos, continuou:

«Madonna Pietra só vê o «Desejo», esse que se disfarça em «Amôr» e não o eguala nunca, pois o amôr puro, innocente, caminha despido por nada ter que esconder.»

Dante parou um momento; depois dirigiu-se para a janella pela qual ia entrando o clarão avermelhado do pôr do sol. Encostou-se ao peitoril e fixou o olhar ancioso no céo.

Pietra degli Serovigni, respirou mais á vontade; o olhar do poeta era extranho; agradou-lhe que elle se tivesse encaminhado para a janella.

«Madonna Beatriz tem no seu peito uma lampada que arde e se queima, de fórma que o seu espirito vive em fogo ardente.» — Dante ergueu a voz triumphante. — «Ella, que era da pallidez da perola, não podia viver entre os homens; assim, foi para o céo, onde está gozando a côrte celeste, e banhando-se de harmonia e paz. Não foi a morte que m'a roubou; foi um anjo que de novo a fez nascer. Além d'isso, a lampada que arde no seu peito, queimou-lhe a carne e vestiu-a de immortalidade. Nada havia n'ella de humano; assim, a morte lhe foi suave. Fechou os olhos e abriu-os no céo.»

Dante baixou a altiva cabeça.

«Oh! profunda admiração, de que uma tão divina creatura pudesse pensar em mim! E comtudo, a sua alma e a minha, experimentaram os mais profundos mysterios da união, e desposaram-se para sempre. Nós, cujos labios nunca se uniram na terra, conhecemos um tal amplexo d'espirito, que podemos lamentar aquelles cujo amôr termina com a morte, e se satisfazem com o triste prazer que a carne concede, desconhecendo o delicioso extase que sentem os que amam com o espirito, com o que teem em si de melhor, com a alma! Oh! Madonna, madonna, — voltou o rosto, e olhou solemnemente para Pietra — «confesso-lhe que Beatriz me amou desde o primeiro momento da sua vida, e foi-me dada pela sua alma e é minha para sempre. Isto posso eu jurar-lh'o, e não me lamento. Pense bem no que eu ganhei, em compensação do que perdi. Em verdade, o corpo d'aquella divina creatura, não era nem para o meu culto, nem para o meu amôr; os vermes destroem-n'o talvez agora; mas a alma, quem tem o poder de a destruir? Para mim, ella está viva!» — O seu rosto brilhava emquanto dizia isto e os seus olhos tinham uma expressão sobrenatural. — «Oh! a communhão de que gosamos!» exclamou elle; — «Beatriz inclina para mim o seu rosto, e eu ergo para ella o meu! E dou graças Áquelle que a tudo dá vida, por ter podido escrever sobre a minha divina amada, o que nunca foi escripto de mulher alguma. Agora espero que o meu espirito possa ir ver a gloria da sua dama, para eternamente repousar junto d'ella.»

Deixou de falar e ficou como que extasiado; pareceu a madonna Pietra, que um extranho e subtil aroma perfumava a sala com uma indescriptivel fragancia e sentiu como que o bater d'umas azas.

Fugiu da sala escura, porque aquella mulher de ligeiros amôres e facil humor, essa cortejada belleza, teve uma curiosa sensação de que, se estivesse ali mais tempo, tiraria os seus braceletes, o seu diadema, os seus anneis, os seus velludos e sedas, a sua vaidade, reconduziria os seus apaixonados e sentar-se-hia na escuridão, ouvindo a voz da sua alma; mas depressa afastou de si aquelle pesadello.

«Creio que Dante e Beatriz estão communicando um com o outro! Que Deus me

ESTARIA SÓ?

preserve d'estes amóres a distancia!» — murmurou ella fechando a porta atraz de si.

Depois foi procurar Cino e Guido e outros amigos, madonna Selvaggia e Diamante.

a sua aia preferida, a que sabia, entre todas, fazel-a bella.

«Vamos jogar qualquer coisa», — disse Pietra, — «ou vamos contar alguma historia alegre. Dante encheu-me o espirito de trevas.»

Mas córou ao dizer isto, porque sabia que Dante, sósinho na sala, Dante o exilado, estava gozando um bem que ella nunca conheceria. Estaria só? Pensou em Beatriz.

«Vamos comer e beber porque a morte vem sempre demasiado depressa», — continuou rindo; depois abriu nervosamente o leque de plumas; — o que quereria Dante dizer com o seu: «Nascer de novo?»

. . . . . .

Mas Dante, de joelhos, na sala escura de carvalho esculpido, poderia explicar-lh'o. se ella lh'o fôsse perguntar.

Dante ajoelhava perante o Amôr!

Traducção de B. DE SALLES.

Em surdina

(De Verlaine)

Deixemos, á luz suave
Filtrada por tanta flôr,
Penetrar bem nosso amor
D'este silencio tão grave.

Alma e coração fundamos
Entre os arômas ligeiros.
Que os silvestres medronheiros
'Spalham co'a sombra dos ramos.

Fecha os teus olhos ideaes,
Deita em meu peito a cabeça,
E o coração que adormeça
Que não pense em nada mais.

Que nos enleie a magia
D'aragem dôce; não vês
Como estremece a teus pés
A fresca relva macia?...

E quando fôrmos sentindo
A grande solemnidade
Que annuncia a magestade
Da noite que vem surgindo,

Cuidarás ouvir vibrar
O côro das nossas penas...
— E, entre as folhas serenas,
Um rouxinol a cantar.

F. CARNEIRO.

GRUPO GERAL DA CANTINA ESCOLAR DE S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA, COM 150 CRIANÇAS

Hygiene escolar

I

O movimento a favor da hygiene escolar

Em todas as nações cultas estuda-se com interesse o problema da hygiene escolar. As academias, os congressos e a imprensa occupam-se com enthusiasmo d'esta questão. Organizam-se ligas e associações; criam-se as cantinas escolares, as colonias de ferias e as Waldschulen; dá-se maior desenvolvimento á inspecção sanitaria; presta-se mais cuidado ás condições hygienicas do edificio e do mobiliario escolar.

A' iniciativa particular e á dedicação de alguns medicos deve-se esse poderoso movimento a favor da hygiene, commum á Europa e á America.

A hygiene escolar tem um objecto muito complexo. Intervem na escolha do local e na construcção do edificio, no mobiliario que na escola se emprega, no material de ensino usado para a instrucção. Dirige-se aos alumnos, quer para robustecer e defender o seu organismo, quer para conhecer os seus defeitos anatomicos ou physiologicos, quer para evitar a propagação de doenças contagiosas.

II

O edificio escolar

A casa da escola, a sua installação, a distribuição das classes, constituem a principal preoccupação do hygienista. Comprehende-se que a casa da escola deve reunir todas as condições indicadas pela esperiencia e pela sciencia; só assim se tornará o meio appropriado para o desenvolvimento physico, intellectual e moral da criança.

A cooperação que as sciencias se prestam

entre si, permitte ao architecto moderno estudar as construcções escolares não só quanto á solidez, capacidade e elegancia, mas tambem quanto aos preceitos hygienicos e pedagogicos que os especialistas recommendam e a esperiencia consagra. Desta collaboração surgiram em todos os paizes os planos das construcções escolares. Cada sala constroe-se com a superficie julgada sufficiente para um numero racional de alumnos. Attende-se ao espaço que cada alumno reclama para se mexer livremente. Fixa-se a cubagem necessaria para a respiração das crianças. Presta-se o maior cuidado á renovação permanente do ar por meio de ventiladores appropriados. A illuminação deve merecer toda a solicitude do architecto. «A luz solar destroe o bacillus em algumas horas; a luz diffusa um pouco mais lentamente», diz Grancher. A distribuição racional da luz é de grande importancia, porque convem evitar que a má distribuição produza perturbações na vista.

Não ha comtudo necessidade de edificios sumptuosos e muito elegantes. O que se reclama é espaço, ar, e luz, e não luxo. Onde o sol entra, não entra o medico, diz um proverbio italiano.

A utilidade dos preceitos que interessam a construcção geral dos edificios escolares, não se discute hoje na sua essencia; apenas pode haver divergencias no grau de applicação. E, se esta applicação não é directa e immediata, se nos differentes paizes não se construiram todos os edificios necessarios, a causa está em que o desenvolvimento economico das nações é mais lento que o progresso da sciencia, da clinica e do laboratorio.

A França que fez enormes sacrificios com a criação de novas escolas e com a construcção de edificios em condições hygienicas e pedagogicas, sente a insufficiencia das escolas existentes. A frequencia escolar, augmentando de dia para dia, não permitte observar a instrucção ministerial de 18 de janeiro de 1887. Essa instrucção fixou o numero maximo dos logares em 50, e calculou a superficie em 1,250 m. q. por alumno. As classes recebem diariamente 60, 80 e 100 alumnos.

Na Inglaterra uma sala de classe, construida para 60 alumnos, é frequentada por 116 crianças.

Nessas condições como poderia um magistrado condemnar na França ou na Inglaterra os pais que por motivos de hygiene não mandassem os filhos á escola?

III

A conservação e a limpeza da escola

O professor não pode por sua propria iniciativa modificar facilmente as condições defeituosas d'uma escola; mas tem uma missão importante a desempenhar. Pertence-lhe manter a sua escola limpa, aceiada e em ordem. Deve além d'isso arejar as classes, isto é, abrir todas as janellas, quando os alumnos lá não estão. Como disse a este respeito miss Nigthingale: as portas fizeram-se para estarem fechadas, e as janellas para estarem abertas.

Quanto ao processo que deve ser usado para limpeza, transcrevemos o que diz o sr. dr. Costa Saccadura: «A estas faltas junta-se o uso de certas praticas seguidas geralmente em todas as escolas, como é a varredura a sêcco. De todos é conhecido o perigo enorme que resulta de levantamento de nuvens de pó, sobretudo quando essa varredura é feita pelos proprios alumnos, o que acontece em muitas escolas. Como a qualidade e estado dos pavimentos não permittem o uso da passagem do chão a panno humido, seria conveniente que a varredura se fizesse com a espersão previa de serradura embebida em um antiseptico».

A varredura pelos alumnos, recommendada por muitos como uma lição util de cousas, é geralmente condemnada pelos hygienistas. Intende-se que o beneficio que d'esse trabalho tiram os alumnos, é minimo ao lado dos perigos de infecção que correm.

IV

O mobiliario e o material de ensino

No mobiliario escolar a hygiene realisou notaveis progressos. O antigo banco sem encosto, que torturava e deformava as crianças, tende a desapparecer. Construem-se carteiras e bancos adaptados á altura dos alumnos, o que outrora não succedia. Sendo

as carteiras e os bancos todos eguais, o alumno mais novo vê-se obrigado a equilibrios impossiveis para se sustentar; e o mais alto procura posições que o torturam, deformam-lhe o corpo, e perturbam o seu desenvolvimento organico.

As carteiras tambem se fabricam de modo que o descanso e a posição do corpo permitta o desenvolvimento normal e progressivo, evite desordens organicas e funcionais, e elimine a tortura e o mal estar, uma das causas perturbadoras da attenção.

Se bem que a hygiene e a pedagogia tenham já assentado em preceitos fundamentais com respeito ao mobiliario, ha ainda divergencias relativamente ao typo perferivel, á materia do fabrico, á maior ou menor simplicidade.

Não deve isso surprehender, porque em questões d'esta natureza é difficil ou impossivel alcançar a perfeição mathematica e abranger n'uma unica formula tantas ideias dispersas. D'ahi resulta que os novos ensaios de mobiliario se mantem por muito tempo no terreno da theoria pura antes de serem universalmente acceites. Outras vezes, depois de acceites, uma nova circunstancia antes desconhecida e inesperadamente revelada faz com que se abandone esse mobiliario com grave prejuizo para o industrial.

O material de ensino tambem se tem aperfeiçoado dia a dia, diversificando-se, ampliando-se, melhorando-se. O que dissemos do mobiliario, applica-se ao material.

Estas questões de mobiliario e material resolvem-se principalmente pela experiencia. Mas para isto é preciso dispor de recursos sufficientes que permittam sem graves prejuizos abandonar hoje o que a pratica condemnou, adoptar o mobiliario e o material usado pelos paizes mais cultos, e incorporar sem exforço nem sacrificios todos os progressos sancionados pela opinião publica scientifica. Em resumo: estamos ainda longe da perfeição quanto ao mobiliario e material de ensino.

ESCOLA PAROCHIAL DE S. SEBASTIÃO

V

O alumno

O alumno, quanto á hygiene escolar, pode considerar-se sob quatro aspectos:

1.º O alumno que, sem estar enfermo, pode ser o vehiculo de doenças infecto-contagiosas;

2.º O alumno, enfermo de doença infecto-contagiosa, agente da propagação do mal que soffre;

3.º O alumno que, sem estar ostensivamente enfermo, leva no seu organismo a doença em estado latente.

4.º O alumno que tem alguma anormalidade psychica não percepetivel á primeira vista, e que só pode ser apreciada por um facultativo intelligente.

Um alumno pode estar são, e comtudo ser o vehiculo de doenças infecto-contagiosas. Sabe-se que apezar do contagio indiscutivel de certas doenças, esse contagio não se produz fatalmente em todos os casos. Pode uma pessoa estar em contacto directo com doenças contagiosas graves, sem tomar quaesquer precauções prophylaticas, e comtudo não ser atacado.

Seja qual fôr a causa do phenomeno, é certo que elle se produz com frequencia.

Por isso um alumno são pode transmittir uma enfermidade gravissima, que n'elle se não manifesta por nenhum signal visivel.

D'ahi deriva a necessidade d'uma vigilancia permanente que deve accentuar-se em occasiões de epedemia ou de propagação periodica de determinadas doenças.

Essa vigilancia só em parte pode ser realisada pelo mestre. Ha só um meio de a tornar efficaz; é assegurar o concurso permanente das auctoridades de toda a ordem na cooperação da hygiene escolar.

O alumno enfermo pode communicar á escola a doença de que soffre.

Ou seja pela ignorancia do mal ou por falta de carinho é frequente apresentarem-se na escola crianças atacadas de sarampo, escarlatina, varioloide, tuberculose, etc., em qualquer periodo da evolução d'essas doenças.

Separar a criança dos seus companheiros, seguir o desenvolvimento da doença fóra da escola, verificar o processo da convalescença, o restabelecimento, as medidas de desinfecção tomadas dentro de casa, são precauções indispensaveis, porque d'ellas depende a saude de muitos logares e a tranquilidade de muitas familias.

Entre essas doenças tem principal importancia a terrivel tuberculose, de que adeante falaremos.

O alumno, ostensivamente são, leva no seu organismo o germen de todas as doenças.

Este caso é talvez o mais frequente. Nos grandes centros industriaes sobre tudo, por virtude da intensidade da vida, e das miserias materiaes e moraes, são numerosas na escola as creanças rachiticas, limphaticas, escrofulosas, anemicas, isto é, atacadas d'aquellas enfermidades que predispõem para a tuberculose.

Essas doenças podem ter origem ou na residencia em locaes insalubres, sem ar, sem luz e sem sol, ou no nascimento de paes enfermiços.

Comprehende-se que, observando as crianças na escola, se sentisse a necessidade de atacar a tuberculose nos estabelecimentos de instrucção primaria e secundaria. A lucta começou em 1898. Não obstante a indifferença dos poderes publicos e das familias, emprehenderam-se em alguns paizes trabalhos importantes. Organizaram-se com esse fim ligas e associações. No congresso internacional de hygiene escolar realisado em Londres o problema foi descutido, entrando n'essa descussão medicos eminentes como Gourichon, Passyrek, Macnamara, etc. A liga contra a tuberculose na Suecia emprehendeu trabalhos importantes para perseverar a infancia do mal.

A' iniciativa particular e á dedicação de alguns medicos deve-se esse poderoso movimento que se observa na Europa e na America a favor d'uma questão de interesse vital para o futuro d'um paiz

Pensa-se que é preferivel prevenir e salvar a tempo milhares de existencias predispostas para a tuberculose do que prestar assistencia e acudir só quando para a morte não ha remedio.

«En matiere de tuberculose, diz o dr. Grancher, la defensive est une mauvaise pratique et c'est un acte d'imprevoyance que le budget paiera fort cher; car il devra plus tard depenser des sommes enormes en faveur des phtisiques averés pour des resultats très mediocres.»

E recordando a phrase de Pasteur, solta o grito de alarme: «Sauvons la graine»!

Entre nós o sr. dr. Costa Sacadura segue na mesma corrente: «E assim a prophylaxia anti-tuberculosa escolar alliviaria os dispensarios e sanatorios da Assistencia Nacional aos Tuberculosos, as consultas e enfermarias dos hospitaes e outros estabelecimentos de beneficencia quer officiaes quer particulares»...

«Poupariamos assim em vidas e em dinheiro e produziriamos uma população mais valida e mais feliz.»

Parece averiguado pelas estatisticas que a tuberculose pulmonar declarada manifesta-se raras vezes (1 por 500) na edade correspondente ao periodo escolar (dos 5 aos 15 annos). A mortalidade pela tuberculose durante o periodo escolar é extremamente fraca (de 7 a 15, 5 por 10:000).

No congresso de Londres Newscholne provou em face das estatisticas que a mortalidade por tuberculose na edade de 5 a 15 annos é mais baixa que em outro qualquer periodo da existencia. E calcula em cêrca de 7 por 10:000 os casos de morte annualmente durante o periodo da obrigação escolar. Essa percentagem é inferior á das escolas de Paris, onde, segundo Vauthier, é de 15, 5 por 10:000

Não obstante as estatisticas sobre a tuberculose escolar serem ainda confusas e incompletas, pode considerar-se como positivo o facto de ser no periodo escolar relativamente baixa a percentagem da mortalidade pela tuberculose.

O que se encontra na escola é a tuberculose latente sob a fórma ganglionar. Essa doença, encoberta até á adolescencia, manifesta-se quando começa a fadiga, o crescimento, a vida do atelier, etc. Na escola esse fim, além d'um edificio e mobiliario hygienico, são as cantinas escolares, as colonias de ferias, as Waldschulen, os sanatorios para a infancia.

VI

A cantina escolar

A cantina escolar é de grande importancia na hygiene geral; e é a primeira em hygiene pedagogica, porque o desenvolvimento da criança está subordinado á quan-

CANTINA ESCOLAR DE S. SEBASTIÃO — O 1.º GRUPO Á ESPERA DA REFEIÇÃO, E AO LADO O 2.º GRUPO

ha sobretudo candidatos á tuberculose. D'ahi a necessidade de atacar nas crianças que a frequentam, o lymphatismo, a escrofulose, a anemia, etc.

Tambem no congresso de Londres se descutiu a origem da tuberculose escolar. Segundo Gourichon e Grancher a tuberculose infantil não vem da escola, mas da familia.

Por conseguinte a lucta anti-tuberculosa bem dirigida consistirá em robustecer o organismo, tornando-o apto para no futuro resistir ao bacillo.

Até hoje os meios aconselhados para

tidade e á natureza da sua alimentação (Le Gendre).

No seu relatorio ao congresso de tuberculose de 1905, Mery dizia: «A obra da cantina pode tambem ser um auxiliar poderoso na lucta contra a tuberculose».

A instituição da cantina, no primeiro periodo da sua evolução, lucta ainda com imperfeições, deficiencias, e exageros.

Pode ser considerada no seu regimen economico, juridico e hygienico. E sob qualquer d'estes aspectos ainda nada ha de positivamente assente.

A quem pertence a creação e a admnistração da cantina? ao municipio? Na Italia algumas communas, bem poucas, criaram e admnistram cantinas. Mas o maior numero recusa-se ao encargo. No nosso paiz tal beneficio não seria licito espera-lo das corporações admnistrativas.

Na falta dos municipios compete ao Estado o encargo de organisar esse serviço? Era o que pedia o dr. Joblonski que no congresso de hygiene escolar de 1905 propoz o estabelecimento obrigatorio de cantinas escolares a cargo do Estado.

DISTRIBUIÇÃO DAS REFEIÇÕES

Em Paris as cantinas dependem das caixas escolares. E, como essas caixas escolares são autonomas, as cantinas por ellas organisadas, não apresentam uniformidade.

Em Lisbôa, a cantina das escolas parochiaes de S. Sebastião da Pedreira é devida á iniciativa da commissão de beneficencia.

Quanto ao regimen admnistrativo, pois, a cantina que pelo seu desenvolvimento se vai tornando uma instituição social, não adquiriu ainda uma regulamentação conveniente.

Um dos problemas mais delicados da cantina é a selecção da sua clientela.

A cantina destina-se a offerecer uma refeição quente entre as classes da manhã e as da tarde aos filhos das familias necessitadas, e ás creanças cujos paes estão de dia fóra de casa. Outra cousa é preciso considerar; é que a melhor das cantinas nunca substituirá a boa refeição dada em casa. Sob o ponto de vista educativo a creança tem necessidade do contacto familiar.

Portanto, quanto á selecção, é preciso desviar da cantina os alumnos que podem encontrar em casa uma alimentação bem preparada e substancial.

Esta medida impõe-se por duas razões:

1.º Porque convém evitar a accumulação de creanças na cantina.

2.º Porque ha a tendencia para considerar a cantina, não como uma obra de pura beneficencia, mas como uma especie de restaurant, onde cada um por meio do seu dinheiro se julga com o direito a uma refeição. E d'esta fórma muitas familias desembaraçam-se de dia dos seus filhos. E' commodo para os paes, mas mau para a creança, para a escola e para a cantina

Em Paris funccionam cêrca de 400 cantinas que em 1906 foram frequentadas por 39:870 creanças, ou 22 % da população escolar.

O dr. Eduard Petol, inspector geral, descobriu os abusos provenientes da clientela mal seleccionada, protesta energicamente contra elles, e diz que a cantina não foi creada «pour que des profeteurs et des habilles l'exploitent.»

M. Huleux, referindo-se a este assumpto, diz que na cantina só deveriam admittir-se três categorias de crianças: as que pertencem a familias pobres e cujo estado de

saude não poderia accommodar-se com a alimentação insufficiente e defeituosa que teriam em casa; aquelles cujos paes estão ausentes de casa; e emfim os que habitam longe da escola para poderem voltar.

Outro assumpto importante é o *menú* da cantina. Sobre este ponto de vista a cantina é ainda muito imperfeita.

Sabe-se que o *menú* deve ser sufficiente e adaptado ás necessidades d'uma alimentação racional. Outra qualidade deverá ter o *menú:* variado.

Para este caso necessario se torna a intervenção do medico e o bom senso da mulher.

Onde se deve installar a cantina? outro problema. Os hygienistas condemnam o funccionamento da cantina nas salas do recreio, das classes, ou das reuniões.

AS CRIANÇAS NO RECREIO

Ordinariamente á falta de local a cantina installa-se n'uma sala sem as convenientes condições hygienicas.

Outras recommendações se fazem, quanto aos utensilios, limpeza, ordem; e não são inuteis essas recommendações. Se as cantinas estão destinadas a viver, se são uteis e indispensaveis, urge organiza-las por fórma que satisfaçam á pedagogia e á hygiene.

Uma cosinha confortavelmente installada, um *lavabo* em que as crianças lavariam as mãos antes e depois da refeição, uma toalha limpa, um talher, um copo e um guardanapo para cada criança, vigilancia, intervenção do medico para a escolha dos alimentos, um pessoal bem educado e cuidadoso, são cousas que é preciso considerar, são cousas que se impõem, se quizermos que a cantina constitua um progresso.

VIII

Colonias de ferias

Estão hoje a desenvolver-se as colonias de ferias para as creanças doentes ou anemicas, e mesmo para os estudantes das grandes cidades. Ha as colonias do campo, da montanha e do mar. Não se pode negar a importancia d'esses estabelecimentos, nem desconhecer o grande valor hygienico e moral que poderão adquirir. Mas não se lhe devem exagerar os beneficios. Se as considerarmos como um meio de lucta contra a tuberculose, a instituição das colonias escolares é d'uma importancia restricta e de resultados incompletos. N'isto concordam os medicos hygienistas. Não é em um ou dois mezes que pode produzir-se a cura definitiva da anemia, da escrofulose e do lymphatismo. A creança, passado esse curto periodo, volta ao mesmo meio; e as melhoras ou forças que adquiriu, perdem-se em pouco tempo.

O campo de acção da colonia está limitado a certas categorias de crianças, antes fatigadas que doentes ou predispostas para a tuberculose.

Em Portugal conhece-se só a experiencia feita pelo inspector da 3.ª circunscripção escolar do reino que installou uma colonia escolar na Foz, e conseguiu já sustenta-la durante duas épocas balneares.

Para essa colonia foram escolhidas entre

as crianças das escolas officiaes do Porto 30 das mais affectadas ou das mais predispostas. Os resultados teem sido satisfactorios.

A instituição da colonia escolar faz surgir diversos problemas: a selecção dos colonos, a proveniencia dos recursos pecuniarios, e o regimen juridico.

A selecção dos colonos compete ao inspector sanitario. Os recursos pecuniarios só podem provir da iniciativa particular que deveria ser ajudada n'esta generosa obra de benificencia pelas camaras municipaes das grandes cidades, e estimulada pela dedicação e propaganda dos inspectores escolares.

Com respeito ao regimen juridico foi o assumpto ardentemente discutido no congresso internacional de hygiene escolar de Londres. Não se chegou a accôrdo. Uns querem-nas livres, *voluntarias*, com a intervenção directa das familias. Outros defenderam a intervenção official.

IX

As Waldschulen

Reconhecida a insufficiencia da colonia para curar radicalmente a tuberculose latente, recorreu-se ás escolas ao ar livre, chamadas na Allemanha *Waldschulen* ou escolas da floresta.

Foi realmente n'este paiz que se criou a primeira escola d'este genero. E' a escola de Charlottenburg. Em seguida veio a Inglaterra (Manchester), a França, etc.

Destinam-se esses estabelecimentos a collocar numa escola situada em plena floresta as creanças das escolas da cidade cujo estado de saude exige mais que a permanencia de um ou dois mezes na colonia de ferias.

A clientela é constituida por anemicos, tuberculosos, cardiacos e escrofulosos. Exceptuam-se porém os tuberculosos no periodo da expectoração. A primeira escolha é feita pelo inspector sanitario, e a segunda pelo medico da escola. A selecção é o mais rigorosa possivel para evitar as fraudes.

A escola conserva as crianças pelo tempo preciso para se realisar a cura definitiva; limita o numero dos que frequentam cada classe; evita a surmenage; mantem o ensino, sempre que é possivel, ao ar livre; distribue methodicamente as horas de repouso e de trabalho; e associa á educação intellectual a gymnastica, subordinada ao exame previo e conscencioso dos alumnos.

A installação é simples; a construcção limita-se ao mais usual.

Em 1907 o numero dos alumnos em Charlottenburg foi de 234, assim distribuidos:

Anemicos	104
Escrofulosos	63
Doentes do pulmão	56
Doentes do coração	11

A experiencia produziu magnificos resultados.

No periodo do mais rigoroso inverno os alumnos voltam a frequentar as escolas da cidade, o que se reconheceu ser inconveniente, porque muitas vezes destroem-se os effeitos beneficos da habitação na floresta. Pensa-se em completar a instituição, de fórma que os alumnos possam viver permanentemente na Waldschulen um periodo indefinido, de verão e de inverno, até á cura completa.

O professor Grancher para curar a tuberculose ganglio-pulmonar das creanças pobres das escolas, propoz á Academia de Medicina de Paris um dos dois meios:

1.º Collocação das crianças atacadas de tuberculose ligeira e latente em casa de familias do campo, ás quaes se daria uma mensalidade sufficiente. A criança frequentaria a escola da communa, e ficaria sujeita á inspecção do medico.

2.º A collocação das crianças em sanatorios-escolas, onde continuariam os estudos, sub a vigilancia do medico.

A municipalidade de Paris a que se recorreu, auxiliará a proposta de Grancher?

MARQUES MANO.

Dôr de viver

Dôr de viver... Nalguns indefinida,
Noutros silente; noutros explosiva...
Não! Ninguem ha, que um só momento viva,
Sem que essa dôr, em tal momento, o aggrida.

Quem ama, espera, crê, teme, duvida,
Quem trabalha, quem lucta, quem se esquiva,
Ha de, afinal, sentir a intimativa
De que a dôr se reduz de tudo a vida.

Sempre o gôzo um relampago indeciso...
Zumbe a incerteza em torno do sorriso,
Negro insecto ante a flôr que mal brotou...

Jesus, tomando a condição humana,
Viu a Dôr, tão geral, tão soberana,
Que nunca riu e, muita vez, chorou!

Affonso Celso

Sophocles e Euripides

I

Sophocles

«Ajax» — «Trachinianas» — «Œdipo-rei» — «Philocteto» — «Electra» — «Œdipo em Colona» — «Antigona» — Ion — Iophon — Melitos — Neophron de Sycione — Melanthios — Nicomaco — Moschion — Philocles — Euphorion — Marsimos — Aches — Critias — O acroama — Anapiesma — Escada de Charonte — Commos — Monodias — Protase — Spondaule — O theoricon.

O maior rival de Eschylo foi Sophocles. Este poeta tragico nasceu no burgo de Colona, perto de Athenas, entre 497 e 495 antes da era christan. Pertencia á rica burguezia da Attica, e era filho de um industrial chamado Sophillos. Estudou com paixão os poetas nacionaes da Grecia, Homero, as cyclicas, as lyricas, as elegíacas. Estudou musica com Lampros, um dos melhores professores da época. Ao mesmo tempo frequentava assiduamente a palestra.

SOPHOCLES
(Estatua antiga muzeu de Latrão)

Em 480, depois da victoria de Salamina, por occasião das acções de graça celebradas pelos athenienses, foi encarregado de dirigir o côro dos mancebos que tocavam lyra. Sophocles estreou-se no theatro em 469 ou 468 com uma tetralogia e venceu Eschylo. Conforme o costume do tempo, representou mesmo em algumas das suas peças: desempenhou por exemplo o papel de Nausica e o do aedo Thamyris. Mais tarde renunciou a apparecer em scena, mas continuou a tomar parte na maioria dos concursos. Obteve muitos triumphos e nunca, assegura-se, desceu abaixo da segunda classe; no affirmar de tradições um pouco divergentes, ganhou dezoito, vinte ou vinte e quatro victorias.

Desempenhou entrementes algumas funcções politicas ou financeiras; foi *hellenótamo* e duas vezes estrateja, sacerdote do heroe meda Alcon, etc. De sua mulher Nicostrata, Sophocles teve varios filhos, entre outros Iophon, que se tornou poeta tragico. Com o rodar dos annos ligou-se com Theoris, cortezan de Sycione; teve d'ella um filho chamado Ariston, que foi egualmente poeta tragico e pae do poeta Sophocles, o joven. Entre estes filhos de origem e situação differentes rebentaram desavenças, o que originou um processo judiciario, deformado pela lenda, que accusa os filhos de Sophocles de terem requerido a interdicção do pae. Estes conflictos domesticos entristeceram a velhice do poeta. No seu tumulo foi gravada uma sereia, emblema da sua poesia, e offereceram-se-lhe sacrificios annuaes como a um heroe.

Sophocles, sem falar d'outras poesias, compoz grande numero de peças; provavelmente cento e treze ou cento e vinte e tres, sendo d'estas uns vinte dramas satiricos. De muitas d'estas peças só conhecemos o titulo e fragmentos. Até á época actual só chegaram inteiras sete tragedias: *Ajax, Antigona, Electra, Œdipo-rei, As Trachi-*

nianas, Philocteto e Œdipo em Colona. Attribuem-se a Sophocles diversas innovações dramaticas: renunciou á tetralogia ligada, introduziu o terceiro actor, elevou de doze a quinze o numero de coristas, imaginou a decoração pintada do fundo da scena. Diminuiu a parte do lyrismo, transmitiu á linguagem tragica mais naturalidade, variedade e maleabilidade. Principalmente hauriu o principio da acção na vontade humana, fundou o drama psychologico estudando os caracteres, tirando da alma as peripecias da intriga.

A tragedia *Ajax* de Sophocles apresenta o seguinte entrecho: Depois da morte de Achilles, os chefes dos gregos, reunidos em assembléa presentearam Ulysses com as armas do heroe. Ajax, que lh'as tinha disputado, furioso com o triumpho, levanta-se de noite para se vingar d'esta affronta. Minerva, protectora dos gregos, desvaira-lhe o juizo e desvia os seus golpes sobre os rebanhos que constituiam os despojos do exercito Saciado de morticinio, Ajax entra na sua barraca, conduzindo encadeados alguns dos animaes sobre os quaes descarregara a sua colera. De subito volta-lhe a razão, reconhece em que abysmo o lançou a colera dos deuses, mede a extensão do seu infortunio e resolve abandonar uma vida deshonrada.

O assumpto da tragedia de Sophocles baseia-se na realização d'este proposito. A passagem mais notavel é o monologo de Ajax luctando contra as imagens tentadoras da vida que elle vae perder.

A tragedia as *Trachinianas,* affirma-se ter sido representada, em 440, mas a data é muito incerta. Esta peça tem por eixo principal a morte de Heraclio. As personagens são, com Heraclio: Dejanira, sua mulher; Hyllos, seu filho; Lichas companheiro do heroe; a ama de Dejanira; uma escrava, um velho, um mensageiro. O côro compõe-se de um grupo de raparigas de Trachina, cidade da Thessalia, onde deslisa a acção. Culpado de uma morte involuntaria, Heraclio exila-se; sua mulher ignora a sua sorte e receia que o marido tenha succumbido. Seu filho Hyllos vem communicar-lhe que o heroe está no cêrco de Œchalia. Quasi logo, Dejanira sabe que Heraclio, victorioso, está a ponto de chegar, e que Lichas, seu companheiro o precede com um bando de captivas. Dejanira adivinha uma rival em Iola, filha do rei vencido. Arranca a verdade a Lichas. No seu desespero, resolve servir-se da tunica molhada em sangue do centauro Nesso, que deve restituir-lhe o amor do marido. Dejanira encarrega Lichas de levar a tunica a Heraclio. Apenas Lichas parte descobre que a tunica está envenenada. Dejanira delibera então suicidar-se. Surge no theatro um cortejo lugubre; são os habitantes de Eubéa que transportam a Trachina Heraclio, sem voz, sem movimento. Recuperando os sentidos aos gritos de desespero de Hyllos, descreve os seus soffrimentos horriveis e pede vingança contra a perfidia da esposa. Hyllos informa o pae da morte e da innocencia de Dejanira. Heraclio comprehende que os oraculos se cumpriram e que chegou a sua hora. Obriga seu filho a jurar-lhe que o queimará ainda vivo e que desposará essa Iola, causa da sua morte. O heroe é levado para longe, em obediencia ás suas ordens.

Esta peça, a mais fraca das tragedias de Sophocles, contém scenas commovedoras, e no emtanto, no conjunto é pouco dramatica. O papel de Dejanira é interessante, mas desegual.

A tragedia *Œdipo-rei* foi representada em Athenas em 415. O assumpto, tirado das lendas do cyclo thebano, assenta na descoberta que faz Œdipo dos seus crimes involuntarios e no terrivel castigo que a si mesmo inflinge. A acção decorre em Thebas, defronte do palacio de Œdipo. As personagens, além de Œdipo são: Jocasta sua mulher, Creon seu cunhado, o adivinho Tiresias, um gran-sacerdote e escravos. O côro é constituido por velhos thebanos. No principio do drama, sabe-se que a peste desola a cidade de Thebas. O povo agglomera-se defronte do palacio e, pela bocca do gran-sacerdote, supplica ao rei que lhe valha. Œdipo responde que mandou seu cunhado a Delphos para ali consultar o oraculo. Com effeito chega Creon, trazendo a resposta do deus: a peste durará emquanto não forem castigados os assassinos de Laio. Œdipo lança terriveis maldições contra os assassinos desconhecidos, e começa um inquerito. Consulta Tiresias, em seguida um antigo serviçal que sobreviveu ao assassino de Laio, depois um mensageiro que vem de Corintho, annunciando a morte do

rei Polybo, após este a propria Jocasta. No decorrer de todos estes interrogatorios, brilha a verdade pouco a pouco: Œdipo descobre que é elle mesmo o assassino de Laio, que matou seu pae e casou com sua mãe. Jocasta enforca-se de desespero; Œdipo arranca os olhos e condemna-se ao exilio, á vida miseravel de um vagabundo.

A fatalidade delineou todo o drama, sem comtudo aniquilar a vontade humana; o orgulho e a violencia do rei concorreram com o seu contingente para as desgraças com que o acabrunha o destino. Pela maneira admiravel como a peça é conduzida, pela inquietação crescente e angustia que se transforma em piedade, pelo interesse dramatico e observação psychologica, pela verdade das personagens o *Œdipo-rei* é considerado, com justo motivo, a obra prima de Sophocles e de todo o theatro grego. Por esta razão o *Œdipo-rei* foi muitas vezes imitado ou traduzido; em Roma por Seneca, em Inglaterra por Dryden; em França por Corneille, La Motte, Voltaire, J. Chenier, Julio Lacroix, etc.

ŒDIPO E A ESPHINGE
(Quadro de Gustave Moreau)

Philocteto appareceu em scena em 409 antes de Christo. A peça baseia-se sobre os esforços tentados pelos gregos para arrancar a Philocteto, abandonado ha dez annos na ilha de Lemnos, o arco e as frechas de Heraclio, o que lhes permittiria triumphar de Troia. Ulysses encarrega-se da negociação, mas receando a vingança d'aquelle que abandonou, incumbe o joven Neoptolemo, filho de Achilles, de captar a confiança de Philocteto por meio de uma narrativa mentirosa. Philocteto breve concede toda a sua amizade ao filho do seu antigo companheiro de armas. Neoptolemo conta-lhe que, privado pelos atrides, em favor de Ulysses, das armas de seu pae, volta para os seus estados e promette-lhe reconduzi-lo á sua patria. Philocteto cede-lhe sem desconfiança o seu arco e as suas frechas. Ulysses surge então, e Philocteto despede sobre o filho de Achilles justas imprecações. Ulysses declara a Philocteto que, se se recusar a embarcar com elles, Neoptolemo e elle levarão as suas frechas. A estas palavras o desespero de Philocteto não conhece limites, mas o filho de Achilles restitue-lhe as suas armas e Ulysses retira-se ameaçando-o com a colera dos gregos. De subito, Heraclio, apparecendo n'uma nuvem, ordena ao seu antigo amigo que parta para Troia com as armas que lhe legou. Annuncia-lhe ao mesmo tempo a sua futura cura por Asclepios. Philocteto, Ulysses e Neoptolemo partem reconciliados.

Este assumpto fôra tratado já por Eschylo e Eurípides em 431. A tragedia de Sophocles é notavel pela simplicidade da execução e variedade dos sentimentos Foi imitada, entre os romanos, por Accio; modernamente por Laharpe e tambem por Fénelon no livro xv do Telemaco.

O entrecho da *Electra* é, como o das *Chœphoras* de Eschylo, o assassino de Clytemnestra por Orestes, mas Sophocles modificou em muitos pontos os elementos de Eschylo. Distribue o papel principal a Electra. Orestes volta a Mycena, por ordem de um oraculo de Delphos, para ahi vingar a morte de seu pae. Depressa se mostra a Electra. Ignorando ainda a chegada de seu irmão, exalta-se com as suas demoras. Censura tambem sua irmã Chrysothemis a quem accusa de fraqueza. Uma scena pathetica entre Clytemnestra e sua filha Electra acaba de desenhar os caracteres. Um mensageiro vem participar a morte de Orestes. A esta nova, Electra desespera-se, ao passo que Clytemnestra deixa transparecer a sua alegria. Manda entrar o emissario no palacio. Surge o proprio Orestes, trazendo a urna funeraria que se diz conter os seus restos. Por essa dôr profunda, Orestes reconhece sua irman, e dá-se-lhe a conhecer. Acalmados os seus primeiros transportes, ergue-se de novo deante d'elles o espectro da vingança. Orestes precipita-se para o palacio; ouve-se Clytemnestra implorar perdão a seu filho, que a ameaça.

— Repete, se podes — exclama Electra. A arte do poeta é tal, que o horror do parricidio de Orestes e do grito feroz de Electra desvanece-se. Alguns instantes depois, o tyranno Egistho cae immolado sobre o corpo de Clytemnestra.

Os tragicos gregos fornecem-nos tal quantidade de personagens bem tratadas, que se encheriam volumes a descrevê-las. N'esta tragedia, o caracter de Chrysothemis, filha de Agamemnon e de Clytemnestra, é um bello traço de contraste theatral. Sophocles caprichou em o pintar amoravel e compadecido, ao passo que o de sua irman Electra é arrebatado e eivado de excessivos rancor.

PHILOCTETO NA ILHA DE LEMNOS
(*Pintura n'um vaso antigo*)

Œdipo em Colona foi representado em Athenas em 401, quatro annos depois da morte do poeta, graças ás diligencias do seu neto Sophocles, o jovem. Segundo uma tradição, um tanto suspeita, Sophocles foi accusado por seus filhos de mal gerir os seus bens, e os filhos, como atraz dissemos, intentaram contra elle um processo de interdicção: por unica defesa, Sophocles contentou-se em ler aos juizes o côro do *Œdipo em Colona*, que contém um magnifico elogio a Athenas. Embora não faça parte da mesma trilogia, e, embora tenha mesmo sido composta muitos annos depois, esta tragedia é sequencia do *Œdipo-rei*. O seu desenvolvimento filia-se na chegada de Œdipo a Attica, na sua morte mysteriosa e na sua apotheose no bosque sagrado das Eumenides. A acção decorre em Colona, burgo vizinho de Athenas. As personagens são, além de Œdipo: suas filhas Antígona e Ismenia; seu filho Polynice; seu cunhado Creon. Theseu, rei de Athenas; um estrangeiro e um mensageiro. O côro compõe-se de velhos de Colona. No principio, Œdipo, guiado por Antígona, vem buscar um asilo a Attica. E' bem acolhido pelos habitantes do burgo. Quando sabe que o bosque proximo é o bosque das Erinnyas, recorda-se das predicções do oraculo e conclue que está proxima a sua ultima hora. Theseu offerece-lhe hospitalidade em Attica. Mas em Thebas, onde os dois partidos disputam o poder, um oraculo promette a victoria ao partido que possuir Œdipo ou o seu tumulo. Polynice e Creon, cada um por sua vez, procuram o exilado e tentam levá-lo com elles; ambos são repellidos. Creon vinga-se raptando Antígona e Ismenia, mas Theseu intervem e obriga a entregar as duas raparigas. Finalmente Œdipo entra no bosque das Erinnyas e ali desapparece no meio dos relampagos e do ribombar dos trovões.

Apesar do interesse dos episodios a acção apresenta poucos attractivos dramaticos. Mas a tragedia é muito commovente e formosissima. Sophocles pintou admiravelmente a majestade do velho rei, mendigo e proscripto, a sua apotheose, a piedade de Antígona e tambem o scenario: essa Athenas que se avista no ultimo plano e cuja gloria é gabada em tantos coros celebres.

Antígona constitue a sequencia do *Œdipo rei* e do *Œdipo em Colona*. Creon, proclamado rei de Thebas depois da morte dos dois filhos de Œdipo, prohibira sob pena de morte que se sepultasse Polynice, para o punir de ter originado a guerra civil na sua patria; mas Antígona, escutando apenas as inspirações da piedade fraternal, arrostou com a prohibição de Creon. O tyranno pronuncia contra ella a pena de morte. Nem a dôr de Hemon, seu filho, que ama Antígona, nem as ameaças do adivinho Teresias o abrandam. Antígona morre victima da sua dedicação: condemnada a morrer de fome numa caverna, enforca-se. Creon, porém, soffre o castigo da sua crueldade. Hemon suicida-se.

A obra de Sophocles é bella e intensa n'um triplo ponto de vista. Em primeiro logar, criou Antígona, um typo admiravel de mulher, em que a alma meiga e timida, «feita para amar e não para odiar» se desdobra n'uma heroina revoltada contra todos os decretos arbitrarios que offendem a humanidade. Traça, além d'isso, maravilhosamente, a versatilidade das multidões. Veem-se ali os velhos thebanos dar simultaneamente

razão, depois que cada um falou, a Hemon, a Creon e a Antígona, mas calando-se ante o oppressor e banindo para lhe agradar, toda a especie de piedade. Em terceiro logar, a obra de Sophocles exprime maximas generosas sobre os deveres do cidadão e sobre as obrigações impostas ao chefe do Estado; a primeira d'ellas é sacrificar ao bem publico os seus affectos particulares. Demais o poeta, tão nobre e tão tocante, desfere, contra a tyrannia, accentos inspirados de um odio vigoroso e patriotico.

Contemporaneo de Sophocles cita-nos a Historia um grupo importante de poetas tragicos. São elles:

Ion, historiador tambem, nascido em Chios, entre 484 e 481 antes de Christo, e fallecido em Athenas em 422. Veiu muito novo para Athenas e ligou-se ali com Cimon, Eschylo e Sophocles. Compoz uma immensidade de obras. Apenas possuimos alguns fragmentos d'ellas: um livro sobre a *Fundação de Chios,* um tratado de philosophia intitulado *Triades, Memorias,* poesias lyricas e tragedias. Obteve premios em diversos concursos. Na opinião de Longin, as suas peças tinham elegancia, mas accusavam escassez de vigor.

Iophon era filho de Sophocles e foi durante muito tempo seu collaborador. Compoz por sua conta cincoenta tragedias e dramas satiricos. Um d'estes intitulava-se *As Auledes* e obteve varios premios. Accusaram-no de se ter apropriado das obras de seu pae. No entanto, em 405, depois da morte de Sophocles e de Eurípides, Iophon era considerado por Aristophanes como o primeiro poeta tragico vivo. Só existem d'elle fragmentos.

MEDÉA
(Quadro de Delacroix)

Melitos ou Meletos foi um poeta a quem Aristophanes não poupou zombarias. Pouco, porém, sabemos de preciso sobre as suas tragedias e os seus dramas satiricos. Compoz uma *Œdipodia.* Foi um dos accusadores de Socrates. Espalhou-se, sem prova certa, que os athenienses o lapidaram mais tarde, em 400, como calumniador.

Neophron de Sycione escreveu cento e vinte dramas. Todos perdidos. A sua obra mais celebre foi uma *Medéa,* que Eurípides imitou, em 431. Possuimos d'ella tres fragmentos, insertos nos *Tragicorum graecorum fragmenta* de Wagner e de Nauck.

Temos depois Melanthios, filho de Philocles e sobrinho de Eschylo; que escreveu tambem uma *Medéa;* os poetas comicos do seu tempo, Eupolis, Pherecrato e Aristophanes motejaram da sua gulotonice, do seu espirito brigão e da sua versificação. Nicomaco, que escreveu um *Œdipo* e que venceu Eurípides n'um concurso. Moschion, que compoz comedias e tragedias, e, entre outras, as peças historicas intituladas *Themistocles e os Habitantes de Pheres.* Philocles, sobrinho de Eschylo e pae dos poetas Melanthios, atraz citado, e de Marsimos; conhecemos os titulos d'algumas das suas peças: um *Priamo,* uma *Penelope,* uma tetralogia, a *Pandionide,* que comprehendia um drama satirico intitulado *Teréa.*

Cleophon, *o tragico,* era muito apreciado por Aristoteles, que insiste principalmente sobre o caracter realista da sua poesia; conhecemos por Suidas os titulos de algumas das suas peças: *Acteon, Amphiaraos, Achilles,* as *Bacchantes, Thyesta, Telepho,* etc.

Além destes apontam-se ainda os nomes de Euphorion, filho de Eschylo; de Marsinos, filho de Philocles; de Acheo de Eretria; e de Critias.

Por este tempo tinham-se introduzido varios melhoramentos no theatro e diversões dos gregos. Um d'elles foi o *acroama* ou intermedio de musica instrumental nos divertimentos publicos, idéa que mais tarde os romanos aproveitaram transformando-o em recreio dramatico ou musical das casas particulares ou na leitura feita por um escravo.

Foi egualmente aperfeiçoado o *anapiesma* ou alçapão por meio do qual os gregos fa-

ziam surgir ante a assistencia as apparições divinas ou fantasticas de certas tragedias. Havia tambem a chamada *escada de Charonte*, escada que conduzia á scena e pela qual subiam os figurantes que simulavam as sombras dos mortos ou das divindades fluviaes. A porta que ficava atraz da scena ou dos bastidores, o *postscenio*, foi mais largamente aberta.

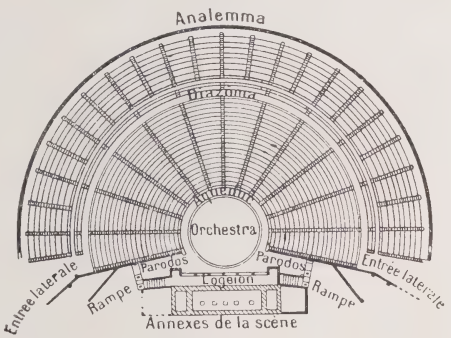
Na parte litteraria tambem se tinham dado modificações importantes. Dos *arnodos* ou *rhapsodos*, que compareciam nas assembléas, e cujo trabalho era, de ordinario, recompensado com um carneiro, aos auctores e actores da época de Sophocles, havia immenso caminho andado. O *commos* ou parte lyrica da tragedia grega, e que entrava nos coros tambem tinha experimentado progressos O *commos* era sempre triste ou grave. Na sua origem devia ter sido apenas uma lamentação funebre. E com frequencia, nas tragedias, era um canto de luto, cantado successivamente por um ou mais actores e pelo côro, Mas, algumas vezes, era simplesmente um dialogo lyrico entre o côro e as personagens. Era sempre antes ou depois de um acontecimento grave que o côro se recolhia, por assim dizer no *commos*, e, pelas suas reflexões ou seus presentimentos obrigava o espectador a meditar com elle o que acabava de ver, de se passar ou do que se esperava. O assumpto do *commos* era a compaixão pela desventura das personagens sympathicas da peça, mas encontravam-se n'elle tambem conselhos dirigidos ás proprias personagens e destinados a fazer amadurecer d'alguma maneira as suas resoluções. O *commos*, ora só continha versos lyricos, ora era uma miscelanea de versos lyricos e de versos jambicos. Compunha-se frequentemente de estrophes symetricas.

Os coros não constituiam exclusivamente o elemento lyrico da tragedia. Havia, no mesmo papel dos actores, especies de odes ou cantos que se consideravam como fóra do drama propriamente dito. A fórma d'estes cantos variava: dividiam-se entre diversas personagens, sob a fórma de dialogo, ou então eram entoados por um unico actor. N'este ultimo caso eram chamados *monodias*. Nas obras de Eurípides, o elemento lyrico perde a importancia que tinha precedentemente nos coros, para a adquirir cada vez mais no papel dos actores. Eis o motivo por que existem tragedias onde ha *monodias* extensissimas.

A *protase* ou exposição das peças, bem como o *spondaule*, nome dado primitivamente ao musico que tocava flauta dupla durante as libações ou durante os sacrificios, mais tarde canto executado durante os sacrificios e porfim recitados n'uma tragedia, melhoraram consideravelmente.

Concluiremos este capitulo explicando o que era o *theoricon*. O theatro era alugado a um inquilino ou a um emprezario, como se lhe chamaria hoje, denominado *theatronês* ou *architectôn*, que o devia conservar em bom estado, e que em compensação estava auctorisado a cobrar um direito de entrada de dois óbolos por pessoa para os logares ordinarios. Pericles obteve que, para tornar os espectaculos accessiveis a todos, o Estado concedesse a cada cidadão pobre uma indemnisação egual ao preço dos logares ordinarios por dia de espectaculo. Mais tarde essa liberalidade estendeu-se a todas as festas officiaes. No seculo v antes da nossa era, os fundos dos *theoricons* eram administrados pelos *hellenótamos*, magistrados que recebiam os tributos dos alliados. No seculo IV, existia uma caixa especial administrada pelo thesoureiro do *theoricon*. Em 354, o povo decretou que todos os excedentes de receitas seriam lançados no cofre do *theoricon*. Em 339, Demosthenes conseguiu que esses excedentes fossem destinados ao thesouro do exercito. O *theoricon* servia para pagar as despezas das festas e dos banquetes publicos, assim como as indemnisações do theatro ou das festas, aos cidadãos.

Bons tempos para o theatro, estes!



PLANTA DO THEATRO GREGO DE EPIDAURO

II

Eurípides

«Alcestes» — «Medéa» — «Hippolyto» — «As Supplicantes — «Andromaca» «As Troianas» — «Electra» — «Iphigenia em Taurida» — «Helena» — «Orestes» — «Iphigenia em Aulis» — «As Bacchantes» «Egeu» — «Hecuba» — «Heraclio furioso» — «Heraclidas» — «Ion» — «As Phenicias» — Drama satirico — «O Cyclope» — «Rhesos» — Cyanippo.

Eurípides foi um dos maiores poetas tragicos da Grecia, Nasceu em Salamina em 480 antes da nossa era, no proprio dia em que se feriu a batalha d'esse nome. Era filho de Mnesarchides e de Clito. Segundo uns pertencia a uma familia nobre, segundo outros, seu pae era taverneiro e sua mãe hortaliceira. Fosse como fosse, Eurípides recebeu uma educação completa. No dizer de tradições um pouco suspeitas, estudou primeiro pintura e fôra mesmo até athleta. O que é certo, é que depressa se voltou para a poesia e para o theatro. Aos vinte e cinco annos, em 455, fez representar a sua primeira tragedia *As Peliades*. A sua primeira victoria no concurso de tragedia data de 440. Trabalhando sempre para o theatro, estudava philosophia e sciencias; a influencia dos philosophos e dos sophistas, de Anaxagora, de Protagoras ou de Prodicos, accentua-se muito na sua obra. Em politica pertencia ao partido dos innovadores; era amigo de Alcibiades e de Critias; em compensação foi alvo dos motejos de Arsitophanes. Tornou-se celebre pelo seu odio ás mulheres. Casara duas vezes, mas não fôra feliz, nem com Melito, nem com Chœrile. Teve, no entanto, tres filhos que o destino encaminhou por trilhos muito diferentes: um foi negociante, o segundo actor, o terceiro que se chamava Eurípides, como seu pae, foi tambem poeta tragico.

EURIPIDES
(Muzeu do Vaticano)

No fim da sua vida, Eurípides retirou-se para a côrte de Archelao, rei da Macedonia. Morreu, em 406 ou 405; no affirmar da lenda ou foi devorado por cães, perto de Amphipolis, ou morto por mulheres. A sua obra é consideravel. Ganhou cinco vezes o premio da tragedia, e compoz noventa e duas peças. A maior parte d'ellas faziam parte de tetralogias, ou seja um conjunto de quatro peças, tres tragedias e um drama satirico, apresentado nos concursos dramaticos. Da maioria d'essas peças só se conhecem os titulos ou fragmentos. Chegaram até nós inteiras dezanove. Eis aquellas a que se póde determinar a data com mais ou menos precisão: *Alcestes, Medéa, Hippolyto, As Suplicantes, Andromaca, As Troianas, Electra, Iphigenia em Taurida, Helena, Orestes, Iphigenia em Aulis* e *As Bacchantes*, esta ultima composta na Macedonia e representada depois do poeta morrer.

Ácêrca das seguintes peças as indicações chronologicas são muito menos precisas: *Hecuba, Ion, As Phenicias, As Heraclides, A Loucura de Heraclio* e *O Cyclope*. Parece estar hoje assente que *Rhesos* não pertence a Eurípides. Comparado ao theatro de Eschylo e de Sophocles, o theatro de Eurípides apresenta muitas novidades: importancia de analyse psychologica das paixões amorosas e dos papeis das mulheres; emprego do pathetico, até o abuso e de certos processos; preocupações scientificas e philosophicas; esforço para rejuvenescer os mythos e encontrar outros assumptos; emprego dos prologos; phisionomia nova dos coros, que se tornam quasi independentes da acção; escrupulo do traje e da enscenação. Eurípides lisonjeava o gosto do publico com estas innovações. Foi por isso muito popular em Athenas, e as repetidas acommettidas de Aristophanes bastam para o demonstrar. Pelo caracter do seu theatro, é tambem muito mais accessivel aos modernos. Inspirou com frequencia outros poetas: Corneille na sua *Medéa*, Racine na sua *Andromaca*, na sua *Phedra* e na sua *Iphigenia*.

A tragedia *Alcestes* subiu á scena no anno 439 antes da nossa era. Alcestes, mulher de Admeto, consente em morrer em logar de seu marido, quando sabe que as Parcas tinham promettido a Apollo que elle seria poupado se alguem o quizesse substituir. Realizado o sacrificio, Hercules, impressionado com a generosidade da esposa e com

a dôr de Admeto, desce aos infernos e traz comsigo a dedicadissima mulher. A grandeza simples da acção, a belleza dos versos e a pureza do estylo fazem d'esta tragedia uma das mais commovedoras da antiguidade. Sophocles tambem escreveu uma *Alcestes*.

A tragedia *Medéa* de Eurípides, uma das melhores, foi representada em 431. Tem por entrecho a vingança de Medéa, que envia a Creusa um traje envenenado, mata os filhos e foge para Athenas. As principaes personagens, além de Medéa, são: Jason; Creon, rei de Corintho; Egeu, rei de Athenas. O côro é composto por um grupo de mulheres de Corintho. A acção decorre em Corintho, defronte do palacio do rei. A peça é uma das mais patheticas de Eurípides, que pintou com maravilhoso poder o ciume de Medéa, a sua perturbação no momento de matar os filhos.

Hippolyto foi representada em 428. Era uma recomposição de uma peça anterior, perdida, e que se designa pelo nome de *Primeiro Hippolyto* ou *Hippolyto Velado*. Na tragedia que possuimos a acção decorre em Trezena. As principaes personagens são: Hippolyto e seu pae Theseu; Phedra e sua ama; Artemis e Aphrodita. O côro compõe-se de mulheres de Trezena. Eurípides põe em scena, conforme a tradição, o amor de Phedra por Hippolyto, e a morte do joven. Antes de morrer, Hippolyto reconcilia-se com seu pae, a quem Artemis revela a verdade. Esta peça é uma das obras primas de Eurípides e inspirou a Racine outra obra prima: *Phedra*.

As *Supplicantes*, tragedia de menos fôlego, foi representada em Athenas, cêrca de 420. Esta peça liga-se ao cyclo das lendas thebanas. As mães dos chefes argianos, mortos em frente de Thebas, veem implorar soccorro dos athenienses para obter que lhes sejam restituidos os corpos de seus filhos. As personagens são Adrasto, rei de Argos; Theseu, rei de Athenas; Ethra, mãe de Theseu; Evadnê, viuva de Capaneu; Iphis, pae de Evadnê; uma creança, um arauto, um mensageiro; finalmente a deusa Athena que vem aconselhar Theseu. O côro compõe-se de mulheres argianas. A tragedia passa-se em Eleusis, no templo de Demeter. Ha n'esta peça pouca acção. Os fugitivos invocam o apoio de Athenas. Theseu toma a sua defesa, derrota os thebanos e presta honras funebres aos heroes argianos. O episodio mais dramatico é quasi estranho á acção: Evadnê suicida-se para não sobreviver a seu marido Capaneu. O interesse principal das *Supplicantes* residia todo, para os athenienses, na politica.

Eurípides desenvolve na sua *Andromaca* o seguinte entrecho: Andromaca, captiva de Pyrrho, filho de Achilles, foi constrangida a ceder á paixão brutal do seu senhor e deu-lhe um filho, Molosso. Hermiona, mulher legitima de Pyrrho, sente violentos ciumes pela escrava. Auxiliada por seu pae Menelau, quer mandar matar Andromaca e o filho durante a ausencia de Pyrrho. Andromaca e o filho vão succumbir quando o velho Peleu, avô de Pyrrho, os arranca á morte. Hermiona, temendo o resentimento do esposo, foge com Orestes, seu parente, a quem a sua mão fôra promettida outr'ora, e ambos conseguem assassinar Pyrrho numa emboscada.

Esta tragedia é um quadro soberbo dos tempos barbaros; o caracter violento de Hermiona está ali maravilhosamente traçado.

As *Troianas* representaram-se em Athenas em 415. O assumpto da peça baseia-se nas desventuras de Hecuba e d'outras princezas troianas. A tragedia desenrola-se debaixo dos muros de Troia, no acampamento dos gregos, deante da barraca de Agammnon. As *Troianas* são menos uma tragedia propriamente dita que uma serie de scenas patheticas, em que figuram Polyxeno, Andromaca, Hecuba. A peça termina pelo incendio de Troia. Ha nas *Troianas*, scenas admiraveis e caracteres impressionantissimos, mas não possuem nenhuma acção, nem unidade dramatica.

Eurípides na sua *Electra*, representada em 413, tratou o mesmo thema das *Chœphoras* de Eschylo e da *Electra* de Sophocles, mas modificou a tradição introduzindo-lhe um elemento romanesco. Electra, maltratada por Egistho, vê-se obrigada a desposar um camponez argiano, que, apesar de seu marido respeita n'ella a filha dos reis. A tragedia passa-se em frente da sua cabana; é ahi que se effectua o reconhecimento entre Orestes e sua irman. Orestes é tambem reconhecido pelo governador, graças a uma cicatriz. Egistho é assassinado por surpreza; depois Clytemnestra é attrahida a casa de filha a pretexto de um parto. A rainha cae varada pelo punhal do filho. Effectuada a vingança, Orestes e Electra são acommetti-

dos pelo remorso. Mas a intervenção dos dioscuros tranquilliza-os muito a proposito, e Electra casa com Pylades.

O desenvolvimento da peça é com frequencia pouco verosimil, e o dialogo descamba por vezes no comico, até na parodia, como na scena em que o poeta moteja da maneira mais ou menos feliz como Eschylo, nas suas *Cœphoras*, preparou o reconhecimento de Orestes e da irman. No dizer de Plutarco, após a tomada de Athenas por Lysandro, n'um banquete onde se reuniram os generaes vencedores, cantou-se um côro d'esta peça. A belleza dos versos impressionou de tal modo os convivas que renunciaram a destruir Athenas.

Iphigenia em Taurida é outra tragedia de Eurípides. Não se lhe póde bem precisar a data. A peça toma por thema a fuga de Iphigenia com Orestes. As principaes personagens são Iphigenia, Orestes, Pylades e o rei Thoas. A acção decorre em Taurida. Iphigenia, sacerdotisa do culto sanguinario de Artemis Tauropolos, deve immolar-lhe todo e qualquer forasteiro surprehendido n'essa terra. Orestes e Pylades aportam á Taurida, onde vão buscar o idolo de Artemis. Os forasteiros são conduzidos á presença da sacerdotisa. Depois de diversas peripecias, o irmão e a irman reconhecem-se. Iphigenia illude a vigilancia de Thoas; foge com Orestes e Pylades, que roubam o idolo. Como *Iphigenia em Aulis*, esta peça é principalmente interessante pela naturalidade e verdade dos sentimentos.

O RAPTO DE HELENA
(Quadro de Guido)

Eurípides fez representar a sua tragedia *Helena* em 412. Os acontecimentos deslisam em Pharos, ilha visinha á costa do Egypto. Eurípides aproveita-se d'uma lenda, já popularisada por Stesichore, que suppõe que Helena não foi realmente raptada por Pâris. Ao passo que este conduzia a Troia uma especie de manequim preparado de modo a fingir a rainha, a verdadeira Helena era transportada por Hermes ao Egypto e vivia na côrte de Protheu, rei de Pharos. No momento em que começa a peça, Protheu acaba de morrer. Seu filho e successor, Theoclymene, quer desposar Helena, mesmo á força. A rainha refugia-se perto de um altar. N'este instante apparece Menelau, a quem os ventos impelliram para o Egypto depois da tomada de Troia. Os dois esposos reconhecem-se e resolvem fugir juntos. Reunem-se, graças a Theonœ, irman de Theoclymene, que os ajuda a ludibriar o rei, e devido á intervenção dos dioscuros. O côro é composto por captivas gregas.

Orestes foi representada em Athenas, em 408. Eurípides faz girar o thema da tragedia sobre a expiação de Orestes, perseguido pelas Erennyas depois da morte de Clytemnestra e do julgamento do parricida pelo povo de Argos defronte do palacio dos atrides. A primeira scena mostra Orestes abatido, doente, atormentado pelo remorso, mas acarinhado por Electra. Helena, que acaba de desembarcar com Menelau, procura consolar os dois; mas tem de se occultar a toda a pressa para escapar ao furor do povo. Orestes é em seguida acommettido de um ataque de delirio. No entretanto, instaura-se o processo. Tyndaro arvora-se em accusador; Menelau, que treme deante da multidão, não ousa defender o sobrinho. Pylades urde então uma conjura, que torna Orestes e Electra senhores do palacio, e que lhes entrega Hermiona como refens. Apollo intervem muito a proposito para arranjar as coisas. Apesar da belleza das primeiras scenas, a tragedia *Orestes* não é das melhores de Eurípides. Foi n'ella, comtudo, que Racine se inspirou para escrever os seus *Furores de Orestes*.

Iphigenia em Aulis, uma bella peça, repre-

sentada em 405, tem por assumpto a lenda do sacrificio de Iphigenia. As principaes personagens são: Agamemnon, Achilles, Menelau, Iphigenia e Clytemnestra. Depois de longas e dolorosas hesitações, Agamemnon resigna-se a obedecer aos deuses que só farão com que a peste cesse no exercito, se sacrificar sua filha á deusa Artemis. Manda para fóra a mulher e a filha, sob pretesto de casar Iphigenia com Achilles. No ultimo momento hesita ainda, quer enviar instrucções em contrario. Menelau oppõe-se a isso brutalmente. No entrementes chegam Clytemnestra e Iphigenia. Informam-nas da verdade. Clytemnestra procura o auxilio de Achilles, que junta as suas ameaças ás das duas mulheres. Porfim, Iphigenia resigna-se, e caminha heroicamente para a morte. Breve, porém, se sabe que Artemis salvou a joven, substituindo-a por uma corça. Esta tragedia, notavel principalmente pela verdade dos sentimentos e dos caracteres, é uma das obras primas de Eurípides.

SACRIFICIO DE IPHIGENIA
(Quadro de Tiepolo)

As *Bacchantes* representaram-se em 405. Teem por assumpto uma lenda dionysica do cyclo thebano: o castigo e a morte de Pentheu, rei de Thebas, esquartejado pelos devotos de Dionisyo, menades ou bacchantes, por se ter opposto á introducção do culto d'este deus. Este drama é dos mais curiosos, e contém bellezas de primeira ordem. O poeta intercalla ali com muita habilidade a lenda e os traços arrancados ao culto real de Dionysio ou ao orphismo. Atravessa toda a obra um grande sôpro de poesia naturalista e os côros contam-se entre os mais bellos trechos lyricos da tragedia grega.

Pouco mais existe da tragedia *Egeu* de Eurípides do que fragmentos. Baseava-se n'uma lenda que Appolodoro e Pausanias nos deu a conhecer. Medéa fôra a Attica, onde desposou Egeu, rei de Athenas, Mais tarde quiz mandar matar Theseu. Mas, vendo o seu designio descoberto, fugiu para a Asia, levando comsigo um filho que tivera de Egeu e que se chamava Medo. Não se sabe o que poderia ser a tragedia extrahida por Eurípides d'esta lenda.

Hecuba, foi representada nos primeiros annos da guerra do Peloponeso, provavelmente em 424. A acção decorre na costa de Chersoneso, na Thracia. As principaes personagens são: Hecuba, viuva de Príamo; sua filha Polyxena; Agamemnon e Ulysses; Polymnestor, rei da Thracia, e a sombra de Polydoro, filho de Hecuba. O côro compõe-se de troianas captivas. A peça não está bem architectada; apresenta um duplo assumpto. Interessa-se primeiro pela sorte de Polyxena, que os gregos vão immolar sobre o tumulo de Achilles. A segunda parte da tragedia tem por thema a vingança de Hecuba sobre o rei da Thracia, Polymnestor. A desventurada rainha sabe que seu filho Polydoro foi assassinado por Polymnestor a quem Príamo o confiara. Arma uma cilada ao rei da Thracia e arrancalhe os olhos. Apesar d'esta dualidade da acção, a peça encerra bellezas de primeira ordem. Eurípides pintou sobretudo com felicidade a dôr de Hecuba, as suas supplicas junto de Ulysses para lhe salvar a filha, e a heroica resignação de Polyxena.

A horripilante tragedia *Heraclio furioso* foi representada talvez em 420. Os acontecimentos localisam-se em Thebas, defronte do palacio de Heraclio, n'uma praça onde se ergue um altar de Zeus. As principaes personagens são: Heraclio; Amphitryão, seu pae; Megara, sua mulher; Lykos, tyranno de Thebas; Theseu, rei de Athenas. O côro compõe-se de velhos thebanos. A acção é dupla, Heraclio desce aos infernos e espalha-se o rumor da sua morte. Lykos quer mandar matar a familia do heroe; n'este momento, Heraclio reapparece e mata Lykos. Hera, porém, perturba a razão do he-

roe. N'um accesso de loucura furiosa, julgando ser a familia de Eurystheu, atravessa com as suas frechas a propria mulher e os filhos. Quando volta a si entrega-se a um violento desespero e quer suicidar-se. Amphytrião tenta socegá-lo e leva-o a Athenas para se purificar. Ha n'esta peça muito movimento, bastas coisas horrorosas e maravilhosas, mas os personagens vivem pouco. O que ha de mais interessante n'ella, é a scena do despertar de Heraclio.

As *Heraclidas* datam de 420, do tempo da alliança de Athenas com Argos. Eurípides architectou a sua tragedia sobre uma lenda, narrada mais tarde por Pausanias. As principaes personagens são: Demophon, rei de Athenas e filho de Theseu; Eurystheu, rei de Argos; Iolaos, sobrinho de Heraclio; Macaria, filha de Heraclio; Alcmena, mãe de Heraclio. O côro compõe-se de velhos athenienses. Os filhos de Heraclio, perseguidos pelo odio de Eurystheu, refugiam-se ao pé do altar de Zeus, em Marathona. Um arauto de Eurystheu quer arrancá-los d'ali. Demophon defende-os. Nasce d'ahi uma guerra, da qual os athenienses sahem vencedores, com o auxilio de Iolaos, e graças á dedicação de Macaria, que se sacrifica para obedecer a um oraculo. No decorrer do seu drama, o poeta abusa dos discursos e os caracteres são fracamente traçados.

Ion é uma tragedia que deve ter apparecido em publico nos fins do seculo v antes da nossa era. Ion, filho de Apollo e de Creusa, apenas nasceu, foi exposto n'uma gruta. Hermes transportou-o a Delphos, e confiou-o a Pythia. No entrementes, Creusa desposara Xuthos, rei de Athenas. Acompanhada de seu marido, veiu consultar Pythia. Encontra no templo Ion, votado ao serviço do deus. Maravilhada com a intelligencia do mancebo, a rainha sente-se attrahida para elle por uma benevolencia instinctiva. Mas o oraculo ordena a Xuthos que adopte Ion. Suspeitando uma traição de seu marido, Creusa torna-se ciumenta, e procura mandar matar Ion. Surprehendida em flagrante, é condemnada ao supplicio. No derradeiro momento, as faixas da creança abandonada e a intervenção de Athena determinam o reconhecimento de Ion, e, por consequencia, um desenlace feliz. O interesse da peça está na descripção poetica do templo de Delphos e da vida sacerdotal. A *Athalia* de Racine é inspirada na tragedia *Ion*.

As *Phenicias* foram representadas depois do anno 413. As principaes personagens são: Jocasta, mulher de Œdipo; Creon, rei de Thebas e irmão de Jocasta; Œdipo; os seus dois filhos, Eteocle e Polynice; sua filha, Antígona; Menœceu, filho de Creon; o adivinho Tiresias. O côro compõe-se de raparigas phenicias. Eurípides aproveitou com outros meios, o assumpto que Eschylo já tratára nos *Sete contra Thebas*. Imprimiu uma nova importancia ao papel de Jocasta, que se esforça por conciliar seus filhos. As predicções de Tiresias promettem a victoria a Thebas, se um dos filhos de Creon se sacrificar. Apesar da resistencia do pae, Menœceu dedica-se heroicamente. O publico é informado por meio de bellas narrativas da derrota dos argianos, da lucta fratricida de Eteocle e de Polynice, da morte voluntaria de Jocasta. Œdipo exilado por Creon, afasta-se com sua filha Antígona. A peça abunda em scenas formosissimas, mas falta-lhe a unidade. Houve numerosas imitações das *Phenicias*, tentadas por Stacio, Seneca, Antimaco, Alfieri, Garnier, Rotrou, Racine, Legouvé, e Ducis no seu *Abufar*. Racine, que pretendia ter seguido o plano de Eurípides na sua *Thebaida*, afastou-se, pelo contrario, muito d'elle.

O *Cyclope*, drama satirico, é a unica peça d'este genero que nos foi conservada; dá uma idéa precisa do drama satirico dos gregos. O drama, como se sabe, segundo o seu sentido etymologico, deveria consistir em pôr em scena uma acção. Comprehendia, por consequencia, a tragedia e a comedia. Na realidade, e tal como nós a concebemos, diverge d'esse principio pela mescla que se faz dos elementos de uma e outra. A antiguidade classica só conheceu o drama satirico, obra n'alguma das suas partes pathetica, jogralesca n'outras, comica pelo seu desenlace, genero misto, cuja invenção foi attribuida a Pratinas de Philionte. As suas personagens eram convencionaes: Sileno, Pan, sátiros, bacchantes, em opposição aos semideuses e aos heroes e excitando a alegria pelo contraste.

Eurípides foi buscar ao nono canto da *Odysséa* um assumpto conhecidissimo para o seu *Cyclope*. E' o episodio de Ulysses com

o cyclope Polyphemo. No prologo, Sileno narra como, com os sátiros, seus filhos, cahiu em poder de Polyphemo. Em seguida entra o côro dos sátiros. Não tardam a apparecer Ulysses e os seus companheiros que desembarcaram n'esse instante: propõem a Sileno comprar-lhe os queijos do cyclope, e dão-lhe vinho. A apparição de Polyphemo interrompe a transacção. Sileno, apanhado em flagrante, lança a culpa sobre Ulysses, que começa a relatar as suas desventuras e procura enternecer o cyclope. Este responde com injurias e impelle para a gruta o bando dos gregos. Ulysses não se demora a sahir d'ali, estupefacto, e conta como o monstro acaba de devorar dois dos seus companheiros. Prepara immediatamente a sua vingança. Aguarda a sahida do cyclope, offerece-lhe copo sobre copo, e embriaga-o. Polyphemo volta para a sua gruta para cozer a bebedeira. Ulysses segue-o; apezar da cobardia dos sátiros, que lhe tinham promettido todo o auxilio e que o abandonam no momento da acção, arranca o unico olho ao seu adversario. Polyphemo apparece, porfim, todo ensanguentado e soltando gritos de dôr. Ulysses e os sátiros injuriam-no, afastando-se sempre para embarcar.

POLYPHEMO TOCANDO FLAUTA
(Quadro de Annibal Carrache)

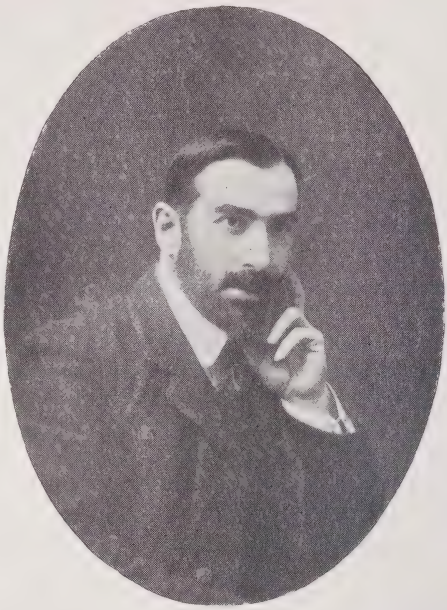
O *Cyclope* de Eurípides é, no tom e no desenvolvimento, uma comedia faceta; o enquadramento, porém, não ha duvida que é o de uma tragedia.

Ha historiadores que conglobam nas obras de Eurípides a tragedia *Rhesos*, mas parece que sem razão. Essa peça data do seculo v antes de Christo, e não é a que o eminente tragico realmente compuzera com o mesmo titulo, que se perdeu. *Rhesos* é uma peça muito curiosa, cheia de movimento, de pontos pinturescos e variados. A base d'essa tragedia é a seguinte. Rhesos, rei da Thracia, vae em soccorro de Troia no ultimo anno do cêrco. Era filho do rio Strymon, e o oraculo declara que, se os cavallos beberem da agua do Xantho, Ilion será salvo. Mas Dolon trahe os troianos. Ulysses e Diomedes conseguem surprehender Rhesos no meio da noite, matam-no e levam os seus cavallos para o acampamento dos gregos.

Um dos mythos mais aproveitados pelos tragicos gregos foi o de Cyanippo. Era sacerdote e principe de Syracusa, e, na voz da lenda, tendo zombado das festas de Dionysio, festas que foram uma das principaes origens do theatro, soffreu a punição d'esse sacrilegio, embriagando-se tão desvairadamente, que exerceu as ultimas sevicias em sua filha Cyane. A este monstruoso attentado sobreveio uma epidemia de peste que devastou a cidade. O oraculo declarou que a calamidade só terminaria quando o criminoso fôsse immolado. Cyane arrasta então o pae até o altar, mata-o e dá a morte a si mesma sobre o corpo dilacerado e palpitante de quem a infamára.

Eurípides, como Sophocles, tornou o seu nome immortal. Nenhum poeta tragico moderno conseguiu fazer ascender o seu genio mais alto.

Compilado por EDUARDO DE NORONHA.



Ondas marconicas

I

Gostava de discernir
Porque estranha bizarria
Mesmo sem ser a dormir
Sonho comtigo de dia!

II

Não confio no que vejo,
Se é producto de sonnar,
Porque augmento o meu desejo
Ou excedo o meu pensar!

III

Prefiro ter a certeza
Do que é real, do que é vivo;
Em sonhos não ha firmeza
E eu sou muito positivo!

IV

Quero sonhar acordado
(A dormir posso illudir-me)
Que o teu olhar perturbado
Um dia se torne firme!

V

P'ra me dizer o motivo
Por que, havendo liberdade,
Eu não passe de um captivo
Do teu c pricho e vontade!

VI

A impressão, que me dás,
Só tu deves percebel-a;
Qualquer, de longe, é capaz
De namorar uma estrella!

VII

Até, de longe, consigo
(E nisso é que eu desespéro)
Trazer-te sempre comigo
Ainda quando o não quero...

VIII

Que faria se a sonhar
Exagerasse o que sinto!
Teria que acrescentar
Um sentido a mais do quinto!

IX

Basta que eu saiba de cór
Os encantos que te ponho,
Que não andava melhor
Trazendo-os dentro do sonho...

X

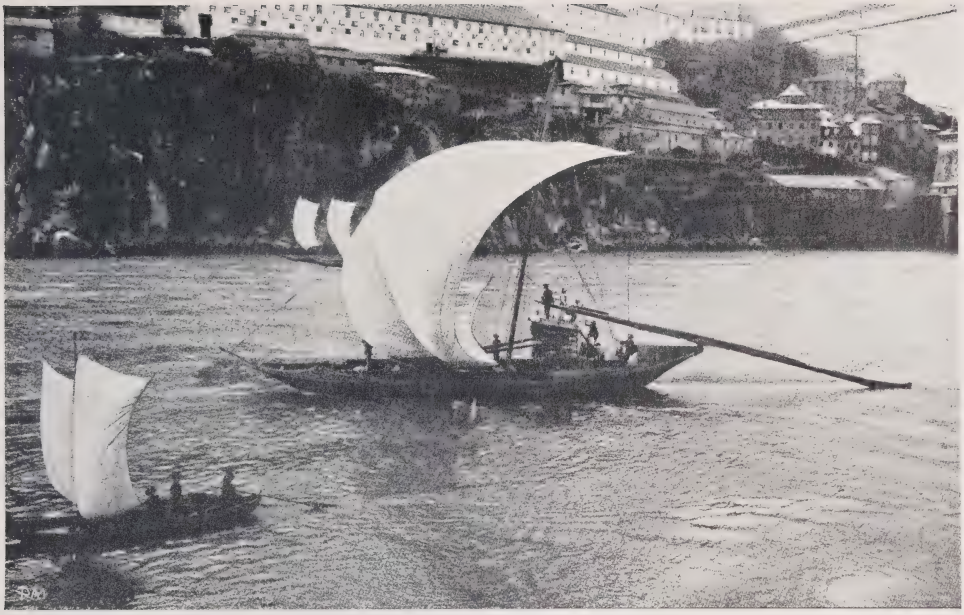
E basta ter conseguido
Occultar de toda a gente
Como andas no meu sentido
Num enleio permanente!

XI

Vendo o meu olhar tranquillo,
Ninguem pensará, decerto,
Que, de longe, eu diga aquillo
Que se diz muito de perto!...

Outubro, 909.

AFFONSO GAYO.



BARCO RABELLO, UTILISADO NA CONDUCÇÃO DO VINHO DO DOURO

O VINHO DO PORTO

III

Uma phrase tomada á letra! — Negocio rendoso. — A «alagem» dos barcos no rio Douro. — Antigas «unhas aduncas». — A cultura da vinha desde a «escava» até á vindima. — A Companhia velha e as Companhias novas. — O vinho a arder. — Vinhos velhos e mercados novos. — Na quinta do Vesuvio: um banquete memoravel.

Não devemos, antes de passar a outro assumpto, deixar de referir um facto interessante e picaresco, que se deu no Douro, entre 1810 e 1811, depois que appareceu o edital da Companhia impondo aos lavradores a pena de 25$000 réis de multa por cada pipa de vinho com que faltassem para a conta declarada no bilhete de approvação dos seus vinhos, não se lhe abonando tambem o vinho carregado, qualquer que fôsse a sua quantidade. Assim, um lavrador que tivesse arrolado 20 pipas, faltando com uma á carregação, não se lhe abonava o bilhete e tinha de pagar 25$000 réis. Sendo certo que o vinho diminue continuamente pela evaporação, e que os toneis vão diminuindo de capacidade á medida que vão sendo rebatidos de anno para anno, impunha-se uma pena demasiado rigorosa para uma falta que nem imaginario crime chegava a ser. Uma commissão de lavradores dirigiu-se ao deputado inspector das compras da Companhia, que se achava na Regua, a expôr-lhe as suas reclamações contra a pena do edital, attendendo, como era de justiça, á evaporação do vinho, que devia ser levada em linha de conta. O funccionario em questão, ouvido o que os lavradores disseram, respondeu-lhes

com uma certa severidade: «Eu não posso derrogar as leis. Se entendem que isso é assim como expõem, o que teem a fazer é recorrer ao Rio» (porque era no Rio de Janeiro que então se achava a côrte). Os lavradores tomaram a palavra *rio* na accepção de rio Douro, entenderam que o deputado os aconselhava a accrescentar os toneis com agua, entre-olharam-se, e um, mais ousado, ainda disse: «E' então isso o que V. Ex.ª nos aconselha?» E o deputado retorquiu-lhes: «Pois claro. Não teem outra coisa a fazer».

O auctor, que narra este interessante facto, acha que, com effeito, elles *recorreram ao rio*, e, por extensão, tambem *levaram recurso* até ás fontes da villa!

VINDIMAS NO DOURO
Mulheres escolhendo as uvas em plena vinha

*

N'aquelles tempos o negocio do vinho era tão rendoso que dava para tudo o que fica narrado e para muito mais. Como em tudo, e em todos os tempos, havia *filhos* e havia *enteados;* para gosarem aquelles padeciam estes, embora o negocio até estes mesmos padecimentos compensasse!... Daria volumes a historia de quanto se praticou no Douro, n'essas épocas remotas, historia que temos aqui, esparsa, deante de nós, em dezenas e dezenas de documentos...

Era quem mais podia apanhar! Até havia quem não podendo *apanhar* na Regua, ou não lhe chegando o que lá *apanhava*, ainda vinha... *pescar* ao caminho! Dava-se isto com a chamada *alagem* dos barcos que teem de subir o Douro. Em certos pontos onde a corrente é muito forte, os barcos não a podem vencer sem o auxilio de varias juntas de bois, por terra; e a esse auxilio se chama *alar o barco*. A esses pontos difficeis de navegar chamam-se *galeiras*. Havia uma, a certa altura do rio, que em dadas occasiões podia vencer-se com o auxilio do vento, mas como os bois, que ahi faziam o serviço de *alagem*, tinham de ser empregados n'esse serviço, para deixarem rendimento ao dono das juntas, este obrigava os barqueiros a aproveitar a *alagem* ainda que o vento lhes permittisse dispensal-a. Os bois pertenciam a um frade, Bernardo de nome, o qual, de espingarda em punho, guardava a passagem; e sempre que via vir um barco com vento fresco, véla enfunada, e com disposição de passar a *galeira* sem precisar dos bois, gritava-lhe da margem: *Amaina! amaina, se não levas um tiro!* E o arraes lá tinha que mandar o cabo para terra, e de se esportular com o preço da *alagem*, que sem o receio do tiro houvera dispensado!

Nas occasiões de vindimas, de provas de vinho, etc., davam-se na Regua, principalmente, festins verdadeiramente pantagruelicos, e que ficaram famosos na tradição local, não só pelo seu fausto, como pelas *unhas aduncas* que patentearam á admiração das gentes. Para se fazer uma ligeira

ideia do que seriam esses tradicionaes banquetes em honra dos empregados da Companhia, basta referir que «no ról de um d'elles figuraram 4 arrobas de canella para polvilhar os doces servidos á sobremeza!»...

Quasi chegava para polvilhar todo o Douro!

*

Não consta da historia por quem e quando foi introduzida no Douro a cultura da vinha, como se não sabe, egualmente, se os processos e regras d'essa cultura foram creados ali pelos proprios cultivadores, ou imitados dos de outras regiões. Certo é, e não somos nós os primeiros a referil-o, que em taes processos ha coisas muito originaes, que não se encontram nas restantes regiões vinicolas do nosso paiz, ou sejam devidas á differença da natureza do terreno, á qual já alludimos, ou seja porque fossem transmittidas e conservadas religiosamente de geração em geração. Os *socalcos* ou degraus em que a cultura da vinha é feita no Douro, tambem se chamam *calços* ou *geios*. Para os fazer abrem-se *valleiras* nas encostas, para a construcção dos muros de supporte, variando a profundidade e a largura das *valleiras*, segundo a inclinação dos terrenos. A plantação das *cêpas* faz-se em linha, com regulares intervallos de um a outro bacêllo, havendo *calços* em que podem fructificar varias linhas de *cêpas*, desde que haja para isso a largura sufficiente.

Grangeio se chama a cultura, que se sub-divide nas operações de *escava, póda, empa* (ou *erguida*), *rédra* (ou *cavarasa*), o enxoframento (e a irrigação com sulfato em varios pontos), a *cáta* (para exterminar os insectos) e a *defolha*, concluindo pela *vindima*. Esta ultima operação é quasi exclusivamente feita por mulheres, que cortam os *cachos*, escolhem e separam os *bagos* seccos, ou deteriorados por qualquer motivo e que não devem ir para o lagar. Deitam os cachos limpos para umas cêstas de mão, e estas são depois despejadas, quasi sempre por mãos de rapazes, para os cêstos de vime, chamados *gigos* ou *cêstos vindimos*. Estes são então transportados ás costas dos homens para o lagar, se este é perto, ou para os carros tirados a bois, se o lagar fica distante.

Sempre que seja possivel, o lagar deve ficar cheio em um só dia. Um ou mais trabalhadores, com enxadas proprias, espalham as uvas á medida que outros as vão lançando dos *gigos* para o lagar. Uma vez cheio este, entram para elle tantos homens quantos os que comporta a sua capacidade. Esses homens lançam os braços uns sobre os outros e assim começam o trabalho da *pisagem*, levantando alternadamente os pés, e gritando á uma, á voz do capataz — *direito! esquerdo! direito! esquerdo!* incitando-se mutuamente, sem descançar n'esse trabalho, que tambem se chama *sovar o vinho*.

Quando se verifica que o vinho está *feito* faz-se correr para os toneis; sendo então submettido á prensa o *cango*, ou *engaço*, que fica no lagar, para produzir todo o possivel resto de liquido.

Com ligeiras discrepancias ou alterações, que um ou outro viticultor vae adoptando, o fabrico do famoso vinho do Douro, que é, afinal, o vinho do Porto, é feito como a largos traços deixamos apontado. O tempo e o trabalho da vindima no Douro, são tudo quanto ha de mais pittoresco e interessante. A animação é então invulgar, e aquella região assume um aspecto muito diverso do que apresenta em todo o resto do anno.

*

Voltando a alludir á primitiva Companhia dos Vinhos, diremos que a sua séde, no Porto, quando se instituiu, foi na rua Chã, em um predio pertencente a Manoel de Figueiroa Pinto, que veiu a ser propriedade da familia Alvares Ribeiro.

Alguns annos mais tarde a Companhia mudou a sua séde para o palacete da rua das Flores, representado na gravura que publicamos acompanhando o nosso primeiro artigo. E ahi se conserva ainda hoje. Ao principio pagou renda, e depois comprou-o.

No anno de 1773 fez edificar na Regua, junto ao rio, armazens lotados em 1:200 pipas; e em 1782 mandou construir, no Pinhão, outros armazens com a lotação de 100 pipas, e tambem outros, no Tua, para 500 pipas. Em 1790 fundou uma fabrica de tanoaria e arcos de ferro, em Crestuma, que teve curta existencia, por não dar resultados apreciaveis. Em 1800 fez construir o armazem do Vimieiro, lotado para 600 pipas. Em 1807 adquiriu por compra varias moradas de ca-

sas, sobre os arcos de Miragaya, no Porto, que mandou reformar constituindo os grandes armazens e deposito principal, que ainda lá existem, e onde pódem caber, em caso de necessidade, 6:000 pipas de vinho; e adquiriu outros armazens do lado de Gaya, para 1:300 pipas. Além d'estes, possue já hoje muitos outros em diversos pontos do Porto, Gaya e Douro.

Para a distilação da agua-ardente de seu

ARMAZEM PRINCIPAL DA COMPANHIA GERAL DE AGRICULTURA DAS VINHAS DO ALTO DOURO, NA RUA DOS ARCOS, EM MIRAGAYA (PORTO)

exclusivo, chegou a possuir mais de 80 fabricas, em differentes localidades das provincias; muitas d'essas fabricas funccionavam em edificios propositadamente construidos para o effeito.

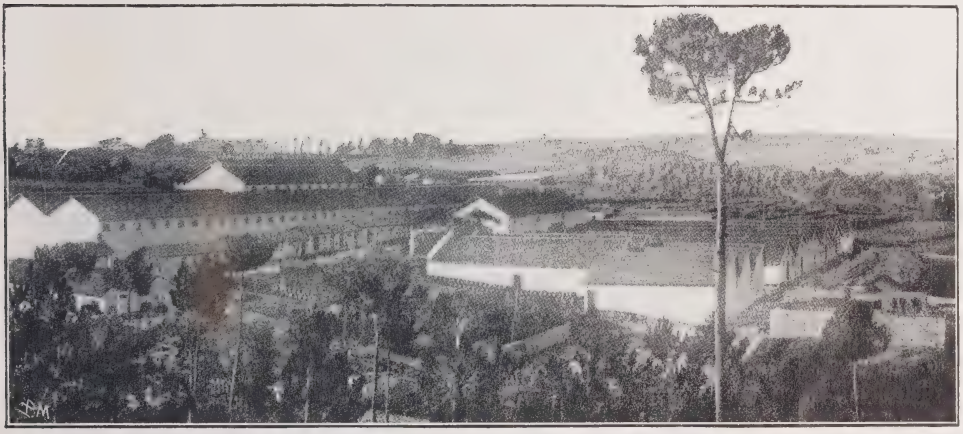
A prosperidade da Companhia foi tal, que por vezes adeantou grossos cabedaes ao governo e custeou melhoramentos de grande importancia para a cidade, para o Douro e para o paiz, como sejam, entre outros, diversas obras na barra do Porto; todo o caes marginal até á Foz; a estrada do Porto á Regua; a quebra dos rochedos de S. João da Pesqueira, que difficultavam enormemente a navegação fluvial, etc.

O privilegio do exclusivo da agua-ardente foi abolido nas Côrtes Constituintes, em 1821, pelo decreto de 22 de maio, mas voltou a ser-lhe restituido, em parte, pelo decreto de 11 de maio do anno seguinte, que abolia a demarcação dos vinhos chamados de Feitoria e o exclusivo da venda para o Brazil, e obrigava a Companhia a comprar todo o vinho que sobejasse por vender na feira da Regua, e lhe fosse offerecido pelo lavrador até ao fim de março, pelo preço taxado no Alvará de 21 de setembro de 1802 (20$000 réis a pipa).

Em 1828, a restauração do regimen absoluto restaurou tambem a Companhia nos seus antigos privilegios, excepto no das tavernas do Porto e no da venda para o Brazil, que a ella propria já não fazia grande conta.

No tempo do Cerco a prosperidade tornou-se, por assim dizer, em decadencia, se-

não em ruina, com os males da guerra, e sobretudo com o selvatico e inconcebivel incendio dos seus vastos armazens de Villa Nova de Gaya, propositadamente lançado pelas tropas miguelistas, na noite de 16 de agosto de 1833. Eram 19 esses armazens, onde havia milhares de pipas de preciosos vinhos. Arderam por completo, correndo o liquido em chammas até ao rio, e ainda pelo rio abaixo! Queimaram-se, aproximadamente, 12 mil pipas, causando esta inqualificavel barbaridade prejuizos superiores a 2:000 contos de réis. Ainda nos foi dado ouvir a varias pessoas do Porto, quanto tivéra de horroroso o espectaculo de Villa Nova de Gaya a arder, durante toda essa noite historica, que assignala uma das maiores selvagerias d'esses tempos ominosos.



REAL COMPANHIA VINICOLA DO NORTE
Vista geral dos armazens, em Villa Nova de Gaya

*

Tendo sido fundada por 20 annos, mas tendo obtido successivas prorogações de eguaes periodos, a ultima das quaes devia terminar em 1836, não a concluiu, porque a 30 de maio de 1834 a dictadura de D. Pedro IV declarou-a extincta. A esse tempo o seu passivo era de 1:700 contos de réis. Graças aos esforços empregados por varias pessoas de valimento, não se extinguiu de todo, passando porém, por uma transformação, para a qual muito contribuiu José Ferreira Borges, que tendo sido nomeado magistrado superior do commercio, e incumbido da installação dos respectivos tribunaes, chegou ao Porto a tempo de obstar ao descalabro da companhia, da qual, aliás, o governo era o maior devedor. Ferreira Borges insinuou a formação de nova companhia «com o casco da que fôra declarada extincta», auxiliou a elaboração dos novos estatutos, e empregou as diligencias possiveis para que nenhum accionista ficasse arruinado perdendo os capitaes ali depositados. No entanto, desde essa época, só em 1861 pôde voltar a ser pago dividendo ás acções; d'ahi para cá a prosperidade da companhia recomeçou, sem attingir, todavia, o explendor dos antigos tempos, em que chegou a ser um Estado no Estado.

*

Fallemos agora das modernas companhias vinicolas, para terminar este já longo estudo.

Sob a influencia da Liga dos Lavradores do Douro, fundou-se no Porto, a 15 de março de 1889, com o capital de 1:000 contos de réis, a Real Companhia Vinicola do Norte de Portugal, que foi confirmada por decreto de 30 do mesmo mez e anno; não sem ser tambem, como succedera á Companhia velha, muito guerreada e combatida no seu inicio, mas que hoje se encontra em relativo grau de prosperidade. Destinando-se a comprar vinhos nacionaes, e a vendel-os tanto no

paiz como no extrangeiro, além dos vinhos de pasto, verdes e maduros, prepara vinhos generosos, e um typo especial de vinhos espumantes, estylo Champagne, que está tendo larga e remuneradora extracção. Os seus principaes mercados de consumo são o Brazil, as colonias portuguezas de Africa (as orientaes em especial), exportando consideraveis carregamentos para Allemanha, Inglaterra, França, Belgica, Hollanda, Dinamarca, Suecia, Noruega, Russia, etc. Tambem, em menor escala, tem exportação para a Hespanha, Suissa, Italia, colonias inglezas de Africa, Japão, etc. Tem vastos armazens no logar de Gervide, em Villa Nova de Gaya; tendo adquirido tambem, especialmente para armazenar os vinhos espumantes, n'aquella mesma villa, um grande tunnel abandonado, do primitivo traçado da linha ferrea de Lisboa ao Porto, a pouca distancia da Serra do Pilar. Esse tunnel, transformado em um vasto armazem abobadado, presta-se admiravelmente ao fim para que foi adquirido.

DESCARGA DAS PIPAS EM VILLA NOVA DE GAYA

Posteriormente fundaram-se no Porto duas outras companhias exploradoras do commercio de vinhos — a Companhia Vinicola Portugueza, e a Companhia Agricola e Commercial dos Vinhos do Porto, aquella como continuação da casa Clemente Meneres & Filhos, e esta como continuação da velha casa da Ferreirinha, da Regua.

A Companhia Vinicola Portugueza organisou-se por escriptura publica de 3 de abril de 1903, nos termos do decreto de 14 de janeiro do mesmo anno, tendo como a principal das suas obrigações promover o alargamento da exportação dos vinhos do Porto, por meio de caixeiros viajantes percorrendo os principaes paizes. O quadro d'esses caixeiros é já hoje de 14, que teem visitado os mercados externos, fazendo a mais larga e proveitosa propaganda em todas as partes do mundo, onde até ha pouco não chegava o vinho do Porto, como sejam o Chile, a Bolivia, o Peru, o Mexico, Ceylão, Java, Hongkong, China, Japão, Honololu, Estados Unidos da America, Canadá, etc.

A Companhia Agricola e Commercial dos Vinhos do Porto, mantém as tradições, as marcas e os typos dos afamados vinhos da casa de D. Antonia Adelaide Ferreira. Tendo esta deixado numerosos herdeiros, concertaram-se todos, e ponderaram que o melhor meio de não desmanchar a importantissima casa da sua ascendente, seria constituirem uma companhia, entrando cada herdeiro, para ella, com a parte que da herança lhe competisse, perpetuando d'este modo não só a fama da casa herdada como a memoria da que fôra zelosa, intelligente e devotada administradora d'essa casa, e tão importantes capitaes e propriedades soubera reunir. Assim nasceu a Companhia a que nos estamos referindo, que é uma das primeiras do paiz. Especialmente em vinhos velhos, as garrafeiras da casa Ferreirinha continham verdadeiras preciosidades, respeitabilissimas pelas suas *venerandas cans*. Todo esse nectar é hoje pertença da Companhia Agricola e Commercial dos Vinhos do Porto.

Entre as famosas quintas durienses, que são tambem pertença d'esta companhia, occupa o primeiro logar, pela sua extensão e belleza, a chamada quinta do Vesuvio, onde foram fidalgamente recebidos, e obsequiados como principes, os jornalistas extrangeiros, que em 1898 vieram a Portugal assistir ao Congresso da Imprensa realisado em Lisboa,

e que ao Douro fizeram uma excursão. Na casa dos lagares d'essa quinta foi servido o banquete mais memoravel de quantos por essa occasião se realisaram em Portugal.

Tem essa quinta uma superficie cultivada superior a 300 hectares, a sua extensão é de 3:000 metros e a sua largura maxima de 5:200.

As outras quintas, que constituem o capital agricola da companhia, são a dos Arcyprestes, a da Coelheira, a da Courella, a das Nogueiras, a do Porto, a de Rodó, a da Santinha e a de Vallada.

Chegados ao fim d'este estudo, só nos resta, muito sincera e sentidamente, lamentar que não pudesse a nossa descolorida prosa dar a conhecer aos leitores tudo quanto ha de encantador, de typico e de inolvidavel n'essa pittoresca região, cuja «rudeza desagrega e se funde para se nos dar n'esse licor delicioso que é a sua alma», como ali se disse ha annos, no banquete aos congressistas da Imprensa, pela bocca do gentil amphitrião, que foi o saudoso Antonio Bernardo Ferreira, filho da proprietaria, a esse tempo ainda viva.

ALBERTO BESSA.

AI DE MIM!

(Poesia de Curros Enriquez)

Eu achava-me fóra. Elle caíu de cama
Co'a variola, o rosto esbelto a ennegrecer.
Cheia de susto, a mãe enviou-me um telegramma,
E eu vim logo a correr.

Entrei. De meu andar elle, sentindo o ruído,
Volveu para o meu lado os olhos — coitadinho! —
Mas não me pôde ver, e chorou. Ai! perdido,
Já de todo ceguinho!

Que tempo estive alli, a alma feita em pedaços,
Chorando sobre o berço a minha grande dôr?
Não sei. Lembro-me só de o vêr morto em meus braços,
Meu queridinho amor!

Ó linda borboleta d'azas d'oiro,
Sobre o berço adejando, ora vazio,
Se vens para saber do meu thesoiro,
Sabe este horror: — Perdí-o!

BERNARDO LUCAS.

Mark Twain

Impressões de viagem — A rainha do Oriente

(CONTINUAÇÃO)

LANCHE turco, não quero mais. O aparelho culinario achava-se estabelecido no cubiculo dos banhos, ao pé do Bazar, aberto de par em par sobre a rua. O cozinheiro, desmazelado, e a mêsa no mesmo gosto e sem toalha.

O sujeito ajuntou uma porção de salsicharia, espetou-a num arame e pô-la nas brasas, a assar. Quando a achou em termos, arredou-a para o lado; entrou por ali dentro um cão e ferrou-lhe o dente. Cheirou-a, primeiro, e pelos modos, reconheceu os restos de um collega. O cozinheiro arrancou-lha da bôca e apresentou-a deante de nós. O Jack disse — «passo» — elle, uma vez por outra joga o *euchre*, e nós, fômos todos «passando», successivamente. O cozinheiro, então, pôs a assar uma torta, larga e chata, de farinha de trigo, bezuntou-a muito bem com chouriço, e avançou para nós, trazendo-a. Caíu na lama, apanhou-a, lustrou-a nos calções, e apresentou-a na mêsa. O Jack declarou «passo» e todos nós passámos. Deitou meia duzia de ovos numa fregedeira, e, meditabundo, pôs-se a espalitar dos dentes, com um garfo, fatias de carne. Depois serviu-se do garfo para virar os ovos — e apresentou-no-los. O Jack declarou outra vez «passo». Seguimos todos o exemplo. Não sabiamos como entreter o tempo, e portanto, encommendámos outra ração de chouriço. O cozinheiro sacou do arame, applicou-lhe uma arrazoada porção de salsicharia, cuspiu nas mãos e pôs-se á obra. Desta vez, de commum accordo, passámos todos. Pagámos e abalámos. E eis quanto fiquei sabendo ácerca de lanches turcos. Um lanche turco é obra aceáda, não ha duvida, mas tem seus contras.

* * *

Quando me lembra a que ponto tenho sido engazupado por livros de viagens no Oriente, apetece-me um excursionista para o almoço. Levei annos e annos a sonhar com as maravilhas de um banho turco; levei annos e annos a prometer a mim mesmo que ainda o havia de saborear. Vezes e vezes, sem conta, tenho jazido em um banho de marmore, a respirar a fragrancia soporifera das especiarias orientaes a saturar o ambiente; passando, em seguida, através de um sistêma fantastico e complexo de repelões e de içadélas, de enxugos e de fricções, ás mãos de um bando de selvagens nús, a transparecerem, vagos, ingentes, por entre as neblinas de vapôr, quaes demonios: — depois, posto a descansar por momentos num divân digno de um monarcha; depois, passado por outros tramites, complicados, cada um delles mais tremendo que o anterior; e finalmente, embrulhado em macios estofos, transportado para um salão principesco e deitado sobre um leito de edredão, e uns eunucos, com sumptuosos atavios e ricas ventarolas, a abanarem-me, emquanto eu dormitava, a sonhar, ou alegre e satisfeito contemplava as ricas colgaduras do aposento, as fôfas alcatifas, a sumptuosa mobilia, os quadros, a saborear um café delicioso, a fumar o sedativo narguilé, e imerso, finalmente, em tranquilidade e repouso,

embalado pelos arômas sensuaes de invisiveis caçoletes, pela meiga influencia do tabaco persa, ardendo no narguilê, e pela toada das fontes a arremedarem o rumorejar das chuvas de verão.

Era um quadro tal como eu o reconstruíra com reminiscencias dos incendiarios livros de viagens. Uma sordida, miseranda impostura. A realidade e a pintura parecem-se tanto como Saint-Giles e os jardins do Eden. Receberam-me num immenso pateo, empedrado de lages de marmore; em volta corriam espaçosas galerias, uma por cima da outra, alcatifadas com umas esqualidas esteiras. Era vedado por balaustradas por pintar, e mobilado com umas cadeiras grandes, desconjuntadas, umas enxergas velhas e em pessimo estado, amassadas pela moldagem das formas de nove gerações successivas de homens, que nellas haviam repousado. Era espaçoso o recinto, nu, tristonho; o pateo, uma estrebaria, as galerias, manjedoiras para caválos humanos. Os lacaios, cadavericos e semi-nus, que serviam no estabelecimento, não apresentavam o minimo vislumbre de poesia em seu aspecto, nem sombras de romance, nem resquicios, sequer, de esplendor oriental. Não emanavam aromas suaves — antes pelo contrario. O seu olhar famulento e formas escanzeladas sugeriam-me com insistencia um facto evidente, nada sentimental — estavam morrendo por aquillo a que, lá na California, chamam uma fartadéla.

Dirigi-me para um dos esquuleos e despi-me. Um esqualido cara-de-fome enrolou-me nos quadrís uma toalha de mêsa, pintalgada, lançou-me aos hombros um farrapo branco. Tivesse eu ali á mão uma cêlha, e é natural que me occorresse tomar um banho de limpeza. Depois, fui transferido, escada abaixo, para o pateo encharcado e escorregadio, e a primeira coisa que me atrahiu a atenção foram os meus calcanhares. Não excitou comentarios a minha queda. Já o esperavam, pelos modos. Pertencia á lista das influencias emolientes, calmantes, peculiares a este repositorio de luxo oriental. Era calmante, a valer, com certeza; a sua applicação, contudo, é que não era feliz. Distribuiram-me então um par de galochas, — bancos em miniatura, com umas correias para entalar os pés (e havê-lo-iam effectuado, mas eu calço n.º 13, e pico). Os ditos objectos abanavam de modo incommodo nas correias, assim que eu erguia um pé, e despenhavam-se em sitios insolitos e inesperados, assim que os assentava no chão, quando não se viravam para o lado, desconjuntando-me os tornozelos. Não obstante, era tudo luxo oriental, e fiz quanto pude para o gozar. Carregaram commigo para outra parte do estabulo e deitaram-me em cima de uma enxerga tisica, ou coisa que o valha, que não era feita de téla de oiro, ou de chales persas, mas unicamente aquella especie de alfaia que me lembro de ter visto nos bairros de pretos, em Arkansas. Não havia coisa nenhuma nesta lobrega e marmorea prisão, além de mais quatro daquelles esquifes. Era um recinto solemne a mais não poder ser. E eu esperançado em que os especiosos aromas da Arabia iriam agora surprender os meus sentidos, mas tal não succedeu. Um esqueleto côr de cobre, com um trapo á roda da cintura, apresentou-me uma garrafa de agua, com um cachimbo acêso no topo, um pipo flexivel — com um metro de comprido e uma boquilha de latão na extremidade.

Era o famoso narguilê do Oriente! — Aquella coisa que o Gran-Turco fuma, nas estampas. Principiava a ter seus visos de luxo.—Tomei a minha fumaça e foi o sufficiente; o fumo desceu-me em grande volume para o estomago, para o bofe, para os extremos confins de meu ser. Explodi uma potentissima tosse, e foi como se se destapasse o Vesuvio! Durante cinco minutos fumeguei por quanto poro tinha no corpo, que nem uma casa de ripado com o fogo ateádo lá dentro. E ninguem me torne a falar em narguilês. O fumo tinha um sabor vil, e o sabor de um milheiro de linguas de infieis que tinha ficado naquelle bocal mais vil era ainda. Principiei a desanimar. Dóravante, sempre que eu vir o Gran-Turco, de perna traçada, a fumar no seu narguilê, em pretensa bem-aventurança, na capa de um pacote de tabaco do Connecticut, fico sabendo que é o mais descarado intrujão á face da Terra!

Aquella prisão estava atulhada de ar quente. Quando me achei sufficientemente aquécido para me preparar para uma temperatura ainda mais quente, levaram-me em charola para onde a havia — para um recinto marmoreo, encharcado, escorregadio,

todo elle vapôres, e deitaram-me numa plataforma, elevada, ao centro.

Fazia immenso calor. Acto continuo, o meu homenzinho sentou-me ao pé de um tanque de agua quente, enxugou-me muito bem, enluvou a mão com um mitene muito aspero e começou a brunir-me da cabeça aos pés com o sobredito. Principiei a cheirar desagradavelmente. Quanto mais elle me ia brunindo, mais mal eu ia cheirando. Era de assustar! E disse-lhe eu:

«Percebo que vou estando muito em baixo. E' evidente que devia de ser enterrado sem demora desnecessaria. Não seria mau, talvez, o senhor intender-se desde já com os meus amigos; o tempo está tão quente, que não poderei aguental-o mais».

Continuou a esfregar-me, e não fez caso. Não tardei em perceber que me estava reduzindo as dimensões. Imprimia immensa força ao mitene, e debaixo iam-se enrolando uns cylindrozinhos, taes quaes macarrão. Não podia ser sujidade, eram tão brancos! E assim me esteve a pellar por muito tempo.

Até que em fim, disse-lhe:

«E' um processo enfadonho. Para me reduzir ao tamanho a que me quer reduzir, levará ainda umas horas; esperarei: veja se alguem lhe empresta uma plaina.»

Não fez caso nenhum.

Dali a pedaço, trouxe uma bacia, um pedaço de sabão, e uma coisa qualquer que me pareceu ser um rabo de caválo. Desfez prodigiosa quantidade de escuma de sabão, diluviou-me com ella dos pés á cabeça, sem me avisar a que fechasse os olhos, e depois, esfregou-me acintosamente com o rabo de caválo.

Depois, para ali me deixou, a propria estatua de espuma, e pisgou-se. Quando me fartei de estar á espera fui ver se o desencantava. Vim dar com elle encostado á parede, noutro estabulo, a dormir. Acordei-o. Não se atrapalhou. Carregou commigo outra vez e inundou-me com agua quente, depois entrunfou-me a cabeça, friccionou-me com umas toalhas de mêsa enxutas, levou-me para uma capoeira de galinhas em cima das galerias, e apontou-me para uma das taes camas de Arkansas. Subi para ella, voltando a esperar vagamente os perfumes da Arabia.

Não appareceram.

A capoeira, em osso, despida de adornos nada apresentava daquella voluptuosidade oriental ácerca da qual uma pessôa lê tanta coisa. Era mais sugestiva de um hospital rural do que de outra coisa qualquer. O servente pelle e osso foi buscar uma narguilê, e eu persuadi-o a levá-lo outra vez, sem desperdiçar tempo com elle.

Depois, trouxe-me o café turco de fama universal a que os poetas tem cantado com taes arrebatamentos, por muitas gerações, e eu agarrei-me a elle como á derradeira esperança que me restava dos meus sonhos de luxo oriental. Era outra fraude.

De quanta tiborna heretica jámais transpôs meus labios, o café turco é a peor. E' pequena a chavena, suja de borra; o café é negro, grosso, com um cheiro nada grato, e um gosto execrando. O fundo da chavena apresenta um sedimento de meia polegada. Toma a garganta, vae por ali abaixo, deixando porções pelo caminho, e produz uma comichão tão arreliante, que uma pessoa fica para ali a ladrar, e a tossir, pelo espaço de uma hora.

Finaliza aqui a minha experiencia do banho turco, e finaliza tambem o meu sonho da bem-aventurança que disfruta o mortal que passa por elle. E' uma burla maligna. O homem que o saborear fica qualificado para saborear seja o que fôr de repulsivo á vista e aos sentidos, e todo aquelle que o possa revestir com o encanto da poesia fica habilitado a fazer outro tanto com tudo quanto ha neste mundo, que seja enfadonho, miserando, triste e porco.

(A seguir: *Cannibalismo num comboio.*)

Versão de MANUEL DE MACEDO.

VISTA GERAL DE MONTEVIDEU

A Republica do Uruguay

Uma entrevista

As dilligencias realisadas nos ultimos tempos para o maior estreitamento das relações commerciaes de Portugal com algumas das republicas sul-americanas, solicitaram naturalmente as attenções d'aquelles que, alheados do estreito facciosismo partidario, — ao que parece dilecta preoccupação da maioria dos chamados homens publicos do nosso paiz, — entendem que o progresso material da nação, só pode resultar do rapido desenvolvimento das suas colonias e d'uma intelligente e activa propaganda dos seus productos. Pelo que respeita a essa obra de vulgarisação, temos a registar como patriotica iniciativa digna de todo o elogio, a recente abertura em Montevideu d'uma interessante exposição de productos genuinamente portuguezes, a qual se deve ao perseverante esforço do consul geral no Uruguay, o sr. Borges de Castro.

DR. CLAUDIO WILLIMAN
Presidente da Republica do Uruguay

Não conhecemos, nem de vista, aquelle funccionario; pessoa alguma nos encommendou este *sermão* elogiativo. O nosso applauso é determinado apenas pela antiga convicção que nos domina, da necessidade instante de se *politicar* menos e de se trabalhar mais em prol da nossa expansibilidade commercial no estrangeiro, muito principalmente no sul da America.

A abertura d'essa exposição foi carinhosamente saudada pela imprensa de Montevideu, que dedicou a este acontecimento desenvolvidas referencias. De tres jornaes, pelo menos, sabemos nós, que saudaram a iniciativa do nosso consul, exaltando calorosamente a excellencia dos productos expostos: *La Tribuna Popular*, *El Telégrafo Maritimo* e *El Diario Español*, foram unanimes n'esse elogio, em consoladores termos de incentivo e de grata

sympathia. E porque este movimento se produziu na hora amarga em que Portugal é olhado com ambição por uns, com indifferença por outros e até com despreso por alguns menos promptos a praticas de forte e serena justiça, logo nos assaltou o desejo de conhecer mais e melhor, quem assim nos estendia a sua mão amiga.

Para a realisação d'esse intento procurámos o illustre representante da Republica do Uruguay em Portugal, sr. D. Dionisio Ramos Montero, diplomata distinctissimo que tão vivas e profundas sympathias conquistou rapidamente em Lisboa. Da palestra que tivemos com o sr. Ramos Montero damos hoje conta aos leitores dos *Serões*, contribuindo assim, embora modestamente, para que em Portugal se conheça bem, a rica e prospera nação que tão gentilmente acaba de saudar pela voz dos seus mais importantes diarios, o commercio, a industria e a agricultura da patria portugueza.

D. ANTONIO BACHINI
Ministro das Relações Exteriores do Uruguay

O encarregado de negocios do Uruguay em Portugal, começou a sua carreira como addido á legação do seu paiz em Roma. Annos depois foi promovido a secretario e collocado no Paraguay. Em 1889 foi nomeado secretario da legação do Uruguay na primeira conferencia pan-americana de Washington, commentando o seu programma e as bases, com trabalhos de incontestavel valor. Voltou depois ao Paraguay onde exerceu o cargo de encarregado de negocios. Em 1893 foi nomeado 1.º secretario da legação do Chile, sendo em 1908 collocado na legação do seu paiz em Portugal, como encarregado de negocios. Espirito excepcionalmente culto e escriptor distinctissimo, devem-se á sua pessoa muitas obras de valor.

Eis em rapidas linhas traçado o perfil do illustre diplomata com quem travámos a palestra que vamos tentar reproduzir.

O sr. D. Dionisio Ramos Montero habita com a sua distincta esposa e gentilissimas filhas, o palacete do Alto de Santa Catharina onde está installada a legação Uruguyana. Da janella do seu gabinete de trabalho, avista-se o rio, onde singram por entre as cidades fluctuantes — que são os grandes barcos de transporte e os navios de guerra, os pequenos vapores da Parceria, os botes e as fragatas, traçando caprichosas linhas espumosas nas suas rapidas evoluções. O aposento onde nos conduzem, nada tem de exageros decorativos. E' simples e confortavel. Numerosas photographias nas paredes e sobre as estantes, onde se enfileiram algumas dezenas de volumes accusando nos titulos as predilecções litterarias do dono da casa, evocam aspectos de paysagem da patria distante e figuras em evidencia na politica e nas let-

PALACIO LEGISLATIVO

tras do Uruguay, ou ainda phisionomias de pessoas queridas.

Sentado á sua secretaria, o sr. Ramos Montero ouve sorridente, com visivel satisfação, a rapida exposição que fazemos dos fins a que visa a nossa visita; e logo á referencia que temos sobre o estreitamento das relações de Portugal com as republicas sul-americanas, declara promptamente:

— Não ha duvida que n'estes ultimos annos se accentua um movimento de approximação entre os paizes sul-americanos e os europeus. Pelo que respeita a Portugal é isso evidente, não só pela representação diplomatica existente em Lisboa, como tambem pelas indicações que accusam as estatisticas, — na sua incontestavel argumentação; e essas demonstram que os mutuos interesses commerciaes augmentam e que se estreitam as relações, começando a sentir-se o effeito dos estudos e gestões diplomaticas que visam a tão sympathico objectivo. As relações luso-uruguayanas, por egual augmentam; mas, precisam os dois paizes conhecerem-se melhor; eis porque acho excellente a idéa d'esta entrevista, não tendo duvida em dar-lhe uma noção geral dos progressos do meu paiz, onde vivem e trabalham honrada e dignamente, alguns milhares dos seus compatriotas.

D. DIONISIO RAMOS MONTERO
Encarregado de negocios do Uruguay em Portugal

E após estas palavras de generosa acolhida, o sr. Ramos Montero continuou:

— O fim pratico da acção da diplomacia moderna, sem esquecer que as allianças politicas estreitam amizades, deve orientar-se sempre pelo principio de que as allianças commerciaes, isto é a celebração de tratados que acautelem os reciprocos interesses dos povos productores, consolidam tambem as mais tradiccionaes relações.

— O desenvolvimento d'essa theoria, observámos, devia lêr-se na primeira pagina d'uma biblia para uso dos homens publicos de certos paizes...

O illustre diplomata uruguayano proseguindo nas suas acertadas considerações, accrescentou pouco depois:

— A' medida que reuno informações e vou extrahindo do estudo comparativo das estatisticas, da legislação e da bibliographia especial, os dados ácerca do que constitue as riquezas do reino de Portugal e das suas grandiosas possessões coloniaes — pouco conhecidas não só no sul da America como tambem na Europa, vae augmentando a mi-

nha admiração pela sua colossal importancia e vendo claramente quanto essas riquezas podem crescer com um pequeno esforço

PALACIO DO GOVERNO E AVENIDA 18 DE JULHO

do trabalho nacional. Portugal continental, exclama o sr. Ramos Montero animando-se, tem uma nobre missão historica a cumprir, por isso que as maravilhosas terras que surgiram dos *mares nunca d'antes navegados* e onde tremula a bandeira portugueza, terras coloniaes, cuja prosperidade e organisação e tratamento do indigena não é inferior, — quando se estuda e se compára dentro dos preceitos da sciencia sociologica a outras de ordinario bem classificadas, estão destinadas a ser, sem duvida alguma dentro do reinado de Sua Magestade o Rei D. Manuel II cujos nobres e patrioticos ideaes conhecemos pelas suas affirmações publicas, das primeiras e das mais importantes do mundo e a pedra angular de um futuro grandioso e merecido para o reino de Portugal.

Emquanto ouviamos as carinhosas palavras do sr. Ramos Montero, o nosso olhar acariciava o largo panorama que se avista das janellas d'esta hospitaleira casa que é a legação do Uruguay; então, como que tocados por varinha magica, ás suggestivas phrases do illustre diplomata, os aspectos modificaram-se repentinamente e aos nossos olhos deslumbrados surgiu a visão radiosa d'uma patria rejuvenescida pela ordem e pelo progresso...

Mas, já a chamar-nos á realidade, o sr. Ramos Montero continuava, folheando compassadamente um volume de estatisticas do seu paiz:

— As relações commerciaes entre a Republica do Uruguay e o reino de Portugal só necessitam um impulso para que possam tomar paulatinamente o necessario desenvolvimento. Não temos productos similares; mas, pelo contrario, podemos augmentar com vantagens reciprocas o intercambio de determinados productos.

A uma nossa allusão á recente iniciativa da Sociedade de Geographia de Lisboa destinada ao estreitamento das relações entre os portuguezes da metropole com os residentes no

PALACIO DA MUNICIPALIDADE DE MONTEVIDEU

estrangeiro e á actual visita do cruzador *S. Gabriel* á America do Sul, o illustre diplomata accudiu:

— Não podiam ser mais opportunas aquella iniciativa e esta visita, que em meu entender serão factores, — cada um na sua esphera de acção a contribuir para que Portugal seja melhor conhecido e por egual fique conhecendo melhor aquelles jovens paizes. Collaborar na consolidação d'estas relações, especialmente das que se referem á minha patria e a Portugal é uma honrosa missão; e não a podia haver mais grata, nem mais em harmonia com as minhas sympathias por esta formosa terra, porque sou admirador da sua gloriosa historia, cujas paginas estão cheias de nobres e cavalheirosos actos realisados por uma raça, cujo valor, intelligencia, patriotismo e intrepidez, residem na alma dos seus reis, dos seus soldados, dos seus marinheiros e do seu povo.

Tendo agradecido ao illustre diplomata as suas gentis referencias a Portugal e ao seu futuro, entrámos então no assumpto principal da nossa visita: — umas indicações acêrca da florescente Republica que tão brilhante e intelligentemente aqui representa. O sr. Ramos Montero inicia promptamente os seus esclarecimentos, dizendo:

— Como sabe, a Republica do Uruguay é visinha immediata do Brazil, está situada na zona temperada da America do Sul, sobre a margem esquerda do Rio da Prata, — um dos maiores do mundo, que a separa da Republica Argentina. Montevideu, capital do Uruguay, está separada de Lisboa, — o porto ideal pelas suas commodidades para todos os sul-americanos que dos paizes banhados pelas aguas dos oceanos Atlantico e Pacifico se dirigem á Europa, por uma distancia que é percorrida em quinze dias por numerosos vapores de todas as bandeiras.

O Uruguay é um prospero paiz que abre as suas portas e recebe jubilosamente, o agricultor, o operario, o industrial que chega de qualquer parte do mundo e logo o incorpora no seu organismo economico, dando-lhe trabalho remunerativo; se o recemvindo é um capitalista, em parte alguma o seu dinheiro alcança maior vantagem de collocação, principalmente se é applicado ao commercio e ás industrias. Aos destinos do Uruguay, — continuou o sr. Ramos Montero apontando-nos uma photographia que se destaca em logar de honra do seu gabinete de trabalho, — preside o sr. dr. Claudio Williman, magistrado de juizo recto, politico que aborda com segurança os problemas da vida nacional, resolvendo-os sem precipitações, conciliando interesses, administrando a fazenda publica com exemplar correcção, sem arrogancias, mas guiando com os seus actos governativos o paiz pelo caminho do progresso e da consideração internacional. Na realisação dos seus intuitos de estreitamento das relações com todos os paizes amigos do Uruguay e em especial com os seus visinhos, tem tido o presidente da Republica um notavel collaborador em D. Antonio Bachini, ministro das relações exteriores, cuja acção internacional se manifesta da forma mais proficua. Ainda ha pouco, —

PALACIO DO ATHENEU DE MONTEVIDEU

diz o diplomata uruguayano alegremente, — o telegrapho nos communicou a attitude de um paiz irmão do meu, de um paiz onde palpita a alma portugueza, do Brazil, unido a Portugal por laços filiaes de sangue e de interesses reciprocos que em cada dia mais se estreitam. Refiro-me ao tratado de limites, recentemente firmado entre o Brazil e o Uruguay, que satisfaz amplamente uma aspiração da minha patria, accordo que foi directamente proposto pelo Barão do Rio Branco, diplomata e estadista que tem no Brazil um enorme prestigio, assim como no seio das chancellarias dos primeiros paizes do mundo. A fraternidade internacional não é uma palavra vã... Assim o acaba de affirmar o Brazil, dando espontaneamente ao meu paiz, a posse do territorio fluvial que por laguaron e Merin, podem levar ao Atlantico uma parte dos productos da zona Éste da Republica do Uruguay e de que era proprietario por direito convencional. Rende assim o Brazil aos principios de justiça que devem regularisar as relações dos povos, a mais significativa das homenagens, muito superior em significado áquella que rendem dois paizes egual ou desegualmente fortes, quando submettem as suas dissenções á resolução arbitral.

THEATRO SOLIS

— E' com effeito esse um louvavel exemplo que estão dando os paizes sul-americanos, replicámos. Na Europa nem sempre a intervenção das potencias se exerce tão desinteressadamente...

— Ha mais, continuou o sr. Ramos Montero: por informações recentes, sabe-se que está firmado um protocolo entre as Republicas Argentina e do Uruguay, sobre a navegação e uso das aguas do Rio da Prata, sclução dignissima que será completada por ulteriores convenções, como consequencia das relações tradiccionalmente fraternaes que uniram sempre as duas nações marginaes do grande rio. Foi acreditado como plenipotenciario especial para firmar em Montevideu com o sabio internacionalista uruguayano, dr. Gonzalo Ramirez, este protocolo, o dr. Saens Pena, illustre politico e diplomata, figura em evidencia na vida internacional sul-americana, e dos homens publicos argentinos mais alta e merecidamente conceituados, não só na sua patria, como nos demais paizes da Europa onde é apreciado e respeitado como um dos mais eminentes politicos argentinos. E' notavel, effectivamente, esta attitude de diplomacia sul-americana, que em francos accordos encontra a solução das suas questões internacionaes como nos casos a que me referi, ou pela arbitragem, como no caso da Argentina e do Brazil sobre missões e no do Chile e Argentina tambem sobre limites, resolvidos tranquilla e nobremente. Já em 1888 este modo de ver sobre o exercicio da acção diplomatica determinava a reunião em Montevideu d'um Congresso de direito internacional que dictou varios tratados que constituem um verdadeiro Codigo de direito internacional privado, o mais completo que registam os annaes diplomaticos, como o reconheceram então, os primeiros internacionalistas do mundo. Alegro-me, accrescenta o sr. Ramos Montero, ao

exteriorisar por esta forma e pela intervenção auctorisada d'uma publicação como é aquella a que se destina a nossa palestra, estas justas referencias á vida internacional sul-americana.

— E' incontestavel, dissemos, a prosperidade sempre crescente do Uruguay. Tivemos ensejo ha pouco de examinar interessantes estatisticas d'este paiz que o demonstram d'uma forma bem clara.

— Sim, a situação do Uruguay é admiravelmente prospera n'este começo do anno de 1910; e para o demonstrar vamos recorrer a uma fonte auctorisada, ao juizo imparcial, d'um distincto diplomata, muito illustrado, Robert Kennedy, ministro da Inglaterra em Montevideu. N'um recente relatorio enviado ao Foreign Office, ao referir-se aos capitaes britannicos que estão vinculados á Republica do Uruguay, especialmente em caminhos de ferro, e que se elevam á somma de mil cento sessenta e um milhão de francos, diz: «O Uruguay, com um territorio menos extenso, que a maior parte das Republicas suas irmãs, realisou nos ultimos annos grandes progressos em todos os sentidos; pelo desenvolvimento da sua rêde ferreo-viaria, e outros modernos meios de transporte, conseguiu grandes conquistas, podendo com justos titulos revindicar o direito de ser considerado como um dos Estados mais prosperos do continente sul-americano.» E assim é, commenta o sr. Ramos Montero. Basta dizer que os orçamentos do meu paiz são encerrados annualmente com milhões de francos de receitas excedentes. O seu commercio exterior marca um admiravel crescimento, progresso que se nota por egual em todos os ramos da actividade da nação. E' alto o credito de que gosa a Republica do Uruguay no exterior, sendo as suas dividas publicas pagas regular e strictamente, cotando-se os seus papeis de credito nos maiores mercados financeiros entre os mais seguros e os mais conceituados. Estes antecedentes fazem com que o alludido ministro de Sua Magestade Britannica diga ao terminar o seu relatorio, «que é facil explicar o estar reservado um grande futuro á Republica do Uruguay».

— Pelo que respeita ao seu desenvolvimento commercial?

— Estão no Uruguay desenvolvidas muitas industrias extractivas e manipulativas; ha minas em exploração e nos seus ferteis campos, suavemente ondulados como os de Portugal, de um verde esmeraldino, vivificados por um sol de oiro, colhem-se as mais formosas espigas de trigo. Mas, a principal fonte da sua admiravel riqueza é o commercio de gados, facilmente alimentados em esplendidos prados naturaes, sendo as raças melhoradas e seleccionadas pelos processos scientificos. Não existe paiz no mundo, proporcionalmente, tão rico em *ganaderia*.

— Isso basta como um factor importante de riqueza nacional. Ao mesmo tempo, terá sem duvida o Uruguay estabelecimentos especiaes para a preparação das carnes, como na Argentina?

PRAÇA DA LIBERDADE

— Sem duvida. As nossas grandes fabricas de preparação das carnes, onde se preparam extractos de carne, carnes liquidas, seccas, salgadas, conservadas e congeladas, são estabelecimentos modelares, entre os quaes se nota a grande fabrica «Liebig» (Lenco) que funcciona na Republica do Uruguay desde 1864, conhecida no mundo inteiro pelos seus productos fóra de competencia e premiados em todas as exposições.

— E conta mais cidades de importancia o Uruguay, álem de Montevideu?

— Tem varias cidades na verdade importantes, mas a principal é Montevideu, que é a sua capital. Sabe que se attribue a origem d'esse nome *Montevideu* a um portuguez, que ha cerca de quatro seculos exclamara ao avistar a nossa terra *monte vi eu*, de bordo de um dos barcos que commandava Fernando de Magalhães, esse grande marinheiro e insigne portuguez, que com claro-videncia procurava o estreito que tem o seu nome, a communicação entre os oceanos Atlantico e Pacifico, o caminho para as Indias Orientaes.

ESTAÇÃO CENTRAL
DO CAMINHO DE FERRO DO URUGUAY

Aqui o sr. Ramos Montero deteve-se um momento nas suas considerações ácerca do Uruguay, para dizer:

— Não passemos, meu amigo, ante tantas recordações historicas, ante tantas glorias que a acção dos seculos mais engrandece, em vez de diminuir, sem nos determos um minuto para saudar com respeito e admiração os portuguezes e hespanhoes d'aquellas épocas legendarias, a Hespanha e a Portugal, que teem na historia do mundo paginas e brazões não egualados, como conquistadores, colonisadores, e geradores de continentes e de povos.

— E é justa essa homenagem, sem duvida! concordámos. Pena é que estes paizes vivam quasi que da tradicção apenas... Mas, voltando a Montevideu, que nos dizem ser uma cidade encantadora, alegre e populosa...

— Montevideu conta hoje cerca de trezentos e cincoenta mil habitantes. N'esta grande cidade, residem, o governo da Republica, o Arcebispado, o Corpo diplomatico, estando edificado sobre uma formosa peninsula. Montevideu é illuminada a luz electrica, tem sumptuosos edificios publicos e particulares, notaveis pela sua architectura, grandes theatros, elegantes monumentos e confortaveis hoteis. Os seus pittorescos arredores são povoados de luxuosos palacios, assim como de magnificos balnearios, que estão consagrados como o ponto de reunião, na estação calmosa, das mais distinctas e abastadas familias d'uma grande parte do Sul da America. Pelo que respeita aos seus progressos materiaes ha a notar a importante obra já terminada, que dotou Montevideu com um grande porto artificial, reclamado pelo seu assombroso movimento commercial. O valor das obras, começadas em 1901, sóbe a 75 milhões de francos; e a combinação financeira que serviu de base para a creação dos capitaes uruguayanos destinados á execução de uma obra publica de tal magnitude, é notavel a todos os respeitos. O porto de Montevideu fica assim com mil metros lineares de *quais* para atracarem navios, e aguas com sete metros e meio de profundidade, que podem ampliar-se até dez metros, se o calado dos navios de futuro o exijam. E' uma obra grandiosa, que honra a engenharia franceza que a projectou e executou.

Por ultimo, o sr. Ramos Montero mostra-nos a photographia d'um sumptoso edificio, esclarecendo:

— Aqui tem o meu amigo uma das instituições mais importantes da America do Sul, o Atheneu de Montevideu, cuja origem data de 1869 e que no anno de 1888 foi definitivamente reorganisado. O Atheneu tem por fim servir a causa do progresso do Uruguay exercendo a sua acção no terreno da sciencia, da litteratura e da arte, e procurando cooperar por meio de livre discussão e sem systematicas exclusões, nas mais elevadas

tendencias do espirito humano e nos mais fecundos desenvolvimentos da civilisação moderna. Possue um soberbo e monumental palacio, como vê, com uma magnifica e espaçosa sala de conferencias, importante bibliotheca com secção de leitura aos domicilios, museus e collecções, escolas gratuitas para os seus associados e todos os recursos e elementos para ser, como na realidade é, o ponto de reunião das intellectualidades uruguayanas.

Felicitamos o sr. D. Dionisio Ramos Montero, pelos notaveis progressos da sua patria, desejando que seja crescente e duradouro o estreitamento das relações do seu bello paiz com Portugal. O illustre diplomata, convictamente, assegura:

— Do maior contacto commercial, da approximação official e intellectual dos governos e dos povos da mãe Europa com os povos da joven America, resultam vantagens reciprocas. Contribuir para a resolução d'estes problemas é a consequencia das nossas funcções diplomaticas. Pela minha parte, não economisarei actividades para que as relações entre a minha patria e Portugal sejam cada dia mais estreitas e mais importantes.

— Assim o esperamos pela viva sympathia que v. ex.ª e os seus merecem a todos os portuguezes que o conhecem; e mil perdões pelo incommodo que lhe démos!...

— Não, senhor, não me incommodou, diz ainda o sr. Ramos Montero. Eu é que lhe devo agradecimentos pelo ensejo que tive de exteriorisar sympathias entre a sua patria e a minha; e esta tarefa tão nobre e grata, obriga o meu reconhecimento como representante do Uruguay.

Sahimos. Na rua, o nosso olhar mais uma vez acariciou melancholicamente o panorama distante. Para o poente, um farrapo de nuvem formava como que um ponto de interrogação esfumado e sangrento, manchando a serenidade azulinea do céo.

LUIZ TRIGUEIROS.

Paradoxal

Ao José Candido dos Santos

Ora n'aquella fragilissima illusão
de justiça e poder que o odio recto cria,
fui, paradoxalmente, uma extranha energia,
um dynamo subtil, perverso, de emoção.

Pois, conscio d'equidade, eu tive a percepção
de que, luctando a odiar, breve, triumpharia
no sempiterno prelio animico e seria
feliz, na fórma recta e pura da razão.

Enganei-me, que sendo a eterna Natureza
causa injusta de tudo, o odio, inda que a força,
nunca pode vencer, na justa redempção.

E assim, mais uma vez, me prostrou a villeza
da lei paradoxal, chimerica, da força
que tinha aquella fragilissima illusão!

SANTOS VIEIRA.

Antonio Nobre

Ha dias estive a lêr, ao acaso, versos de Antonio Nobre, nas *Despedidas*, livro melancolico, publicado já depois da morte do auctor. Isto fez-me recordar algumas horas da vida d'esse poeta, que passou pelo mundo rapidamente, deixando em muitos espiritos a inolvidavel suggestão do seu doloroso talento. Essas horas, insignificantes para elle, e de que, certamente, nenhuma lembrança lhe ficou, fixaram-se-me na memoria, pois foram as unicas em que tive occasião de vêl-o, de ouvil-o conversar, de apreciar o seu espirito suavemente sombrio.

Eu não conhecia Antonio Nobre. Uma noite, ao entrar em casa da familia d'um amigo seu, disseram-me:

— Sabe? vem hoje cá o Antonio Nobre.

A noticia não me alvoroçou. Interessava-me pouco o poeta, cujos versos não comprehendia.

Antonio Nobre appareceu e então comecei a perceber o dominio que exercia em todos que se approximavam da sua estranha personalidade. E exprimo-me d'esta fórma absoluta, por que vi, n'aquella noite, o encanto invadir, sem excepção, as pessoas que o rodeavam.

Antonio Nobre era n'esta época, 1898, um homem de figura delicada, rosto pallido, expressivo, completamente rapado, o que mais deixava admirar a finura extrema das suas feições, especialmente a bocca, tão correcta, de linhas tão suáves, que ficaria bem em rosto de mulher. A fronte ampla, começava a tornar-se ainda maior pelo rarear do cabello, e n'aquella physionomia um pouco fatigada e doentia, os olhos abriam-se enormes, escurissimos, profundos, admiravelmente bellos.

O poeta estava vestido negligentemente, calçava umas botas deselegantes e solidas. Achei-o despretencioso, como indifferente ao effeito que a sua presença produzia. Eu tinha ouvido algumas vezes accusal-o de vaidoso, mas não me deu essa impressão a sua attitude. Pareceu-me que n'elle a idéa do proprio valor, era uma convicção e não uma vaidade.

Acceitava o facto simplesmente, conscenciosamente, e referia-se a isso com toda a naturalidade, como a coisa que não merecesse admiração. Pelo menos foi isto que julguei vêr.

Já então a doença que o matou o fazia soffrer sensivelmente, e o poeta, segundo creio, não se illudia, e nenhumas esperanças tinha de longa vida. Estava para partir para a Madeira, como de facto partiu, e nunca mais tornei a vêl-o.

A sua maneira de conversar prendia, impressionava, penetrava. A voz lenta, grave, um pouco velada, com umas leves intonações de ironia, deixava cair as palavras serenamente, e poucas vezes as suas mãos

pallidas acompanhavam com um gesto o que dizia.

Entre as senhoras que o escutavam havia uma litterata intelligente e muito nova na idade e nas lettras, uma brazileirinha graciosa e uma provinciana tímida, que pediam com instancia para ouvil-o recitar.

Antonio Nobre recusou obstinadamente. Disse-me alguem que elle recitava mal.

Falando-se de flôres e de poesia, declarou a sua predilecção pelos cravos e pelas quadras populares. E ha, realmente, uma profunda relação entre taes flôres e tal poesia. Os cravos são delicados, finos, esquesitos, e ao mesmo tempo singelos, campesinos, humildes. Ficam bem em jarras de crystal, n'uma sala luxuosa, e nos canteiros rusticos d'um quintalsinho aldeão. As quadras populares têem geralmente o pensamento original, vibrante, inspirado, que as não deixa apoucar ao lado de poesias consagradas, e a simplicidade desartificiosa que as torna agradaveis cantadas pela voz sã das camponezas.

Creio bem que em todos os nossos gostos ha d'estas analogias, em que á primeira vista não se repara.

Antonio Nobre retirou-se cedo. Parece que estou a vêl-o de pé, junto da porta, agasalhado n'uma especie de gabão de panno escuro, cujo capuz puxára para a cabeça.

A sua figura serena, com o rosto magro, ascético, e os braços cruzados sobre o peito, harmonisava-se com aquelle trajo quasi monastico, e destacava, — no fundo avelludado do reposteiro, — impressionante e admiravel como um quadro de mestre.

Este nosso encontro sem peripecias, foi o ponto de partida, do muito que hoje aprecio o talento de Antonio Nobre. Desde então li e reli com avidez os seus versos e comprehendi-os, ou julguei comprehendel-os, o que é para mim a mesma coisa. A melancolia exotica do *Só* penetrou-me.

Fôra preciso vêr o poeta para apreciar os versos, o poeta que na sua pessoa symbolisava estranhamente o que escrevia.

Quando finalmente saímos todos, — tempo depois de Antonio Nobre se retirar, — a litterata e a provinciana, já na rua, á despedida, conversavam á parte. Ao separarem-se chegaram-me aos ouvidos algumas palavras. Dizia a litterata:

— Oh! quem me dera conversar com elle outra vez!

A provinciana respondia:

— E eu prefiro não tornar a vêl-o.

Ambas tinham rasão.

LIA.

SONETO

Atravez da ramagem dos pinheiros
Coava-se o luar. Anoitecia,
Mas para as bandas do poente, o dia
Punha uns clarões suaves, derradeiros.

A sinuosa fita dos carreiros,
Com brancuras de prata se estendia.
O gado mansamente, recolhia,
Descendo pela encosta dos outeiros.

Ao desmaiado azul do firmamento
Subia o fumo languido, alvacento,
Das pobres chaminés da velha aldeia...

Tangia brandamente o sino gasto,
E no lar campesino, humilde e casto,
Juntava-se a familia para a ceia.

Maria de Carvalho.

RAUL DO VALLE

VIOLINO

É um Stradivario, vê, esse instrumento,
Mudo repousa, emfim, naquelle armario.
Tem historia, algo tem de extraordinario,
E, como tal, comprei-o a um avarento.

Fez de um bohemio apaixonado e vario
As delicias e, ás vezes, o tormento.
Soffria? A elle dizia o soffrimento
E a alma ia a gemer do Stradivario.

A alma conserva a mesma e a melodia
Só falta a outra alma, a que se foi um dia,
E que á terra não ha de mais voltar!

Mudo, repousa, emfim, nesse escabello:
Que alma ha hoje capaz de comprehendel-o,
E de a sua outra vez fazer vibrar?

S. Paulo (Brazil)

RAÚL DO VALLE.

CHINDE

De Inhambane a Lisboa

(Continuação)

DAR-ES-SALAM, o primeiro porto em que tocamos, pouco tem de interessante. Ruas muito alinhadas, casas todas com a mesma forma, o bairro indigena já muito europeisado, innumeros bars com velhas «fraulein» que nos tempos ha muito idos já da sua mocidade, deviam ter sido um encanto, muito café, muita cerveja, muitissimo wisky com soda e uns pessimos ovos estrellados que custaram immenso a arranjar, foi esta em duas palavras a impressão que a terra me fez. Fui para o caes massadissimo, e mais aborrecido ainda fiquei de ter d'aturar os innumeros arabes que a cada instante se collocavam deante de mim a offerecerem-se-me para cicerones. Havia um que me falava d'uma beldade rara, etc. Fui com elle. Uma casa branca, janellas fechadas, tresandando a aventura, a amores cheios de mysterio, laminas que ferem na sombra, uma mancha sangrenta n'uma carne palpitante, esses contos orientaes que eu a todo instante julgava ver transformar em realidade. Por um corredor sombrio e estreito me levaram a uma sala ás escuras quasi. Ali esperei um quarto d'hora talvez. Senti passos. Um cortinado que se levanta, um pé nu n'uma sandalia doirada que avança e... a franceza, nossa companheira de viagem, que apparece vestida de oualmée! Deitei a fugir e só parei no caes, mas d'essa vez para saltar para um dos muitos barcos que ali estavam acostados e que me levou ao *Feldmarschall*.

A' noite, depois do jantar, contei a aventura. Nunca vi ninguem mais indignado do que a heroina d'ella. Levanta-se, diz-me duas coisas desagradaveis, e retira-se offendida na sua dignidade!... Esta moralidade extrangeira para uso externo vale um dinheirão, decididamente.

Navegamos para Zanzibar.

O porto apresentava um aspecto alegre, com a casaria de côres variadas reflectindo-se nas suas aguas. Defronte do palacio do sultão, o seu velho navio de guerra mettido no fundo pelos inglezes e por estes ali conservado com todo o carinho como uma lembrança e uma... lição. Apenas lançamos ferro, uma verdadeira nuvem de gente

CASA DO COMMANDO DA ESQUADRILHA DO CHINDE

invadiu o navio, vendendo tudo, desde laranjas, pannos variados, sedas, jarros da India, etc., etc., até aos postaes *perigosos* de Marselha, fazendo um barulho ensurdecedor, no meio do qual só se distinguiam os gritos dos mergulhadores, a buscarem no fundo do mar as moedas que alguns passageiros lhes iam atirando. Dizem que, com este modo de vida, contrahem uma horrorosa doença nos olhos. Mas elles continuam e, por uma simples moeda de 3 pence, mergulham vezes sem conto e vezes sem conto tambem se esmurram mutuamente a ver qual ha de ser o primeiro a saltar á agua! E' difficilimo continuar a bordo emquanto esta gente ali está. Mettem-se por todo o navio, sujam tudo e não poucas vezes se esquecem levando... o que lhes não pertence.

Os catraeiros, o mesmo que em toda a parte: uma berraria infernal, e a gente é empurrada, todos nos querem levar a terra, um por um braço, outro por uma perna, ainda outro pela gola do casaco, de tal modo que se se consegue chegar são e salvo, é um verdadeiro milagre... em paiz de herejes.

Os cicerones eram outra praga e não menor do que aquella. Fallam todas as linguas e não sabem nenhuma. Offerecem-nos tudo e não são capazes de nos darem uma unica indicação sequer.

E' horrivel aquelle primeiro quarto de hora!

Eu e um outro companheiro, um addido de legação em passeio em Africa, lá conseguimos depois de muito custo arranjar uma embarcação mais limpa e um cicerone menos massador. E com elle fomos ver Zanzibar. Fallava portuguez este nosso novo amigo, o que me admirou. Depois vi que, restos de passadas grandezas nossas, é lingua muito conhecida em todo o littoral até Port-Said. Fomos a uma loja onde comprámos uma cabaia e um cofió, maneira pratica de poder vêr tudo, sem ser alvo da incommoda admiração indigena. E assim «arabisados» nos mettemos pelas ruas estreitas e sujas de Zanzibar, uma algazarra infernal, muitas lojas de fructas, bazares de pannos varios, tudo isto muito porco, muito sujo, no mais perfeito accordo com os patrões e caixeiros que, graves, aninhados no chão e mechendo nos pés, entoavam cantilenas, só interrompidas para nos venderem qualquer coisa, de mau modo, quasi por favor, á mistura com duas ou tres pragas que, para descanço da nossa consciencia, não percebiamos...

A cidade é pequena.

Vinte minutos de caminho por uma rua tortuosa e estreitissima e está-se no campo. Um caminho regular, sombreado, leva-nos a um dos palacios do sultão, hoje não habitado, onde nos mostraram um soberbo bi-

cho, um enorme leão que faz immensas habilidades como pôr-se de pé, pedir, etc., etc.

Custa esta brincadeira um shelling, bem mal empregado por signal.

Este palacio é de estylo oriental puro, com as suas arcadas, portas e janellas ogivaes, lagos, fontes, bem mais artistico que a actual residencia, d'um depravadissimo gosto.

Fomos a um café servido por... chinezas! Esta vida d'Africa é tudo quanto ha de mais original.

Depois d'um soffrivel almoço, durante o qual uma dama de nacionalidade dubia cantava, acompanhada por um desafinadissimo piano, cançonetas de Montmartre, partimos para o mercado. Eu nunca vi tanta porcaria á mistura com as mais extraordinarias coisas, pannos bordados ao pé de troços de canna d'assucar, jarras made in... Germany, imitando India e China, ao pé de rolos de tabaco, uns «canudos» detestaveis para preto, barracas sordidas ao pé de outras pintadas de côres berrantes, aqui e além brilhando as laminas de punhaes e cimitarras arabes, de punhos cinzelados, tudo isto animado por uma multidão que berrava e gesticulava, a contrastar com a gravidade fatalista dos lojistas, aninhados sobre tapetes, as mulheres, cobertas d'uma tunica preta, recostadas n'uma especie de divan de rede de corda.

ZAMBEZIA — VILLA ESTEPHANIA
Edificio da Direcção dos Telegraphos

D'ali nos fomos depressa, que o sol queimava.

Depois de descançarmos algumas horas no terraço d'um hotel francez, bastante rasoavel, resolvemos ir ver o resto da cidade, para o lado da barra.

Nas margens do porto, quasi defronte do embarcadouro, ficava a residencia do sultão.

A' entrada do palacio duas peças de artilharia de boccas hiantes intimidavam. Uma guarda, de farda de côres vivas, estendia-se ao redor do palacio, d'uma architectura sem gosto, misto de europeu e oriental, de mil côres como as fachadas d'uma drogaria.

Pegado ao palacio, o harem, de paredes nuas, com pequenas janellas que grades cerradas guarneciam. Dentro, o mysterio que a ninguem foi dado ainda desvendar.

Encostámo-nos ali, á sombra d'uma arvore, rente ao moucharabié que fechava uma das janellas. De dentro vinham até aos nossos ouvidos os sons plangentes d'um instrumento de corda, quasi os de uma guitarra, a acompanhar uma canção dolente, qualquer coisa de infinitamente triste, como o cahir da noite n'um sitio ermo, sem movimento, sem vida.

Quanto tempo ali estivemos, não sei.

Só me lembro que nos despertou qualquer coisa que cahia aos nossos pés.

Era um lenço, e ainda lá em cima, d'onde vinha a canção, eu vi uma mão scintillante de anneis...

Estonteados, sob a impressão dos contos das *Mil e uma noites* que aquelle balcão rendilhado nos trazia á mente, julgámos por uma momento ser para nós um signal esse lenço de finissima cambraia que ali cahiu, em que a imaginação nos fazia vêr um beijo ardente atirado loucamente a um namorado. Era nova a dona d'aquella mão que entre grades vira?

Não sei, nem o podia facilmente saber. Preferi guardar em toda a sua pureza essa lembrança d'alguem que soffria, d'alguem que, quem sabe? chorava talvez, acorrentada a vida inteira, sem nunca poder

gosar como nós este sol que é vida, olhos nos olhos a dizer amor.

Partimos.

Tocámos em Pangani e Tanga, mas não chegámos a desembarcar. Nenhuma curiosidade tinha a terra, algumas barracas de zinco no meio de frondosa vegetação. Demoramo-nos apenas o tempo sufficiente para carregar marfim, tabaco, café e copra, e metter a bordo meia duzia de colonos, todos allemães, loiros, rosados, de lunetas, gantes bungalows que com as suas côres berrantes punham uma nota oriental n'aquelle scenario de magia.

A pequena distancia, na ilha, fica Mombaça, terra para nós portuguezes tão cheia das recordações saudosas de um passado de gloria, com o forte regularmente conservado, ainda com fosso e ponte, a recordar ao mundo que ali, por de traz d'aquellas pedras, 50 portuguezes resistiram tão denodadamente aos arabes, que só depois de 33 me-

VISTA DA CONCEIÇÃO

conservados na cerveja que a cada instante ingeriam, desde que o sol se levantava até que no nascente começava a raiar outra vez!

Lançámos ferro em Kilindini, vasto porto podendo abrigar a maior esquadra, as margens ridentes cobertas de palmares balouçando-se na brisa, reflectindo a sua imagem nas aguas serenas e limpidas do porto; aqui e além pangaios arabes carregados de artigos varios de commercio, fazendas, tabaco, etc.; e, com pequenos intervallos entre si, destacando-se na verdura do terreno, elezes de lucta conseguiram entrar na fortaleza onde já só encontraram treze feridos, dois dos quaes eram mulheres! Outros tempos e outra gente!... Retomada novamente pelos portuguezes e outra vez perdida, foram aquelle forte e meia duzia de restos de velhos fortins já quasi nos alicerces só, tudo quanto ficou d'uma epopeia gloriosissima...

O porto de Mombaça é mais pequeno que o de Kilindini mas apresenta o mesmo risonho aspecto.

De Kilindini, por uma magnifica estrada

sombreada de mangueiras, dois pretalhões robustos nos levaram n'um carrinho andando sobre rails, muito semelhantes aos da Beira, até á cidade, dividida em duas partes perfeitamente differentes, uma, a velha, arabe, de ruas estreitas, sujas e aos zig-zags, e a outra, europêa, de largos passeios, magnificas construcções, como a residencia do governo, o banco, o tribunal com a sua torre de relogio, a cathedral, etc.

Depois de jantarmos n'um magnifico hotel, dando para um grande e bem tratado jardim no meio do qual se levanta a estatua de Mackinam, voltamos para bordo.

Pouco tempo mais ficámos. Partimos depois de metter carga, e embarcar para a Europa a mais gentil mas tambem a mais bebeda allemã que no celebre museu de curiosidades raras que era o *Feldmarschall*, eu vi. Era um demonio vivo aquella filha do Rheno, que logo de manhã em *toilettes* claras, justas, desenhando um busto de estatua, nos acordava com as mais extraordinarias canções, e que á noite, até ás 2 e 3 da madrugada, enfrascava em cerveja e wisky and soda as saudades do complacente marido que em Africa ficara a trabalhar...

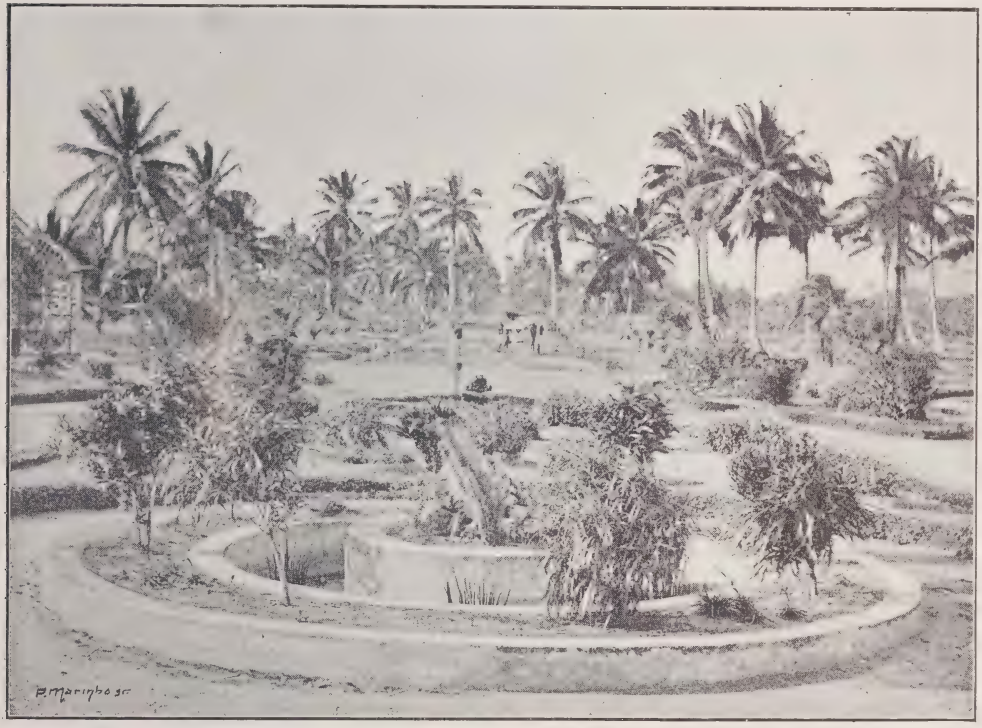
Dobrámos o Guardafui quatro dias depois. Dahi em deante ia mudar por completo o panorama.

Ha em toda esta costa qualquer coisa de profundamente triste que enerva. Vive-se uma outra vida.

Parece que toda a historia d'esta região, antes mesmo da época em que, ha tantos mil annos, os gregos dominaram no Egypto, estendendo a sua acção até aos confins da Nubia, deixando em monumentos varios a impressão da arte e da belleza, a historia sangrenta da dominação arabe, tão profundamente radicada, toda a epopeia tragica da religião christã, parece que tudo isto ali vive ainda, lançando no ambiente qualquer coisa de pesado que se não pode sentir sem commoção, nem recordar com serenidade.

No sexto dia de viagem chegámos a Aden.

A impressão que se exprimenta ao pôr o



JARDIM DE CHNABODEM

pé em terra é a mesma de tristeza e desolação que logo á entrada do porto tivemos.

Meia duzia de casas, sempre as mesmas em toda a costa, brancas, de terraços, os mesmos bazares, vendendo as mesmas coisas, roubando-nos aqui como em toda parte o mais que podem, um pessimo restaurante onde cada bife custava 4 schillings, e cada «wisks and soda» 2, os mesmos cicerones massadores e ladrões, e aqui está em duas palavras o que é Adem, essa sentinella vigilante á entrada do estreito, na ponta da Arabia deserta e inhospitaleira

Um camelo lazarento carregava com dois ôdres d'agua suja e barrenta, guiado por um arabe que só por um milagre d'equilibrio se podia ter em pé, tão grande era a sua magreza.

FORTE DE MASSARGANO

Uma caravana descançava mais adeante esperando carregamento. Os mesmos arabes, magros, repellentes, olhos de aguia, os albornoses brancos fazendo destacar ainda mais a negrura da têz, rezando em monotona cantilena, emquanto, deitados, uns camelos côr de lama devoravam em silencio uma magra ração, os olhos volvidos lá para longe, muito distante, o deserto onde foram livres, onde puderam correr, na embriaguez doida do vasto, do immenso, do que não tem fim.

Ergue-se uma montanha enorme á direita e tão pardacenta que parece de cinza. Ao longo, uma estrada, sem uma só arvore a sombreal-a, levando ao deposito do carvão. No porto, perfilando para o ceu em fogo os seus mastros curtos, alguns navios de guerra inglezes.

E a paisagem, quanto a vista alcança, tem sempre o mesmo aspecto de nu e escalvado. Partimos em direcção ao estreito de Bab-el-Mandeb que atravessamos, enando no Mar Vermelho. O calor suffocava. Já em Aden tinham entrado para o navio fogueiros indigenas, que os europeus não podiam aguentar de fórma alguma o verdadeiro inferno em chammas que devia ser n'aquellas alturas a casa das caldeiras do *Feldmarschall*. D'ali por deante até Suez, nenhum de nós voltou a dormir no beliche. Deitavamo-nos no spardeck, ao ar livre, de pyjama apenas, e ainda o calor era de tal ordem que só pela madrugada se adormecia. Alguns das nossas companheiras fizeram o mesmo. Vinham de kimono e assim ficavam. A franceza e a allemã ainda os achavam *toilettes* de inverno. Desabotoavam-n'os...

Quasi todos mergulhavam em cerveja gelada desde madrugada. A' noite, dormiam...

Assim navegavamos.

A' nossa esquerda as areias da Eritrêa escaldavam. Nem uma casa. De longe em longe miseraveis cabanas e uma ou outra figueira estorcendo os seus braços petrificados n'uma agonia de seculos. Ao longe, o deserto sem fim. E, cruzando-o, a passos lentos, uma caravana que passava, esqueleticos camelos, arabes de tez bronzeada, curvados, entoando monotonas canções. Parecia que sobre aquella terra pesava uma maldição. Ruinas de velhos templos levantavam de quando em quando para o ceu pedras escurecidas pelo tempo, resto de ogivas, de abobadas, de pedestaes de estatuas diversas. A morte em toda a sua tragica nudez, o silencio pesado d'um sepulcro onde outr'ora houve vida, se soffreu e se amou. Tumulos de prophetas e de padres esparsos aqui e além, sombreados por arvores que pareciam uma chaga purulenta no amarellado sombrio da terra,

A' direita, fugindo n'uma fita cada vez mais estreita no horisonte, as areias da Arabia

E, alumiando esta paisagem de desolução e de dôr, um sol abrazador, n'um azul quasi côr de chumbo. Pelo Mar Vermelho caminhamos até Suez. Agora erguia-se deante dos nossos olhos o monte Sinai, o cimo coberto de nuvens, a confundir-se com o ceu.

Era isto para nós todos tão perturbador que perguntamos onde poderiamos desembarcar para subir o monte. Dissuadiram-n'os d'essa idéa por não ter interesse algum, apenas um amontoado de rochas nuas e de areias, e não haver o menor logar onde nos alojassemos, só de longe a longe se encontrando uma ou outra cabana de terra, baixa, humida, como um tumulo, onde fellahs miseraveis arrastavam uma existencia de dôr e de soffrimento.

Ao ver toda esta terra escalvada e nua, onde nenhuma arvore dá folha, nem planta dá flôr; ao pisar aquellas rochas bronzeadas pelo sol durante seculos sem fim, ás quaes nem um musgo dá vida; ao vêr aquella gente, miseravel, rota, faminta, desprezada por todos, de todos recebendo insultos e chicotadas; ao vêr e ao sentir a vida d'esta terra, o palpitar das coisas que ha muito morreram, mas que falam, que gemem, que soluçavam e choram, ao vêr isto, sente-se bem o que teria sido essa formidavel epopeia d'um Homem prégando uma outra vida, qualquer coisa que compensasse uma existencia que era uma agonia, d'esse Homem que pela primeira vez mostrou que os pobres, os desgraçados, aquelles que na sua vida nunca conheceram a alegria e desde o berço não sabem senão o que é a dôr; que os tristes, os que soffrem, os que gemem sob o peso d'uma desdita immensa, e que, curvados para a terra, vão com as suas proprias lagrimas cavando os sete palmos em que hão de alcançar a suprema ventura de descançar para sempre; que esses, os desprotegidos, os humildes, eram tambem gente, tambem tinham direitos porque tinham alma e pulsava-lhes dentro do peito um coração, sente-se o que teria sido essa epopeia que na tragedia inolvidavel do Golgotha teve o derradeiro acto, n'uma tarde sombria, o sol empanado por nuvens que sobre aquella terra lançaram uma sombra pardacenta que dois mil annos não conseguiram ainda fazer desvanecer.

E é sob a impressão pesada desta tragedia que se chega a Suez.

(Continúa.)

THOMAZ DE ALMEIDA GARRETT.

Entre dois orphãos

—Oh! dize, meu bom irmão,
Onde foi nossa mãe qu'rida
Toda de luto vestida,
Deitadinha n'um caixão?
—Não chores mais, tenra flôr,
A' luz do meigo luar,
Que a nossa mãe foi gosar
As delicias do Senhor
Em outro mundo melhor,
Em outro mundo sem par!

MARIO FLORIVAL.

Maria Antonietta na sua toilette

ALGUNS dos costumes mais curiosos que antigamente se seguiam em França, eram os que diziam respeito aos quartos de toilette das rainhas. Observava-se o maior ceremonial e a etiqueta mais rigida das leis da côrte, no simples facto do levantar e vestir.

Esta ultima parte da toilette e penteado, era costume fazer-se emquanto a figura principal recebia alguns dos seus intimos, admittidos por especial favor na intimidade dos segredos da toilette.

A historia de Maria Antonietta, dá muitas notas interessantes d'estes costumes. Um dos biographos d'esta infeliz Rainha, relata o seguinte caso da rotina diaria:

A Rainha acordava geralmente ás oito horas. Uma mulher do guarda-roupa entrava então, trazendo um açafate, contendo duas ou três camisas, alguns lenços e toalhas; chamava-se a isto a «offerta» da manhã. Seguia-se uma aia que apresentava um livro no qual estavam representados, modelos de vestidos, de saias de baixo, chapéos, etc.

Havia, ordinariamente, para cada estação, doze toilettes de ceremonia, doze de uso e doze ricos vestidos com *paniers*. A Rainha marcava com um alfinete os vestidos que escolhia para esse dia, um vestido para de manhã, um para a tarde, e outro para o theatro e para a ceia.

O livro das amostras era immediatamente levado, e os vestidos escolhidos vinham em seguida dentro d'um grande bocado de *taffetá*.

A Rainha banhava-se quasi todos os dias; rolavam uma tina grande para o quarto, e as aias traziam todos os accessorios para o banho. A Rainha embrulhava-se n'um manto de flanella ingleza, abotoado até aos pés, e quando saía do banho estendia-se um lençol muito alto de fórma que as aias não a vissem. Voltava então para a cama, vestia um casaco de *taffetá* branco, e pegava n'um livro ou n'um bordado.

A's nove horas, nos dias de banho, serviam-lhe o almoço n'uma bandeja collocada n'uma prateleira ao lado da tina; nos outros dias era-lhe servido na propria cama, e algumas vezes n'uma mezinha posta junto do seu sofá. Eram então admittidos os intimos O almoço era muito simples, consistindo em café ou chocolate.

Ao meio dia começava-se a grande toilette. Era então moda as grandes *entrées*. Traziam-se cadeiras de rodas para o superintendente, para as damas de honor e aias, para o governante dos Principes, para os Principes de sangue, capitães da guarda, e todos os officiaes de alta categoria que tinham entrada, vinham prestar a sua homenagem. A Rainha cumprimentava curvando a cabeça, e fazia uma mesura caso fôssem Principes de sangue. Inclinava-se sobre a sua meza de toilette para indicar que estava para se levantar. Os irmãos do Rei vinham ordinariamente depois d'ella estar já penteada.

A meza de toilette, muito rica e trabalhada, ficava ao meio do quarto. A dama de honor estendia-lhe a camisa e deitava agua para ella lavar as mãos, a dama de quarto vestia-lhe a saia do vestido, ou o vestido completo, arranjava-lhe o *fichu*, e abotoava-lhe a gola de renda. Era n'esse momento que monsieur Rondon, no primeiro de cada mez, dava á Rainha, n'uma bolsa

de couro branco forrada de *taffetá* e bordada a prata, o dinheiro para as suas esmolas e para o seu theatro.

Nos ultimos tempos, Maria Antonietta tinha abolido esse ceremonial. Depois do cabello penteado, cumprimentava as damas que estavam no quarto, e seguida pelas aias entrava no *boudoir* para se vestir; alli já encontrava a sua modista, mademoiselle Bertin, a suprema arbitra da moda e elegancia d'aquelle periodo.

Maria Antonietta comia muito pouco, só carnes brancas, e nunca bebia vinho. A' ceia contentava-se com um pouco de caldo, uma aza de frango e um copo de agua, na qual molhava alguns biscoitos.

Quando se levantava da meza de jantar, tirava o *panier*, uma parte da saia, e preparava-se para os seus deveres da *soirée*.

Cada detalhe da sua vida, continúa o biographo, mesmo o mais intimo, cada detalhe de toilette, a propria fórma d'um laço, estava regulado; cada criada tinha o seu logar marcado, e o seu serviço distribuido de ante mão. Se a Rainha, por exemplo, pedia um copo de agua, o lacaio apresentava logo uma salva com o copo e uma garrafa, mas se apparecia a dama de honor, era a ella que incumbia servir a Rainha; e se acontecia entrar a condessa d'Artois n'esse momento, era a ella que competia o encargo, e a bandeja tinha de passar das mãos da dama para as da Princeza, antes de chegar ás da Rainha.

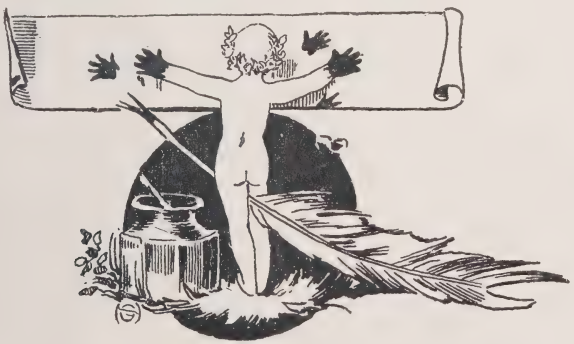
Nada se passava directamente á Soberana: o lenço, as luvas, eram conduzidos n'uma bandeja de ouro ou cofre de prata, chamado *gantière*.

Era a primeira aia de serviço, que apresentava á Rainha o que ella pedia, contanto que não estivessem presentes ou dama de honor ou princeza, e assim se observava sempre a mesma ordem que para o copo de agua.

Conta a seguinte anecdota madame Campou, uma das damas da Rainha:

N'um dia d'inverno aconteceu que a Rainha, quasi despida, estava para vestir a camisa. Alguem bateu á porta e appareceu a duqueza de Orleans, que tirando as luvas, estendeu as mãos para a camisa, mas a dama de honor não lh'a podia dar, sem m'a entregar a mim, e eu entreguei-a á Princeza. Alguem bateu outra vez, era a condessa de Provence, e a duqueza de Orleans apresentou-me a camisa. A Rainha tinha os braços cruzados no peito e parecia estar com frio. A condessa, notando esta attitude friorenta, mesmo de luvas, apromptou-se a envergar-lhe a camisa, mas quando ia a mettel-a, desmanchou o penteado á Rainha. A Rainha, para esconder a sua impaciencia, riu, mas não antes de murmurar umas poucas de vezes entre os dentes:

— E' odiosa esta maçada.



DEBILITADOS *por* **EXCESSOS de forças physicas e musculares, pessoas excessivamente NERVOSAS,** *curam-se completamente com a*

Somatose

em pó ou liquida (dóce ou secca)

Vende-se nas pharmacias e drogarias

Senhoras em evidencia

Condessa de Torrijos

A senhora condessa de Torrijos, consuleza de Hespanha, é uma figura saliente entre o corpo diplomatico acreditado na nossa côrte, pela distincção rara das suas maneiras, pela fina illustração do seu espirito.

Casada com o sr. conde do mesmo titulo, D. José de Alcalá Galliano, que é um glorioso poeta da nação visinha, nome de ha muito consagrado entre os melhores litteratos hespanhoes, as suas reuniões fogem a toda a vulgaridade, tornando-se notaveis pelo brilhantismo, distincção, e um certo ar de intellectualidade que as destaca.

De origem inglêsa, amando, como todas as senhoras do seu paiz, a paz intima do seu lár, tendo, em mais alto grau, a paixão do seu *home,* possue todas as qualidades superiores, de intelligencia e de coração. Recebida há pouco no palacio dos nossos reis, fica bem á sua personalidade distinctissima essa concessão honrosa, porque recae em quem, á virtude do seu nome, allia a bondade e a illustração que a tornam estimada de todos quantos teem um dia a ventura de lhe apertar a mão. A homenagem que hoje lhe prestamos é uma obra de justiça, que se impunha á nossa proverbial adoração por quem sae da vulgaridade, dando aos que a cercam a impressão d'um alto e fino espirito de mulher.

Madame Sagastume

E' quasi proverbial a belleza das mulheres da região platina. A belleza das senhoras argentinas passou sempre como um axioma, e na presente occasião, as senhoras da Republica Argentina estão officialmente representadas em Portugal de modo a confirmar-se o que acabamos de escrever, na pessoa de

madame Sagastume, a illustre ministra daquella republica, que, alem de ser uma formosissima senhora, põe nas suas festas e recepções um raro cunho de

elegancia e riqueza, tornando-as das mais distinctas que se realisam em Lisboa. O rico e artistico mobiliario do seu palacio, a amabilidade e distincção da illustre dama, alliada á linha, intelligencia e affabilidade de seu marido, tudo conconcorre para tornar os seus salões immensamente desejados por todos. Os illustres ministros da Argentina conquistaram um logar d'honra em Lisboa.

A distinctissima senhora, cujo retrato temos a honra de inserir nas nossas paginas, é como que a alma das suas festas. A' sua volta se rendem submissos os preitos de todos quantos a rodeiam, prestando-lhe homenagem justa á sua belleza e elegancia, curvando-se respeitosos ante a cultura do seu espirito e bondade da sua alma.

Dr. Carneiro de Moura

A instrucção educativa e a organisação geral do Estado é o titulo do relatorio de que é auctor o Dr. Carneiro de Moura, que por ordem do Ministro do Reino, elaborou esse importantissimo diploma. O Dr. Carneiro de Moura, jornalista, escriptor e jurisconsulto dos mais eruditos, elegantes e fecundos da moderna geração, tem-se dedicado com extraordinario zelo e tenaz empenho, hoje infelizmente raros, ao estudo e resolução do vital problema da instrucção primaria em Portugal. Esse trabalho, um substancioso volume de cerca de tresentas paginas faria a reputação de um especialista, se a do seu auctor não

estivesse ha muito tempo edificada em solidas fundações. A parte historica, a da estatistica, a que encara o analphabetismo, a que descreve o meio social e a instucção educativa, a que avalia a instrucção popular e a lucta social contemporanea são trechos demonstrativos de uma vasta erudição, a par de um amor patrio e de uma orientação civica acrisoladissimas. E' um livro que vale um evangelho para quem ama a sua terra e deseja que ella occupe no convivio das ações cultas o logar a que tem direito.

O povo e os poetas portugueses

Na inolvidavel noite de 12 de janeiro, no palco do nosso primeiro theatro-escola, appareceu a mais perfeita alma de poeta — Affonso Lopes Vieira —, a diser na sua prosa de oiro, cheia de harmonia, rica de fórma, o quanto tem andado, por seculos, alliadas intimamente, a alma do povo e a dos seus cantores.

AFFONSO LOPES-VIEIRA

Foi como que uma clareira na monotonia da nossa vida litteraria, uma onda de luz deliciosa na noite escura da inercia e do indifferentismo artistico do nosso tempo.

Affonso Lopes Vieira é um poeta erudito; não dessa erudição massuda, que se exteriorisa em exhibicionismos cathedraticos, mas da delicada e sentimental sciencia das coisas, que sabe arrancar dos infolios poeirentos, cheia de graça, a fina flor da poesia e sabe sentir profundamente a espiritualidade consoladora da vida.

A longa e gloriosa pleiade de poetas, desde a epocha primitiva dos segreis á alas ympathica dos romanticos, não podia ser recordada, hoje, por mais legitimo continuador da tradição poetica nacional do que o é o cantor da *Saudade*, o primoroso artista de *O Pão e as Rosas*. A sua obra é um trabalho admiravel, feito com muito amor e tratado com toda a delicadeza da sua bellissima alma de poeta, um trabalho perfeito com relação ao thema a que se subordinou.

O assumpto, sobre ser complexo e vasto, o que para o poeta não era difficuldade, necessitava dum espirito assim, superior e sincero, que nos soubesse

dizer, succinta mas realmente, a ininterrupta alliança dos poetas portugueses com a alma popular por vezes enfraquecida, mas nunca olvidada.

Affonso Lopes Vieira soube cumprir o seu *desideratum* encantadoramente!

O publico que accorreu á sala do theatro normal, onde se distinguiu a primeira intellectualidade da nossa terra — como raras vezes a temos visto representada — escutou commovido o trabalho do altissimo poeta e sentiu nitidamente, vibrando, o enthusiasmo que lhe enchia a voz, a sinceridade e o carinho com que elle sabe amar os poetas de Portugal.

D. Deniz e os apocriphos, na época trovadoresca. Camões e o Mestre Gil, no seculo de quinhentos; Rodrigues Lobo, o maior lyrico português, para o nosso sentir e uma alma eleita no meio da treva do seculo XVII; Garrett, ainda, entre a pleiade romantica, todos passaram, amorosamente pela observação do grande artista.

O facto, de tão evidente exito, tem ainda no actual momento a vantagem de demonstrar, até á saciedade, que não precisamos de ir lá fóra buscar quem nos saiba dizer, em fórmas artisticas e eloquentes a poesia dos homens e das coisas.

A conferencia de Affonso Lopes Vieira serviu ainda para provar, aos que superintendem em materia de arte, que urge levar até mais longe, até á alma popular, divorciada ha tantos annos da corrente artistica do seu paiz, a palavra evangelisadora dos poetas da nossa terra, porque na arte está a felicidade e a perfeição do povo, porque na arte encontra elle hoje, como encontrou sempre, lenitivo ás suas maguas, alentos para as suas luctas.

Nesta terra de sentimentalismos, só póde ser comprehendido e amado do povo, o que á alma do povo falar e souber dizer-lhe com verdade, sinceramente, as suas tristesas e as suas alegrias.

Abençoados sejam pois os que a esta missão consagram o melhor da sua vida, os que trabalham assim para que se não quebre a velha e tradicional amizade do povo e dos seus poetas!

A interessantissima conferencia está publicada em edição primorosa e linda e é destinada pelo seu auctor a subvencionar uma obra benemerita e justa: a Escola-Monumento João de Deus.

E' como que a cupula do seu artistico edificio, que não podia ter melnor destino do que servir a engrandecer a memoria daquelle que foi um dos mais queridos poetas portugueses.

Entre os poetas Affonso Lopes Vieira e João de Deus ha a affinidade natural de duas almas eleitas, sentindo e vendo a vida através um mesmo prisma; a communhão num mesmo ideal; são dois espiritos que na Arte encontraram a formula definitiva da possivel felicidade humana.

Um — olhamol-o ás vezes, commovidamente, como que sendo a continuação do outro, continuação progressiva, pois que a obra já hoje tão notavel de Affonso Lopes Vieira se eguala á de João de Deus no sentimento, excede-a extraordinariamente no trabalhado da fórma, na belleza inexcedivel da imagem, na simplicidade dos themas, no encanto delicado das expressões, na musica, no rythmo, em tudo o que delle faz um bem-amado poeta quinhentista.

A conferencia no theatro de D. Maria II serviu tambem ainda para consagra-lo, definitivamente, um prosador distinctissimo. A lingua portuguêsa tem hoje poucos trabalhadores perfeitos. O que para ahi se escreve, sem ter a arida frieza do classicismo, não é tambem de molde a denunciar-nos conhecedores conscientes das riquezas do idioma. Já o prefacio do poeta no livro de Vicente Arnoso tinha sida para o publico português, que se interessa por estas coisas, uma alta e bella affirmação do seu talento e da sua arte de prosador. Affonso Lopes Vieira é sobrio, sem ser omisso; conhece immensamente toda a vasta gamma da lingua; trabalha-a com tanto cuidado, com tanto carinho e tanto amor, que dir-se-hia em cada novo trabalho lhe encontra encantos novos, novas harmonias, que do fundo brilhante da obra resaltam como as figuras principescas dum vaso da Renascença.

Superior espirito este que em cada dia nos dá mais gloriosas provas da sua força! Grande poeta, que o é em tudo, no trabalhar, no sentir e no viver!

Oxalá que em breve tenhamos occasião de o ver em trabalhos similares, porque não tem o direito de se recusar quem tão profunda e conscientemente é capaz de abordar assumptos que não são para todos! E oxalá tambem se repitam as conferencias dos nossos homens de letras, porque ha todo o bem a esperar duma obra tão gloriosamente iniciada.

Chronica da moda

O excesso do luxo nas toilettes das senhoras — O luxo superfluo e exhorbitante é um crime — O cuidado na toilette é um dever — Os chapéos de meia estação, em palha, tulle e crina — Os vestidos pretos para a Semana Santa — O reinado das pelles.

Assim como pelo augmento das armas se chega á paz — que se queres a paz, prepara-te para a guerra — assim parece que o augmento verdadeiramente descommunal do luxo, nomeadamente nas *toilettes* das senhoras, deve ter a consequencia natural duma reação para a simplicidade, já porque o gosto se está perdendo nos meandros dum exotismo extravagante, já porque dentro de pouco tempo não ha bolsa de marido que supporte encargos desta força, ou dote que se não perca na loucura do luxo.

Evidentemente a bellesa não está nas linhas ricas de ornatos das modas dos ultimos tempos. Entre essas *toilettes* a que, não sei porquê se convencionou chamar *á imperio,* e a *toilette* simples, clara, elegante e calma duma *miss,* que pisa firme o asphalto, sem a preoccupação de que tudo se desmorone, não ha ninguem de regular bom gosto e de criterio commum, que não prefira esta áquella. Sabemos a velha

VESTIDO DE SARAU BORDADO COM CORPETE DE FAZENDA DIFFERENTE (FIGURINO DE LONDRES)

e vulgar affirmação: «se os gostos fossem os mesmos, o que seria do amarello». A um criterio imparcial, porém, impõe-se á evidencia dos factos, e não ha ninguem de regular bom senso que não sinta um mixto de espanto e de horrôr ao ter de desviar-se, no vae-vem da rua, da roda incommoda dum chapéo moderno.

Se nos voltarmos para o capitulo das despezas, ainda os factos se encarregam de nos dar razão, offerecendo-nos argumentos poderosos, para condemnar o excesso do luxo. Não imaginem, porém, as nossas leitoras que vamos editar aqui qualquer daquellas diatribes com que os primeiros padres da egreja condemnavam o excesso de luxo de Roma devassa. Não, minhas senhoras! Se acaso a quem nos está lendo agrada continuar a dispersar a sua fortuna pelas differentes lojas de modas, continuem e isso que lhes saiba bem. Julgamos, porém, cumprir um dever social,

Em todos os casos nos quaes se deve favorecer o appetite, augmentar as forças, restabelecer o estado geral, nada melhor que a **SOMATOSE**.

imposto pelos mais rudimentares principios da sociologia, affirmando que o luxo superfluo e exhorbitante é um crime, a que as mulheres sensatas se devem oppôr, por isso que representa uma herança dos velhos tempos da divisibilidade das castas e ainda, e sobretudo porque os rios de dinheiro com que se mantem essa vaidade são outros tantos meios desviados da pratica do bem, além de que levam, — quantas vezes! — á ruina, á desgraça, á morte emfim!

O cuidado da *toilette* é incontestavelmente uma qualidade apreciavel e necessaria que nós aconselhamos a toda a gente. Representa uma consciencia do proprio valor, ao mesmo tempo que denuncia o bom gosto e a cautela no cumprimento dos principios da hygiene. O asseio a simplicidade e o bom gosto são necessarios na mulher, como no homem. D'ahi ao exaggero das *toilettes* d'hoje vae um abysmo.

Não pensem porém, as nossas leitoras, que em vez de advogarmos os seus interesses, estamos fazendo aqui uma guerra *á outrance* ás modistas e ás lojas de modas. Deus nos livre d'isso. Achamos mesmo que são muito dignas de protecção. Mas todos os exaggeros são condemnaveis e o exagero do luxo tem até para nós, portuguêsas, esse coefficiente de correcção: utilisa mais ao commercio estrangeiro do que ao nacional. Quando outro incentivo não encontrem as nossas leitoras para a campanha a favor da simplicidade das *toilettes*, façam-no ao menos por espirito acendrado de patriotismo.

Entremos porém nos caprichos singulares da moda actual em Paris:

Os chapéos de palha começam a apparecer com todo o *entrain*, e ao lado d'elles as *toques* em tulle, ornamentadas de flôres e os chapéos de crina com enormes plumas.

Todos estes chapéos são grandes, á excepção, é claro, das *toques*.

Os de tulle usam-se muito em preto sobre setim côr de cereja, ou outra qualquer côr viva e forte.

A fórma dos chapéos de palha ou crina continúa a ser a mesma dos deste inverno: aba levantada ao lado e servindo de fundo aos rostos graciosos das elegantes que os usam.

Quanto aos veslidos pretos para a Semana Santa decreta-os a moda em *liberty*, crepe da China ou cachemira de sêda e ainda em diagonal inglêsa.

Este ultimo tecido é só applicavel nas *toilettes* genero *tailleur* para a rua.

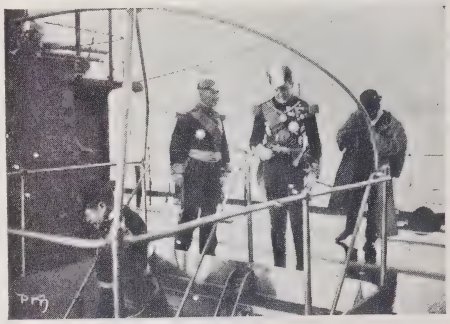
As pelles continuam muito em voga, fazendo furor e promettendo transpôr os porticos engalanados da Primavera.

Ao bom senso, ao criterio e á esthetica das nossas leitoras, submettemos pois estes ligeiros decretos da Moda.

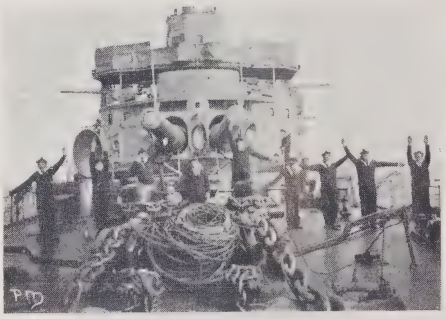
No proximo numero descreveremos ás nossas leitoras algumas das toilettes de *demi-saison*, que actualmente estão fazendo furor em Paris, pelo *chic* da sua elegancia.

Esquadra franceza em Lisboa

Visita d'El-Rei



EL-REI E O ALMIRANTE AUBERT VISITANDO A ESQUADRA



VIVE LE ROI!

Os signaleiros do navio almirante saudam el-rei figurando cada marinheiro os signaes correspondentes ás palavras: *Vive le roi!*

Theatros

S. Carlos. — De preferencia occupar-nos-hemos da partitura de Catalani, *Wally*, ouvida pela primeira vez em Lisboa, apezar dos seus cabellos brancos, e que obteve no nosso theatro lyrico o mais legitimo successo, confirmando, pelo seu incontestavel valor orchestral e melodico, o logar que ha muito conquistou entre as operas de mais nomeada.

Ha realmente no *spartitto* de Catalani uma notavel elegancia de fórma, os rythmos caracterisam com propriedade diversas passagens do libretto, e se nem sempre a acção dramatica encontra no trabalho de Catalani accentuado vigor, é certo, que ha paginas traçadas com mão de mestre e uma factura instrumental, que bem demonstram as suas grandes qualidades de compositor.

Como prova dos profundos conhecimentos que o auctor possue em harmonia, encontram-se, entre outros, os trechos descriptivos do quadro da noite alpestre do 3.º acto e o do povo salvando *Hagenbach;*

na fórma como a orchestra acompanha a canção de *Walter*, que com um leve tremulo nos violinos, relembra o som das cordas de um bandolim; o do adeus de *Wally*, que constitue um dos principaes trechos pela sua originalidade e delicada expressão, que, com brilho, delineia a situação commovente do entrecho. Os quadros da festa da aldeia, as danças dos dois primeiros actos, o preludio do 4.º e o duetto final da opera, são egualmente paginas de boa arte musical e que justificam o exito obtido pela *Wally* nos primeiros theatros lyricos do mundo, e portanto o agrado, que alcançou no auditorio de S. Carlos que, por vezes, interrompeu a opera com bastos applausos.

Deu-se mais na audição da *Wally* o bello desempenho que as sr.as De Lerma e Scaffidi, o tenor Giorgi e o barytono Galleffi deram ás suas partes, revelando-se, além dos bons dotes artisticos dos cantores, o esmero com que o mae tro Mascheroni ensaiou a partitura, registando-se, por exemplo, os preludios dos 3.º e 4.º actos, que a orchestra executou com extraordinaria precisão e inexcedivel colorido.

A sr.ª De Lerma que é artista de subido valor e sabe emittir a voz e conduzil-a com arte, conquistou na parte de *Wally* uma das suas corôas de gloria, dizendo os seus trechos com muita correcção e notavel brilho. A seu lado Giorgi na parte de *Hagenbach*, Galleffi na de *Gelner* e Scaffidi na de *Walter* concorreram poderosamente para os applausos que o publico dispensou ao trabalho de Catalani, e confirmaram os bons creditos obtidos em operas anteriores.

Seguindo a nossa apreciação sobre as operas ultimamente cantadas em S. Carlos, justo é, que façamos agradaveis referencias á sr.ª Dereyne no *Fausto*, onde, mais uma vez, patenteou os seus bellos dotes de cantora distincta, revelando-os ainda mais do que na *Carmen*, cuja tassitura não lhe permitte, tanto á vontade, o emprego dos seus admiraveis recursos vocaes: a area das *joias*, as scenas dramaticas do 4.º e 5.º actos, os duettos com o tenor e o tercetto final, foram executados pela sr.ª Dereyne com o preciso relevo, e, de fórma, a confirmar o que deixamos dito e temos registado ácêrca de outras operas. O mesmo succedera com o tenor Giorgi, que pela sua voz potente, foi um feliz cooperador da linda partitura de Gounod, bastando o *dó agudo* que dera na romanza do 3.º acto para accentuar quanto vale, com o baixo Nicoletti na parte de *Mephistopheles* e barytono Rossi na de *Valentim*, que receberam com a sr.ª Dereyne innumeros applausos.

Sem esmerecer porém, o trabalho da sr.ª Dereyne, é dever louvar a sr.ª Carmen Toschi, cuja estreia no *Fausto*, na parte de *Margarida*, foi das melhores a que temos assistido em S. Carlos, conquistando a sympathia do publico logo ao entrar em scena, sympathia que se manifestou depois no decurso da opera, e muito especialmente, na canção do *Rei de Thule* brilhantemente cantada pela sr.ª Toschi. A sua voz de um lindo timbre, amolda-se com facilidade ás exigencias da partitura, sabendo, a um tempo, escolher os effeitos da personagem, que conduziu n'um crescente de côres, vencendo muito bem as grandes difficuldades do 3.º acto.

Passando da delicada partitura de Gounod para o emocionante *spartitto* de Leoncavallo *Os Palhaços*, não foram menos enthusiasticos os applausos da assistencia para os interpretes d'esta opera.

O nosso já muito conhecido e apreciado barytono Nani, teve, de novo, ensejo para mostrar as suas qualidades de cantor na parte de *Tonio*, na qual se evidenciou de uma maneira distincta, no prologo e no duetto com o soprano. A sr.ª Baldassare na parte de *Nedda*, e o tenor Gilion na de *Canio* mereceram egualmente as ovações do publico, imprimindo Gilion bastante vigor na scena final da opera.

Por ultimo, em recita de Carnaval, deu a empreza Anahory a operetta de Franz Lear, a *Viuva Alegre*, que teve por interpretes as sr.as Carmen Toschi e Scaffidi, o baixo Dammaco e o barytono Rossi.

Não será facil tornar a ouvir a linda operetta de Lear com um tão bello conjuncto e um tão extraordinario desempenho, o qual o auditorio palmeou com muitos applausos.

D. Maria. — *Á margem do codigo* foi o primeiro original portuguez, que n'esta época subiu á scena no Normal e cujo acolhimento deveria ter deixado as mais agradaveis recordações ao auctor e dar-lhe incitamento para futuras producções, onde mais poderá pôr em evidencia as suas qualidades de dramaturgo.

A peça do sr. Luiz Barreto visa, principalmente, hypocritas costumes que atravessam a sociedade, abrindo chagas fundas com rastos perniciosos e vicios que se impõe debellar para bem da humanidade, e tem o condão de não ferir os preceitos da logica nem as convenções theatraes, sendo, por isso, um trabalho digno de elogio e de merecido applauso, como base de outros de maior folego.

Das primeiras figuras coube a interpretação a Palmyra Torres e Carlos dos Santos, e dos, que em seu redor gravitam se encarregaram Augusta Cordeiro, Ignacio, Augusto de Mello, Christiano de Sousa e Luiz Pinto que as compuzeram com intuição artistica, motivando as ovações que todos, com o auctor, receberam de um selecto auditorio.

D. Amelia. — Com a comedia em 3 actos de Nancey e Armont, traducção do sr. Accacio de Paiva, *Theodoro & C.ª*, enceton a elegante sala do D. Amelia, as recitas do Carnaval, alcançando um successo em toda a linha pelas situações hilariantes, que matizam os actos da peça com habil engenho, e sem compromettimento para a logica, que sae sã e salva de toda aquella embrulhada. São tres actos com boa factura theatral, muito movimentados, replectos de graça, que, sem esforço, provoca o riso do mais sisudo, prendendo a attenção do espectador em successivos episodios, producto de uma imaginação fecunda e de habilidade para composições d'este genero.

Angela Pinto e José Ricardo, que se encarregaram dos principaes papeis, completaram-se admiravel-

mente nas figuras que compuzeram com criterio e arte, e de maneira a tirar o maximo effeito dos menores detalhes, assim como Chaby, Henrique Alves e Antonio Pinheiro, que poderosamente concorreram para o bom desempenho que a peça teve.

O sr. Accacio de Paiva confirmou os creditos que gosa em trabalhos identicos.

Quiz tambem o distincto comediographo, sr. Eduardo Schwalbach concorrer para a boa serie de espectaculos no D. Amelia e relembrar as noites de gargalhada que elle, com o seu espirito humoristico provocou em tempos idos no genero revista, onde foi um dos mais illustres cultivadores, dando-nos a satyra, em 1 acto, *Feira do Diabo,* que foi uma nova prova das suas primorosas qualidades de escriptor de theatro.

A *Feira do Diabo* é o que se chama um acto cheio de graça, de caractéres bem definidos e que, se não transparece a nota politica, abunda na critica mordaz e fina, burilada por entre um estylo delicado e *signe* de quem, como elle, possue bastos conhecimentos da scena.

Com esta *prémière* realisou a sua festa o actor José Ricardo, artista sobejamente apreciado, e que conta no seu vasto repertorio, muitas e diversas creações. A sua festa foi acolhida com o enthusiasmo que lhe era devido, e n'ella alcançou mais uma noite de gloria pela fórma correcta com que desempenhou os seus varios papeis.

Entrou na peça quasi toda a companhia do D. Amelia, de que não ha que fazer referencias especiaes; todos... muito bem.

Completou o espectaculo a comedia em 1 acto, de Max Maurey *Stradivarius,* habilmente traduzida pelo sr. Carlos Trilho, recebida com muito agrado e na qual José Ricardo tem um bello trabalho.

Do original do sr. Augusto de Castro com o titulo *Vertigem,* nos occuparemos no nosso proximo numero, frizando, porém, já, que o auctor enriqueceu com mais uma peça de valor, o nosso meio theatral.

Trindade — E' notavel que todos são concordes em affirmar que o theatro nacional atravessa, de ha muito, uma enorme crise; todos são unanimes em applaudir as peças que se impõem pela sua honestidade de factura, pelo cuidado de technica e pela verdade d'acção; todos: auctores, actores e publico se insurgem contra a praga das revistas d'anno, contra as comedias com quadros pornographicos e ditos apimentados, entre os quaes, alguns, nem ao menos possuem o *cliché* do *double-sens* e que vão, com uma toada obscena, provocar a gargalhada dos menos escrupulosos e ferir a moral, uma das condições em que deve assentar uma obra de theatro. Todos reprovam taes processos, mas... em theoria, porque na pratica, em logar de darem o seu apoio e incitamento aos honestos que escrevem para o theatro, em vez de lhes abrirem as portas e facilitar o caminho, hoje, tão irisado de precipicios, tão difficil de trilhar, se lhes manifestam desagradavelmente e lhes criam attrictos na sua obra de regeneração do theatro portuguez.

Mais uma prova frisante acaba de ser dada á peça o *Espadachim do Outeiro,* do sr. Henrique Lopes de Mendonça, que de mãos dadas com o distincto maestro sr. Augusto Machado, apresentou um trabalho digno dos maiores elogios pelo esmero e cuidado com que foi feito, pelo valor litterario que encerra e pela verdade historica que se patenteia n'uma successão de scenas architectadas com mestria e a que foram addicionados os preceitos de uma boa technica, um scenario e guarda roupa apropriados e uma musica modelar no seu genero.

Se, porém, uma parte do publico não valorisou o trabalho do sr. Lopes de Mendonça, outra houve que fez inteira justiça ao *Espadachim do Outeiro,* onde, sem duvida, muito ha que elogiar, pois que historia com verdade uma das mais interessantes épocas, matizada por um quadro de typos n'um bello desenho de côres, que o distincto dramaturgo conseguiu pôr em relevo com a sua comprovada proficiencia e honestidade de escriptor de theatro.

E' uma obra que honra o auctor e que teve como importante factor uma partitura de alto valor artistico.

Dos applausos dispensados aos auctores partilhou Affonso Taveira pela fórma como ensaiou a peça, a vestiu e enscenou.

Gymnasio. — Em estreia de dois novos, representou-se n'este theatro a comedia *Moysés,* original dos srs. Manuel dos Santos e Victorio Roquette que, attendendo á complexidade de conhecimentos que precisa ter quem escreve para o theatro, não é favor dizer-se, que foram bastante felizes e de todo o ponto justa a manifestação de sympathia que receberam. Escripta ao sabor do publico do Gymnasio, possuindo os moldes das do genero ali explorado, cumpriu bem o seu fim provocando a franca gargalhada.

Foi depois o espectaculo com esta comedia, completado com a peça em 1 acto, *Nova agencia feminina,* original do sr. Eduardo Coelho, que a escreveu n'umas horas de bom humor e como pretexto para o actor Valle exhibir um typo comico, no que foi bem secundado pelas actrizes Judith, Rosa d'Andrade, Jesuina Marques, Alda d'Aguiar, Farrusca, Maria del Carmen, etc. A rir foi feita e a rir... se ouve. Auctor e artistas foram muito ovacionados.

A nossa apreciação sobre a comedia dos srs. Xavier da Silva e João Bastos, *O dr. Zebedeu,* dal-a-hemos no nosso numero seguinte.

Avenida. — Entre todas as obras theatraes nenhuma por certo consegue mais intimamente falar ao coração do que as que teem por entrecho recordar qualquer facto brilhante da historia patria. Assim a peça do sr. Luiz Galhardo, *A Invasão,* quando não tivesse outra coisa a recommendal-a, bastava relembrar um dos feitos mais brilhantes da historia portugueza, como foi a defeza do nosso torrão contra a invasão das hostes do general francez Junot, para obter o agrado do publico e a completa garantia de

exito. Luiz Galhardo sahiu-se bem do seu emprehendimento, pois que o seu trabalho tem unidade de acção e obedece ás regras de theatro, o que nem sempre é facil conseguir em producções d'este genero. Muito boa a musica e apropriada, e bom o desempenho por parte de todos os artistas.

Alfredo Carvalho, Alvaro Cabral, Julia Mendes, João Silva e outros formaram um optimo conjunto.

O successo que marcou esta peça egualmente obtiveram as operettas *Vendedor de passaros* e *A princeza dos Dollars*, esta ultima muito bem traduzida pelo sr. Henrique da Silva e que é de facto uma rival da *Viuva Alegre* pela sua lindissima musica e gracioso entrecho.

Cremilda, Sophia Santos, Accacia Reis, Auzenda, Gomes, Armando, Pinto Ramos, Mello, etc., constituem elementos d'uma companhia de operetta, das melhores que ha entre nós.

Principe Real. — Continúa em pleno successo a revista *Sol e Sombra*, que todas as noites chama ao theatro uma numerosissima concorrencia.

E' peça para ir até ás 200 representações... pelo menos.

Colyseu dos Recreios. — Constituiu um verdadeiro acontecimento theatral as recitas dadas na vasta sala do Colyseu pela companhia infantil de opera italiana, que com extrema correcção exhibiu um repertorio, onde figuravam algumas partituras cujas difficuldades são patentes e conhecidas. A *Lucia*, a *Somnambula*, a *Traviata* e a *Cavallaria Rusticana*, não é qualquer grupo de artistas que as canta; requerem vozes bem timbradas, de facil vocalisação e sobretudo com a educação d'uma boa escola de canto para vencer os muitos e variados barrancos em que tropeçam, bastantes vezes, artistas de reputação. Pois, com verdade o dizemos, que essa companhia com pequeninos artistas de 15 e menos annos de edade, se houve d'uma fórma que a todos surprehendeu. Desde as primeiras partes até aos córos, o desempenho foi correctissimo, o que arrancou do publico, fremitos de enthusiasmo, sobremaneira merecidos e justos. Quer nas citadas operas, quer nas operettas *Geisha*, *Viuva Alegre*, *Patifa da Primavera* e *Gran-via* não é favor de reclamo elogiar e com justiça, os nossos louvores não distinguem esta ou aquella de entre essas figuras gracis, de vozes frescas, d'uma afinação irreprehensivel e dando, — o que se costuma dizer, — um *bigode* em muitas companhias formadas de artistas com vozes já feitas e por isso, com obrigação de a supplantar. Citemos apenas os seus nomes: Dora Theor, Maria Ceccarelli, Zea Waury, Luigi Pinatta, Vittorio Gamba, e mais não nos occorrem. Um bravo á petizada.

Outra nota alegre foi dada no Colyseu pela Tuna Escolar de Valladolid de parceria com os nossos academicos, n'um sarau em que reinou sempre a mais franca e communicativa alegria, com um lindo programma e uma assistencia escolhida e numerosissima.

Ferreira de Souza

Lisboa hospeda, ha já algum tempo, este distincto actor luso-brasileiro.

Ferreira de Souza é natural de S. Miguel e creança ainda partiu para o Brazil a seguir a carreira commercial.

Irresistiveis tendencias em boa hora o arrastaram para o theatro e no theatro, a p der de trabalho intelligente e disciplinado, se fez um nome glorioso.

Em verdade não piza palco brasileiro quem tenha mais valor e mais prestigio do que elle, que conta no seu activo, de mais de 30 annos de theatro, brilhantes creações. E' possivel que Lisboa tenha em breve o prazer de o ver viver alguns dos seus melhores papeis em peças brasileiras, escriptas especialmente para o seu feitio de artista, que tanto e tão bem sabe produzir a emoção forte, como provocar o riso franco.

Edificios publicos

FACHADA DA NOVA FABRICA DE PROJECTEIS

Dr. Silva Bruschy

A vida do Dr. Manoel Maria da Silva Bruschy, á memoria do qual este magazine presta hoje sentida e respeitosa homenagem, constitue um romance movimentado e repleto de aventuras. Estudante de direito da universidade de Coimbra, mais tarde de medicina do Rio de Janeiro, para onde emigrara por ser legitimista, e em seguida da Escola Polytechnica de Paris, um bello dia, quando rebentou a insurreição de D. Carlos, em Hespanha e Portugal, ali mandou uma divisão auxiliar, logo o irrequieto academico partiu para o visinho reino para defender, embora no estrangeiro, o seu credo politico.

Alistado, como alferes, no 4.º batalhão de Castella bateu-se nos combates de Cinea, da Retuerta, ficou prisioneiro na batalha de Huesca, estando duas vezes a ponto de ser fuzilado como medida de represalia, valendo-lhe na dramatica conjunctura o ser proposta uma troca de prisioneiros. A noite, vespera da execução, passou-a Silva Braschy a jogar com os officiaes *cristinos* e com tanta serenidade que surprehendeu os mais valentes. Mais tarde o temivel Cabrera nomeou-o tenente de engenheiros. Assistiu ao cerco de Morella, onde entrou debaixo de um chuveiro de balas. Na batalha de Valencia foi promovido a capitão pela sua bravura. Surprehendido numa marcha por forças superiores aprisionaram-no de novo.

Terminada a guerra veio para Lisboa, onde passou as maiores inclemencias até que encontrou um amigo que lhe facultou meios de concluir a sua formatura em Coimbra. Em 1845 recebia a sua carta de bacharel e desde então o seu nome foi um symbolo de honestidade, de gloria do fôro portuguez, e de virtudes civicas e domesticas. As columnas da *Nação,* de que foi um dos seus mais talentosos redactores, regorgitam de artigos seus, sobre todas as especialidades. Foi um escriptor e um jurisconsulto dos mais notaveis dessa geração, que foi de hontem, e da qual parecemos distanciados seculos.

O Carnaval

O CARRO INCENDIADO POR MALEVOLENCIA

A TUNA DE VALLADOLID EM LISBOA

Decorreu o Carnaval em Lisboa ainda com mais accentuada insipidez que os anteriores annos. D'elle só ha a registrar dois factos de importancia, um triste e outro alegre: o incendio de um carro enfeitado com algodão em rama e ao qual um malvado ou um bruto largou fogo, deixando mais ou menos feridas as meninas que transportava; e a vinda da Tuna de Valladolid que durante alguns dias encheu a capital com as suas notas joviaes e vibrantes.

FARINHA LACTEA NESTLÉ

Alimento completo para crianças e pessoas edosas.

Musica

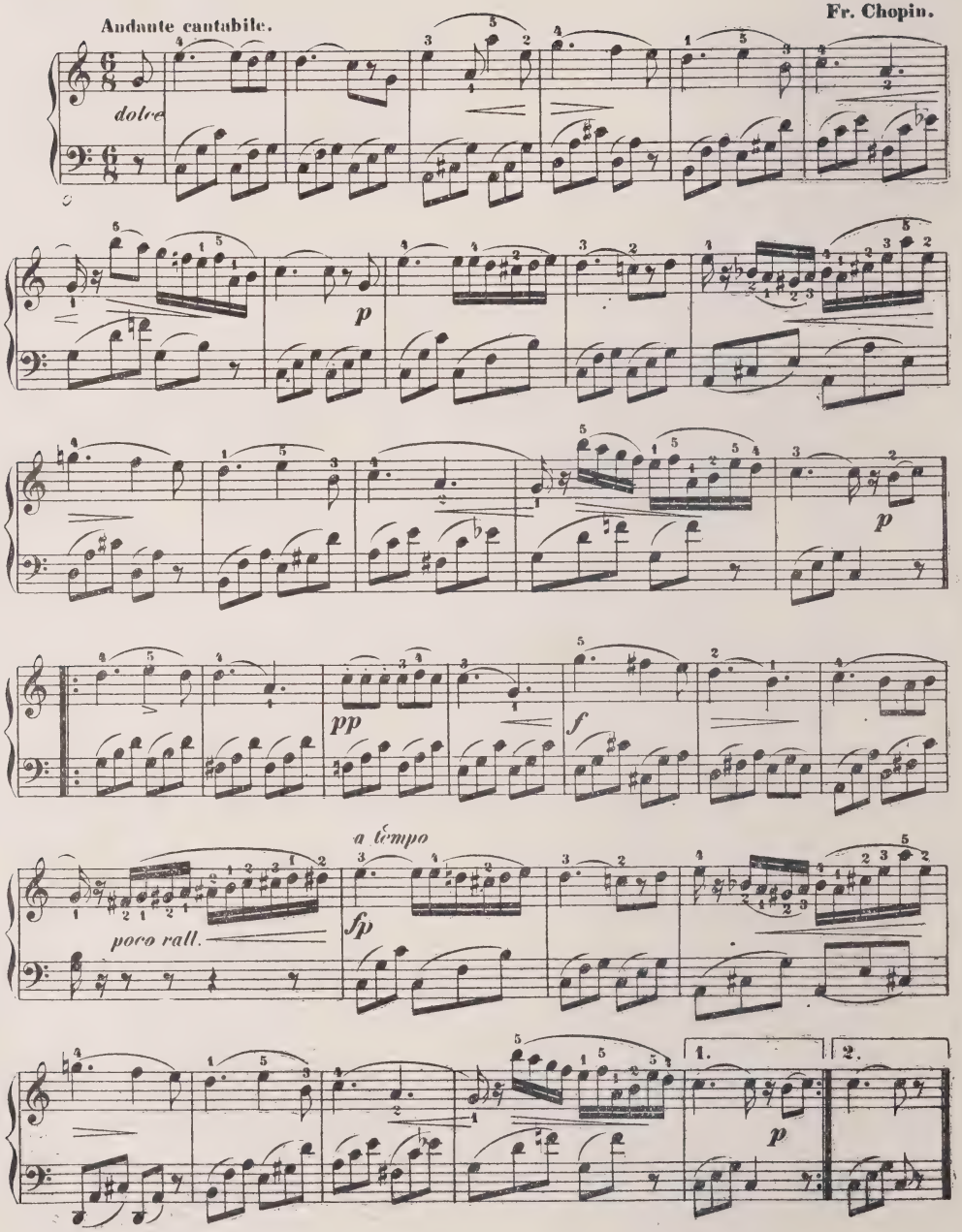
DOS

SERÕES

NOCTURNO

POR

Fr. Chopin


Andante cantabile.
Fr. Chopin.
dolce
p
p
pp
f
a tempo
fp
poco rall.
1.
2.
p

Typographia do ANNUARIO COMMERCIAL DE PORTUGAL

Propriedade de **MANOEL JOSÉ DA SILVA**

OFFICINA TYPOGRAPHICA

Movida pela electricidade — Installação apropriada

Executam-se trabalhos typographicos em todos os generos, e mui especialmente os que dizem respeito ao commercio, como facturas, memorandums, livros de escripturação, etc., garantindo-se perfeito acabamento e modicidade de preços.

Reproducção de planos. Cartas Geographicas.
Laminas e pergaminhos antigos. Quadros a oleo e aguarella
em tamanho natural, ampliado ou reduzido

ESCRIPTORIO E OFFICINAS

Praça dos Restauradores, 27 (PALACIO FOZ)

CALÇADA DA GLORIA, 5

Telephone 1:239 **LISBOA**

Mais vantagens aos nossos assignantes e compradores dos SERÕES

A todos os nossos assignantes e compradores dos SERÕES offerecemos o **Bonus de 10 %**, sobre o preço da venda, de um exemplar do **ANNUARIO COMMERCIAL DE PORTUGAL**, edição 1909, para o que, bastará a apresentação d'este bilhete na administração do Annuario Commercial, Praça dos Restauradores, 30 (Palacio Foz).

Memorias de um policia amador

(SHERLOCK-HOLMES)

A obra de mais sensação da actualidade

Estão publicados 9 volumes ═══ CADA, 200 réis

LIVRARIA FERREIRA, Editora

132, Rua do Ouro, 138 — LISBOA

D. JOÃO DE CASTRO

JORNADAS NO MINHO

2.ª EDIÇÃO

Impressões, aventuras e travessuras de dois excursionistas meridionaes

1 vol. in-8.° com perto de 400 pag. { Brochado . . . . . 600 réis
Cartonado . . . . . 700 »

Gravuras dos SERÕES

Alugam-se quaesquer clichés publicados n'este Magazine.

Para tratar, na Administração dos SERÕES, Praça dos Restauradores, 30.

O Cunha

ALMANACH HUMORISTICO
PARA 1910

Á venda o 5.º volume

200 réis

Collaboração inédita em prosa e verso de **Alves Barbosa, Amadeu Salles, Arnaldo de Lacerda, Arnaldo Leite, Augusto Veras, D. Branca de Gonta Collaço, P.e Daniel da Cruz, El-Mano, Humberto Beça, Julio Moutinho, Manuel de Moura, D. Maria do Carmo Peixoto, Maximiano Ricca, Oliveira Passos, Rangel de Quadros, Raul Tamagnini, Vidal Oudinot, visconde de Villa-Moura** e de muitos outros escriptores consagrados

Caricaturas e desenhos do **dr. Manuel Monterroso, Amarelhe, dr. Virgilio Ferreira, Emmanuel Ribeiro, Alberto Meira, Marques Abreu, F. Alves Mendes, Jorge Collaço, Julio Nogueira** e **dr. José Moreira de Carvalho**

MAGNIFICAS GRAVURAS = EDIÇÃO ELEGANTE

Publica um interessante artigo do ex.mo sr. Visconde de Villa-Moura, intitulado

Coimbra do meu tempo

com gravura representando o curso do 5.º anno de Direito de 1899-900.

CALENDARIO HISTORICO — UMA VALSA

ESCRIPTORIO

Rua da Victoria, 33-A — PORTO

Agente em S. Paulo: AURELIO MACHADO — Caixa 630

NOVIDADE LITTERARIA

OS BASTIDORES DO NIHILISMO

POR

MAX PEMBERTON

TRADUCÇÃO DO INGLEZ DE

EDUARDO DE NORONHA

OBRA ILLUSTRADA COM 16 GRAVURAS

INDICE DOS CAPITULOS

Capitulos	Pags.
I — Bruce Ingersoll principia a sua historia	7
II — Adeus a Cambridge	17
III — Jehan Cavanagh	29
IV — A casa do Fen	41
V — As noticias do jornal	55
VI — O grito nocturno	65
VII — A mulher e a creança	77
VIII — O destino de Cavanagh	93
IX — Prospero de Blondel	105
X — A festa do Corpo de Deus	119
XI — A luz da janella	143
XII — Ainda Paulina Mamavieff	165
XIII — A prisão de Bruges	177
XIV — A encarcerada	189
XV — A segunda intrevista	203
XVI — Raiz e tronco	217
XVII — O homem de cabello ruivo	229
XVIII — O expresso de Vienna	249
XIX — Na praça de touros	255
XX — O dr. Luthero James	27
XXI — Barcelona	299
XXII — No palacio da Ponte	321
XXIII — As desconfianças de Paulina	331
XXIV — O regresso a Inglaterra	337
XXV — Fédoro	351
XXVI — Um conhecimento	367
XXVII — Jornada nocturna a Waterbeach	377
XXVIII — A dama do bosque	395
XXIX — Na bibliotheca	403
XXX — O barco	413
XXXI — Robiniof	429
XXXII — A sua familia	437
XXXIII — Paulina emmudece	447
XXXIV — O milagre	461
XXXV — A memoria de Jehan Cavanagh	469

PREÇO 500 RÉIS

Á venda nas principaes livrarias

e no deposito, Livraria Ferreira, editora

132, Rua do Ouro, 138

LISBOA

Aos nossos assignantes de 1910

BRINDES

DOS

SERÕES

Uma viagem a Paris

(Ida e volta em 1.ª classe, partida de Lisboa), em época á escolha do favorecido pela sorte, ou o seu equivalente em moeda corrente, como em 1909.

Brinde mensal a todos os leitores

Pela apresentação de BONUS publicados em cada numero

descontos em varios estabelecimentos sobre as compras effectuadas

GRANDE VANTAGEM AOS ASSIGNANTES

Desejosa a administração dos **"SERÕES"** de reunir o maior numero de assignantes, em uma publicação de tanto interesse e unica no seu genero em Portugal — revista profusamente illustrada, com escolhida e escrupulosa collaboração, que se publica no primeiro de cada mez — e querendo facilitar-lhes o completar esta publicação desde o seu inicio, offerece — **a todos que assignarem a revista "SERÕES" por periodo não inferior a um semestre —**, o adquirir um qualquer volume publicado ou todos os treze, com um desconto de 50 %, ou seja cada volume (que corresponde a um semestre) **600 réis** ou, ainda, **1$000 réis,** lindamente encadernado em capas de luxo.

O preço da assignatura dos **"SERÕES"** é:

Portugal, ilhas, colonias e Hespanha	Anno	2$200 réis
	Semestre	1$200 »
	Trimestre	600 »
Para o Brazil (Moeda fraca)	Anno	12$000 »
Para outro qualquer paiz estrangeiro	Anno	15 fr.

Numero avulso, 200 réis

Pedidos á

Administração dos "SERÕES" — 30, Praça dos Restauradores, 30 — LISBOA

Telephone n.º 805

Belleza do Rosto

Leite Antephelico ou Leite Candès

O Leite Antephelico cuja invenção data do anno 1849 deve effectivamente, as suas propriedades cosmeticas à combinação bem acertada de elementos tirados da materia medica, que reciprocamente se temperam por suas porções rigorosamente determinadas, e cuja acção não vai alem das camadas superficiaes da pelle.

O Leite Antephelico emprega-se em loções, em dose benigna, ou estimulante, segundo as alterações que se querem prevenir ou corrigir.

MODO DE EMPREGO SEGUNDO OS CASOS

Durante o tratamento empregar o LEITE CANDÈS só sem nenhum outro cosmetico.

I. DOSE BENIGNA E AGUA DE TOUCADOR. — Vascolejar o liquido até elle fazer-se côr de leite; deitar n'um pires a quantidade d'uma colher à café, e ajuntar as seguintes quantidades de agua: 1º um a dois tantos, contra o Rosto sarabulhento e as Picadas de insectos; — 2º dois a tres tantos contra as Rugas, o Tisne do sol, Borbulhas, Espinhas, Brotoeja, Fogagem, Eifflorescencias farinhentas ou furfuracéas e outras alterações accidentaes da cutis, — 3º tres a quatro tantos, como agua de toucador, para conservar a pureza, transparencia e macieza da pelle. — Embeber n'estas misturas um panninho fino, e humectar duas vezes por dias os pontos affectados. Como agua de toucador, basta uma loção, com preferencia pela manhã, meia hora antes de lavar o rosto.

II. DOSE ESTIMULANTE, contra as SARDAS e as MANCHAS DE GRAVIDEZ. — Nos dois primeiros dias, ajuntar á pequena porção de LEITE que se deita no pires, igual quantidade de agua, e continuar esta dóse tres vezes por dia, se os effeitos abaixo descriptos principiarem a produzir-se; se não, logo no terceiro dia, emprega-se o LEITE puro e humectão-se as manchas, sem esfregar, uma duas ou trez vezes *quando muito* no correr do dia (segundo a delicadeza da cutis), até que a epiderme que as cobre, passando por duas phases previstas e sempre isentas de gravidade, — 1º ardor mais ou menos vivo, — 2º leve intumescencia acompanhada de sensação tensiva, — tenha tomado uma côr cinzenta, e se desseque. Oblido este resultado, as loções só se comparão de uma parte de LEITE e tres tantos d'agua. A epiderme exfolia-se, e a cutis, temporariamente vermelha, apresenta-se (depois de dez a quinze dias de tratamento) branca e fresca, livre das manchas que a embaciavão.

Magazine mensal illustrado
LIVRARIA FERREIRA, Editora
Redacção e administração
Praça dos Restauradores, 30 — LISBOA
Telephone 805

SERÕES

N.º 58 — Abril 1910

Assignatura { Semestre.. 1$200 / Anno ..... 2$200
Numero avulso 200

Composto e impresso
na Typ. do Annuario Commercial

A MAIOR E MAIS IMPORTANTE

FABRICA

PORTUGUEZA DE METALLURGIA

Construcção de pontes,
vigamentos e estructuras metallicas
fundição de aço ferro e outros metaes

CALDEIRAS E MACHINAS A VAPOR

MOTORES A GAZ POBRE

CONSTRUCÇÕES MECHANICAS CIVIS E NAVAES

Alfaias e machinas agricolas

Ascensores e monta cargas electricos

SYSTEMA PRIVILEGIADO

Importação de todo o genero
de machinas

Materias primas e manufacturadas
para as industrias

ESCRIPTORIO E OFFICINAS

115, RUA LUIZ DE CAMÕES, A SANTO AMARO

TELEPHONE
N.º 256—BELEM

Telegrammas
Santamaro
LISBOA

Deposito d'Exposição Permanente

AVENIDA DE D. CARLOS
E
RUA VASCO DA GAMA
LISBOA

Proprietaria: Livraria Ferreira — **Director litterario:** Eduardo de Noronha — **Director gerente:** Caldeira Pires — **Séde da redacção e administração:** Praça dos Restauradores, 30. — Composto e impresso na **Typographia do Annuario Commercial,** Praça dos Restauradores, 27.

Summario

MAGAZINE

Pag.

ALEXANDRE HERCULANO
(Frontispicio) 242

OS ULTIMOS DIAS DE ALEXANDRE HERCULANO
(1 illustração e 1 vinheta) por Bulhão Pato 243

O DEVER *(Versos)* de Ignotus 248

OS AMORES DE PAULO E FRANCESCA
(2 illustrações e 1 vinheta) por B. de Salles 249

VOX DEI *(Versos)* de Celestino Monteiro 252

LUTHERO BURBANK
(7 illustrações) por Alvaro Coelho 253

NOIVA *(Versos)*
(1 illustração) por Augusto Gil 256

ARSENAL DO ARSENAL
(6 illustrações) por Henrique Marques Junior 257

BRANCA HERMINIA *(Versos)* de Lucilio 262

IMPRESSÕES DE VIAGEM — CANNIBALISMO N'UM COMBOIO
(1 vinheta) versão de Manuel de Macedo 263

EM TANAGRA *(Versos)* de M. Cardoso Martha 268

O CAMPO GRANDE
(6 illustrações) por Eugenio Vieira 269

ARISTOPHANES E A SUA ESCOLA
(6 illustrações e 1 vinheta) compilado por Eduardo de Noronha 275

O PAPA PIO X
(14 illustrações e 1 vinheta) por S. B. 287

ROXO *(Versos)* de Raul do Valle 296

O CAMPO DE SANT'ANNA — RECORDAÇÕES DE ENTÃO
(10 illustrações e 1 vinheta) por Carlos Abreu 297

A MOLEIRA *(Versos)*
(1 illustração) por J. de Oliveira Simões 305

ESCOLHA DE ADUBOS PELO METHODO DO CESTO E DA PARAFFINA
(2 vinhetas) pelo Visconde d'Alte 306

ECCOS E REFLEXOS
(8 illustrações) 308

A MUSICA DOS SERÕES

MINUETE, original de José M Correia . . . . . 4 pag.

A Quebradura curada

Vê V. este pedreiro fechando a abertura nesta parede?

E' essa a fórma porque eu curo a quebradura. Enchendo a abertura com material novo e mais forte.

Uma quebradura é simplesmente uma abertura numa parede, a parede de musculo que protege os intestinos e outros orgãos internos. E' quasi tão facil curar uma ferida ou rotura neste musculo como em um braço ou mão.

Comtudo esta rotura não é talvez maior que a cabeça de um dedo.

Mas e sufficientemente grande para deixar que os intestinos passem através. E' claro que isto não póde cicatrizar sem que a natureza seja auxiliada.

E é isso precisamente o que o meu methodo faz. Permitte-lhe a V. reter a protusão dentro da parede no seu mesmo sitio.

Depois dou a V. um Desenvolvente Lymphol para applicar sobre a abertura da quebradura. Este penetra através da pelle até aos bordos da abertura e remove o annel calloso que se tem formado ao redor da rotura.

Então começa o processo de cicatrização. A natureza livre já do instestino saído e do annel calloso da abertura, e estimulada pela acção do Lymphol deita uma porção de lympha e a abertura é outra vez occupada com novo musculo.

Não é isto simples? Não é isto razoavel? Tenho provado os seus meritos em milhares de casos. Proval-o-hei a qualquer herniado que me envie o seu nome.

Escreva-me V. indicando o numero a que corresponde o seu caso e eu lhe enviarei pelo correio uma amostra gratuita do meu Desenvolvente Lymphol e um livro lindamente illustrado ácêrca da Natureza e Cura da Quebradura. Não me envie V. dinheiro. Só o seu nome e endereço.

Wm. S. RICE, R. S. Ltd.,

(ESPECIALISTAS)

(G. P. O. Box n.º 5) (Depot.º S. 351), 8 & 9, STONECUTTER ST.,

LONDRES, E. C., INGLATERRA

AGUA CASTELLO

Minero-gazoza, lithinada natural

DE

MOURA

Refrigera os sãos e cura os doentes

A melhor, a mais pura e a mais barata das aguas de meza do Paiz.

Agradabilissima ao paladar, tomada simples ou misturada com cognac, leite, wisky, vinho, etc. — premiada na Exposição de S. Luiz e no Palacio Crystal do Porto.

ESCRIPTORIO E DEPOSITO

123, RUA DA CONCEIÇAO

Telephone 880

Empreza das Aguas de MOURA ASSIS & C.ª

LISBOA

Grande Planta de Lisboa

DELINEADA POR

CALDEIRA PIRES

Em 4 folhas, a côres, impressa em optimo papel; escala 1:5000, acompanhada de uma outra na escala 25:000 que abrange toda a area de Lisboa, dividida por bairros e estes por freguezias. Croquis do districto de Lisboa, divididos por concelhos.

Roteiro e fita indicadora para prompta busca de qualquer rua, travessa ou logar que se pretenda conhecer de momento.

Planta de grande utilidade e alcance para

Secretarias, escriptorios, escolas, quarteis, policia, etc., etc.

Ligeira noticia da capital, e todas as suas differentes divisões administrativas.

Preço em folhas, 3$000 réis

Colladas em panno, envernisada, com reguas de madeira

5$000 réis

Propriedade e deposito geral

LIVRARIA FERREIRA

Rua Aurea, 132 a 138

Brinde mensal a todos os leitores dos SERÕES

CORTAR COM UMA TESOURA SOBRE O PONTEADO

Brinde dos SERÕES

BONUS para o desconto de **10 por 100** em qualquer compra feita pelo portador na

LIVRARIA FERREIRA

Rua Aurea, 132

durante o mez de abril de 1910.

Brinde dos SERÕES

BONUS com o desconto de **50 por 100** em qualquer logar e dia (excepto domingos e dias santificados) no

SALÃO FOZ

(Calçada da Gloria, em frente da rua do mesmo nome)

durante o mez de abril de 1910.

Brinde dos SERÕES

BONUS com o desconto de **50 por 100** em qualquer logar nos espectaculos realisados ás terças feiras, ou dia seguinte passado aquelle seja festivo, no salão

MUSIC-HALL

PRAÇA DOS RESTAURADORES

durante o mez de abril de 1910.

Brinde dos SERÕES

BONUS para o desconto de **10 por 100** sobre os preços estabelecidos no Consultorio Dental de

Tugmann

PRAÇA DOS RESTAURADORES, 30

durante o mez de abril de 1910.

Brinde dos SERÕES

BONUS para acquisição de um exemplar do

ANNUARIO COMMERCIAL DE PORTUGAL

PRAÇA DOS RESTAURADORES, 30

com o desconto de **10 por 100**

durante o mez de abril de 1910.

Brinde dos SERÕES

BONUS para o desconto de **10 por 100** em qualquer compra feita pelo portador, em instrumentos de precisão na

CASA MIRAMON

46, Praça D. Pedro, 48

durante o mez de abril de 1910.

Brinde dos SERÕES

BONUS para o desconto de **10 por 100** em qualquer encommenda feita pelo portador no atelier de gravura de

PIRES MARINHO & C.ª

Praça dos Restauradores, 27

durante o mez de abril de 1910.

Brinde dos SERÕES

BONUS para acquisição de um exemplar da

AGENDA

do Annuario Commercial de Portugal

Praça dos Restauradores, 30

com o desconto de **10 por 100**

durante o mez de abril de 1910.

SERÕES
N.º 58 — ABRIL
LIVRARIA FERREIRA—EDITORA
136, RUA DO OURO, 138 LISBOA

Alexandre Herculano

Os ultimos dias de Alexandre Herculano

O trecho que abaixo segue, devido á penna sentida e brilhante do inspirado poeta Bulhão Pato, é transcripto, com a devida venia, do primeiro volume das suas «Memorias», trabalho litterario primoroso e em tudo digno do seu auctor. Julgamos assim honrar a memoria do insigne extincto, honrando ao mesmo tempo a individualidade do seu grande amigo vivo.

SABBADO — 8 de setembro de 1877 — depois de jantar, saí da casa, onde então morava, — calçada da Estrella, proximo ao largo, — e fui visitar o meu amigo Zacharias d'Aça, que habitava na rua de S. Felix, á Lapa.

Eram dois passos. Ia conversar, e convidal-o para darmos, no dia seguinte, uma volta de caça pelo juncal da Costa. Ia com animo desafogado, bem disposto, como vulgarmente se diz.

Estava uma tarde magnifica, illuminada pelo sol, ainda vivo, do declinar do verão.

Quando entrei em casa do meu amigo, acheio-o preoccupado e triste.

Perguntei-lhe, se tinha alguma coisa. Respondeu-me, que não. Em seguida propuz-lhe o nosso passeio á Costa. Calou-se um momento; depois disse-me, com certa precipitação:

— E' verdade, o Alexandre Herculano está doente. Parece-me ser coisa grave. O Reis (Henrique Augusto de Souza Reis. tenente coronel de artilheria, amigo de Herculano) já partiu para lá com o dr. Alves Branco.

Apertou-se-me o coração, que estava expansivo e alegre, dizendo commigo:

— O mestre está morto!

Escrevi um bilhete á minha irmã, e saí immediatamente. Zacharias d'Aça acompanhou-me.

Chegámos á livraria Bertrand, onde encontrei Augusto Saraiva de Carvalho. Perguntei-lhe novas.

— No telegramma que recebo agora, diz-se que é uma perniciosa — respondeu-me elle.

Segui para o Caminho de ferro. Tinha-se aberto a porta. A casa estava deserta. Entrei a passear d'alto a baixo. Os viajantes vinham confluindo. Eu acotovellava este, pisava aquelle...

Ha horas, em que nós quasi perdemos a consciencia do mundo exterior.

Minutos antes de partir o comboio appareceu á porta o dr. José d'Avellar.

Fiz-lhe logo uma serie de perguntas importunas. Suppunha, allucinadamente, que o medico me podesse consolar!

— Socega-te. Eu não sei nada. Lá veremos o que ha.

* * *

Chegámos a Valle de Lobos ás 11 horas da noite, pouco mais ou menos.

Estava lá o medico assistente, dr. Pedroso, e Alves Branco. As physionomias

d'ambos não me influiram animo. Outro tanto me succedeu, quando José d'Avellar voltou do quarto do doente.

Alexandre Herculano estava em pleno uso das suas faculdades, porém extremamente agitado.

Sobre a madrugada partimos. Poucas palavras trocámos. José d'Avellar disse para o seu collega Alves Branco:

— Não gosto d'isto.

— Nem eu! respondeu Alves Branco.

Depois começaram a falar, na linguagem da sciencia. Julguei perceber, que o mal não estava ainda bem caracterisado, mas que o prognostico era mau.

Não me atrevi a perguntar nada.

N'um telegramma de domingo — 9 — havia algumas palavras um nadinha animadoras.

Uma carta de José Basto, escripta ao irmão João Basto, e datada de domingo á noite, dizia que o doente tomára os caldos com menos fastio, e até pedira uma colher de vinho do Porto, coisa que até ahi lhe repugnava grandemente.

Fui, a correr, levar esta noticia a Henrique Reis e José d'Avellar, que esperavam por mim na tabacaria Lusitana. N'aquellas circumstancias esta noticia deu-nos alma nova.

Reis disse-me:

— D'aqui por meia hora devo ter telegramma em casa. Se as noticias forem boas, vamos dar um passeio ao campo, e depois de jantar partimos para Valle de Lobos.

Passada meia hora acompanhei Henrique até sua casa, em frente da Bibliotheca. Fiquei á espera no largo. Bastou-me vel-o sair da porta, com o telegramma na mão, para me convencer que as novas eram lastimosas!

Não me enganei.

* * *

Antonio da Silva Tullio, extremamente commovido, tinha corrido ao Paço a pedir a Magalhães Coutinho, que acudisse com a sua sciencia e grande talento ao amigo de tantos annos.

Mandou-se pôr um expresso. A's seis e meia entravamos na estação. Lá estava Magalhães Coutinho. Partimos. Eramos cinco: Magalhães Coutinho, João Galhardo, sobrinho de Alexandre Herculano, por affinidade, Henrique de Souza Reis, José d'Avellar e eu.

O expresso silvava constantemente, cortando o terreno, como as aves cortam os ares. Pareceu-nos, que ia devagar!

Chegando a Valle de Lobos, Magalhães Coutinho não auscultou o doente. Tomou-lhe o pulso, e disse-lhe algumas phrases vagas. Falou-lhe, com insistencia, de um alto personagem, que se interessava pelo seu estado.

Quando Magalhães Coutinho saíu do quarto, Alexandre Herculano, muito commovido, disse para José d'Avellar:

— Isto dá vontade de a gente morrer.

Era a friesa desconsolada do medico e do amigo? Seria sentir que o homem de superior talento, talento que elle apreciava tanto, não lhe podendo já acudir com a sciencia, queria, áquellas tardias horas, consolal-o com a satisfação das vaidades humanas?

Fosse o que fosse, alguma coisa acerba lhe atravessou o espirito, n'esse atribulado momento!

D'alli a pouco, recobrando a sua habitual serenidade, disse-me:

— Os de casa, coitados, andam com a cabeça perdida. Dê uma vista d'olhos áquillo lá por baixo, para que arranjem a ceia. Veja os melões. Este anno são magnificos.

De madrugada regressámos a Lisboa.

* * *

N'esse dia á noite — 11 — José d'Avellar voltou a Valle de Lobos.

Damos-lhe agora a palavra:

«Meu querido Bulhão Pato. — Para completares a tua triste narrativa, queres que reconte o que se passou, desde o dia em que tiveste de retirar de Valle de Lobos, e eu tive de ficar ao lado do nosso nobilissimo e chorado amigo, na qualidade de enfermeiro, qualidade que nunca ultrapassei, como sabes. Vou cumprir as tuas ordens, e em breves palavras direi os poucos e melancholicos episodios, que a minha fraca memoria não deixou escapar.

«No dia 12 resolveram propôr ao enfermo, que aproveitasse a presença do tabellião — que era seu respeitoso amigo, e que o vinha visitar — para fazer o seu testa-

mento, ao que elle accedeu sem a menor hesitação, demonstrando, todavia, bem accentuadamente n'um quasi desdenhoso sorriso, que não acreditava na coincidencia d'aquella visita.

«Assisti ao acto como testemunha.

«Dictou tudo, palavra por palavra, com a maior serenidade, e sem differença de tom na voz, quando falou das disposições do seu proprio enterro, que deixava ao arbitrio e vontade de sua viuva.

«Fui eu, e Santos, que o amparámos, para se sentar na cama, e assignar o testamento. Como a primeira penna — que era d'ave, e com essas é que sempre escrevia, — não servisse, por estar resequida e com os bicos revirados, por não ter uso havia alguns dias, fui ao escriptorio procurar outra, que preparei rapidamente, molhando-a na tinta, e collocando-lh'a entre os dedos.

ALEXANDRE HERCULANO

«Com estas curtas demoras, e na posição que conservava, — ainda que amparado nos braços de Santos, — tinha-se afadigado extraordinariamente; a respiração era já muito frequente e curtissima, porque a maior parte dos pulmões não funccionava, e só com muito esforço e vigor de vontade conseguiu — a muito custo e com letra muito tremida e deformada — assignar o seu — *A. Herculano.*

«A palavra que, decerto, o grande escriptor traçára sempre com menos attenção e quasi automaticamente, foi a ultima, que escreveu, e com tantas difficuldades e cançado trabalho, como quem realmente grava no bronze eterno a rubrica da propria immortalidade!

«Deixou-se cair, offegante, sobre as almofadas, com a respiração estridula e fervorosa de quem já não tinha força para expectorar.

«Disse-me ainda que os rapazes — os seus testamenteiros — poderiam publicar uns cinco volumes de opusculos com os manuscriptos, que deixava, e os artigos dispersos nos jornaes.

«Depois ficou n'um torpôr de repoiso apparente, e nós deixámol-o como a dormitar.

«Estava exhausto: poucas horas tinham de decorrer para começar a agonia.

«De noite voltaste, e como não o desamparaste mais, melhor do que eu sabes como passaram os ultimos momentos do homem, do grande e inimitavel historiador!

«Teu velho amigo

José d'Avellar.»

* * *

Os telegrammas do dia 12 eram cada vez mais aterradores.

Henrique de Souza Reis estava descoroçoado, mas queria ainda levar o dr. Alves Branco a vêr o seu amigo.

Era um fio de esperança; agarrava-se a elle!

No comboio da noite partimos.

A viagem foi soturna.

Quando chegámos a Valle de Lobos, e entrámos no quarto, Alexandre Herculano olhou para Henrique, e abraçou-o.

Era um agradecimento mudo pela sua sollicitude.

O dr. Alves Branco observou detidamente o enfermo. Não despregavamos os olhos d'elle. O habilissimo medico forcejava por apparentar a maxima serenidade, falando affectivamente com Alexandre Herculano, que lhe dizia:

— Ainda que chegasse a levantar-me d'aqui, como ficaria eu? Valeria a penna es-

gotar os recursos da sciencia com um homem, que já nada poderia produzir? Estou cançado, doutor, tenho trabalhado muito!

Quando entrámos no escriptorio, Alves Branco sentou-se, esteve alguns momentos calado, e depois, como respondendo á nossa anciosa espectativa, disse-nos, com as lagrimas nos olhos:

— E' um homem irremediavelmente perdido!

Meia hora depois Henrique, morta a esperança, voltava com o doutor para Lisboa. Eu ficava.

Abraçámo-nos sem trocar palavra.

Sobre a madrugada desci á casa de jantar, sentei-me n'uma cadeira de braços, e adormeci. D'alli a pouco acordei sobresaltado.

Cantavam os passaros, vinha rompendo a manhã.

Subi ao quarto. Eduardo Galhardo, sobrinho de Herculano, filho de sua irmã, estava alli.

A luz, que entrava pelas frinchas da janella, sobrelevava já ao clarão mortiço da lampada accesa no quarto proximo ao do enfermo.

Alexandre Herculano disse:

— Abram a janella. Quero ver as arvores.

Eduardo abriu as portas da janella. O orvalho, aos clarões vivos e virginaes da alvorada, brilhava como pedras preciosas, correndo em lagrimas pelos vidros empanados.

Eduardo limpou os vidros com o lenço. N'esse mesmo momento tinham entrado o quarto José Basto, José Candido dos Santos, um dedicado amigo de Valle de Lobos, hoje morto, a ex.ma sr.a D. Marianna Herminia Meira, e as amigas intimas, que a acompanhavam. Não me recordo de algumas pessoas mais.

A luz da manhã crescia em ondas. Alexandre Herculano estava extremamente pallido. O queixo inferior, que de ordinario, quando falava, tremia um pouco, agora tremia constante e fortemente.

Não havia nem lagrimas nos olhos, nem palavra na bocca de ninguem.

Nada ás vezes é mais eloquente, do que o completo silencio!

Herculano, vendo entrar as senhoras, olhou fixo para sua mulher, que elle amava extremosamente, com expressão dolorosa e affectiva.

Depois, estendendo o braço, disse com energia:

— Levem d'aqui as mulheres. Mulheres não são para vêr isto!

Que se passaria n'aquelle forte, e ao mesmo tempo amantissimo coração, ao proferir estas palavras em tal instante e com tal hombridade!?

O medico assistente, dr. Pedroso, chegou pelas oito horas. Na consternação da sua boa e intelligente physionomia lia-se a sentença fatal!

O creado Manoel, que Alexandre Herculano tivera em sua casa de pequeno, e mandára educar, veiu trazer-lhe um caldo.

Herculano fez um gesto repulsivo.

Manuel insistiu sollicitamente.

O doente respondeu:

— Bebe-o tu, coitado, que necessitas, eu já não preciso de nada!

A's onze horas da manhã chegou o duque de Palmella.

O duque, desde muito rapaz, tivera relações intimas com Alexandre Herculano.

Quando elle entrou no quarto, Alexandre Herculano estava deitado sobre o lado esquerdo. Sem proferir palavra, estendeu o braço direito, e lançou-o em volta do pescoço do seu amigo.

O duque fez grande esforço para conter o impeto da commoção; ainda assim não o poude conseguir.

Nas largas e afflictivas horas d'aquelle dia — horas negras que, por uma antithese cruel, contrastavam com o aspecto do Valle, cujas arvores e vinhedos, batidos pelo sol magnifico, pareciam nadar n'um banho de luz — houve para mim um momento de singular consolo.

Vendo que a respiração do doente era por extremo anhelante, o que me opprimia o peito, perguntei-lhe, como machinalmente:

— Custa-lhe muito a respirar?

— Não, não, respiro bem, muito bem.

Disse isto com tanta convicção e naturalidade, que eu fiquei alliviado d'um grande peso!

Queixava-se muito de dôres no logar do caustico. Pediu, que lh'o tirassem. Como houvesse hesitação disse:

— Tirem, tirem. Agora para que serve?

Os olhos, que elle tinha de um grande

brilho, apesar da terrivel enfermidade, não haviam amortecido muito; conservavam a sua expressão reflexiva e boa.

O semblante estava dolorido, macerado; mas não havia sombras. E' que as não tinha, aquella alma limpida e serena!

Não cabe aqui n'estas linhas o retrato moral d'esse homem verdadeiramente superior.

Um dia, talvez em breve, tentarei fazel-o, narrando factos da sua vida particular, factos caracteristicos — eloquentes! A' falta d'arte haverá verdade e sinceridade. Conheci muito de perto aquella vida immaculada no decurso de trinta annos.

Volto á minha narrativa.

A respiração continuava anhelante, porém menos ruidosa. Cada vez maior difficuldade de expectorar.

Tinha alguns minutos de apparente somnolencia; depois, estremecendo, abria os olhos.

Seriam três da tarde. Interrompendo um longo silencio, disse, apontando para os pés:

— A morte já ahi vem a subir.

Em seguida, levando a mão á testa ampla e proeminente, bateu repetidas vezes, accrescentando:

— Isto ainda está bom. Foi muito rijo.

Esteve alguns minutos fitando-me, e continuou:

— Agora, vocês é que ficam sendo os velhos!

Nas horas em que estive ao pé d'elle, durante a enfermidade, foi n'esse momento que, pela primeira vez, lhe vi os olhos humidos de lagrimas.

A tarde começou a declinar.

Eu estava no gabinete de trabalho proximo do quarto. Eduardo Galhardo chegou-se a mim.

— Olha, o tio recitou agora alguns versos, mas eu não pude perceber bem.

Abeirei-me do leito, e falei-lhe.

Respondeu:

— Ainda lhe comprava mais dois centos.

Tornei a falar-lhe.

Repetiu as mesmas palavras, e, passado breve espaço, accrescentou:

— Tanchões d'oliveiras.

Os olhos haviam tomado expressão diversa — espantados, desvairados!

Estava em delirio.

Saí, ou antes, fugi do quarto.

Quando vi transtornada aquella soberana razão, que desde os meus dezeseis annos me habituára a venerar e a admirar, em diurna convivencia, perdi completamente o animo.

Sem me despedir de ninguem metti-me com o duque de Palmella n'uma caleche, e parti.

D'alli a pouco mais de duas horas, Alexandre Herculano estava morto.

. . .

Voltei no dia seguinte — 14 — á noite. Não achei conducção na Ribeira de Santarem, e só na cidade, de madrugada, pude obter um trem, que me levasse a Valle de Lobos.

Era a ultima despedida.

A alma humana, sob qualquer fórma, ha de tender sempre para estas manifestações, ter estas exigencias, por mais que os espiritos positivos lhes chamem puerilidade.

Não foram, ha pouco ainda, os communistas da França, que não acreditam em Deus, levar corôas de perpetuas á valla, onde haviam caído, trucidados pela reacção aterrada e enfurecida, — o medo é feroz! — milhares dos seus camaradas?

Eram vermelhas as corôas.

A côr que importa?

Quando entrei no Valle, vinha clareando a manhã.

As duas enormes faias do eremiterio, meneando-se e acurvando-se com a aragem viva da madrugada, pareciam chamar, convidando o recem-chegado a que viesse commemorar com uma lagrima a solidão em que as deixára a perda do seu amigo!

O sol, crescendo em torrentes de luz, inundava d'alli a pouco a paizagem.

No ar, onde rutilavam columnas de pó doirado, nos claros das alamedas, zumbiam os insectos com uma vibração alegre — ironica e cruel para a alma dos tristes!

As folhas de terra do fundo do valle, e as encostas de bacello, denunciando prospera colheita, estavam alli para confirmar a solicitude e mestria da mão, que as cultivára.

Valle de Lobos, nos ultimos annos, foi uma granja modelo, onde até os mais contumazes na rotina vinham estudar e aprender.

Era ainda um serviço prestado por aquelle homem de eleição, entre tantos que fizera ao seu paiz.

* * *

Com o altear do dia foram chegando os que vinham para o acampanhar no prestito.

O firmamento sem uma nuvem, d'um azul vivo e profundo, ostentava a sua serenidade olympica sobre as lagrimas e miserias d'este mundo!

As aguas da mina, refervendo, desciam por encanamentos, para irem regar a varzea; as vaccas turinas, com a barbella pendendo em dobras, o pescoço recachado, os uberes turgidos, replectas, e descançando, deitadas no hervaçal, voltavam vagarosamente a cabeça, a reparar para a linha negra e taciturna dos convidados, que seguia pela bordada do valle, e fitavam, estremecendo, a orelha vellosa, como attonitas de verem na sua alegre paizagem aquelles inusitados e sombrios vultos!

Na clareira do Valle, e no fundo verde escuro do outeiro, resaíam as casas da aldeia com as chapadas de luz da força do dia.

Entre os que seguiam no prestito um homem de verdadeira sciencia e talento — Antonio Augusto de Aguiar — proferiu, á beira da sepultura do grande historiador, algumas palavras notaveis e commoventes. Não as ouvi, porque não fui ao cemiterio.

Os camponezes offereciam ramos de oliveira ás pessoas, que tinham vindo de Lisboa.

As oliveiras, que elle lhes ensinára a tratar!

Prestavam esta homenagem, na sua rustica e affectuosa sinceridade, não ao escriptor que não conheciam, mas ao amigo de tantos annos, que respeitavam, porque lhes acudira sempre com o conselho e com o remedio.

D'aqui a poucos dias completam-se tres annos — 13 de setembro — que desappareceu a luz d'um dos mais elevados engenhos que tem tido Portugal, e acabou para mim um grande amigo.

Estas linhas são um desafogo.

Creio que o paiz não verá com indifferença a historia, religiosamente verdadeira, das ultimas horas e das ultimas palavras do seu mais illustre cidadão.

Agosto, 30 de 1880.

BULHÃO PATO.

O Dever

Não mentir, trabalhar e ser honrado,
Estricto cumprimento é do Dever;
Assim como tambem, mal não fazer,
Motivo não dará p'ra ser louvado.

Porventura, na guerra, tal soldado,
Collocado entre a honra e o morrer,
Tem acaso o direito de escolher:
— Se melhor é viver, mas deshonrado?!

Se p'las chammas e fumo atravessando,
Em um fogo, um bombeiro destemido,
Mesmo a propria vida desprezando,

Um qualquer foi salvar, alli esquecido,
Fez mais que o seu dever!? Assim salvando
Esse ente, que nem é... seu conhecido!!

IGNOTUS.

(Historia d'amor, por Claude e Alice Askew)

«Estás assustada, o que receias?»

Tomou-lhe uma das mãos, e cobriu-lh'a de beijos. Estava pallido como um phantasma errante; mas o seu olhar era quente e cheio de amor.

«Assustada?» — Francesca sorriu melancholicamente; depois, retirou as suas mãosinhas brancas e pequenas, para que Paulo as não beijasse; Paulo, o irmão de seu marido Giovanni, Tyranno de Rimini; Paulo, que era da sua edade, joven corajoso e bello. Pensou em Giovanni, já velho, de barba grisalha, repellente, o homem com quem a tinham casado por motivos politicos — e suspirou.

«Porque suspiras?» — a sua voz era profunda e doce; o seu peito respirava opresso.

«Desejava» — disse ella com a doce simplicidade dos seus dezeseis annos, — «nunca ter sahido do convento, Paulo. Estava-se alli tão bem, havia tanta tranquillidade! O sol, passando através os vitraes das janellas, dava-nos toda a luz de que careciamos; a musica era tão santa, tão pura, que era encanto, ouvil-a; o mundo deslumbra-me; tudo é tão forte, tão brilhante!»

«És infeliz!» — Paulo approximou-se mais d'ella, esquecendo o grande amôr que tinha a seu irmão, esquecendo tudo, excepto o dourado cabello de Francesca, os meigos olhos que pareciam violetas em que o orvalho tivesse pousado, e a encantadora delicadeza do seu corpo gentil.

«Tenho medo;» — e estremeceu ao dizer isto, e o seu coração pareceu bater mais apressado, sob os bordados de perolas do seu vestido de seda. — «E' tão grave, tão velho, esse marido com quem casaram a minha juventude! Quando elle põe a mão no meu hombro, todo o meu sangue se gela; e a sua voz, sempre alta, parece estar contando uma batalha sanguinolenta.»

«Francesca,» — e de novo lhe tomou as mãos que apertou apaixonadamente, — «tive esta noite um sonho.»

«Um sonho?» — repetiu a joven fixando n'elle os seus olhos côr de violeta.

«Foi um delicioso sonho,» — continuou Paulo ternamente; — «mas não tornarei a sonhal-o. Eras minha mulher, n'esse sonho!»

«Tua mulher?» — O rosto purpureou-se-lhe, depois as suas faces ficaram pallidas e tristes, como as tristes rosas brancas, flôres d'enterro.

«Eras minha mulher,» — repetiu elle com bastante firmeza. — «Andavamos vagueando pelos campos, juntos; era na primavera; os passaros cantavam; o verde tapete d'hervas, estava todo esmaltado de flôres. Não havia homens armados para a guerra, nem castello sombrio, nem escuras tapeçarias. Estavamos n'um campo e era na primavera.»

«Tambem eu tive o mesmo sonho,» — suspirou Francesca baixando os olhos; — «porque será que se é sempre tão feliz emquanto se sonha, e é tão triste a realidade?»

Francesca estava de pé, n'uma das salas do palacio de Rimini; uma grande sala de

cujas paredes pendiam longas tapeçarias, mobilada com severa riqueza, em que havia um ar de mysterio e desconforto; nada havia de commum entre a sua sombria gravidade, e a brilhante juventude d'aquella que o habitava.

«Achas que são sempre bons os sonhos?» — perguntou Paulo, olhando fixamente para a mulher de seu irmão.

«Sonhei com um outro sitio que não era um campo...» — e fez uma pausa.

«Continúa,» — murmurou Francesca offegante, unindo as pequeninas mãos.

«Um logar de escuridão, em que havia, ao mesmo tempo, um estranho clarão avermelhado, um horrivel clarão, Francesca. E ouvia-se alli o sibillar do vento, tão tumultuoso, tão violento! Vi duas almas açoutadas por esse vento aspero, como folhas de arvore, que o outono agitasse e impellisse, lançadas para um céo que parecia feito de chammas. Que pensas d'este meu horrivel sonho? Francesca, tens pena d'essas duas pobres almas, brinquedos do vento e do fogo?

«Quem teriam sido, na terra?» — perguntou ella perturbada. E o seu rosto d'uma suave meiguice, perdeu a sua habitual e innocente expressão.

E ENVOLVEU-O NOS SEUS BRAÇOS...

«Uma mulher e um homem,» — disse Paulo, fitando-a com uma insistencia quasi cruel; — «uma mulher e um homem que amaram e peccaram.»

«Que amaram e peccaram involuntariamente,» — continuou elle; — «sim, Francesca, estou certo de que peccaram involuntariamente, e por isso Deus, apiedando-se d'elles, ordenou que cumprissem juntos o castigo, sempre, para sempre, juntos.»

«E seria isso castigo?» — perguntou a joven com doce simplicidade; — oh! Paulo, pensa bem! estar só com aquelle que se ama e para sempre! Achas isso castigo?»

«Francesca, Francesca!» — Murmurou Paulo unindo a a si.

Mas ella afastou-se, pallida, fremente, com o olhar receioso e afflicto.

«Para que voltaste a Rimini? Para quê, Paulo, para quê?»

«Foi elle que assim o quiz. Teu marido e meu irmão, ordenou que te trouxesse as suas cartas. Recusei-me a principio, Francesca, dei mil desculpas; mas bem conheces Giovanni; mandou, tive que obedecer.»

Ella curvou a cabeça. Na sala, a escuridão augmentava; não podiam quasi ver o rosto um do outro; e fóra, o vento soprava triste, agoirento.

«Bem sei, — suspirou Francesca, — que ninguem póde contrariar um capricho de Giovanni. E' bem o Tyranno de Rimini. Giovanni incendeia cidades, arrasa campos, faz de esposas felizes, viuvas inconsolaveis e rouba filhos a suas mães. A sua mão está sempre nos copos da espada e os seus sonhos são povoados de batalhas. Para que me tiraram do convento, — continuou com gesto afflicto, — para que me trouxeram para este grande palacio? E porque te vi eu a ti, Paulo, antes de o vêr a elle? Para que te mandou teu irmão buscar-lhe a noiva? Foi cruel, oh! foi muito cruel!»

«Cala-te» — disse elle erguendo altivamente o rosto energico. — «Não fales no passado, esqueçamo-lo, Francesca.

«Para que fugiste de Rimini» — e aproximou-se d'elle ao dizer isto, — abandonando a festa do casamento? Giovanni encolerisou-se comtigo, Paulo, disse que era uma descortezia para comigo.»

«Porque deixei Rimini?! Porque nem me atrevia a vêr-te. Eras demasiado linda e nova, para viver n'este triste palacio; não me atrevi a ficar, receioso do encanto que já operava em mim a tua radiosa juventude.

«Eu amava-te como um irmão, — disse Francesca; — amei-te assim, até que partiste, Paulo; então, comecei a pensar, a sentir a tua falta, a desejar a tua volta, e comecei a comprehender que te amava, não como irmão, mas sim como...»

«Querida innocente!» — exclamou Paulo tomando-lhe as mãos; — «nunca fui um irmão para ti, nunca. Sei agora bem que nos amámos desde o primeiro momento. Creio até, que em tempos passados, as nossas almas se conheceram e se amaram já. Parece-me que te adorava antes mesmo de nasceres, porque ao ver-te, reconheci o teu rosto, e a doçura dos teus olhos; a tua voz, nada teve para mim d'extranho, querida. Eras aquella que eu encontrava de novo, e eras minha desde sempre.»

APERTANDO, CONVULSIVAMENTE, OS COPOS DA ESPADA...

«O mesmo me succedeu, Paulo, — disse Francesca reclinando a cabeça no seu peito, — antes de te vêr, parecia-me estar adormecida; quando te vi, a minha alma accordou; ignorava que tinha um coração, até que o fizeste bater, pulsar!»

«Querido amor!» — respondeu Paulo, beijando-a na fronte. — «Que fizémos nós, Francesca para sermos vencidos por este amor fatal; devias ter-me rasgado o coração, para te não amar, e eu, quando fugi de ti, devia ter tido a coragem de não mais voltar, devia ter confessado a verdade a Giovanni, dizer-lhe que te amava e não podia voltar aqui.»

«Que é isto?» — disse ella, soltando-se dos braços, que já a enlaçavam. — Ouvi o som das patas d'um cavallo, no pateo, não devemos ser encontrados aqui, juntos!»

Paulo tranquillisou-a.

«Ninguem aqui póde entrar esta noite a não ser Giovanni, e esse, está bem longe de Rimini. Vês o annel de meu irmão?» — Ergueu a mão; — «não pódes vêl-o, está demasiado escuro, aqui. Pois bem, eu uso o annel do Tyranno de Rimini, e a não ser por ordem minha, ninguem póde sahir ou entrar, esta noite. Francesca, estamos ambos aqui, e sós!

«Sós!» — repetiu ella n'uma doce alegria de promessa, em que a creança desapparecia, para se transformar em mulher apaixonada.

«Parece-me que nascemos para esta noite, uma noite escura, nem uma estrella no céo, o silencio que envolve a terra, é cumplice do nosso amor...

«Tenho medo de ti e de mim, Paulo, receio ouvir a voz do meu coração, que me diz quanto seria doce, não resistir ao amor!...

«Francesca», — disse Paulo beijando-a loucamente nos labios; — se do nosso amor viesse a morte, amar-me-hias ainda?»

Ella sorriu.

«A vida sem amor, é morte. Ah! Paulo, amámo-nos involuntariamente, e agora não podemos retroceder.» — E envolveu-o nos seus braços, com toda a sua força, emquanto falava.

«Minha! minha!» — disse Paulo erguendo-a nos braços. — «Minha por amor, attrahida pelo meu amor, sagrada por elle. Minha, ainda mesmo que me esperem as penas infernaes.»

Arrastou-a para o aposento contiguo emquanto ella sorria a uma doçura até alli desconhecida, emquanto o vento soprava cada vez mais forte, em volta do palacio de Rimini.

. . . . . .

Giovanni, o Tyrano, que tinha percorrido muitas milhas por causa d'uma súbita desconfiança, d'uma repentina suspeita, entrou no castello, ouviu aquelles que deviam ter esperado a sua volta, e encaminhou-se para os seus aposentos apertando convulsivamente os cópos da espada.

. . . . . .

«Francesca!»

«Paulo!»

Foi o que elles disseram, quando as suas almas, despidas do envolucro terrestre voaram no espaço; o mesmo repetiram emquanto o vento as levava, sem um signal de arrependimento ou de receio, nas vozes.

O vento póde arrastal-os pelo espaços, as chammas podem cercal-os; as suas almas fundiram-se n'uma só alma.

B. de Salles.

Vox Dei

A uma mulher

Aquella que eu escuto quando o vento
Sibila na floresta tenebrosa,
E a agua na corrente caudalosa
Semeia a morte, em tragico lamento;

O Espirito que tem o seu assento
Na muda immensidade mysteriosa,
Que ao pé dos tristes cardos pôs a rosa,
E na noite as estrellas em que attento;

O Bem, o summo Amôr, o claro Dia,
Acordou-me do sonho em que soffria,
E disse-me baixinho quem tu eras.

E logo a pallida visão morreu,
Repetindo, distincto, o nome teu
A musica divina das espheras.

Coimbra.

Celestino Monteiro.

UM FRUCTO NOVO

A' esquerda a amora de silva da California, á direita a framboesa da Siberia, ao centro o fructo obtido pelo cruzamento das duas

Luthero Burbank

Bem poucos dos nossos leitores conhecerão este nome — não admira; o homem que o possue não é nenhum politico em evidencia, nenhum general, com o peito constellado de condecorações, não é presidente de republica; mas conseguiu o que nenhum politico, general ou chefe de estado alcançou, ou alcançará jamais; Burbank possue o dom que só — nos bons velhos tempos — possuiram as fadas: o poder de dominar a natureza.

O que Burbank tem realisado parecerá inacreditavel; nas suas mãos os fructos transformam-se: a ameixa passa a não ter caroço, ou attinge dimensões colossaes; a figueira de palma perde os espinhos; as flores adquirem colorido ou dimensões verdadeiramente extraordinarias.

LUTHERO BURBANK

Luthero Burbank nasceu ha 60 annos, em Lancaster, no Estado de Massachussets, na America do Norte; era o decimo terceiro dos quinze filhos de Samuel Burbank. Muito creança ainda revelou especial interesse pelas plantas e preferia aos brinquedos um vasinho com um cacto, que fazia as suas de-

FIGUEIRAS DE PALMA, ESPINHOSA E INERME

licias; um bello dia, o vaso caiu, fazendo-se em cacos, e a plantazinha ficou com as folhas completamente dilaceradas. Burbank, que via no cacto um amigo querido, tentou curar-lhe as feridas e ligando as folhas conseguiu salvar a planta.

Assim se revelou o genial modificador do mundo das plantas, que veiu provar á evidencia quanto havia de errado na celebre formula «*natura saltus non facit*».

A natureza compraz-se, de vez em quando, em formar, *por desporto*, como dizia Darwin, uma especie nova, e toda a arte do jardineiro consiste em provocar esse desporto e não o deixar perder.

Chegado á adolescencia, Burbank foi collocado como aprendiz numa grande fabrica, dirigida por um de seus tios, que era tambem amador de horticultura. Aos 16 annos, mostrava elle qual seria o seu genio inventivo, introduzindo um aperfeiçoamento de tal modo importante nas machinas da fabrica que os proprietarios della offereciam-lhe um elevado salario, com a condição de elle procurar novas invenções que se pudessem utilizar.

Mas as plantas atrahiam-no; abandonou a fabrica e fez-se horticultor. Por sementeira obteve uma especie nova de batata muito productiva e resistente ás doenças, e a venda deste producto trouxe-lhe os capitaes necessarios para os seus trabalhos e uma riqueza para o seu paiz.

RAINHA MARGARIDA SHASTA

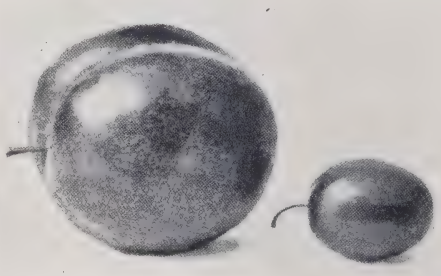
O «*Agricultural Department*» verificava, ha pouco, que a cultura da batata de Burbank representava para os Estados Unidos um accrescimo annual de producção no valor de cêrca de 17:000 contos de réis.

Ha trinta annos, Burbank, com o auxilio de um subsidio do Estado, estabeleceu-se em Santa Rosa, na California; ahi vive numa modesta casinhola de madeira, cercada pelos alfombres e estufins, onde produz maravilhas que exigem uma larga despesa cultural, a par de uma paciencia benedictina.

Para que, nas plantas que dão flôres, se produza o fructo, é necessario, como se sabe, que o pollen, ou pó dos estames, vá entrar no ovario, que então se transformará em fructo; são o vento ou os insectos, que na maior parte dos casos se encarregam deste trabalho.

Se em vez de deixar isto ao acaso, o jardineiro escolher o ovario de uma flôr e o pollen doutra, ter-se-ha a fecundação artificial que Burbank emprega.

Mas quantas decepções estão reservadas, ao que opera assim; muitos dos productos obtidos não representam progresso algum, e é necessario por vezes cultivar milhares de plantas para obter uma aproveitavel. Bas-



UMA DAS AMEIXAS DE BURBANK
A' direita a ameixa de que ella provém

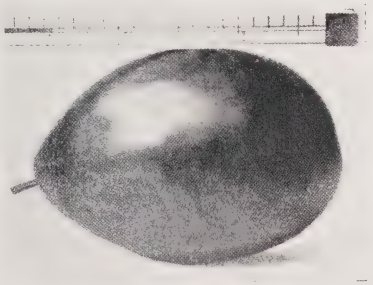
tará dizer que Burbank operou sobre 300:000 ameixieiras para obter as suas variedades e que de uma só especie de lirio, o tigrino, empregou 100:000 exemplares.

A variedade obtida é por vezes reproduzida por enxerto; — mas, quando não ha possibilidade de o fazer, as difficuldades augmentam, naturalmente; muitas vezes obtem-se uma nova planta que dá lindas flôres, mas não produz semente e é annual; neste caso alcançou-se uma victoria ephemera, que apenas poderá, talvez, indicar a marcha a seguir no futuro.

As gravuras que acompanham este artigo dão uma pallida idéa das producções de Burbank. A framboesa branca foi obtida por uma serie longa de cruzamentos com a amora de silva da California; as ameixas, que como já dissemos, foram objecto de uma larga cultura, deram variedades notaveis: a ameixa sem caroço, que tem só no centro uma pequena semente que se pode cortar com uma faca; a ameixa-gigante, que mede de circumferencia mais de 16 centimetros.

FRAMBOESA BRANCA

Uma das mais notaveis conquistas, do celebre cultor, é a figueira de palma sem espinhos, que lhe levou 10 annos a alcançar, esta planta é perfeitamente cosmopolita; vive nos terrenos aridos e secos como no mais bem adubado e irrigado jardim, vive sobre a neve, ou sob o sol ardente das regiões equatoriaes; — as suas folhas são um alimento magnifico para os gados, especialmente para as vacas, e o seu fructo, comestivel, tem o sabor e o aroma do ananaz; essa planta seria esplendida para a cultura em o nosso Alemtejo.



AMEIXA-GIGANTE

A regua collocada acima mostra o comprimento em pollegadas

A rainha-margarida, que a nossa gravura representa, é uma das mais bellas flôres obtidas por Burbank; — é de dimensões taes que cobriria por completo uma das paginas dos *Serões*; tem o centro amarello cercado de ligulas brancas; foi produzida por cruzamento com uma variedade japonesa e dahi o nome Shasta.

Burbank não descança, porém; procura realisar novas transformações no mundo vegetal, e pretende, actualmente, obter uma especie de trigo, cuja espiga produza um numero de grãos muito maior do que aquelle que produzem hoje as melhores variedades, e os resultados obtidos indicam todos a possibilidade de bom exito.

Se conseguir realizar o seu intento, terá resolvido um largo e grave problema economico — o tornar muito mais barato o pão, que é hoje, sem duvida, o alimento principal da maioria da humanidade, que deve contar Burbank no numero dos seus maiores bemfeitores.

Mas se o não alcançar, poderá ainda assim dizer-se que Burbank preencheu a missão destinada ao homem: consumir os seus dias em beneficio dos seus semelhantes, ou ensinando-lhes alguma cousa ignorada.

ALVARO COELHO.

NOIVA

A João da Silva

«Anda a dôr dissimulada
Mas ella dará seu fruito.»

CRISFAL

«Vae ser pedida. Casa qualquer dia»
(Trecho d'uma carta)

Tive noticias hoje a teu respeito:
«Vae ser pedida. Casa qualquer dia».
E o coração tranquillo no meu peito
— Continuou a bater como batia...

Surpreso duma tal serenidade,
Todo eu, intimamente, me sondava:
Pois nem ciume? Nem sequer saudade?!
— E nem ciumes, nem saudade achava...

Saudades, não; que o teu amor antigo
Guardam-no as cinzas (neste caração)
Como em Pompeia aquelles grãos de trigo
Que após centenas d'annos deram pão...

Saudades! Mas de quê?! Pois não sei eu
A lei antiga como o proprio mundo
De que o prazer mal chega, já morreu,
E só a dôr nas almas cava fundo?

Causei-te longas horas d'amargura,
Não consegues voltar a ser feliz;
A chaga que te abri não terá cura,
E se curar — lá fica a cicatriz.

A' luz dum juramento que trahiste
Tu has de vêr-me toda a vida pois.
Ergueste-o a Deus num dia amargo e triste
E Deus casou-nos esse dia, aos dois...

Ciumes tambem não, por te venderes.
Desgraçadinha! Antes te houvesses dado;
Não descerias tanto entre as mulheres,
Seria mais humono o teu peccado.

Porém, embora a tua falta aponte,
P'ra mim és a que foste (ou que eu suppuz);
O sol desapparece no horisonte
— E a gente vê-o ainda a dar-nos luz...

Póde a desgraça erguer em frente a mim
Altas montanhas d'elevados cumes.
O sol do amôr doiral-as-ha, e assim,
Vendo-o tão alto, não terei ciumes.

Ciumes! «Elle» é que hade tel-os, quando,
Em claras noites de luar silente,
Ouvir vibrar alguma voz, cantando
Os versos que te fiz devotamente.

Versos para te ungirem os ouvidos
E os labios d'anemica e de santa,
Tão pobres, tão ingenuos, tão sentidos,
Que o povo humilde os acolheu e os canta.

Então, se te olhar bem, logo adivinha...
Logo sombriamente se convence
De que a tua alma se fundiu na minha
— E apenas o teu corpo lhe pertence.

Augusto Gil.

FACHADA PRINCIPAL

Arsenal do Exercito

No n.º 51 d'este interessante mensario (setembro, de 1909), démos uma succinta noticia ácêrca do Arsenal da Marinha. Vamos agora tractar, ainda que um tanto pela rama — pois que a indole d'esta revista não comporta nem deve comportar largas monographias — do Arsenal do Exercito, esse importante estabelecimento ao qual anda annexo o curiosissimo Museu d'Artilheria, proficientemente dirigido pelo general sr. Carlos Ernesto d'Arbués Moreira, que exerce tão honroso cargo desde o mez de setembro ultimo. Secretaría-o o sr. Ludgario Pereira, activo e intelligente amanuense d'este Museu e cavalheiro muito amavel.

Cabe aqui um agradecimento muito cordeal pela correcção e delicadeza com que aquelle distincto militar nos accolheu, chegando a sua amabilidade ao extrêmo de nos ceder a maioria das photographias que illustram o nosso modesto artigo.

Feito este rapido exordio, entremos no assumpto a que este artigo respeita.

* * *

O Arsenal do Exercito não data de tão remota origem como o Arsenal da Marinha, visto como nas primeiras eras da monarchia, quando soía travar-se alguma guerra, as tropas eram constituidas, na sua mór-parte, pelos vassallos dos gran-senhores e por soldados pertencentes aos concelhos e villas, e

armados por elles, percebendo *soldo d'el-rei*, só emquanto durava a campanha, não sendo, portanto, os governos constituidos que armavam e dispunham as tropas, como hoje em dia.

Todos esses gransenhores possuiam casas d'armas nos seus castellos ou moradías. Não podiam, porêm, dispôr d'ellas — isto é alienál-as — pois por sua morte haviam de passar ao seu successor no senhorío, quer por direito de successão, quer por nova nomeação régia.

GENERAL CARLOS ERNESTO D'ARBUÉS MOREIRA

As emprezas d'alêmmar vieram modificar esta organização, e tanto assim que D. João I — o Mestre d'Aviz — para satisfazer ás necessidades das suas expedições africanas, montou um enorme deposito d'armas, mas simples deposito, sem officinas para seu fabríco. Até essa epocha — e ainda n'essa epocha — as armas eram fabricadas pelos alfagemes particulares, que se encontravam em varios pontos do paiz.

Foi por então que se creou a primeira fundição de canhões, sendo ainda muito recente a introducção da artilheria no reino; fundou essa officina d'armas D. Manuel, tendo escolhido para esse fim Barcarena, para onde chamou mestres de Biscaia, ordenando que em determinadas cidades e villas existissem officiaes que fizessem armas, e juncto aos seus Paços da Ribeira, creou armazens para o mesmo effeito. Alêm d'isso, nas vastas salas d'este magnifico palacio — que existia no local, aonde agora se vêem as secretarías do Estado — arrecadavam-se armas sufficientes para um contingente de setenta mil homens.

Foi este mesmo soberano quem ordenou a construcção das *Tercenas da Porta de Sancta-Cruz* e as de *Cataque-farás*, com officinas d'armas e fundição d'artilheria, e bem assim uma fabrica de polvora, mais tarde transferida para a ribeira d'Alcantara, d'onde, alguns annos depois, passou para Barcarena, local em que está presentemente.

Para avaliar do excellente abastecimento em que estavam os depositos de armamento, basta dizer-se que — levando a parte portugueza da Invencivel Armada duas mil e quatrocentas peças — ainda ficaram duas mil e quinhentas nos armazens, afóra um incalculavel numero de cossoletes, piques, lanças, arcabuzes e mosquêtes, consoante nos testemunha um escriptor d'essa epocha.

GENERAL EDUARDO CASTELLO BRANCO

Os monarchas D. João III e D. Sebastião melhoraram muito estes arsenaes; mas, logo que se deu a usurpação philippina, decairam extraordinariamente, como sería de prevêr.

Só com a Restaura-

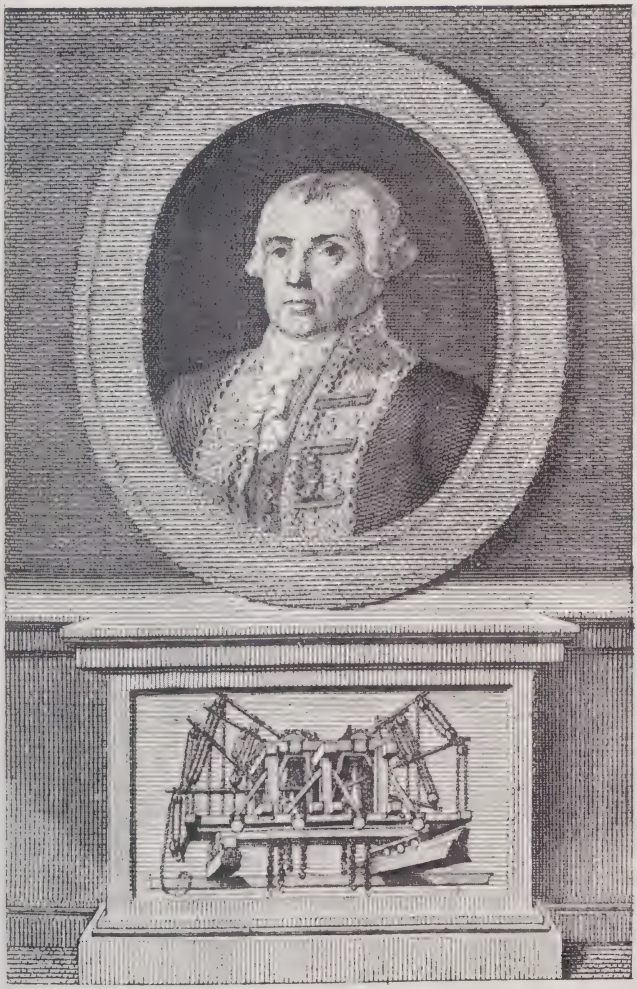
ção de 1640, crearam novo alento e depois d'essa data largas reformas se fizeram tendentes a organizar as instituições militares; logo a 28 de dezembro d'esse mesmo anno, foi nomeado Ruy Correia Lucas para o logar de tenente-general, emquanto que nas primeiras côrtes de 1641, e n'um dos seus capitulos, foi discutido que se montassem fabricas e officinas para a manufactura das armas e da artilheria.

Os apontamentos d'esse tempo levam-nos a crêr que o fabríco da polvora, das armas e demais material de guerra, era executado por emprezas particulares e ainda esses estabelecimentos, por motivos de conveniencia para o Estado — contando-se entre elles as officinas de Barcarena — eram entregues a mestres dos diversos mistéres, que se obrigavam, sob condições estipuladas, a certos fornecimentos, em prazos marcados e por preços convencionados.

Os artigos de diversa proveniencia entravam nos armazens da tenencia, que estavam a cargo de differentes almoxarifes.

Nas provincias — principalmente no Alemtejo — havia os *trens* para construcção de reparos, peças d'artilheria, etc.

Tal era, até o fim do seculo XVII e principios do XVIII, o modo por que se obtinha o material de guerra que então se usava.



BARTHOLOMEU DA COSTA

MAQUINA com que foi suspendida a Estatua Equestre do S. D. JOZÉ I.º na Caza da Fundiçaõ, e se tirou para fóra por hũ angulo recto, para se pôr no Carro de transporte.

A 11 de junho de 1726 foram as *Tercenas* destruidas por um grande incendio, causando enormes estragos nas officinas. D. João V curou logo de mandar restaurar

o velho edificio, encarregando da direcção dos principaes trabalhos um engenheiro francez, Larre.

Ainda não estavam promptas as obras quando o tremor de terra de 1755 as ruiu, mantendo-se como o terramoto as deixou até 1760, anno em que mais uma vez se recomeçou a construcção.

VESTIBULO

Pela reforma do exercito, decretada pelo conde de Lippe e pelo alvará de 24 de março de 1764, a tenencia passou a denominar-se Arsenal do Exercito; a sua direcção, porêm, continuou confiada a Manuel Gomes de Carvalho, que era então tenente-general, um simples paisano que, pela influencia de Bartholomeu da Costa, subiu a marechal de campo. Bartholomeu da Costa destacou-se a quando da superintendencia dos trabalhos da fundição da estatua de D. José que hoje admiramos no Terreiro do Paço. Em 1762 — ao ser extincto o logar de tenente-general — foi elle o encarregado de dirigir o Arsenal sob inspecção e mando da Junta dos Tres Estados.

Para se ajuizar do grau de incremento tomado por este estabelecimento com a superintendencia de tão benemerito varão, basta apontar que, em 1800, o numero de officiaes era de vinte e tres, alêm de dois mil individuos, entre os quaes mil e quinhentos e tantos operarios, o que importava um dispendio de seiscentos oitenta e um contos por anno.

Com o passamento de Bartholomeu da Costa, occorrido em 1802, o Arsenal começou a decaír.

Assim que D. Pedro IV entrou em Lisboa a 24 de julho de 1833, uma das primeiras cousas que decretou foi a extincção da Junta de Fazenda — provavelmente a Junta dos Tres Estados a que temos alludido — e entregou a direcção do estabelecimento a um inspector e nomeou uma commissão que tractasse do regulamento em que fosse explanado o novo methodo de organização.

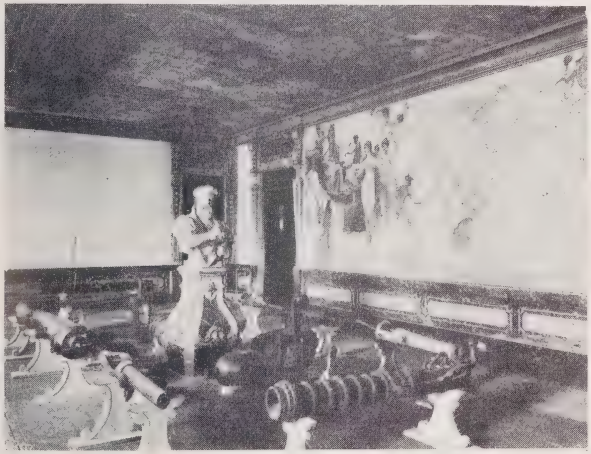
Em 1834 foi a despeza calculada em noventa e um contos para ferias de operarios e manutenção do estabelecimento.

Eis até aqui uma summula da historia do Arsenal do Exercito propriamente dicto; crêmos, porêm, que o amavel leitor se não enfastiará ouvindo o que colhemos de então para cá ácêrca do Museu d'Artilheria; em seguida a essa palestra preliminar, terá a bondade de nos acompanhar para o visitar-

mos afim de vêrmos, quando mais não seja, as gloriosas reliquias que lá se arrecadam.

* * *

Em 27 de março de 1840, foi publicado um decreto, em que se nomeava inspector do Arsenal do Exercito, José Baptista da Silva Lopes, barão de Monte-Pedral, um dos heroes das campanhas da Liberdade. Esse inclito varão determinou — na ordem da Inspecção Geral, numero 224, publicada a 15 de novembro de 1842 — que o major João Carlos de Sequeira, commandante da Repartição de Sancta Clara, fosse incumbido de dispôr e classificar os modelos de machinas e apparelhos, bem como todos os objectos preciosos e raros que existiam n'esse Arsenal, na sala contigua á officina de correeiros, ficando tudo sob sua alçada; que os objectos, que por qualquer circumstancia se não pudessem collocar na referida sala, ficassem em outros locaes que o dicto major apontaría; tudo quanto respeitasse a armas de fogo portateis, brancas ou defensivas, ficaría na sala das Armas na repartição da Fundição de Baixo, e o seu arranjo sujeito á responsabilidade do encarregado do terceiro deposito; os objectos que, por sua indole e melhor arranjo, devessem ficar na repartição da Fundição de Cima, seriam classificados pelo tenente-coronel Mattos, que d'elles se encarregaría.



SALA VASCO DA GAMA

Cumpriram-se immediatamente essas ordens e — apezar dos objectos ficarem disseminados, provavelmente por conveniencia da sua conservação e guarda, ou por não existir casa onde coubessem todos — o Museu de Artilheria estava montado, realizando-se assim os ferventes desejos do seu inspector.

Este pensamento organizador e patriotico teve tão bons auspicios que foi confirmado pelo decreto de 10 de dezembro de 1851, que creou o Arsenal do Exercito e que garantia a existencia do Museu de Artilheria, então installado n'aquelle edificio.

A 13 de dezembro de 1869 foi novamente reformado este estabelecimento, passando por essa epocha o Museu a estar sob as ordens do director da fabrica d'armas.

Em 1876, o general Antonio Florencio de Sousa Pinto ordenou que se transferisse o Museu para o edificio da Calçada Nova, onde estivéra installado o extincto collegio dos aprendizes do Arsenal do Exercito, e a 5 de outubro d'esse anno foi nomeado para seu director o capitão de artilheria Eduardo Ernesto de Castel branco, que morreu general de brigada a 24 de fevereiro de 1905.

Se ao barão de Monte-Pedral se deve a creação do Museu de Artilheria, á memoria de Castelbranco se deve tambem muito, pois foi um fervoroso amigo d'esse estabelecimento que dirigiu com criterio, zelo e amor. Engrandeceu-o o mais que foi possivel, e pôl-o em destaque, de maneira a chamar a attenção do publico para as preciosidades que alli se encontram.

Achando-se em parte arruinado o edificio da Fundição de Baixo — aonde estava o commando geral d'artilheria — cuidou-se, em 1895, de uma reparação radical, de fórma a evitar uma ruina completa do edificio; essa reparação foi referendada pelo conselheiro Pimentel Pinto, á epocha ministro da guerra. Foi feita primeiramente a reedificação da parte antiga, e em seguida

tractou-se do seu alargamento até o largo de Sancta Apolonia. Em outubro de 1896 começava a installação do commando geral d'artilheria no rez-do-chão do edificio, passando o andar nobre e o pateo da Fundição de Baixo para o Museu de Artilheria.

Eis a largos traços o que sabemos do Museu. Mais um pouco de paciencia, e o amavel leitor vae acompanhar-me a visitar as salas do Museu, para que tomaremos por guia o bem elaborado catalogo do general Zephyrino Brandão, a que nos cingimos para, ao de leve, descrevermos as suas salas, como n'outro numero se verá.

(Continúa.)

HENRIQUE MARQUES JUNIOR.

Branca Herminia

Quando a vejo passar, linda e galante,
Com um fio de perolas franzino
A realçar-lhe o peito alabastrino,
Ella sorri a todos, inconstante!

Leva desnudo o collo deslumbrante,
Rebrilha gracioso o olhar divino,
Ondulando gentil o corpo fino
Encarcerado em renda fluctuante!

Caminha seductora e caprichosa,
Exhibindo soberba e donairosa,
A sua esbelta e rara formosura.

Mas se encanta e fascina a toda gente,
Mais contrista, e magôa fundamente,
Vê-la assim tão formosa — e tão impura —!

Santo Thyrso.

LUCILIO.

Mark Twain

Impressões de viagem — Cannibalismo n'um comboio

REGRESSANDO eu ultimamente de uma visita a S. Luis, eis que, na bifurcação da Terra-Alta (territorio de Indiana), sobe para o meu compartimento e se senta ao pé de mim um sujeito, de quarenta a cincoenta annos, fisionomia sympatica, maneiras affaveis; conversámos o sufficiente para me dar azo a apreciar-lhe a intelligencia e o encanto da conversação. Quando, no decurso da palestra, soube que eu era de Washington, pediu-me com instancia umas «locaes» ácerca dos homens politicos, dos negocios governamentaes; não tardei, aliás, em perceber que estava em dia com os mais insignificantes pormenores, com as intrigas de bastidor e os pôdres da politica, e que falava de cadeira com respeito aos factos e gestos dos senadores e dos representantes das camaras nas assembleias legislativas. Em uma das estações immediatas, sentaram-se perto nós dois individuos, e um delles disse ao outro:

«Harry, se me fizeres o que te pedi, cem annos que eu viva jámais o esquecerei.»

Os olhos do meu novo companheiro de viagem fulgiram com brilho singular; não havia que ver, aquellas simples palavras evocavam-lhe na memoria qualquer recordação de outros tempos.

A fisionomia do sujeito, em seguida, reassumiu a anterior placidez, e expressão de quem estava pensando. Voltou-se para mim e disse-me:

— Vou contar-lhe uma historia, desvendar-lhe um capitulo secreto da minha vida, uma pagina que eu havia enterrado nos reconditos do meu proprio ser.

Arme-se de paciencia, escute-me, e não me interrompa.

Prometi escutar; contou-me a seguinte aventura, com alternativas de animação e de melancolia, mas sempre com muita persuasão e a maxima seriedade.

Narração do nosso forasteiro

«A 19 de dezembro de 1853, saí de S. Francisco no comboio da noite que vae a Chicago.

«Ao todo eramos vinte e quatro viajantes, do sexo masculino; nem mulheres nem creanças; não tardámos em entabolar conhecimento, e como todos parecessemos estar de bom humor, brevemente se veiu a estabelecer uma certa intimidade.

«A viagem annunciava-se bem; e entre nós ninguem podia futurar os horriveis instantes que dentro em breve teriamos que atravessar.

«A's onze horas, a neve caía com densidade. Pouco depois de havermos deixado para trás a aldeia de Welden, entrámos nas interminaveis charnecas desertas que se estendem com horrivel monotomia durante leguas e leguas; o vento soprava com violencia, pois não encontrava obstaculo no caminho, nem arvores nem colinas, nem sequer um rochedo insulado: impellia adiante de si a neve a caír em rajadas e estabelecendo a nossos olhos uma densa alcatifa. Caía sem despegar, aquella neve, e a demora no andamento do comboio assás nos indicava que a locomotiva luctava a custo contra a crescente resistencia dos elementos. O comboio parou por mais de uma vez e vimos por

cima de nossas cabeças uma muralha de neve, cuja alvura nos cegava, e tristonha como a parede de um carcere.

«Cessaram as conversações; a alegria cedeu o logar á anciedade: a perspectiva de ficarmos para ali emparedados pela neve, em meio daquella charneca erma e desolada, a cincoenta leguas de toda e qualquer habitação, erguia-se, qual espectro, em frente de nós, lançando uma nota de tristeza sobre o nosso rancho, tão alegre, pouco havia.

«A's duas da manhan, veiu quebrar-me o somno uma paragem abrupta. A horrivel verdade antolhou-se com a sua hedionda nudez: estavamos bloqueados pela neve.

« — Venha toda a gente ajudar!»

«Obedecemos, pressurosos. Fizemos todos esforços inauditos, nas trevas da noite e debaixo da tormenta de neve, absolutamente convencidos de que um minuto perdido nos podia causar a morte a todos nós. Pás, taboas, mãos, tudo quanto podia deslocar a neve, para tudo appelámos, n'um instante.

«Que estranho espectaculo não era o ver aquella gente a luctar com as neves amontoadas, a trabalhar de finca-pé, immersos, uns, em escuridão cerrada, outros, alumeados pelo rubro clarão do reflector da machina!

«Ao cabo de uma hora, estavamos convencidos da absoluta inutilidade dos nossos esforços, visto que a tormenta com suas rajadas tornava a atulhar as trincheiras á proporção que as iamos abrindo. Para maior desventura, verificámos que os tirantes da locomotiva se haviam partido com a resistencia do peão que tinham que deslocar. A estrada, ainda quando estivesse desimpedida, tornava-se impraticavel para nós!!

«Tornámos a subir para o comboio, estafados, tristes e desanimados; fizemos cêrco á roda dos fogões e pusémo-nos a examinar a nossa situação. Não tinhamos comestiveis: era o lado mais evidente do nosso desastre! Com fartura de lenha, não corriamos perigo de morrer de frio. Sequer ao menos era uma consolação.

«Após longa deliberação viemos ao conhecimento de que dizia a verdade o conductor: effectivamente, quem quer que se arriscasse a palmilhar a pé as cincoenta milhas que iam d'ali á aldeia mais proxima teria certamente ido ao encontro da morte. Era impossivel o pedir soccorro, e embora o fizessemos, ninguem accudiría a vir ter comnosco. Tinhamos pois que nos resignar e esperar com paciencia o soccorro ou a morte pela fome; e posso certificar que tão triste perspectiva era sufficiente para abalar o coração mais estoico.

«A nossa conversa, ruidosa, não obstante, produzia a illusão de um vago murmurio, que mal se distinguía por entre as rajadas de vento; a claridade das lampadas foi deminuindo a pouco e pouco, e a maioria dos «naufragos» calaram-se, uns, para reflectir, os outros para procurar no somno o esquécimento da sua tragica situação.

«Pareceu-nos eterna aquella noite; a aurora glacial e pardacenta principiou a surgir para léste; á proporção que o dia ia crescendo, iam acordando os viajantes e entraram a mexer-se e a barafustar, a ver se aqueciam; um após outro esticaram os membros intanguidos pelo somno, e puseram-se a contemplar pelas janélas o horrivel espectaculo que a seus olhos se offerecia. Horrivel! disse eu, e era-o, na verdade, aquelle espectaculo, Nem uma casa, sequer! Nem um atomo vivo em redor de nós! Por toda a parte o deserto, branco qual sudario; a neve, zurzida em todos os sentidos pelo vento, a redemoinhar em flocos no espaço.

«E nós a andarmos para trás e para diante, no vagon, todo o dia, falando pouco, absortos em nosso scismar; depois, veiu a segunda noite, comprida, monotona, durante a qual se fez sensivel a fome.

«Reappareceu o dia; silencioso, triste, e nós, de atalaia, á espera de um soccorro que não podia vir; succedeu-lhe outra noite, agitada por sonhos fantasticos, durante os quaes uns festins sumptuosos e umas festas bacchicas iam desfilando a nossos olhos! Nem por isso foi menos penoso o acordar! Surgiram o quarto e o quinto dia!

«Cinco dias do proprio captiveiro! Lia-se a fome em todos os rostos definhados a accusarem a obsessão de uma mesma ideia, fixa, de um pensamento em que ninguem se atrevia nem queria deter-se. Decorreu o sexto dia, e o septimo surgiu sobre a nossa resumida tropa, offegante, aterrada ante a ideia da morte á nossa espreita. E todavia, era preciso acabar com aquillo e falar. Os labios de cada um estavam prestes a descerrar-se, para exprimir os tetricos pensa-

mentos que acabavam de germinar em nossos cerebros. A natureza, comprimida por muito tempo, pedia a sua desforra e fazia um appêlo imperioso.

«Ricardo H. Gaston, do Estado de Minnesota, alto, livido como um espectro, levantou-se. Sabiamos o que ia sair-lhe da bôca para fóra; um absoluto socego, uma attenção resoluta haviam substituido a afflicção, a excitação ficticia dos dias anteriores.

«— Meus senhores, não podêmos esperar mais tempo! Soou a hora! Temos que decidir qual de entre nós hade morrer para servir de alimento aos restantes.

«Mister John J. Williams, do Illinois, levantou-se, por sua vez:

«— Meus senhores, disse, proponho para o sacrificio o Reverendo James Sawyer, de Tennessee.

«—E eu, proponho a mister Daniel Hote, de Nova York, respondeu mister W. R. Adams, de Indiana.

«Mister Charles Langdam:

«— Que lhes parece mister Samuel Bowen de S. Luis?

«— Meus senhores, interrompeu mister Hote, opino antes em favor do juvenil John, A. Van Nostrand, de Nova Jersey.

«H. Gaston:

«— Não havendo objecção, annuir-se-á aos desejos de mister Hote.

«Havendo protestado mister Van Nostrand, a proposta de mister Hote foi rejeitada, e as dos srs. Sawyer e Bowen não encontraram acceitação.

«Levantou-se mister A. L. Bascon, do Ohio:

«— Sou de parecer que se tranque a lista das candidaturas e que se deixe á Assembleia a faculdade de proceder ás eleições por voto nominal.

«Mister Sawyer:

«— Meus senhores, protesto energicamente contra a irregularidade de semelhantes processos, e declaro-os absolutamente inaceitaveis. Proponho que desistâmos delles immediatamente, e que procedâmos á escolha de um cavalheiro afim de presidir á Assembleia: poderemos em seguida persistir na nossa obra, sem violarmos os immutaveis principios da equidade,

«Mister Bell, do Iowa;

«— Protesto, meus senhores: o lance não é azado para que nos detenhâmos com formalidades absurdas. Ha oito dias que não sabêmos que coisa seja comer; e cada minuto que se perde em discussões ociosas mais crítica vae tornando a nossa situação. As anteriores propostas satisfazem-me completamente (e creio que estes senhoros abundarão nas mesmas idéas); eu, pela minha parte, não vejo, portanto, motivo para que nos pronunciêmos por outro alvitre, o essencial é decidirmos quanto antes.

«Mister Gaston:

«— Em qualquer das hypoteses, a eleição levar-nos-ia vinte e quatro horas, pelo menos, e é essa demora, justamente, o que nós pretendêmos evitar.

«O cidadão de Nova-Jersey:

«— Meus senhores, eu, entre os senhores, sou apenas um forasteiro: portanto, não tenho o minimo direito á honra que me conferem, e experimento um certo enleio em...

«Mister Morgan, do Alabama, interrompendo o orador:

«—Proponho que o assunto seja posto á votação.

«Assim se fez, e a discussão veiu a concluir, já se vê. Constituiu-se um conselho, sendo nomeado presidente mister Gaston, mister Blacke, secretario; os senhores Holcomb, Baldwin e Dyer fizeram parte da «Commissão das Candidaturas»; mister M. B. Howland, na sua qualidade de provedor, ajudou a commissão a proceder á escolha:

«A commissão concedeu a si propria meia hora de descanso antes de proceder aos seus trabalhos transcendentes. Reuniu-se a Assembleia e a commissão escolheu três candidatos: — os senhores Jorge Ferguson, do Kentucky, Luciano Herman, da Luisiana, e o senhor W. Messick, do Colorado. Foi ratificada a escolha.

«Levantou-se mister Rogers, do Missouri:

«— Senhor presidente, havendo sido tomadas as deliberações, em harmonia com as regras parlamentares, proponho a seguinte emenda, tendente a substituir ao nome de mister Herman, o de mister Lucio Harris, de S. Luis, tão conhecido e apreciado por quantos se acham presentes. Longe de mim o querer depreciar, seja no que fôr, as altas qualidades d'este cidadão da Luisiana, antes pelo contrario. Nutro por este cavalheiro a estima e a consideração que merecem as suas virtudes. Mas não pode ter passado despercebido a

nenhuma das pessoas presentes o facto de este candidato haver emagrecido espantosamente, desde o inicio deste nosso captiveiro. Esta consideração induz pois a affirmar que a commissão se equivocou propondo ao nosso sufragio um candidato, cujo valor moral é incontestavel, mas cujas qualidades nutritivas são...

«O Presidente:

«—O cidadão do Missouri tenha a bondade de se sentar; a Presidencia não pode admitir que as decisões da commissão sejam criticadas, sem que hajam seguido pelas vias regulares. Que acolhimento fará a Assembleia á proposta deste cidadão?

«Mister Halliday, de Virginia:

«—Proponho uma segunda emenda, visando a substituição de mister Harvey Davis, do Oregon, a mister Messick. Não deixareis de avaliar, tal qual eu o avalio, que as canceiras e privações, inherentes a vir da fronteira, terão concorrido para tornar mister Davis algum tanto durinho; mas, senhores meus, podêmos nós, em lance tragico a tal ponto, *chicanar* ácerca da qualidade da carne humana? Podêmos discutir sobre bicos de agulhas? Assistir-nos-á o direito de nos prendermos com umas considerações sem importancia? Não, meus senhores; a corpolencia, eis tudo quanto exigimos; a nutrição, o peso representam a nossos olhos as principaes qualidades requeridas: o talento, o genio, a boa educação, tudo isso nos é indiferente. Chamo a vossa attenção para o sentido da minha emenda.

«Mister Morgan (muito agitado):

«—Senhor presidente! Eu, pela minha parte, e como principio, opponho-me absolutamente á sobredita emenda. O cidadão do Oregon é edoso, além disso, é uma carga de ossos, e pouco tenro. Estes senhores dirão se preferem a sôpa da panéla a uma alimentação substancial! E se acaso se contentam com este «espectro do Oregon» para saciar a fome! Perguntarei, pois, a mister Halliday, da Virginia, se o aspecto dos nossos rostos escaveirados, dos nossos olhos encovados lhe não infundirão horror? Se terá animo de assistir por mais tempo a este nosso supplicio, prolongando a fome que nos está esfacelando as entranhas e offerecendo-nos o feixe de ossos que representa o cidadão indigitado!... Perguntar-lhe-ei, ainda, se já reflectiu ácerca da nossa tristissima situação, das nossas passadas angustias, do nosso tremendo porvir; tencionará persistir em nos dar como pabulo esta ruina, este rebutalho, este vagabundo, miserando e resequido, lá das margens de Oregon? Não! não ousará!

(Appoiados.)

«A proposta foi apresentada á votação e rejeitada após discussão violentissima. Continuava a estar indigitado mister Harris, em conformidade com a primeira emenda. Foi aberto o escrutinio. Houve cinco votações sem resultado. A' sexta, foi eleito mister Harris, pelo facto de todos os votos, á excepção do seu, haverem recaído sobre o seu nome.

«Foi proposto, então, que se satisfizesse o escrutinio por um voto unanime de mãos erguidas; a unanimidade, comtudo, não pôde ser alcançada, pois que mister Harris tornou a votar contra si mesmo.

«Mister Radiway propôs então que a assembleia procedesse a fazer a sua escolha entre os ultimos candidatos, e que a eleição se realizasse sem falta, para o almoço.

«Foi acceita a proposta.

«No primeiro turno, houve scisão; pendiam, uns, em favor de um candidato reputado como muito juvenil; outros, preferiam-lhe outro individuo de bella estatura.

«O voto do presidente fez pender a balança do lado d'este ultimo, um tal mister Messick; mas esta solução desagradou altamente aos partidarios de mister Ferguson, o candidato votado: pensou-se, até, por instantes, em pedir novo escrutinio; em summa, decidiram todos adiar a solução, e a sessão foi levantada, acto-continuo.

«Os aprestes da refeição desviaram a attenção do partido Ferguson, e no acto de se reatar o fio á discussão, participaram, com pompa magna, que *estava servido mister Harris*. Produziu alivio geral a noticia.

«Improvisaram-se mêsas com as costas das bancadas dos compartimentos, e sentámo-nos, contentissimos, a pensar na fartadéla pela qual estavamos suspirando, havia mais de uma semana.

«Dali a instantes, estavamos todos com outra cara. Indágora, o desespero, a miseria, a fome, a angustia febril estampados nos semblantes; presentemente, uma serenidade, uma alegria indescriptivel a reinarem entre nós; trasbordamos de ventura! Confesso, até

sem falsa vergonha, aquella hora de alivio foi o mais formoso instante em todo o meu viver de aventuras.

«E o vento a bramir lá fóra, a fustigar a neve, em redor da nossa prisão, mas a nós, presentemente, não nos metia medo.

«Gostei muito do Harris. Podia estar mais passadinho, aqui para nós, mas para ser justo, devo concordar que homem nenhum me agradou tanto como o Harris, ou me proporcionou tanta satisfação. Não se pode dizer que o Messick não prestasse, comquanto soubesse algum tanto a bedum; mas com respeito a sabôr e delicadeza de carne, falem-me no Harris.

«O Messick, não ha duvida, tinha qualidades, que eu lhe não contestarei, mas, para um almoço leve convinha tanto como conviria uma mumia (isto sem de modo nenhum querer offendê-lo).

«Que magreza!!... Ah! Não pode imaginar a que ponto era incoirado! Não pode, com certeza!...

«— Quer-me talvez dar a intender, que... effectivamente?...

«— Peço-lhe que me não interrompa. Depois d'aquelle almoço tão fragil, tivemos que pensar no jantar. A nossa escolha recaíu n'um tal Walker, oriundo de Detroit. Era optimo, escrevi, aliás, n'esse sentido posteriormente, á mulher. O Walker! Cem annos que eu viva, não me esquece, com certeza! Que bom bocado!

«Uma delicia! Magrete, mas succulento, apezar d'isso!

«No dia seguinte, mimoseámo-nos com o Morgan, do Alabama, para o almoço.

«Era um dos mocetões mais guapos que tenho visto em minha vida, bem feito, airoso, de maneiras distinctas; falava correntemente umas poucas de linguas: numa palavra, um moço ás direitas, que nos forneceu um môlho saborosissimo. Para o jantar, prepararam-nos o tal velho patriarca do Oregon. Que espiga que apanhámos; velho, resequido, rijo como sola, não fomos capazes de entrar com elle! A tal ponto, que me vi na necessidade de declarar aos meus companheiros: — «Meus senhores, façam o que lhes approuvér; eu, por mim, prefiro jejuar á espera de melhor presigo.

«O Grimes, do Illinois, acrescentou:

«— Meus senhores, eu, pela parte que me toca, espero tambem. Quando os senhores tiverem escolhido um candidato que seja «rilhavel», folgarei immenso em me sentar á sua mêsa.

«Tornou-se evidente que a escolha do homem do Oregon havia provocado geral descontentamento. Cumpria, por qualquer preço, não deixar subsistir tão desfavoravel impressão, e muito mais depois da saudosa recordação que nos havia deixado o Harris.

«Recaíu portanto, a escolha na pessoa de Baker, do Estado da Georgia.

«Uma petisqueira de truz, esse tal; depois, mimoseámo-nos com o Hawkins, com Mac'Elroy, — este, pequeno e magro de mais, acarretou-nos varios protestos. Depois, foram desfilando o Penrol, os dois Smiths e o Bisley; este ultimo, por motivo da perna de pau, cerceou-nos a ração, a qualidade, porém, era irreprehendiveel; em seguida, um rapaz indio, um tocador de realejo, por nome Brakminster, — um pobre diabo, um vagabundo, descarnado; era indigno, na verdade, de figurar na nossa mêsa.

«Como consolação de tão magra petisqueira, pudémos dizer com os nossos botões, que tão ruim almoço pouco antecedeu a nossa libertação.»

— A hora da libertação soou, pois, finalmente, para os senhores?

— Assim é. Uma bella manhan, com um lindo sol, no acto em que estavamos inscrevendo o John Murphy na lista no almoço. Afirmo-lhe que o sobredito John Murphy devia ser uma iguaria para a mêsa de um monarca. Jurá-lo-ia com a corda na garganta. Quiz a sorte que o John Murphy voltasse comnosco no comboio, que veiu soccorrer-nos.

Casou com a viuva do Harris, d'ali a tempos!!

— A victima de...

— A victima da nossa primeira eleição. Casou com ella, e agora vive contentissimo, muito considerado, e em optima situação. Oh! esta historia é o proprio romance; digo-lhe isto! Mas cheguei ao meu destino, meu caro senhor, e tenho que lhe dizer adeus. E veja lá, não se esqueça, quando puder desperdiçar um quarto de hora, aquella casa está sempre ás suas ordens. Dar-me-á n'isso immenso prazer. Creia que me inspira verdadeira sympatia, direi até, summa affeição. Estou em dizer, até, que

ainda virei a gostar tanto do meu amigo, como gostei do Harris. Meu caro senhor, adeus, e boa viagem.

Apeou, e eu, para ali fiquei, azabumbado, aliviado, quasi, de o ver pelas costas. Apezar da sua afabilidade, experimentei um certo arrepio ao sentir-lhe os olhos famulentos cravados na minha humilde pessoa. Tambem, quando ouvi que me havia honrado com sincera affeição, e que na sua estima me collocava a par do Harris, que Deus tem, fiquei sem pinga de sangue.

Fiquei passado, de medo, literalmente. Não podia duvidar da sua veracidade; por outro lado, haveria sido absolutamente deslocado interromper com uma pergunta inopportuna narração dramatica a tal ponto, apresentada com os auspicios da maior sinceridade. Aquelles horriveis pormenores, mau grado meu, perseguiam-me, e obsediavam-me o espirito com um milhão de ideias confusas. Reparei que o conductor me estava observando, e perguntei-lhe:

—Quem é aquelle sujeito?

Soube que em tempos fizera parte do congresso, e que era um excellente homem. Apanhado por uma tormenta de neve, e a dois dedos de morrer de fome, tão abalado e transtornado ficou com o frio, que, dois ou três mezes depois do incidente, endoideceu de todo. Elle, agora, vae indo bem, mas a monomania não o larga, e assim que lhe tocam na técla, não pára sem haver tragado mentalmente os companheiros todos de viagem. Não ficava um só, para amostra, se elle não tivesse de apear n'aquella estação: sabe-lhe os nomes na ponta da lingua.

Assim que acaba de os comer a todos, nunca deixa de accrescentar: «Chegada a hora do almoço, não havendo mais candidatos, escolheram-me a mim. Eleito por unanimidade, para o almoço, resignei-me, e aqui estou.»

Muito embora! experimentei um alivio por ahi além quando soube que acabara de ouvir as locubrações loucas de um infeliz desequilibrado e não as proezas de um canniba avido de sangue.

Versão de MANUEL DE MACEDO.

(A seguir: *A Chicago Alleman.*)

EM TANAGRA

Kauthis amava o estatuário Méla,
por quem todos andavam á porfia.
Tambem, mesmo em Korintho, não havia
corpo mais puro e amavel do que o d'ella.

Prodigio de Éros! A ouvi-la, e crê-la,
só para elle nascêra, e só vivia;
e por seu lado, o artista não temia
senão que houvesse um dia de perdê-la.

Alguem, que os vira juntos, segredava
ser Kauthis quem co'as pallidas mãosinhas
as argillas informes amassava;

cantam lá fóra, vindimando as vinhas;
e á branda luz do olhar que o inspirava
Méla compunha as frageis figurinhas...

M. CARDOSO MARTHA.

O Campo Grande

Um pittoresco logar de recreio — Aspectos e tradicções — Como elle era nos seculos XVI, XVII e XVIII — O Campo Grande actual

O Campo Grande é, por certo, o mais pittoresco e saudavel local de recreio da Sociedade Lisboeta. E' não só um lindo logar, onde, todas as classes, desde as mais ás menos abastadas, vão buscar, em dias mais ou menos determinados, um pouco de vigor physico que as compense do que perderam no trabalho ou agitação da vida citadina, mas tambem um saudoso retiro, bom para meditações, podendo dizer-se que, de cada arvore, de cada muro antigo, quasi de cada punhado de terra, brotam, ali, sombras tradiccionaes.

Ah! o velho Campo Grande, o que elle foi e o que elle é!

Era um vasto pedaço de terra, arido e nú, antes do seculo XVIII, e, a maneira como elle principiou civilisando-se, o seu ascender constante, desde esse tempo até nossos dias, é uma d'essas bellas historias, que certos logares teem, e que, interessam tanto ou mais do que a historia de certas pessoas humildes que, muito tempo soffreram de desdens, de desprezos e de abandonos, para, mais tarde, virem a ser consideradas e admiradas, depois de reconhecido o valor real que possuiam.

Esse vasto tracto, hoje terraplanado e ajardinado, mixto de parque e floresta, que o nosso olhar descortina cheio de seducção, chamou-se, outr'ora, simplesmente, o *Campo de Alvalade*, e não foi mais que um humilde logradouro publico, emquanto não chegou o seculo XVIII. Mas, já n'este tempo elle gosava de fóros de logar historico, caso que, embora a largos traços, aqui vamos apreciar.

Foi ali, que, no seculo XVI, se exercitaram e foram revistadas as tropas que acompanharam D. Sebastião á Africa, e ali se adestrou, portanto, nas armas, a fina flor da malaventurada geração de portuguezes que, teria de perecer tão ingloriamente nos campos de Alcacer Kibir.

Só muito mais tarde, principia a historia progressiva do hoje pittoresco passeio.

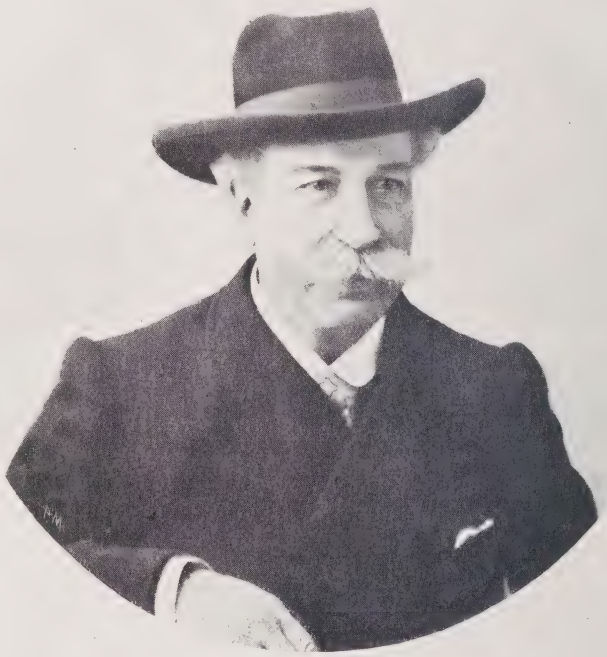
Os primeiros symptomas de progresso, n'essa parcella de terreno, nascem com a formação de um poço, a que mais tarde uma irmandade da freguezia dos Santos Reis mandou accrescentar uma armação de ferro com roldana e pia de pedra. O poço, fôra uma medida tomada com o fim de se dessedentar o gado que por ali passava, porque, n'esses avoengos tempos, não havia, em todo o precurso que vae da Povoa de Santo Adrião a Lisboa, um unico fio de agua onde o gado matasse a sêde.

Pela mesma irmandade, foi mandado pôr ali um homem que, tendo sempre a pia cheia de agua, pedisse esmola aos passageiros, de cujo lucro tiraria metade para os proventos da egreja. Essas esmolas, — rezam as chronicas — chegaram a attingir o rendimento de 208$000 réis, o que facultou haver dois capellães na freguezia que, até essa data, fôra tão pobre, que nem podia sustentar os seus padres. Mas, pouco a pouco, com o progresso, essa luz afugentadora das religiões, aquelle rendimento foi diminuindo, tendo os irmãos que quotisarem-se entre si, para o fim citado. Emquanto isto succedia, despertava para a vida moderna o Campo

Grande. Um bello dia, ao impulso da civilisação, o exiguo poço era substituido por dois bellissimos chafarizes, feitos em 1813-14, respectivamente do Campo Grande e do Lumiar. A' medida que estes symptomas de civilisação se davam, principiava, no ermo logar, a desenvolver-se a vida social que os seculos precedentes haviam esboçado.

Havia-se fundado estabelecimentos pios ou religiosos; principiaram a apparecer casas profanas ou palacios, mais tarde estabelecimentos fabris, e, por fim, as aleas de recreio.

Em 1730 fôra mandado construir n'aquelle local, pelos filhos de el-rei D. João V, um famoso palacio que, havia de servir de residencia á celebre madre Paula, freira do convento de Odivellas. Este edificio, em estylo correcto, embora desairoso, da época, é situado no topo do jardim actual, ao lado do Occidente. E' o predio que pertenceu ao fallecido capitalista Joaquim Pimenta, e hoje propriedade da Empreza Bairro de Lisboa. Ao cimo, tambem no topo do jardim, fazendo esquina para a estrada que vae ter ao Lumiar, ha outro palacio de recordações historicas. Tem um pateo de entrada nobre, com larga escadaria e enorme cerca. Era o palacio do conde de Vimioso, em cuja cerca se deram as mais afamadas touradas da sua época. O Campo Grande é tambem fertil em a tradicção religiosa. Houve ali um convento de Franciscanos, construido no começo do seculo XVIII, e os frades de S. Caetano tinham ali um hospicio.



ANTONIO CORDEIRO FEIO

Que ha 22 annos dirige os trabalhos no Campo Grande e a quem se deve a architectura e decoração do «Chalet das Connas»

O Campo Grande modernisa-se

E' dos fins do seculo XVIII (reinado de D. Maria I), que data a plantação do arvoredo do Campo Grande. E' de então para cá que, pouco a pouco, se modernisa e se vem convertendo em logar recreativo. A principio, é simples bosque; mais tarde jardim hesitante; depois, augmentam os grandes viveiros de arvores silvestres, de onde a camara municipal começa a fornecer arvoredo para os passeios publicos de Lisboa e para as estradas municipaes. E assim, pode dizer-se que é o Campo Grande o pae da arborisação da cidade.

No primeiro quartel do seculo XIX, perdida já a sua feição antiquada, toma outra, menos contemplativa e mais cheia de vitalidade. A luz do progresso jorra sobre o Campo Grande e infiltra-lhe a vida social, a verdadeira vida. Converte-se, então, em theatro dos divertimentos predilectos das altas camadas sociaes, mormente da colonia ingleza, de quem é o local appetecido. Dão-se, então, ali, as mais apparatosas corridas de cavallos. Esses divertimentos, são feitos ao

uso de Inglaterra, e d'esse paiz mandam os interessados vir os cavallos mais corredores e os jockeis mais adestrados. Ha desafios que são verdadeiras brigas de *sport*, apostam-se sommas consideraveis, e essas funcções, que se realizam aos domingos, no verão, com extraordinaria concorrencia, tornam o local pequeno para conter tanta gente, pois que, dos arredores afflue aii a multidão, assim como da cidade, para assistir a esses torneios.

Com o progresso commercial e industrial, com a entrada mais activa da burguezia na vida social, o Campo Grande tinha de assumir ainda uma grande modificação, a da vida que hoje tem, mais sóbria e utilitaria, mas sempre meditativa, recreativa e attrahente.

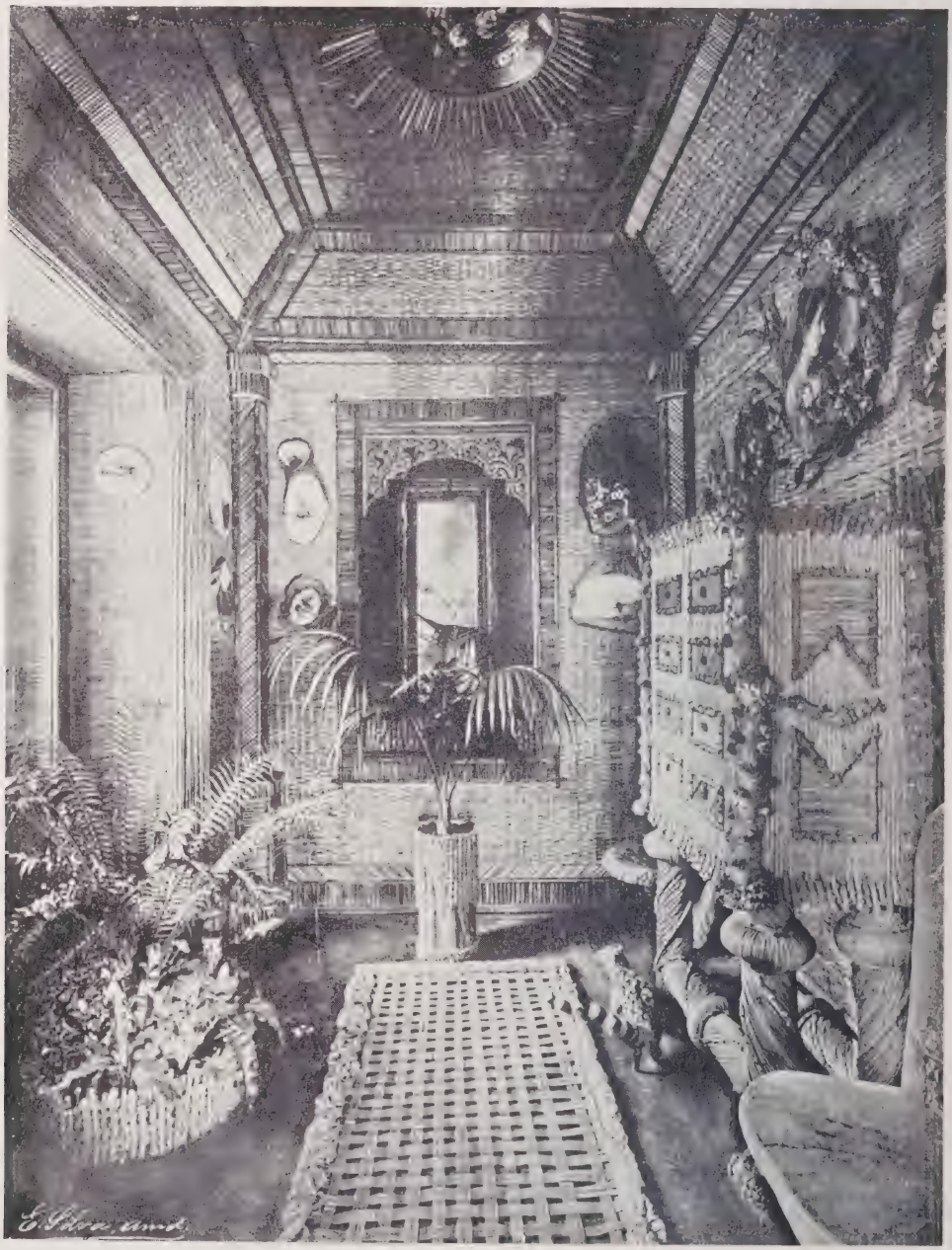
ENTRADA DO CHALET DAS CANNAS

A quem se devem os progressos artisticos dos ultimos 22 annos do aprazivel local — Uma vida devotada á arte do pittoresco ajardinado

Quando o Campo Grande attinge verdadeiramente a sua feição mais preciosa, é de ha 22 annos a esta parte. O seu aspecto, até ahi vasado em moldes antigos, e acanhados portanto, modernisa-se; vitalisam-se as suas tendencias progressivas. Então, elle, passa a albergar em seu seio, não de preferencia esta ou aquella classe, privilegiadamente, mas todas as classes, do mais alto ao mais baixo coturno. E assim, pode dizer-se, que o lindo local, atravessando a Historia, vem tomando outras tantas facetas, quantas as diversas phases sociaes, como se a sua paysagem, os seus lagos, o seu ambiente, quizessem reflectir nas miragens ideaes do sonho, as diversas *etapes* de civilisação da terra portugueza. Com effeito, elle, que fôra arido, nú, ascetico e austero, sob o patronato das communidades religiosas, que lhe deram a primeira sêde de agua, pedindo-lhe em troca os seus proventos; elle que, sob o influxo do bem-estar realengo e palaciano, espalhara o pompear das mais extraordinarias galas e mais fidalgas galhardias; vem hoje dizer-nos que se modernisou, tão bem como a sociedade que o circumda, fazendo entrar, francamente, no seu convivio, aquillo a que antigamente se chamava o terceiro estado. E é assim, que hoje, faz fraternisar, no seu amago, todas as classes, como a nos dizer que não deve o calcanhar do senhor ter pejo ou desprezo em ser tocado pela ponta do pé do servidor, que não deve a riqueza desdenhar o trabalho, a força mais apreciavel nas sociedades modernas civilisadas, porque da boa relação entre trabalho e riqueza resulta a bella chave da harmonia social.

Para que o Campo Grande, mais facilmente incarnasse o espirito da época actual.

teve a felicidade de encontrar, no seu convivio, uma bella personalidade de trabalhador a quem seria injustiça deixar no olvido, embora toda a sua vida haja sido consagrada a viver na attitude retirada, de quem traçou para si, como linha de conducta, a mais teimosa e intrinseca modestia.



UM ASPECTO DO INTERIOR DO CHALET DAS CANNAS

Essa individualidade, com um poderoso esforço de vontade, aliado a um gosto requintadissimo e a uma admiração inexhaurivel

pelas manifestações do bucolico, do lyrico e do pittoresco, fez da sua energia e paciencia verdadeiras varinhas magicas da lenda, mandando brotar, de cada boccadinho de terra que lhe cahiu nas mãos, um requebro artistico de pequeninas gentilezas de arte, que attestam uma vida consagrada, inteiramente, a um ideal, a um sonho que se persegue. E não se trata da realização de algum pedaço d'essa arte academica, cujo pautado e hieratico, por vezes, nos enfastia, com a monotonia das linhas, mas de uma curiosa e original manifestação do decorativo campesino, de uma arte cuja simplicidade puramente popular, nos prende deliciosamente o espirito. Quero falar-lhes de Cordeiro Feio, o homem a quem, nos ultimos 22 annos, foram confiados os trabalhos do Campo Grande, o paciente benedictino da arte, em cujas mãos o barro tôsco se transforma em palaciosinho encantado, ou o blocosito de pedra sem valor em pedra preciosa que brilhasse na cimeira do janellorio de alguma vivenda de fadas. Foi elle quem, de uma antiga casita de residencia, soube erguer o encantador retiro onde tantas graças pequeninas se encontram, n'uma bella disposição, que faz d'esse cantinho um logar de romagem, continuamente visitado e admirado de nacionaes e estrangeiros.

Refiro-me ao *Chalet das Cannas*, esse delicioso boccadinho que, faz que eu classifique o seu auctor, de um intelligente architecto da arte do pittoresco ajardinado.

Com effeito, o pequenino Chalet é uma bonita e «mignone» estancia, com os seus motivos delicados de ma-

OUTRO ASPECTO DO INTERIOR DO CHALET DAS CANNAS

OUTRO ASPECTO

nuelino em rustico, dividido em forma de palaciosinho de lenda e ornamentado, quer por dentro, quer por fóra, com um gosto de originalidade rustica, proprio para attrahir e convidar ao remanso, as gentes em

cansaço e os enamorados tantos por ali vão.

Esse soberbo ninho de poeticas creações, tão mansas, só podia ter sido amenisado por uma vontade que, dia a dia, hora por hora, deliberasse tratar de tanto apuro e minuciosidade.

E aqui me poria eu, agora, a retratar o bonito Chalet, com os seus janellorios nobres, feitos de simples barro, o seu mobiliario que dá a evocação da arte dos faunos nas florestas, se algum dia essas entidades lendarias tiveram no cerebro um sonho de arte! Aqui lhes falaria eu, detidamente, da

UMA CAVALGADA

graça com que, de um torreãosinho, debruçadas das suas ameias nos acenam as flôres; do hieratico com que, toscas jardineiras, de pau mal talhado, se nos mostram aristocraticas; e como de uma raiz de arvore, com tres ou quatro golpes de enxó, se fez ou uma poltrona linda, que evoca um throno druidico, ou um vaso caprichoso, onde crescem rodolentes de perfume, as mais deliciosas 'flores. Aqui me poria eu, a falar-lhes dos pequeninos nadas que ali nos encantam, mas para que o farei, se aos que teem contemplado o retiro eu só daria a sua pallida imagem, e se, aos que o não viram, só a visão real os poderá bem compenetrar do quadro lindo! De resto, como lhes poderia retratar, em algumas horas de trabalhosa mas insignificante prosa, aquillo que levou, nada menos de dezessete annos a construir, coordenar e dispor?

Porque, ha dezesete annos, que começaram, ali, aquelles trabalhos, que assim o soube eu, ha dois dias, quando perguntava ao paciente delineador da obra: «Mas, como conseguiu accommodar tanta belleza a tanta simplicidade?» ao que elle, modestamente, disse: — «Pensando todos os dias, pelo menos um boccadinho de tempo, e, n'alguns d'elles, algumas aturadas horas, perguntando de mim para mim: «o que ficará melhor aqui? e ali? e acolá?» E accrescentou, muito simplesmente: «Mas não fale de mim. Como sabe, não sou architecto, mas um simples curioso que creou amor a estas coisas e que as adora como á propria vida.» E depois, com muitos cuidados de perguntas, eu lá consegui saber quanta paciencia pode dispender um homem para contribuir para o deleite dos olhos ou o bem estar dos outros. Uma d'aquellas poltronas rusticas, onde, para qualquer lado que a gente se volte, se sente sempre bem, era, para Cordeiro Feio, objecto de turturante cuidado e meditação. Sentava-se no tronco tosco, recostava a fronte, depois riscava, rabiscava, desenhava, e dias depois, dizia aos seus operarios: «Corta ahi, talha acolá!» «Para quê?» perguntavam os operarios, muitas vezes, espantados de tanta minucia. «Para perguntares», respondia elle, paulatinamente. E dias depois, de um velho tronco condemnado talvez pelos operarios a ser consumido pelo lume, surgia um movel muito commodo e até muito invejado.

(Continúa.)

EUGENIO VIEIRA.

Aristophanes e a sua escola

Aristophanes

Cephison — Euripides, filho — Apharéo — Crates de Thebas — Cheremon — Licophoron — Rhinton — Sophocles, «o moderno» — Theodecto — Polydes — Xenarco — Philisco — Bion — Plutarco — Comedia grega — Phrynico — Strattis — Aleixo — Anaxandrides — Festas dionysicas — Aristophanes — «Detalianos» — «Os Acharnianos» — «Os Cavalleiros» — «As Nuvens» — «As Vespas» — «A Paz» — «Os Passaros» — «Lysistrata» — «Thesmophorias» — «Pluto» — «As Rans» — «A Assembléa de mulheres» — Ameipsias — Callias — Crates de Athenas — Cratino — Diocles de Philionte — Epicharmo — Eupolis — Eubolo — Hegemon de Thasos — Hermippo — Leucon — Magnes — Moschion — Myllos — Pherecrate — Philonides — Platão — Polyzelo — Susarion — Anaxilas — Nicochares — Aristoteles — Baton — Machon — Sopatros — Sositheu — Dercyllos — A pleiade.

Ao terminar o seculo v a decadencia da tragedia grega era manifesta. Não tornou a apparecer nenhum poeta de valor sequer approximado aos tres insignes tragicos de que tratamos nos capitulos anteriores. Em cumprimento do programma que a nós mesmos nos impuzemos citaremos aquelles que, embora, não possam competir com a fulgurante trindade que succintamente biographamos, deixaram no entanto vestigios das suas obras na litteratura dramatica da Grecia.

Cephisoon foi amigo de Eurípides, e segundo a tradição, collaborou nas suas tragedias e principalmente nos coros. Aristophanes apresenta-o como amante de Chœribe, segunda mulher de Eurípides.

Do filho do insigne Eurípides nenhuns dados bibliographicos se puderam apurar. Apharêo, discipulo e filho adoptivo de Isocrates, obteve no seculo IV antes da nossa era, fama de excellente orador e de tragico de merecimento; escreveu trinta e sete tragedias, quatro das quaes foram coroadas.

Crates, denominado de Thebas, foi uma das individualidades mais excentricas, como modernamente diriamos. Nasceu em Thebas na Beocia. Vivia em Athenas em 328 e existia ainda no começo do seculo IV antes da nossa era. Foi o ultimo representante illustre da escola cynica, e marcou a transição entre Diogenes e Zeno. Disforme e feio, comprazia-se em ostentar a sua fealdade, afim de provocar os motejos. Vendeu o seu patrimonio e destribuiu-o para viver a vida dos cynicos. Vestia trajes quentes no verão e leves no inverno, não para se tornar saliente, mas para affrontar a dôr. Não era rude systematicamente, como Anthisteno, nem tinha o descaramento de Diogenes; era educado e conservava a sua dignidade. Possuia em Athenas, onde era o árbitro de todas as dissidencias e o conselheiro das familias, uma auctoridade moral consideravel. Uma mulher rica, Hipparchia de Maronéa apaixonou-se por elle e desposou-o adoptando o seu genero de vida; resolução que originou muitas anecdotas escabrosas. Crates compoz tragedias philosophicas e diversas poesias; entre outras, um pequeno poema intitulado *Paignia*. Quiz-se, sem razão, attribuir-lhe quatorze cartas, comprehendidas na collecção aldina das cartas gregas, de 1449, e trinta e oito outras publicadas por Boisso-

nade nas *Noticias e extractos*, que vieram á luz em 1827, em Paris.

Cheremon viveu no principio do seculo IV; seguindo o exemplo de Eurípides, intercallou na acção dramatica descripções, dissertações moraes, scenas de comedia e formulas de rhetorica, as suas peças, das quaes a mais conhecida é o *Centauro* valem principalmente pela versificação e elegancia de estylo. Lycophoron nasceu em Chalcis, em Eubéa, nos fins do seculo IV; era filho de Sosicles, foi adoptado pelo historiador Lycos, que acompanhou a Rhegion; d'ahi passou para Alexandria, para a côrte de Ptolomeu Philadelpho, onde adquiriu grande reputação; no dizer de Ovidio, foi morto por uma frecha em consequencia de uma intriga de amor; compoz, affirma-se, sessenta e quatro tragedias; conhecemos os titulos e alguns fragmentos de umas vinte d'estas peças e fragmentos de um drama satirico, *Meudemo;* Lycophoron escreveu tambem um *Tratado da comedia;* mas é conhecido principalmente como auctor do estranho poema tragico intitulado *Alexandra,* editado e traduzido por Holzinger, Leipzig, em 1895, onde uma escrava conta as prophecias de Cassandra, filha de Priamo. O trecho é de uma falta de clareza que ficou proverbial. Philocles, o «moderno», era filho do poeta Astydamas, viveu no seculo IV e pertencia á familia de Eschylo e de Philocles, o «antigo»; foi contemporaneo de Demosthenes

O JULGAMENTO DE PARIS
(Quadro de Rubens)

Rhinton, poeta dramatico, nasceu em Tarento ou em Syracusa, nos fins do seculo III ou principios do IV, era filho de um oleiro e vivia no tempo dos dois primeiros Ptolomeus. Constituiu n'um genero distincto a parodia litteraria, que tinha na Grecia origens muito antigas, na *Batrachomyomachia,* nas peças de Aristophanes, na comedia popular da Grande-Grecia, mas que até ahi não se tinha libertado dos generos annexos. Suidon attribue a Rhinton trinta e oito dramas comicos, chamados tambem *hilarotragedias* ou tragedias jocosas; por exemplo um *Amphytrion,* um *Heraclio,* uma *Ephigenia,* uma *Orestes,* um *Telepho,* onde appareciam transfigurados os heroes das tragedias. Chegaram até hoje alguns fragmentos d'essas peças, publicados no Volker, *Rhintons fragmenta,* de Halle, de 1887. Rhinton teve por imitadores Blaesos de Caprea, Skiros de Tarento, Sopatros de Paphos. Fundara esse genero em honra de Roma e exerceu bastante influencia sobre o desenvolvimento da *atellana* e do *mimo.*

Sophocles, o «moderno», neto do grande Sophocles, existiu na primeira metade do seculo IV. Compoz quarenta tragedias, e foi sete vezes vencedor nos concursos.

Theodecto, masceu em Phaselis, Lycia e morreu em Athenas no seculo IV. Foi discipulo de Isocrates, de Platão e de Aristoteles. Orador de começo, principiou a escrever para o theatro muito cedo. Theodecto apresentou, no concurso mandado abrir pela rainha Artemisa para honrar a memoria de Mausolo, ao mesmo tempo uma tragedia intitulada *Mausolo* e um elogio oratorio. Aristoteles que lhe dedicou um dos seus tratados de rhetorica, tinha em muita consideração o seu talento. Além dos seus discursos, Theodecto compoz cincoenta tragedias: *Ajax, Oedipo, Helena, Orestes, Tydeu, Alcmeon, Philocteto,* etc.

Polydes, foi não só poeta tragico, mas ainda musico. Viveu no seculo IV. Compoz diversas tragedias, entre as quaes se citam: *Atlas, Iphigenia em Taurida,* em que no parecer de Aristoteles, ultrapassou Eurípides na forma de tratar a scena capi-

tal do reconhecimento entre Orestes e Iphigenia.

Xenarco pertencia a uma familia de poetas e viveu no seculo IV; seu pae Carcino, seus irmãos Xenocles e Xenotimo, tinham egualmente composto tragedias. Xenocles, irmão de Xenarco, obteve na XCI[a] olympiada o premio da tetralogia em competencia com Eurípides. Aristophanes satirisou a sua voracidade.

Além d'estes poetas tragicos do seculo IV houve mais Philisco, do qual nada consta ácêrca da sua bibliographia. Dos poetas do seculo III e II tambem não ha vestigios que mereçam referencias especiaes e dos do I apenas temos Bion e Plutarco, que entre as suas numerosas obras litterarias elaborou uma intitulada: *A comparação entre Aristophanes e Menandro.*

* * *

As origens da comedia grega, ensinam-nos as encyclopedias, são muito obscuras; sabe-se apenas que se ligam estreitamente ao culto de Baccho. A comedia appareceu primeiro entre os doricos: no Pelopeneso, em Megara com Susarion, que a levou para a Attica e sobretudo na Sicilia com Epicharmo, que desenvolveu principalmente a comedia de caracter. Mas foi só em Athenas que este genero se póde desenvolver. Distinguem-se tres periodos na historia da comedia attica: Primeiro a *comedia antiga* que começa approximadamente em 460 antes de Christo e tem por principaes representantes: Chionides, Crates, Cratinos, Eupolis e nomeadamente Aristophanes, cujas obras, as que se conservaram, nos revelam os caracteres d'esta forma dramatica.

A comedia antiga tinha por objectivo discutir, como hoje o fazem os jornaes, as questões relativas aos negocios publicos. Apaixonada, animada pelo espirito partidario, fazia a caricatura das personagens publicas, claramente designadas, com tanto vigor como licença.

A comedia média era apenas um genero de transição. Supprimiu o côro, isto é o elemento lyrico e tambem os ataques ás pessoas. Tratava de assumptos de costumes ou de assumptos mythologicos. Foi cultivada por Aristophanes no *Pluto* e *Assembléa de Mulheres,* Eubulos, Aleixo, Antiphanes, Anaxandrides.

A comedia nova corresponde aos reinados de Alexandre e dos seus successores. Eliminou a poesia e transformou-se abertamente em satira dos costumes contemporaneos. Possue os seus typos: o filho familia, a cortezan, a escrava ardilosa, o parasita, etc., que teem nomes indicando o seu caracter. Da comedia nova, que teve por principaes representantes Menandro, Philemon, Diphilo, só temos fragmentos; mas fazemos bem idéa das suas obras, graças ás imitações realizadas por Plauto e Terencio.

Phrynico, homonymo do poeta tragico, nasceu no fim do seculo V antes da nossa era. No dizer de Suidas, deu as suas primeiras peças em 435. Contemporaneo de Aristophanes, pertence como elle á comedia antiga. Conhecem-se os titulos d'algumas das suas peças: *O Monotropos* ou *Misanthropo,* representado em 414 com as *Aves* de Aristophanes; as *Musas,* que em 405 foram classificadas em segunda classe, depois as *Rans,* onde o poeta mostrava Sophocles e Eurípedes ás turras; *Ephialto,* os *Komastes, Konnos,* os *Mystos,* os *Satiros,* as *Tragicas,* etc. Admirava-se em Phrynicho o atrevimento da satira e o vigor do estylo. Attribuiu-se-lhe a invenção de uma medida de versos que foi baptisada com o seu nome, o ionico menor catalectico. Aristophanes, de quem era rival, zombou d'elle nas suas *Rans.* Mas os fragmentos que restam de Phrynicho justificam a fama de que gosou na antiguidade.

Strattis pertencia á comedia antiga; mais novo que Aristophanes, tentou tambem o genero novo; foi um dos poetas que assignalaram a transição da comedia antiga para a média. Os alexandrinos conheciam-lhe pelo menos dezeseis peças. Entre as parodias pódem citar-se: As *Phenicias, Medéa,* os *Myrmidons, Atalante, Philocteto* e *Troilos;* entre as comedias de costumes: *Agathos, Callipide, Cinesias* e os *Psychistas.* Só se tem de Strattis raros fragmentos, conservados por Suidas e Atheneu.

Aleixo, poeta comico, nasceu em Thurio, na Lucania e morreu em 299. Compoz duzentas e quarenta e cinco peças, de que poucos fragmentos restam.

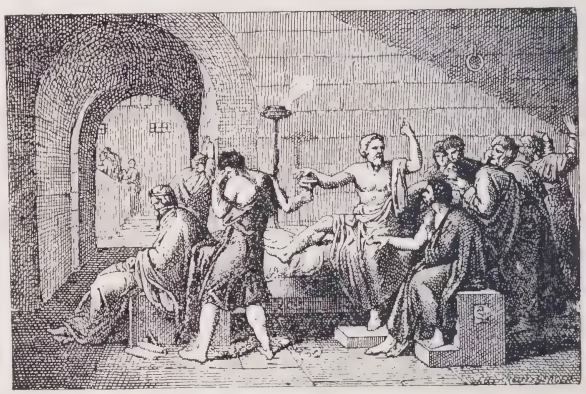
Anaxandrides nasceu em Rhodes, no tempo de Filippe da Macedonia. Segundo narra

Suidas, foi o primeiro que introduziu no theatro os amores irregulares, fecundos em catastrophes. Morreu victima de uma travessura satirica. Eurípides escrevera n'uma das suas tragedias: «A natureza queria-o assim, ella que não escuta senão as leis.» N'uma parodia d'este verso, Anaxandride substituiu pela palavra *cidade (polis)* a palavra *natureza (phusis)*. Os athenienses condemnaram-no a morrer de fome.

Antes de falarmos de Aristophanes e da sua obra vamos descrever succintamente o que eram as festas dionysicas que tanta influencia exerceram no theatro grego.

Em toda a terra grega, sob diversos nomes, dionysicas, anthesterias, etc., se celebravam festas alegres em honra de Dionysio, deus do vinho. Estas festas, apresentavam, segundo os casos, caracteres muito differentes: umas eram festas campestres ou populares; outras, festas de iniciados, *mysterios*. Em quasi todos os burgos gregos, o culto de Dionysio dava ensejo a procissões, a banquetes, a phallophorias. As principaes festas dos iniciados celebravam-se na Phrygia e na Lydia, na Thracia, nas orgias dos bassarides, na Macedonia, nas orgias dos clodones, em Naxos, no Citheron e no planalto de Delphos, todos os tres annos, nas orgias das bacchantes e das thyades, na Italia, nos mysterios dionysicos, nas bacchanaes de Roma; mas em parte nenhuma, as festas de Dyonisio eram tão numerosas e tão brilhantes como na Attica, nos seculos v e iv antes da nossa era. Todos os burgos da Attica, Icaria, Brauron, Pireu, etc., festejavam o deus todos os annos.

Na propria Athenas celebrava-se em honra de Dionysio as *oscophorias*, no mez de pyanepsion, antes das vindimas; as *anthesterias*, que duravam tres dias de 11 a 13 do anthesterion: *pythoigia, choes, chytroi;* as *leneas*, no gamelion, no solsticio de inverno em Lenaeon, que comprehendiam prestitos, sacrificios, concursos dithyrambicos e dramaticos; as *pequenas dionysias* ou *dionysias campestres*, festas dos dêmos, no posideon; finalmente as *grandes dionysias* ou *dionysias urbanas*. Estas ultimas, as mais importantes de todas, duravam pelo menos seis mezes, e celebravam-se no mez de elaphebolion, sob a presidencia do archonte eponymo. Comprehendiam diversas partes distinctas: o *proagon*, ou annuncio das peças, com apresentação dos poetas e dos actores ao publico; um cortejo e sacrificios; concursos dithyrambicos: o *Komos*, um banquete acompanhado de dansas, de cantos e de facecias; as representações das tragedias e das comedias que não levavam menos de tres dias. Pela parte litteraria e artistica do programma, as festas de Dionysio desempenharam um papel importante na historia da poesia lyrica e do theatro. Os *mysterios* inspiraram as poesias orphicas: executavam-se dithyrambos n'estas festas e foi nas leneas e nas grandes dionysicas que se representaram as obras primas do theatro grego.

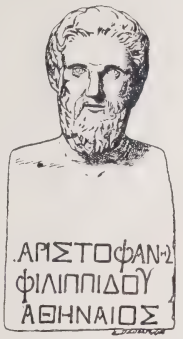


MORTE DE SOCRATES
(Quadro de Louis David)

Mas vamos a Aristophanes.

Aristophanes, o mais celebre dos poetas comicos gregos, nasceu provavelmente em Athenas em 450 e morreu em 386 antes de Christo. Estreou-se muito novo no theatro onde se tornou conhecido por duas peças hoje perdidas: *Os Daetalianos*, escriptos em 427 e *Os Babylonios* em 426. Escreveu cincoenta e quatro comedias. A maioria d'ellas só as conhecemos por fragmentos. Onze chegaram até nós: *Os Acharnianos* 425 e a *Paz*, 425, onde o auctor intervem abertamente na politica e combate o partido da guerra; *Os*

Cavalleiros, 424, em que atacava ás escancaras Cleon, o omnipotente demagogo; *As Nuvens*, 423, onde motejava os sophistas na pessoa de Socrates; *As Vespas*, 423, onde mettia a ridiculo a organisação dos tribunaes athenienses e as manias dos juizes; as *Aves*, em que critíca as utopias politicas e sociaes como mais tarde na *Lysistrata* 411, e na *Assembléa de Mulheres*, 392; as *Thesmophorias*, 411, e as *Rans*, 405, satiras litterarias dirigidas contra Eurípides. No entrementes, a ousadia dos poetas comicos, o regresso ao poder do partido aristocratico e as desgraças de Athenas tinham determinado uma reacção contra a liberdade do theatro, Esta reacção esboçara-se já em 412 no periodo dos «Trinta»: accentuou-se em 388, parece, por uma lei que prohibia formalmente os ataques pessoaes. Era a sentença de morte da comedia antiga, Aristophanes tentou meios novos: com o *Cocalos*, perdido, e a segunda edição do *Pluto*, 388, inaugurou a satira de costumes, d'onde devia brotar a comedia nova dos athenienses.



ARISTOPHANES

Com excepção do *Pluto* e das peças contra Eurípides, as comedias de Aristophanes são satiras sociaes ou pamphletos politicos. Ligado ao partido aristocratico, o poeta serviu-se ás largas da liberdade que lhe consentia o estado popular para atacar as instituições e os chefes da democracia. Nas suas mãos, a comedia tornou-se um poder, que, com justiça, se tem comparado á imprensa politica dos modernos. Considerada no ponto de vista de arte, a obra de Aristophanes é uma das maravilhas do genero grego. Possue uma veia incrivel e uma espantosa phantasia nos seus dialogos satiricos, intercallados de coros lyricos, onde os conhecedores sempre admiraram a perfeita concordancia do fundo e da fórma, da idéa, da expressão e do rythmo. As peças de Aristophanes são preciosissimas pelo conhecimento da historia do tempo, das instituições e dos costumes athenienses do fim do seculo v.

Na comedia *Os Detalianos* de Aristophanes, de que só nos restam fragmentos, como nos *Adelphos*, de Terencio, um velho é pae de dois filhos. Um é educado no campo, outro na cidade. Um dos fragmentos que chegaram até nós é um dialogo entre o pae e um dos seus filhos, o cidadão, a quem o velho pede contas das lições que recebeu dos seus mestres.

Os Acharnianos foram representados em 426. Escripta durante a guerra em que então andavam Athenas e Lacedemonia, essa comedia satirica tinha por objectivo ridicularisar os generaes athenienses Cleon e Lamache, partidarios da guerra, ao passo que, segundo o poeta, o povo desejava ardentemente a paz. N'uma serie de scenas burlescas, Aristophanes oppõe a Lamacho, que volta estropiado de uma batalha, um simples cidadão, Diceopolis, que, tendo concluido com Sparta, uma tregua de trinta annos, vive na alegria e na abundancia.

Os Cavalleiros é a mais ousada das comedias de Aristophanes e foi representada em 424. Partidario decidido da paz e de um governo conservador, arremette com Cleon, o poderoso demagogo a quem põe em scena com o proprio nome. Ridicularisa as pretensões de Cleon, a sua grosseira ignorancia, as intrigas e as baixas adulações pelas quaes soube conquistar a benevolencia do povo atheniense, ali personificado com os traços do pobre diabo Dêmos. O titulo da peça vem dos *cavalleiros* que compõem o côro. Eram os inimigos de Cleon, os seus adversarios politicos, os representantes da tradição, a classe illustrada e abastada. Assim Aristophanes poupa-os a elles com tanta prudencia como exagera a violencia nos ataques dirigidos a Cleon. Pela audacia da concepção e veia satirica, *Os Cavalleiros* são a obra prima da comedia politica.

As Nuvens foram representadas em 423. N'esta comedia, Aristophanes ataca a educação nova, principalmente a sophistica, a qual elle accusava de destruir a noção do bem e do mal e que elle personificava em Socrates. A satira é de um comico poderoso. A acção passa-se em frente da casa de Socrates. Strepsiade lamenta-se das dissipações de seu filho, Phidippide. Ouviu dizer que ha uma escola onde se apprende a converter em boas as más causas, e quer levar ahi o

filho para que se inicie na arte do raciocinio capcioso; isto ser-lhe-ha extremamente util para pagar aos seus credores com más razões, em vez de lhes pagar com dinheiro. Phidippide declara que não quer nem crear má côr nem emagrecer na escola, que os seus amigos cavalleiros o desprezariam; Strepsiade é o unico que bate á porta de Socrates. O côro, composto por nuvens, fortalece-o na sua resolução. Um discipulo do philosopho abre-lhe a porta e conta-lhe, do ensino que recebe na casa, uma multidão de coisas que maravilham o papalvo. Socrates apparece, descendo dos astros, n'um cesto; subira tão alto «para bem penetrar as coisas celestes». Explica a Strepsiade, embasbacado, que as nuvens são tudo, que dão ao homem os pensamentos e as distinções subtis, que alimentam os poetas, os philosophos, os charlatães, os astrologos. Strepsiade solicita que as nuvens lhe ensinem a arte de fazer raciocinios injustos e de não pagar as dividas. Desesperando de tirar qualquer coisa d'este insignificante, Socrates pede-lhe para levar o filho. Phidippide quer tambem reconhecer a arte dos bons raciocinios, á sua maneira; Socrates manda então chamar o Justo e o Injusto, encerrados n'uma gaiola como gallos de combate, e que travam uma discussão animada, parodia faceta dos dialogos socraticos. O Injusto bate o seu adversario, e Phidippide, que decorou bem a lição, repete os argumentos aos seus credores e ao proprio pae; mofa tão bem de uns como d'outros que Strepsiade, furioso por se ver vencido, larga fogo ao «instituto do pensamento» de Socrates, parodiando os mesmos argumentos do philosopho.

Accusam-se *As Nuvens* de terem determinado o processo e a execução de Socrates. O longo intervallo decorrido entre a data da representação, 423, e o julgamento de Socrates, 399, permitte julgar a accusação injustificada. Entretanto é possivel que a comedia preparasse a opinião publica para acolher mais tarde as calumnias de Anytos.

As Vespas representaram-se em 422. N'esta comedia Aristophanes quiz escarnecer da mania dos processos e das singularidades dos juizes; atacou especialmente o principio, então em vigor em Athenas, da tiragem á sorte dos juizes e do seu salario quotidiano, *triobolo*, que fazia dos tribunaes o refugio dos preguiçosos. A personagem principal é um juiz ridiculo, chamado Philocleon, isto é, «amigo de Cleon», demagogo que contribuira para desenvolver os tribunaes populares. O filho do velho, Bdelycleon «inimigo de Cleon», ligado ao partido contrario, quer impedir seu pae de comparecer e manda guardar a casa por escravos com espetos. O velho tenta baldadamente evadir-se fazendo-se ligar á barriga de um burro. Passa o côro, constituido por juizes disfarçados em vespas e munidos de lanternas; porque é ainda noite. Philocleon apparece á janella e informa-o da sua desventurada sorte. Trava-se um combate de palavras entre os juizes e os guardas do pobre homem de um lado, do outro entre Philocleon e Bdelycleon. Finalmente, Philocleon renuncia a ir ao tribunal, mas teima em julgar seja o que fôr, e o filho propõe-lhe submetter-lhe, nas devidas fórmas, os delictos domesticos. Apresenta-se logo uma causa que nem de proposito: o cão Labes acaba de roubar na cosinha um queijo da Sicilia — allusão ao general atheniense Laches, que Cleon mandára processar por exacções commettidas na Sicilia —. As testemunhas são: um prato, um pilão, um ralador de queijo; os debates realizam-se com todo o apparato oratorio; na sua atrapalhação, o juiz no momento em que vae lançar o seu voto na urna, engana-se e absolve o culpado. Cheio de despeito, renuncía ao logar e a peça acaba por uma dansa desordenada. Racine imitou as *Vespas* nos *Plaideurs* dando o nome de «Perrin Daudin» á personagem creada por Aristophanes com o de Philocleon.

A *Paz* foi representada em Athenas em 421 durante a tregua que se seguiu á paz chamada de Nicias. Depois da morte de Brasidas e de Cleon sob as muralhas de Amphipolis, Nicias conseguira provocar uma apparente reconciliação entre as duas cidades inimigas; mas Alcibiades aspirava a recolher a herança de Pericles, e a guerra tornava-se necessaria para a realização dos seus projectos ambiciosos. Foi então que Aristophanes diligenciou prevenir uma ruptura imminente pondo de novo em scena, com a *Paz*, a these que já inutilmente sustentara quatro annos antes nos *Acharnianos*. A comedia apresenta numerosas personagens: um camponez da Attica, Trygeu,

suas escravas e suas netas; o deus Hermes; divindades allegoricas, a Paz, a Guerra, o Tumulto, o adivinho Hierocles; diversos negociantes e outros comparsas. O côro compõe-se de lavradores. A peça decorre primeiro defronte da casa de Trygeu, depois no céo, mais tarde n'um rincão do campo, em frente de uma caverna. Trygeu, montado n'um escaravelho, escala o Olympo e vae perguntar aos deuses a causa de todos os males que fazem gemer a terra. Hermes declara-lhe que a guerra se prepara para atormentar de novo a Grecia e que prendeu a Paz n'uma caverna. Ajudado pelos seus concidadãos, Trygeu consegue libertar a Paz. Celebra a sua victoria, apesar das recriminações das pessoas que vivem da guerra: vendedores de capacetes, de couraças, de trombetas, de dardos, de penachos; e casa com Opôra, deusa da abundancia. Esta comedia, allegorica no seu conjunto, offerece um grande interesse historico.

A PAZ E A GUERRA
(Quadro de Rubens)

As Aves fizeram a sua apparição em Athenas, em 414. Esta comedia que decorre nas nuvens, tem um tanto de magica e occupa um logar áparte no theatro antigo. Dois cidadãos, Peisthetairos e Evelpide, achando que tudo anda mal na terra, e especialmente em Athenas, decidem-se a ir viver com os passaros. Encaminhados por um gaio e por uma gralha, dirigem-se á pôpa. Esta, parente dos athenienses, antes da sua metamorphose, quando estava ainda em Teréa e reinava na Thracia, defende-os das outras aves. Os homens lembram aos passaros que outr'ora eram os senhores do ar e exhortam-nos a reconquistar esse imperio a Zeus. Edificar-se-ha para esse effeito uma cidade nas nuvens: *Nephelococcygia* — a cidade dos cucos —. O projecto é approvado; os dois athenienses sentem logo que lhes crescem asas nas costas. Mas apenas a cidade está construida accorre ali uma turba de aventureiros — um arauto, um sacerdote, um poeta, um adivinho, um geometra, um corrector, um negociante de decretos, um sycophante na esperança de encontrar alguma coisa para ganhar. São expulsos á bordoada, e o côro dos passaros applaude. Depois do que, Peisthetairos acaba a construcção da cidade e dá-lhe leis. N'este meio tempo, Nephelococcygia intercepta na passagem as offerendas que os homens enviam aos deuses. O Olympo está bloqueado e morre de fome. Cada um por sua vez, Iris, Prometheu, Poseidon, Heraclio, veem protestar. Finalmente, os deuses concluem um tratado com os passaros, e Peisthetairos casa com a Realeza.

Os commentadores teem, com frequencia, procurado ver nas *Aves* intenções de satira politica ou uma parodia feita ás utopias sociaes tão queridas dos philosophos. Estas interpretações são pouco verosimeis. Aristophanes parece que, nesta peça, deixou voar a phantasia; o que não o impede de, a proposito de qualquer coisa, motejar dos homens e das coisas.

Lysistrata foi representada em Athenas em 411, quando Athenas se encontrava envolvida n'uma guerra desastrosa. Nicias e o seu exercito acabavam de ser esmagados na Sicilia; Alcibiades, exilado, refugiara-se em Sparta e vingava-se da sua patria dando aos spartiatas excellentes conselhos. A paz impunha-se, e Aristophanes proseguiu a favor d'ella a argumentação que já principiara nos *Acharnianos* e na *Paz;* mas a nova comedia apresentou a sua these favorita de uma maneira mais travessa. A acção decorre em Athenas. Uma mulher, Lysistrata, quer

obrigar os lacedemonios e os athenienses a reconciliarem-se. Reune as mulheres da Attica e das principaes cidades da Grecia, e faz-lhes jurar que não pertencerão a seus maridos até se concluir a paz. As mulheres apoderam-se da cidadella. Os homens depressa se encontram n'uma situação difficil. A de Lysistrata não é melhor para manter a disciplina entre as suas companheiras. Entra-se em negociações, concorda-se n'um pacto; Sparta e Athenas negocíam um tratado; as portas da cidadella abrem-se; os maridos readquirem as suas mulheres e os povos gregos esquecem nos festins e nas dansas as suas longas inimisades. A comedia é de uma liberdade inaudita, mas cheia de graça e de chocarrice.

O assumpto da *Lysistrata,* adaptado com graciosa fantasia, ao gosto moderno, forneceu a Mauricio Donnay a materia de uma viva e deliciosa comedia, representanda no Grand-Théatre de Paris, em 1892, tornada ainda mais mordaz pelo facto de Lysistrata, seduzida pelo general Agathos, ser a primeira a faltar ao seu juramento.

Não se sabe ao certo que entrecho desenvolveria Aristophanes na comedia as *Thesmophorias,* que data de 41. As thesmophorias eram festas que se celebravam em honra de Demeter themosphoro, deusa da agricultura e da ordem legal, e de sua filha, Cora thesmophoro, em Athenas, em Megaro, em Thebas, em Epheso, na Arcadia e em muitas outras terras gregas. As thesmophorias tinham principalmente por objectivo dar graças a Demeter depois das colheitas do anno e das sementeiras do inverno. São bem conhecidas as thesmophorias athenienses, realisadas de 9 a 13 do mez de pyanepsion, novembro, parte em Athenas, parte no dêmo Halimunte. Durante todo o periodo da festa, as mulheres deviam conservar-se abstemias e observar completa castidade. No primeiro dia, um cortejo das mulheres de Athenas conduziam solemnemente as estatuas das duas deusas e diversos objectos sagrados ao démo Halimunte, perto do cabo Kolias, a trinta e cinco estadios da cidade. Durante duas noites, as ceremonias succediam-se no thesmophorion de Halimunte. A 11, as mulheres voltavam a Athenas, onde a festa se prolongava ainda por tres dias. O dia immediato era de jejum e de luto. O derradeiro dia chamava-se kalligeneia, porque se invocava Demeter com esse nome. Então effectuavam-se os banquetes femininos dos demos, acompanhados de jogos e de dansas, a miude voluptuosas como o *knismos,* o *oclasma,* o *chalpidikon diogma.* A festa terminava com um sacrificio ás deusas. Póde-se fazer idéa qual o partido que Aristophanes tiraria d'este thema.

O primeiro *Pluto* foi representado em 408, e d'esse nada sabemos. Durante a tyrannia dos «Trinta», uma lei, como atraz dissemos, prohibia no theatro a satira politica e pessoal, de que viveu muito especialmente a comedia antiga. Aristophanes modificou o seu *Pluto,* que foi representado n'esta nova forma em Athenas, em 338. A peça assignala uma era nova na historia da comedia grega, que se volta então resolutamente para a pintura dos costumes. O *Pluto* tem por assumpto a injusta partilha das riquezas. As personagens são: Pluto, deus da riqueza; Chremylo, burguez de Athenas e sua mulher; Carion, seu escravo; Blepsideme, seu amigo; a Pobreza; o deus Hermes; o sacerdote do Zeus; um sycophanta, etc. A scena passa-se em Athenas, defronte da casa de Chremylo. Pluto, deus cego, cahiu nas mãos de intrigantes de baixa esphera, e só concede os bens aos mais indignos. Chremylo vae pedir ao oraculo de Apollo que lhe indique um meio honesto de enriquecer: «Leva comtigo, responde o oraculo, o primeiro individuo que encontrares.» Chremylo esbarra exactamente com Pluto; mas o cego nem por isso deixa de favorecer os velhacos. Chremylo condú-lo ao templo de Asklepios e obtem que lhe seja restituida a vista. Então Aristophanes faz-nos assistir á metamorphose completa de toda a engrenagem da vida humana; os tratantes perdem para sempre a esperança de se enriquecer e a fortuna passa a ser o quinhão exclusivo das pessoas de bem. Existe no Pluto uma scena admiravel: aquella em que a Pobreza demonstra que é a inspiradora das grandes coisas.

As Rans foram representadas em 405. Obtiveram o primeiro premio e tiveram a honra muito rara de uma segunda representação. *As Rans* são uma satira muito viva ao theatro de Eurípides, que morrera pouco tempo antes na Macedonia. Aristophanes suppõe que o deus do theatro se inquieta com o desapparecimento do ultimo

dos grandes tragicos. Desesperando encontrar na terra um verdadeiro poeta, Dionysio decide-se a ir procurar um ao inferno. Ali, Eurípides pretende disputar a Eschylo o throno da tragedia. Em frente de Dionysio trava-se um concurso em regra entre os dois rivaes, polvilhado de bons ditos que traduzem em traços facetos uma crítica completa das duas concepções do theatro. Emfim, prova-se que Eurípides corrompeu a tragedia, os costumes e até a arte pela sua má sophistica, a sua licença e as suas innovações. E' trazida uma balança; dois versos de Eschylo pesam mais que toda a papelada de Eurípides. E' então Eschylo que Dionysio reconduz á terra; na ausencia de Eschylo, o throno da tragedia pertencerá a Sophocles. Ao lado d'esta critica systematica, e com frequencia justa, do theatro de Eurípides, a comedia contém outros elementos comicos e de interesse, sobretudo uma veia inexgotavel e cheia de fantasia onde sobresae um admiravel intermedio de uma alta poesia religiosa, o côro dos iniciados.

A comedia *Assembléa de Mulheres* ou *As Palradoras* foi representada em Athenas em 393. As athenienses aborrecidas por verem os maridos dirigirem pessimamente os negocios publicos, resolvem tomar conta do governo. Dirigem-se uma manhan disfarçados em homens, á *assembleia,* e, por proposta de Praxagora, sua presidente, fazem lavrar um decreto que lhes entrega o poder; os homens não teem mais que se occupar d'isso. Blepyrus, marido de Praxagora, applaude essa resolução que o dispensa de ir ao tribunal e de trabalhar; sua mulher desenvolve-lhe o systema do governo: todos os bens serão communs; o pobre terá pão, farinha, chícharos á discreção; as mulheres tornar-se-hão propriedade commum, mas as mais formosas pertencerão primeiro aos mais feios, e os homens mais bonitos serão das mais feias. No acto seguinte veem-se apparecer dois cidadãos. Um, honesto, simples, quer levar o seu mobiliario ao deposito geral para obedecer ao decreto. Um segundo cidadão, egoista e astucioso, censura o visinho pela tolice; aconselha-o a esperar, porque, em Athenas, breve se esquecem os decretos. Não tarda que o arauto chame ao som da trompa os cidadãos ao banquete social; immediatamente, o espertalhão que não levou os seus moveis ao armazem commum é o que se mostra mais apressado em assentar-se á mesa. N'outro quadro, apparecem uma velha e uma rapariga egualmente desejosas de se submetter ao decreto; espreitam os galanteadores da janella. A velha está pintada, perfumada; a outra é nova, formosa e não ostenta enfeites. Chega um velho, nenhuma das duas faz caso d'elle. Surge um rapaz, todas o querem para si; mas a velha com o decreto na mão afasta a rival. Uma segunda e terceira velhas disputam o desventurado galanteador á primeira. O pobre diabo deplora o seu destino. Apoz uma longa discussão, a mais hedionda e a mais edosa leva comsigo o mancebo.

Esta obra, cheia de philosophia, é a critica do communismo de Platão. Afóra algumas allusões, a politica foi d'ali banida quasi inteiramente; é uma satira das idéas, muito espirituosa e muito travessa.

Contemporaneos de Aristophanes existiram poetas comicos de merecimento, mas nenhum que o egualasse na envergadura, na observação e no sarcasmo. Apontaremos succintamente os de mais nomeada.

Ameipsias viveu no seculo v antes de Christo. Só nos restam alguns fragmentos das suas comedias. As duas principaes d'elle são o *Konnos* e os *Aldeões,* com as quaes ganhou o premio, embora Aristophanes tivesse concorrido com as *Nuvens* e as *Vespas.*

Callias era filho de Lysimacho. Foi contemporaneo de Cratino. Apenas possuimos fragmentos de seis das suas peças. Com relação a Cephisodoro succede exactamente a mesma coisa. Chionides escreveu no tempo das guerras medicas. Citavam-se d'elle algumas peças taes como: os *Heroes,* os *Persas,* ou os *Assyrios,* os *Pobres.*

Crates de Athenas é citado por Aristophanes nos seus *Cavalleiros,* mas dá a entender que o poeta estava morto por essa época. Crates principiara por ser actor; representou nas peças de Cratines. Depois escreveu por sua conta. Foi o primeiro a romper com as tradições da comedia politica. A exemplo de Epicharmo, atacou, não os individuos, mas os costumes. Com essa innovação, abriu caminho á *comedia média,* d'onde devia sahir a *comedia nova,* a de Menandro e de Philemon. A acreditar Aristophanes, todo o merito das peças de Crates residia na composição, na complicação

das scenas. A intriga era sempre muito enredada. Tambem Aristophanes, que não as perdoava a ninguem, diz epigrammaticamente que Crates divertira os athenienses com pouco custo, fazendo-lhe saborear as mais engenhosas invenções, sem se dar ao trabalho de as sanzonar. Possuimos alguns fragmentos das peças de Crates: os *Visinhos*, os *Heroes*, os *Animaes*, a *Lamia*, os *Jogos*, os *Oradores*, os *Samios*, as *Fanfarronadas*.

Cratino é um dos principaes representantes da comedia antiga. Parece ter-se estreado no theatro em 460. Morreu provavelmente em 422. Venceu Aristophanes no concurso de 423, e o mesmo Aristophanes, na *Paz*, 421, allude á morte recente do seu rival. Segundo o testemunho de varios escriptores antigos, Cratino desempenhou um papel importante na historia da comedia: augmentou o numero dos actores, aperfeiçoou a intriga e a enscenação. Foi sobretudo elle quem produziu as primeiras obras primas. Como Aristophanes, atacava com inteira liberdade as instituições e as pessoas. Conservador decidido, perseguiu durante muito tempo com os seus sarcasmos a politica de Pericles. Folgazão como era, amigo do luxo e de passar bem, mesmo da «pinguinha», imprimia a todas as suas campanhas um arrebatamento extraordinario, uma veia admiravel. Foi nove vezes coroado em concursos, e escreveu vinte e uma peças muito variadas, a avaliar pelos titulos: os *Archilocos*, a *Nemesis*, os *Ulysses*, os *Chirons*, os *Trophonios*, as *Leis*, as *Horas*; os *Satiros*, as *Riquezas*, os *Effeminados*, etc. A sua peça mais celebre foi a ultima que compoz, a que, em 423, lhe deu a victoria sobre as *Nuvens* de Aristophanes. Tinha por titulo a *Garrafa*. O poeta justificava n'ella o seu gosto pelo vinho que o seu rival lhe censurara. Tambem foram muito apreciadas as poesias lyricas de Cratino, que se cantaram durante muito tempo nos festins.

Pouco se sabe de Diocles de Phlionte, do qual apenas se salvaram alguns fragmentos.

Epicharmo nasceu em Cos e morreu em Syracusa em 450. Foi muito novo para Syracusa, onde passou toda a sua vida. Na côrte de Hieron, conheceu sem duvida Eschylo, que exerceu sobre o seu talento grande influencia, Apresentou as suas primeiras comedias em 486, escreveu pelo menos trinta e cinco peças e morreu com noventa annos. Foi um dos fundadores da comedia, na qual condensou os elementos agrupando as scenas ou os quadros satyricos em volta de uma intriga regularmente entretecida e desenlaçada. Tratou duas especies de assumptos: assumptos tirados da vida popular, e assumptos mythologicos. A' primeira classe pertencem as comedias intituladas: o *Camponez*, as *Rapinas*, os *Theoras*, a *Megariana*, o *Requintado*, as *Panellas*, etc., á segunda classe: as *Bacchahtes*, *Alcyon*, *Busiris*, *Dionysio*, as *Bodas de Hebé*, a *Loucura de Hieraclio*, *o Cyclope*, *Ulysses transfuga*, as *Sereias*, a *Sphinge*, *Phitocteto*, *Chiron*, etc. Epicharmo gostava das sentenças, das questões ou das discussões philosophicas. Uma lenda fez d'elle um philosopho pythagorico; e attribuiram-lhe diversos escriptos pythagoricos, um tratado *Sobre a natureza das coisas*, obras sobre moral e sobre medicina.

Eupolis era filho de Sosipolis. Nasceu em Athenas em 446, e morreu em 411. Os gregos collocavam-no na primeira fila da comedia antiga, ao lado de Cratino e de Aristophanes. Aos dezesete annos fez representar a sua primeira peça. Foi de triumpho em triumpho e obteve sete vezes o primeiro premio. Amigo, a principio de Aristophanes, collaborou, diz-se nos *Cavalleiros*. Depois os dois poetas zangaram-se, atacaram-se nas suas peças e accusaram-se de plagiato. Eupolis afogou-se no Hellesponto no decorrer de uma expedição militar. Compoz umas quinze comedias, de que restam fragmentos assaz numerosos, entre outros, as *Cabras*, 423; o primeiro e o segundo *Autolycos*, 421 e 411; os *Aduladores*, 421; o *Maricas*, 420; os *Baptas*, 415, e outras peças de data incerta; os *Taxiarcos*, os *Démos*, as *Cidades*, etc.

Eubolo era filho de Euphranor, do dêmo de Kettos. Compoz cento e quatro comedias. Conhecemos os titulos de umas sessenta ou alguns fragmentos. Parece ter preferido os assumptos mythologicos e as parodias das tragedias, particularmente de Eurípedes.

Hegemon de Thasos, era tambem conhecido pela alcunha de *Phaké*, lentilha, por causa do muito que gostava de lentilhas cosidas. Evidenciou-se principalmente nas parodias ou poemas burlescos; Aristoteles chega a attribuir-lhe a invenção d'esse ge-

nero. A sua obra mais celebre era uma *Gigantomachia,* que o poeta recitava deante do povo, no momento em que se soube em Athenas do resultado desastroso da expedição á Sicilia.

Hermippo dedicou-se a hostilisar Pericles. Chegaram até nós uns quarenta fragmentos das suas peças, compoz além d'isso, duas collecções de iambos, que continham narrativas alegres e satiricas.

Leucon foi contemporaneo e rival de Aristophanes. Em 422 a sua comedia *Embaixadores* concorreu com as *Vespas* de Aristophanes; e, no anno seguinte, a sua peça *Confrades* disputou o premio aos *Aduladores* de Eupolis. N'estes dois concursos não obteve mais que o terceiro logar. Suidas cita ainda, entre as obras de Leucon, o *Burro dos ódres.*

PTOLOMEU PHILADELPHO DÁ A LIBERDADE AOS HEBREUS
(Quadro de Noel Coypel)

Magnes era contemporaneo de Eschylo. Aristophanes fala d'elle nos seus *Cavalleiros.* Magnes primava no genero jocoso. Ganhou varias vezes o premio. Aristophanes, ao que parece, aproveitou-se de muita coisa d'elle. Possuimos, com o seu nome, alguns fragmentos de uma authenticidade duvidosa, e o titulo de varias das suas comedias: os *Passaros,* os *Tocadores de alaúde,* os *Lydios,* as *Rans, Dionysio,* a *Jardineira.*

Moschion compoz varias comedias e tragedias, e, entre outras, as peças historicas intituladas *Themistocles* e os *Habitantes* de *Pheres.*

Myllos foi um dos mais antigos representantes da comedia áttica. Segundo Eustatho, era ao mesmo tempo actor e auctor. N'uma das suas peças representava um surdo que, apesar da sua enfermidade, ouvia o que se dizia deante d'elle; d'ahi nasceu o proverbio grego: «Myllos ouve tudo».

Segundo uma tradição mais ou menos authentica, Pherecrate foi primeiro comediante, representou peças de Crates e depois escreveu comedias. Arredou das suas peças a satira grosseira e as allusões pessoaes injuriosas. Primava na zombaria fina e delicada, e o seu estylo era de uma grande elegancia. Inclinava-se para a comedia de costumes, procurava assumptos novos, a miude, muito fantasistas. A sua peça mais celebre, os *Selvagens,* foi representada em 420. Era uma espirituosa satira contra os devaneadores, que gabavam o estado da natureza. Outras peças de Pherecrate intitulavam-se: os *Transfugas,* as *Velhas,* o *Preceptor d'escravos,* os *Menores,* os *Homens-formigas.* Pherecrate foi o inventor do verso designado por «phrecratiano». Ha d'este poeta numerosos fragmentos.

Algumas das primeiras comedias de Aristophanes foram representadas com o nome de Philonides. D'este poeta comico citam-se varias peças, de bastante valor. taes como: Os *Cothurnos* e o *Preludio.*

Platão, não o grande philosopho, mas o comediographo, foi contemporaneo de Aristophanes. Das suas vinte e nove peças, enumeradas por Suidas, só restam fragmentos. As principaes eram *Cleophon,* 405; *Thaon,* 391; *Tisandro,* 423; *Hyperbolos,* 415, etc.

Polyzêlo foi tambem contemporaneo de Aristophanes. Embora pertencesse á comedia antiga parece ter composto tambem algumas peças no gosto da comedia nova. Citam-se d'elle: o *Nascimento de Dionysio,* o *Nascimento da Aphrodita,* o *Nascimento das Musas, Demontyndaro,* etc. D'estas peças chegaram até nós alguns fragmentos.

Susarion, que, segundo a tradição foi um dos creadores da comedia, nasceu no burgo de Tripodiskos, na Megaride. Deu-se a conhecer em 570 e foi o primeiro que escre-

veu uma comedia em verso. Possuimos com o nome de Susarion um fragmento cuja authenticidade é duvidosa.

São estes os escriptores da comedia antiga grega do seculo v antes da nossa era, cujos nomes chegaram até nós. Agora vejamos quaes são os do seculo IV.

Temos em primeiro logar Anaxilas, contemporaneo de Demosthenes. Das suas numerosas comedias só nos restam pequenos fragmentos.

Nicochares, filho do poeta comico Philonide, foi um dos concorrentes de Aristophanes, no concurso de 388: ao *Pluto* do seu rival, oppoz os seus *Laconios*. Conhecemos os titulos d'algumas outras das suas peças: *Agamemnon, Amymone,* os *Centauros,* os *Cretenses,* a *Deliana, Galathéa, Heraclio Chorego,* etc. Possuimos de Nicochares alguns fragmentos.

ARISTOTELES

N'este seculo IV surgiu o grande espirito conhecido na historia da philosophia com o nome de Aristoteles. Natural da Macedonia, pois nasceu em Stagira em 384, morreu em 322. Não nos alongaremos na sua biographia, extensissima e que não pertence a estudo que nos propuzemos compilar. Aristoteles não escreveu para o theatro, escreveu sobre o theatro, e com tão assombroso conhecimento de causa que a sua influencia foi preponderantemente radical. A tragedia e a comedia deveram-lhe immenso.

No seculo III indicam-se como escriptores da comedia antiga Baton, que alguns appellidam sem razão Battos; dedicou-se a zurzir os philosophos do seu tempo; temos fragmentos d'algumas das suas peças, taes como: os *Etolios,* o *Assassino,* os *Bemfeitores,* o *Ludibriador,* etc. Machon, nasceu em Sycione ou em Corintho; viveu em Alexandria, no reinado de Ptolomeu Philadelpho; segundo Atheneu foi um dos poetas mais notaveis da *pleiade* alexandrina, e foi o mestre de Aristophanes de Bizancio; possuimos d'este poeta alguns fragmentos de duas comedias: a *Carta,* a *Ignorancia* e uma collecção de *Maximas,* em versos iambicos, de fórma elegante. Sopatros morreu no tempo de Ptolomeu Philadelpho; compoz numerosas comedias que se perderam; conhecemos os titulos de uma duzia das suas peças, como os *Pretendentes de Bacchis,* a *Porta, Hippolyto, Orestes,* etc.; Atheneu conservou-nos alguns fragmentos d'ellas; Sopatros dedicava-se principalmente á parodia. Sositheu parece ter nascido em Alexandria de Troade e vivido na Attica e no Egypto; tentou restaurar o drama satirico, transformando-o um pouco; temos de Sozitheu um fragmento de vinte e quatro versos, que pertencia a um poema intitulado *Lytierse ou Daphnis,* especie de drama pastoral, que se approximava do drama satirico dos athenienses.

A accrescentar a estes escriptores do seculo III temos Dercyllos; compoz varias obras scientificas e historicas e um tratado sobre o drama satirico; tambem não temos d'elle mais que diversos fragmentos.

Temos falado aqui differentes vezes na *pleiade,* nome dado, como todos sabem, por allusão á lenda das sete filhas de Atlas, a um grupo de sete poetas contemporaneos, unidos por laços de amisade, ou por communidade do genio e dos labores. A primeira pleiade ascende ao período alexandrino e comprehende Lycophron de Chalcis, Alexandre, o *etolio,* Philisan de Corcyro, Homero de Bizancio, Sositheu de Alexandria, Sosiphanes de Syracusa e Aeantides ou Dionysiades de Tarse, que viveram no tempo de Ptolomeu Philadelpho. Houve depois outras pleiades de que mais adiante trataremos.

Até hoje, Aristophanes ainda não encontrou um émulo que o apeasse do pedestal a que o seu talento o elevou.

Compilado por

EDUARDO DE NORONHA.

O PAPA PIO X

Do berço humilde á cadeira de S. Pedro.
Na escola, na parochia, no bispado, no sacro collegio e no throno pontificio.
O dia official e intimo de Pio X. Prophecias e anecdotas.

(CONCLUSÃO)

Guiseppe Sarto na cadeira de S. Pedro — Ecce Sacerdos Magnus

Está portanto pontifice, desde o dia 4 de agosto de 1903, o prelado que se não julgava *papabile*, dizendo ser apenas um *cardinale di campagna*, e que na sua *cella* n.º 57 do Vaticano — a do cardeal patriarcha portuguez D. José Netto, quasi seu visinho, tinha o n.º 59 — pensava apenas dar o seu voto áquelle que tivesse hombros potentes para recolher a pesada successão de Leão XIII! Se o modesto Giuseppe não foi propheta de si mesmo, outros o foram: é da praxe; e os biographos encontram sempre rasto de taes prophecias. Um dos de Pio X refere que certo leigo da Companhia de Jesus, de nome Tacchini, indo apresentar-se ao bispo de Mantua — José Sarto — no desempenho de melindrosa missão, beijou-lhe o pé, coisa que, como todos sabem, só é do estylo fazer-se ao Pontifice.

Naturalmente, Mons. Sarto inquiriu a razão d'esse procedimento.

— Faço-o, respondeu Tacchini, porque Mons. Sarto será um dia cardeal patriarcha de Veneza e depois papa.

Devia ser uma scena curiosa, aquella em que o Tacchini se apresentou a Pio X e lhe beijou a pantufa, d'esta vez, consoante o rito, sem temor de offender a modestia do *sacerdos magnus!*

Outro propheta, tambem authenticado:

Quando Mons. Sarto, bispo de Mantua, foi nomeado cardeal e patriarcha de Veneza, achava-se o padre Bernardino de Portogruaro, que mais tarde foi arcebispo de Sardica, no collegio de S. Boaventura, em Quavachi. Mal ouviu a nomeação, o padre Bernardino, que conhecia muito bem o novo purpurado, disse na presença de todos os seus religiosos: *Este será o futuro papa!*

Ainda outra prophecia authentica (segundo o biographo Marchesan):

Monsenhor Agnoletti fôra collega de José Sarto no seminario de Treviso. Nomeado este cardeal e patriarcha de Veneza, monsenhor Agnoletti foi cumprimentar o seu antigo collega no professorado e disse-lhe:

— Eminencia, venho em meu nome e no dos meus collegas do seminario a beijar-lhe a sagrada purpura pela ultima vez.

— Pela ultima vez? observou surpreso o patriarcha.

— Sim, porque um dia irei a Roma beijar-lhe a pantufa.

— Que idéa essa! Eu papa! disse o cardeal.

— Sim, Eminencia.

O cardeal sorriu-se bondosamente, muito longe de pensar que ouvira um verdadeiro vaticinio.

Quando, já papa, viu Mons. Agnoletti prostrado a seus pés, ergueu-o com bondade, olhou-o fixamente, sorrindo com certa melancolia, ao recordar a prophecia feita

pelo seu antigo companheiro de professorado.

Sabem agora a quem o novo pontifice enviou sem tardança a sua primeira benção apostolica? A suas irmãs sobreviventes, ás modestas e bondosas Rosa, Anna e Maria, e, do mesmo passo, á familia patriarchal! modestia do seu berço, elle que podia conceder nobreza a suas irmãs, a seus sobrinhos, nem pensou em tal. José Sarto bem sabe que tudo na vida é breve, transitorio, inane.

N'uma das praxes rituaes que seguem logo a eleição do papa, o mestre de cerimonias pontificio leva na mão uma haste prateada, com uma pouca de estopa, a que larga fogo, e, voltado para o vigario de Christo, emquanto a chamma agonisa, canta em tom grave e lento:

Pater Sancte, sic transit gloria mundi! Assim passam, com effeito, as glorias do mundo — como estopa que arde. Que ha, pois, de substancial na vida? A bondade, a consciencia pura, a consciencia do dever cumprido, a de se ser util aos fracos, aos menos bem aprestados para as luctas da vida! Em Roma, como em Veneza, como em Treviso, como quando era parocho de Salzano, sempre com a imagem de S. Francisco de Assis no coração, a mão de Sarto espalha beneficios sem suppôr que tenha de fechar-se por falta da moeda com que se podem remediar infortunios. No dia da sua eleição, logo os pobres de Roma foram contemplados com 100:000 liras, sendo 5:000 destinadas ás cozinhas economicas da mesma cidade. Soccorros materiaes e palavras da mais santa e repassada consolação, os espalhou egualmente o pontifice pelas dioceses de Treviso e de Veneza, quando terriveis calamidades levaram a miseria e o luto a muitas povoações d'aquellas dioceses. Para o povo é sempre a sua palavra de guisa que toca todos os corações, porque não se esquece da sua origem popular,

SUA SANTIDADE PIO X DEITANDO A BENÇÃO SOLEMNE

Veneza recebera a noticia com summa satisfação, posto sentisse por outra parte a ausencia do seu prelado, sempre tão bom, tão conciliador, e sobretudo tão caridoso com a pobreza. E, circumstancia que põe bem em relêvo a elevação de caracter de Pio X: não esquecendo a sua origem popular, a

como não se esquece de que veiu do ultimo grau da hierarchia ecclesiastica. O seu verbo, ou vá direito ao clero ou ás camadas mais simples da sociedade, é sempre de quem póde dizer, como elle: *Vi, senti, participei* de todas as desventuras. Nem se esquece do que Leão XIII recommendava a todos: *Ide ao povo.*

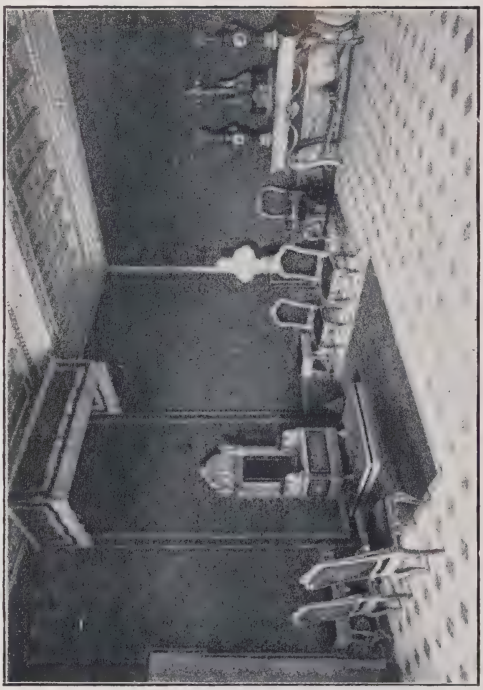
Na sua vida intima, a simplicidade é a regra de conducta. Discordante do seu antecessor que comia sózinho, Pio X não se dedigna de comer em companhia dos seus aos jardins para dar o seu passeio e tomar um pouco de ar fresco, como o fazia no Lido de Veneza. Os catholicos da America do Norte offereceram-lhe um automovel ricamente ornamentado, maravilha de machinismo e de conforto, para S. S. dar os seus passeios pelos jardins do Vaticano. Pio X gabou o presente riquissimo, agradecendo aos seus admiradores a delicadeza da offerta. O automovel, porém, jaz no museu do Vaticano: Sua Santidade mantém as tradições dos seus dois antecessores.

INTERIOR DA BASILICA DE S. PEDRO

familiares. O seu passadio é em extremo frugal. Fóra dos momentos consagrados ao descanso do corpo e do espirito, Pio X póde dizer que trabalha sempre e sempre. A's 5 da manhã, no estio, ou ás 5 e meia se é inverno, S. S. está já a pé. Pouco depois, e assim o pratica diariamente, diz missa em que é ajudado por um dos seus capellães intimos. Passa em seguida aos seus aposentos particulares e toma uma simples chicara de café.

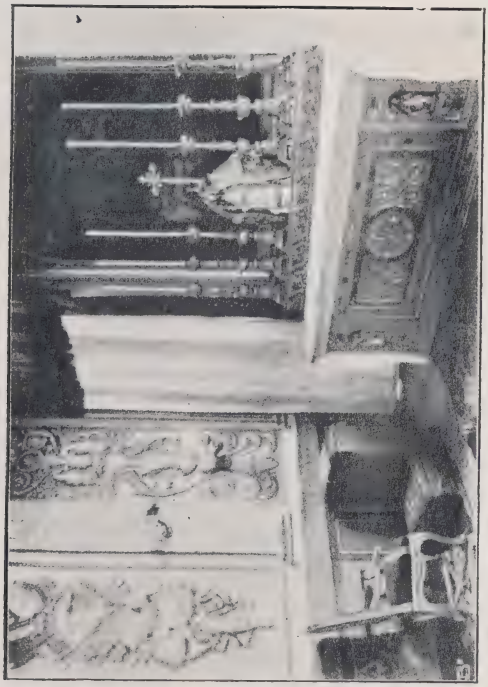
Quando faz bom tempo, ou é verão, desce

De volta ao seu gabinete de trabalho, já lá o espera a correspondencia diaria, numerosissima e de grande responsabilidade. Depois recebe, consoante a rotação estylada, os relatorios das diversas congregações. Não lhe passará despercebida qualquer falta de ordem e de precisão, qualidades que teem sido sempre o timbre da sua existencia. Terminado esse trabalho fatigante, recebe o secretario d'Estado, recepção que, como é facil suppôr, tem uma alta e delicadissima importancia. No fim d'esta recepção come-



APOSENTOS PONTIFICIOS — PRIMEIRA ANTECAMARA, ANTECAMARA SECRETA, SALA DO THRONO PEQUENO E GALERIAS DAS CARTAS GEOGRAPHICAS

çam as visitas officiaes, as visitas particulares ou as marcadas, Audiencias fixas teem-nas o mórdomo, o cardeal-prefeito das congregações, e outros altos funcionarios. São sem numero depois as visitas especiaes de bispos, de prelados, de embaixadores, e dos fieis de todas as nações. N'estas audiencias, S. S. mostra interessar-se, com particular zelo,



APOSENTOS PONTIFICIOS — SALA DA CAPELLA, CAPELLA DE SUA SANTIDADE, SALA DO CONSISTORIO E SALA CLEMENTINA

por todos e por tudo. A sua bella memoria muito o auxilia em taes conjunturas.

Quando toca para o jantar, S. S. toma a sua refeição que é, já o dissemos, frugal. Pelas duas horas retira-se para os seus aposentos particulares, onde se conserva até á hora das audiencias em commum, a qual varia segundo a estação. Repousa depois um

pouco, passando então a ler o breviario e a retomar as suas occupações; mais tarde, se lhe é possivel, dá um passeio pelas galerias, recebendo no seu trajecto algumas pessoas que desejam apresentar-lhe as suas homenagens. Terminado o passeio, guardas postados ás portas das passagens internas, impedem o transito de quem quer que seja, e d'esta maneira, em plena liberdade, o papa dá um pequeno passeio conversando com o seu secretario particular e com pessoas da sua familiaridade.

Este passeio não dura muito. De volta aos aposentos particulares, o pontifice torna ao trabalho interrompido que se prolonga até ás 8 e meia ou 9, em que S. S. faz a visita ao Santissimo Sacramento, diz o rosario, ceando depois — coisa bem simples: um pouco de sopa e ás vezes um pouco de vinho. Mas não vão imaginar que o chefe da christandade fica ocioso após a ceia; trabalha ainda deitando-se ás vezes tarde de mais para quem passa o dia tão occupado...

Mas, em regra, Sua Santidade deita-se ás 11, depois de haver conversado uma hora com suas irmãs ou com os seus secretarios, e folheado os periodicos da noite, commentando os acontecimentos do dia.

Já acima dissemos que o papa se absteve de conferir nobreza ás suas irmãs — o que podia fazer — afastando-se assim da tradição seguida geralmente pelos pontifices. A reforçar ainda este proposito de conservar os parentes nas suas posições, por muito modestas que ellas sejam, vemos n'uma correspondencia de Roma para o *Diario de Noticias*, este episodio, absolutamente concordante com o que os biographos narram do actual pontifice:

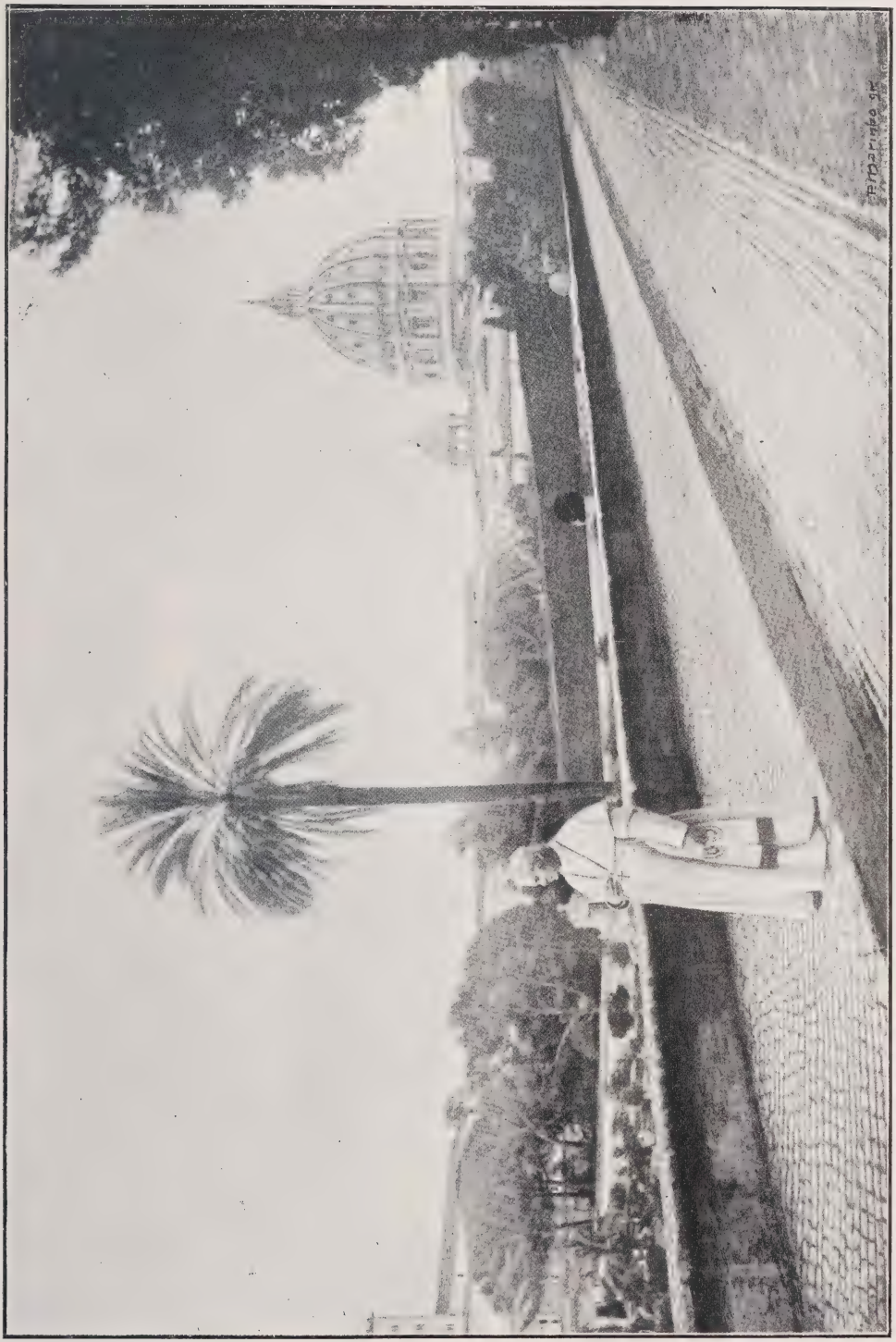
«Como é sabido, em Riese — a humilde aldeia «del Véneto», em que nasceu Pio X

SUA SANTIDADE PIO X COM A SUA CÔRTE

— os parentes do Padre Santo, por expresso desejo deste — não variaram em nada nem os seus costumes, nem as suas occupações e por isso continuam ainda dirigindo a modesta «Posada y fonda das tres espadas», estabelecida em meados do seculo passado, por um individuo da familia Sarto.

Pois bem, até ha bastantes annos — quando o actual Pontifice era ainda arcebispo de Mantua — os Sarto achavam-se em condições economicas florescentes, sendo a sua «Posada y fonda», o seu albergue modesto, cada dia mais concorrido.

Porém, n'estes ultimos annos, a incessante



SUA SANTIDADE PIO X PASSEANDO NOS JARDINS DO VATICANO

propaganda socialista alcançou tambem Riese — com todo o vento — convertendo a maioria dos seus habitantes em socialistas e anti-clericaes furibundos, e d'ahi proveiu que o

albergue da familia Sarto — depreciadoramente chamada agora «a Taberna do Papa» — se tenha visto pouco a pouco abandonada completamente pelos seus antigos freguezes, causando a ruina dos seus proprietarios a tal ponto que, na feira de novembro ultimo, tiveram que declarar-se fallidos!

Por fortuna, o Padre Santo, informado opportunamente da penosa situação em que se encontravam seus irmãos, sobrinhos e primos, acudiu a tempo em seu auxilio, mandando-lhes uma importante somma do seu bolso particular, com a qual não só elles puderam evitar a quebra e ter que fechar as portas do estabelecimento, mas até tiveram meios sufficientes para reformar o «albergue», augmentar-lhe o conforto... e os apetitosos pratos do «menu», conseguindo assim começar a vencer, por meio da gula e do individualismo... os graves prejuizos causados na sua modesta propriedade pela difusão... do «socialismo» e do «anti-clericalismo!» Raro exemplo de bom senso!

QUARTO DE DORMIR DE SUA SANTIDADE PIO X

O mesmo correspondente que parece possuir informações seguras do que se passa a dentro do Vaticano, teve a curiosidade de ir a Riese, a aldeia onde Pio X viu a luz do dia, e ouviu da bocca de um velho esta anecdota que não deixa de ser interessante:

— «O actual Padre Santo e eu — contou-me o veneravel ancião — percorriamos todas as manhãs, a pé, dez kilometros para ir ao collegio de Riese, a povoação proxima de Castelfranco.

Démos esse passeio diario durante dois annos e depois, deram a meu primo Papito (Pio X) um burrito e então já elle fazia esse trajecto no seu burro.

¡ Oh que bem me lembro ainda d'aquelles tempos!

E tambem me lembro das vezes em que Papito e eu iamos roubar maçãs na horta de um aldeão que se chamava Domingos! Nessa época, tinhamos oito annos! Eramos uns garotos tresloucados!...»

Não é aqui o logar adequado a juizos criticos ácêrca da personalidade pontificia, que hoje dirige os destinos da christandade. Pode-se dizer, quando muito, que Pio X — e o titulo que tomou em sequencia de Pio IX o indica — é um papa mais *religioso* que politico e diplomata. Disciplina ecclesiastica indefessa e respeito á letra e espirito da lei e da tradição religiosa — eis as suas principaes preoccupações. Restabelecendo a musica sacra dos tempos mais severos do *canon,* e proscrevendo da igreja musica mais theatral que religiosa, revelou-se n'esse facto um cultor da boa tradição. Avêsso ao *modernismo* que na Italia, como na França, como na Allemanha apaixona e agita grandes espiritos catholicos, não transige; e onde Leão XIII metteria a sua *mão de velludo* para persuadir, para auxiliar uma honrosa ou habil retratação, Pio X, sereno, mas imperativo diz: «ou dentro da igreja, ou fóra da igreja». Talvez que o rompimento da França explodisse alguns annos mais tarde, se Leão XIII tivesse de se haver com os ministros francezes, na crise que determinou a abrogação da «Concordata». Talvez. Mas a historia não se faz com hypotheses; e nem é facil saber ainda, se a attitude sem ambages de Pio X nas questões de *dogma* e sua interpretação, na manutenção do espirito

religioso, e na politica, por vezes rigida, avêssa a subtilezas de calculada diplomacia, — e a que bem caberia o nome de *politica de linha recta* —, corresponde absolutamente ás aspirações e interesses espirituaes da Christandade...

Pensando assim, quer um acaso de memoria que surjam á nossa analyse estas palavras bem significativas da allocução de Leão X, no seu primeiro Consistorio, em 9 de novembro de 1903, e dirigidas aos novos purpurados, entre os quaes monsenhor Guiseppe Callegari que fôra seu superior em Treviso:

«Mas se fôr mister que entremos n'uma lucta necessaria pela verdade, abracemos carinhosamente os inimigos e os adversarios da verdade, pelos quaes devemos sentir grande compaixão, recommendando-os com as lagrimas nos olhos á divina benignidade. Porque, se é lei santissima do Pontificado Romano approvar e defender tudo quanto é verdadeiro, justo e recto, e detestar e afastar d'elle tudo quanto é falso, injusto e erroneo, não menor é o dever de ser largo de misericordia e de perdão para com os transviados, á semelhança do seu Fundador, que prégou a *favor dos transgressores*. Porque Deus que devia conciliar em si o mundo, por meio de Christo, quer sobretudo por meio do Pontificado Romano, na sua qualidade de Vigario de seu Filho, tornar perpetuo o ministerio da reconciliação, a qual por conseguinte deve ser dependente da sua auctoridade e juizo. Certos pois de que seja a vossa tarefa, pelo que nos toca, reconciliarmo-nos com quem quer que seja, saibamos, porque esse é o nosso dever e officio, luctar contra o erro, contra a injustiça e contra a perversidade, pois d'aquelle officio deriva o dever de estender a todos essa fraternal benevolencia.»

Porque motivo invocamos nós estas palavras tão sensatas da allocução de Pio X, pouco tempo depois da sua eleição ao Pontificado? E' porque infelizmente, alguns pastores catholicos, lançando-se em luctas que pouco se compadecem com o ministerio de cuidar das almas conduzindo-as á virtude, ao amor do proximo, ao bem, esquecem aquellas palavras, analogas ás que Leão XIII tantas vezes repetiu ao referir-se á imprensa religiosa, isto é, aos defensores do catholicismo, n'essa tribuna que deve ser toda persuasão, carinho e paz.

GABINETE DE TRABALHO DE SUA SANTIDADE PIO X

Iremos longe de mais, avançando que a linguagem systematicamente apaixonada e facciosa d'aquelles pregoeiros do Evangelho, tende antes a tornar mais funda a divergencia entre as ovelhas e os seus pastores, sem ganho para a religião de Jesus Christo, toda amor, toda paz, toda consolação, toda dignidade?

S. B.

Rôxo

Rôxo, Viuvez. Tons vagos, soledade...
Luto que vae a dessipar-se apenas:
Rôxo, côr suggestiva das gangrenas
Que a alma de escuras impressões invade.

Rôxa é a Dôr, e bem, rôxa a Saudade.
Ama o rôxo quem tem maguas e penas:
Assenta em todas, loiras e morenas,
Crianças ou moças, em qualquer idade!

Côr de vagos e extranhos symbolismos
Desde o lilaz á escura côr dos goivos,
Róxas macerações dos mysticismos!

Côr pisada, côr violacea das olheiras
(Oh! aquelles maguados olhos noivos!)
Das amadas, das viuvas e das freiras!

S. Paulo (Brazil).

RAUL DO VALLE.

Recordações de então

VI

o tratarmos do toureio a pé, vem a proposito descrevermos, embora ligeiramente, a antiga *toilette* do bandarilheiro, que tanto differe do elegantissimo trajo usado agora.

Compunha-se então este, de uma jaqueta de chita com varios desenhos, calção branco de lã feito de malha com borlas côr de rosa, e meias ordinarias de qualquer côr. Aos hombros traziam uma especie de dragonas, presas com alfinetes. O calçado consistia em sapatos ou chinelos, conforme o gosto do individuo.

A cabeça andava quasi sempre a descoberto mas bem penteada; e quando assim não era amarravam-lhe um lenço branco, encarnado ou preto, que vinha prender-se á nuca.

Os artistas que fumavam, não tinham duvida em o fazer mesmo quando andavam toureando; e se o cigarro se apagava, ia o resto para traz da orelha!

Que differença entre os costumes d'esse tempo e os de agora!

Mas se o trajo fez progressos no respeitante á elegancia e apresentação do artista na arena, outro tanto não succedeu com o espectaculo, que vae decahindo a olhos vistos!...

Os fatos ricos, usados actualmente, foram introduzidos por Peixinho filho e pelos irmãos Robertos. A *montera* ainda veiu depois, apparecendo pela primeira vez na corrida effectuada no dia 13 de junho de 1878.

* * *

Como já dissemos n'outro artigo, o grupo de bandarilheiros portuguezes que inaugurou a praça do Campo de Sant'Anna era composto de Antonio Roberto, Joaquim Ferreira Grillo, Antonio Bacharel, Joaquim Emygdio Roquete e José Maria Mendonça.

Depois appareceram Manuel Calabaça (pae de João Calabaça), Manuel Vargas,

Antão da Fonseca e Luiz Antão (irmãos de Antonio Roberto), José e João Pedro da Herra, João Maia, José de Sousa Cadete, João Barbeiro, Joaquim Russo, João Roberto (filho do já citado Antonio Roberto), Antonio Faria, Manuel Botas e Peixinho pae. D'estes, a historia pouco nos disse. De Cadete, Botas e Peixinho, já tivemos occasião de nos occuparmos.

Hoje proseguimos na tarefa de recordar os artistas que, depois, com mais ou menos valor ligaram o seu nome á *terra da promissão* dos toureiros portuguezes, como com certa propriedade lhe chamou um illustre critico contemporaneo.

*

João Roberto, primeiro do nome, era o filho mais velho de Antonio Roberto. Foi quem incitou seus dois irmãos, Vicente e Roberto, a seguirem a arriscada arte.

UM BILHETE

Foi um toureiro de valor, sem comtudo ter tempo de se evidenciar verdadeiramente, pois um desastre na caça, succedido nas proximidades de Samora Correia, victimou-o quando contava apenas trinta e tres annos de edade.

O desventurado artista nasceu em Salvaterra a 8 de fevereiro de 1827 e falleceu em 1 de janeiro de 1860, legando á arte um filho com o mesmo nome e de quem adiante trataremos.

Que nos conste, não deixou nenhum retrato.

*

Vicente Roberto da Fonseca foi um toureiro distinctissimo, e dos mais considerados pelos collegas do seu tempo. Nasceu em Salvaterra de Magos em 28 de outubro de 1835.

Coadjuvado nos seus principios por esse grande vulto que se chamou conde de Vimioso, de quem recebeu proveitosas lições e captivantes brindes, Vicente Roberto criou um nome solido na tauromachia portugueza como poucos toureiros lograram alcançar.

Respeitado e consideradissimo pelos seus collegas, que viam n'elle não um companheiro mas um mestre de raro saber, bandarilhava na perfeição, era eximio na *sorte de gaiola,* que executava muito em curto e com extrema facilidade, salientando-se, tambem, pela fórma quasi mathematica como preparava e rematava os *quites.*

Vicente Roberto honrou ainda com o seu nome, por muitos annos, os cartazes da nova praça do Campo Pequeno, e alli toureou pela ultima vez na tarde de 19 de julho de 1894.

O seu passamento occorreu a 1 de junho de 1896, na mesma villa que o viu nascer.

*

E' tal a semelhança do perfil, que falar de Vicente Roberto o mesmo é que apreciar Roberto da Fonseca. Senão, vejamos.

Como seu irmão Vicente, Roberto da Fonseca foi um lidador de rezes bravas distinctissimo. Tambem nasceu em Salvaterra, a 20 de outubro de 1840.

Ainda está na memoria de grande numero de aficionados as suas excepcionaes qualidades de bandarilheiro, que a todos enthusiasmava. Com a muleta e o capote foi egualmente um artista muito apreciado, recebendo bastas vezes louvores, dos mais cotados espadas do visinho reino.

Coadjuvando a lide, e em especial a dos cavalleiros, foi o bastante para, só por isso, Roberto da Fonseca alcançar justo renome, visto que o seu capote estava sempre no logar do perigo e onde se tornava necessario.

Roberto da Fonseca foi o que se póde dizer um artista de incontestavel valor, indispensavel em todas as corridas, reunindo ao seu muito merecimento uma grande mo-

destia. Bastará relembrar que manejando a *muleta* com bastante arte, nunca fez uso d'ella quando a seu lado tinha um matador! E ás vezes bastante instado foi por elles, que já lhe conheciam os seus recursos, e pelo publico, que tanto lhe queria!

Toureou com seu irmão Vicente touros desembolados em Badajoz e em Olivença, e tão brilhantemente se houveram que o publico prodigalisou-lhes uma das maiores ovações que se teem feito n'aquella praça.

Foi em 1894, na tarde de 19 de julho, n'uma festa artistica de seu sobrinho João Roberto, no Campo Pequeno — esse redondel que ainda lhe testemunhou tantos e tantos triumphos — que o glorioso artista se exhibiu ao publico pela ultima vez.

•

José Joaquim Peixinho (filho) foi um artista distincto entre os distinctos, digno continuador do nome glorioso de seu pae. Toureiro algum teve mais admiradores nem foi mais querido do que elle, como nenhum prescrutou mais os segredos da arte de Montes.

Segundo um auctorisado biographo, o distincto aficionado Antonio Baptista Junior, Peixinho era um toureiro perfeito, acabado, completo: um artista que praticou todas as sortes de bandarilhas conhecidas na tauromachia, subordinadas ao seu *modo parado*, cingido e elegante, *modo* tão seu que difficilmente será excedido. E quarteando em

UM GRUPO NOTAVEL

Sentados: José Peixinho (filho) e Vicente Roberto da Fonseca
Em pé: Roberto da Fonseca e João Roberto (filho)

regra, quadrando e rematando com perfeição e elegancia, *collocando* e não *espetando* bandarilhas, tornou-se um artista de primeira plana e que difficilmente poderá ser egualado entre nós.

O capote e a muleta manejava-a se não com o garbo dos hespanhoes — que esse vem-lhes da natureza — pelo menos com perfeição e grandes conhecimentos.

Era um toureiro de fino trato e cuidada educação. Frequentou com aproveitamento as aulas de desenho historico na Academia de Bellas Artes, e as de musica, piano e canto no Conservatorio; e falava e escrevia a lingua franceza com grande correcção, não descurando o patrio idioma, que lhe mereceu especial cultivo.

FRANCISCO VAZ, O «CAIXINHAS»

Peixinho foi o artista que n'aquelle tempo mais fez valer o seu trabalho e merecimento, não havendo praça nenhuma que não tivesse sido pisada por elle. Tambem lidou em Sevilha e em Badajoz touros em pontas, valendo-lhe a sua faena as mais inequivocas provas de apreço da parte do publico e da imprensa, taes como as recebia geralmente no seu paiz.

Nasceu em Lisboa a 29 de outubro de 1853, e falleceu a 10 de novembro de 1893.

JOÃO DA CRUZ CALABAÇA

*

Francisco Vaz, o *Caixinhas*, bandarilheiro muito distincto, nasceu em Lisboa a 27 de março de 1834.

Extremamente elegante — chegando a dizer-se que ninguem era capaz de pôr a cinta de toureiro como elle —, executando com maestria todas as sortes de bandarilhas, trabalhando de capote com muito acerto, foi durante épocas consecutivas um dos elementos obrigados da primeira praça do paiz.

A sua sorte favorita era o quiebro, que levava a effeito com summa perfeição, sendo muito apreciado até pelos matadores que então nos visitaram, inclusivé Antonio Carmona, o aperfeiçoador da referida sorte, que uma vez, em plena arena, o foi felicitar e apertar-lhe a mão.

Uma simples aposta levou *Caixinhas* a executar o quiebro pela primeira vez.

Assistindo, ainda como espectador, a uma corrida em que tomavam parte os reputados matadores irmãos Carmonas — Manuel, José e Antonio —, disse a uns amigos com quem estava, que tambem era capaz de o fazer. Os amigos negaram-lhe o valor necessario para o praticar, do que resultou fazerem uma aposta.

Poucos dias depois realisava-se nova corrida, e *Caixinhas* lá estava na arena, para ir ao *boi dos curiosos*, e decidir-se a contenda. O bicho era de Rafael da Cunha: escusado é dizer mais! Pois o nosso heroe, que se postou em frente da *gaiola* com o maior sangue frio, espera com egual serenidade a pancada do

animal, e crava-lhe um bom par. Não ficando ainda satisfeito, cita de novo, e colloca outro par em identica sorte. Já não era dado duvidar que estava alli um toureiro!

Caixinhas foi até certa data muito querido do publico. Uma vez, porém, como se soubesse que elle discutíra a pouca razão de uma actriz fazer todos os annos beneficio no Campo de Sant'Anna, quando lhe parecia dever ser n'um theatro, tanto mais quando se pedia aos toureiros para trabalharem de graça ou fazerem descontos, foi isso o bastante para que esse mesmo publico o apodasse de *ganhão*, apesar de *Caixinhas* se não ter negado a prestar o seu concurso á festa.

JOAO DO RIO SANCHO

D'ahi em diante — como o publico é ingrato! — em resultado dos motejos continuos que lhe dirigiam, o bandarilheiro distincto e tão apreciado, o toureiro valente que tanto honrou a tauromachia portugueza, transformava-se n'um artista quasi sem classificação!

Pobre artista!

Caixinhas falleceu a 20 de setembro de 1884.

•

João da Cruz Calabaça nasceu em Lisboa a 11 de agosto de 1843, e é filho de Manuel Calabaça, que tambem foi bandarilheiro, e sobrinho de Sebastião Calabaça e Pedro Rodrigues, espadas da praça do Salitre, que por vezes tourearam na Real Praça da Bemposta e em muitas arenas hespanholas.

O primeiro dinheiro que recebeu como lidador de rezes bravas foi meia moeda, e duas moedas o seu primeiro vencimento como artista escripturado do Campo de Sant'Anna! Actualmente uma ninharia, e então um razoavel contracto!

João Calabaça foi dos bandarilheiros contemporaneos um dos mais rijos e valentes, ao ponto de lhe serem destinados os touros mais possantes, mais difficeis de lidar e mais conhecedores.

Depois de José Cadete — estava então Calabaça na força da vida — era sempre elle o escolhido para *espertar* os touros de cavallo, não havendo animal que o intimidasse.

Conquistou bom nome no paiz, já pelo merito do trabalho que exhibia já pela valentia que o caracterisava, estando ainda na memoria dos aficionados do seu tempo, os grandes recursos que possuia; no estrangeiro tambem se fez applaudir algumas vezes, como em Madrid e Caceres.

João Calabaça vive ainda, mas muito abatido pela edade e pela falta de vista. Foi em 1903 o ultimo anno em que toureou.

MIGUEL FARIA

•

João do Rio Sancho appareceu no Campo de Sant'Anna a 27 de maio de 1866.

Embora hespanhol pela naturalidade, pois nasceu em Sevilha a 16 de fevereiro de 1842, este artista foi por fim considerado portuguez, em vista da sua permanencia no nosso paiz.

Com as bandarilhas não passou de um toureiro modesto, apesar de habil e correcto, tanto mais apreciavel quanto é evidente que muito foi prejudicado pela sua pequena

estatura; com o capote, porém, notabilisou-se como nenhum outro, em especial nas *navarras,* não apparecendo até hoje ainda quem o egualasse n'esse genero de trabalho, como ninguem conseguiu nunca preparar os touros para as *pégas* como elle.

Sancho abandonou o toureio em 1898, pelo motivo da falta de vista e faculdades. Foi na praça do Campo Pequeno que se exhibiu pela ultima vez.

*

Manuel Cadete nasceu em Lisboa a 21 de setembro de 1842. Seis annos depois já pisava a arena do Campo de Sant'Anna, vestido de bandarilheiro e com uma pequenina capa traçada, ao lado de seu pae, o insigne José Cadete, quando este apparecia ás cortezias.

Artista de raro valor, a sorte, porém, nem sempre o bafejou, apesar de ter conquistado renome como poucos. E maior celebridade ainda poderia ter adquirido, se não tivesse desprezado tanto a vida e as faculdades sem egual com que a natureza o dotou.

MANUEL CADETE

Segundo a opinião de Salvador Marques, o illustre aficionado e primoroso escriptor, Manuel Cadete foi sempre um toureiro agil, diligente, gracioso por vezes no trabalho, lidando com desafogo e despretenciosa coragem. Habil em todas as sortes, distinguiu-se especialmente nos cuarteios, que executava com muito vigor e precisão, e pela fórma notavel, elegante e artistica, como levantava os braços.

A fama de Cadete como excellente peão não se concentrou só em Portugal, passou a fronteira. Antonio Carmona, por exemplo, quando soube certa vez que seu irmão Manuel se contractara para tourear em Lisboa, disse-lhe que tivesse muito cuidado na escolha dos peões com que tencionava fazer-se acompanhar, e ainda mais no trabalho d'elle proprio, pois viria encontrar um bandarilheiro portuguez de tão grandes recursos artisticos, que era impossivel que houvesse outro que se pudesse collocar a seu lado! E parece que Manuel Carmona não encontrou motivo para contraditar seu irmão, pois d'ahi para o futuro não perdia o menor ensejo de elogiar o grande bandarilheiro lusitano, sempre que tinha que falar ou lhe falavam de bons toureiros.

O seu bom nome proporcionou-lhe contractos para Badajoz e Caceres, onde toureou com muito agrado, tendo tambem n'esta ultima cidade lidado um touro em pontas.

Cadete, porém, não foi dos artistas que mais annos honrou o seu nome e a sua arte. Não se sabendo estimar, arruinando pouco a pouco a sua saude, assim foi vivendo até que, em 1876, uma grave enfermidade o obrigou a entrar no hospital de S. José, d'onde sahiu sem forças para exercer o toureio ou qualquer outra profissão. Veiu a fallecer a 20 de agosto de 1887.

*

Francisco Pontes foi um bandarilheiro fino e correcto. As suas façanhas andam ainda de bocca em bocca, de quando esse artista toureava de capote ou muleta e cortava os cordeis á embolação dos touros, continuando a passal-os com a mesma frescura e sangue frio.

Pontes dedicou-se ao toureio ainda muito novo, mas todos lhe prophetizaram logo um futuro brilhante.

Artista valente e completo, executava o cuarteio com perfeição, fazia o quiebro na cadeira, dava o salto de vara, toureava bem de capote, e com a muleta era muito dextro,

mostrando sempre vista. Sobretudo extremamente attento a todo o serviço da lide, foi elle o artista portuguez que primeiramente começou a *abrir* os touros de capote para os cavalleiros lhes poderem sahir.

Por mais de uma vez formou *cuadrilla* e explorou o Brazil, dando tambem muitas corridas por sua conta na provincia. Uma vez, em Penafiel, organisou nove corridas em cinco dias, sendo uma de manhã, seis de tarde e duas á noite! N'outra occasião, na praça antiga da Figueira da Foz, teve que lidar, sósinho, oito touros, em virtude dos collegas estarem quasi todos inutilisados!

A colhida mais grave que soffreu durante a sua vida artistica foi na Nazareth, em 1871, depois de collocar um par de bandarilhas; o animal, desembolando-se, alcançou-o ao saltar a trincheira e fez-lhe um grave ferimento. A colhida teve tal importancia, que os jornaes, na febre de darem uma noticia sensacional em primeira mão, chegaram a annunciar a sua morte!

FRANCISCO PONTES

Francisco Pontes nasceu em Villa Franca de Xira a 13 de setembro do anno de 1844, e falleceu no Brazil, onde contava innumeras sympathias.

*

Miguel Faria nasceu em Salvaterra em 11 de junho de 1846. Era filho do tambem bandarilheiro Antonio Faria, e neto de Manuel Faria, bandarilheiro e matador da praça do Salitre. Correndo-lhe, pois, nas veias sangue de toureiros, e tendo nascido na terra que tão grandes artistas e aficionados tem dado, não podia deixar de ser valente, como era.

Entretanto, possuindo tão bella condição, todos lastimavam que não tivesse estudado e progredido mais, o que se attribuiu ao muito que trabalhava por fóra, onde o artista só procura agradar ao publico, na maioria ignorante, e nunca fazer arte. Era, por isso, como costuma dizer-se, um artista só para touros maus.

Faria bandarilhou em varias praças de Hespanha, como Caceres, Almandralejo, Olivença, etc., e algumas vezes touros em pontas.

Falleceu no Rio de Janeiro, victimado pela febre amarella, em 1877 ou 1878.

*

Francisco Loureiro honrou por muito tempo o toureio portuguez. Foi o que se chama, desde muito novo, um fanatico pelo divertimento. Só assim se explica que este artista, sendo primeiramente moço de forcado e depois intervalleiro, ainda conseguisse que o seu nome apparecesse nos cartazes como bandarilheiro, e que como tal fizesse a boa figura que fez, ao lado de artistas antigos e de comprovado merito.

Loureiro, que nasceu em Lisboa a 30 de março de 1852, falleceu em Campos (Brazil) em 1880, aonde tinha ido tourear, contractado pelo seu collega Francisco Pontes.

*

Roque dos Santos não conseguiu por completo a méta das suas aspirações. Foi um bandarilheiro que teve vida ephemera, pois nascendo em 1846 falleceu no verdor dos annos, victimado pela tuberculose, em 28 de setembro de 1874. Era exposto da Santa Casa da Misericordia, para onde foi arremessado talvez sem uma lagrima, sem duas palavras de conforto!

O mallogrado artista era extremamente elegante e habilidoso, lidando com desusada

facilidade e certa desenvoltura. De outros com menos valor se falou muito e muito mais, devido talvez á sua grande modestia.

•

João Roberto (filho) nasceu em Salvaterra a 19 de março de 1860.

Herdeiro de um nome bemquisto como o dos Robertos, não podia deixar de partilhar das suas glorias. E se não conseguiu na arte um nome da importancia que adquiriram seu pae e seus tios, é innegavel que ao menos fez honrosamente a sua passagem pela tauromachia, pois foi um toureiro modesto mas serio, tão brioso como diligente, acompanhando a escola dos bons mestres do seu tempo.

FRANCISCO LOUREIRO

João Roberto retirou-se do toureio effectivo na corrida realisada no Campo Pequeno em 19 de julho de 1894, dedicando-se actualmente á sua lavoura, que é importante, na villa que o viu nascer.

• • •

Pelo Campo de Sant'Anna póde dizer-se que passaram tres gerações — a que inaugurou o demolido circo, aquella de que acabamos de tratar, e a que se lhe seguiu, e com que terminará esta monographia em proximo artigo.

ROQUE DOS SANTOS

A nosso vêr, a segunda geração foi a que mais se distinguiu, pois então já a tauromachia em Portugal assentava em bases solidas e acompanhava mais de perto os preceitos e regras do toureio.

José Cadete e Peixinho pae, por exemplo, foram verdadeiros mestres na arte de tourear a pé, da mesma fórma como Vicente Roberto, Roberto da Fonseca e José Peixinho (filho) se notabilisaram extraordinariamente na arriscada arte de Montes.

Manuel Cadete com *Caixinhas* formaram uma parelha distincta, tão apreciada pelos aficionados portuguezes como pelos artistas hespanhoes de mais fama que então nos visitavam a miude.

Francisco Pontes e João Calabaça foram tambem dois toureiros de valor, não se devendo esquecer, Miguel Faria, Francisco Loureiro e Roque dos Santos, que eram relativamente apreciados.

Depois do apparecimento d'estes tres ultimos artistas, porém, começaram a escassear as verdadeiras vocações, e de tal fórma, que a decadencia do peão foi logo prevista por aficionados da envergadura de Salvador Marques, José Horta e Pinto de Campos, que varias vezes transmittiram esta opinião nos centros de cavaco.

Não resta duvida, pois, que a decadencia do toureio a pé no nosso paiz já vem da praça velha de Lisboa, não conseguindo até hoje a moderna geração tornar a occupar o bom e glorioso nome que os portuguezes em tempos idos chegaram não só a alcançar, como a solidificar, na arte de lidar rezes bravas.

(Continúa.)

Phots. da collecção Segismundo Costa.

CARLOS ABREU.

A Moleira

A Chrystovão Ayres

Anda a mó a moer trigo
Que o teigão deixa correr:
Desde que falo comtigo
Anda-me a dôr a moer!

A levada vae gemendo,
Vae moer com suas aguas;
O meu pranto vae correndo,
Vou gemendo as minhas magoas.

A roda da tua azenha
De verde limo forrada...
Não ha velludo que tenha
Essa côr, verde-molhada.

Dos cubos cae agua em fio.
Como contas de colar;
Até parece que o rio
Te deixa assim a chorar!

Quando a mó esmaga o grão,
Os pobresinhos, dão ais;
Que será d'um coração?
Ha de soffrer muito mais!

Como a farinha expoada
Se espalha leve no ar,
Espalha branca alvorada
O teu doce e claro olhar.

Não se sabe bem a côr
Do teu cabello ondeado;
Os olhos deixam suppôr
Que é negro como o peccado.

Nem já parece trigueira
Tua face de setim;
A farinha da moleira
E' branca como o jasmim.

Com o cabello empoado
Cinta estreita, airoso porte,
Lenço no peito crusado,
Braço nú, roliço e forte,

Vae reparar a quebrada,
Suas saias arregaça.
Que perna bem torneada,
Que busto cheio de graça!

Trepa por tua janella
A roseira de toucar;
Parece que andou sobre ella
A peneira do luar!

Essas paredes branquejam,
E' branco o alpendre e o eirado,
Como os pombos que se beijam
Arrulhando em teu telhado.

Sobe a agua no açude,
Represa, espelho de prata;
A esperança que me illude
Fez-se em pégo que me mata.

Limpas milho na joeira;
Leva-lhe as palhas o vento...
Quem joeirára, moleira,
As penas do meu tormento!

Gasta a pedra do moinho
Moer tanto cereal;
Não se gasta o meu carinho
A moer sempre o meu mal.

A moleira quando tem
De falar ao namorado,
Não o pode abraçar bem
Porque o deixa enfarinhado.

No ruido do moinho
Tem de falar-se em voz alta;
Se os olhos falam baixinho,
A fala já não faz falta.

Diz-se já na freguezia,
Que essas palavras tão meigas,
Fazem nas almas maquia,
Como a fazes nas taleigas.

Passa a farinha mais fina
Pela seda da peneira,
Mas a dôr que me amofina
Não passa por mais que eu queira.

Todo o trigo dá farinha,
A farinha tem farelos;
O amor da moleirinha
Tem zêlos, beijos, disvellos.

J. de Oliveira Simões.

Escolha de adubos pelo methodo do cesto e da paraffina

Os rapidos progressos da agricultura americana, são em parte importantes, devidos a uma serie de pequenos expedientes praticos, que os peritos do Ministerio da Agricultura tratam de vulgarizar entre os lavradores.

N'este momento, por exemplo, estão recommendando insistentemente um methodo de uma rara simplicidade por meio do qual, sem custosas analyses, qualquer pode conhecer, em poucos dias, o adubo que mais convem a determinada terra.

Chama-se o methodo do cesto e da paraffina.

Consiste em criar dentro de pequenos cestos de rede de arame, revestidos exteriormente de uma camada de paraffina, exemplares das plantas que se querem cultivar, comparando-se os resultados obtidos nos differentes cestos, alguns dos quaes conteem terra simples e outros terra misturada em diversas proporções, com os adubos que se desejem ensaiar.

Na pratica do methodo procede-se da seguinte fórma:

Arranjam-se alguns pequenos cestos cylindricos de rêde de arame, com a capacidade necessaria para conter pelo menos, meio kilogramma de terra. O feitio dos cestos não tem importancia e a unica condição a que tem de obedecer a sua construcção, é que a malha da rêde, sem ser extremamente miuda, o seja comtudo bastante para reter a terra que n'elles se vae collocar. Qualquer pode fazel-os em casa com a rêde de arame vulgar do commercio.

Mergulham-se os cestos vasios, de fundo para cima, em paraffina aquecida, de modo a ficar o bordo superior do cesto interior e exteriormente revestido de uma camada de paraffina n'uma faixa da largura d'um dedo.

Enchem-se em seguida, até a altura da faixa já coberta de paraffina, os cestos de terra, que a comprime moderadamente. Alguns receberão terra simples e outros terra misturada, em diversas proporções, com os adubos que se querem estudar. Afim de ficar bem disseminado o adubo na terra, convem fazer a mistura alguns dias antes de princípiar a experiencia e regal-a a miude até esta começar. Os cestos devem todos conter approximadamente, o mesmo volume de terra, e esta deve apresentar o grau de humidade mais propicio á vegetação.

Os cestos, agora cheios de terra, mergulham-se, d'esta vez com o fundo para baixo, em parafina aquecida, até ficarem o fundo e as paredes lateraes dos cestos, revestidos de uma camada de paraffina que isole a terra n'elles contida, do ar.

Plantam-se em seguida seis sementes, já germinadas, em cada cesto. A germinação obtem-se facilmente collocando durante um ou dois dias as sementes nas melhores condições de temperatura para rebentarem, depois de as ter envolvido em flanela humida, que se cobre de areia molhada. Deixam-se depois os cestos em sitio que apresente circumstancias favoraveis para activar a vegetação, e mantem-se a terra no mais conveniente grau de humidade.

Dentro de duas ou tres semanas, comparando o desenvolvimento que tomaram as plantas nos diversos cestos, pode facilmente determinar-se, á simples vista, o effeito dos adubos nas varias proporções empregadas. A differença que se manifesta no crescimento das plantas nas primeiras tres semanas, persistirá até sua plena maturação. E' claro que esta não pode obter-se na pequena porção de terra encerrada nos cestos, e é inutil prolongar a experiencia além de tres semanas.

* * *

Para a experiencia ter valor seguro, é preciso que só a semente e a terra fiquem em presença, actuando uma sobre a outra; é o que se obtem com o methodo proposto, pois a camada de paraffina, isola inteiramente do ambiente, o conteúdo dos cestos, excepto na parte superior que pode, sem inconveniente grave, ficar livre.

E' esse o segredo de sua efficacia. A funcção da paraffina consiste simplesmente em servir de substancia isoladora, e qualquer outra substancia analoga a pode substituir.

Se a experiencia se tentasse em vasos de barro ou em simples copos para agua, em vez de se empregarem n'ella os cestos revestidos de paraffina, as raizes das plantas convergiriam todas na mesma direcção, procurando o contacto com as pequenas camaras de ar que sempre ficam entre as paredes dos vasos e a terra que conteem, ou cresceriam de modo a galgar por cima de bordo superior dos vasos, falseando assim o resultado da experiencia. Usando o methodo do cesto e da paraffina, as raizes distribuem-se com notavel egualdade por todo o volume da terra que se está ensaiando.

* * *

Os peritos do Ministerio da Agricultura dos Estados Unidos, affirmam, que por meio d'este processo, se obtem em vinte dias, resultados que d'antes por causa da variabilidade das estações, só se podiam conseguir em dez annos de ensaios nos canteiros de experimentação.

Dizem tambem que esses resultados teem muito maior alcance pratico que os que se colhem pela analyse de terras e adubos.

E' facil comprehender que, além de servir para a escolha de adubos, o methodo de que se trata pode ter diversas outras applicações de alto interesse para os lavradores.

Legação de Portugal em Washington.

VISCONDE D'ALTE.

Somatose

Recommendada nas doenças do
ESTOMAGO E DOS INTESTINOS
Vende-se nas pharmacias e drogarias

Senhoras em evidencia

Arte

Se é certo que a Arte ameniza as asperezas da vida, não é menos certo que a raros é dado cultival-a pura e perfeita, sem os *ficelles* do *snobismo* ou as exterioridades aparentes, occultando a maxima vacuidade de sentimento e sinceridade. E onde a atmosphera cheia de simplicidade e verdade, indispensavel a toda a cultura artistica, mais escasseia, é sem duvida n'essa ficticia arte dos salões, que sendo no seculo XVIII e ainda no principio do seculo passado uns admiraveis templos d'arte, se transformaram modernamente em authenticas capellas da superficialidade e do cabotinismo. E isto certamente porque nos tempos d'hoje, conseguir notabilisar a linha de cultura intellectual e artistica d'um salão, presupõe, em quem o realiza, qualidades eminentemente superiores, de nenhum modo vulgares.

Acresce que a vida d'hoje, tumultuosa e violenta, cheia de sensações impressionantes, não dá tempo sequer a alimentar esse suave aconchego do lar, que gerava, em grande parte, o culto artistico dos meios elegantes.

A materialidade e a agitação da sociedade moderna, creando e desenvolvendo centros artisticos cosmopolitas, destruiu essa arte *caseira*, em que, no nosso paiz, se crearam artistas de tão grande renome, muitos d'elles vivos ainda e na pujança do seu talento artistico.

A senhora, cujo retrato acompanha este ligeiro artigo, tem conseguido fazer do seu salão um dos mais incontestaveis e desejados meios artisticos da capital, tanto mais justamente estimado, quanto n'elle a arte musical encontra um culto perfeito e apaixonado. A sr.ª D. Sara Motta Vieira Marques, que possue uma esmeradissima cultura intellectual e qualidades d'espirito distinctissimos, é ao mesmo tempo uma artista de raça, que na sua arte procura a satisfação plena da sua alma, dedicando-lhe os momentos mais preciosos da sua vida.

D. SARA MARQUES

Os seus serões d'arte em que predomina o que de mais reputado conta o nosso meio artistico, são conhecidos de todos os que na musica representam uma auctoridade ou uma manifestação artistica de valôr.

Ficaram celebres na historia do movimento musical do nosso paiz os quatro concertos historicos, demonstrativos da evolução musical, desde o seculo XV até hoje, acompanhados de proficientissimas conferencias explicativas, e realisados no seu elegante e luminoso palacete da rua do Athayde, por onde, continuadamente, passam as primeiras notabilidades artisticas estrangeiras, que se exhibem no nosso primeiro theatro lyrico.

E não cessa na illustre senhora esta idolatria da divina arte. Para breve se annunciam nos seus artisticos salões tres interessantes

concertos de musicas populares de todos os paize , fazendo outras tantas conferencias elucidativas o illustre critico d'arte o sr. Antonio Arroyo, por certo o homem que mais realce póde dar a esse cenaculo d'arte com a sua palavra auctorisada e elegante.

D. Sara Motta Vieira Marques não é sómente uma propagadôra consciente da boa arte musical; ella mesma a cultiva com entranhado esmero e distincção, como se recordam certamente todos os que tiveram a ventura de assistir á deliciosa *matinée*, realisada em fevereiro em sua casa, onde, com o barytono De Lucca cantou o conhecido e difficil duetto do *Hamlet*.

Por tudo isto vèem os nossos leitores que é assaz merecida a homenagem que lhe prestamos hoje e a honra que aos *Serões* dá o inserção, nas suas paginas, da figura insinuante da illustre artista.

«Prospero Fortuna»

O illustre escriptor Abel Botelho, tão triumphante nas obras de theatro como no romance, acaba de nos dar mais um volume, o quinto, da sua pathologia social, com o titulo de *Prospero Fortuna*. Abel Botelho possue como poucos o dom da observação, da analyse, do estudo ao microscopio d'essa multidão de microbios que povoam e minam a fragil humanidade. D'esta vez a enfermidade examinada pertence aos dominios da politica, e com que talento, poder, tenacidade e suggestão elle, o grande psychologo, transmitte ao leitor o resultado do que viu, as impressões que recebeu!

ABEL BOTELHO

O romance *Prospero Fortuna* não deve ter agradado a muitos. Ha ali paginas que são como ferro caldo a cauterisar, muito ridiculo e muita individualidade mediocre que só tem medrado á sombra do mais esteril e nociva das nossas instituições, que assim póde ser considerada no nosso paiz, a politica. O *Prospero Fortuna* é um livro de crítica desassombrada, um livro que estava fazendo falta no nosso meio social.

Chronica da moda

As toilettes de passeio — As jaquettes curtas — Os tecidos para verão — As blusas — Os galões dourados passados á reserva — Os chapéos redondos — As «toques» — Os chapeos nos theatros — A ausencia dos chapéos das senhoras nos theatros estrangeiros — Os penteados modernos — O calçado — As meias — etc., etc.

E' ainda o genero *tailleur* que este anno vae imperar no verão para as *toilettes* de passeio.

Os casacos compridos do inverno passado, que tão commodos e praticos se tornaram, vão ceder o seu logar ás simples *jaquettes* curtas, cobrindo apenas as ancas e precisando bastante as linhas do corpo.

Estas *jaquettes* curtas foram sempre muito bonitas em todos os tempos e através todos os caprichos da moda.

Reclamam, porém, na sua graciosa simplicidade, uma tesoura elegante de alfaiate, e, neste ponto, apesar do nosso feminismo *enragé*, temos de confessar a superioridade incontestada dos alfaiates sobre o córte das modistas em geral.

Estas *toilettes* são feitas em tecidos leves, taes como *étamines*, *voiles* de lan, sarjas, *cheviottes* finos, diagonaes e setins de lan.

Os tecidos de phantasia estão inteiramente postos de lado. As côres preferidas para a proxima estação serão o azul marinho, toda a gamma dos cinzentos, *marrons*, o azul-sabão e os tons ferrugem, couro, *feuille-morte* e *marron-vert*.

Para verão, os pannos, mesmo quando sejam muito finos, estão completamente lançados no esquecimento, utilisando-se apenas para os *manteaux*. As saias serão franzidas em baixo e as bluzas continuarão a reinar como uma das mais economicas, elegantes e praticas invenções da moda sensata.

Poderão usar-se nas côres dos vestidos ou brancas, de tulle, de rendas ou *pongé*.

Os galões dourados terminaram com o inverno a sua existencia.

Vimol-os nos chapéos, nos cabellos, nos vestidos e casacos, nas blusas, etc., etc.

A primavera porém fêl-os passar á reserva e vão ser substituidos por flôres, nos chapéos, o que é sem duvida bem mais gracioso e mais bonito.

Os chapéos de palha grandes estão muito em voga para passeio e não differem extraordinariamente da fórma dos que se adoptaram este inverno. Os chapéos redondos, grandes, com a aba levantada suavemente, d'um lado e forrados de velludo por dentro, ficam muito bem a todas as senhoras em geral.

Fazem-se em palha e guarnecem-se com rosas de differentes tons e grandes laços de *tulle*, artisticamente feitos, por mãos de quem saiba...

As flôres, este verão, serão dispostas nos chapéos com a maxima prodigalidade. Alguns modelos das principaes casas de Paris, podemos affirmar que teem duzias e duzias de rosas!

Tambem poderão ser ornamentados com plumas grandes, uma pluma só, mas uma dessas grandes plumas que fazem a admiração dos apreciadores, ou ainda duas grandes e fartas azas sobrepostas, com a elegancia e a distincção que são exigidas nestas obras de arte, pois que outra coisa não serão jamais os chapéos das nossas elegantes leitoras.

As *toques* tambem apparecem muito, e, para quem prefere o chapéo pequeno, servem para fazer *toilette*. Podem ser feitas em palha, setim ou *tulle*.

Para theatros usam-se os chapéos neste genero de *toques*, — chapéos pequenos, de feição a não incommodarem as pessoas que constituem a assistencia dos espectaculos.

Ultimamente, em Lisboa, as senhoras teem abusado muito dos chapéos nos theatros; o que, francamente, só terá a vantagem de poderem ser admirados; porque, além de não ser bonito o uso dos chapéos nos theatros e concertos, lá fóra, no estrangeiro, donde nós importamos todas as modas, raramente apparecem nas salas de espectaculos os chapéos com que se anda nas ruas.

VESTIDO DE PASSEIO — FIGURINO DE LONDRES

Felizmente, para as pessoas que frequentam S. Carlos, ainda as senhoras de Lisboa se não lembraram de quebrar a estetica daquella elegante sala, com os seus chapéos de passeio, velando-lhes a graciosidade airosa e fina das suas cabeças sonhadoras...

Se pudéssemos dispôr de espaço, haviamos de convencêr as nossas gentis leitoras de quanto é lindo numa sala de espectaculos, a ausencia desses chapéos, que só para a rua são admittidos.

Os penteados conservam ainda a deliciosa simplicidade com que tão encantadoramente adornam uma cabeça *bien coiffée*.

As tranças á roda da cabeça continuam a ser muito usadas e dão um tom de singeleza apreciavel aos penteados modernos.

Quanto ao calçado, a ultima moda decretou o sapato *mordoré*, o sapato bronzeado, completamente liso, sem biqueiras, rematando no peito do pé com uma fivela dourada.

Além destes sapatos, usam-se muito tambem os de pellica de lustro côr de castanha e amarella e ainda d'outras gradações approximadas.

As meias continuarão a ser da côr dos sapa-

Para augmentar o poder da alimentação dos caldos, leite e carnes para convalescentes, juntar **SOMATOSE.**

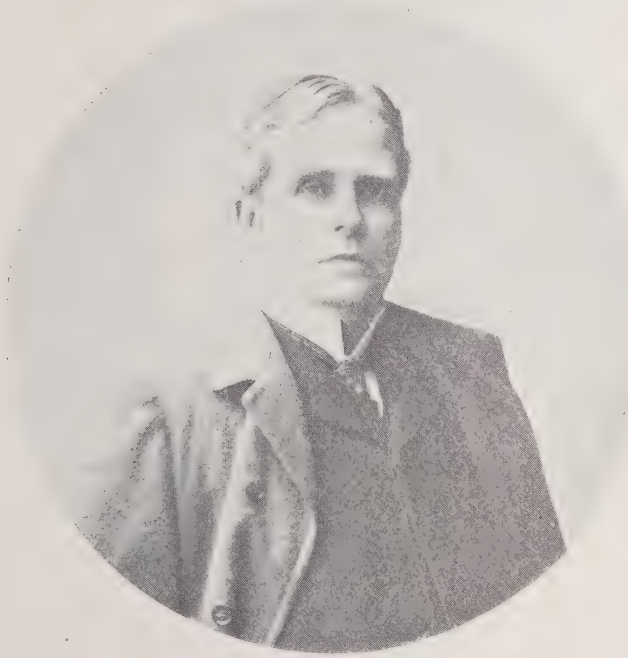
tos ou pretas, que são ainda as que mais assiduamente se usam.

As meias brancas só para *toilettes* inteiramente brancas poderão ser acceitaveis, pois com qualquer outra não serão admissiveis.

Na proxima chronica daremos ás nossas leitoras a descripção d'alguns vestidos de *soirée*, que estão fazendo época nos centros elegantes de Paris.

O actor João Rosa

Foi com lagrimas verdadeiramente sentidas, com profunda mágua, recebida por todos — assim o podemos affirmar — a noticia da morte do eminente artista João Rosa, figura de destaque e de enorme realce na scena portugueza, onde deixa o seu nome gravado em letras



O ACTOR JOAO ROSA

d'ouro, e que, hoje, tão triste nova, envolve em crepes de saudade.

Grande artista foi; tendo herdado de seu pae, o illustre actor João Anastacio Rosa, as extraordinarias aptidões para o theatro, a que alliou uma esmerada educação e um devotado amôr ao estudo, rapidamente percorreu, o que tantos outros não conseguem, essa ingreme ladeira, que conduz ao sublime da arte de representar, conquistando, pelo talento, um logar d'honra entre a pleiade dos nossos mais distinctos artistas dramaticos. E' porque João Rosa, não deu aos seus papeis unicamente, uma simples exterioridade; n'elles se encarnou sempre com rara intuição artistica, dando-nos a nitida expressão das personagens, que interpretava n'um sentir intimo, real e fundamentalmente humano.

Apresentar, como mais completo, este ou aquelle dos seus trabalhos, na sua vastissima galeria de arte, não é synthetisar o seu valôr, pois que, em todos elles, por egual, se impoz pela correcção e observação desde os menores detalhes e de fórma que, a individualidade que reproduzia, tinha o traço vivido d'uma das mais difficeis e importantes condições — a verdade.

Se deixamos de ver o artista para o biographar pelos seus dotes de caracter, não menos se impõe á nossa justa homenagem. — Era um verdadeiro *gentleman;* ao seu trato distincto juntava a bondade do coração; contava os amigos pelas pessôas que d'elle se acercavam; era franco no acolhimento, leal na amizade.

Infelizmente, a terrivel parca, que não perdôa a pessôa alguma, roubou-nos o seu convivio, deixando um grande vacuo na scena e uma enorme saudade no coração.

Descance em paz o glorioso artista.

A sua familia endereçamos as nossas sinceras condulencias.

Ao correr da penna daremos alguns traços biographicos da sua carreira artistica que iniciou no Porto, em 1864, ao lado de seu pae, na comedia *As joias de familia*. Um anno depois apresentou-se no palco de S. Carlos, no drama *Ricardo III*, d'onde passou, em outubro d'esse mesmo anno, para o Normal, representando o drama *Sabina Maupin*. Foi especialmente, no theatro de D. Maria que João Rosa se evidenciou ao lado de artistas notaveis, como: Emilia Adelaide, Emilia Candida, Emilia das Neves, Antonio Pedro, Tasso, Santos e Taborda. Do Normal passou para a Trindade, Principe Real, Variedades, voltando para o theatro de D. Maria como um dos emprezarios. Pela reforma do Normal terminou a empreza *Rosas & Brazão*, passando então para o theatro D. Amelia onde se conservou, até a alguns annos, em que pela sua precaria saude, se viu obrigado a abandonar a scena.

Entre o vasto repertorio que brilhantemente vincou o seu nome, citaremos as peças: *Abbade Constantino, Luiz XI, Othelo, Marquez de Villemer, Hamlet, Martyr, Marquez de la Seiglière,*

Henrique III, Nobres e plebeus, Lagartixa, Regente, Affonso II, Leonor Telles, Alfageme de Santarem, Alcacer Kibir, Triste viuvinha, O Pantano, Castello Historico, Estrangeira, Guerra em tempo de paz, Duque de Vizeu, Severa, Velhos, Madrugada, Cruz da Esmola, Princeza de Bagdad, D. Cezar de Bazan, Cardeal Richelieu, Amigo das mulheres, Morta, Zazá, Semi-virgens, Segredo da Confissão, Sociedade onde a gente se aborrece, etc., etc., e por ultimo, *As fogueiras de S. João* e *A ceia dos Cardoaes*.

*

O eminente artista falleceu na casa de Saude Portugal-Brazil, d'onde o corpo foi trasladado para a egreja dos Martyres e d'ahi se realizou o cortejo funebre para o cemiterio do Alto de S. João, sendo depostas sobre o feretro muitas corôas.

Da imponencia que revestiu a ultima homenagem prestada a tão prestimoso vulto, só poderemos dizer, que traduziu fielmente, o que elle fôra como artista e como homem. Diversas classes sociaes se acharam largamente representadas e todas se unificaram na mesma idéa de preito a quem soube tão alto elevar a arte dramatica nacional.

As varandas dos theatros de D. Maria, Avenida, Principe Real e Rua dos Condes estiveram cobertos de crepes todo o dia do funeral.

No cemiterio realisaram-se diversos turnos e junto do jazigo da familia Rosas, onde a urna ficou depositada usaram da palavra os srs. Eduardo Schwalbache, Dr. Augusto Castro, Santos Tavares, Antonio Pinheiro e Simões Coelho.

Theatros

S. Carlos. — Uma das noites mais gloriosas para o nosso theatro lyrico, foi, sem duvida, a da reapparição da nossa distincta compatriota, Maria Judice da Costa, cantora das mais illustres e que reune aos seus muitos conhecimentos sobre a arte musical, os de comediante, contando não pequeno numeros de notaveis creações, na sua tão vasta galeria artistica.

Foi na *Gioconda*, na encantadora partitura de Ponchielli, que a sr.ª Judice da Costa, com o seu fulgurante talento, e a sua formosissima voz de oprano dramatico, imprimiu verdadeiras scintillações de arte em toda a sua difficil parte de protagonista, que a assistencia cobriu de enthusiasticas manifestações de apreço, e, em especial, ao terminar o duetto do 2.º acto com o contralto, sr. Hottrowska, executado com irreprehensivel correcção e vigoroso colorido.

Tiveram tambem as honras da noite a sr.ª Mantelli, no papel de cega, e o tenor Giorgi no de *Enzo Grimaldo*, o que, em verdade, nem sempre succede e que veiu valorisar mais a audição da *Gioconda* na presente época.

Completaram o bom conjunto que a opera teve, o barytono Nani, o baixo Dammaco, o luzido corpo de baile e á proficiente direcção da orchestra, sob a intelligente batuta do maestro Mascheroni.

Com a *Manon*, a deliciosa partitura de Massenet, reappareceu no nosso theatro lyrico o tenor Carpi, que conta no publico innumeras sympathias pelas suas excepcionaes qualidades de cantor distincto, e não menos apreciaveis dotes de comediante, o que novamente registou com brilho, recebendo, por isso, uma imponente manifestação, muito em especial, na romanza do *sonho*, que teve de bisar. A seu lado, no papel de portagonista a sr.ª Carmen Toschi ouviu tambem bastantes applausos pelo correcto desempenho que deu a toda a sua difficil parte, resultando que a audição da *Manon*, fosse acolhida com bastas demonstrações de agrado.

A sr.ª Judice da Costa que, como dissemos, interpretára a *Gioconda*, de fórma a merecer os mais calorosos elogios, manteve os seus bons creditos na *Aida*, obtendo da critica conscienciosa os merecidos louvôres, que não podem ser tomados á conta de favores de compatriotas, pois que, em todas as scenas lyricas do estrangeiro, o seu nome está, de ha muito, consagrado.

Toda a sua difficil parte do spartitto de Verdi, executou com inexcedivel correcção, mormente os duettos do 2.º e 3.º actos com o tenor De Tura, que pela sua voz vibrante e bem timbrada, deu ao papel de *Radamés* o devido colorido.

Mas, sem desmerecer do valor dos diversos artistas a que nos temos referido, justo é frisar, que a estreia da sr.ª Rosina Storchio na *Traviata*, constituiu uma das noites mais sensacionaes da presente temporada lyrica em S. Carlos, onde, de ha muito, não vimos melhor.

Desde a aria do 1.º acto, a sr.ª Storchio arrebatou a platêa com a sua linda voz e arte de bello cantò a que allia uma figura attrahente, olhar insinuante e conhecimentos profundos de bem representar. E' uma artista em toda a accepção da palavra, o que, de sobejo, demonstrou pelo relevo aprimorado que imprimiu á *Traviata*, que no *carnet* do nosso theatro lyrico, e registou como um dos acontecimentos mais memoraveis d'aquella casa de espectaculos.

O tenor Carpi e o barytono Nani forâm felizes cooperadores, sendo unanimes os applausos a estes artistas que, com a sr.ª Storchio compuzeram o bello tercetto da *Traviata*.

Passando á *Manon* interpretada pela distincta *prima-donna*, sr.ª Storchio, quasi nos esquecemos do desempenho da *Traviata*, tal foi a maneira deveras superior como a executou a gentil cantora; quer nas phrases sentimentaes, quer nas de grande tensão dramatica, o trabalho da sr.ª Rosina Storchio comprovou a fama de que goza, como artista emérita e veiu confirmar, que é, de facto, na *Manon*, que ella tem a sua melhor corôa de gloria.

Artistas assim honram a empreza que os escriptura.

Deu-nos por ultimo a empreza Anahory, conforme manda o contracto, a opera nova para

Lisboa, *Hansel e Gretel*, do maestro Humberlinck, cuja musica se destaca pelos effeitos de orchestração e na qual se notabilisou a batuta de Mascheroni. Filiada na escola wagneriana, *Hansel e Gretel*, encerra verdadeiros primores artisticos, sendo, talvez, no 2.º acto aquelle em que mais se accentúa e se caracterisa o estylo de Wagner, sem deixar de apresentar bastante originalidade na sua composição orchestral.

As sr.as Jeanne e Martha Morini, Mantelli e Ocikowska e o barytono Rossi formaram o grupo de artistas que executou a opera, revelando conhecel-a nos seus menores detalhes.

D. Maria. — Attingiram desusado brilhantismo os saraus realisados no Normal, com o erudito concurso do delicado poeta, sr. Lopes Vieira e o distincto homem de letras, sr. Abel Botelho, os quaes, perante um selecto auditorio, revelaram, mais uma vez, a pujança dos seus talentos dissertando, entre fremitos de applausos, o primeiro sobre a persistencia do lyrismo na nossa raça, e o segundo sobre os poetas dramaticos portuguezes.

Referindo-se o sr. Abel Botelho, ás diversas evoluções porque tem passado o theatro nacional, desde a sua origem, enalteceu, com a sua fluente palavra, os nomes de Gil Vicente, Sá de Miranda, Bernardim Ribeiro, Camões e Garrett, focando as suas individualidades com extraordinario colorido, e vinculando com expressiva erudição, as suas influencias na dramaturgia nacional, a qual, ainda hoje, se inspira na obra de Gil Vicente; e sempre com propriedade, descreveu Abel Botelho, a decadencia dos seculos XVI e XVII sob a influencia dos jesuitas e da Arcadia, d'onde seguidamente traçou, com delicadeza de estylo e rasgos oratorios, o perfil de Garrett, uma das mais brilhantes glorias da litteratura patria, a que deu com Herculano, vigoroso e proficuo impulso.

Durante esta brilhantissima conferencia, os artistas: Jesuina Motili, Carlos dos Santos e Mendonça de Carvalho, recitaram um trecho do *Auto das barcas;* Delphina Cruz, uns versos ao Natal, canção popular de Castello de Neiva; Luiz Pinto, um trecho dos *Amphytriões* e Cecilia Machado, outro da *Patria de Comparres;* Palmyra Torres e Maria Mattos leram passagens da tragedia *Castro*, de Antonio Ferreira e Christiano de Sousa, recitou um trecho da tragedia *Catão*.

Finda a conferencia, o actor Ignacio recitou muito bem o *monologo do Vaqueiro*, para o qual o sr. Lopes Vieira escreveu um prologo, que o actor Mello disse admiravelmente. Completou o sarau a comedia *Salto Mortal*, do sr. Lopes de Mendonça e o 2.º acto da peça *Peraltas e Secias*, do sr. Marcellino de Mesquita.

Um senão, porém — Diminuta concorrencia!

E' realmente desolador para quantos se interessam por coisas de theatro, ver, que o Normal, raramente tem nas suas recitas espectadores para um terço da lotação do theatro. E e no presente, essa ausencia do publico mais se accentúa, certo é, que já nos tempos dos Rosas e Brazão, a cujo elenco pertenciam, como hoje, artistas de merito incontestavel e eram levadas á scena peças, cujo valor litterario e theatral ninguem poderá negar-lhes, a concorrencia era diminuta, comparada com a que affluía aos outros theatros, sem que, para tal, houvesse uma razão clara ou pelo menos acceitavel.

E' porque n'essa época se representava mal, ou porque a escolha do repertorio era desacertada? — Certamente que não. Não é portanto, em absoluto, hoje, razão do facto, o representar-se mal no theatro de D. Maria, como a alguem ouvimos, pois, muitos dos artistas de então, ali se encontram ainda, e se acham escripturados outros, como Ignacio, Adelina Abranches e Augusta Cordeiro, cujo merito pessoa alguma póde pôr em duvida, e o desditoso Fernando Maia, que uma terrivel enfermidade detem presentemente, n'uma casa de saude.

E' verdade, que o desempenho d'algumas das peças, ultimamente levadas á scena no palco do Normal, se tem resentido da falta de afinação no conjunto, dando-se o caso até de algumas figuras prejudicarem o trabalho d'outras, mas não é, a nosso ver, este o unico, nem mesmo o principal factor da pouca concorrencia nos espectaculos do Normal; são elles d'outra natureza e taes, que só uma boa direcção poderá destruir. O que não é possivel é um barco singrar no meio de tenebroso vendaval.

Fechemos este parenthesis e digâmos duas palavras ácêrca da comedia *O burguez fidalgo*, traducção do sr. Eduardo Garrido e que obteve um successo de gargalhada. Basta dizer-se que a peça é de Molière e que Eduardo Garrido a traduziu, para se avaliar do seu valor firmado em 3 actos de genuina graça portugueza, sem perda da do original e que teve para mais, uma bella enscenação de Augusto de Mello e um magnifico desempenho por parte das primeiras figuras, como: Joaquim Costa, Mello, Ignacio, Lucinda e Adelina Abranches.

D. Amelia. — Desde a *première* da peça *Amor á antiga*, que o sr. Augusto de Castro firmou o seu nome no theatro, e se ella constitue o seu melhor trabalho no genero, não ha duvida, que o drama, ultimamente representado no D. Amelia, *Vertigem*, encerra qualidades muito apreciaveis de psychologia e de estylismo que o tornam muito recommendavel, bastando o 1.º acto e a fórma como estão desenhados todos os caracteres, para valorisar a obra que, sem favor, colloca ao auctor, um logar distincto entre os nossos escriptores dramaticos.

Emquanto ao desempenho o dizermos que elle foi correctissimo, é accentuarmos o merito dos artistas que compõem o elenco do D. Amelia, pois que, a peça do sr. Augusto Castro pertence ao numero das difficeis de representar, pelo relevo que alguns dos papeis exigem para a reproducção fiel dos seus caracteres, e assim — Maria Falcão, Luz Velloso, Augusto Rosa e Azevedo, nos primeiros papeis, e Chaby, Henrique Alves, Antonio Pinheiro, Jesuina Saraiva e Zulmira Ramos nos secundarios, deram um desempenho á peça que em

poucas temos visto tão correcto e harmonico. Auctor e artistas foram muito applaudidos em todos os finaes d'acto.

Duas artisticas festas se realisaram tambem no elegante theatro da Rua do Thesouro Velho: a festa de Augusto Rosa, com a encantadora peça de Pinero, *Casa em Ordem*, e a de Eduardo Schwalbach, com a farça em 1 acto, *Feira do Diabo* e três actos da comedia *Os Postiços*, recebendo ambos, d'uma assistencia numerosa e elegante, a devida homenagem aos seus talentos, um, como mestre da scena; outro como brilhante comediographo. Ambos foram muito brindados. De peça de grande espectaculo *Santa Inquisição*, do sr. Julio Dantas, nos occuparêmos no numero seguinte dos *Serões*.

Trindade. — Duas peças alternando que cahiram por completo, no agrado do publico — *Viuva Alegre* e *Sonho de Valsa*. Em cada recita... um *casão*. No proximo numero trataremos da *Moira de Silves*, primoroso original de Lorjó Tavares.

Gymnasio. — Os felizes auctores da comedia, *O olho da providencia*, srs. Xavier da Silva e João Bastos, dotaram o repertorio do Gymnasio com uma nova comedia *O dr. Zebedeu*, que cahiu, em absoluto no agrado do publico, contando as enchentes pelas recita , o que não admira, pois que a peça é das melhores, d'aquelle theatro quer pela graça que resalta de phrase para phrase, quer pelo imprevisto que corre parêlhas com o comico das situações, trabalhadas com engênho e preceitos de technica theatral.

Feita sob os moldes das peças do Gymnasio, resente-se, um pouco, da falta de novidade, mas nem por isso perde em valor, pois que, do primeiro ao ultimo acto consegue despertar a gargalhada, produzindo os mesmos *trucs* o effeito desejado.

Valle, Cardoso, Jesuina Marques, Alda de Aguiar e Farrusca deram aos seus papeis uma boa interpretação, bem com, Monteiro, Pedro Machado, Vieira Marques, Miguel Pereira, Rosa d'Andrade, Palmyra Ferreira e Laura Hirsch.

Lá diz o dictado antigo:—para amigos mãos rôtas — mas não é a sim tratando-se da comedia, *No Resalto*, do nosso collega Raphael Ferreira, pois que, a amizade não exclúe a franqueza e da mesma fórma como diriamos que era mau, dizemos, que a sua comedia possue todos os requisitos para se conservar largo tempo no cartaz.

Agradou e agradou-nos, sem reserva, felicitando-o duplamente pelo seu trabalho, que tem originalidade, muito espirito e não recorre a *trucs* e a dictos equivicos para despertar o ri o.

São 3 actos bons que se afastam da habitual graça com mudança apenas de secenario.

No proximo numero falaremos da comedia *Contradansa do divorcio*, traducção do sr. Freitas Branco e que subiu á scena em festa artistica do apreciado actor Cardoso.

Principe Real. — Cumpre-se o nosso vaticinio:—A revista *Sol e Sombra* continúa dando enchentes successivas e vae até ás 200 representações se não exceder esse numero.

Colyseu dos Recreios.—O mesmo successo que a companhia italiana infantil, alcançou com a *Lucia*, *Somnambula* e outras operas e diversas operetta , e a que nos referimos no nosso ultimo numero com merecido elogio, obteve no *Fra Diavolo* e, muito principalmente na *Tosca*, cantada com primor pór esse grupo de pequeninos artistas, que muitos outros desejariam sequer egualar.

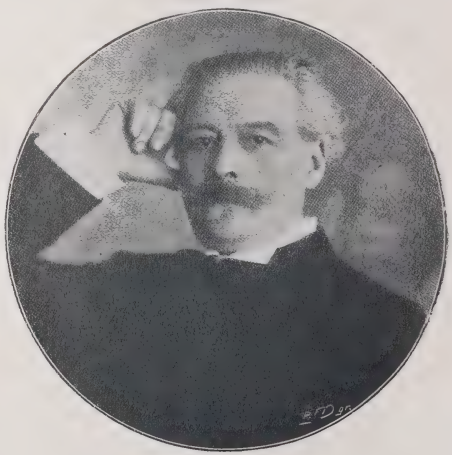
E quem conhece essa partitura de Puccini, sabe bem quanta difficuldade tem, e que só bons cantores conseguem n'ella fazerem-se applaudir.

A manifestação attingiu o delirio no final da opera, sem que, um só dos espectadores deixasse de ovacionar os bellos interpretes: Dora Theor, Vittorio Gamba e Luigi Panatt. Pode-se dizer que fecharam com chave d'ouro as recitas d'essa bella companhia.

Seguidamente effectuou-se a estreia d'uma outra de variedades, attractivo predilecto do publico de Lisboa e que obteve tambem legitimo triumpho pelos diversos numeros de novidade e de valor que executaram. Todas as noites, enchetes, e se repetem os applausos.

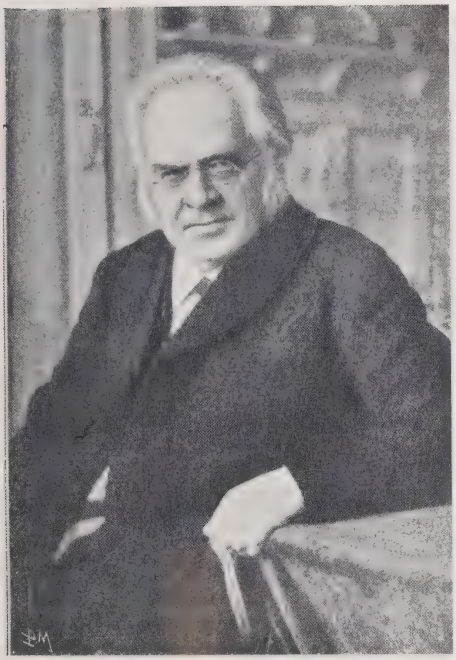
Julio Guerra

Julio Guerra, que foi um photographo amador dos mais estudiosos e de mais realce no nosso meio artistico, poz de parte as camaras, as lentes, todo esse volumoso e dispendioso arsenal da photographia, para se dedicar com



toda a paciencia da sua indole privilegiada, com todo o enthusiasmo do seu espirito culto, á arte do embutidor. O que Julio Guerra tem conseguido é verdadeiramente assombroso. Ha moveis trabalhados por elle que são um assombro e que podem ser collocados ao lado dos que saem das mãos das mais afamadas celebridades no genero.

Bjœrnstjerne Bjœrnson



Está gravemente doente na sua terra o eminente poeta, litterato e publicista norueguez Bjœrnstjerne Bjœrnson.

Nascido em Kvikne em 1832, filho de um pastor, concluiu os seus estudos em Christiania e estreou-se então nas letras, publicando nos jornaes artigos e novellas. Após uma viagem pelo estrangeiro assumiu a direcção do theatro de Christiania, durante os annos de 1865-1867.

Como jornelista pronunciou-se pela separação da Noruega e da Suecia, foi investido na chefia do partido republicano e desafiou para um duello o rei Oscar por lho criticar uma das suas obras (1879).

Foi condemnado a um anno de prisão e depois emprehendeu outra viagem ao estrangeiro, viveu em Paris desde 1882 a 1886, e regressou em seguida ao seu paiz.

Emprehendeu novas viagens e em 1897 effectuou conferencias sobre Victor Hugo. Como poeta, os seus trabalhos mais notaveis são: *Arnlyot Gelline*, poema épico (1870) e *Poesias e contos*. Como romancista publicou numerosas obras que tiveram grande successo. Citaremos: *Synnœve Solbakkeu*, *Arne*, *A filha da pescadora*, *Magnhilde* e *A herança dos Kurts*. Escreveu para o theatro: *Halte-Hulda*, *Entre os Combates*, *Sigurd Slemb*, *Maria Stuart na Escossia*, *Os recem casados* (cujo successo foi enorme), *Uma fallencia* (a sua obra prima), *Leonarda*, *O novo systema*, *Monogamia e polygamia*, *etc.*

Algumas destas peças, onde a par de reparaveis defeitos se assignalam brilhante predicados, teem sido representadas nas principaes capitaes da Europa e especialmente em Paris. Bjœrnson, que foi cognominado — O Victor Hugo norueguez, — junta a um talento cheio de pujança, uma imaginação vigorosa, um enthusiasmo excessivo mas sincero, um amor ardente pela verdade.

Augusto Gil

A poesia que neste numero publicamos do inspirado e suggestivo poeta Augusto Gil, é do seu livro *Luar de Janeiro*. No proximo mez faremos a apreciação da sua nova obra *Canto da Cigarra*, obra em tudo digna d'esse insigne homem de letras, um dos mais robustos talentos da geração actual.

Marechal Hermes da Fonseca

Uma enorme maioria de votos acaba de conferir ao marechal Hermes da Fonseca, o elevado cargo de chefe de estado da Republica dos Estados Unidos do Brasil. Militar illustradissimo, veterano da guerra do Paraguay, figura extremamente sympathica no exercito brasileiro, espirito lucido, scientificamente educado, gosa da merecida fama de possuir a par d'estas qualidades, as de um caracter honesto e as de uma alma bondosa.

MARECHAL HERMES DA FONSECA

A candidatura «campista»

HAMLETO

Ser ou não ser... o presidente!

(Caricatura que amavelmente nos foi enviada por um illustre artista brazileiro a proposito da eleição presidencial no Brazil)

FARINHA LACTEA NESTLÉ

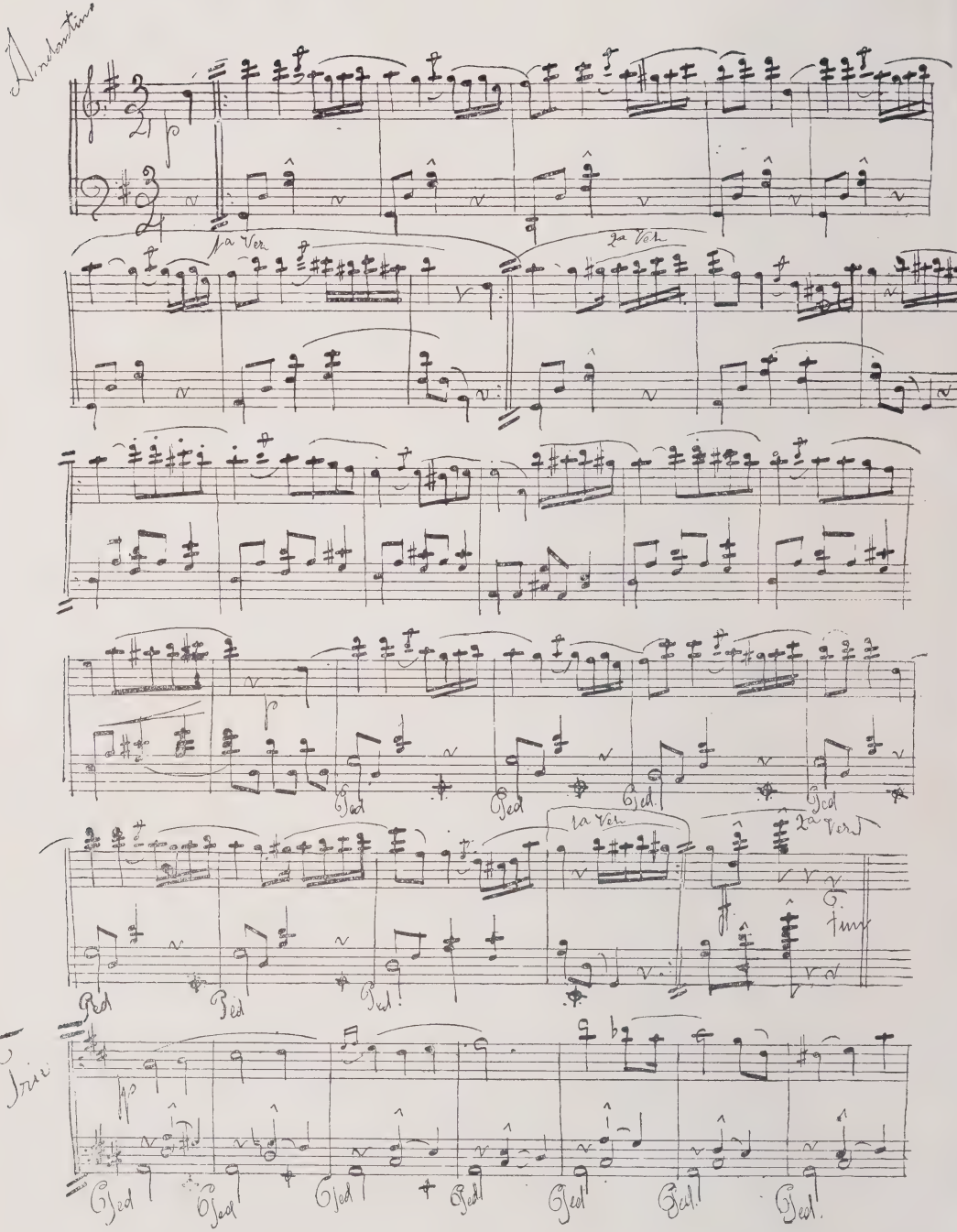
Alimento completo para crianças e pessoas edosas.

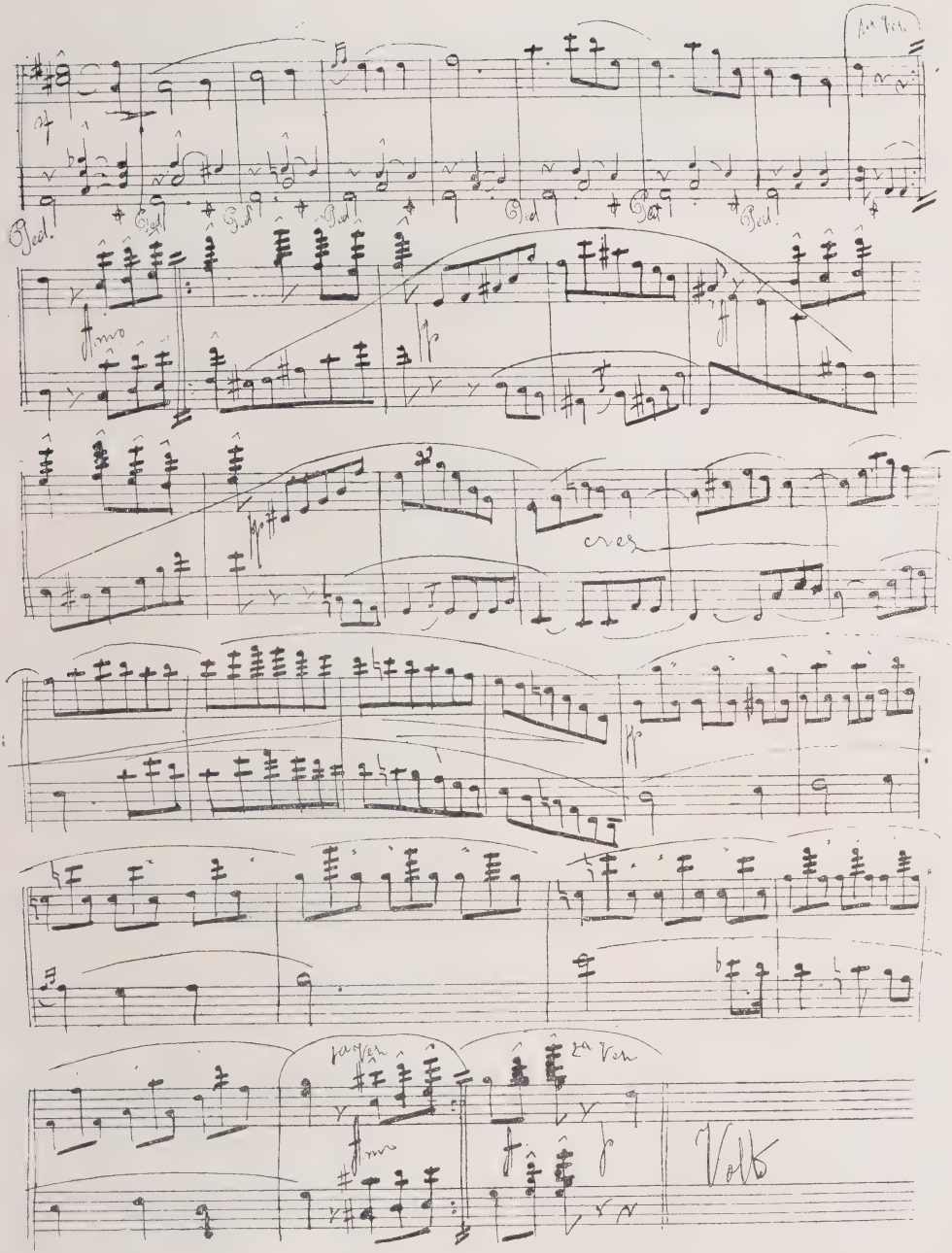
Musica dos Serões

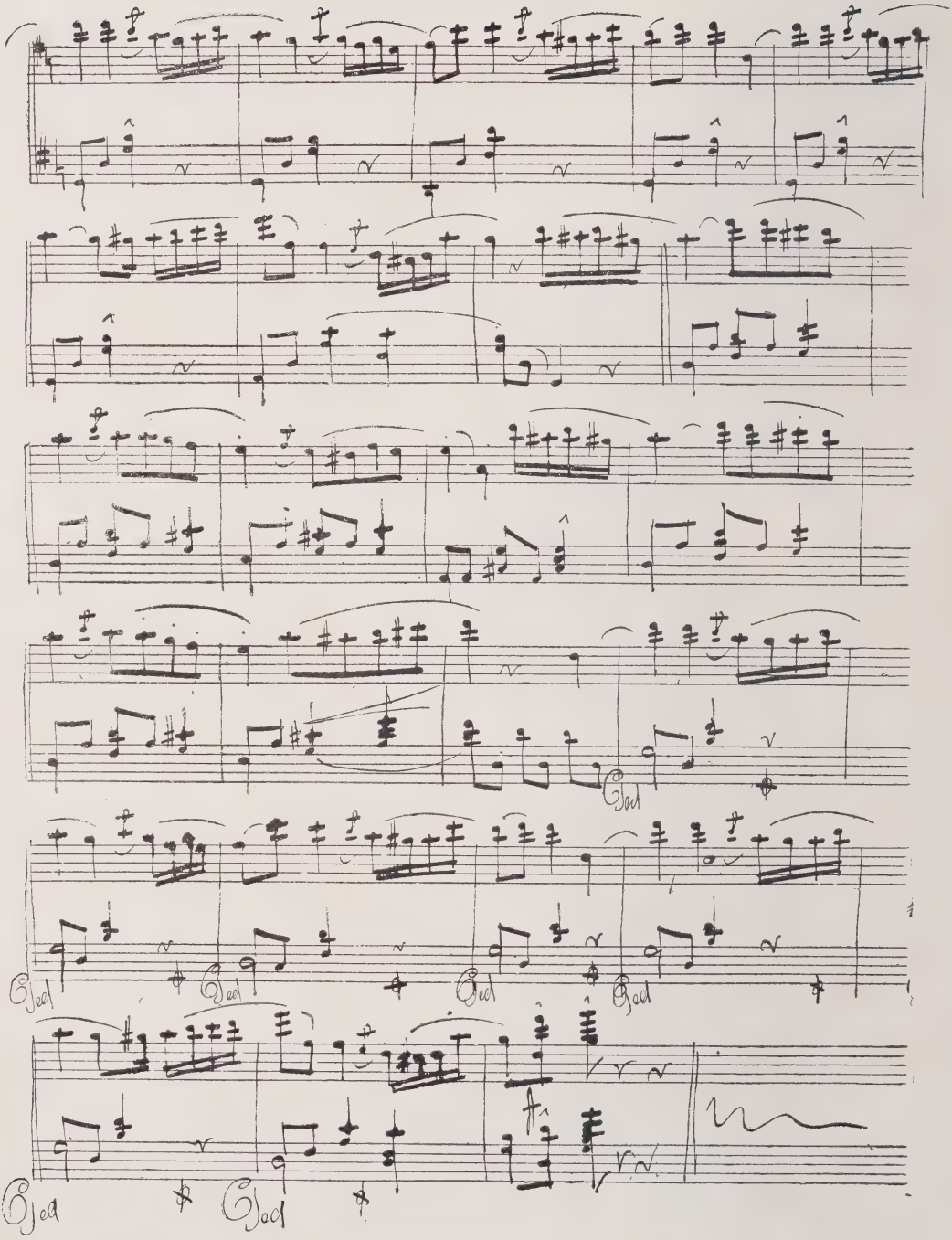
Á Ex.ma Sr.a D. Eulalia Ferreira

MINUETE

Original de José M. Correia


Andantino
p
1a Vez
2a Vez
p
Ped
1a Vez
2a Vez
Fine
Trio
pp
Ped


Ped.
cresc.
Volk


Ped
Ped
Ped
Ped
Ped
Ped

SERÕES

BRINDE

UMA VIAGEM A PARIS

(Ida e volta em 1.ª classe, partida de Lisboa), em época á escolha do favorecido pela sorte, ou o seu equivalente em moeda corrente, como em 1909.

BRINDE MENSAL A TODOS OS LEITORES

Pela apresentação de BONUS publicados em cada numero

descontos em varios estabelecimentos sobre as compras effectuadas

GRANDE VANTAGEM AOS ASSIGNANTES

Desejosa a administração dos **SERÕES** de reunir o maior numero de assignantes, em uma publicação de tanto interesse e unica no seu genero em Portugal — revista profusamente illustrada, com escolhida e escrupulosa collaboração, que se publica no primeiro de cada mez — e querendo facilitar-lhes o completar esta publicação desde o seu inicio, offerece — **a todos que assignarem a revista SERÕES por periodo não inferior a um semestre —,** o adquirir um qualquer volume publicado ou todos os treze, com um desconto de 50 %, ou seja cada volume (que corresponde a um semestre) **600 réis** ou, ainda, **1$000 réis,** lindamente encadernado em capas de luxo.

O preço da assignatura dos **SERÕES** é:

Portugal, ilhas, colonias e Hespanha	Anno	2$200 réis
	Semestre	1$200 »
	Trimestre	600 »
Para o Brazil (Moeda fraca)	Anno	12$000 »
Para outro qualquer paiz estrangeiro	Anno	15 fr.

Numero avulso, 200 réis

ANNUNCIOS

A administração dos **SERÕES,** revista mensal de importante tiragem e larga circulação — não só em Portugal (Ilhas e Colonias), como no Brazil —, offerece nas paginas supplementares dos **SERÕES,** nitidamente impressas e em optimo papel, uma **Secção especial de annuncios,** que antecederá o texto de cada numero d'esta publicação, nas seguintes condições:

Por uma só inserção		Por um anno, ou sejam 12 inserções	
1 pagina	6$000 réis	1 pagina	70$000 réis
1/2 pagina	3$500 »	1/2 pagina	40$000 »
1/4 pagina	2$000 »	1/4 pagina	20$000 »

Os clichés, quando o annuncio fôr illustrado, serão fornecidos pelo annunciante.

Administração dos SERÕES — 30, Praça dos Restauradores (Palacio Foz), 30 — LISBOA

Telephone n.º 805

(Marca registrada)

DERMOL

O remedio das familias

Precioso especifico das doenças da pelle, peculiares ou accidentaes

Em quasi todas as doenças peculiares da pelle: *herpes, dartros, empigens, frieiras, pellada, tinha, uzagre, lupus, crostas,* etc., faz o **Dermol** todos os dias curas admiraveis em casos muito antigos e rebeldes aos mais zelosos e scientificos tratamentos.

Tambem na maior parte e nas mais vulgares lesões da pelle, *golpes, excoriações, pancadas, contusões, entorses, picadas venenosas, estrepadas de ferro ou de madeira,* a acção curativa do **Dermol** é rapida e sobreleva tanto a de qualquer outro medicamento, que a sua applicação é insubstituivel

E ainda em muitos outros casos: *erysipelas, furunculos, collosidades, callos molles, rheumatismo das juntas, ulceras antigas, cancros, pequenas queimaduras,* etc, a acção do **Dermol** é benefica e muitas vezes rapida, o que é demonstrado todos os dias pela experiencia e a sua composição scientificamente justifica.

Applicado sobre a pelle em camada ligeira, o **Dermol** deixa, pela evaporação immediata, uma epiderme artificial, protectora e antiseptica, que destroe insensivelmente os tecidos morbidos e promove a formação de epiderme nova e sã.

Toda a gente que se presa deve ter um vidro de DERMOL sempre á mão

em casa, em viagem, nos escriptorios, nos armazens, nas casas de educação physica, nas escolas, nas officinas, nos exercicios de sport, em qualquer parte, emfim, onde se está sujeito a muitas lesões que exigem curativo immediato e para as quaes o DERMOL quasi sempre, é necessario e sufficiente

Cada experiencia é uma cura
Não suja a roupa nem é nojento como as pomadas

BLENOL

(Marca registrada)

Notavel especifico das doenças genito-urinarias de qualquer especie, nos homens e senhoras

Liquido agradavel para uso interno, é superior a todos os preparados de sandalo, copahiba ou cubebas, porque é infallivel, não estraga o estomago e não exige dieta.

Purgações antigas ou recentes, catarrhos da bexiga e dos rins, calculos e areias, urinas de sangue e prisão de urinas, devem ser tratadas sómente com **Blenol**.

Unico remedio neste genero que não faz mal e póde ser usado, tanto ás colheres como em injecções ou lavagens da bexiga, sem o menor ardor.

Usado em injecções produz, em muitos casos, os mesmos effeitos sem o inconveniente das injecções irritantes ou causticas e sem o risco de provocar estreitamentos nem orchitis.

Effeitos admiraveis nas *blennorrhagias, gonorrheias* e *prostatites,* recentes ou chronicas, assim como nas doenças proprias das senhoras: *leucorrheia* (flôres brancas), *metrite chronica* (inflammação do utero), etc., etc.

INFALLIVEL — INOFFENSIVO — AGRADAVEL
SEMPRE EFFICAZ — SEMPRE SEGURO

Ver instrucções especiaes que acompanham cada vidro. Pedir aos depositos folhetos gratis com instrucções e attestados.

Doenças da pelle, empigens, dartros, herpes,
Virus de serpes, ié qualquer pancada.
Excoriação, ou golpe, ou calo molle:
Póe-se **DERMOL** *e ficam logo em nada*

Toda a pessoa previdente e cauta
Que a vida paula com toda attenção,
Seja do povo ou da nobreza o escol,
Usa **DERMOL** *e sempre o tem á mão.*

O BLENOL e o DERMOL
especificos do pharmaceutico Henrique E. N. Santos
foram premiados com medalha de ouro na Exposição do Rio de Janeiro de 1908
Vendem-se em todas as pharmacias e drogarias

Da linda Ignez os grandes soffrimentos
Do utero longo tempo se notaram.
Porém tomou **BLENOL**; *e os seus tormentos*
De antigas dôres logo se curaram.

O BLENOL e o DERMOL
especificos do pharmaceutico Henrique E. N. Santos
foram premiados com medalha de ouro na Exposição do Rio de Janeiro de 1908
Vendem-se em todas as pharmacias e drogarias

Soffreis dos rins, do utero, das urinas,
Doenças mofinas, mal de tanta gente?
— «Um só remedio!» — diz o sabio Stoll,
«Usae **BLENOL**, *interna e externamente».*

Magazine mensal illustrado
LIVRARIA FERREIRA, Editora
Redacção e administração
Praça dos Restauradores, 30 — LISBOA
Telephone 805

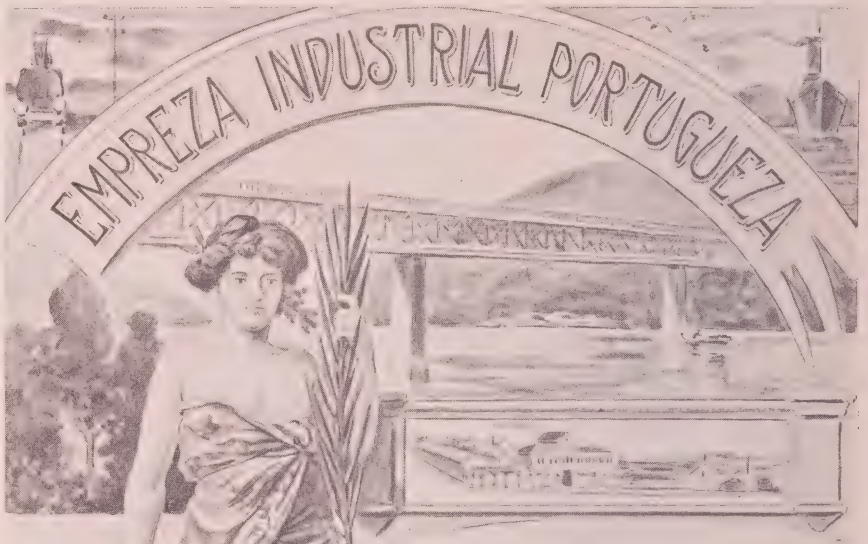
SERÕES

N.º 59 — Maio 1910

Assignatura { Semestre.. 1$200
Anno ..... 2$200
Numero avulso 200

Composto e impresso
na Typ. do Annuario Commercial

EMPREZA INDUSTRIAL PORTUGUEZA



A MAIOR E MAIS IMPORTANTE
FABRICA
PORTUGUEZA DE METALLURGIA

Construcção de pontes,
vigamentos e estructuras metallicas
fundição de aço ferro e outros metaes

CALDEIRAS E MACHINAS A VAPOR

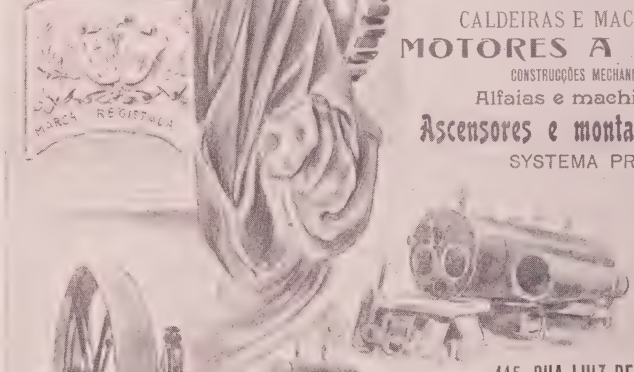
MOTORES A GAZ POBRE

CONSTRUCÇÕES MECHANICAS CIVIS E NAVAES

Alfaias e machinas agricolas

Ascensores e monta cargas electricos

SYSTEMA PRIVILEGIADO



Importação de todo o genero
de machinas

Materias primas e manufacturadas
para as industrias

ESCRIPTORIO E OFFICINAS

115, RUA LUIZ DE CAMÕES, A SANTO AMARO

TELEPHONE
N.° 256—BELEM

Telegrammas
Santamaro
LISBOA

Deposito d'Exposição Permanente
AVENIDA DE D. CARLOS
E
RUA VASCO DA GAMA
LISBOA

A ILLUSTRADORA L. Do Carmo 17 LISBOA

Proprietaria: Livraria Ferreira — **Director litterario:** Eduardo de Noronha — **Director gerente:** Caldeira Pires — **Séde da redacção e administração:** Praça dos Restauradores, 30. — Composto e impresso na **Typographia do Annuario Commercial,** Praça dos Restauradores, 27.

Summario

MAGAZINE Pag.

FONTES PEREIRA DE MELLO
(Frontispicio) 322

FONTES PEREIRA DE MELLO
(2 illustrações) por Silva Bastos 323

MARTHA E MARIA *(Versos)* de D. Maria de Carvalho 326

O RISO
(12 illustrações) por Mario Monteiro 327

O DILUVIO DE PARIS
(5 illustrações e 1 vinheta) por Justino de Montalvão 332

ARTE MODERNA
(8 illustrações e 1 vinheta) por Aquilino Ribeiro 337

IMPRESSÕES DE VIAGEM — A CHICAGO ALLEMAN
(1 vinheta) versão de Manuel de Macedo 346

O CAMPO GRANDE
(9 illustrações) por Eugenio Vieira 351

ARAGEM QUE PASSA
(3 illustrações e 1 vinheta) Versão de D. Celia Roma 357

MENANDRO E SÉNECA
(9 illustrações e 1 vinheta) por Eduardo de Noronha 364

A EXPIAÇÃO *(Versos)* de João Penha 376

SARAU MEMORAVEL
(1 vinheta e 22 illustrações) 377

MYSTICISMO CHRISTÃO *(Versos)* de Eduardo Metzner 385

OS BOERS DO CABO
(1 vinheta) 386

ECCOS E REFLEXOS
(18 illustrações) 388

A MUSICA DOS SERÕES

ADAGIO, Sonata em ré menor por Beethoven . . . . . 2 pag.

A Quebradura curada

Vê V. este pedreiro fechando a abertura nesta parede?

E' essa a fórma porque eu curo a quebradura. Enchendo a abertura com material novo e mais forte.

Uma quebradura é simplesmente uma abertura numa parede, a parede de musculo que protege os intestinos e outros orgãos internos. E' quasi tão facil curar uma ferida ou rotura neste musculo como em um braço ou mão.

Comtudo esta rotura não é talvez maior que a cabeça de um dedo.

Mas e sufficientemente grande para deixar que os intestinos passem através. E' claro que isto não póde cicatrizar sem que a natureza seja auxiliada.

E é isso precisamente o que o meu methodo faz. Permitte-lhe a V. reter a protusão dentro da parede no seu mesmo sitio.

Depois dou a V. um Desenvolvente Lymphol para applicar sobre a abertura da quebradura. Este penetra através da pelle até aos bordos da abertura e remove o annel calloso que se tem formado ao redor da rotura.

Então começa o processo de cicatrização. A natureza livre já do instestino saído e do annel calloso da abertura, e estimulada pela acção do Lymphol deita uma porção de lympha e a abertura é outra vez occupada com novo musculo.

Não é isto simples? Não é isto razoavel? Tenho provado os seus meritos em milhares de casos. Proval-o-hei a qualquer herniado que me envie o seu nome.

Escreva-me V. indicando o numero a que corresponde o seu caso e eu lhe enviarei pelo correio uma amostra gratuita do meu Desenvolvente Lymphol e um livro lindamente illustrado ácêrca da Natureza e Cura da Quebradura. Não me envie V. dinheiro. Só o seu nome e endereço.

Wm. S. RICE, R. S. Ltd.,

(ESPECIALISTAS)

(G. P. O. Box n.º 5) (Depot.º S. 351), 8 & 9, STONECUTTER ST.,

LONDRES, E. C., INGLATERRA

AGUA CASTELLO

Minero-gazoza, lithinada natural

DE

MOURA

Refrigera os sãos e cura os doentes

A melhor, a mais pura e a mais barata das aguas de meza do Paiz.

Agradabilissima ao paladar, tomada simples ou misturada com cognac, leite, wisky, vinho, etc. — premiada na Exposição de S. Luiz e no Palacio Crystal do Porto.

ESCRIPTORIO E DEPOSITO

123, RUA DA CONCEIÇAO

Telephone 880

Empreza das Aguas de MOURA ASSIS & C.ª

LISBOA

Grande Planta de Lisboa

DELINEADA POR

CALDEIRA PIRES

Em 4 folhas, a côres, impressa em optimo papel; escala 1:5000, acompanhada de uma outra na escala 25:000 que abrange toda a area de Lisboa, dividida por bairros e estes por freguezias. Croquis do districto de Lisboa, divididos por concelhos.

Roteiro e fita indicadora para prompta busca de qualquer rua, travessa ou logar que se pretenda conhecer de momento.

Planta de grande utilidade e alcance para

Secretarias, escriptorios, escolas, quarteis, policia, etc., etc.

Ligeira noticia da capital, e todas as suas differentes divisões administrativas.

Preço em folhas, 3$000 réis

Colladas em panno, envernisada, com reguas de madeira

5$000 réis

Propriedade e deposito geral

LIVRARIA FERREIRA

Rua Aurea, 132 a 138

Brinde mensal a todos os leitores dos SERÕES

CORTAR COM UMA TESOURA SOBRE O PONTEADO

Brinde dos SERÕES

BONUS para o desconto de **10 por 100** em qualquer compra feita pelo portador na

LIVRARIA FERREIRA

Rua Aurea, 132

durante o mez de maio de 1910.

Brinde dos SERÕES

BONUS com o desconto de **50 por 100** em qualquer logar e dia (excepto domingos e dias santificados) no

SALÃO FOZ

(Calçada da Gloria, em frente da rua do mesmo nome)

durante o mez de maio de 1910.

Brinde dos SERÕES

BONUS com o desconto de **50 por 100** em qualquer logar nos espectaculos realisados ás terças feiras, ou dia seguinte passado aquelle seja festivo, no salão

MUSIC-HALL

PRAÇA DOS RESTAURADORES

durante o mez de maio de 1910.

Brinde dos SERÕES

BONUS para o desconto de **10 por 100** sobre os preços estabelecidos no Consultorio Dental de

Tugmann

PRAÇA DOS RESTAURADORES, 30

durante o mez de maio de 1910.

Brinde dos SERÕES

BONUS para acquisição de um exemplar do

ANNUARIO COMMERCIAL DE PORTUGAL

PRAÇA DOS RESTAURADORES, 30

com o desconto de **10 por 100**

durante o mez de maio de 1910.

Brinde dos SERÕES

BONUS para o desconto de **10 por 100** em qualquer compra feita pelo portador, em instrumentos de precisão na

CASA MIRAMON

46, Praça D. Pedro, 48

durante o mez de maio de 1910.

Brinde dos SERÕES

BONUS para o desconto de **10 por 100** em qualquer encommenda feita pelo portador no atelier de gravura de

PIRES MARINHO & C.ª

Praça dos Restauradores, 27

durante o mez de maio de 1910.

Brinde dos SERÕES

BONUS para acquisição de um exemplar da

AGENDA

do Annuario Commercial de Portugal

Praça dos Restauradores, 30

com o desconto de **10 por 100**

durante o mez de maio de 1910.

SERÕES
N.º 59 — MAIO
LIVRARIA FERREIRA—EDITORA
132, RUA DO OURO, 136 - LISBOA

FONTES PEREIRA DE MELLO

(Retrato tirado no Porto, por occasião de uma visita do rei D. Luiz áquella cidade)

Fontes Pereira de Mello

Que dirá a Historia, serena, imparcial, justa e desapaixonada, da personalidade que, na vida politica de cêrca de quarenta annos, se chamou Antonio Maria de Fontes Pereira de Mello?

Talvez não seja difficil presumi-lo, mas, obedientes á indole d'esta publicação, arredaremos a politica de um artigo que só apreciará um aspecto apenas do estadista.

Hoje, muitos dos que seguiram o crédo politico do discipulo de Rodrigo da Fonseca, se lembram ainda com saudade do chefe e se extasiam de admiração commentando o aprumo, a distincção, a cortezia do homem, o prestigio do parlamentar. Os contrarios, ainda mesmo quando o asseteavam, raro descambavam no achincalho soez; beliscando o *olympico*, reconheciam, por esse facto, a estatura do homem. Irreverentes? Havia-os, sem duvida, e alguns desmesurados na audacia, como Oliveira Martins, que levou annos a fio a minar o terreno onde demorava a estatua, que tantos adoradores contava, apresentando-a como o cavador principal do descalabro financeiro do paiz. *Esse homem suga-nos, arruina-nos* — dizia o auctor do «Portugal Contemporaneo», antes de lhe traçar a silhueta no mais parcial dos seus trabalhos da critica historica. E, para accentuar a vacuidade cerebral do engenheiro janota, apaixonado pela obra de fomento; do homem que lamentava não poder andar dias, mezes e annos consecutivos nos comboios do seu paiz; do amante do progresso em contemplação mystica diante das vias ferreas, exhibia-o de pé, no parlamento, todo arroubo descrevendo os melhoramentos materiaes de que Portugal carecia e exclamando: «Acima do cavallo da diligencia está o tramway, acima d'este a locomotiva, e acima de tudo o progresso!»

Porquê toda esta ironia apunhalante contra o financeiro da Regeneração? Porque a base do systema financeiro de Fontes consistia no facto de contrahir emprestimos para pagar os juros dos emprestimos contrahidos!

Vejam, porém, como a historia se repete, mórmente n'este cantinho da Península: Oliveira Martins sobraça a pasta da fazenda, a poucos annos da ejaculatoria antifontista, e qual a base do seu plano financeiro? Um emprestimo de alguns milhares de contos de réis!

Não era tão exclusivo Rodrigues de Freitas, n'uma apreciação do «Portugal Contemporaneo», á destrinça dos erros de visão e contradições frequentes n'aquella obra. Reconhecendo defeitos nos ultimos trabalhos politicos de Fontes, não esquece o atrazo economico em que nos achavamos antes de 1851. Clamava-se até ahi que era necessario melhorar o paiz; mas a clamação não passava de desabafo oratorio. Ora, Fontes Pereira de Mello aproveitou a ancia dos melhoramentos, tornando-a effectiva real. O *janota* volveu-se fanatico pela sua causa: ainda bem, porque de 1851 para cá, dota-se a nação com estradas, viação ferrea, serviço telegraphico e postal. O impulso do engenheiro janota foi pois, efficasissimo...

Poderá, de futuro, apreciar-se com philosophica severidade a figura de Fontes, no conjunto da sua obra de estadista, ou mesmo tentar-se a pulverisação do *endireita* de 1851; mas fica ainda uma coisa que a historia lhe não negará, sem faltar á evidencia dos factos — o prestigio pessoal do homem, nas suas relações com amigos e sequazes, nas suas luctas com adversarios no parlamento, no porte da sua pessoa. E' esse aspecto do estadista, que n'esta publicação se accentua hoje, de corrida, para lembrar uma figura indubitavelmente sympatica, sobretudo no trato social.

Vinha-lhe já o prestigio do seu tempo de estudante. Uma anecdota que o fallecido par do reino D. Luiz de Camara Leme nos contou, e outras da mesma fonte e de fontes diversas, dignas de fé, são, no seu aspecto psychologico, a contra-prova d'esse prestigio. Uma vez, um professor da Escola Polytechnica de Lisboa, ultrapassara o quarto de hora da tolerancia academica. D. Luiz e outros condiscipulos decidiram fazer, o que no calão academico se chama uma bella *parede;* e para apanhar na rêde algum estudante retardatario, vieram pela rua do Moinho do Vento, S. Pedro de Alcantara, onde encontraram o alferes Fontes Pereira de Mello, seu condiscipulo. Naturalmente, participaram-lhe a resolução tomada. Que diacho! era preciso castigar o abuso n'um lente que assim mostrava tão pouca consideração pelos discipulos, se bem que, lá diz o dictado — *com teu amo não jogues as peras;* mas a cousa já excedia os limites.

Fontes, que parára, ouviu com toda a deferencia as explicações da *parede;* sem altanarias, nem assomos de pedante, poz-se em posição de sentido, como se estivesse na presença do seu general, respondendo com toda a polidez e serenidade apenas isto:

«Pois eu não falto aos meus deveres escolares!»

E, cumprimentando os collegas, seguiu gravemente em caminho da Polytechnica.

Imaginam que os condiscipulos atiraram qualquer chufa, ou ironia, ou *piada* do calão academico ao collega? Engano: excepcionalmente se conservaram quedos, paralysados, como se uma voz do alto os tivesse chamado a uma reserva prudente.

FONTES PEREIRA DE MELLO
(Retrato tirado quando foi ministro de D. Maria II)

Certa vez, Fontes, então ministro da fazenda, trabalhava no seu gabinete. N'uma casa contigua, accaso discutiam acaloradamente varias personagens burocraticas, na dôce persuasão de que o ministro estaria ainda em casa. A discussão entretecida de risadas, interjeições facetas ou espletivas gaiatas, seguia seu curso, quando uma porta se abriu, apparecendo, emquadrado no rectangulo, a figura séria e distincta de Fontes. O *olympico,* com a sua cortezia habitual, apenas disse isto:

«Naturalmente, v. ex.as estão fazendo falta nas suas repartições?!

Cahiu um silencio de chumbo no recinto! Os burocratas gárrulos, como impellidos pelo mesmo segredo de machinismo occulto, puzeram-se a pé, e, dobrados em arco n'um cumprimento respeitosissimo, sumiram-se, caladinhos que nem ratos...

Mais anecdotas. Presidia Fontes Pereira de Mello á sessão na Camara dos Pares, sessão que decorria na paz habitual d'aquella casa sombria e pesada. Parece que na outra casa do parlamento se haviam azedado os debates até á tempestade, vendo-se obrigado o presidente a mandar evacuar as galerias.

Os deputados foram indo *á formiga* para o recinto senatorial, mas, contra o costume,

evitavam encarar com Fontes. Notou este essa circunstancia; e, vendo entrar B. M. chamou-o, perguntando-lhe á queima-roupa: — Que houve na sua camara? — Porque m'o pergunta? disse o interpellado? — Cá tenho as minhas razões: que houve, diga! — Então, o seu antigo *afilhado de capello* relatou os tumultos que se haviam dado na outra casa do parlamento.

Fontes, com um ligeiro sorriso, apenas observou:

«Já o tinha adivinhado, precisamente porque ninguem me tinha dito nada!»

E' sabido que, por grandes que fossem os aggravos recebidos dos adversarios, Fontes, se accaso alguem, para desfazer o effeito d'esses aggravos, tomava a iniciativa de *carregar* na personagem aggravante, levando-a ás gemónias, mórmente se ella tinha graves culpas no cartorio, cortava a diatribe, buscando a desculpa do aggravo no calor das paixões politicas. Ora, deu-se o caso de, um dia, certo deputado impetuoso, dos mais violentos da columna opposicionista, levar as invectivas ao paroxysmo, descrevendo o chefe regenerador como o peor dos monstros. Provincianos ingenuos, que porventura houvessem assistido nas galerias á sessão, levariam para casa a certeza de que Nero e Caligula eram, afinal de contas, acceitaveis creaturas, comparadas a Fontes.

FONTES PEREIRA DE MELLO
(Um dos seus ultimos retratos)

Como de costume, á noite, em casa do *olympico* chefe, commentava-se o maldoso ataque, e a serenidade e cortezia habituaes de Fontes que, nem mesmo ante uma tal brutalidade, *perdera a linha* da mais extremada delicadeza. E como o deputado aggravante não primava pela immaculabilidade da sua vida intima e publica, e como o silencio de Fontes parecesse animar a *carga* no ausente, não escapou nem o mais simples pormenor biographico, a demonstrar a nenhuma auctoridade moral do aggravante. Tudo foi esmiuçado, *p á pá, Santa Justa!*

Qual não foi, porém, a surpreza, o pasmo dos circunstantes quando, a remate da descomponenda, Fontes, com um leve sorriso amargo exclamou: *Effectivamente, esse sujeito não é boa pessoa!*»

Para que Fontes, sempre um *gentleman*, sempre sobranceiro ás tempestades parlamentares, lançasse um tal desabafo, era preciso que a sua dignidade offendida sangrasse ainda, e muito, e então por causa de que inimigo!

A delicadeza da sua alma aquilata-se por este simples facto. Certo pretendente, cansado de esperar em vão por um emprego que teimava em não passar de hypothese, invocou a sua extrema penuria, quando no patamar da escada de um dos ministerios, conseguira deter no seu caminho o *olympico* Foi prolongado o *Kirie* de angustias! Nem tinha já a mais simples moeda, trocavel por um pão de vintem! Fontes, commovido, abriu a bolsa de prata e escancarou-a delicadamente ao interlocutor. Era este da raça dos luctadores que arrastam com a fome, mas que jámais recorrem á esmolação. Agradeceu profundamente, desculpando-se de não poder acceitar um ceitil. Ficou Fontes interdicto! Comprehendeu de relance que, sem querer, humilhara uma alma digna e nobre; mas sentia, por outro lado que, indo em auxilio de quem confessava espontaneamente a sua penuria, não praticava mais do que um acto de puro e desinteressado altruismo. E Fontes insistia timidamente, supplicante: «Acceite; acceite qualquer coisa; pagar-me-ha quando puder!» E assim estiveram indecisos, algum tempo; por fim, o estadista guardou a bolsa, promettendo que faria todo o possivel para alcançar uma collocação qualquer a quem tanto carecia d'ella.

Este e outros traços da biographia de Fontes Pereira de Mello caracterizam a sua

bondade, a nobreza do seu coração. Conhecia os homens que o rodeavam; se com todos era polido, decerto que no seu intimo saberia fazer distincção entre os que lhe mendigavam favores e os que, sobranceiros a toda a mendicancia, valiam pelo lado moral da sua consciencia. Discipulo de Rodrigo da Fonseca no scepticismo politico? Sem duvida: mas, raramente se enganava na aquilatação dos caracteres de primeira plana. Se politicamente corrompia, é porque encontrava facilmente *corruptiveis*...

Parece que depois de Fontes, as qualidades de cortezia extrema, delicadeza, aprumo e dignidade funccional têm ido baixando sensivelmente...

SILVA BASTOS.

Martha e Maria

I

Na casa humilde e simples, — habitada
Por Lazaro, por Martha e por Maria, —
Jesus fala do Céu. E' claro o dia,
Clara a voz do Rabbi. Ajoelhada,

Maria escuta a prédica inspirada,
Fitando os lindos olhos de judia,
— Limpidos, castos e de côr sombria. —
Na face de Jesus, illuminada.

Martha lida na casa, activamente,
Lazaro scisma, e fica-se indolente
Encostado ao portal. Pelo ar sereno

As rolas bravas passam arrulhando.
Desce um raio de sol, furtivo e brando,
Sobre a cabeça ideal do Nazareno.

II

Martha deixa o trabalho e diz: — Rabbi,
— Viste que andei sósinha n'esta lida,
— E que Maria, ouvindo-te esquecida,
— Não me veiu ajudar? — Jesus sorri

E responde tranquillo: — Martha, a vida
— Não merece a canceira em que te vi.
— Aos cuidados da casa antes, por ti,
— Fosse a minha palavra preferida. —

E erguendo ao Céu a mão delgada e pura,
E tendo na voz lenta mais doçura,
Jesus affirma ainda gravemente:

— Tu, Maria, escolheste a melhor parte,
— Aquella que ninguem póde tirar-te,
— E que tua hade ser eternamente.

Maria de Carvalho.

O RISO GAIATO DE TRES RAPAZES DAS RUAS

O RISO

O riso que distingue o homem de todos os outros animaes, embora pareça que não, é tão susceptivel de se aperfeiçoar e de obedecer a um certo e complicado numero de regras como a arte de falar ou de vestir. E' principalmente em scena que se reconhece a possibilidade da sua educação. O riso bem alegre e communicativo precisa d'um estudo aturado por ser mais difficil de representar do que o pranto.

O riso contrafeito, mechanicamente traduzido por esgares horrorosos, resulta sempre grotesco.

Nas suas immensas modalidades provenientes das condições da vida, da edade, do temperamento e de tantos outros pequeninos nadas, encontra-se facilmente o objecto de um estudo curioso e cheio de imprevistos.

O RISO GALANTE

Gelazino, o Deus que a mythologia nos aponta como sendo o orago da Alegria, armando-se em cosmopolita como o beijo, passa metade da vida a deleitar-se na esperança de gosar a outra metade. Acompanha a humanidade inteira brilhando aqui, fugitivo como o relampago; acolá, erradio como um almocreve transviado na es-

curidão da noite; mais além, sereno e olympico na correcção e pureza de uma estatua grega; e, ainda mais além, diabolico, infernal como o riso de Nero contemplando Roma incendiada. E, se formos pela vida fóra, em cada creatura poderemos encontrar uma diversa maneira de rir, um diverso modo de expressar a alegria que a domina. O pranto reveste sempre a mesma forma, identico aspecto, onde quer que appareça.

O RISO DE EDUARDO VII

Quer seja raras vezes provocado por uma immensa e inesperada ventura, quer originada pela pressão de uma dôr dilacerante e angustiosa, lança-nos sempre no mesmo abatimento de que só elle é o supremo allivio.

Não ha differença alguma entre o pranto dos nobres e plebeus, dos ricos e pobres, das creanças e velhos, dos genios e mediocridades. O riso varia sempre.

O RISO DO CZAR

Desde o riso mythologico dos faunos e satyros, de Venus originando-se na espuma do mar e do riso biblico de Suzanna e de Rachel, ao riso mau de um dictador ou ao riso imbecil de um critico que difficilmente sabe escrever o seu nome, vae uma longa escala de risos que por vezes se entrechocam e difficilmente se combinam. Ha o riso discreto e frio dos honestos e de todos aquelles que pretendem impôr-se pela linha grave e austera, pela inflexibilidade do seu porte.

Ha o riso nervoso que desperta de subito tal como se se determinasse com a ponta de um lapis a contracção instantanea em um lethargico obtendo por este meio as expressões mais singulares da physionomia.

O RISO DE AFFONSO XIII

Ha o riso alvar, apalermado, de uma significação estupida e o riso sarcastico, o riso da troça, que surge repentinamente perante a figura grotesca de um burguez ricaço ou em face das prelecções de certo cathedratico de Felgueiras.

Ha esse effluvio angelical: o riso innocente das creanças, o riso feliz dos pequenos contemplando os fantoches num barracão de feira. Ha o riso gaiato, o riso limpido das virgens e o riso languido de uma noiva que realise o typo d'essas morenas ardentes que se vão sensibilisando pouco a pouco á mercê das novellas dramaticas e com a leitura constante de romances de amor.

Ha o riso bom e experiente e o riso sublime e carinhoso das mães, essa *nesga do ceu, entrevista atravez de uns labios de mulher,* como disse alguem.

Quem não viu ainda porventura essa modalidade de riso que costumamos dizer: — riso amarello, riso torturado e forçado de *clowns*, algumas vezes invejoso, deixando transparecer a baba que se esforça por occultar?

Não existe pessoa alguma, crêmos bem, que desconheça o riso charlatão d'aquelles que, com ares superiores, dizem saber tudo, resolver tudo, não sabendo nem resolvendo cousa alguma!

E quem poderá viver feliz sem contar entre os visinhos uma creatura galante que ao abrir as janellas deixa vêr os braços seminus e um sorriso encantador em labios rubros como papoilas?

Haverá alguem, emfim, que não tenha visto, como nós, esse *sabbat* infernal de maneiras de rir?

Aqui, é o riso furtivo mas escandaloso por detraz

de um leque finamente trabalhado, ao som de uma valsa ligeira, entre o *frou-frou* das rendas engommadas, além, o riso generoso, complacente, de meninas casadoiras que escutam um D. Juan que se diz um *grand voyageur* e conta poemas de amor, proezas galantes das suas noites de *boulevards*.

O RISO DO KAISER

Mais um passo e encontraremos um sileno, em uma bachanal infame, contando a sorrir as scenas sensuaes e picantes a que se tem rendido nas horas de embriaguez ou uma creadinha bréjeira que volta do mercado sorrindo enleiada junto de um militar espadaúdo, que armou em parente improvisado. E' que em toda a gente, a toda a hora e seja onde fôr, o riso campeia ora alegre e festivo, ora sombrio, ora franco e bom, ora reservado e mau. Ha risos de sonhos que nós sonhamos e que arrastam comsigo um mundo infinito de illusões e de phantasias. Ha os risos dos loucos, risos colossaes e satanicos, que nos fazem vibrar horrorosamente os nervos perante os seus esgares e o seu olhar que vive mas que não tem expressão.

O RISO DE FALLIERES

Ha risos de miseria, risos revoltantes, risos de descrença, risos que se originam ao ouvir uma narração divertida, risos crystallinos com que sublinhamos um dito de espirito ou um *canard* engraçado, risos suaves de *flirt*, risos de bôas novas, risos lubricos provocados por qualquer cançoneta bréjeira de café concerto.

Ha risos de reis, de moços de recados, de vendedores de jornaes, de comicos ambulantes, de vultos eminentes, ha risos revoltantes de vaidade e de cynismo que, após um cumprimento fingidamente feito, deixam o rasto petulante pela rua fóra até ao voltar da primeira esquina.

Ha risos que rebentam dos labios ao ver alguem que escorrega, ao ver, emfim, o mal dos outros. Ha frouxos de risos sem razão de ser que chegam a ter uma graça estonteante na sem-razão que os provoca, na sua propria insensatez.

Ha risos indifferentes como os dos carteiros que, levando dentro da sua bolsa de couro as noticias mais fulminantes e contradictorias, se acercam dos destinatarios, indistinctamente, cumprimentando-os a sorrir!

Em troca de um sorriso colhido em uns labios frescos de mulher, os portuguezes de outr'ora lançavam-se nos torneios quebrando lanças por ella nos crescentes da moirama, sedenta de vingança. E, se conseguiam voltar como heroes junto da sua dama, esse riso ambicionado valia tanto como se fôsse um thesouro colossal, uma riqueza inextimavel. Ha risos que só pela sua graça e pela sua frescura nos deixam completamente saciados, ha outros, que, muito ao contrario, são uma especie de preludio que serve sómente para nos excitar.

O RISO DE FRANCISCO JOSÉ

«Ah! mais vale rir do que chorar, visto que o riso é natural no homem!...» exclamava Rabelais; e nós, como portuguezes, que, segundo rezam os *couplets*, «*sont toujours gais*», desejariamos, como Zeuxis, morrer

a rir. N'um riso que fosse a expressão d'uma grande lucidez de espirito, d'uma grande comprehensão da vida.

E haviamos de morrer contemplando de mãos nas ilhargas a sociedade actual, ou então levemente reclinados sobre o hombro de uma morena gentil e nervosa, dizendo-lhe a sorrir uns versos de Musset...

O RISO BOÇAL

Ha tambem um riso especial a que vulgarmente chamamos riso sardónico.

E' precisamente por ser o riso sardónico aquelle que mais desconhecido se torna na sua origem, sendo poucos os que sabem explicar a causa do seu nome, que nos vamos deter um pouco n'este ponto. São diversas as questões e as versões levantadas sobre a etymologia da expressão que o denomina.

O RISO BOM DE SATISFAÇÃO

Este riso em si, representa o riso convulsivo, devido a uma involuntaria e grande contracção muscular.

Mas, em sentido figurado, quer significar o riso forçado cheio de intenções sarcasticas.

Fr. Bernardo de Brito, que, a escrever para o publico julgava estar sempre no dia 1 de abril, a fim de justificar o nome d'este riso, conta-nos com toda a gravidade o seguinte facto, na sua *Monarchia Luzitana*.

A BANDEIRAS DESPREGADAS...

«O Marquez de Favera, governador da Sicilia no anno de 1590, desejando saber a verdade, d'este segredo da natureza, mandou lançar uma boa quantidade de sumo de herva *sardonia* em um pouco de vinho tinto, que fez beber a um turco captivo, que por certos delictos estava condemnado á morte; e foi tal a virtude e força do veneno, que, no espaço de um quarto de hora, começou o turco a rir continuamente mas de tal modo, que mais parecia apertar os dentes com raiva, que rir com alegria, e finalmente, algumas horas depois, acabava dando estes risos mudos e forçados, produzidos pela violenta contracção dos nervos.»

Não sabemos nem poderemos portanto affirmar se Fr. Bernardo de Brito nos forneceu uma narração veridica ou um caso de pura invenção.

Parece-nos porém mais acceitavel uma outra versão, que, por ser mais simples e corrente não deixará, talvez de merecer maior crédito.

Sardónico quer significar pessoa ou çousa proveniente da Sardenha.

Ora a planta *sardónia*, a que se refere o auctor da *Monarchia Luzitana*, provem da Sardenha. Será por este facto admissivel a origem apontada para a designação do riso a que nos estamos referindo? Talvez.

Mas vamos á outra versão.

Mal os carthaginezes conquistaram a Sardenha, quatrocentos e tantos annos antes da éra christã, introduziram n'essa ilha, a par dos seus sacrificios humanos, o culto das suas divindades sedentas de carnificina, desejosas de sangue.

O Deus Baal era um d'esses deuses sanguinarios, e os carthaginezes tinham-lhe consagrado um monumento que consistia n'uma estatua de bronze, de monstruosas dimensões.

Como era ôcca, depois de aquecida ao rubro, servia de recipiente, aos condemnados á morte, ás victimas humanas que eram sacrificadas em honra d'esse Deus que a estatua representava.

E' facil de calcular os horrores e tregeitos que faziam as victimas dentro d'aquella fornalha infernal.

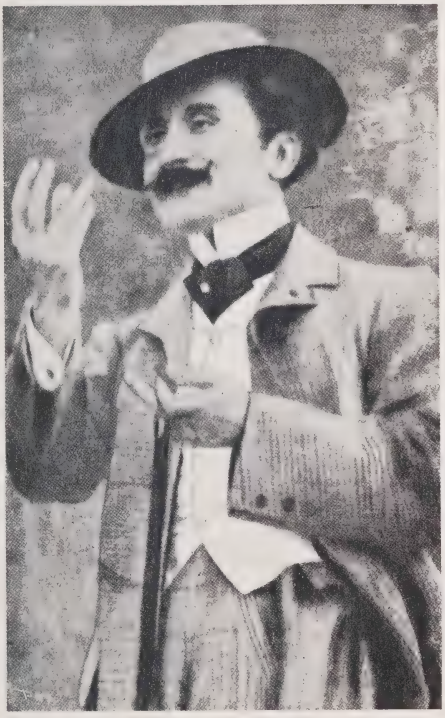
E, como a morte tinha por companhia as mais atrozes convulsões, a dôr e o desespero davam por vezes aos condemnados a expressão de um riso espantosamente lugubre que causava arrepios de pavor.

A taes sacrificios é que os escriptores da antiguidade foram buscar a expressão — riso sardónico — como indicativa d'essa especie de riso que tantas vezes se faz e que tantas outras se tem procurado definir.

E livre-nos Deus de semelhante riso que é talvez um dos peores entre tantos e tão variados systemas de rir...

Mas, narradas as duas melhores versões sobre este assumpto, passemos adeante.

Ha risos que correspondem a cada estado moral particular.



O RISO DE ROSTAND

Ha risos francos e leaes em A, nas pessoas que amam o ruido e possuem muitas vezes um caracter inconstante.

Ha risos em E, nos fleugmaticos e melancholicos.

Ha risos em I, nas creanças, nos ingenuos, nos delicados, nos timidos, nos serviçaes e irresolutos.

Ha risos em O, nos arrojados e generosos.

Ha risos em U, nos misantropos.

Mas nenhum d'estes risos tem o poder supremo que possue quando apparece scintillando em uma creatura de talento.

Democrito levou a vida a rir. Voltaire, esse *satyro divino*, o *monstro da ironia* no dizer de Junqueiro, incarnou a graça do sorriso ao dirigir madrigaes a Pompadour e a mademoiselle de Charolois, essa seductora e endiabrada rapariga que pertencia á primeira nobreza de França e que certo dia se vestiu de franciscano a fim de se photographar. E' que, sem duvida alguma, no riso do genio encontra-se a verdadeira e incomparavel expressão do riso. Ha n'elle uma tempestade divinal que se desencadeia, uma gargalhada estupenda e surda como na lanterna de Diogenes!...

MARIO MONTEIRO.

O diluvio de Paris

Que espectaculo sem par, o de Paris inundado! Que palpitantes episodios, desde os do mais macabro melodrama do Grand Guignol aos da farça mais clownesca do Ba-ta-clan! E a sublinhal-os todos, que ironia fantasista espumando mesmo dos mais lugubres!

Só Paris, este theatrographo incomparavel, sabe conciliar as anthiteses mais contrarias nas scenas de effeito tão imprevisto, em que Hugo collabora com Paulo de Kock, Ponson du Terrail é caricaturado por Forain, Bourget vae de braço dado com Pataud, e o lyrismo de Rostand tem por ponto d'admiração uma pirueta de Gugusse.

Durante as semanas d'este diluvio profano, Paris foi o monumental palco de pedra e lama onde se representou, ante o publico mais trocista do mundo, esta peça de grande espectaculo, que poderia chamar-se *A revolta do Sena,* ou *A greve geral dos canos d'esgoto.* Imaginem o que será, depois d'esta, a Social, ha tanto prégada pelos apostolos neobiblicos da C. G. T. quando os inundados d'agora se resolverem por sua vez o represental-a a serio... se é que Paris pode tomar alguma coisa a serio.

As gravuras dos bilhetes postaes e das Illustrações não podem facultar-lhes, de longe, nas suas proporções reduzidas e n'essa phantastica desproporção de perspectivas que a photographia dá á realidade, as visões hallucinantes ou comicas que offereceu aos poetas, aos pintores e aos caricaturistas, Paris assim transfigurado de repente na *Lutecia* lacustre que fôra na origem.

A cidade da luz passou a ser a cidade da agua. Melhor, da agua choca. Uma Bruges do enxurro; uma Amsterdam sem navios; uma extranha Veneza lamacenta e putrescente. As ruas converteram-se em canaes. As ruellas em canalettos. As praças em lagunas. Onde havia omnibus e autobus, viram-se fluctuar jangadas cheias de naufragos de chapeu alto, como n'uma parodia burocratica do bem conhecido naufragio épico da Medusa.

Couraçado de oleado, de nordeste na calva heroica, e as gambias de grou depenado enfiadas nas botas altas d'um lobo do mar, mereceu enthusiasticas ovações, no seu papel de almirante fluvial, Monsieur Lepine esse incomparavel prefeito da policia que, no fundo, até os proprios apaches adoram.

As gares ficaram isoladas em ilhotas. A d'Orsay mudou-se n'um aquario. A de St. Lazare esteve para submergir, como um velho paquete. Os viajantes mundanos da Cote d'Azur, para sair da de Lyon tinham de trocar o *sapin* habitual por um barco, como no Canal Grande.

Casas de seis andares inclinaram como a Torre de Pisa. Outras, meio derruidas, expozeram reduções scenographicas do terramoto de Messina, como em quadros-vivos de cataclysmo, arranjados pelos machinistas do Chatelet. Bairros inteiros foram abandonados pelos inquilinos e cedidos ao emprezario do Ambigu, que os povoou d'uma comparseria de piratas admiravelmente caracteri-

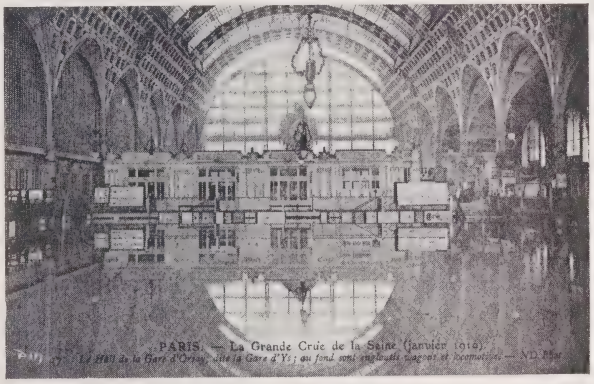
zados. E n'essas necropoles aquaticas representaram-se, á noite, nas trevas sabiamente condicionadas, as scenas de *cambriolage* mais empolgantes, com a policia irrompendo de subito, descargas de revolver, e o baque surdo dos corpos feridos tombando na agua viscosa. *Mise-en-scène* impeccavel!

N'algumas casas, proprietarios racalcitrantes negaram-se a abandonar o lar em perigo, repellindo os salvadores que queriam leval-os, a tiros... sem bala, está claro. Em Bercy, uma velha de oitenta annos (contaram os jornaes) não quiz saír do quarto onde vivia em companhia do seu derradeiro affecto — um gato empalhado. Foi preciso arrebatal-a á força, aos berros estridulos, em camisa.

Em certas ruas, a agua irrompia de repente do meio do solo, em repuchos mirabolantes, do mais feerico effeito, entre as palmas da multidão, como na festa das aguas, em Versailles.

E emquanto a cheia ia invadindo as ruas, outra ia minando parallelamente o subsolo. Barrancos escancaravam-se de subito, em que desappareciam carros atrelados de cavallos e transeuntes — que, está claro, reappareciam no segundo acto, como nas magicas.

Para irem á missa, os fieis tinham de ir embarcados adorar o Deus que os inundava e penitenciar-se, a escorrer, dos horriveis peccados de Paris, que tinham merecido aquelle castigo do céo — segundo affirmou um dos seus sacerdotes mais veneraveis, no Sacré Cœur. Poesia candida da Fé!... Os conventos, barbaramente esvaziados pela implacavel Lei da Separação, foram evangelicamente atulhados, em compensação, de centenares de familias proletarias. Algumas, que tinham laboriosamente fundado o seu casal n'uma barraca de madeira suburbana, quando as aguas desceram, viram-lhes apenas o sitio. Estatuas foram afogadas. A de Baudin ficou só com a bocca de fóra, como se soltasse ainda a derradeira phrase famosa. Outras appareceram tatuadas de lama, como se o Sena fosse tambem *camelot du Roy*. No jardim das Plantas, as nostalgicas girafas e os ursos philosophicos viram-se mais uma vez desalojados — pobres Reis do Exilio. Só as phocas tripudiaram, a boiar como os cães e os deputados. Em certos bairros viram-se bandos de patos e cysnes, em exodo, singrando pelas ruas como nos canaes tristes de Bruges. A praça da Opera esteve para se converter n'uma grande cisterna em que se esboroasse, como n'um quinto acto, a architectura maravilhosa da Academia de Musica.



O HALL DA GARE D'ORSAY, CHAMADA GARE D'YS
(Ao fundo estão mergulhados wagons e locomotivas)

Como a um gesto fatidico e syndical de Pataud, o rei das trevas, a luz electrica apagou-se. Os relogios deixaram de marcar a marcha do tempo. Os telephones deixaram de transmittir as vozes anciosas dos amantes e dos parasitas. E ouviram-se, no meio das conversas que pareciam plagiadas dos sonhos paradoxaes de Wells, ou das divagações dos doidos, phrases como estas: «Hontem, uma grande vaga esteve para me fazer naufragar, quando saltava da janella de minha casa, no boulevard Haussman!»

E houve, no meio de todo este vaudeville notas macabras, d'um *goysmo* retocado por Sem. Um caixão com o cadaver amortalhado foi descido á corda, d'uma janella, como um traste, para o barco que servia de coche de enterro. No cemiterio da Ile St. Denis, as cruzes e as lapides tumulares foram arrancadas pela cheia e executaram uma dança de Saint-Guy, como a de Saint Saens. Sobre o leito onde morreu, uma mulher ficou isolada no meio do quarto do rez-do-chão, invadido pela enxurrada em que boiavam os frascos

dos remedios. Um esquife, como o da Santa da lenda, veio descendo o rio, com as corôas de vidrilhos a enfeital-o, como boias de salvação. Outro foi visto, com um gallo empoleirado, como o reclame vivo do *Chantecler*, a cocoricar.

* * *

Com as communicações quasi inteiramente cortadas, a Rive Gauche imaginou emfim realisada a sua ambição mais secreta: a independencia da Rive Droite, esta *coquette* estouvada e devassa de que ella é a puritana irmã mais velha, eternamente rabujenta e invejosa.

PONTE IMPROVISADA, PORTA DE IVRY

Um charco immenso, em que singravam barcos, e não faltavam mesmo as rãs coaxando, na Camara dos Deputados, alastrou pelo antigo Pré-aux-Clercs, o prado famoso onde no seculo guerreiro e galante da rainha Margot, os estudantes da Sorbonne e as Mimis Pinsons d'então, dançavam sob os salgueiros, ao som dos realejos e das canções brejeiras de Garguille, o trovador das feiras e das *guinguettes*.

Da praça Maubert á Bernard a terra firme desappareceu. E desde o velho palacio de Mazarin, o Sena cobriu os caes até á esplanada dos Invalidos. Sobre as altas pernas abertas, a Torre Eiffel evocou a monstruosa caricatura industrial do gigante S. Christovão, erguendo sobre as aguas côr de café, o globo terraqueo do holofote. Sob a nobre cupula d'oiro, Napoleão, no seu tumulo épico e theatral, foi sitiado n'um Waterloo posthumo, em vez de sangue, de enxurrada.

PALACIO D'ORSAY

Em certos pateos, os locatarios, como os naufragos nos rochedos batidos das ondas, tiveram jejum forçado, á falta de submarinos que podessem entrar pelos portaes inundados. Sem a alegria da luz electrica, o Bairro Latino pareceu ainda mais nostalgico que de costume. O Boul'Miche, de tão bohemias tradições, foi uma avenida funebre de cemiterio de provincia. No café Harcourt, na Taverna de Paris, os estudantes mal allumiados por velas espetadas em garrafas lembravam, através das nuvens de fumo dos cachimbos, as sombras d'um novo limbo dantesco, condemnadas ao bocejante supplicio do jogo das damas e do dominó. Como nos tempos heroicos em que Cyranno de Bergerac e os três mosqueteiros se batiam em duello, todas as encruzilhadas do Pantheon jaziam na escuridão propicia do crime e da aventura.

No meio do rio immenso, Notre Dame evocou uma caravela mithica, com as torres erguidas como castellos e as cariatides esticando os pescoços como figuras de prôa. A Sainte Chapelle ergueu o burilado corucheu de renda gothica, como o das cidades que jazem no fundo das lagunas legendarias.

Para assistirem á sua secção de caturrice hebdomadaria, os Immortaes tiveram de ser transportados ao carricholo, como esqueletos picaros, bamboleando as pernitas de titeres escarranchados nos hombros herculeos dos marujos zombeteiros. Toda uma tripulação, com este nome formidavel *Le Redoutable*, se encarregou do transporte d'essas cargas frageis, sob o commando mavioso de Pierre Loti, que accumula o posto viril de capitão de fragata com a sua gloria effeminada de academico

Nas ruas aquaticas, uma esquadra de policias andou fazendo o serviço da ordem publica sebre enormes pernas de pau, entre as chufas d'inveja dos gavroches. O nobre faubourg de S. Germain

abysmou-se no pavor das trevas, como em 93, nas noites anciosas do Terror.

De longe a longe luziam apenas, sinistramente, como nas mãos dos *sans-coulottes*, archotes rubros, fumegando.

No Palais de Justice, hirtos nas togas como os espectros d'um tribunal medievico da Inquisição, os juizes julgaram ao clarão das tochas, réus-phantasmas. Impassiveis como aquelles senadores romanos que os barbaros tomaram por estatuas, emquanto um, mais curioso, lhes não puxou pelas barbaças austeras, só elles persistiram no exercicio angusto da Lei. Mas, como as enxovias íam sendo inundadas umas apóz outras, as absolvições augmentaram — o que prova mais uma vez que, se o crime é eterno, a justiça é contingente. Nos bairros afastados, os absolvidos foram arregimentar-se em exercitos de rapinantes. Como em Messina, e em toda a parte onde sobrevem uma catastrophe, os ratos e os corvos multiplicaram-se.

PRAÇA DE ROMA

Os pescadores d'aguas turvas, para provarem de certo a precisão do qualificativo, appareceram em legiões, substituindo esses chymericos e philosophicos pescadores á canna que são das figuras mais typicas de Paris. Os padeiros augmentaram o preço do pão e diminuiram ao pezo. Durante alguns dias, os agoureiros fizeram recear a fome, não pela falta, mas pela abundancia dos viveres, em poder dos açambarcadores. Lojas fecharam. Outras abriram. Os bilhetes postaes enxamearam. A caridade official clamou pelo seu portavoz os nomes e dadivas dos grandes da terra, desde o Czar ao sultão Mulai-Hafid. A solidariedade humana expontanea foi mais uma vez uma figura de rhetorica assoprada pelos Tartufos e pelos conselheiros Pachecos, cheia de desmentidos da realidade.

Depois do processo de Madame Steinhel, nunca se viu nos jornaes tal abuso de detalhes inuteis. Nas conversas, a inundação foi o assumpto unico, absorvente, que fez esquecer todos os outros. E n'esta universal vertigem de interesse que curvou os espiritos, todas essas figuras essencialmente parisienses que só vivem do reclame quotidiano e da curiosidade ingenua do publico, começaram a ver escurecer assustadoramente os horizontes da sua fama. Sobre todos, Pataud, o rei da Electricidade, e Rostand, o rei do Palco, tremeram. Houve quem lhes ouvisse dizer, entre os dentes, n'uma expansão de raiva ciumenta : *Sale rosse d'innondation!*

Em compensação, Sua Excellencia Monsieur Briand, presidente do ministerio, esfregava as mãos de contente.

Oh, estes conductores de povos, estes machiavelos da opinião publica, como elles sabem tirar partido de tudo, com essa subtil astucia, que é o instincto primacial do politico e da raposa.

Sabiamente organisada pelo governo, o desastre da cheia será, afinal de contas, a mais segura propaganda nas proximas eleições. E assim, muito longe de fazer uma manifestação libertaria, o Sena fez apenas a politica ministerial. Pobre idealista! Candido libertario! Em vez d'um Jaurés inflammado, prégando a Revolução social, eis-te um simples agente eleitoral, candongando miseramente votos para o senhor Briand! Os nacionalistas serão definitivamente batidos como sendeiros lazarentos. E com esta manobra inesperada, o presidente Falliéres pode roncar em paz o seu somno de excellente burguez pançudo, sem ver farandolar nos pezadelos, em sarabandas macabras de cannibaes, os insolentes Camelots du Roy, arrancadores das barbas honestas de Noé da Democracia.

Tanto é uma velha lei sociologica, meu pobre Sena, a que se resume n'estas palavras

eloquentes e triviaes: «Com teu amo não jogues as peras!»

Da tua revolta, o que ficou afinal? O que fica sempre de mais positivo, depois de todas as revoltas: coisas partidas, destroços, cacos, trapos, enxurro, lixo, mau cheiro. Um pantano epidemico d'onde se exala, verde e livido, o bafo pôdre da febre.

Em Alfortville, um dos bairros proletarios mais assolados, uma das victimas, ao expirar, deu á luz triste o fructo do seu ventre faminto, que recebeu este nome symbolico, em que á Biblia do passado se allia a do futuro: *Moysés-Ferrer*. Nascido das entranhas da miseria, amamentado com o leite da orphandade, este novo filho das aguas será talvez o propheta futuro que guiará os homens para a Canaam da promissão.

QUAI DE LA RAPÉE

Mas tudo, n'este inconstante e inconsequente planeta se compensa. Sobretudo em Paris — que é a capital paradoxal do melhor dos mundos possiveis, sonhado por aquelle bom dr. Pangloss do padre mestre Voltaire. A podridão é fecunda. A vasa das cheias, desde a do Nilo biblico á do Sena atheu, é o melhor estrume para as colheitas da fartura. Os limos fazem desabrochar as flôres mais bellas. Na proxima primavera, as midinettes poderão cortar mais frescos lilazes por essas margens suburbanas onde trina, cada abril, o rouxinol dos idylios parisienses. Rodolpho poderá colher mais rosas para enfeitar o seio palpitante de Mimi Pinson, como os seus camaradas d'outrora as colhiam já, entre os salgueiraes do Pré-aux-Clercs, nos tempos heroicos e galantes de Margot, rainha de Navarra e dos namorados.

Mas apezar das successivas reinundações d'este fluvioso fevereiro, já a pomba augural que n'este novo diluvio tem a sua encarnação civilisada na *demoiselle* de Santos Dumont, annunciou a Noé-Falliéres que a arca do Estado pode emfim aportar em segurança ao Elyseu, depois de tantos dias fluctuar sobre as aguas turvas.

Pelos velhos cáes historicos, de novo os *bouquinistes* installaram os seus caixos verdes, esses inexgotaveis cofres encantados onde todos os dias veem descobrir algum novo thesouro os amadores do passado, como aquelle bom Sylvestre Bonnard do Instituto, de quem Anatole France contou a historia enternecida. Pelas invias ruellas merovingias da Cité e da Ilha de S. Luiz, tantas vezes gravadas por Callot; por todas as pittorescas viellas que durante dias foram canalettos feéricos; por todos os logares onde a vida reconquistou ao sonho o seu dominio vulgar e brutal, já os trovadores da calçada, ao som d'uma rabeca roufanha entoam novas canções — essas doces canções pelas quaes tudo termina sempre, n'este meu querido Paris.

E não será essa a prova mais psychologicamente expressiva da sua supremacia?...

JUSTINO DE MONTALVÃO.

ARTE MODERNA

Courbet Manet, os impressionistas, Puvis de Chavannes e Rodin

Depois de Velasquez que poz a cantar os grís e os amarellos, pinta como lhe diz a retina os queixos banaes de Filippe IV e as mandibulas dos anões, depois dos flamengos, as artes estacionaram perplexas do rumo a tomar. O embate brutal, sanguinario do mundo velho e do mundo novo empolgou todos os sentidos, e as aguias de Napoleão denegriram o céo onde plana a belleza. Emfim quando os dois mundos voltam á sua posição feridos e cambaleantes tudo fluctua, tudo é inquietação, nevrose. A arte participa d'esta instabilidade, lançando-se por todos os atalhos, erguendo estandartes de guerrilha. São dezenas de escolas que se atropelam atraz da farandola do infinito que foge e do humano que teima.

O imperio passa e deixa couraceiros trepando nas telas, coroamentos e pompas de tyranos artificiaes de «pose» e de luz. O cançaço traz de seguida o romantismo das ruinas, das soledades, a reviravolta aristocratica da espada adamascada e da cabelleira de aventura. Mas não tendo fundo esta corrente, pessimistamente a escola neo-classica surge com a linha grega, o capital corintio, a cariatide do Egypto desenterrada das areias. Escudando-se com a auctoridade da belleza antiga lança os canones, promulga os seus dogmas. Alguns são intransigentemente escholasticos: que uma cabeça de negro seja a cabeça de Antinõous, que as luzes mais fortes se obtenham com ócre amarello, as sombras com betume.

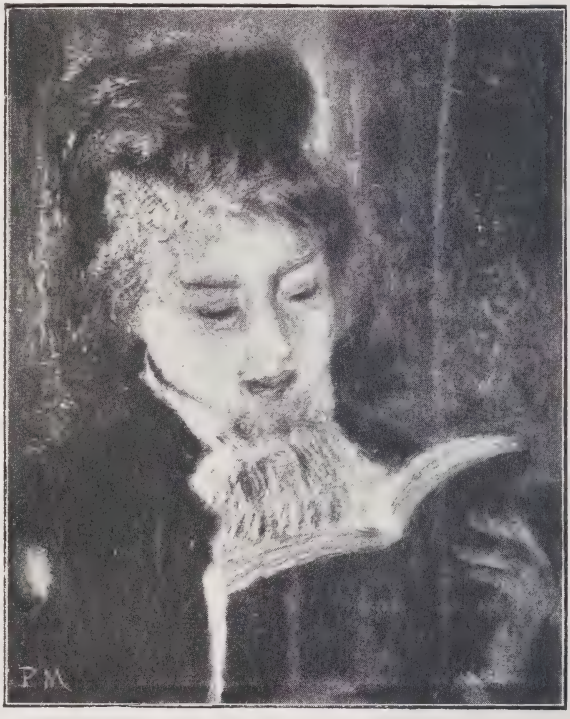
As telas e as estatuas repetem-se, monotonas, miseraveis de espirito e de fórma, como soldados do mesmo regimento. Apparece então Courbet que espalha potes de azul da Prussia na lona para que nas suas *Remises*, nas suas Séstas campestres se sintam as apoplexias da natureza, esmeralda das seivas.

A arte grega e a arte italiana tinham realizado o seu mundo de harmonias partindo do ideal para a humanidade e não da humanidade para o ideal. Prophetas inspirados viram a belleza em sonho não a sentiram fremente e amorosa ao universo desde a lagarta á estrella. A humanidade para elles era mais fim que meio.

Courbet seduziu-se dos flamengos. Ao

contrario das outras escolas estes pensaram: elevemos para a belleza sem a arrancar das suas constelações o mundo todo, socialmente, antropocentrismo á parte, a vacca, o pastor, o gelo, as cataduras do céo. A sua alma pulsava em todas as moleculas do mesmo amor intenso, da certeza de que a perfeição está na alliança intima dos infinitos seres. Eleva-los portanto ás alturas e não descer sobre elles a alva pomba dos mandados magnificos esplendidos.

Assim impressionado, o seu pincel traçou o banquete fraternal das creaturas, a hegemonia do povo. A pimponice dos livres batavos foi posta em realce, ao sol, que até ali só vira o popular escravo e submisso.



MUSEU DO LUXEMBURGO.— LISEUSSE — RENOIR

Feios ou espirituaes, bonacheirões e libidinosos elles clamavam bem alto:

— Nós cá somos gente, oh bom astro!

Era moda o luxo requintado da carne, os europeis e elles apresentaram a vacca com as ancas cheias de bosta, camponezes a urinar deante de todo o mundo, a fralda da camisa a sair da cinta dos belfurinheiros. Aquelle cavalicoque que alma a sua! Aquelle bebedor é um cidadão da patria onde Calvino prega á vontade, os judeus teem o seu quartel-mór, onde Spinosa verteu as suas idéas de destruição e reconstrucção. São bem elles, os Guilherme Tell, a multidão que cava, revira a face do planeta, mostrando-se na fórma variada que vêm de Caim e ha de encher o porvir. Presente-se n'elles o nivelamento social, com as kermesses doidas, os beijos, a liberdade dos sexos á espreita, a laveira, a relva, os animaes todos amigos, todos soberbos.

Elles são eguaes, abraçam-se, ninguem põe em duvida que o sol é do homem, do burro e das arvores, que Deus está tanto na fresca chopa como na nevoa dos cannaes na teta a rebentar da cabra, e nunca o povo teve esta desfaçatez, esta apotheose de belleza, sem distincção o cardador, o deita-gatos, o mestre-escola, até o diabo tentando as barbas maliciosas de Santo Antonio. Saskia abraçando Rembrandt com o copo de vinho ao alto é d'algum modo da sociedade futura a alegria exhuberante e o trabalho que fortifica.

Teniers, Ostade, Brown, Ruysdael, Hobbema, Cresbeck, Rembrandt, Gozen, todos elles cantaram a patuléa popular vinda do infinito parte e sofredora a perder-se no infinito enternecido e feliz. Para elles tudo merecia a luz, a belleza, o amor, os tasqueiros rechombudos, os entrevados, os cães vadios. Os entes mesquinhos palpitavam para elles das mesmas ancias dos amazonas de Rubens, do mesmo ardor dos falcoeiros de Wouwermann. A natureza é uma, forçoso era amal-a na graça das nuvens doiradas, nos cegos que vão tacteando o caminho. A arte hollandeza e flamenga, assim, corou o universo todo, recuando á Gleba dos patriarchas a arrancar o batalhador infinito, bom e suarento, prestes a não ter lei nem grei.

Courbet, que era por temperamento um revolucionario, devia sentir esta escola, apaixonar-se por ella. Como os flamengos elle votou-se á realidade das coisas, tal como os olhos o apercebem e não como o espirito o póde edificar. As suas primeiras pinceladas foram uma revolução. Aos collegas embasbacados, mettidos dentro d'um desenho estreito, da pompa classica, sardonicamente retorquiu:

— Quereis que vos pinte deusas? Pois não, mas mostrae-me d'isso.

Nos seus quadros a vida abandonou-se como uma amante, sem pudores, nem recato dos defeitos naturaes. Os cabritos alçam o rabo, os coveiros fossam a terra ás mãos ambas, friamente, sem os pruridas philosoficos dos coveiros de Hamlet. Na mesma os seus labregos dormem o somno desleixado, bestial de todos os seres, chapéo para uma banda, véstia para outra. E todas as suas creaturas embrulhou na luz, lençol primitivo é certo, mas quente, sensivel, o melhor que soube tecer no seu tear precursor. A mão de Courbet foi revolucionaria duas vezes: ajudou a deitar abaixo a columna Vendóme, pegou n'uma espingarda entre os *communards* e transmittiu aos impressionistas dentro da paleta a sua indisciplina e a sua technica nova.

PANTHEON. — SAINTE GENEVIEVE — PUVIS DE CHAVANNES

Entregando o pincel á fórma como ella é rigorosamente na apparencia os impressionistas começaram por abolir o tom local, os valores e as theorias antigas. D'esta fórma foram levados a estudar os phenomenos do ar livre, as gamas da claridade, os mil rostos do céo.

Manet tendo achado a mão larga e simples dos *hespanhoes* vae á frente. Como os deuses nas suas creações sobre o caós chocou os elementos primordiaes da côr, a luz e a sombra, violenta, brutalmente. D'esta combinação gigantesca e difficil conseguiu afinal arrancar uma verdade maleavel, prepilante como os nossos olhos talvez não vissem primeiro, mas que depois acham justo e sus:

E' a Angelina feita com tição e com giz.

No *Balcon* e na *Olympia* a theoria nova está em flôr, com um ambiente real, entre notas caseiras de finura e de graça. *Chez le Pére Lathuile* a realidade ficou presa na luz como um passaro esvoaçando, rendeu-se ao olhar hypnotisante de Manet.

Depois de Manet, Monet apura, leva até a exaltação o novo estylo. Havendo estudado com Chevreul a theoria das côres para elle o ether não tem mais segredos, chega a decompôr a restea de luz até traduzir o reflexo do reflexo. A atmosphera n'elle é tudo; a idéa desdenha-a. Entre os seus quadros. *A Cathedral de Rouen,* feita

á espatula flamenga, como mil cirios consumindo-se ao sol uma luz infinita. No *Degenneu* o sol são labios rubros que chupam os pecegos, qualquer coisa muito tangivel, muito pessoal que se espreguiça na toalha, na cascata das flôres, brinca com o menino, e com o vento na fita do chapéo. Na *givre* só a luz ficou excelsa e soberana, cantando uma area feerica, desconhecida na terra, trazida da alma dos nevoeiros.

MUSEU DO LUXEMBURGO. — LE BALCON — MANET

Renoir modula sobre a pelle setinosa das raparigas, sobre os roseiraes e as verdes encostas todo o lyrismo das côres. O seu sol não doira apenas, não illumina apenas, espoja-se, gosa em toda a trepidação dos seus atomos sobre os seios virgens, os focinhos petulantes das suas raparigas, que não são ingenuas e não são preversas, mantidas n'um equilibrio todo enigmatico, todo actual, onde ha apetites e não ha provocações.

Jeune fille ao soleil é uma amante do astro, é elle que lhe leva a virgindade, lhe comprehende os caprichos e devaneios, lhe bebe o perfume dos póros. *Liseuse* é a sinfonia da luz, exhuberante, subtil, onde ha beatitudes, volupias, beijos talvez ao longe.

No *Le balancoir* o sol é um pagensito atrevido, que espreita por debaixo das saias, empurra o trapezio e ri gargalhadas sonorosas.

As creaturas de Reuoir são candidas, que lhes exgota a luxuria o sol, cheias de vida, de movimento, d'uma alegria sã, magica, de contos de fadas.

Nas suas paisagens nunca acaba a primavera, são bucolicas do paraizo, tão ridentes e felizes que o pincel ás vezes esquece-se e põe-se a contar os legendarios pomares das princezas encantadas.

Cézane é o Schuman do impressionismo. A sua brócha passa vagarosa, amante, repleta de serenidade d'uma harmonia que foi roubada á musica pantheista.

Cour de village é um cantico baixo e luminoso do céo, das telhas, dos quintaes. No *L'estaque* as aguas, os homens e o sol elevam sobre o lit-motis do azul uma canção muito doce e pura, em que ha risos de fructos e de violetas, cavatinas de melros.

Degas é o feiticeiro que encanta o movimento, o realista ironico da vida contemporanea. A perna alçada das baillarinas, os rictos anemicos, o intelligente cinismo burguez, as decadencias da carne nua, tudo elle, sorrindo, prendeu o voar. A's vezes soccorre-se da caricatura mas é para melhor realçar uma chlorose, uma fanfarra chinfrim, os borzeguins côr de feijão frade d'uma cocote.

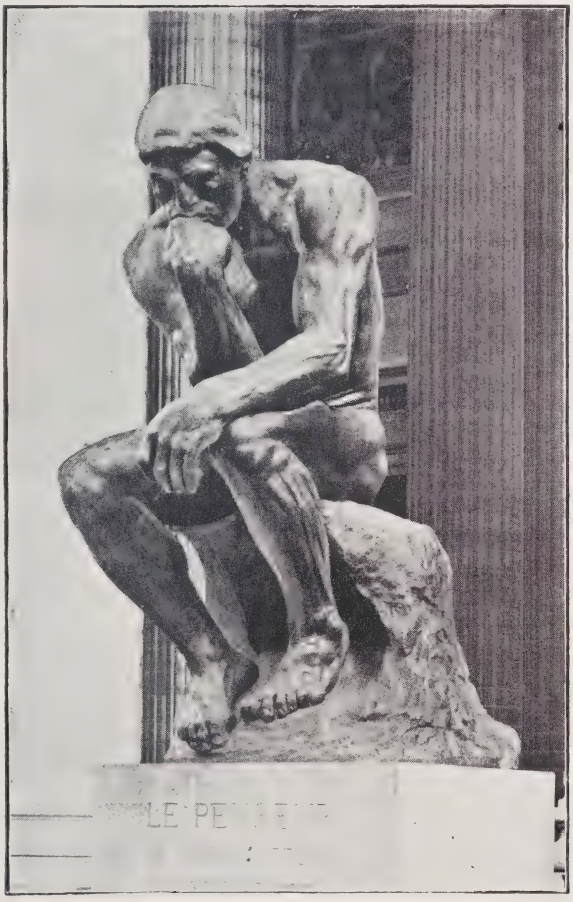
A par destes outros enfileiram não menos singulares, d'um humor não menos tartarisado. Cada um toma á sua conta um aspecto da vida habitual, tambem o dilata, tambem

o escarna, que nos maravilhamos de ahi ir encontrar mundos até então velados a nossos olhos.

E' Berthe Morisote cujos dedos finos de mulher fiam ternura nas telas; é Caillebote o observador profundo dos *Toits sans la neige* e dos *Raboteurs de parquets;* é Sisley o paisagista claro e vigoroso; Raffaeli galhofeiro e analysta prespicaz; Lebourg; Cassart; Guilhaumin; Pissaro, o poeta do esmeralda; Toulouse de Lantrec o implacavel anatomista das depravações.

Todos elles feriram a sua tecla, n'um acorde geral, um smorzo que vem da luz mais esplendente até a sombras mais ligeiras. Postos juntos destes os outros pintores empalidecem, cheirando a lava, ao ar fechado nas torres castelãs.

O impressionismo incarna o espirito vacilante e fugidio da época. O seu objectivo principal foi surprehender o semblante das coisas na ambicencia propria, sob a volatilisação da luz. Assim determinado o pincel de Monet chegou a arrancar o momento ao turbilhão movediço e feroz dos universaes atomos.



PRAÇA DO PANTHEON

Dentro da instabilidade moderna a nova escola conseguiu dar o instavel. De resto, d'um materialismo muito exclusivista nem suscitou uma idéa, nem nella ha a visão, a tentativa menos febril de futuro. Reproduzindo a nevrose da época ante o porvir, com as suas cambiantes, inconstancias, bizarrias de equilibrio e desequilibrio não commungou na philosophia dessa nevrose. A verdade provavel d'amanhã, pesquizada, retida n'um circulo feroz de sobrehumanas forças, qual Valkiria, desdenhou-a ella. Se dentro de si houve a palpitação da era nova faltou-lhe a ancia, o arranco para ella.

Amores sentidos n'um seio de mulher, entre o escôpro de Phidias e os marmores de Himeto, os mortaes e as divindades queria-os a sabedoria helenica a povoar o mundo convertendo-o, abrindo aos homens uma róta no infinito. Ia n'isto a previsão de eternidade para os labios e para os espiritos frementes d'um alto e puro ideal.

— Enganaste, Socrates — dizia Diotima, a prophetisa d'olhar penetrante — o bello não é o objecto do amor, como julgas.

— Qual é então?

— E' a fecundidade e a geração na belleza.

Na via lactea, no Scorpião, no Archeiro, acima das consciencias vê-se rolar o infinito e a belleza, ligados em mysterioso amor. A alma humana desde que entreviu este abraço quiz penetrar-lhe o segredo e viver n'elle Ergueu Babel, prostou-se, elevou o templo

de Salomão, chorou, cantou, esticou todos os musculos, colheu a caricia e a alma á musica dos ventos. Teve sorrisos de victoria e desalentos de morrer. Quanto mais se arrojou contra o enigma mais roubou da belleza, a mysteriosa esposa do eterno.

— Estrellas que sereis? que sereis? Belleza, estás tu no homem ou em Deus?

A grande arte representou sempre esta lucta e é ella esta ancia divina convertida em barro humano.

O impressionismo a este mysterio palpitante da humanidade preferiu o mysterio da luz, das phantasias do ether, da vibração das côres. Devassando-o afinal ficou senhor do sol e do luar, e caprichosamente vestiu com elles, á vontade, as ramagens, os atavios das mulheres, os dorsos nus. Os nossos olhos poderam então contemplar á maravilha os prismas infinitesimaes fulminantes da terra, como só um Deus o poderia ter feito, postado entre as orbitas girantes dos astros, assestando a longamira.

Esta preoccupação da realidade á força de subtilisar-se caiu por vezes no convencional, em exquisitices d'arcadia. Mas a despeito d'esta fadiga chimerica, d'este areal propositado de pensamentos, o impressionismo foi a mais salutar e mais radical phase na evolução das artes plasticas. O absurdo da pose, a indispensabilidade dos effeitos da luz, as transigencias do desenho, a escala dos valores tudo isto assentou a nova escola.

A sua grande falta imperdoavel foi o abandono d'ideal. Ao pé d'esta marcha ao caso lancinate, torturado de pensamentos dos cerebros, póde dizer-se que foi uma ociosidade linda de diletanti.

Carrière só, Millet só, ou Constantin Meunier só, fizeram mais que todos elles, debaixo d'este ponto de vista. Novas escolas saíram do impressionismo como a brotoeja no corpo pletorico, formidavel. Ellas atropelam-se, curodilham-se, extraviam-se atraz da farandula desconcertante do infinito... Mas lá vão...!

MUSEU DO LUXEMBURGO. — LE DEJEUNER — MONET

* * *

Puvis de Chavannes viu a lacuna dos impressionistas. Como um monge solitario e longamente estudou os thesouros de expressão descobertos, aperfeiçoou-os. Muitas vezes subiu a escada deslumbradora que Monet ergueu para o arco-iris a procurar um céo, a divina diafaneidade das suas virgens. A eclosão da sua arte foi laboriosa e demorada.

Furtando-se ao drama elle marchou nos tempos até encontrar essa serenidade que ha de vir um dia entre o encanto e a doçura dos mundos. E sobre ella esbateu as horas crepusculares, cheias de harmonias e singelezas em que os braços erguidos bendizem, os labios dormem no mel deixado dos labios, as tintas do céo são puras, nem espelhando o mal da terra nem toldando os mysterios dos espaços.

N'uma abreviação magica de linhas, um rhytmo ternissimo de tons traduziu as horas puras e espirituaes do amanhã, entremeados nos abraços freneticos e reboliço da vida

perfeita. Santa Genoveva velando, Santa Genoveva acariciando. Santa Genoveva abraçando é uma ladainha longinqua ás virgens cujo seio começa a doer, ás mulheres amantes em cuja bocca de leite, vinho velho e cerejas se bebe a infinita belleza.

Toda a sua obra é por emquanto para nós um sonho, dos sonhos de que accordamos nas manhãs claras, em que nos falou n'uma melodia ignorada uma mulher-estrella, Jesus, ou o tecelão Jacquart. Não é comprehendida de todos, nem podia sel-o facilmente, a sua sinfonia sobre a recta, elegante, ingenua, apaziguadora, d'almas felizes. Pela mão, talvez, de Giotto ou de Boticelli entrou no templo eterno quando os dragões crueis dormiam, e avistou a belleza. Correndo atraz da grande idealisação traçou o symbolo das coisas palpitando na melancholia e soledade dos mundos. No *Pauvre Pecheur* a doçura destroe o sofrimento. Na *Santa Genoveva* é a pacificação que nos penetra das virgens, dos monges, d'aquelle cortejo compacto e admiravel como só um Zola dos *Contos a Ninon* poderia ter descripto.

LA BELLE IRLANDAISE. — COURBET

Chavannes foi o idealista mais puro dos tempos modernos. N'esta nossa época de pé queno individualismo, de dôr e de inconstancia elle está deslocado como a pomba emissora de Noé, transido e solitario sobre o deserto das aguas. Ainda hoje está á espera da sua hora maxima que ha de chegar-lhe dentro da eternidade luminosa que avassalou.

Ao passo que os impressionistas olhavam uma fórma que Puvis de Chavannes soccorria d'um ideal, Augusto Rodin revolucionava a esculptura dentro de principios grandiosos, a dôr divina dos homens, crispações surdas de revolta, a piedade da materia humana soffrendo para evolutir.

Ha duas phases na obra de Rodin colossaes como edades. A primeira quando elle era muito homem e as impressões no barro partiam directamente das impressões da sua carne, dos seus abraços, das suas voluptuosidades e revoltas. Poz então a rugir a paixão cerval e santa, a cantar beijos que não cabem na terra, piedades que não magôam, desafios ao infinito. E' a *Age d'airain*, as *Danaïdes*, os *Baisers*, os *Bourgeois de Calais*, grupos de faunos, d'amantes, cariatides, bebedos todos d'universal vida.

A segunda phase é quando o homem se cansa de ser homem como os outros, e o seus espirito vê o mundo fóra da zona vibratoria das paixões. Tendo exgotado o circulo finito da arte segundo os moldes seguidos, Rodin deixa usar as suas concepções até o informe, o que se enxerga na desordem dos elementos, e nos monstruosos sonhos de febre. *Le penseur* e o *Balzac* amassa-os atraz d'uma vitalidade, d'uma energia, d'uma expressão que esmaguem.

Para isso exagera sistematicamente no sentido do movimento e da alma os membros das suas estatuas. Como os colossos de Serapeum assim os submette a uma amplificação racional. E ao moldar enterra os dedos á bruta, escalavrando os dorsos, abrindo uma epiderme rugosa e engelhada á luz. Docil a atmosphera enroscou-se, ves-

tiu-lhe as estatuas, dando-lhe uma vida natural, um sopro animado de creaturas estranhas, d'outro planeta.

Dir-se-hia que Rodin talhou nos seus seres as proporções organicas suppostamente adquiridas por evolução phisiologica ao serviço d'uma idéa. No Balzac, que sentiu por a humanidade inteira a figura é tudo; figura irregular que foi, *de elemento* — como disse Lamartine; o resto do corpo é vago, deixa-o Rodin a contas com a hipertropia. Se esta observação é justa Rodin é em arte o herdeiro subconsciente é certo — da philosophia de Darwin.

Vezes ha porém em que Rodin não imprime a acção que deseja no bronze, ou que a deixa nublada. *Le Penseur* é um primor de estatuaria com aquella linha dorsal para suster um Olimpo, aquelles hombros de esmagamento, aquelles pés que ferem o planeta, mas pensa? Aquelle braço torcido n'uma curva linha que representa sempre um jogo de forças e ali traduz a dôr, affasta a idéa de pensamento. Será um sublime symbolo mas não sugere.

MUSEU DO LUXEMBURGO. — LE PAUVRE PECHEUR — PUVIS DE CHAVANNES

Rembrandt figurava os seus pensadores em obscuras e graves telas, bem refastelados, sem gymnasticas que torcessem o rumo das sensibilidades. Perante elles sim ha a sensação de graves problemas resolvendo-se em formulas laboriosas.

A meu ver no titulo o *Pensador* de Rodin, é um caso de pathogenia. Em estatuaria Rodin ultrapassou os Puget, Rude, Coisevox, os Donatelo; mas ao alto tropeçou na muralha, o grande, o divino Miguel Angelo. Miguel Angelo é o pezadelo de Rodin, vê-se quando faz arte, fala d'arte, escreve d'arte. Surda mas visivelmente todos os seus esforços se congregam todavia para o seu rival: O *Pensador* do Pantheon pode bem ser a replica ao *Pensador* do tumulo dos Medicis.

Saint Jean Baptiste pertence á época transitiva na arte de Rodin. E' bem o precursor que acena ao infinito, o proprio estatuario tentando hypnotisar uma fórma de belleza vislumbrada ao longe. E então que transe nos seus musculos retesados, que ancia d'olhar!

Nos seus bustos *Victor Hugo, Mirbeau, Rochefort* são estranhos seres, pedaços monolithicos, cheios d'uma luz assombrosa do Sinai.

Rodin não é apenas o épico das angustias humanas, o revolucionario de technica e de principios, é tambem alguma coisa o sonhador da infinita perfeição. Não se abandonou a um ideal exclusivo como Chavannes, mas entreviu a marcha de todos elles.

Pelo sentimento Rodin é um grande philosofo; por empirismo mais que por theorias é um assombroso artista.

Nos seus olhos talvez vivam subconscientemente as maravilhosas harmonias dos astros que os mathematicos decompõem á lente. Mas por conhecimento objectivo não cremos que Rodin seja um sabio, um psicologo, um estheta, o anarchista mesmo da belleza. Os artistas teem o instincto e o raciocinio informulavel da visão. Não ouvem e andam bem os mil conselhos dos mil Ruskin, Hegel, Seailles, Fichte, Cherbuliez, Gujan, Manclair. Isto é a dissonancia e seria o estonteamento.

Geralmente não sabem linguas para decifrar todas as theorias que veem periodi-

mente da Allemanha devaneadôra que se dobram como as sobradiças *einfühlung, aufühlung, nachfühlung, Zufühlung,* graus de projecção da vida affectiva na arte.

A estrella d'oriente dos artistas não é outra que o sentimento. Ao fim da sua obra olhos alheios lhes revelam a profundidade. Se fossem sinceros poderiam dizer: Oh! diabo, mas eu não pensei n'isso!

Rodin é d'estes que inconscientemente creou obras portentosas, que outros decifraram e baptisaram. Pela sua vaidade a sua presumpção de sabio, fiel aos espiritos santos d'orelha tem caído em desaccordo entre o letreiro e a psicologia das suas *creações. Le Penseur* trahe bem esta desintelligencia.

Mesmo esta leviandade do artista e dos criticos foi levada para os ateliers n'uma mordente e fina anecdota que todo o rapiu de Paris sabe.

Rodin um bello dia tinha acabado de esquissar em barro uma theoria de figuras femininas.

— Hein, nova? Sublime — exclamou um critico entrando no atelier. — Que nome lhe põe, querido mestre?

Rodin não sabia ainda palavra!

— Mas um titulo está indicado, a matar: *as nove musas.*

Rodin concordou. Mas um Kankoe levar duas estatuas e desfez-se a theoria. E agora?

E' simples: *os sete peccados capitaes.*

O Estado porém compra outras duas e Rodin ficou perplexo.

— Mas *os cinco sentidos!...*

Com a quinta estatua que sae do atelier vem o crisma:

— *Quatro estações.*

Dizimada novamente a obra apelida-se:

— *As tres graças.*

Finalmente uma só resta no atelier, olimpica, esbelta e Rodin escreve-lhe no pedestal:

— *Soledade!*

Paris — Setembro de 1909.

AQUILINO RIBEIRO.

UM POENTE

Mark Twain

Impressões de viagem — A Chicago Alleman

PERDI-ME em Berlim. Esta cidade em nada se parece á concepção que eu tinha a seu respeito. A' Berlim de outras éras havê-la-ia eu reconhecido pela descripção dos livros, a Berlim do seculo passado e do principio do nosso: uma cidade suja, edificada sobre paúes, com ruas estreitas e lamacentas, alumeadas por lanternas, e sobre as quaes se alinhavam casas velhas e feias, todas parecidas umas ás outras; as casas formavam rectangulos tão regulares e tão monotonos como as prateleiras de uma loja de modas. Essa Berlim, porém, cessou de existir; desappareceu, pelos modos, sem deixar o minimo vestigio. As dimensões da Berlim actual não dão a mais remota idéa da cidade que a antecedeu.

A sua situação geographica tem as suas tradições e a sua historia, mas a cidade propriamente dita nada representa de tudo isso. E' uma cidade nova, a mais nova de quantas hei visto. Chicago pareceria antiquáda ao pé della, pois se vêem ainda em Chicago bairros velhos, ao passo que é coisa que já não existe, por assim dizer, em Berlim.

A parte principal da cidade, dir-se-ia ter sido edificada na semana anterior, o restante, com muito boa vontade, poderia remontar a seis ou oito mêses de existencia, quando muito.

Outra particularidade que dá nas vistas ao viajante, é a vastidão da cidade. Não ha outra, em país algum, com ruas tão largas.

Berlim não é *Uma* cidade, mas sim *a* cidade das grandes arterias, e outra alguma no mundo lhe pode ser comparada, a semelhante respeito. *Unter den Linden* representa em largura o equivalente a três ruas. *Postdamerstrasse* é orlada de cada lado por umas veredas lateraes que representam, por si sós, mais largura que as principaes ruas conhecidas das velhas capitaes da Europa; não existem ali ruas estreitas nem travessas nem atalhos; de longe em longe, se algumas das grandes arterias vão dar á mesma encruzilhada, o perimetro dessa encruzilhada é tal, que evóca um sentimento de majestoza grandeza. O parque, ao centro da cidade, é tão vasto, que produz a mesma impressão.

Um segundo traço caracteristico: as ruas são traçadas a cordel. As mais curtas não apresentam a minima curva; as mais compridas estendem-se em linha recta até o infinito, se acaso inflectem levemente, para a direita ou para a esquerda, voltam outra vez a recuperar o alinhamento, a perder de vista. O resultado desta configuração é o offerecer Berlim, á noite, um sumptuoso espectaculo. O gás e a electricidade são dispensados, á profusão, de modo que, para qualquer lado que se volte o observador, tem diante de si, por toda a parte, um duplo renque de candieiros potentissimos, accrescendo ainda uma magnificente e luminosa paveia alumeando as *Platzen;* entre estas interminaveis filas de luzes, vêem-se ainda as luzes das carruagens de aluguel, accrescentando a sua nota clara e alegre a tão formoso espectaculo: dão idéa de uma invasão de vága-lumes.

Uma coisa ainda nos impressiona em Berlim: a situação absolutamente plana da cidade.

Resumindo, a cidade é mais nova de aspecto que outra qualquer, mais illuminada e mais ordenada; não ha nenhuma com tão espaçosa apparencia, ou mais ao abrigo de pejamentos; nenhuma ha que apresente tanta rua direita, e Berlim pode, com fundamentos, disputar a Chicago a planeza do seu aspecto, como tambem a prodigiosa rapidez do seu desenvolvimento.

Berlim é a Chicago europeia.

As duas cidades têm aproximadamente a mesma população — cêrca de um milhão e quinhentos mil habitantes. Não posso fornecer algarismos mais exactos, pois apenas sei a população que encerrava Chicago, a semana anterior á passada; e, nessa occasião, ascendia a milhão e meio. Ha quinze annos, Berlim e Chicago eram consideradas como duas grandes cidades, certamente, mas nenhuma dellas era a cidade gigante da actualidade. E pára aqui o parallelo.

Dos bairros de Chicago, alguns, apenas, são grandes e bem traçados, ao passo que Berlim ostenta imponencia e grandiosidade; a cidade é uniformemente bella.

Em Chicago existem monumentos mais notaveis pela architectura do que os de Berlim, mas, não obstante, o que eu atrás deixei dito é ainda exacto.

Estas duas cidades planas seriam as primeiras, mercê da sua surprendente salubridade, se não tivessemos de contar com Londres. No momento actual, Londres occupa o primeiro logar.

A mortalidade, em Berlim, representa dezenove por cento; ha quatorze annos éra mais elevada, na terça parte.

Berlim é uma cidade de surprezas, a mais de um respeito. E' a cidade mais *governada* em todo o mundo, mas cumpre tambem admitir que é a *mais bem* governada. Admiram-se ali a ordem e o methodo que reinam por toda a parte, já nas vias principaes já nas secundarias, e até nos minimos pormenores. E não me refiro a uma ordem e a um methodo theoricos existindo apenas sobre o papel, mas sim na realidade e em toda a accepção do termo. Para tudo existe uma regra, e essa regra applica-se invariavelmente, tanto aos ricos como aos pobres, sem preconceitos nem favores. Actua com perfeita egualdade nas grandes circunstancias como nas pequenas, com uma diligencia clarividente e nunca desmentida, com a qual incide uma perseverança muito digna de admiração.

Vigoram ali diversos impostos que são cobrados a trimestre; *cobrados* é termo justo, muito mais do que *lançados,* pois são *cobrados* de cada vez. Os impostos não são aliás exorbitantes, excepto nas cidades e comarcas onde os habitantes são remissos em os pagar; neste caso, são sujeitos a accrescimos e a policia encarrega-se, mediante visitas serenas e frequentes, de obrigar cada um a exportular a contribuição. Exige ao contribuinte vinte ou quarenta pfennigs por visita, depois do primeiro aviso.

Ao cabo de um certo prazo, notámos que acabou por receber a quantia em questão.

Até certo ponto, o milhão e quinhentos mil almas de Berlim constituem uma vasta familia; a cabeça conhece os nomes dos diversos membros, a morada, o logar de nascimento, os meios d'existencia, e a religião de cada um delles.

Todo o individuo que chega a Berlim tem que ministrar desde logo estes pormenores todos á policia; e ainda mais, se sabe o tempo que tem que se demorar ali, deve previni-la, egualmente. Se aluga uma casa, será tributado segundo o aluguel da mesma e os seus proprios rendimentos.

Não lhe exigem que declare a cifra dos seus rendimentos, de modo que poderá reservar as suas mentiras para melhor occasião: a policia avaliá-lo-á pelo aluguel que paga o inquilino, e tomará essa quantia por base do imposto arbitrado.

Os direitos sobre os artigos importados são satisfeitos com inflexivel exactidão, quer seja grande quer seja pequena a quantia; o processo, empregado para obter este resultado é porém de summa brandura, e revela immenso espirito de tolerancia. Se a encommenda vem pelo correio, o carteiro incumbe-se de dar os passos necessarios, poupando assim á pessoa a quem ella vem dirigida quaesquer difficuldades ou incommodos. Ultimamente, um meu amigo soube que havia chegado pelo correio, endereçado para si, um embrulho contendo um cinto de seda com fivéla de oiro, para senhora, e uma cadeia egualmente de oiro, para pendurar chaves. No primeiro momento de sobresalto, quis subornar o carteiro, afim de se esquivar aos direitos, mas decidiu-se a deixar que o negocio corresse os tramites regula-

res. Dali a instantes, eis que o correio lhe vem entregar a encommenda, com o rol dos direitos a cobrar: direitos sobre o cinto de seda, trinta pfennigs; direitos da cadeia de oiro, quarenta pfennigs; direito da commissão, vinte pfennigs.

Estes impostos exorbitantes são lançados para proteger as industrias locaes allemans.

A tenacidade serena, pacifica e cortês da policia é a mais admiravel coisa que eu, nesta ordem de idéas, tenho visto em minha vida. Lembraram-se de me pedir o passaporte de uma aia suissa que trouxeramos comnosco, e depois de seis semanas de visitas, repetidas com paciencia angelical, a policia veiu a conseguir seus fins. Da minha parte, não havia a minima intenção de lhe fazer arrelias, mas contava com que viesse a cançar. Ella, a seu turno, pensava outro tanto a meu respeito, e não se enganou.

Em Berlim, é prohibido construir casas, mal assentes, perigosas, e desagradaveis á vista; isto explica a razão porque esta cidade é notavelmente formosa e imponente, o motivo porque se defende, melhor do que outra qualquer, de incendios e desabamentos; a architectura que ali preferem é a do môrro de Gibraltar.

Os inspectores dos edificios vigiam as construcções. Este systêma parece preferivel afim de evitar derrocadas. Este povo allemão, na verdade, todo elle é manias!

E' prohibido amontoar a pobreza em casas apertadas e insalubres. Cada individuo deve de ter um numero calculado de metros cubicos de ar, e as inspecções sanitarias obrigatorias verificam o cumprimento de semelhante preceito.

Tudo se acha previsto. O corpo de bombeiros, disciplinadissimo, usa um curioso uniforme, e a austeridade da sua apparencia imprime-lhe uma tal qual semelhança ao exercito da salvação. Contaram-me que, assim que toca a rebate, se reunem os bombeiros em boa ordem, respondem á chamada, e elles ahi vão, accudir ao fogo. Ali, entram em linha, militarmente, formam destacamentos designados pelo chefe, que distribue a cada grupo o trabalho que este deve effectuar, afim de apagar o incendio. As ordens são todas dadas em voz baixa, de modo que os espectadores poderiam imaginar o estarem assistindo a um enterro. Em geral, naquellas vastas construcções de tijolo e pedra localiza-se o incendio num só andar; circunstancia que permite aos restantes moradores o aguardarem os acontecimentos sem se atarantar.

Abundam os jornaes em Berlim; existiu tambem um vendedor de jornaes, mas falleceu. Encontram-se kiosques, a cada meio kilometro, em todas as ruas principaes, e é ali que se podem comprar jornaes.

Fervilham theatros, mas não fazem reclamos espalhafatozos; não se vêem cartazes pelas paredes; nem annuncios em lêtras descommunaes; nem fotografias de actores e de scenas apresentadas em molduras sensacionaes e reproduzidas com côres sugestivas; semelhante estendal é coisa desconhecida em Berlim. Se porventura existissem os grandes cartazes, não saberiam onde afixá-los. Pois não existem sálas de espera e é formalmente defêso o pregar cartazes nas paredes da cidade. Tudo que escandaliza a vista é prohibido: Berlim é um descanso para os olhos.

E comtudo, o vaguivago pode sem custo saber o que se passa nos theatros. Por toda a parte, e muito proximos uns dos outros, encontram-se uns pilares redondos, com uns dezoito pés de altura e da grossura de uma pipa, nos quaes se affixam programmas e outras noticias theatraes. Em redor dos ditos pilares encontram-se a todo o instante magotes de mirones a lerem, avidos, os annuncios. Em conclusão, existem em Berlim um montão de coisas que mereciam ser importadas pela America; notei-as com summo cuidado, aliás.

Quando Buffalo Biil andava em giro pela Allemanha, o seu principal cartaz não era maior, sem duvida, que um letreiro dos que pregam em qualquer mála. Ha magna quantidade de omnibus, puxados por caválos, muito commodos e aceádos. Mas se julgaes saber para onde vae uma de taes carruagens publicas, enganaes-vos de meio a meio; melhor farieis apeando-vos, pois com certeza não vae na direcção que suppondes. Estas estradas de transito para vehiculos são muitissimo complicadas, e em mais de um caso, quando nellas se perde um cocheiro, nunca mais se ouve falar nelle, durante annos.

Os omnibus não apresentam letreiro, indicativo do respectivo itinerario: apenas se menciona o ponto terminal, depois, o caminho que tomam é aquelle que melhor convem ao cocheiro; este ultimo procura per-

correr a maxima extensão possivel de caminho, antes de chegar ao termo.

O conductor fár-vos-á pagar o vosso logar, por varias vezes, de duas em duas, ou de três em três léguas, e de cada vez dar-vos-á um bilhete, de que não conservou talão, e que conservaes, até que passe um inspector e lhe rasgue um canto, (não o guarda), depois, deitaes fóra o vosso bilhete, e podeis dispôr-vos a pagar outro. A intelligencia é traste de luxo para quem tenta circular por Berlim, em omnibus. Quando veiu a Berlim um dos mais ladinos editores de Brooklyn, meteu-se num omnibus, de manhan muito cedo, e tentou debalde alcançar um ponto central da cidade. Impossivel: gastou muitos dollars em bilhetes e não pôde alcançar o sitio aonde queria ir. Era o melhor meio, certamente, de conhecer Berlim, mas não o mais economico, com certeza. Apezar destes inconvenientes, o systêma de organização dos omnibus tem o seu lado bom.

Não pára a viatura, para vos deixar subir ou descer, não sendo em determinadas paragens; ali, tão somente, um poste a indicar-vos que é uma estação de paragem. Um tal systêma evita, aliás, um bom par de pernas quebradas! Ha vinte logares, no interior, assim que se acham tomados, ninguem mais pode entrar; restam quatro ou cinco logares em pé, em cada plataforma — fixa-lhes o numero um decreto — e, quando estes se acham occupados, não se acceitam mais passageiros.

Como nunca ha aglomeração, e é interdita a algazarra, as mulheres vão na plataforma, tal qual os homens; e é frequente o preferirem estes logares aos do interior, pois são commodos e não se sente o minimo solavanco.

Contou-me um Berlinense que, quando appareceu o primeiro omnibus, ha trinta ou quarenta annos, o publico embirrava com elles, a tal ponto, que não annuia a subir, quer para o interior quer para o exterior, o que obrigou a companhia a postar a cada encruzilhada um homem, arvorando uma bandeira encarnada. Ninguem queria circular nas carruagens publicas, excepto os condemnados á forca. De um tal estado de coisas resulta o serem os omnibus frequentados em uma unica e exclusiva direcção, e o verem-se sempre vazíos, na volta. Para salvar a companhia, o governo transferiu o cemiterio dos criminosos para o outro extremo da linha; e desde então, viram-se passageiros em ambas as direcções; e deste modo não faliu a companhia.

Esta galga parece-se áquellas que impingem aos forasteiros, na America, e não me acho disposto a enguli-la.

O trem de praça de primeira classe é aceádo e garrido, tem almofadas de coiro e um bom caválo.

O de segunda, é em geral feio e pesadão, e sempre velho; faz scismar a circunstancia de nunca os terem feito novos. E dahi, se acaso se desse um tal acontecimento, os ociosos, em pêso, amontoar-se-iam para gozarem o espectaculo; ora, a policia prohibe as aglomerações de gente e o rebuliço. Se em Berlim houvesse um tremor de terra, a policia interviria immediatamente, organizando tudo com precisão tal, que o povo receberia a illusão de estar assistindo a uma ceremonia religiosa, E é assim, aliás, que vêm a terminar geralmente os tremores de terra, mas, no caso de que nos occupamos, os assistentes rezariam todos elles com serenidade e recolhimento, e cada um por intenção particular.

Por uma corrida de um quarto de hora, pelo menos, paga-se um marco a um trem de primeira classe, e sessenta pfennigs a um de segunda. O primeiro levar-vos-á mais depressa que o segundo, atrelado sempre por um caválo velho — tão velho como a carruagem, dizem as autoridades, — doente e mal alimentado. Foi de primeira classe; veiu a descaír depois para a categoria de segunda, por... gratidão pelos seus longos e fieis serviços!

Por conseguinte, mediante sessenta pfennigs, assiste-lhes a obrigação de vos levar tão longe como o caválo de primeira classe, a troco de um marco. Se acaso não póde effectuar a corrida, num quarto de hora, a despeito de tudo deve de fazê-la por sessenta pfennigs.

Qualquer forasteiro póde verificar as distancias, consultando a mais curiosa carta de quantas conheço. Foi publicada pelo governo, e adquire-se por preço modico, em todos os estabelecimentos. Cada rua vem indicada e devidida como um fio de contas de côres, cada conta comprida representa o trajecto de um minuto, e, quando houverdes passado quinze contas, não chorareis o vosso dinheiro.

A carta de Berlim é um labyrinto das mais alegres côres; tal qual uma estampa da circulação do sangue.

As ruas são asseadissimas. E bem tratadas, não ao modo fantasista das ruas de Nova-York, mas por meio de raspadeiras e vassoiras, funccionando a horas fixas; e, depois de escrupulosamente varrida uma rua, em seguida a um aguaceiro ou a uma tenue camada de neve, espalham-lhe areia por cima, alvitre que evita as quedas de cavállos. Em summa, Berlim é uma capital que não olha a despêsas, quando se trata das conveniencias dos particulares, das suas commodidades e da sua saude. E todavia, cumpre exceptuar um pormenor; os nomes e os numeros das ruas.

Por vezes, o nome de uma rua muda, no proprio centro de uma arteria, entre os predios do mesmo quarteirão. Só daes por isso ao alcançardes a esquina immediata, e ao verdes na parede uma nova chapa, e, bem intendido, não sabeis em que ponto se effectuou semelhante mudança.

Os nomes são affixados de modo legivel, em todas as esquinas das ruas, sem excepção. Mas a numeração das casas constitue quanto se póde imaginar de mais original, depois do cháos do principio do mundo! E chega a parecer impossivel que fôsse inventada por um governo tão ponderado. Ao principio, suppõe-se que semelhante numeração seja obra de um idiota; mas um idiota nunca seria capaz de encontrar tanta variedade na confusão e de provocar tantas pragas de impaciencia por parte do publico. Os numeros sobem num sentido e descem no outro; isto seria ainda admissivel, o que se segue é que o não é, comtudo! Empregam amiude o mesmo numero para três e quatro predios; outras vezes, uma casa unica é numerada; quanto ás restantes, adivinhe-o quem puder.

(Continúa.)

Em certos casos, põem o numero numa casa, — o numero 4, por exemplo — e a seguir, encontraes o 4-*a*, o 4-*b*, o 4-*c*, nos predios immediatos, e antes de chegar ao numero 5, tendes tempo para vos fazêrdes velho e decrépito.

Resulta deste systêma (que o não é) o facto de, quando partís do numero um de uma rua não poderdes saber, sequer approximadamente, a que distancia se encontrará o numero cento e cincoenta: póde estar a distancia de alguns quarteirões de casas, ou mais longe duas léguas.

A «Friedrichs Strasse» é comprida e representa uma das maiores vías; ha tempos, apostou alguem o proprio *porte-monnaie* em como na dita rua se encontravam mais cervejarias do que numeros — e ganhou a aposta: existiam duzentos e cincoenta e quatro numeros e duzentas e cincoenta e sete cervejarias; cumpre não perder de vista que a rua é comprida.

O que ha de peór nesta organização defeituosa é o não seguirem os numeros sempre a mesma direcção: vão, por exemplo, do numero 1 ao numero 50 ou 60, depois, de chofre, topaes com as centenas, com o numero 140, se quiserdes, e depois, virá o 139. Percebeis então que os numeros tomam outro rumo; durará isto um certo tempo, depois, abruptamente, quando menos o supposerdes, mudarão de sentido.

Por via de regra, uma seta collocada por baixo do numero indica-nos a direcção ascendente.

Dão-se numerosissimos suicidios em Berlim, seis, ás vezes, no mesmo dia; para explicar a causa, altercam, discutem algarismos sem conta. Decidissem-se a numerar as casas de modo racional, e talvez lh'encontrassem a solução, ou, quando mais não fôsse, um remedio para tantos suicidios.

Versão de MANUEL DE MACEDO.

O Campo Grande

(CONCLUSÃO)

O Campo Grande de hoje — Um lindo itenerario de passeio — Aspectos do actual Campo Grande — O Campo Grande aristocratico, bohemio, tragico e amoroso

Antigamente, antes de se rasgarem as amplas avenidas que vão da Rotunda ao Campo Pequeno, não era tão delicioso o itenerario, da cidade para o famoso local.

Hoje, porém, depois da abertura d'essas arterias da cidade, constitue elle um lindo passeio, tanto para os felizes, que alardeiam a sua riqueza em luzidas equipagens, como para os simples e humildes peões do povo. Parte a gente da Avenida, avistando a uma volta de trem ou de pé, á nossa direita, do alto da Rotunda, lá ao fundo, o abaralhamento da cidade, em recortes de um delicioso pittoresco, em que se emmoldura o, a um tempo, hieratico e simples Monumento dos Restauradores, a destacar-se no fundo azulino do céo e n'uma bonita nesga do Tejo. Depois, internamo-nos na Avenida D. Amelia, ampla, arejada e luminosa, indo desembocar na larga praça do Marechal Saldanha, onde a heroica figura de bronze nos aponta a cidade, n'um repto de enthusiasmo.

OS MARQUEZES DE ALEGRETE E VISCONDESSA DE SOUTELLO E FILHA

Esta praça é um formoso recinto, ainda prejudicado, na sua esthetica, por grande parte das construcções que n'elle se conteem, mas com tendencias de melhoria, como nos prova a visinha Avenida Ressano Garcia, já povoada de construções de uma linha de arte arejada, sadia, puramente moderna, onde não raro, ao maneirinho ou avantajado da construcção, se allia uma sumptuosidade cordata, ou uma elegancia sem mistura. N'esta avenida, ha já predios dignos de uma cidade artisticamente alçada, e é bonito ver como elles quebram a monotonia do resto dos casarios vulgares, semelhantes a commodas agigantadas, de grandes gavetões, que nos evocam a tradição caseira da velha arca lusitana, sem raça de esthetica ou de belleza, sem fórma, sem estylo.

Depois, passada esta linda avenida e o Campo Pequeno, destaca-se o primeiro mas-

grandes avenidas, com as suas frondosas aleas de arvoredo, a primeira indo dar fim

INTERIOR DO CHALET DAS CANNAS

siço de verdores, para além das primeiras placas verdoengas do grande e saluberrimo jardim. A' esquerda e á direita, são as duas

nas construcções historicas a que já me referi, a segunda acompanhando, em uma parte, a estrada do Lumiar. As duas ruas são

extensissimas e de magnifico piso. Na avenida do lado occidental, ha uma larga faixa só para cavalleiros. E' ali que, ás quintas, e, mais especialmente, aos dias santificados, garbosamente ostenta, no presumpçoso cara-

UMA TITULAR

collar de seus bellos ginetes, o seu garbo, a *jeuneusse dorée*, e uns restos de fidalguia de velha linha, que se desvanece em Portugal como que n'um crepusculo historico.

E, á esquerda d'essa álea, pela estrada, larga, passam as carruagens, envoltas em fremitos feixientos de luz, empilhadas de fatos preciosos, de onde desabrocham, como corollas de mimosas ou excentricas flores, gentis mulheres das classes abastadas, e até de estirpes de menos privilegio. E é então, n'esses dias, em todo o Campo Grande, um enorme buliçar de vida de cidade civilisada, que nos dá um longinquo evocar — mas só longinquo — dos velhos *Campos Elyseos* de Paris, ou do seu *Bois*. Per entre as ramarias dos jardins, passeiam os menos felizes, assentando arraiaes ao ar livre, comendo e bebendo, mesa posta n'uma alvura de toalhas, sobre os troncos cortados ou desarraigados das arvores, cercados de bancos toscos que são fragmentos de pés d'arvore, n'um descuido feliz, com sobremesa de devaneios e de descantes. N'esses dias, ha ali um não sei quê de patriarchal e de paganismo doce, que attrahe o espirito e n'elle põe a aspiração de felicidade, á mistura com uma infinita magua, uma como que saudade pantheistica, dos tempos immemoriaes de cultos ao ar livre, de faunos e deuses florestaes.

E ha sempre, ali, qualquer cousa a ver, qualquer aspecto novo a contemplar: ora é um vestido leve que envolve um corpo de fórmas delicadas, ora um bando de creanças, que corre n'uma rajada de saude com a rapidez de gazellas, ora um transeunte que se detem, contemplativo, ora um par que conversa ou vae de mãos dadas, enamorado. Mais além, um ou mais cyclistas que, pequeninos ao longe, avançam rapidamente, entre nuvem tenue de poeira, e crescem, depois diminuem, no quadro da distancia, o que tambem entretem o olhar do espectador. Pela avenida da direita caminham, mais vulgarmente, os peões, e aos domingos, todos os bancos se enchem de familias, que ali vão distrahir o espirito preoccupado das vicissitudes semanaes do trabalho.

E que lhes direi do Campo Grande bohemio, tragico e amoroso?

A sua bohemia é, da mais velha e pura linha. Ao cimo, tem ainda a representação tradicional da sua bohemia antiga, no palacio do conde de Vimioso, recordação da bohemia fidalga e historica, e quantas vezes a «Severa» não rondaria por ali, preza nas tenazes do ciume, ou esperando o fidalgo esturdio, das toiradas e descantes do fado! Tambem, ao lado occidental, ficou a recordação da bohemia ingleza, a bohemia *chic*, a bohemia do bom tom. Existe ali, como recordação do antigo predominio inglez, um *five o' cloc tea*, a que, conforme a tradição, só é permittido apresentarem-se senhoras, ou cavalheiros, quando por aquellas apresentados. E' n'um rez de chão do predio em

UM «SPORTSMAN»

que se lê, a grandes lettras douradas, em espelho preto: *Ladies — Tea Room*. E' uma estancia sustentada por uma viuva de familia ingleza, lady Ernst George, que custeia as despezas, correndo a risco dos prejuizos.

E, da bohemia livre, só lhes direi que, por todo o interior do jardim, ella parece desprender-se das arvores e dos claros do céo, pois de tudo sahe uma aspiração de liberdade e descuido, havendo, nas clareiras, varios retiros apropriados para comer, beber e descantar ao ar livre. Tambem, ao lado oriental, ha muitos estabelecimentos, com boa fama de sédes de grandes pandegas, que aos domingos, de dia e á noite, abarrotam de frequentadores, em jantares ao ar livre, sob caramanchões, e á noite, no interior, em ceias que se prolongam como que infinitamente.

UM ASPECTO DO LAGO

Como verdadeira nota da bohemia natural, ha a apreciar os ciganos, essa gente nómada, bohemia por excellencia, poetica e ladra, que passa na Humanidade como um vento picaro e vadio, e que, desrespeitando os ramos da circumspecta floresta humana, derruba o preconceito como quem derruba arvores seculares. Elles fazem do Campo Grande um dos seus pontos de reunião predilecta, quer em épocas de mercado ou feira, quer em tempo normal. Não longe d'ali, algumas d'essas familias habitam, tanto quanto o pode fazer a gente cuja norma é não habitar. Ainda ha pouco tempo, ao desarmar da feira, indo eu recolher algumas notas para o presente artigo, se me deparou n'uma das ruas do jardim, uma tziganita de rostinho sujo do trigueiro do sol, vestidinha de latejoulas e côres garridas, cabellito em bichas para a testa côr de barro, formosas feições de zingara, sorte de figurinha de tanagra, donairosa e leve. Araviei com ella em giria cigana. Admirou-se a gentil férasinha, e perguntou-me, se eu tambem era dos *calés* (ciganos). E como eu lhe dissesse que sim, tratou logo, em embaixatriz expedita, de ir chamar as outras, as grandes.

A RUA DAS PALMEIRAS

E eis-me, logo ali, rodeado de um tropel de vagabundas, com bébés de caras terrosas e grenha esqualida, desgrenhadas e esguedelhadas todas, garridas como lagartos e saramantigas, que me faziam perguntas varias, com labio guloso e olhar ladino e inquiridor. Graçolei com ellas, mas uma das grandes, que não era para graças, soube dizer-me, embora rindo, que me *ustabavam* (roubavam) se lhes não désse *parnaus* (dinheiro). Gabei-lhes, com ar

trocista e madrigalesco, as lindas *fardisaras* (sáias), e uma d'ellas teve esta phrase *encantadora*, fazendo reluzir de colera uns olhos muito negros, no seu rosto sórdido de megéra, com uns longes de coruja, ao mesmo tempo que ria, em amarello mau agoiro: «Ah môças este *paio,* (este estranho), que a minha vontade era *maral-o* (passal-o com uma navalha).

UM ASPECTO DA FEIRA

E lá se foram todas correndo, emquanto eu cogitava no desprendido arredondar da phrase, que hão de concordar, é de um bello épico selvagem...

Mas, que mais ha a esperar de gente que aprende a ser livre como o ar e forte como a desgraça!

Campo Grande, oh! Campo Grande! Evocação das interminas amplidões do sonho e da liberdade, tu és o reflexo do grande campo do Determinismo social. Tu acoitas, nas dobras do teu manto de folhagem escura, á noite, á hora a que os amores indescretos, vadios, ou levianos, se exteriorisam no teu seio de local mal policiado, á mistura com os eccos dos idyllios, os ronquidos sinistros dos párias e dos desesperados da triste vida e da negra sorte.

OUTRO ASPECTO DA FEIRA

Sim, de noite, fóra de horas, é perigoso penetrar nos teus meandros silenciosos, porque, não raro, n'alguns de teus bancos, reclina-se, então, a pobre gente sem vida e sem casa proprias, que remansa das noitadas do vicio ou das indigestões do crime. E' verdade, nem tudo em ti são alegria e bem estar; tu és tambem um logar de tragedia, de crime e dôr, porque eu bem vejo, á hora tragica e silenciosa do poente, penderem a cabeça sobre o hombro os rostos dos tysicos já sem vida, que julgam prolongal-a aspirando o teu ar. Tambem, de quando em quando, as gazetas noticiam no teu seio e nos teus flancos o gerar d'algum crime dos mais sensacionaes, e nos nossos ouvidos sôa o caso do *Collete Encarnado,* do *Quebra Bilhas* ou da ovarinasinha *Maria dos Anjos.* Os suicidas procuram tambem em ti um refugio, e é tão de uso irem ali dar fim aos seus dias, que se me afigura que, na tua belleza ha um não sei quê da attração do abysmo, para alguns dos filhos da Huma-

nidade. Ainda um d'estes dias, emquanto eu recolhia notas, ao pé do Lago Grande, uma ranchada de mulheres, que passava, parou, e murmurou uma d'ellas, começando todas a contemplar-me:

— «Não vá elle matar-se!»

E como eu replicasse que estava antes escrevendo para viver, ella me respondeu:

— «Não era maravilha. Ainda o outro dia, esteve ali em cima um, a escrever, a escrever, sentado n'um banco, depois, fartou-se de rabiscar e deu um tiro nos miolos.»

Então, ao ouvir aquillo, occorreu-me esta evocação de uma pagina da vida: uma falsidade de amor e o derruir de um castello de sonhada felicidade. Sim, ali, no interior do jardim, a uma das tôscas mesas, estivera, não havia quinze dias, o homem que depois havia de matar-se. Elle e ella tinham combinado ali um *rendez-vous* e o almoço.

Elle, fiel, debruçado dos olhos da bem amada; ella, voluvel e mudavel como o vento que soprava entre as ramagens, rindo-se d'elle no intimo, e esperando a vez de levantar o vôo para outras paragens de amor. Elles tinham já, ali, misturado, algumas vezes, com os seus beijos a sua fructa e o seu pão, mãos entre as mãos, olhar no olhar. E, um certo dia, ella desappareceu, abandonou-o, e elle, sempre com ella nos olhos, andou muitos dias rondando por ali, até que não a vendo mais, nem mesmo no espelho interior da sua alma, foi-se d'ella em busca e... partiu para não mais tornar!

O PREDECESSOR DO CHALET DAS CANNAS
(Paisagem de ha 30 annos)

Romance, no caso, dirão, do auctor. Romance que o não é, porque, succede tantas vezes, e é tão banal! Senão, digam-me, porque escreveu um, talvez elle, talvez o tal que se matou, o tôlo, é claro, aquelles versos que eu recolhi á pressa e commovido, de um tronco descascado, de um tronco desnudo, arido e desarraigado, e que lá estão ainda, para quem os queira ler:

Não posso viver sem ti,
Sem ti não posso viver;
Viver sem ti não é vida,
Viver sem ti é morrer!

E mais abaixo, n'uma tragica recriminação, n'um como que riso amargo, e contrahido;

Eu amei a uma ingrata,
Que tão mau pago me deu.
Ninguem mais de mim lhe fale,
Digam todos já morreu!...

Mas... que o morto fosse um tonto á antiga, dos que afinal ha em todas as épocas, ou um simples trapaceiro encravado, que varasse o cerebro por não ter com que pagar aos crédores, isso pouco importa ao aprazivel local de tantas transmutações scenicas, através das estações, dos tempos e das côres do seu azulino céo. De resto, elle não fará mais nem menos que o que faz a Humanidade, que o circumda, na lucta ferina da vida: viver, sentir, sonhar — soffrer e gosar — mascarar a dôr com o riso e esperar que o tempo e o espaço o determinem.

E o tempo e os homens virão ainda a imprimir, ali, novas modalidades a que nós, os de hoje — magua nossa! — não poderemos assistir. Felizes as arvores! Ellas continuarão a vicejar secularmente, indifferentemente.

EUGENIO VIEIRA.

Aragem que passa

EXACTAMENTE começava eu a experimentar o tedio da vida, assim fechado dentro de uma caixa de cartonagem branca, parecida com um caixão, sentindo-me ancioso por serem abertas as minhas varetas de marfim, entorpecidas por caimbras, quando fui comprado por um rapaz.

Soube depois que este rapaz era sobrinho e esperançado herdeiro da condessa de Danver, a quem por elle fui enviado como presente de annos.

Como eu tremia em commovida expectativa, quando me encontrei sobre a meza do almoço de mistura com varios outros pacotes e embrulhos, contendo presentes de annos.

Seria nova a minha dona, de olhos cheios de emoções, scintillando a espreitar por cima da minha orla de renda e lantejoulas?

Seria uma face macia e perfumada onde eu pousasse?

Seria...

Oh! Terminaram as minhas pitorescas conjecturas!

Eram arrancados por mão energica os meus envolucros, abriu-se a tampa do caixão de cartonagem e foi tirado de sobre mim o bilhete de visita que me acompanhava.

— *Com affectuosas homenagens e felicitações pelo seu anniversario, do Rodolpho,* leu uma voz — voz de mulher, sem doçura nem modelações suaves.

— Hum! continuou, desembrulhando-me do papel de seda, as «affectuosas homenagens» de Rodolpho levam sempre agua no bico!... Oh! um leque! Rendas de Bruxellas com lantejoulas! E novo! D'esta vez não me presenteia com uma das recordações devolvidas pelas namoradas! Dal-o-hei a Maria para guardar até eu precisar de um presente de casamento para alguem,

— Ah! Hum! Hu-u-u-m! Respondeu um ente masculino de nariz coroado de bolbos carmezins, entrincheirado por detraz do *Jornal do Sport.*

— Ai de mim! Adeus sonhos suaves de uma face fresca e macia, de uns olhos brilhantes e seductores!

A condessa de Danver era uma senhora robusta de 53 annos, de aspecto pratico e sensato; usava fato curto, genero *tailleur,* sapatos de frente quadrada, creava cães e depresava os homens,

Que triste destino para um aristocratico e delicado leque o ser agarrado nas suas mãos energicas e duras!

Apezar do meu desejo de entrar na vida e ver mundo, senti certa satisfação, sabendo que seria posto de parte. Talvez como presente de casamento tivesse melhor sorte.

Mas afinal não era o meu destino ser presente nupcial porque, estando a condessa a vestir-se n'essa noute para o baile da marqueza de Gayford, descobriu que estava partida uma das varetas do seu predilecto leque de pennas — objecto monstruoso e deselegante, feito de avestruzes e de tartarugas.

— Traga-me essa cousa nova que lhe dei hoje a guardar, exclamou com a sua voz rouca a minha dona, para uma criadinha de

olhar manhoso e accentuada pronuncia franceza.

Foi assim que fiz o meu debute no Palacio Gayford.

Ao subirmos a grande escadaria de marmore, o conde de Danver encontrou um conhecido que, segundo consta, recebe 500 libras por anno de uma fabrica de bolachas para cães, em troca de sustentar com ellas a sua matilha e de escrever sobre ellas uma serie de reclamos panegyricaes:

— Olha lá! rosnou o conde. Quero outro *bull-dog*; tens algum para vender?

O tal conhecido fez com a cabeça signal negativo.

— Não tenho, respondeu, mas sei quem possue um exemplar magnifico — e vende-o barato. Ainda no outro dia vendeu um a Keith Dellmore.

— A morada d'elle?

— *Court Square* — n.º 2.

O conde sacou da algibeira ama lapiseira de ouro e lançou em volta um olhar vago.

A condessa comprehendeu evidentemente, o vago d'esse olhar, e com um gesto rapido e energico (era odiosamente energica) arrancou o lapis da mão do marido e *rabiscou a morada em uma das minhas delicadas varetas de marfim!*

Imaginem, servir-se de mim, um elegante e finissimo leque, debutando na vida, para escrever a morada — *de um bull-dog!*

Após esta humilhação a minha dona chegou ao cimo da escada, cumprimentou os donos da casa e entrou na sala de baile,

Oh! Que deslumbrante espectaculo! Apezar de me sentir feio e insignificante ao lado dos magnificos leques esmaltados e cravejados de pedras preciosas, fluctuando languidamente em mãos aristocraticas, comprehendi que estava no meu elemento e que emfim, entrava no mundo a valer.

Durante bem um quarto de hora a condessa de Danver agarrou-me, sacudiu-me, gesticulou commigo; depois, quando a orchestra rompeu uns lanceiros, depoz-me em um sophá, emquanto pregava com um alfinete, a cauda do deselegante e usado vestido de rendas pretas.

Cinco minutos mais tarde tinha-se affastado, deixando-me esquecido, abandonado — e *livre*.

Durante uma hora deliciosa, fiquei n'esse sophá de pelucia vermelha, com as minhas varetas a meio abertas, e os meus olhos de prata e lantejoulas scintillando de alegria.

Estava vendo o mundo e a vida.

Eram esquecidos já os dias passados, quando em Bruxellas nasci e fui adquirindo vida e formosura, em uma almofada cheia de bilros.

Estava lançado no oceano de um *season* de Londres, estava...

— Tenho a certeza que o deixei por aqui — talvez alguem o levasse! Ah! não, cá está elle!

Ouvindo estas palavras, ditas em voz suave e cheia da frescura de mocidade, olhei e comprehendi que terminára a minha breve hora de liberdade.

Em frente do sofá, onde eu estava, vi uma rapariga, que realisava tudo quanto eu sonhára, dormindo na minha caixa de cartonagem.

O rosto era pequeno — quasi pequeno de mais, talvez — os labios vermelhos e finos; os olhos da côr das violetas... ou da flôr do linho? puros e risonhos; os cabellos dourados e abundantes formavam uma luminosa aureola em volta do pequeno rosto. Tinha a pelle lisa e polida como as minhas varetas de marfim e a sua figurinha esguia e graciosa começava apenas a assumir a dignidade de mulher.

— Como estou contente por tel-o encontrado! — foi um presente de Keith, antes de casármos, continuou o meu Sonho Radiante, pegando em mim e segurando-me pela forma que mais agrada a um leque: leve e descuidada muito embora com certa firmeza, em mão de excepcional pequenez, coberta de finissima *suéde*.

— Oh! E' então, na realidade, uma recordação, mrs. Dellmore, replicou o seu par, com o tom malicioso que involuntariamente se manifesta na voz de alguns homens, quando uma mulher muito apetitosa se refere ao marido, exprimindo qualquer sentimento mais ardente do que a simples tolerancia.

— De certo, respondeu ella, com gravidade, emquanto a orchestra irrompeu n'uma valsa delirante e tumultuosa, para a qual veiu convidal-a uma personagem alta, de energico perfil, face morena, olhos pardos e lustrosos cabellos apartados ao meio.

Segurando-me levemente na mão, que descançava no hombro do par, Yolanda Dell-

more e a personagem de perfil energico, deslisaram na valsa, como se elles e o rythmo da musica fossem uma unidade.

— Estou tão contente por estar emfim junto de ti, murmurou Yolanda, com um pequeno risinho de alegria, que deixava transparecer a sinceridade das suas palavras.

— E eu ainda mais, replicou elle rapidamente, emquanto o seu braço a apertava com mais ternura.

Fiquei indignado, completamente indignado e desilludido — porque uma mulher nova, casada e leviana é abominavel para todo o leque que se presa.

Quando eu já quasi suspirava pela honestidade de bota de frente redonda da minha verdadeira dona, Yolanda tornou a falar.

— E' de um *burguezismo* extremo pensar que, depois de seis mezes de vida de casados, ainda gostamos mais de dansar um com o outro do que com qualquer outra pessoa, não te parece? disse ella, olhando-o através dos longos cilios.

Ainda bem! Afinal, a personagem de energico perfil era Keith Dellmore, seu marido. Não havia o menor motivo para indignações!

Quando me encontrei com elles, caminho de casa no seu confortavel coupé, fiz ardentes votos para que nem Yolanda descobrisse nem Lady Danver, que por engano, haviam trocado os leques.

Era deveras idyllico pertencer a essa linda rapariga, que regressava dos bailes, com a cabeça encostada gentilmente ao hombro do marido.

— E' então verdade que preferes dansar com o teu senhor legal a fazel-o com outros?

— Será talvez por nunca ter encontrado quem valse tão bem como tu, respondeu a mulher, e accrescentou audaciosamente, a não ser talvez... Nigel Clyde!

O braço de Keith diminuiu um pouco a sua amorosa pressão.

— Lisongeia-me ser comparado ao capitão Clyde, respondeu elle, um pouco friamente.

Ao chegarmos a casa, Yolanda deixou-me na meza do gabinete do marido emquanto liam umas cartas, vindas na ultima distribuição; depois, esquecendo-se evidentemente de que eu estava tão cançado como ella, retirou-se apressada aos seus aposentos, deixando-me nas proximidades de uma desagradavel caixa de charutos e de uma obnoxia garrafa.

Keith, depois de ter misturado umas bebidas que depois soube ser *Whisky* e *soda*, levantou-me da mesa destrahidamente e examinou-me.

Tinha no olhar uma bella expressão de ternura viril, vendo o que elle julgava ser um dos seus presentes anti-nupciaes.

— Ha seis mezes já... murmurou elle, seis mezes... Como foge o tempo!...

Parou de repente. A expressão de ternura viril deu logar a uma chamma feroz, emquanto o perfil assumiu alarmantes traços napoleonicos.

Fitavam-se-lhe os olhos na morada rabiscada a lapis, que maculava uma das minhas brancas e virginaes varetas.

Permaneceu silencioso durante uns segundos, depois, soltando uma exclamação que não pode ser repetida por um leque de rendas brancas, fechou-me com uma violencia que me causou agonias, apertando-me com força entre as mãos.

Sentia-me aterrado... mais uns instantes e estaria partido ao meio, um objecto arruinado e inutil!

— Perdão, meu senhor, a senhora deixou aqui o leque.

A voz da creadinha franceza de Yolanda foi a minha salvação!

— Ah... sim... aqui o tem! Leve lh'o — boa noute, boa nonte, respondeu Keith, entregando-me a uma rapariga garrida e cheia de arrebiques, cuja pronuncia estrangeira era ainda mais accentuada de que a da creada da condessa de Danver.

A arrebicada creaturinha descobriu com evidente satisfação uma nova nota na voz de Keith. Seis mezes sem arrufos matrimo-

niaes... era de uma monotonia desoladora.

Dormi n'essa noute muito confortavelmente n'uma pequena gaveta, em cima de uma *boa* de plumas brancas e ao lado de um antigo leque de gaze preta, que dava o cavaco por contar e ouvir contar mexericos, com a tendencia de todas as cousas velhas.

Por madame Gaze soube varias cousas ácêrca da familia, onde um acaso e um engano me haviam tão singularmente collocado.

— Ah! sim, são uns noivos muito felizes, muito apaixonados, o que segundo me diz o leque de flôres da duqueza de Joy, contraría por completo todos os vaticinios dos prophetas da Sociedade, disse madame Gaze, quando ainda dez minutos não tinham decorrido após a minha entrada na gaveta.

— Porque foram maus os vaticinios?

— Porque Yolanda não fez outra cousa senão ferir corações desde a sua apparição na sociedade, ha dois annos e todos prophetisavam que ella tambem despedaçaria o coração do marido! A todos parecia impossivel que Yolanda Gwynn deixasse de namoricar — mas deixou — pelo menos até hoje!

— E então ella nunca teve outra paixão?

Madame de Gaze estremeceu com intimo prazer.

— Ora, não sabe que ella esteve para casar com um tal capitão Clyde — Nigel Clyde — que afinal sahiu um tanto ou quanto biltre . .

— O que é um biltre? interrompi eu.

— Quem escorrega e se deixa apanhar. Assim, desmanchou-se o casamento, mas murmura-se que a verdadeira razão porque Keith tem tanto ciume d'ella. .

N'esse ponto ouviu-se uma voz do fundo da gaveta. Era a de um pequeno leque hespanhol, em cujo seio scintillante um *torero* e uma *maja* de olhos negros, dançavam uma sevilhana.

— Devo declarar-lhes que a esse respeito Keith não tem razão alguma. Estava eu na mão de Yolanda, quando ella despediu o capitão — foi no baile de mascaras que deram os Baltry — por isso sei o que ella disse e o que o outro lhe respondeu. Ciumes, quando ella nunca mais o viu desde essa noute até hoje! *Oh! eso és la verdad! Yolanda es una...*

Como nem madame de Gaze comprehendesse, nem eu, o hespanhol, tomando um ar de langoroso aborrecimento, deixámos cahir a conversação.

Na manhã seguinte, quando me dispunha já a fazer mais algumas perguntas, a menina dos arrebiques abriu a gaveta, procurando qualquer cousa. Era um lacinho de rendas em que ella tencionava dar uns pontos,.., para quebrar a monotonia de não fazer cousa alguma — segredou madame de Gaze, com ironia, á sombra da *boa* branca.

Remexendo na gaveta voltou-me com mão irreverente e descuidada, e as minhas varetas abrindo-se, mostraram o endereço escripto a lapis, do homem que tinha um *bull-dog* para vender.

Durante momentos os olhos de papagaio da rapariga luziram de jubilo infernal.

— Ah! ouvi-a murmurar.

Emfim uma intriga!

Depois, reparando de repente nos lavores da renda da minha orla, soltou uma exclamação de desapontamento e tirou-me com impaciencia da gaveta, levando-me para o gabinete de Yolanda. Ahi vi uma rapariga de aspecto desolado, envolta n'um luxuoso roupão azul pallido, cujos olhos contemplavam com amargura o espaço.

Seria causa d'essa desolação o facto de Keith, pela primeira vez na sua vida matrimonial de seis mezes, ter sahido para o ministerio, sem lhe dar um apaixonado beijo?

— Perdão, minha senhora, v. ex.ª trouxe para casa por engano este leque. Veja, o padrão da renda é differente, tem folhas em vez de rosas e n'uma das varetas vem escripta uma morada.

Um lampejo de interesse banniu por instantes a desolação e Yolanda, segurando-me na sua macia e sympathica mão, examinou a morada do *bull-dog*.

— N.º 2 *Court Square,* murmurou ella. Quem morará ali? Provavelmente a dona do leque ou uma amiga da dona.

— Quer que lh'o mande, minha senhora? perguntou a creatura dos arrebiques.

— Sim... não; vou sahir de carruagem; passarei por lá. E' uma diversão!

Assim cumpria-se o meu destino!

Era sorte minha ir para o *bull-dog!*

Por volta das cinco horas da tarde, Yolanda, levando-me embrulhado em papel de seda, mandou parar a carruagem em *Court Square.*

Oh! minhas apprehensões! Eu tremia como se estivesse na mão de uma ingenua, ao ouvir a primeira declaração de amor.

No 2 era um rez-do-chão. Ting...g...g. tocou a campainha electrica, estremecendo como se ficasse perturbada pelo contacto de uma luva de mulher.

A porta foi aberta por um creado, que teve, ao ver Yolanda, um rapido e velado relampago de reminiscencia no olhar descreto.

— Hontem levei para casa este leque, começou Yolanda, e vi depois..

Parou de repente; a sua voz penetrára até um quarto interior.

Abriu-se a porta. O creado de olhar descreto desfez-se na obscuridade.

— Yolanda! exclamou o homem que sahiu d'esse quarto interior.

E eu, apesar de ser um leque inexperiente, comprehendi pela expressão d'aquella voz ao pronunciar o nome d'ella, que a amava — ou que a havia amado — o que em certos casos é quasi a mesma cousa!

— Eu... eu... vim aqui por engano. Não tinha idéa alguma...

— De que eu me havia mudado para aqui?

APERTOU-ME COM FORÇA ENTRE AS MÃOS!

— Nem a mais leve, capitão Clyde.

Yolanda recuperára já completo sangue frio. Tornára-se a perfeita mrs. Dellmore!

O homem, a quem o leque de tulle preto chamára *biltre,* fez apenas um cumprimento, curvando a cabeça.

Não sei porque, fiquei com pena do *biltre;* mas, tendo Yolando rasgado nervosamente o meu envolucro de papel de seda, tive ensejo de ver os olhos d'elle.

Não eram de malvado esses olhos, fosse o que fosse o resto.

Em poucas palavras mrs. Dellmore explicou o caso e com egual brevidade lhe respondeu o seu namorado de outr'ora.

Então, Yolanda tendo obtido a certeza de que elle nada tinha a ver comigo, cumprimentou-o e despediu-se, emquanto o *biltre* a seguia com um olhar de profunda desesperança.

Vagarosamente, Yolanda atravessou o vestibulo e ao tornejar a hombreira de marmore da porta...

— Keith! Tu!

A mulher e o marido pararam face a face.

— Tu... vens do numero 2... Era mais uma affirmação do que uma pergunta.

— S...i...m, eu...

— Tu soubeste a nova morada do capitão Clyde hontem á noute, e escreveste-a na vareta do teu leque... para que não a podesses esquecer! Foi um azar para ti que eu por acaso visse o leque e tambem *por acaso* me aconteceu seguir esta tarde as tuas evoluções!

Por instantes, Yolanda poz de parte o intenso orgulho que era do seu caracter.

— Keith! exclamou ella. Só esta manhã soube que o leque não era meu e havia qualquer cousa escripto em uma das varetas. E como eu ignorasse quem morava no numero 2 Court Square lembrei-me de vir...

N'este ponto Yolanda perdeu o animo, porque a explicação dos factos, até a ella propria parecia horrivelmente incrivel.

— *Cala-te,* murmurou Keith sem a menor inflexão na voz. Cala-te, E' tudo absolutamente inutil.

Então sem accrescentar palavra, cumprimentando-a com o chapeu, com ceremonia, voltou-lhe as costas.

Yolanda entrou machinalmente no *coupé* e deu ordem para casa.

— Para casa!... murmurou ella. Phrase suave, que tão grande significação tem para as mulheres.

Depois, dominando a ternura que, involuntariamente lhe encheu o coração, apertou os labios em uma linha tão recta e dura, que seria difficil adivinhar a existencia ali de uma bocca apetitosa e rosada.

Reassumira a expressão physionomica de uma mulher, tomando pela primeira vez uma resolução tremenda e eu adivinhei que essa resolução significava — *adeus*.

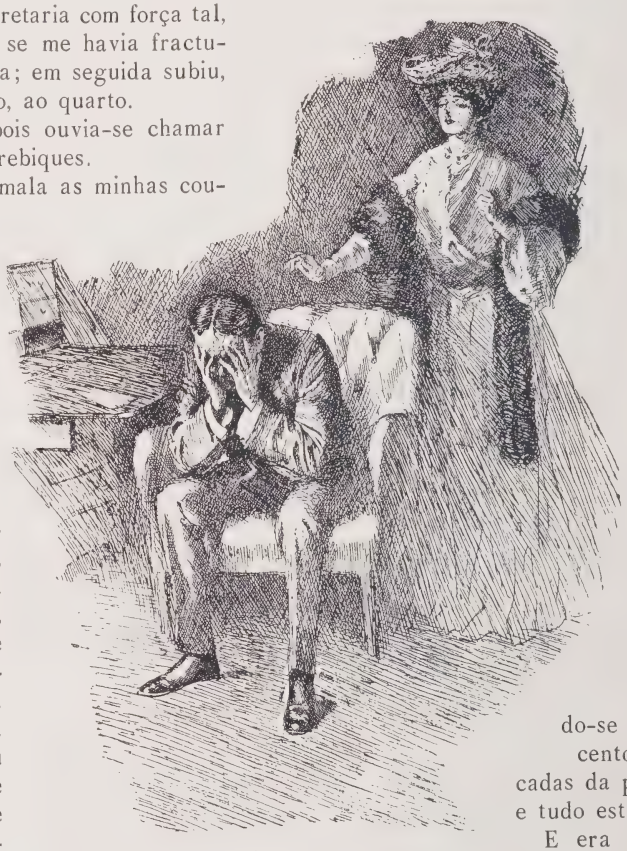
Ao chegarmos a casa abriu a porta do gabinete do marido e atirou comigo para cima da secretaria com força tal, que julguei que se me havia fracturado uma costella; em seguida subiu, como um furacão, ao quarto.

Momentos depois ouvia-se chamar a menina dos arrebiques.

— Lisette, emmala as minhas cousas, eu..eu.... fui chamada á pressa.

E era eu o culpado de isto tudo!

Se ao menos eu podesse pronunciar palavras de explicação, tudo se esclareceria; mas, apezar da minha transparencia, tão grande que se pode ver atravez de mim, era condemnado a guardar no meu seio para sempre um segredo que eu ardia por contar.



APPROXIMOU-SE D'ELLE SUAVEMENTE

E', em verdade mister meu na vida, levantar leves aragens; mas nunca um devastador cyclone como este!

Principiava a deplorar que as minhas varetas de marfim não houvessem ficado nas florestas africanas e a desejar que o meu panno nunca tivesse sido despegado da almofada e dos bilros, em Bruxellas, quando se abriu a porta e entrou Keith no gabinete.

Ah! como eu tremia! Até se entrechocavam as minhas varetas de marfim!

Ver-me-hia?

Ficaria entre as suas mãos, despedaçado e triturado em mil pedaços?

Dirigiu-se vagarosamente para a secretaria onde eu me encontrava, fitou em mim o olhar e empurrou-me para longe como se eu fosse um objecto nojento; depois, com um gemido profundo que me apavorou, deixou cahir a cabeça nas grandes mãos brancas, ficando assim em silencio terrivel.

Esse triste silencio era apenas interrompido pelo som de pessoas apressadas, correndo de cá para lá, o arrastar e fechar de malas e os passos rapidos dos pequenos pés da menina dos arrebiques, lá em cima.

Passou-se assim meia hora e então a voz de Lisette deu ordem ao creado, que chamasse uma carruagem, d'ahi a cinco minutos, porque estava tudo prompto para a partida.

Passaram segundos, tornando-se minutos... mais cento e cincoenta pancadas da pendula do relogio e tudo estaria acabado!

E era eu, só eu o culpado!

De repente abriu-se a porta para dar passagem a um creado com uma carta, que viera evidentemente por mão propria, endereçada a Keith Dellmore.

O seu primeiro impulso foi de a pôr de parte sem a abrir — o segundo de rasgar o sobrescripto e lêr o contheudo, que era o seguinte, segundo eu vi, do meu elevado logar, em cima de um monte de papeis:

«*Meu caro sr. Dellmore.* — Quer ter a gentilesa de me ajudar a vencer uma diffi-

culdade, antes que me veja forçada a confessar a meu marido o meu enorme crime de ser descuidada?

Hontem á noute no palacio Gayford, o Carlos encontrou-se com mr. Canyne, dando-lhe este a morada de um homem que tem um *bull-dog* para vender. Esta morada escrevi eu n'uma das varetas do meu leque, que deixei algures, trazendo por engano outro — por signal melhor do que o meu — e perdendo assim o leque e a morada! O motivo que me leva a escrever-lhe é o sr. Canyne ter dito a meu marido que este mesmo individuo lhe vendeu ha pouco tempo, outro cão; por esta fórma eu julgo que me poderá supprir a falta do endereço perdido.

Não o encommodaria se o sr. Canyne não tivesse partido esta manhã para a Suecia, sendo muito demorado appelar para elle.

Com affectuosos cumprimentos para sua mulher e para si, sou — Sua sincera amiga, *Jane Danver.*»

«*P. S.* — Parece-me que a morada tinha qualquer cousa de *Court;* mas a minha pobre memoria torna-se dia a dia mais parecida com uma peneira; d'aqui a pouco esquecerei o meu proprio nome. — *J. D.*»

O que se seguiu foi deveras compromettedor para um leque branco e virginal.

Keith Dellmore agarrou-me, collou-me aos labios e cobriu-me, na realidade cobriu-me, de ardentes beijos; depois, sahindo precipitadamente do gabinete, encontrou a mulher, que descia a escada.

— Yolanda! exclamou.

— Que me queres?

— Eu... eu acabo de receber isto, lê!

Silencio. Apenas o ranger do papel da carta que ella estava lendo.

— Bem, já a li. Ainda bem para ti que tudo se explica... para mim não me faz differença... *duvidaste de mim!*

E sem pronunciar mais palavra encaminhou-se para a porta, emquanto Keith Dellmore, voltando-se tornou a entrar no gabinete.

* * *

Passaram instantes.

Outra vez me encontrei sobre a secretaria, junto da cabeça curvada de um homem.

Era horrivel vel-o assim! Como podia ella, como podia uma rapariga, tendo deante de si todas as alegrias da vida, sacrifical-as, só por estupido orgulho!

Se ao menos eu a podesse chamar!... se ao menos...

Ah! Que ruido é esse? O *frou-frou* das saias de seda de uma mulher! A porta abre-se.

E' Yolanda.

Approximou-se d'elle suavemente.

— Meu amor, murmurou ella. Não sinto forças para partir... sem ti o mundo é um deserto... Keith, eu... quero ficar... guarda-me bem no teu coração!

E elle, abrindo os braços, guardou-a no coração.

Versão de Celia Roma.

Menandro e Séneca

I

Menandro

Hilarodia ou hilaro-tragedia — Antiphane — Nicophon — Dionisio e Diodoro de Sinope — Cratino, o «moderno» — Ephippos — Theopompo — Diphilo — Euphron — Menandro — Nausicrates — Philemon — Philemon, o «moderno» — Philippedes — Posidippo — Damoxenes — Dioxippo.

Um dos generos que os poetas comicos tinham criado foi a *hilarodia* ou *hilaro-tragedia*, cujo elemento essencial era a parodia litteraria. As origens da parodia na Grecia são antiquissimas. E' prova d'isso a *Batrochomyomachia*, attribuida a Homero, e, mais tarde, os dramas satiricos, a *Gigantomachia*, de Hegemon de Tharos, de quem já tratámos, e as comedias de Aristophanes. Foi principalmente Rhinton, como atraz dissémos, quem fez da parodia litteraria o objecto unico de uma peça de theatro.

POSIDIPPO
DE CASSANDRIA
(Estatua antiga do Vaticano)

Ainda outras innovações tinha experimentado a maneira de ser das peças. Uma d'ellas era o aproveitamento da agnição, isto é, o reconhecimento dos laços de parentesco existentes entre personagens que o desconheciam no principio da acção.

Os mais illustres representantes da *comedia media* foram no seculo v antes da nossa era Antiphane e Nicophon. O primeiro nasceu em Rhodes cêrca de 410 e morreu em 306; compoz, affirma-se, duzentas e sessenta ou duzentas e oitenta peças, e foi, com Aleixo, a quem n'um dos outros capitulos nos referimos, o representante mais illustre da *comedia media* em Athenas; só existem d'elle fragmentos. O segundo escreveu varias peças de que unicamente possuimos os titulos d'algumas, como por exemplo: *Adonis*, o *Fugido dos infernos*, *Nascimento da Aphrodita*, *Pandora*, os *Artistas*, as *Sereias*.

No seculo iv floresceram Dionisio e Diodoro de Sinope, Cratino, o «moderno», Ephippos, Sotades e Theopompo. Do primeiro nada se sabe. Do segundo chegaram até nós os titulos das suas peças: a *Tocadora de flauta*, os *Panegyristas*, a *Herdeira*. Relativamente ao terceiro houve sempre confusão entre as suas peças e as do seu homonymo, Cratino, o «antigo»; uma das peças de Cratino, o «moderno», o *Diniz Alexandre*, era dirigida contra Alexandre de Pheres; attribuem-se-lhe ainda outras peças: os *Gigantes*, *Therameno*, *Omphala*, *Chiron*, o *Hypobolimaios*, etc. O quarto escreveu: *Busiris*, as *Gorgonas*, *Artemis*, os *Naufragos*, *Geryon*, *Circe*, *Sapho*; algumas d'estas peças, de que só se conhecem os titulos e de que só restam alguns fragmentos eram sem duvida parodias. Do quinto tambem nada se conhece. Do sexto, apenas se sabe que foi contemporaneo de Aristophanes, embora um pouco mais novo; só existem d'elle fragmentos.

Da *comedia nova* no seculo iv registra a

historia os nomes de Diphilo, Euphron, Menandro, Nausicrates, Philemon, Philippedes Posidippo e Rhinton.

Diphilo, nascido em Sinope, é um dos principaes representantes da comedia nova, contemporaneo e rival de Menandro e de Philemon; vivia em Athenas no meio dos esturdios; attribuia-se-lhe um cento de comedias; Plauto aproveitou o assumpto de varias das suas comedias: a *Casina*, o *Rudens*, o *Asinaria*; e Terencio imitou-o nos *Adelphos*. De Euphron só se conhecem os titulos ou fragmentos de algumas comedias: os *Adelphos*, os *Synephebos*, os *Theoras*. De Nausicrates poucos são os fragmentos que lhe sobreviveram.

Philemon nasceu em 361 e morreu em Athenas ou no Pireu em 262. Foi um poeta comico notavel. Era originario, segundo uns, de Soles, na Cilicia; segundo outros de Syracusa. Estreou-se no theatro em Athenas, em 330. No dizer de Alciphron, passou algum tempo na côrte de Ptolomeu, rei do Egypto. Durante esta viagem, uma tempestade atirou-o para as costas da Cyrenaica, onde cahiu em poder do rei Magas, que o quiz ridicularizar, e que, para o assustar, lhe mandou apontar uma espada ao pescoço. A tradição quer que o poeta, quasi centenario, morresse em pleno theatro, no momento em que acabava de ser coroado, ou então em sua casa, ao rever uma das suas peças, depois de um sonho em que contemplara as nove musas a sahir da sua habitação. Seu filho, Philemon, o «moderno», compoz um grande numero de peças, mas nenhuma chegou até nós, conhecem-se apenas os titulos e os fragmentos de umas sessenta. Philemon foi rival de Menandro, dedicando-se, como elle, a pintar os costumes do tempo. Foi muitas vezes imitado e traduzido parcialmente pelos poetas comicos latinos, nomeadamente por Plauto e Cecilio. Plauto imitou o seu *Emporos* no *Mercator*, o seu *Thesauros* no *Trinummus* e sem duvida o seu *Plasma* na *Mostellaria*.

Philippides esteve muito ligado com o rei Lysimaco, mas parece ter vivido sobretudo em Athenas; fez-se notar pela ousadia com que atacou o luxo e a corrupção do seu tempo; morreu de alegria, conta-se, ao informarem-no de que obtivera uma victoria dramatica; compoz quarenta e cinco comedias. Posidippo, nasceu em Cassandria na Macedonia; foi um dos ultimos representantes celebres da comedia nova; estreou-se no theatro em 290; conhecemos por Atheneu os titulos de dezoito das suas comedias e possuimos d'ellas alguns fragmentos. Os seus *Didymos* parecem ter servido de modelo aos *Mnechmas* de Plauto; no Vaticano existe uma estatua antiga que representa Posidippo assentado. A biographia de Rhinton já a esboçámos n'um dos capitulos anteriores.

MENANDRO

(Estatua antiga do museu Pio-Clementino Vaticano)

O principal representante da *comedia nova* foi Menandro, nascido em Athenas em 342 e morto n'essa mesma cidade em 292. Filho de Diopitho, de Kephissia, e de Hegesistrato, sobrinho do poeta comico Aleixo, pertencia á burguesia atheniense rica. Recebeu de Aleixo as primeiras lições da sua arte; em philosophia, foi discipulo de Theophrasto e de Epicuro. Levou a existencia das elegantes e deu-se aos prazeres; teve por amantes a cortezan Glycera, e depois Thais. Não gostava de viver senão em Athenas, e recusou os offerecimentos de Ptolemeu Soter, que o quiz attrahir ao Egypto. Compoz, diz-se, cento e oito comedias. A primeira foi representada em 322, e ganhou o premio oito vezes. Conhecemos as suas comedias por numerosos fragmentos, pelas imitações feitas por Plauto e Terencio, e por uma collecção de *Sentenças monosticas*, que parece ter sido composta na época romana com extractos das suas obras. Eis os titulos das principaes: a *Andriana*, as *Aphrodisias*, o *Ramo*, a *Beocia*, o *Calumniador*, a *Canephora*, o *Carthaginez*, a *Citharista*, a *Cnidia*, o *Cocheiro*, os *Convivas*, os *Primos*, a *Bilha*, o *Deposito*, a *Adivinha*, a *Escrava*, o *Eunuco*, o *Falso Heraclio*, a *Mulher sovada*, as *Festas de Hephaistos*, o *Adulador*, a *Herdeira*, a *Pasteleira*, os *Pescadores*, os *Pilotos*, os *Sacerdotes de Cybele*, os *Soldados*, a *Superstição*, *Thais*, o *Thesouro*, a *Viuva*, etc. Menandro foi um pintor de costumes incomparavel; o primeiro na historia

da comedia; primava em tecer fortemente a intriga; possuiu o dom do pathethico, da invenção comica; soube tirar do theatro lições de philosophia familiar; creou ou fixou a maior parte dos typos que, da comedia nova passaram para a comedia latina, e até com frequencia para a comedia moderna. Foi tambem um escriptor maravilhoso, de linguagem simples e pura, viva, pinturesca.

Da *comedia nova* a historia só regista dois nomes: o de Damoxenes e o de Dioxippo. Do primeiro só se conhecem fragmentos; do segundo atravessaram os seculos os titulos d'algumas das suas peças: o *Thesouro,* os *Juizes,* o *Historiógrapho,* o *Avarento.*

De todos estes, o nome que ficou para sempre gravado na historia em caracteres indeleveis, foi o de Menandro.

II

Theatro grego moderno

O mimo — Rhapsodos e aedos — Actores gregos — Aristodemos — Callipidas — Maeson — Polus — Bronteu — Theatro grego moderno — Leoncio Allaci — T. Alkaeos — Aristias — Demetrio Bikelas — Athanasio Christopoulos — S. K. Karydis — Panaghictis — Panas — Rhangabé — Nerulos — Panagiotis Soutzo — Skylissis — Valoritis — Zampelios — Zoiros — C. Christomanos — Spiro — Melas — G. Xenopoulos — P. Horn — P. Nirvanas — «Filho do Iskios».

A palavra *mimo,* do latim *mimus,* do grego *mimos,* de *mimeomai,* eu imito, era um genero de comedia popular onde o auctor se dispunha a pintar personagens e caracteres, a *imitar* a vida e os costumes, conforme a propria etymologia da palavra. Em geral, os *mimos* eram pequenas peças que se compunham apenas de algumas scenas de duas ou tres personagens, em que não figurava o côro e onde a acção se reduzia quasi a nada. Na origem escreviam-se em prosa, ou antes n'uma especie de prosa rytmica; mas depois da época alexandrina, sobretudo em iambicos escazões ou choliambicos. Sophron de Syracusa passava por ser o inventor do *mimo.* Teve por imitadores seu filho Xenarcos e alguns outros escriptores. Ao genero *mimo* ligavam-se algumas vezes as parodias tragicas, as *hilaro-tragedias,* as *phyliacas* inventadas pelo poeta Rhinton, emfim os *miniambos* da época alexandrina. Póde-se fazer idéa do *mimo* grego pelos fragmentos que nos restam de Sophron, pelos dialogos socraticos de Platão, por certos idylios de Theocrito, nomeadamente as *Syracusanas* e sobretudo pelos curiosos *mimos* de Herodas.

Os mimógraphos mais celebres da Grecia fôram Sophron, Xenarco e Philistion.

Sophron nasceu em Syracusa no fim do seculo v antes de Christo. Era contemporaneo de Eurípides, e parece ter passado a sua vida na Sicilia. E', como atraz notamos, o principal representante, e sem duvida, o creador do *mimo.* Conhecem-se de Sophron alguns fragmentos, e os titulos d'alguns dos seus *mimos:* o *Pescador de atuns,* o *Pescador e o camponez,* os *Pescadores,* os *Velhos,* as *Feiticeiras,* as *Mulheres á mesa,* as *Mulheres nas festas do Isthmo,* etc.

Xenarco era filho de Sophron, e, como elle, escreveu *mimos,* intercalando-lhes satiras moraes e politicas.

Philistion nasceu em Nicéa ou em Prusa no seculo I da nossa era. Tornou-se afamado no fim do reinado do imperador romano Augusto e durante o reinado de Tiberio. Morreu, diz-se, em consequencia de um accesso de hilaridade. Restaurou o antigo *mimo* grego, tornado illustre por Sophron. Segundo Suidas, compoz *comedias biologicas,* serie de scenas burlescas. A maior parte das suas peças estavam reunidas n'uma collecção intitulada *Philogeles* ou o *Amigo do riso.* Um epigramma grego celebra n'elle um dos consoladores da miseria humana. Possue-se, com o nome de Philistion, varias sentenças. Algumas estão reunidas n'um opusculo intitulado *Comparação entre Menandro e Philistion.* Mas muitas d'estas sentenças parecem provir de Philemon.

Agora, duas palavras ácêrca dos actores gregos.

Fôram os rhapsodos os arautos dos actores propriamente ditos, como o fôram dos trovadores medievaes. O *rhapsodo,* segundo as encyclopedias, era um cantor que *cosia* ou *adduzia* cantos para formar d'elle um todo. Na sua origem, os rhapsodos confundiam-se com os *aedos,* isto é, com os poetas da época primitiva que, nas grandes solemnidades, cantavam hymnos, poesias mysticas,

cosmogonias e theogonias compostas por elles. A principio fôram sacerdotes, e os seus cantos eram exclusivamente religiosos; mais tarde fôram artistas independentes que cantavam esses hymnos. Com o rodar dos annos, a palavra *aedo* continúa a servir para designar todos os cantores, reservando-se o nome de *rhapsodo* aos *aedos* que se dedicavam á poesia épica. Os mais celebres e mais antigos dos *rhapsodos* são os *Homeridas* de Chios e os *Creophylienses* de Samos. Eram elles os depositarios da tradição dos velhos cantos épicos, dos poemas homericos, quem percorria o mundo grego divulgando as suas descripções cavalheirescas, addicionadas umas ás outras, de modo a constituirem grupos. A principio declamavam acompanhando-se com a phorminge ou com a cíthara, depois emanciparam-se da musica, na recitação do verso. Na Attica, Solon deliberou que os *rhapsodos* figurassem nas solemnidades officiaes, mas que haviam de conformar-se com um texto preestabelecido. Pisistrato mandou rever e fixar o texto official dos poemas homericos por uma commissão, como hoje se denominaria, constituida por Onomacrito, Zopyro de Heracléa, Conchylos e Orpheu de Crotona. Seguiram o exemplo de Athenas outras cidades que tiveram tambem o seu texto official, chamado edição das cidades. Os certamens rhapsodicos estiveram em voga na côrte de Alexandre e depois na dos Ptolomeus.

MIMO

Nas primeiras épocas do theatro as mulheres não appareciam em scena; todos os papeis eram desempenhados por homens. A profissão de actor na Grecia não tinha nada de deshonroso; o homem que interpretava uma personagem no theatro não era excluido dos cargos publicos. Já não succedeu o mesmo em Roma, onde os actores não eram homens livres, como na Grecia, mas escravos. O facto de se mostrar em scena determinava para um romano a perda dos seus direitos de cidadão. Na Edade Media, como n'outra obra escrevemos (1), foi a Egreja que, pela representação publica dos *mysterios*, deu origem ao theatro moderno. No seculo XV da nossa era agruparam-se em França alguns burguezes que, sob a designação mais tarde famosa de «Confrères de la Passion» deram espectaculos publicos e fôram os primeiros actores d'aquelle paiz. Os estudantes, os escripturarios do parlamento imitaram-nos, e, com os diversos titulos: «Enfants sans souci» e «Clercs de la basoche» começaram a representar egualmente farças, *sotias* e moralidades. Não eram ainda actores de profissão, mas para lá se encaminhavam. Foi só na segunda metade do seculo XVI que uma verdadeira companhia de profissionaes se estabeleceu no palacio Bourgogne, que devia tornar celebre, e onde depressa attrahiu toda a população de Paris.

Embora a situação social do actor fôsse considerada em França, como em outros paizes, inferior, e que a Egreja se recusasse a enterrá-los em sagrado, como succedeu com Moliére e outros, nem por isso eram menos queridos do povo, graças ao seu talento, nem menos acarinhados e procurados pelos grandes. O actor actual é, não só considerado e respeitado, mas ainda querido. Com a desapparição dos *pateos*, como escreve um illustre critico theatral, onde se exhibiam actores recrutados nas camadas mais baixas da sociedade, individuos sem brio que não raro entravam em scena embriagados, o theatro entrou n'uma nova phase, assumindo o aspecto que compete a tão poderoso agente da civilisação e do progresso.

Uma parte dos escriptores de tragedias e comediographos gregos, representaram as proprias peças. E' limitado o numero de actores da antiga Grecia que, atravessando as edades, impuzeram o seu nome á historia do theatro. D'esses conhecem-se apenas os seguintes:

Archias, denominado *Phygadothero (caçador de fugitivos)*, foi actor e auctor dramatico. Vivia na segunda metade do seculo IV antes de Christo. Transformado em instrumento de Antipater, prendeu Hyperide, Himereu e Aristonico. Dirigiu-se em seguida a Calauria para arrancar Demosthenes do templo de Neptuno; o orador, porém, escapou-se-lhe envenenando-se. Archias acabou

1) *Evolução do theatro.*

a sua vida na miseria e no desprezo. Como o leitor vê, da vida artistica de Archias nem uma palavra.

Aristodemos foi um famoso actor tragico, que vivia em Athenas na segunda metade do seculo IV. Ligado ao partido macedonico, persuadiu os seus concidadãos a conciliarem-se com Filippe, junto do qual foi enviado como embaixador, e fez concluir a paz de 346. Agradou a Filippe que o accumulou de presentes. Demosthenes, porém, vendo em Aristodemo um traidor, crivou-o das suas imprecações mais aceradas.

Callipidas ou Callipides foi um actor tragico de Athenas do fim do seculo V. A sua habilidade em reproduzir os ridiculos da vida real, ou, segundo outra versão, o seu jogo scenico exagerado e trivial fez com que o alcunhassem de *macaco*. Com este mesmo nome, em época incerta, houve um jogral, que se exercitou a fazer, sem mudar de logar, todos os movimentos de um homem que corre rapidamente. O seu nome tornou-se proverbial para designar aquelles que desenvolvem muito trabalho para não fazer nada.

O INTERIOR DE UM GYNECEU

Maeson foi auctor e comediante. Nasceu em Megara, nos fins do seculo VI antes da nossa era. Parece ter vivido na côrte de Pisistratides, depois na Sicilia. Foi um dos fundadores da comedia dorica; inventou, assegura-se, certas mascaras; entre outras, as do *cosinheiro* e do *escravo*. Mais tarde chamaram-se a certos gracejos, aproveitando o seu nome, facecias maesonicas.

Polus foi um actor dos mais celebres de Athenas, contemporaneo de Pericles e nascido em Sunio. Passava por ganhar um talento em cada representação que entrava. Um dia que desempenhava o papel de «Electra», levando a urna que devia conter as cinzas de Orestes, appareceu no theatro com a urna que encerrava as cinzas do proprio filho, que morrera instantes antes.

Bronteu era na mythologia grega a personificação do trovão. Appelles pintara-o em companhia de Astropeu (relampago) e de Ceraunobolos (raio). D'esta divindade sahiu o nome da machina de theatro com a qual se imitava o ribombar da trovoada.

* * *

Lancemos agora uma rapida vista de olhos pelo theatro grego moderno.

O primeiro nome que nos apparece, é no seculo XVI, o de Leonio Allaci, em latim *Allatius*. Nasceu em 1586 em Chio. Fixou-se em Roma em 1660, onde morreu cincoenta annos depois. Desempenhou ali varios cargos e foi nomeado em 1661 bibliothecario do Vaticano. Escriptor laborioso e erudito, compoz grande numero de obras de theologia, liturgia, de philosophia, e em 1666 uma dramaturgia, na qual se encontram interessantes noticias sobre o theatro italiano. Devem-se-lhe edições criticas de auctores gregos do periodo christão.

Na transição do seculo XVIII para o XIX encontramos T. Alkaeos, escriptor illustre pelas lisonjeiras referencias de que é alvo por parte da crítica.

Aristias, que viveu na Valachia, nasceu em 1798 e morreu em 1884 Pertencia a uma familia grega e figurou em todos os movimentos politicos que tendiam á libertação do seu paiz. Como poeta, fez representar diversas obras primas do theatro italiano e francez. A sua fama provém principalmente da sua traducção em versos romenios da *Illiada*.

Demetrio Bikelas, poeta e historiador, nasceu em 1835. Compoz muito novo hymnos patrioticos que lhe valeram uma grande reputação. A sua obra é consideravel. Traduziu em grego moderno tres tragedias de Shakspeare: *Romeu e Julieta, Hamlet* e *Machbeth*.

Athanasio Christopoulos era oriundo de Cartoria, na Macedonia, onde nasceu em 1772. Foi funccionario publico na Moldavia e Valachia. Entre outras obras litterarias que deixou ao morrer, em 1847, citam-se varios dramas e a tragedia *Achilles*.

De S. K. Karydis não pódemos colher nenhuns traços bibliographicos.

Panaghiotis Panas, natural da Cephalonia, é um escriptor contemporaneo, pois nasceu em 1833. No jornalismo, defendeu os principios democraticos e as doutrinas panhellenicas. Entre as suas obras, bastantes, encontra-se uma traducção da *Iphigenia* de Racine.

UMA DANSA GREGA

Alexandre Rizos Rangabê, Rhangabê ou Rangawis, foi um grego illustre. Nasceu em Constantinopla em 1810 e morreu em Athenas em 1892. Alumno da escola militar de Munich, estreou-se na carreira das armas, que depressa abandonou para seguir a litteraria. Foi director da imprensa nacional de Athenas, professor de archeologia, ministro dos negocios estrangeiros, embaixador em Constantinopla, em Paris e em Berlim. Escriptor eminente, pensou em dotar a Grecia moderna de uma lingua litteraria semelhante ao grego antigo. Escreveu muitos livros de poesia, de sciencia e de historia, e, em 1843, a comedia aristophanica *Casamento de Kutrulis*.

Jakowakis Rizos Nerulos nasceu em Constantinopla em 1778 e ahi morreu em 1850. Foi educado pelo arcebispo de Epheso, seu tio, nomeado estribeiro-mór por Spsilanti hospodar da Moldavia, embaixador em Constantinopla, dedicou-se a trabalhos litterarios durante a occupação dos principados pelos russos. Foi promovido a primeiro ministro de João Caradza, hospodar de Valachia, e mais tarde incumbido de secretariar a repartição dos intérpretes do ministerio dos negocios estrangeiros em Constantinopla. Primeiro ministro do hospodar Souzo, abandonou essas funcções no momento da insurreição grega em 1821, que elle approvou. Foi varias vezes ministro na Grecia e embaixador em Constantinopla. Escreveu, além d'outros trabalhos, as tragedias em verso, em 1813, *Aspasia*, em 1814, *Polycena* e em 1813 uma comedia tambem em verso, *Korakistika*.

Panagiotis Soutzo nasceu em Constantinopla em 1806 e morreu em Athenas em 1886. Foi um litterato de merecimento. Conhece-se d'elle uma tragedia: *Euthymios Vlacavas*, escripta em 1839, e três dramas lyricos: *Marcos Karaiskos*, 1840; o *Desconhecido*, 1840; e *Marcos Botsaris*.

Izidoridis Skylissis, sabio, poeta e traductor grego, nasceu em Smyrna em 1819. Passou em Paris a maior parte da sua vida. E' conhecido por traducções de obras francezas, italianas e hespanholas em grego moderno. Traduziu varios dramas de Victor Hugo.

Aristoteles Valoritis nasceu em Saint-Maure em 1824 e morreu em Athenas em 1879. Estreou-se em 1847 com um primeiro livro de poesias. Na sublevação de 1854, combateu os turcos no Epiro. Deixou, entre muitas obras poeticas, varias peças de theatro.

J. Zampelios, muito influenciado pelo illustre dramaturgo italiano Alfieri, deixou, entre outros estudos, diversas obras de theatro como *Timoleon*, *Constantino Paleologo* e *Rhigas de Pherae*.

A. Zoiros foi auctor de *Os tresentos* ou o *Caracter da antiga Helena* (Leonidas), *A morte do Orador* (Demosthenes) e *Um rebento de Timoleon*.

Modernamente teem-se evidenciado Constantino Christomanos, Spiro Melas, Gregorio Xenopoulos, Pandeli Horn e Paulo Nirvanas.

Constantino Christomanos foi leitor da imperatriz Isabel, de Austria, e fundou em Athenas o *Nea-Skini,* uma especie de theatro livre á semelhança do que Antoine fundou em Paris.

Constantino é auctor, entre outras obras, de um drama intitulado *Tres beijos.* A anecdota que serve de thema ao seu drama, escreve um dos seus criticos, parece ter por motivo principal permittir ao auctor dar livre expansão ao seu lyrismo, ao seu grande talento descriptivo e a uma imaginação amorosa singularmente ardente e de quando em quando um pouco morbida.

Spiro Melas é auctor do *Filho do Iskios* e da *Camisa Vermelha.* Iskios, significa, não precisamente, *sombra* ou *fantasma.* Segundo uma lenda, erra através das Cyclades, a sombra insaciada de um damnado. Este fantasma maldito conservou a força de desejar e o poder de gerar. Vanghos, o heroe da peça, será seu filho? Receia-o a propria mãe. Uma noite teve uma estranha allucinação. No seu terror, revelou o pesadêlo, e toda a ilha contempla a creança nascida alguns mezes depois, com uma inquietação que augmenta de anno para anno. A indole de Vanghos justifica as suspeitas: o seu desdem pelas convenções sociaes, o prazer que encontra em fazer mal, um sentimento da natureza vibrante e exasperado que o faz vaguear durante horas por sitios desertos ou encerrar-se dias inteiros com a sua vida.

Inicia-se o drama. Desde creança, Vanghos ama Avghi, a rapariga mais bonita e mais rica da aldeia. Este amor «violento e vasto como o mar» irrita-se ante os desdens da moçoila, que se crê de uma casta superior á de um filho de um pescador sem dinheiro. Uma idéa satanica germina no cerebro de Vanghos. Alista-se no *Atromitos,* no bello brigue do capitão Lefteri, pae da rapariga, desorienta a bússola e atira com o navio para cima de um recife. Prevendo o perigo, só elle o pode conjurar e consegue salvar o commandante. Mas Avghi, apesar de ter perdido com o *Atromitos* o melhor do seu dote, embora Vanghos pareça o salvador de seu pae, continúa a considerá-lo como indigno d'ella.

O filho de Iskios perpetra então outro crime. Incendeia a casa de Lefteri, depois, atirando-se ás chammas, arranca de lá Avghi, que sem elle succumbiria com todos os seus. Reduzida á miseria, só no mundo, impressionada com o heroismo do rapaz que a salvou, casa com elle. Esposa, apaixona-se profundamente e conta-lhe o seu amor, a sua felicidade em lhe pertencer, n'uma linguagem de fórma popular e de consumada poesia. Embriagado com esta narrativa, Vanghos crê que o amor de sua mulher está á altura do seu, tão grande e tão feroz. Depois da união dos corpos, sonha a união das almas e confessa todos os crimes que praticou por causa d'ella. Mas Avghi não é uma mulher superior. Attonita, revoltada, denuncía o provocador do naufragio, o incendiario, o assassino. Este, mais ainda para não sobreviver ao seu sonho que para não se submetter á justiça dos homens, atira-se do alto de um rochedo ao mar «violento e vasto como o seu amor».

Gregorio Xenopoulos, natural da ilha de Zante, é auctor da peça *Photini Sandri* que obteve um grande exito em Athenas, em 1908.

A Grecia, hoje tão agitada no ponto de vista da politica interna, nem por isso deixa de trabalhar com toda a energia para restaurar o theatro nacional, e appella, para realizar esta sua tão legitima aspiração, para todas as forças intellectuaes do paiz.

III

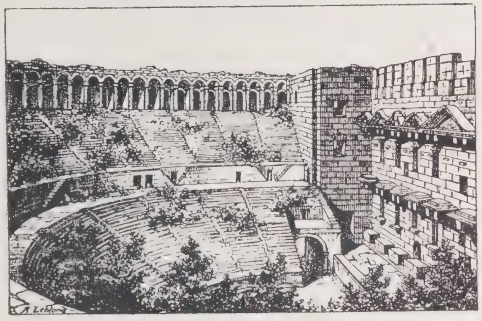
Séneca

A tragedia romana — Livio Andronico — Quinto Ennio — Marco Pacuvio — Lucio Accio — Caio Asinio Pollio — Quinto Tullio Cicero — Codro — Publio Ovidio Naso — «Palliatas», «togatas» e «pretextatas» — Lucio Anneu Cornuto — Lucano — Seneca — «Hercules furioso» — «Hercules em Œta» — «Hippolyto» — «Medea» — «Œdipo» — «Octavia».

A tragedia romana conservou-se muito tempo desconhecida, porque as obras que prduziu foram, mais que nenhumas outras, maltratadas pelo tempo. Apenas é conhecida pelo testemunho dos antigos, pelos fra-

gmentos a que se refere Cicero e pelos grammaticos. Todavia, Cicero proclama que é uma das glorias nacionaes; Quintiliano julga-a superior á comedia; Santo Agostinho attesta tambem o effeito produzido pelas elevadas maximas de que ella se alimentou.

O creador da tragedia romana foi Livio Andronico, mas limitou-se a traduzir os originaes gregos. O caracter nacional denuncia-se em Nævio, embora não passe tambem de um traductor; mas Ennio, Pacuvio, seu sobrinho, e Accio, merecem sem favor o epitheto de poetas tragicos. Ennio, imitador de Eurípides, é, como elle, a certos respeitos, um satirico, mas o espirito zombeteiro não exclue o sentimento. E' simples, familiar, pathetico. Pacuvio, philosopho e sabio, espraia-se em dissertações. As suas descripções são pinturas minuciosas. Cheio de requintes, flexibililisa a lingua. Accio é mais rude, põe-se mais em relêvo. Todos tres recorrem ás sentenças moraes. Devido a estes caracteres a tragedia romana é nacional. Demais, ao lado das *palliatas,* tiradas do grego, as *pretextatas,* que usurpam o seu nome ao manto dos consules, tratam de assumptos romanos. Tambem se deve citar Vario, cuja *Thyesta* ainda se representava no tempo de Augusto.



VISTA DAS RUINAS DO THEATRO DE ASPENDOS
(Theatro romano)

A época gloriosa da tragedia romana não é longa. Livio Andronico morreu em 204 antes da era actual. A tragedia de Ovidio é uma tragedia de sala, a de Seneca uma tragedia de lettrados e de philosophos; perdeu o caracter popular.

Livio Andronico, o mais antigo dos poetas dramaticos latinos, florescia no seculo III antes de Christo. Era grego de origem e tinha sido escravo. Teve a gloria de iniciar os romanos na arte dramatica dos gregos. Elle proprio representava nas peças, das quaes, repetimos, só restam fragmentos.

Quinto Ennio, nasceu em Rudies, na Calabria, em 240 e morreu em 169 antes de Christo. Não se sabe nada dos seus primeiros annos. Serviu nas legiões com o posto de centurião e tomou parte na segunda guerra punica, depois, decorridos onze annos, fez a campanha da Etolia. Amigo intimo de Catão o «antigo», a quem ensinou o grego e que o levou para Roma, gosou muito antes o favor dos Scipiões, que lhe cederam um logar no seu tumulo de familia. Foi um dos escriptores mais fecundos, e ninguem contribuiu mais que elle, com os seus livros e com o seu ensino para introduzir o hellenismo em Roma. Com o titulo de *Annaes,* compoz um poema épico de dezoito livros, onde cantava toda a historia de Roma, desde os amores de Marte e de Rhea até á sua época. Foi elle, em Roma, o primeiro que empregou o verso hexâmetro. O estylo dos fragmentos que nos restam é duro, mas não lhe falta energia nem grandeza. Os romanos conservaram sempre uma grande veneração pelos *Annaes.* Compoz diversas tragedias, quasi todas imitadas de Eurípides, satiras e toda a especie de outras obras. Os amadores exaggerados do passado, como Adriano, chegavam a preferí-lo a Virgilio, o que é seguramente injusto. Virgilio, como todos os escriptores latinos, admirava-o diga-se o que se disser, porque não hesitou em aproveitar d'elle versos inteiros, «achando, escreve Virgilio, perolas na sua estrumeira». Este dito cruel transformou-se em proverbio.

Marco Pacuvio teve por berço Brindes, onde nasceu em 220 antes de Christo e morreu em Tarento, em 130. Era sobrinho do poeta Ennio. Cultivou simultaneamente a pintura e a poesia, compoz tragedias e satiras, e viveu muito tempo na intimidade dos seus mais illustres contemporaneos. As suas tragedias são quasi todas *palliatas,* isto é, baseiam-se em assumptos gregos. As principaes eram: *Orestes, Anchises, Antiope, Ilion, Atalanta, Hermiona, Heitor, Medéa,* o *Julgamento das armas,* etc., citava-se tambem uma *pretextata,* isto é, romana: *Paulus.* Pacuvio é um escriptor grave, muitas

vezes mais philosopho que poeta. Virgilio não se envergonhou de copiar varia coisas das suas obras. O seu estylo era trabalhado com desvello. Censura-se-lhe até ser um pouco rebuscado.

Lucio Accio ou Attio nasceu em Roma em 170 antes da nossa era. Era filho de um liberto. Escreveu diversas tragedias tiradas das lendas da Grecia heroica, uma peça nacional *Bruto*, que tem por thema a expulsão dos Tarquinios, e annaes em verso. Só temos d'elle alguns fragmentos.

Caio Asinio Pollio, estadista e escriptor romano, nasceu em 75 antes de Christo e morreu em 13 ou 5. Era de familia equestre. Partidario muito novo de Cesar, acompanhou-o á Gallia, na passagem do Rubicon, a Pharsalia, a Africa, e combateu a favor d'elle Sexto Pompeu, em Hespanha. Apoz a morte do dictador, conservou-se neutro um anno e filiou-se depois no partido de Antonio. Os triúmviros nomearam-no governador da Gallia transpadana. Foi então que conheceu Virgilio, a quem fez restituir o seu patrimonio por occasião da partilha das terras. Perdeu o seu governo apoz a guerra de Perusa, mas, depois da paz de Brindes, exerceu o consulado, e uma expedição á Dalmacia outorgou-lhe as honras do triumpho. Em 39, desaveio-se com Antonio; desde esse momento retirou-se da vida politica, conservando relativamente a Octavio uma attitude independente. No seu retiro de Tusculo consagrou-se inteiramente ás letras, compondo tragedias, poesias, uma *Historia da guerra civil entre Cesar e Pompeu*, commentarios sobre Sallustio, Cesar, Cicero, Tito Livio. Apezar do seu estylo archaico e sêcco, creou nome como orador judicial. Deve-se a elle o estabelecimento em Roma das *recitationes* ou leituras publicas. Finalmente fundou, em 39, a primeira bibliotheca publica.

HERCULES MATANDO A HYDRA
(Quadro de Guide)

Ao lado d'estes, temos Quinto Tullio Cicero, irmão do grande Cicero, e Codro, contemporaneo de Juvenal, que compoz uma tragedia *Theseu*. Codro era tão pobre que o seu nome teve as honras de proverbio. Dizia-se *Codro pauperior* (Mais pobre que Codro).

Apoz esses dois, surge a individualidade graciosa e fina de Publio Ovidio Naso, que nasceu em 43 antes de Christo, em Sulmone, e morreu em Tomes, em Ponto Euxino, em 16 da nossa era. Estudou em Roma, fez uma viagem a Athenas, visitou a Sicilia, a Grecia, a Asia Menor, em companhia do poeta Macer, seu parente. De regresso a Roma, estreou-se brilhantemente no fôro e occupou alguns cargos publicos. O seu gosto pela poesia, porém, não tardou a preponderar. A sua facilidade natural em fazer versos, era incrivel. «Tudo quanto escrevia, diz elle, eram versos.».

Aos vinte annos era quasi celebre; Virgilio, Horacio, Propercio e Gallo, admiravam-no e animavam-no. Augusto accumulou-o de provas de estima. Não extractaremos aqui a biographia do poeta, extensissima. Todas as primeiras obras de Ovidio se resentem da sua existencia instavel. Os *Amores*, as *Heroidas*, a *Arte de amar*, os *Cosmeticos* são apenas o codigo, espirituosamente redigido, da libertinagem da juventude romana. Ovidio escreveu tambem uma tragedia, *Medéa*, que Quintiliano considerava como uma das melhores da litteratura latina. A sua obra capital, porém, foi as *Metamorphoses*. Na sua bagagem litteraria figuram mais os *Fastos*. Exilado, escreveu os *Tristes* e os *Ponticos*. Ovidio, commentam os críticos, não foi um poeta de primeira ordem; o seu logar seria á cabeça dos *poetæ minores*. Tudo para elle é uma especie de brincadeira intellectual. Nem grande inspiração nas partes épicas dos seus poemas, nem paixão nas suas poesias amorosas, nem potente imaginação reconstructiva nos seus versos eruditos, mas tudo é polvilhado de uma graça notavelmente facil, os versos são harmoniosos, as

expressões brilhantes. Tal é Ovidio, poeta de sala, poeta da côrte, poeta de uma época sceptica, alegre espirituosa, falha de principios.

Uma explicação antes de proseguirmos, ou melhor, uma ampliação. Nas tragedias baseadas nas lendas gregas, os actores vestiam o *pallium* grego, e d'esse uso provém a designação de *palliata* dada a esse genero de tragedias. O mesmo succedia com a comedia puramente romana, chamada *togata*, por allusão á *tóga* romana, e com as tragedias latinas, *pretexta*, de assumpto nacional, nas quaes os interpretes trajavam a veste *pretextata*, uma especie de tóga branca, bordada de purpura, um dos distinctivos das altas magistraturas, da dignidade senatorial e tambem dos mancebos patricios quando chegavam á época da puberdade.

SÉNECA
(Bronze do muzeu de Napoles

Voltemos aos tragicos latinos.

Lucio Anneu Cornuto, estoico, nasceu em Leptis, em Africa, no seculo I da era christan, e morreu em 14. Professou em Roma os principios da sua escola e foi mestre de Lucano e de Persio. Inspirou aos seus discipulos um respeito e um affecto apaixonados. As poesias de Persio são uma perpetua homenagem á sua virtude. As suas obras perderam-se. Só ha d'elle um fragmento de um tratado, *Da natureza dos deuses*. Sabe-se que escreveu tragedias; pensa-se que tambem escreveu satiras. Tendo Nero projectado escrever em verso toda a historia de Roma, Cornuto foi convidado a assistir a uma especie de conselho, onde se discutiu sobre o numero de livros que convinha consagrar a este assumpto. «Quatrocentos não seriam demais — opinou alguem.» E, como Cornuto não concordava, accrescentou: «O vosso Chrysippo, objectou o adulador, compoz muitos mais». «E' verdade, replicou o philosopho; mas os livros de Chrysippo são uteis á humanidade.» Esta resposta valeu-lhe o exilio. Não se sabe nada relativamente aos seus ultimos annos, senão que foi mandado matar por Nero.

Marco Anneus Lucano nasceu em Cordova, Andaluzia, em 39 da nosa era e morreu em 35. Era filho do irmão do philosopho Séneca. Levado para Roma muito novo, teve por preceptor o grammatico Rhemmio Palemon, depois Séneca, seu tio, de regresso do exilio, e nomeado preceptor do joven Nero, deu-o ao principe como companheiro de estudos e de folguedos. O gosto commum dos dois rapazes para as letras determinou entre elles uma ligação muito estreita. O talento de Lucano foi muito precoce. A sua facilidade prodigiosa exercia-se em todos os generos. A sua vaidade, porém, era ainda maior. Séneca ensinou-lhe, sem nenhum resultado, as doutrinas do estoico Cornuto. Uma viagem á Grecia acabou a educação de Lucano. Aos dezoito annos, recebeu a nomeação de questor de Nero, que succedera a Claudio. N'esta qualidade, tomava a palavra no Senado em nome do imperador. Pouco depois, foi tambem auguro. Manifestou o seu reconhecimento compondo um *Elogio de Nero*. Aos vinte annos, Lucano chegara ao apogeo das honras. Além d'isto, n'um processo celebre, revelava-se um mestre do fôro. Cantatas, poesias, pantomimas, tragedias sahiam sem descanço da sua penna infatigavel. Compoz até um poema sobre o incendio de Roma. Uma *Viagem de Orpheu aos Infernos*, poema com o qual ganhou o premio, de preferencia a Nero, começou a malquistá-lo com o imperador. O exito dos primeiros livros da *Pharsalia*, valeram-lhe a interdicção das leituras publicas. Uma *Niobe*, em que tornaram a rivalisar, consumou a desintelligencia. O poeta buscou a solidão. Esta vida, nova para elle, suggeriu-lhe os pensamentos fortes da *Pharsalia*. Finalmente, entrou com sua mãe Acilia na conspiração de Pison, mais por vaidade ferida que por convicção. Por má sorte sua, mesmo do seu retiro não cessava de fréchar Nero com os seus epigrammas. A conspiração descobriu-se. Lucano, para salvar a vida, denunciou a mãe. Esta covardia não lhe serviu de nada. Foi obrigado a abrir as veias e morreu declamando alguns versos do seu poema. O caracter de Lucano estava longe de egualar o seu talento. O grande merito litterario de Lucano é de ter rompido com a tradição virgiliana e de ter ousado ser elle proprio. Alcançou o seu objectivo, sejam quaes fôr os defeitos do seu grande poema, servindo-se abertamente da historia, sem intervenção da mythologia.

Lucio Anneu Séneca nasceu em Cordova no anno 2 da nossa era e morreu em Roma com sessenta annos. Seu pae, denominado Séneca, o *rhetorico,* levou-o para Roma muito novo e foi seu professor de rhetorica. Fez d'elle um mestre em materia de estylo, mas incutiu-lhe alguns dos seus defeitos: o abuso da antithese, a emphase oratoria. Os seus primeiros triumphos no fôro inquietaram Caligula, que pensou em o mandar matar. Uma das suas favoritas, amante de Séneca, dissuadiu-o d'isso convencendo-o de que aquelle a quem temia estava phtisico e não viveria muito tempo. Séneca, para se fazer esquecer, dedicou-se ao estudo, e, com o ardor da imaginação que elle punha em tudo, iniciou uma vida de abstinencia absolutamente pythagorica. Seu pae persuadiu-o que era melhor pensar n'outra coisa. Abriu então uma escola de philosophia que attrahiu tudo quanto Roma contava de mais brilhante. Entre os seus ouvintes notava-se Julia, filha de Germanico. A sua assuiduidade forneceu a Messalina ensejo de a accusar de adulterio. Julia foi condemnada á morte, e Séneca, embora innocente de facto, senão de intenção, foi exilado para a Corsega. Passou ali oito annos.

A revolução effectuada por Agrippina, mulher de Claudio, conduziu-o outra vez a Roma. Tornou-se preceptor de Nero, filho da nova imperatriz. Os cinco primeiros annos d'esse principe foram sensatos e felizes. Foi durante o famoso *quinquennio* que Nero preludiou os seus crimes pela morte do joven Britannico. A ambição impediu que Séneca se retirasse. Teve então de acceitar uma parte dos despojos de Britannico, depois tomou o partido da cortezan Actéa, que Nero amava apaixonadamente, contra Agrippina, assassinada com a sua approvação. Séneca enriquecia sem cessar, desprezando o desaccordo que existia entre a sua conducta e as suas doutrinas. Casado com uma mulher illustre, deixou-se arrastar por amores degradantes. Não póde manter a bôa reputação nem mesmo vivendo retirado. Compromettido na conspiração Pison, recebeu ordem de abrir as veias. A sua morte, ao menos, foi a de um estoico. Sua mulher Paulina quiz segui-lo na morte. Fecharam-lhe, porém, as feridas, e ainda viveu alguns annos, pallida e languida.

MORTE DE SÉNECA
(Quadro de Rubens)

Litterariamente, Séneca é um dos genios mais vigorosos e mais originaes da antiguidade. Se não possuia o malleavel talento de Cicero, o seu pensamento tem mais força. Não é para este estudo analysar a sua obra, immensa, e as suas doutrinas philosophicas. Ha quatorze tragedias com o seu nome. São interessantes por constituirem o mais importante monumento que nos resta da tragedia romana. D'essas quatorze, só seis se conservam intactas. São: *Hercules furioso, Hercules em Œta, Hippolyto, Medéa, Œdipo* e *Octavia.*

A tragedia *Hercules furioso,* foi imitada de Eurípides. Hercules desposou Megara, filha de Creon, rei de Thebas. Emquanto elle desce aos infernos, um eubeano, Lycus, mata o rei, apodera-se do throno e offerece a Megara casar-se com ella. Megara recusa, e Hercules chega a proposito para o matar. Mas Juno inspira-lhe um furor que o leva a massacrar a mulher e os filhos. Recuperado o juizo, custa immenso a impedir que se suicide. Parte com Theseu para Athenas, afim de ali se purificar. A tragedia *Hercules furioso,* apresenta as qualidades e os defeitos das peças de Séneca, feitas mais para serem lidas que para serem representadas.

Hercules em Œta, é uma tragedia imitada das *Trachinianas,* de Sophocles. Dejanira, indignada por se ver preferida a Iola, envia a Hercules a tunica tingida do sangue de Nessus, que empeçonha o heroe; em seguida, desesperada com o mau exito do seu filtro, suicida-se. Hercules, depois de ter matado Lychas que, lhe trouxe o fatal presente, lança-se sobre uma fogueira. Volvidos instantes, apparece sua mãe Alcmena para lhe participar que

vae ser elevado á categoria dos deuses. Séneca fez do seu Hercules uma personagem de phrases declamatorias, que ostenta de principio a fim a doutrina estoica. Ha n'ella, todavia, traços primorosos, côr e versos harmoniosos que augmentam o merito da peça.

Ainda no *Hippolyto,* Séneca foi buscar a Eurípides o assumpto da tragedia. N'esta obra, o amor de Phedra é collocado em primeiro logar. Esta concepção suggeriu a Séneca a scena capital da declaração de Phedra a Hippolyto, que Racine mais tarde hauriu n'elle. Talvez esta scena se encontrasse no *Hippolyto velado.* Racine encontrou egualmente em Séneca os elementos da famosa narrativa de Therameno. A peça de Séneca é notavel pela concisão do dialogo e riqueza do estylo.

A tragedia *Medéa* foi tambem inspirada pela obra de Eurípides, sem a seguir servilmente. Seduziu-o principalmente o que um semelhante thema offerecia de sobrenatural, ostentando mesmo uma erudição singular, que deixa o leitor bastante frio. Na grande scena entre Medéa e Créon, entre Medéa e Jason, Séneca multiplicou as sentenças breves, em que elle é eminente. A sua Medéa não é enternecedora como a de Eurípides. Perseguem-na fantasmas ; o espectro do seu irmão, a quem ella outr'ora cortou em bocados para salvar Jason, vem incitá-la á morte do infiel. Quando este lhe supplica que poupe pelo menos o seu ultimo filho, ella dá-se ao prazer de retardar o derradeiro golpe, que no fim acaba por vibrar. Estes requintes e estas declamações, a cujo estylo nunca falta brilho, são, não ha duvida, o producto de uma arte em decadencia.

A tragedia *Œdipo* foi imitada do *Œdipo-rei* de Sophocles, mas Séneca modificou o seu modelo. Na obra do poeta latino são as sombras consultadas por Creon, e não Tiresias, que accusam Œdipo de parricidio e de incesto. O *Œdipo* de Séneca é menos dramatico que o de Sophocles. Parece que foi composto para se ler. Contém, sobretudo nos córos, muitos versos cadenciados, no estylo sempre rebuscado que caracterisa a maneira de Séneca.

Acêrca da tragedia *Octavia* ha muitos críticos que presumem não ter ella sido escripta por Séneca e sim por Curiacio Materno, que vivia no seculo I da nossa era. E' uma peça fria e declamatoria. Mesmo no momento em que, segundo os dados fornecidos por Tacito, Octavia parte para o exilio, onde deve encontrar a morte, ella só se exprime por antítheses e sentenças declamatorias. Ha uma scena bellissima entre Séneca e Nero, na qual o philosopho diligencía deter o seu discipulo e lhe aconselha que assegure o throno mais pelo amor dos seus vassallos que pela violencia.

Como os romanos, Séneca possuia um genio pratico. As suas idéas sobre a humanidade eram generosas. Reconhecia no escravo um homem egual aos outros pela sua natureza. Não queria que ninguem vivesse só para si ; condemnava o odio e a vingança.

Compilado por EDUARDO DE NORONHA.

A expiação

Eu fui um dos da pristina legião
Dos Anjos, que se ergueram contra o Eterno,
E seculos sem fim vivi no Inferno,
Nos supplicios da eterna maldição.

Um dia, um pensamento de perdão
A mim desceu, como um clarão superno:
Bati as azas negras e do Averno
Me alei tremendo á divinal mansão.

Foi-me, ao principio, todo o ceu adverso:
Mas, piedosa, por mim rogou Maria,
Ao ver-me triste, em minha dor immerso.

«Baixa, me disse o Padre, á Terra fria:
Teus dias passa a amar, em prosa e em verso,
E assim teus crimes miserando expia!»

10-III-910. JOÃO PENHA.

Sarau memoravel

Pode denominar-se, sem exagero, de memoravel, a festa que no dia 2 de abril a Ex.ma Sr.a D. Maria Adelaide Coelho da Cunha, esposa do subtil poeta e illustre director do *Diario de Noticias* offereceu em sua casa, no antigo palacio do marquez de Funchal, a S. Vicente.

Relata-a pela seguinte fórma um dos nossos mais elegantes e espirituosos chronistas:

Organisado com um caracter essencialmente artistico e litterario, o programma que foi rigorosamente cumprido, obteve uma execução a todos os respeitos primorosissima. Raras vezes em palcos particulares se terá visto representar com mais correcção e mais intuição artistica, e era opinião unanime de quantos teem assistido a saraus d'este genero que o d'essa noite egualou os que de si deixaram mais brilhantes memoria e mais agradaveis recordações. Não é facil, effectivamente, reunir um conjunto mais completo de amadores, com as extraordinarias faculdades e as superiores aptidões para a scena, que se conjugam nos interpretes do variado e interessante programma da festa de que damos noticia. Além da dona da casa, que mereceu de distinctissimos homens de letras e de technicos do theatro, a apreciação de que nenhuma artista profissional a excederia, quer na comprehensão das personagens, quer no jogo physionomico, quer na pureza da dicção, quer na perfeita segurança com que piza o palco, quer emfim no raro timbre da voz, que obdece a todas as modulações, e que no *Solo de violino* teve uma verdadeira prova de exame, vencendo triumphantemente as difficuldades d'uma emissão forçada e contrafeita, além da dona da casa — dizia-mos — todos, sem uma nota discordante, concorreram para a admiravel harmonia do conjunto.

DR. ALFREDO DA CUNHA

Auctor das quadras cantadas pelos coros no quadro «Serenata em Coimbra»

E, como é de justiça — pois *á tout seigneur tout honneur* — citaremos em primeiro logar as sr.as D. Maria Emilia Macieira Lino e D. Alda dos Santos Lino, cujos nomes, por tantos motivos já tão justamente glorificados em assumptos de arte, mais uma vez receberam ante-hontem o merecido applauso em calorosas e espontaneas ovações, que premiaram os seus variados e apreciadissimos trabalhos. Não se póde representar com maior naturalidade, com mais correção e finura, com mais elegancia e brilho do que o fizeram as duas gentilissimas interpretes do *Juizo de Páris* e do *Quatorzième convive*. Como não póde exceder-se a graça e desenvoltura da primeira d'aquellas senhoras e a distincção e o encanto da segunda na admiravel mimica *O Antiquario*,

que Raul Lino compoz e enscenou com um gosto, um esmero, uma pericia e um talento que fazem a reputação de um artista de *élite*.

N'esse quadro, que constituiu um dos melhores attractivos da noite, além dos três interpretes já citados, tambem tomaram parte

D. ALDA DOS SANTOS LINO
(Grande retrato Watteau da mimica «O Antiquario»)

D. MARIA A. COELHO DA CUNHA
(Maria, na interessantissima comedia «Juizo de Páris»)

D. MARIA E. MACIEIRA LINO
(Condessa, na comedia «Juizo de Páris»

D. MARIA ADELAIDE COELHO DA CUNHA
(No «Solo de violino»

D. ALDA DOS SANTOS LINO
(Laura, na comedia «Juizo de Páris»)

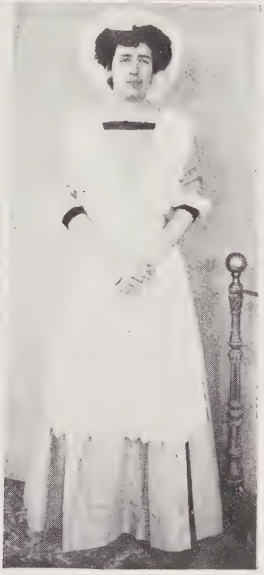
a sr.ª D. Christina Decken dos Santos, que admiravelmente desempenhou a sua parte de visitante amadora de obras de arte, e as sr.as D. Laura Sassetti, D. Esther e D. Olga Buzaglo, que deram todo o realce da sua não vulgar formosura aos lindissimos quadros que enriqueciam as paredes da loja do velho Antiquario. E se algumas scenas desta mimica devem ter especialisação, é justo salientar a do acordar da figura Watteau (D. Alda dos Santos Lino) seguida da seducção da Estatua (José Coelho da Cunha)

GRUPO DOS SOLISTAS

(D. Maria E. Moreira Lino, Rodrigo Franco Affonso e coros do quadro «Serenata em Coimbra»

D. MARIA ADELAIDE C. DA CUNHA
(No estudante de Coimbra)

JOSÉ EDUARDO COELHO DA CUNHA
(O visconde, na comedia «Juizo de Paris»)



D. EMILIA MACIEIRA LINO
No «Antiquario»

e terminada por esse delicado esboço de valsa, executada com uma arte impeccavel, e a da allucinação do Antiquario, ao regressar ao seu *bric-á-brac*, muitissimo bem feita pelo sr. Raul Lino, que apresentou uma optima caracterisação. Não sendo menos digno de elogio o modo como as restantes interpretes se apresentaram vestidas a rigor, de accôrdo com a época e o caracter das personagens que representavam.

O trabalho da estatua, que era principalmente o da immobilidade, mereceu os applausos geraes, que tambem lhe foram dispensados pela fórma como acompanhou a figura Watteau na scena da seducção a que já alludimos.

Nos monologos, a sr.ª D. Maria Antonia Diniz, que é uma *diseuse* de notaveis aptidões, fez ouvir uma encantadora composição de Campoamor *Como rezan las solteras*, que causou a mais agradavel impressão, quer pelo valor deste mimo litterario, quer pelo do desempenho, que foi primoroso; e o primoroso escriptor dramatico Eduardo Coelho recitou com inexcedivel graça, além do *Cahos Universal*, dois outros monologos do repertorio de Coquelin, que transmittiram á assistencia o bom humor de que são impregnadas aquellas composições.

D. MARIA ANTONIA DINIZ
Que disse o monologo de Campoamor «Como rezan las solteras»

Devemos citar como interpretes que concorreram poderosamente para o bom exito da festa, os srs. Eduardo Coelho e José Lino Junior, que no *Quatorzième convive* desempenharam os papeis de «Bocantin» e «Auguste Vergoin» por fórma superior a todo o elogio e como verdadeiros profissionaes de theatro, conhecedores dos segredos do tablado.

O ANTIQUARIO
(Mimica em um acto, adaptação do «Amour de bibelots» de Mrs. Roger d'Avrecourt e Henri Gerbault)

Os trajes e as caracterisações de «Madame Bocantin» (D. Maria Emilia Lino) e «Marion» (D. Alda Lino) eram tambem de um grande comico, havendo ambas estas senhoras sacrificado generosamente ás exigencias dos seus papeis a belleza dos seus dotes physicos.

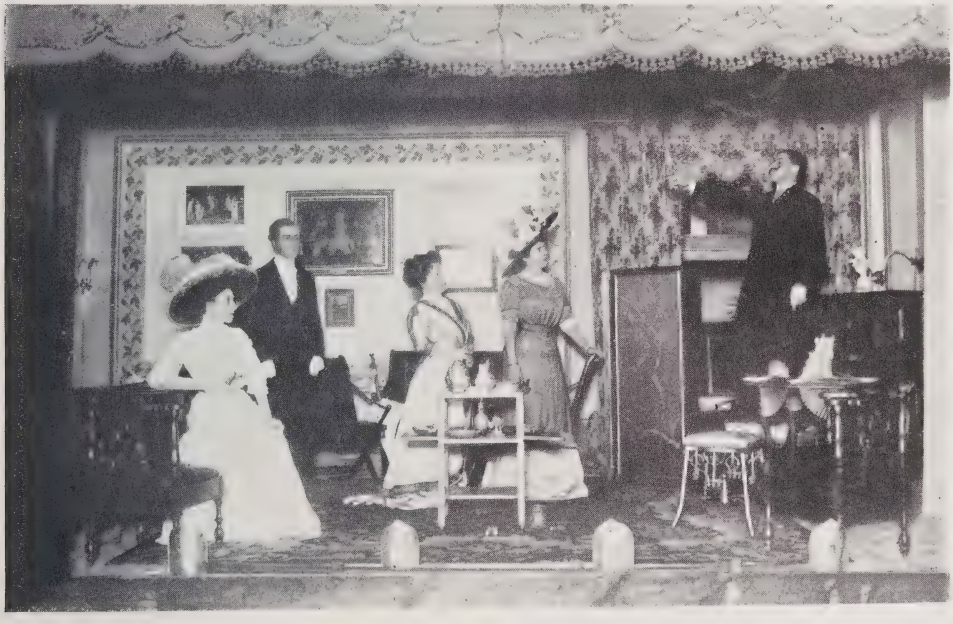
Terminou a «soirée» com um quadro mimado — *Serenata em Coimbra* — em que fizeram ouvir-se a solo, a sr.ª D. Maria Emilia Macieira Lino, cujo altissimo valor como cantora a colloca muito acima das responsabilidades que a musica de um simples fado lhe impunham, mas que se prestou muito amavelmente, não só a cantar esse solo como a ensaiar os coros; e o sr. Rodrigo Franco Affonso, uma das mais lindas vozes de tenor e um dos mais delicados cantadores de fado que teem passado por Coimbra.

D. ESTHER BUZAGLO

(Um dos retratos da mimica «O Antiquario»)

Não póde descrever-se o encanto despertado por este quadro, em que tomaram parte, quanto á mimica, além do filho dos donos da casa, José Eduardo Coelho da Cunha, applicado estudante do primeiro anno de direito e o sr. Fernando da Motta Cardoso, que já na pequena rabula da comedia *Juizo de Páris* mostrara quanto lhe são familiares os trabalhos theatraes, e que tambem se incumbira da difficil missão de contraregra.

Os dois solistas foram primorosamente acompanhados pelos coros, em cuja composição entraram as seguintes senhoras: D. Adelina Guimarães, D. Alda dos Santos Lino, D. Alice da Fontoura Rivara, D. Alice da Terra Vianna, D. Cecilia da Fontoura Rivara, D. Cecilia da Terra Vianna, D. Christina Decken dos Santos, D. Iso-



JUIZO DE PARIS

Scena final da comedia em um acto, em verso, de Alfredo da Cunha

Visconde — De cima d'este banco eu vou sentenciar
como um juiz num throno! Oh! Páris, vae julgar!

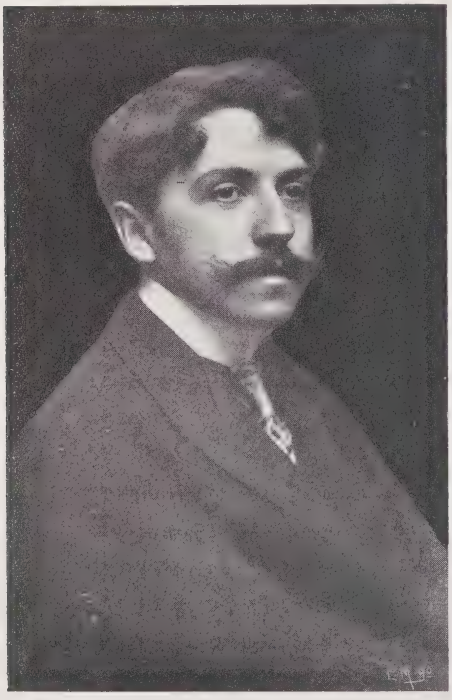
lina da Motta Cardoso, D. Laura Sassetti, D. Leonor da Fontoura Rivara, D. Luiza da Motta Cardoso, D. Maria Adelaide Coelho da Cunha, D. Maria Antonia Diniz, D. Maria das Dôres Cardoso de Castilho, D. Maria Luiza da Costa Neves, D. Mariana Cardoso de Castilho, D. Octavia Sassetti e D. Sarah da Motta Cardoso.

E os srs. Antonio Caldeira Coelho, Antonio Felix da Costa, Antonio Horta e Costa, Caetano da Costa de Macedo, Fernando Manuel da Motta Cardoso, Frederico Navarro Hogan, Jayme Mikaleff Santos, José Eduardo Coelho da Cunha, José Thomaz Coelho, Leopoldo de Oliveira Pires, Luiz Folque, dr. Manuel da Motta Cardoso, e D. Pedro da Costa de Sousa de Macedo (Villa Franca) num admiravel conjunto.

D. OLGA BUZAGLO
(Um dos retratos da mimica «O Antiquario»)

Para que maior realce ainda tivesse este formosissimo quadro, o sr. dr. Manuel Ferreira Cardoso, amador distinctissimo que na flauta póde competir com os mais notaveis artistas, quiz causar a surpresa gratissima de acompanhar as guitarras, o que produziu o mais delicioso effeito.

Fechando esta resenha, cumpre-nos fazer referencia á ornamentação das principaes salas, da qual, por muito penhorante gentileza para com os donos da casa, quizeram incumbir-se o grande e incomparavel mestre que se chama Columbano Bordallo Pinheiro e o nosso querido amigo e collega



RAUL LINO
(Enscenador e protagonista da mimica «O Antiquario»)

D. CHRISTINA DECKEN DOS SANTOS
(A visitante amadora da mimica «O Antiquario»)

FERNANDO MANOEL DA MOTTA CARDOSO

(Um dos estudantes da «Serenata em Coimbra»)

Manuel Emygdio da Silva, alma de artista em que o sentimento do mais refinado gosto por tantos modos se revela e afirma.

E' ainda de justiça mencionar o acompanhamento ao piano do quadro, o *Antiquario*, por mademoiselle Anne M. Haupt, distincta senhora allemã, filha do grande escriptor de arte, Haupt, e o correcto desempenho do papel de visconde, na comedia em

RODRIGO FRANCO AFFONSO

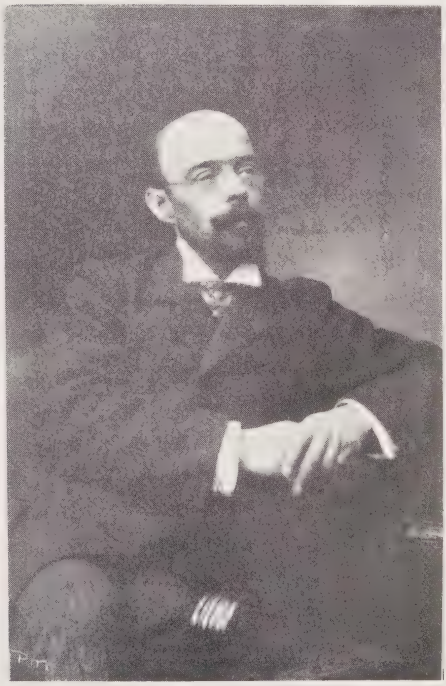
(Que cantou a solo no quadro «Serenata em Coimbra»)

verso do dr. Alfredo da Cunha — *Juizo de Páris* — papel confiado ao filho do auctor. O sr. José Eduardo Coelho da Cunha, que disfarçava o ligeiro buço dos seus 18 annos, debaixo de um postiço e farto bigode louro, deu á personagem a desenvoltura, a leveza, a elegancia e a distincção que ella exigia,

D. LAURA DE FREITAS BRANCO SASSETTI

(Um dos retratos da mimica «O Antiquario»)

concorrendo assim na sua execução e para que o desempenho da comedia fosse, no seu conjunto, tão perfeito como harmonico.



EDUARDO COELHO

Mr. Bocantin em «Le Quatorzième Convive»

Tudo quanto se possa escrever ácêrca da suprema distincção e formosura das senhoras que tomaram parte neste sarau, do enthusiasmo e do fogo sagrado que as animava para imprimirem maior realce ás diversas partes do artistico programma, da actividade, bom gosto e galhardia dos homens, tudo é pouco e apenas dá uma pallida idéa do que foi essa noite deliciosa.

JOSÉ LINO JUNIOR
(Auguste Vergoin, da comedia «Le Quatorzième Convive»)

Damos em seguida algumas das quadras cantadas pelos coros no quadro *Serenata em Coimbra* e devidas ao estro inspirado do Dr. Alfredo da Cunha:

I

Cantando magoas, espalha-as
A minha alma num momento:
Ellas são eguaes ás palhas
E o cantar egual ao vento.

São assim as minhas magoas
Como as pennas d'ave, leves:
São como a espuma das aguas,
Passam ligeiras e breves.

O mesmo não acontece
A's penas que me tens feito,
Pesam tanto que parece
Que trago arrobas no peito.

II

Cigarra, que passa a vida
Noite e dia em seus cantares,
Não dá no peito guarida
Nem á dôr nem aos pezares.

Querem agua como as plantas
As magoas dos infelizes;
Se tu choras e não cantas,
Criam-te as magoas raizes.

Que o choro não afugenta
Do peito meu a amargura,
Quem mais chora mais augmenta
Os males que não têm cura.

III

Não ha sol de menos dura
Que o amor duma mulher,
Nem ha flôr mais sem ventura
Do que a flôr do malmequer.

O primeiro é sol d'inverno,
Lindo sol enganador,
Quanto mais quente e mais terno,
Menos lhe dura o calor.

O malmequer esfolhado,
Diga mal ou diga bem,
Engana e anda enganado,
Não fala certo a ninguem.

IV

«Amor com amor se paga»
O velho rifão ensina:
«Amor com amor se apaga»
Leram-me um dia esta sina

Por isso, sem uma queixa,
Deito o coração ao largo,
Que o amor apenas deixa
Saudades de gosto amargo.

As minhas penas espalha-as
Meu triste peito cantando:
Ellas são eguaes ás palhas
Que vae o vento espalhando.

A festa terminou de madrugada, tendo o baile principiado ás duas horas, após uma ceia profusa e delicada. Os convidados conservarão durante muitos annos intensas saudades d'essa festa memoravel.

Mysticismo christão

I

A morte de Jesus

O Poente é côr de sangue. E na penumbra
Crepuscular a noite estende o véo...
Um lucilante trémulo deslumbra
N'um alarme vermelho e rasga o céo.

A Noite avança. Os soes são como prégos
N'uma bandeira rota immensa e rára...
Mergulho os olhos pelo escuro, cegos,
Emquanto os corvos grasnam na méhára. (*)

N'este momento o Tragico Maldito
Ergueu a vista ao pállio do Infinito,
Como um doido nas horas do estertor...

Com lagrimas de prata a Lua, á flux,
Soluçava nos ais de afflicta Dôr
E resava por alma de Jesus...

II

O ágape de Cesar

Nas taças de esmeralda e de escalonia
Riem labios a arder côr de rubim...
Dos candelábros alvos de marfim
A luz entorna jorros de sardonia...

O Cesar canta. A cythara de Homero
Treme nas suas mãos. Saltam jograes
Ao flammejar do forte reverbero
Dos lucidos crystaes.

Vae em meio o festim. A febre escalda...
N'isto a face do rei vermelha e jalda
Ebria de medo, commoção traduz...

E' que teve a visão de olhar em frente
Nimbado de oiro e sol resplandecente
O espectro ensanguentado de Jesus...

(*) *Mehára*—cemiterio hebreu.

Eduardo Metzner.

OS BOERS DO CABO

A união sul-africana e as festas de proclamação

QUANDO em 12 de maio de 1847, José Albasine informava José Antonio da Silveira, ao tempo governador da bahia de Lourenço Marques, do que era esse estabelecimento de hollandeses africanos nas immediações do porto do mesmo nome, possuiam os ingleses unicamente, de facto, duas possessões no sul da Africa: a Colonia do Cabo, de que se tinham apoderado, por ultimo, em 1806 e a do porto do Natal que fundaram vinte annos depois.

Era ácêrca da republica do Orange que Albasine dava noticia, ou melhor, *da cidade de Andries Orig, nome este derivado do nome de um dos seus chefes que se chama André.*

Não sabia o governador Silveira se a cidade dos hollandeses ficava ao norte, ao sul, ou a oeste da bahia, e Albasine informava que ella estava ao Noroeste de Lourenço Marques e dizia-lhe da Constituição do seu governo, da extensão do seu territorio que, parecia, occupava *tanto terreno, quanto é preciso para oito a nove mil pessoas, com gado vaccum... e outras qualidades de creação,* numero aquelle de homens que poderiam apresentar em caso de guerra; etc.

E' muito interessante este documento e o que se lhe segue de Avelino Xavier de Menezes, os quaes abrem a collecção da *Parte não official* da Serie I dos *Annaes do Conselho Ultramarino.*

* * *

D. João II ao saber que Bartholomeu Dias dobrava aquella grande ponta de terra ao sul de toda a Africa como que a indicar que, para além d'ella, mais mundo havia, deu-lhe o nome de Cabo da Boa Esperança.

O destemido navegador — de quem, ha pouco ainda, tão pouco se sabia (1) — ao passar aquelle extremo, accossado por violenta tempestade, chamara-lhe Cabo das Tormentas como se prevêsse a sua perda alí.

Cabo tormentoso tambem nós lhe chamamos, por que com elle se iniciou a perda para os portugueses, de grande parte do territorio por nós descoberto em Africa.

Data de 1652 a colonisação dos hollandeses ao sul da Africa. Em 1795, porém,

(1) Cabe aqui referencia ao auctor de uma moderna monographia tendo por titulo o nome de Bartholomeu Dias e que, por iniciativa do seu digno secretario geral o sr. conselheiro Ernesto de Vasconcellos, a Sociedade de Geographia publicou. Nessa monographia apparece pela primeira vez o brazão de B. Dias, provando-se assim a sua ascendencia nobre. Pena é que o illustre A. do referido trabalho occultasse modestamente o seu nome nas duas iniciaes A. L. o que nos priva de lhe prestar publica e merecida homenagem.

os ingleses apoderaram-se da colonia. Em 1802, em virtude da paz de Amiens, os hollandeses recebem outra vez a colonia do Cabo, que, em 1806, os ingleses retomam. Então os hollandeses internam-se mais no continente e fundam a Republica do Orange em 1837, a do Natal em 1840 e a do Transwaal em 1848.

Em 1828 os ingleses tinham estabelecido um porto no Natal.

Com taes precedentes comprehende-se facilmente a enorme rivalidade que sempre existiu entre hollandeses e ingleses na Africa do sul — rivalidade que deu em resultado a guerra de 1900 — lucta tremenda na qual, de ambos os lados, houve que exalçar. Foi o baptismo d'aquelles colonisadores que bem mereceram então a conquista do solo em que habitam!

A Inglaterra assim o comprehendeu e ainda hoje não ha quem lhe dê lições de colonisação. Enche de admiração o facto da cedencia de uma Constituição ao Transvaal pouco tempo depois da guerra. E agora a metropole orgulha-se d'essa União que, em breve, se proclamará solemnemente em Pretoria.

A 31 de maio, na Africa do Sul, inaugurar-se-ha uma nova Confederação de Estados, semelhante á do Canadá, á da Australia, á da Nova Zelandia, todas filhas da mesma Patria, vivendo autonomas *de si e para si*, na phrase de um colonial português.

Cheia de confiança no futuro, caminhará com os seus homens, sem peias a perturbar-lhe o progresso. E essa União celebrar-se-ha ruidosamente.

Assim o programma das festas, que temos presente, o annuncia. Durará quatro dias a commemoração historica, porque os ingleses não perdem a opportunidade de fazer viver a historia em todos os seus grandes actos festivos. Tão fielmente quanto possivel resurgirão os factos historicos mais notaveis do Cabo da Boa Esperança durante o lapso de tempo que medeia lutar o *first day's pageant* e o *fourth day's pageant*.

Os espectaculos nos quatro dias dividem-se, para a Commemoração, em episodios e estes em incidentes. A descoberta do Cabo, as scenas selvagens dos nativos, a côrte de D. João II, o assentamento do Padrão, testemunhando a descoberta, a partida de Belem das naus de D. Vasco da Gama, e um grande cortejo dos personagens que visitaram a Africa do Sul durante o periodo português taes como Pero d'Alenquer, Pero Dias, João da Nova, Francisco d'Almeida e muitos outros constituem os dois primeiros episodios.

Segue-se a visita dos primeiros navios ingleses e a chegada do hollandês Joan Van Riebeeck, governador.

O segundo dia começará com o episodio do desembarque de Van Riebeeck e da scena, em que para dar o exemplo, elle tira doze cestos de terra do fosso que se excava para o forte, e regulamenta — para quem quer que seja que ali passe, homem ou mulher, rico ou pobre — que ajude a acarretar com um cesto de terra, no intuito de accelerar as obras do castello. Presencear-se-ha factos da vida social do Cabo durante o governo de Van Riebeek. E a commemoração d'este dia terminará com o cortejo de todos os personagens importantes do periodo hollandês.

O terceiro dia representará o periodo britannico: A capitulação do Cabo, a sua vida social no seculo XVI, os colonos de 1820, a suppressão da liberdade d'imprensa, a cavalgada do rei Dick (1842), a revolta contra os degredados (1849), a chegada da Constituição (1853), a reunião do primeiro Parlamento, a proclamação da soberania do Orange, e o cortejo representando typos do periodo britannico.

Finalmente no quarto dia gosar-se-ha o grande cortejo em que figurarão personagens portugueses, hollandeses, ingleses, a legião allemã e os pioneiros da Rodesía, incluindo todas as figuras principaes da historia do Cabo.

O quadro final allegorico representará a realisação da União.

Como isto tudo é extraordinario! Que differença, por nosso mal, fazemos nós, d'elles!

* * *

CONVALESCENTES, e todos os que necessitem **fortificar o organismo** e **especialmente** o **systema nervoso**, curam-se tomando **Somatose** em pó e liquida (de gosto dôce e secco).

Vende-se nas pharmacias e drogarias.

Senhoras em evidencia

Arte e galhardia

De ha muito se perdeu entre nós a tradição gloriosa da alegria dos salões e raro é a festa que consegue despertar um interesse mediocre na nossa sociedade que se diverte, que arranca da existencia tudo quanto ella póde dar de consolador e espiritualmente bello. A vida cara do nosso tempo, requintadamente exaggerada nas suas exigencias, tornou quasi impossivel a resurreição da vida aristocratica do mundo elegante, que no periodo romantico prendeu ao dourado dos seus salões, á luz branda das suas noites de festa, o melhor e mais ardente quinhão das suas paixões, toda a sua psychologia amorosa e apaixonada, alimentada nas tristezas de Musset, escorrida em versos sentimentaes e piegas. Mas era sincera essa sociedade que sabia amar e sabia viver, e de cujo desapparecimento ficou como que uma vaga saudade e a nostalgia do passado nas festas faustuosas do nosso tempo.

De vez em quando, como que para se não olvidar essa tradição, nos nossos salões elegantes surgem, de surpreza, festas maravilhosas de bom gosto e arte, *marcando* no *carnet* azul uma data feliz. Foi o que aconteceu ha pouco com a deslumbrante e opulenta festa offerecida pela sr.ª D. Maria Rita Telles de Vasconcellos, ás pessoas das suas relações e amisade, no seu elegantissimo palacete da Praça do Principe Real.

De ha muito que esse prodigioso certamen de bom gosto e arte vinha sendo annunciado e sobretudo desejado, procurando todos á porfia ser incluidos na lista dos felizes que a ella fosse dado assistir.

D. MARIA RITA TELLES DE VASCONCELLOS PIGNATELLI DA GAMA LIMA

E não lhes errou a espectativa. Não se apagará tão cedo da memoria dos que puderam gosar essa ventura, aquella festa que justamente se poderá considerar gloriosa para as tradições da sociedade elegante de Lisboa, e mórmente do nome illustre que a ella presidiu. Festas assim, servem para demonstrar á sacieda-de, o valor intellectual e a bizarra fidalguia de quem as organiza, se de ha muito não fossem sobejamente conhecidos, os dotes de intelligencia e bom gosto, que exornam o caracter da distincta senhora a quem os *Sérões* hoje prestam a homenagem muito espontanea e sincera do seu apreço e da sua admiração.

A concorrencia a essa festa, que foi verdadeiramente extraordinaria, e a distincção dos numeros que constituiram o seu programma, tornam-na inolvidavel. O elegante «minuete» de Mozart, o riquissimo «cotillon», a recita interessantissima, a musica, as flôres, a riqueza

das *toilettes* e a fidalga gentileza com que a todos recebeu e captivou a illustre e intelligente senhora, concorreram para dar um raro cunho de grandiosidade á festa que illuminou com os dourados da phantasia mais caprichosa, as côres vivas dos seus elegantissimos salões.

Dr. José Maria Rodrigues

Lente dos mais eruditos da Universidade e do Curso Superior de Letras, polemista que se bateu com o mais terrivel polemista do nosso tempo, com o grande Camillo Castello Branco, é um escriptor dos mais vernaculos, um orador elegante e fluente, um espirito cheio de luz e uma alma repleta de bondade.

Quando foi reitor do lyceu de Lisboa, adoravam-no as creanças e veneravam-no os paes.

A ultima obra de José Maria Rodrigues, *Camões e a infanta D. Maria*, só por si basta para fazer a reputação de um investigador e de um commentador illustre entre as mais illustres. A somma de trabalho que esse estudo representa, é assombroso, e a vastidão dos conhecimentos litterarios e scientificos que revela constitue um verdadeiro prodigio.

Chronica da moda

As toilettes de verão. — A grande evolução porque passaram os casacos. — As saias «étranglees». — Uma visita ás modistas francezas, que estiveram ultimamente em Lisboa. — Descripção dalgumas «toilettes». — Os bordados da Madeira fazendo sensação este anno. — As gollas altas postas de parte. — Os chapéos. — As «toques», etc.

E' preciso pensar nas toilettes de verão. Vamos pois tentar a melhor maneira de illucidar as nossas gentis leitoras no que será a moda da estação.

As principaes casas da capital, como *Chamusco, Serra, Paris em Lisboa* e outras, que tivemos occasião de visitar, para melhor colhermos informações exactas para esta chronica, teem verdadeiras maravilhas em novidades.

Os tecidos levissimos, d'uma belleza encantadora, farão a inveja dos que, por circumstancias imprevistas, os não possam uzar. São de uma grande simplicidade, empregando-se muito para vestidos de passeio *surah pongée*, o *foulard*, a *cassa* e os praticos linhos brancos e de côres finissimas, que dão a quem os usa um raro cunho de verdadeira elegancia.

Os feitios são variadissimos e muito bonitos continuando a vêr-se nos centros mais *chics*, os vestidos *tailleurs*, sobretudo em sêdas ligeiras.

Os casacos passaram por uma grande evolução. Deixaram de ser aquelles desgraciosos casacos compridos, escondendo por completo as figurinhas gentis das nossas elegantes, para se transformarem agora em pequenas *jaquettes*, ou elegantes *kimonos*, ou ainda nos *blusões russos*. Os vestidos inteiros continuam a uzar-se, mas menos em feitio *princesse*.

Agora todos os vestidos marcam bem a cintura, não muito comprida, mas definida. As saias *corselets* ainda se vêem muito, sobretudo para *toilettes* ligeiras. As saias *étranglées*, que estão fazendo verdadeiro successo, são muito bonitas e teem pelo menos novidade. Não concordamos com o que ha pouco lemos a respeito destas saias, *que eram pouco elegantes, dando mau andar*. Não é esta a nossa opinião: embora essas saias sejam justas não devem nunca prender os movimentos.

Sendo assim tornam-se graciosas e muito bonitas.

Tivemos ha pouco occasião de deliciar os nossos olhos, visitando umas modistas francesas, representantes de duas importantissimas e elegantes casas *parisienses*, que estiveram em Lisboa.

Que maravilhas de arte e que simplicidade encantadora nas *toilettes* que apresentavam! V. Ex.as por certo não fazem uma pequena idéa, a não ser que tivessem tido o bom gosto de visitar o atelier daquellas modistas.

Traziam um completo e variado sortido em grandes *toilettes*, meias *toilettes*, toilettes de passeio e ainda os praticos *trotteurs*, todas duma elegancia verdadeiramente excepcional.

As saias d'estes ultimos vestidos apresentavam grande novidade para o nosso meio. Em vestidos *habillées* vimos de preferencia os tecidos leves. As ondas de chiffons de rendas, gazes, tulles, entremeadas de fitas *pompadour*, os *chous* de tulle em côres diversas era o que predominava em *toilettes* d'este genero. Num vestido de cassa finissima e rendas, d'uma elegancia deslumbrante, havia uma *écharpe* de gaze côr de rosa, a toda a largura, presa num hombro, por um lindo *cabochon*, indo despenhar-se na cauda do vestido, igualmente presa por outro *cabochon*.

Um outro vestido de *tulle* branco e rendas *valenciennes*, sem golla, formando elegante *tunique*, tendo por unico enfeite um *chou* de tulle preto do lado esquerdo, junto ao pescoço, outro no braço esquerdo, ainda outro no peito, conjunctamente com fita verde com pontas cahidas.

MADEMOISELLE LUISA DE MORNAND, DO THEATRO RENAISSANCE, DE PARIS
Toilette creada por Drecoll para a peça *Une femme passa...*

A fraqueza do corpo, debilidade dos membros, nervosismo das senhoras, dissipam-se por completo tomando **SOMATOSE.**

Vèem pois as nossas gentis leitoras como era cheia de originalidade esta elegante *toilette*.

Nos vestidos ligeiros, *cassas*, *linhos* e *cambraias*, vèem-se de preferencia os bordados *russos*, *slacos* e os nossos graciosos e simples bordados da Madeira, que estão fazendo este anno tanta sensação.

Estão postas de parte as gollas altas. Alegrem-se pois as nossas leitoras galantes, deixando para as mamãs essas torturantes e incommodas gollas, para nos mostrarem os seus brancos e graciosissimos pescoços.

Num dos novos modelos evidenciam-se bem essas *collerettes* com punhos eguaes, que tanto furor estão fazendo no mundo elegante e que se farão em *tulles*, *rendas*, *cassas* ou qualquer tecido fino, que se preste a ser pregueado.

Guardar-nos-hemos para o proximo numero falar sobre as variadissimas novidades em chapéos. Algumas casas como Mimoso, Serra, Pinto, Cardoso e outros, teem já recebido os seus sortimentos.

De todas estas casas póde dizer-se sem, receio, que nenhuma rivalisa com a casa Mimoso. Além das *avalanches* de chapéos, que todos os dias recebe, ninguem o iguala em *chic* e no *raffinement* do seu apurado gosto, trazendo para Lisboa tudo que em Paris ha de novidades sensacionaes.

Por hoje falaremos apenas sobre as *toques*, que são sempre o começo d'uma estação. A *toque* é a grande moda! Fazem-se em *taffetás*, palhas e crinas de diversos feitios, por ser o chapéo mais adaptavel a todas as *toilettes*. Para mais simples fazem-se em palha grossa, de duas côres e em *taffetá changeant*. Ha côres já combinadas, como o encarnado e azul, castanho e verde, azul e preto, entrelaçadas. Para estas apenas se applicam, como enfeites, um *chou* de *taffetá* ou tulle; são praticas e muito elegantes.

Temos agora as *habillees* que se devem fazer em crina, tambem em duas côres, e enfeitadas á *chantecler*, plumas e flôres.

Falaremos dos penteados muito breve e daremos ás nossas gentilissimas leitoras alguns conselhos sobre varios caprichos da moda actual.

Festa de engenheria

UM ASPECTO

Augusto Casimiro

A victoria do homem — pois assim se intitula o recente livro do delicado e ao mesmo tempo vigoroso poeta Augusto Casimiro — é mais uma pujante affirmação de quanto sentimento se contém na sua alma iriada das idéas

mais generosas, de quanta força existe no seu cerebro poderosamente equilibrado e orientado á moderna. Dos poetas da geração moderna é um dos mais fortes, dos que melhor comprehendem a sua missão, dos que mais fundo hão de vincar o seu nome nos annaes da nossa litteratura.

Ernesto Rodrigues

Ha poucos annos, quando Ernesto Rodrigues era um simples estudante, ninguem adivinhava que elle viria a ser um dos nossos comediogra-

phos mais chistosos. Comedia ou revista em que figure o seu nome, é garantia de exito para os lucros do empresario e de franca gargalhada para o publico.

Manoel de Oliveira Ramos

A sua modestia eguala o seu valor. Major dos serviços do Estado-Maior, professor do Curso Superior de Letras, foi convidado espontaneamente para ensinar ao assassinado principe Luiz Filippe, historia e litteratura. Tradu-

ziu varias peças para o theatro, mas é na critica de arte que a sua paciente e vasta erudição, o seu talenio de optimo quilate se tem patenteado com singular fulgor. Develhe o *Diario de Noticias* artigos e chronicas de extremo merecimento, devem-lhe os seus alumnos lições e conferencias que são um modelo de boa orientação scientifica e litteraria.

Ramos da Costa

O capitão-tenente da armada Ramos da Costa é um engenheiro e astronomo de largos conhecimentos scientificos, que se desdobra num escriptor facil e conhecedor de todos

os requintes da profissão. Sabe amenisar os problemas mais aridos de mathematica dandolhe uma fórma singela e cheia de attractivos. E' o que acontece com o seu ultimo traballo *O cometa Halley*, um livro precioso pelo que encerra de noções uteis e pela attrahente fórma como as desenvolve, livro editado numa edição primorosa pela livraria Ferreira e hoje quasi exgottado.

Esse livro illustrado com magnificas e elucidativas gravuras com diversos aspectos do cometa, com os retratos de Edmundo Halley, de Max Wolf, dos interiores e exteriores de varios observatorios, com um texto em que historía pormenorisadamente a existencia d'esse vagabundo do espaço, tem obtido um magnifico exito de livraria.

Antonio Monforte

A maior e a mais justa homenagem que podemos render ao novo livro de versos de Antonio de Monforte. é transcrever do seu bello,

suggestivo, de quando em quando humoristico e sempre portuguez *Tronco reverdecido*, um dos seus sonetos, respigado ao acaso, porqué verdade, verdade, e sem lisonja, se fossemos a escolher, transcreveriamos o livro todo.

Festas de verão

Não ha villória aí p'la redondeza
que não festeje agora a padroeira
nessa sincera terra portuguêsa
de quem do Ceu alcança quanto queira.

A phylarmónica estrondea, accêsa,
Nossa-Senhora corre a villa inteira
e a todos se annuncia com firmeza
o homem dos foguetes na dianteira.

Fogo. Arraial. Tourada. «A' unha! A' unha!»
— Eu sou, se fôr preciso, testemunha
do bem que se houve em tudo a mordomia...

De novo a música resôa: — ufano,
recebe a vara o que é juiz p'ra o anno
e logo em mil projectos principia.

A edição, da Livraria Classica Editora. honra esse importante estabelecimento.

Theatros

S. Carlos. — Com a opera *Traviata*, de que fizemos larga referencia no nosso numero anterior, despediram-se do publico de S. Carlos, a sr.ª Rosina Storchio e o tenor Carpi, deixando uma agradavel impressão pelo relevo que deram ás differentes operas em que tomaram parte.

O barytono Nani realisou a sua despedida com os *Palhaços*, e a sr.ª Judice da Costa com a *Africana* onde, de novo, patenteou os seus dotes de cantora distincta. Com a *Gioconda*, findou a presente época no theatro lyrico, sendo de justiça louvar a empreza Anahory pela fórma como conduziu os espectaculos no total de 76 recitas, e em que foram executadas as operas: *Aida* e *Gioconda*, 9 vezes cada uma; *Hansel* e *Gretel*, 8; *Manon* e *Wally*, 7 cada; *Samsão*, *Damnation di Faust*, *Carmen* e *Fausto*, 5; *Viuva Alegre*, 4; *Traviata*, *Cavalleria Rusticana*, e *Rigoletto*, 3; *Africana*, *Othelo* e *Palhaços*, 2 vezes.

Ainda neste theatro, e em recita de caridade, representaram as educandas do Asylo-officina de Santo Antonio de Lisboa, a conhecida opera-comica de Planquette, *Os Sinos de Corneville*, recita esta, que ficou memoravel pela correcção com que essas gentis crianças executaram a difficil partitura, sob a direcção do maestro Alfredo Mantua, a quem, por certo, cabe um bom quinhão das ovações que o publico lhes dispensou no decurso do espectaculo.

Com o mesmo brilho com que fôra, ha tempos, executada a *Grã-Duqueza*, se houve, nos *Sinos*, esse grupo de pequeninos artistas que, tanto na parte musical, como na dramatica, se evidenciaram de maneira tão distincta, que a assistencia, por vezes, rompeu em fartos applausos; e não era facil a tarefa, pois que, os *Sinos* é uma das operas comicas, que mais responsabilidades encerra, e nella diversas companhias, teem soffrido verdadeiros mallogros.

Os papeis de *Rosalina*, *Nicolau*, *Gaspar*, *Marquez de Corneville* e *Germana*, foram respectivamente desempenhados pelas meninas: Adelina Fernandes, Julieta Pitté, Adelina Azevedo, Sophia Gouveia e Gloria Ferreira, com bastante relevo, pelo que conquistaram, sem favor, carinhosas ovações, das quaes partilharam os srs. Henrique José Alves e Alfredo Mantua, que primorosamente as ensaiaram.

D. Maria. — Attentas as difficuldades que encontram os que escrevem para o theatro em apresentar theses novas, a crítica tem que se limitar á apreciação da technica, de como a acção é conduzida, da fórma como as figuras se encontram descriptas nas suas linhas geraes, na firmeza dos seus caractéres num desenho claro e vivo, e na correcção e vivacidade do dialogo. Para o interesse que uma peça deve despertar no publico, é preciso dar-lhe o imprevisto, que deve achar-se, segundo a moderna dramaturgia, no desfecho da acção.

Não obedece completamente a estes requisitos, a peça *Maria da Graça*, original dos srs. Urbano Rodrigues e Victor Mendes, mas é, sem duvida, um trabalho feito com honestidade e revela, da parte dos seus auctores, aptidões para futuras obras de mais folego.

O 1.º acto é theatralmente bom; ha clareza na exposição e propriedade na linguagem; o 2.º serve como traço de união, e o 3.º é conciso como entrecho; e se a sua ultima scena tivesse uma feição original, se os auctores não tivessem as suas attenções presas a outras obras, o exito seria mais accentuado e vincariam os seus temperamentos artisticos, o que levemente esboçam nas primeiras scenas da peça. Quem dá, porém, assim um passo no theatro, deve cultivar o genero e procurar, em trabalhos subsequentes, o levantamento da arte nacional.

O desempenho da *Maria da Graça*, foi primoroso por parte de Ignacio, Lucinda Simões, Joaquim Costa, completando-o, n'um conjunto harmonico, os artistas: Cecilia Machado, Motilli, Carlos Santos, Christiano e Pinto Costa.

Em *reprises* subiram á scena as peças: *Os velhos*, *Um pae prodigo*, *Marquez de Villemer*, *Amôr á antiga*, *e Dolores*, que, ha muito, se acham consagradas, e para as quaes a critica, em diversas épocas, lhes tem prestado a sua devida homenagem. Pertencem ao numero das que honram o archivo d'um theatro, e hoje, como sempre, nunca é de mais fazel-as reviver; dos originaes portuguezes, o de D. João da Camara, *Os velhos*, constitue uma verdadeira joia theatral, onde o primor da litteratura se casa com a belleza scenica; foi escripta com o coração e alma d'um genuino poeta. Augusto de Mello, Ignacio, Joaquim Costa, Luiz Pinto, e Augusta Cordeiro, que, com estas *reprises* realisaram as suas festas artisticas, foram muito applaudidos e brindados por uma cohorte de amigos e admiradores.

D. Amelia. — Manda a bôa logica que se preste todo o apoio a quanto seja nacional. Entre nós, raramente o systema é seguido; a tudo quanto é estrangeiro, engrinalda-se com um torvelinho de applausos e corre-se a escala dos adjectivos pomposos; ha mesmo como que uma desmedida protecção e uma opinião favoravel antecipada para o que nos vem de fóra seja qual fôr o ramo de commercio; e como isto não bastasse, para prejuizo dos que trabalham, deprime-se e afoga-se em críticas mordazes, o que é producto nacional, quando, em tudo e em toda a parte, ha bom e mau. D'este estado de coisas enferma, um tanto, a litteratura portugueza, que soffre tratos de polé, consoante as antipathias que inspiram os que escrevem. Só por uma grande fôrça de vontade e uma tenacidade desmarcada são vencidos, ás vezes, os obstaculos, que se levantam, e se triumpha d'essa forte corrente composta, em geral, dos que nada produzem, mas, que em compensação, são austeros e intransigentes na critica. E' claro, que em toda a parte, pullulam os severos, os maldizentes, mas como o nosso meio scientifico é bastante restricto, os effeitos fazem-se sentir com maior intensidade.

Não pensamos assim; uma obra deve unicamente ser apreciada pelo seu valor litterario, pelas suas qualidades instructivas, pelo que nella haja de observação, de real e de bello.

Assim na peça *Santa Inquisição*, ha a destacar a verdade e a belleza de estructura. E' certo, que o campo está muito explorado, que, quer pela penna, quer pela palavra, os horrores do tribunal do Santo Officio, teem tido larga exposição, não havendo, crêmos, quem desconheça a serie de factos passados n'essa época, em que os processos inquisitoriaes mancharam de sangue as paginas da nossa historia; mas apezar do thema ser velho, a peça do sr. Julio Dantas é muito interessante, impondo-se pela sua primorosa linguagem e urdidura d'acção que, no desenho vivído das suas figuras, vinca com forte traço, essa época de luto e dôr.

Todas as personagens concretizam um grupo que passou por este nosso torrão, deixando um sulco immorredouro na sua passagem; umas, representam o typo da hypocrisia e da ignominia; outras, o das almas francas e abertas aos sentimentos puros; algozes e victimas; o bem e o mal synthetizados numa successão de scenas, nas quaes sobejamente se revela o estylista e o dramaturgo.

JULIO DANTAS

Não só, porém, no valor da obra residiu o exito que obteve, muito tambem elle foi devido aos trabalhos de scenographia, ao desempenho e propriedade com que a peça foi vestida. Augusto Rosa, no papel de cardeal, o inquisidor-mór; Azevedo, no de *Micer Gaspar;* Carlos d'Oliveira, no de *D. João;* José Ricardo, no de *Massem Judas Navarro;* A. Pinheiro, no de medico familiar do Santo Officio; Chaby, no de *Don Brisco;* João Silva, no de *Frei Marcos;* Angela Pinto, no de *Izabel Conti:* Jesuina Saraiva, no de bruxa, etc., foram d'uma extrema correcção, traduzindo a idéa do auctor com inexcedivel sobriedade.

Em seguida ás recitas da *Santa Inquisição*, realisaram-se os concertos da orchestra philarmonica de Munich, dirigida por Joseph Lassalle, cujos programmas foram exhibidos com tal brilhantismo e colorido, que a assistencia se pronunciou em fartos applausos. A fama que a precedeu não tinha de facto, parcella de favoritismo, pois que, as diversas peças de musica, d'uma difficuldade comprovada, tiveram uma superior execussão, sendo de toda a justiça as ovações que recebeu o maestro Lassalle.

No proximo numero dos *Serões*, faremos a nossa apreciação sobre a peça *A primeira causa*, traducção do sr. Cunha e Costa e que subiu á scena em festa da distincta actriz Angela Pinto, que, nessa noite, recebeu a consagração a que tinha jus pelo seu talento; bem como nos occuparemos das recitas da companhia franceza que proporcionou aos *habitués* do D. Amelia, umas noites de boa arte.

Trindade. — Affonso Taveira, o intelligente emprezario do theatro da Trindade, querendo significar quanta consideração lhe merecia a louvavel tentativa, de ha 19 annos, para a introducção da operetta nacional nos nossos theatros, fez reviver a *Moura de Silves*, que surgira após os retumbantes successos alcançados pelas operettas estrangeiras, de que tiveram mais nomeada: o *Boccacio*, a *Grã-Duqueza*, o *Barba Azul*, os *Sinos de Corneville*, a *Mascotte*, e a *Noite e Dia*, levados á scena pelas emprezas Francisco Palha e Mattoso da Camara. E então, como agora, a *Moura de Silves*, fez uma carreira brilhante, demonstrando cabalmente, que em Portugal havia quem, com brilho, cultivasse o genero, o que mais tarde, foi comprovado com as operettas de Gervasio Lobato e João da Camara, e musica do inspirado e saudoso maestro Cyriaco de Cardoso. Bem andou pois, Affonso Taveira, trazendo, de novo, á luz da ribalta, essa encantadora peça de Lorjó Tavares, com deliciosa musica de Guerreiro da Costa, o infeliz compositor, que falleceu dias antes da realização d'esta auspiciosa tentativa. Com Guerreiro da Costa, dormem tambem

LORJÓ TAVARES

THEATRO DA TRINDADE — FINAL DO 3.º ACTO D'«A MOIRA DE SILVES»

o somno eterno, os interpretes d'essa época, Joaquim Silva, Diniz, Augusto e Portugal, e existem: Queiroz, Cardoso Galvão, Amelia Barros, Mercedes Blasco e Blanche Barbe. A peça obteve novo successo, recebendo os novos interpretes: Affonso Taveira, Medina de Sousa, Maria Santos, Roldão, Augusto Conde, Gabriel Pratas, Antonio de Sá e Casimiro Tristão innumeros applausos.

Com esta mesma peça e um entre-acto, com o titulo, *Perde ou ganha*, se realisou uma festa promovida pelos amigos do velho actor Queiroz, que pela falta de vista, foi obrigado a deixar o theatro, onde, durante a sua longa carreira, dera um exemplo frisante de disciplina e correcção. O que foi essa festa, facil é calcular, visto o sem numero de amigos que o velho artista conta, dentro e fóra do theatro. Uma salva de palmas e ramos de flôres marcou a sua entrada em scena, e após o entre-acto, de que era auctor, e fôra escripto, como pretexto para Queiroz e Roldão cantarem uns lindos fados.

Obteve tambem, n'este theatro, um legitimo successo a operetta *S. A. R. O Principe Consorte*. D'ella nos havemos de occupar mais detalhadamente.

Gymnasio.—Em festa do actor Cardoso, uma das primeiras figuras do Gymnasio se representou a comedia *Contradansas do divorcio*, habilmente traduzida do allemão pelo sr. Freitas Branco, e que se não teve o successo d'outras do mesmo traductor, foi comtudo ouvida com geral agrado e era de molde, a que o beneficiado apresentasse mais um typo comico para a sua vasta galeria. Telmo e Judith, compuzeram admiravelmente as suas personagens, no que foram bem coadjuvados, por Alegrim, Vieira Marques, Laura Hirsch, Maria Lagôa e Ambrozina.

Abriu o espectaculo a interessante comedia *Guerra valente*, original do sr. Julio de Menezes, peça de entrecho simples muito gracioso e que veiu corroborar as qualidades de comediographo que ha muito, distinguem o auctor.

Fez tambem a empreza d'este theatro *reprise* da linda comedia de Bisson, *Ciumenta*, traducção muito feliz, do estimado ensaiador Leopoldo de Carvalho, e que obteve fóros d'uma *première*, conferindo a este e aos interpretes os louvores que lhes eram merecidos.

Principe Real.—Continua em pleno successo a revista *Sol e Sombra*, que todas as noites chama ao theatro uma verdadeira romaria.

Avenida.—O grupo de artistas da qual faz parte a actriz Rentini e que segue viagem para a provincia, deu no Avenida uma recita com a operetta *Viuva Alegre*, ja muito conhecida, e que cahiu no agrado do publico pela musica inspirada de Franz Lear.

Rentini se, de facto, se não revela artista de grande valor na arte de representar, é comtudo, distincta na do canto, já pela sua voz, volumosa e d'um timbre agradabilissimo, já pelos conhecimentos que possue de boa escola musical. Foi, pois, esta recita com a *Viuva Alegre*, digna de registo pelo brilho que Rentini deu a toda a sua linda parte, devendo tambem citar-se o actor Barreiros, que muito eapecialmente no duetto do 2.º acto com Rentini, conquistou os applausos do publico.

Rua dos Condes.—Navega em mar de rosas a revista de João Phoca e André Brun, *Fado e Maxixe*.

Todas as noites enchentes *á cunha*, como se diz em linguagem de bastidores.

Colyseu dos Recreios.—Honra seja feita ao habil e intelligente emprezario d'esta vasta

e elegante casa de espectaculos, continuando no eu intento de proporcionar ás classes menos abastadas, o poderem apreciar os encantos musicaes, tanto da antiga como da moderna escola, a um tempo que lhes faz conhecer os segredos d'essa sublime arte, que, devido a elle, ha já alguns annos, se veem a de vendar. E esse intento tem sido por tal fórma coroado do mais feliz exito, que todas as noites em recitas d'opera, o publico enche o theatro e com enthusiasmo applaude artistas e maestro.

Não é, em bôa verdade, sem razão, que as ovações registam as recitas, pois que, este anno como os demais, o sr. commendador Antonio Santos, conseguiu reunir um bom grupo de artistas, alguns dos quaes rivalisam em merito os escripturados em outros importantes theatros do mundo lyrico.

Ainda, crêmos, estão bem patentes na memoria de todos, os distinctos cantores: Galvany, Rosa de Vila, Marchisini, Aceña, Ceccarelli, Modesti, Puiggener, Walter, Cardinali e outros, cujos nomes nos não occorrem neste momento, e que deram uma superior execução a diversas operas eriçadas de enormes attrictos, e não pequenas responsabilidades. Mas se a maioria d'estes artistas não fazem parte do actual elenco, justo é, elogiar os que o compõem, pois que, nas operas a que nos vamos referir se teem evidenciado como conhecedores de bôa escola de canto.

Foi, como em annos anteriores com a *Aida*, majestosa partitura de Verdi, encetada a época lyrica no Colyseu e o successo accentuou-se d'uma fórma notavel. A sr.ª Albertini na protagonista e a sr.ª Galau na parte de *Amneris*, arcaram muito bem com as responsabilidades da opera, tendo mesmo algumas passagens executadas com inexcedivel colorido. As suas vozes não muito volumosas, são bastante agradaveis e de firmeza nos agudos. O tenor Guiseppe Mauro, o barytono Gueri e baixo Giral conquistaram egualmente bons creditos, dando bastante relevo ás suas difficeis partes, em especial o tenor que teve chamadas especiaes. Córos muito afinados, boa enscenação e direcção orchestral.

Seguiu-se-lhe o harmonioso spartitto de Puccini, *Bohème* e nelle se accentuou os bons dotes artisticos da sr.ª Albertini, que na romanza do 1.º acto da *Mimi* se patenteou, sendo muito applaudida, bem como a sr.ª Aceña, que com a sua conhecida desenvoltura e graciosidade, imprimiu extraordinario brilho ao papel de *Musette*. A parte do tenor esteve a cargo do sr. Mulleras, ao qual temos já feito referencias elogiosas pela sua voz potente e de facil emissão. O barytono Gueri no papel de *Marcello* e Genovés, no de *Schussard*, contribuiram poderosamente para o exito da *Bohème*. Com o *Ernani* estrearam-se Dolores Grau, e barytono Molina que receberam do publico significativas ovações e se confirmou o merito do tenor Mauro, a que nos referimos na *Aida*. A orchestra, sob a direcção do maestro Mazzi foi egualmente bastante applaudida. Na suggestiva opera de Bizet *Carmen*, tiveram ensejo para se revelarem como bons artistas as srn.as Aceña e Galau, o tenor Fomadas e o barytono Molina. A sr.ª Galau, que na *Aida* tinha já conquistado o elogio do publico, na *Carmen* foi talvez superior, tendo cantado a *habanera* e *seguidilla* do 1.º acto, os duettos e a parte final da opera com muito colorido, merecendo a ovação que lhe foi feita. A *Tosca*, de Puccini, um dos encantos do nosso publico, e o *Baile de Mascaras*, de Verdi, tiveram egualmente as consagrações da enorme assistencia, confirmando o cuidado, que ao sr. commendador Antonio Santos, lhe merece a escolha dos artistas e a fórma de dirigir os espectaculos lyricos. — *H. O.*

Alfredo de Carvalho

Se não foi um dos vultos a quem a trombeta do *reclame* deu a categoria de *estrella fulgurante* da atmosphera da scena, foi um dos mais intuitivos, e a prova é que, descendendo d'uma familia illustre, se não menospresou de descer ao tablado para onde a vocação o chamava, com todos os seus encantos.

ALFREDO DE CARVALHO

Alfredo possuia o condão de alegrar os mais

tristes, fazendo afflorar o sorriso aos labios ainda os mais desbotados.

Viveu sorrindo e sorrindo morreu, como era de seu desejo.

A ultima vez que pisou o palco foi no Salão da Trindade, na tarde de 3 de abril, recitando o monologo *O Sonho*, de Alvaro Cabral, n'uma festa a favor do cofre da *Caixa de Pensões da Typographia do Annuario Commercial*.

Se não foi uma celebridade, foi sem duvida alguma uma entidade theatral que se não substitue facilmente.

Tauromachia

Começou sob os melhores auspicios a temporada taurina de 1910 em Lisboa.

Como é sabido, a direcção das corridas esta época está a cargo do distinctissimo aficionado sr. Luiz Lacerda, socio da empreza da praça do Campo Pequeno, que se esmera na organisação dos espectaculos e em satisfazer as exigencias sempre crescentes dos amadores do popular divertimento.

LUIZ LACERDA

Além dos principaes artistas portuguezes que tem contractados, conta ainda a empreza com a cooperação dos mais afamados matadores, como Antonio Fuentes, *Bombita*, *Machaquito*, *Gallito*, *Bienvenida*, *Regaterin*, e outros.

Alguns d'estes espadas devem apresentar-se com as suas quadrilhas completas de picadores e bandarilheiros.

A empreza apresentará durante a temorada touros dos principaes lavradores portuguezes, e tambem dois curros hespanhoes que serão lidados em corridas mixtas, além de uma corrida certamen com touros hespanhoes e portuguezes.

Com tal programma, não podemos deixar de felicitar a *aficion* lisbonense, agourando á empreza Baptista & Lacerda uma época prospera, pois mostra bem querer servir o publico.

Centenario de A. Herculano

Se não teve toda a majestade compativel com a grandeza do enorme vulto que commemoravam, as ceremonias do centenario de Alexandre Herculano, foram, no entanto, eloquentes e ungidas de respeito. Sobre essa individualidade, por tantos motivos gloriosa, in-

A COMMISSÃO EXECUTIVA

cidiram as homenagens e os preitos da actual sociedade, pelo lustre, educação e liberdade da qual elle, o poeta, o historiador, o litterato, o soldado, o cidadão de principios rigidos, tanto pugnou.

Durante alguns dias todo o paiz pensou em Alexandre Herculano. As festas, as solemnidades de caracter civil e religioso, os discursos, as publicações de todo o genero fizeram convergir sobre o austero solitario de Valle de Lobos o amor e a admiração que convém ás personalidades da sua gigan esca envergadura.

O TEMPLO DOS JERONYMOS
NA OCCASIÃO DA MISSA

Prepara-se para breve um significativo cortejo civico. Chovem as adhesões de todos os recantos de Portugal. E' assim que as nacionalidades patenteiam as suas forças vivas nestes prélios de paz, dando um proficuo ensinamento aos vivos e rendendo o cul'o respeitoso devido aos extintos que honraram a sua patria.

H. Marques Junior

Aos irmãos Grimm devem as crianças alguns dos seus momentos mais bem passados e divertidos. Esses dois illustres escriptores teem uma serie de contos infantis, que são verdadeiras obras primas no seu genero. A litteratura infantil, pouco ou nada cultivada entre nós, é um ramo, uma utilissima especialidade, altamente proveitosa para a educação de uma raça. Por meio d'ella se transmittem os primeiros elementos de moral, as primeiras idéas de sciencia, de historia, de philosophia que preparam a formação dos caracteres dos futuros cidadãos, esposas e mães.

Henrique Marques Junior, um rapaz modestissimo, mas de valor, e muito conscencioso nos seus trabalhos, tem sido o introductor desses contos no nosso paiz traduzindo-os com meticuloso desvello e vulgarisando-os em edições que são o encanto dos pequeninos seres a quem se destinam.

O esquadrão que acompanha el-rei nos actos officiaes

FARINHA LACTEA NESTLÉ

Alimento completo para crianças e pessoas edosas.

MUSICA

DOS

SERÕES

ADAGIO

SONATA EM RÉ MENOR

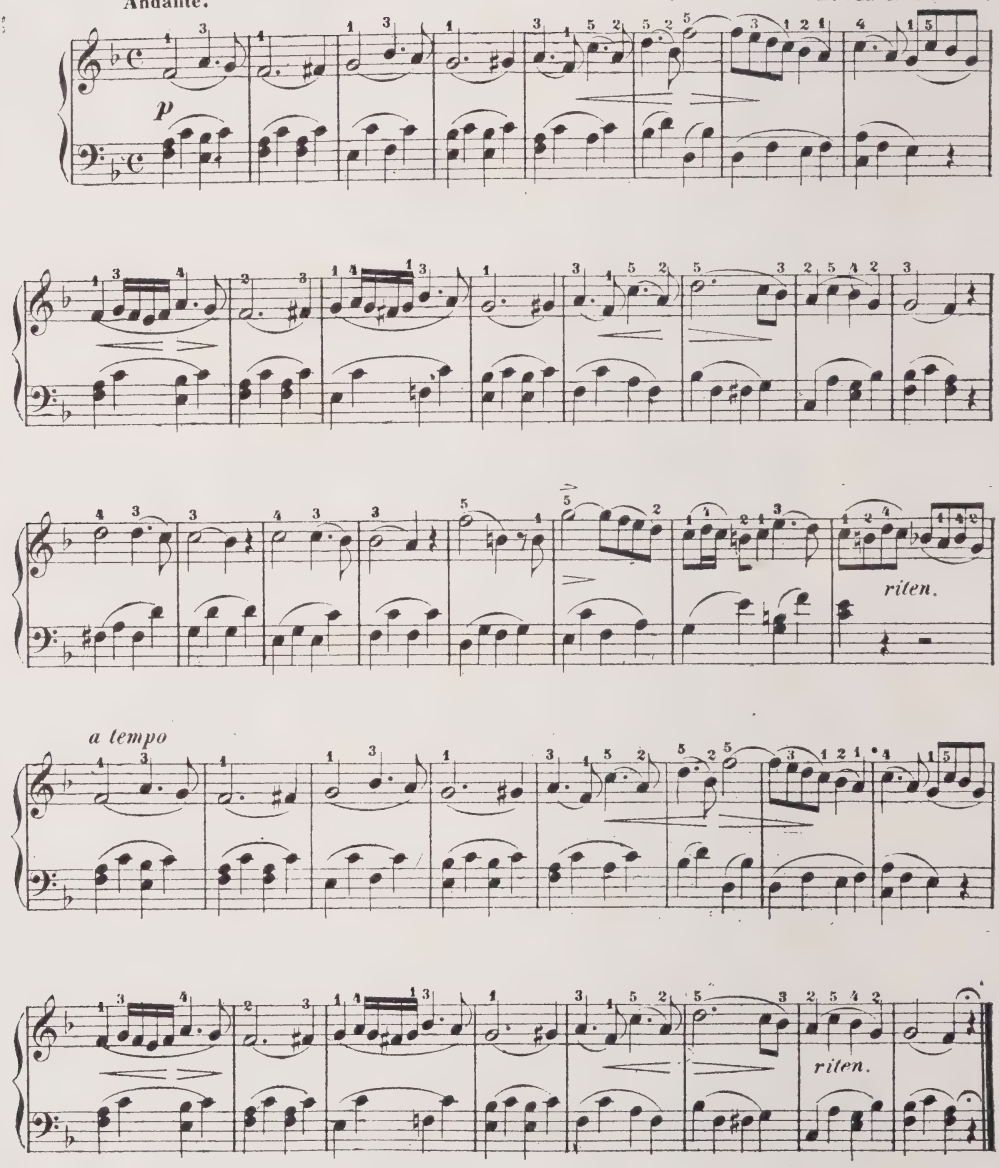
Op. 10, N.º 1

Por Beethoven.

Adagio

Andante.

L. van Beethoven.



Typographia do ANNUARIO COMMERCIAL DE PORTUGAL

Propriedade de **MANOEL JOSÉ DA SILVA**

OFFICINA TYPOGRAPHICA

Movida pela electricidade — Installação apropriada

Executam-se trabalhos typographicos em todos os generos, e mui especialmente os que dizem respeito ao commercio, como facturas, memorandums, livros de escripturação, etc., garantindo-se perfeito acabamento e modicidade de preços.

Reproducção de planos. Cartas Geographicas.
Laminas e pergaminhos antigos. Quadros a oleo e aguarella
em tamanho natural, ampliado ou reduzido

ESCRIPTORIO E OFFICINAS

Praça dos Restauradores, 27 (PALACIO FOZ)

CALÇADA DA GLORIA, 5

Telephone 1:239 **LISBOA**

Belleza do Rosto

Leite Antephelico ou Leite Candès

O Leite Antephelico cuja invenção data do anno 1849 deve effectivamente, as suas propriedades cosmeticas à combinação bem acertada de elementos tirados da materia medica, que reciprocamente se temperam por suas porções rigorosamente determinadas, e cuja acção não vai alem das camadas superficiaes da pelle.

O Leite Antephelico emprega-se em loções, em dose benigna, ou estimulante, segundo as alterações que se querem prevenir ou corrigir.

MODO DE EMPREGO SEGUNDO OS CASOS

Durante o tratamento empregar o LEITE CANDÈS só sem nenhum outro cosmetico.

I. DOSE BENIGNA E AGUA DE TOUCADOR. — Vascolejar o liquido até elle fazer-se côr de leite; deitar n'um pires a quantidade d'uma colher à café, e ajuntar as seguintes quantidades de agua: 1º um a dois tantos, contra o Rosto sarabulhento e as Picadas de insectos; — 2º dois a tres tantos contra as Rugas, o Tisne do sol, Borbulhas, Espinhas, Brotoeja, Fogagem, Efflorescencias farinhentas ou furfuraceas e outras alterações accidentaes da cutis; — 3º tres a quatro tantos, como agua de toucador, para conservar a pureza, transparencia e macieza da pelle. — Embeber n'estas misturas um panninho fino, e humectar duas vezes por dias os pontos affectados. Como agua de toucador, basta uma loção, com preferencia pela manhã, meia hora antes de lavar o rosto.

II. DÓSE ESTIMULANTE, contra as SARDAS e as MANCHAS DE GRAVIDEZ. — Nos dois primeiros dias, ajuntar á pequena porção de LEITE que se deita no pires, igual quantidade de agua, e continuar esta dóse tres vezes por dia, se os effeitos abaixo descriptos principiarem a produzir-se; se não, logo no terceiro dia, emprega-se o LEITE puro e humectão-se as manchas, sem esfregar, uma duas ou trez vezes *quando muito* no correr do dia (segundo a delicadeza da cutis), até que a epiderme que as cobre, passando por duas phases previstas e sempre isentas de gravidade, — 1º ardor mais ou menos vivo, — 2º leve intumescencia acompanhada de sensação tensiva, — tenha tomado uma côr cinzenta, e se desseque. Oblido este resultado, as loções só se comparão de uma parte de LEITE e tres tantos d'agua. A epiderme exfolia-se, e a cutis, temporariamente vermelha, apresenta-se (depois de dez a quinze dias de tratamento) branca e fresca, livre das manchas que a embaciavão.

Magazine mensal illustrado
LIVRARIA FERREIRA, Editora
Redacção e administração
Praça dos Restauradores, 30 — LISBOA
Telephone 805

SERÕES

N.º 60 — Junho 1910

Assignatura { Semestre.. 1$200 / Anno ..... 2$200
Numero avulso 200

Composto e impresso
na Typ. do Annuario Commercial

EMPREZA INDUSTRIAL PORTUGUEZA
A MAIOR E MAIS IMPORTANTE
FABRICA
PORTUGUEZA DE METALLURGIA
Construcção de pontes,
vigamentos e estructuras metallicas
fundição de aço ferro e outros metaes
CALDEIRAS E MACHINAS A VAPOR
MOTORES A GAZ POBRE
CONSTRUCÇÕES MECHANICAS CIVIS E NAVAES
Alfaias e machinas agricolas
Ascensores e monta cargas electricos
SYSTEMA PRIVILEGIADO
Importação de todo o genero
de machinas
Materias primas e manufacturadas
para as industrias
ESCRIPTORIO E OFFICINAS
115, RUA LUIZ DE CAMÕES, A SANTO AMARO
TELEPHONE
N.º 256—BELEM
Telegrammas
Santamaro
LISBOA
Deposito d'Exposição Permanente
AVENIDA DE D. CARLOS
E
RUA VASCO DA GAMA
LISBOA
MARCA REGISTADA
A. Cuaresma
A ILLUSTRADORA L. DO Carmo 17 LISBOA

Proprietaria: Livraria Ferreira — **Director litterario:** Eduardo de Noronha — **Director gerente:** Caldeira Pires — **Séde da redacção e administração:** Praça dos Restauradores, 30. — Composto e impresso na **Typographia do Annuario Commercial,** Praça dos Restauradores, 27.

Summario

MAGAZINE PAG.

MADEMOISELLE ERNESTINA VOGET
(Frontispicio) 402

HONOLULU
(10 illustrações) pelo DR. GONÇALVES PEREIRA 403

MYSTICISMO CHRISTÃO *(Versos)* de EDUARDO METZNER 409

LADRA!
(2 illustrações) por AMALIA BARBOSA 410

A TROCA *(Versos)* de JULIO MARTINHO 418

ARSENAL DO EXERCITO *(Conclusão)*
(9 illustrações) por HENRIQUE MARQUES JUNIOR 419

IMPRESSÕES DE VIAGEM — A CHICAGO ALLEMAN *(Conclusão)*
(1 vinheta) versão de MANUEL DE MACEDO 428

A COMEDIA LATINA
(9 illustrações e 1 vinheta) compilado por EDUARDO DE NORONHA 431

MEUS SONHOS *(Versos)* de RAUL DO VALLE 444

POBRE FLORINDA!
(6 illustrações e 1 vinheta) por COSTA MACEDO 445

NA VIDA *(Versos)* de PEREIRA BARRETO 452

EDUARDO VII, LAVRADOR
(2 illustrações e 1 vinheta) por ALVARO COELHO 453

ALCOBAÇA *(Versos)*
(1 illustração) por D. LUTHEGARDA DE CAIRES 456

MACAU
(10 illustrações) por ARTHUR LOBO D'AVILA 458

HOMO *(Versos)* de GERVASIO DE ARAUJO 464

ULTIMOS ECCOS DO FUNERAL DE EDUARDO VII
(1 illustração) 465

O TERREMOTO *(Versos)* de PERES JUNIOR 466

ECCOS E REFLEXOS
(15 illustrações) 467

A MUSICA DOS SERÕES

MIMOS DO CORAÇÃO, musica do Ex.mo Sr. A. S., letra do Ex.mo Sr. R. H. . . 4 pag.

A Quebradura curada

Vê V. este pedreiro fechando a abertura nesta parede?

E' essa a fórma porque eu curo a quebradura. Enchendo a abertura com material novo e mais forte.

Uma quebradura é simplesmente uma abertura numa parede, a parede de musculo que protege os intestinos e outros orgãos internos. E' quasi tão facil curar uma ferida ou rotura neste musculo como em um braço ou mão.

Comtudo esta rotura não é talvez maior que a cabeça de um dedo.

Mas e sufficientemente grande para deixar que os intestinos passem através. E' claro que isto não póde cicatrizar sem que a natureza seja auxiliada.

E é isso precisamente o que o meu methodo faz. Permitte-lhe a V. reter a protusão dentro da parede no seu mesmo sitio.

Depois dou a V. um Desenvolvente Lymphol para applicar sobre a abertura da quebradura. Este penetra através da pelle até aos bordos da abertura e remove o annel calloso que se tem formado ao redor da rotura.

Então começa o processo de cicatrização. A natureza livre já do instestino saído e do annel calloso da abertura, e estimulada pela acção do Lymphol deita uma porção de lympha e a abertura é outra vez occupada com novo musculo.

Não é isto simples? Não é isto razoavel? Tenho provado os seus meritos em milhares de casos. Proval-o-hei a qualquer herniado que me envie o seu nome.

Escreva-me V. indicando o numero a que corresponde o seu caso e eu lhe enviarei pelo correio uma amostra gratuita do meu Desenvolvente Lymphol e um livro lindamente illustrado ácêrca da Natureza e Cura da Quebradura. Não me envie V. dinheiro. Só o seu nome e endereço.

Wm. S. RICE, R. S. Ltd.,

(ESPECIALISTAS)

(G. P. O. Box n.º 5) (Depot.º S. 351), 8 & 9, STONECUTTER ST.,

LONDRES, E. C., INGLATERRA

AGUA CASTELLO

Minero-gazoza, lithinada natural

DE

MOURA

Refrigera os sãos e cura os doentes

A melhor, a mais pura e a mais barata das aguas de meza do Paiz.

Agradabilissima ao paladar, tomada simples ou misturada com cognac, leite, wisky, vinho, etc. — premiada na Exposição de S. Luiz e no Palacio Crystal do Porto.

ESCRIPTORIO E DEPOSITO

123, RUA DA CONCEIÇAO

Telephone 880

Empreza das Aguas de MOURA ASSIS & C.ª

LISBOA

MOOTCY

Só não tem cabello nem barba quem quer!!!

Fazemos nascer

cabello aos calvos e barba aos sem ella em 20 a 24 dias

Muita gente, velha e nova, em todo o mundo, deve-nos a barba bonita e o cabello abundante. Temos levado, com o nosso **Balsamo Mootcy, a felicidade a milhares de pessoas.**

O preço para o **Mootcy** é de 2$515 réis por porção (uma porção chega perfeitamente).

Com cada porção vae um certificado de garantia, pelo qual nos obrigamos a dar outra vez o dinheiro recebido, se o remedio não der resultado algum.

Mootcy Dèpôt: Holmens Kanal 30 KOPENHAGEN 155

Deposito em Lisboa: FERREIRA & FERREIRA, Succrs.

99, RUA DA PRATA, 101

Grande Planta de Lisboa

DELINEADA POR

Caldeira Pires

Em 4 folhas, a côres, impressa em optimo papel; escala 1:5000, acompanhada de uma outra na escala 25:000 que abrange toda a area de Lisboa, dividida por bairros e estes por freguezias. Croquis do districto de Lisboa, divididos por concelhos.

Roteiro e fita indicadora para prompta busca de qualquer rua, travessa ou logar que se pretenda conhecer de momento.

Planta de grande utilidade e alcance para

Secretarias, escriptorios, escolas, quarteis, policia, etc., etc.

Ligeira noticia da capital, e todas as suas differentes divisões administrativas.

Preço em folhas, 3$000 réis

Colladas em panno, envernisada, com reguas de madeira **5$000 réis**

PROPRIEDADE E DEPOSITO GERAL

LIVRARIA FERREIRA

Rua Aurea, 132 a 138

CORTAR COM UMA TESOURA SOBRE O PONTEADO

Brinde mensal a todos os leitores dos SERÕES

Brinde dos SERÕES

BONUS para o desconto de **10 por 100** em qualquer compra feita pelo portador na

LIVRARIA FERREIRA

Rua Aurea, 132

durante o mez de junho de 1910.

Brinde dos SERÕES

BONUS para o desconto de **10 por 100** em qualquer encommenda feita pelo portador no atelier de gravura de

PIRES MARINHO & C.ª

Praça dos Restauradores, 27

durante o mez de junho de 1910.

Brinde dos SERÕES

BONUS com o desconto de **50 por 100** em qualquer logar nos espectaculos realisados ás terças feiras, ou dia seguinte passado aquelle seja festivo, no salão

MUSIC-HALL

PRAÇA DOS RESTAURADORES

durante o mez de junho de 1910.

Brinde dos SERÕES

BONUS para o desconto de **10 por 100** sobre os preços estabelecidos no Consultorio Dental de

Tugmann

PRAÇA DOS RESTAURADORES, 30

durante o mez de junho de 1910.

Brinde dos SERÕES

BONUS para acquisição de um exemplar do

ANNUARIO COMMERCIAL DE PORTUGAL

PRAÇA DOS RESTAURADORES, 30

com o desconto de **10 por 100** durante o mez de junho de 1910.

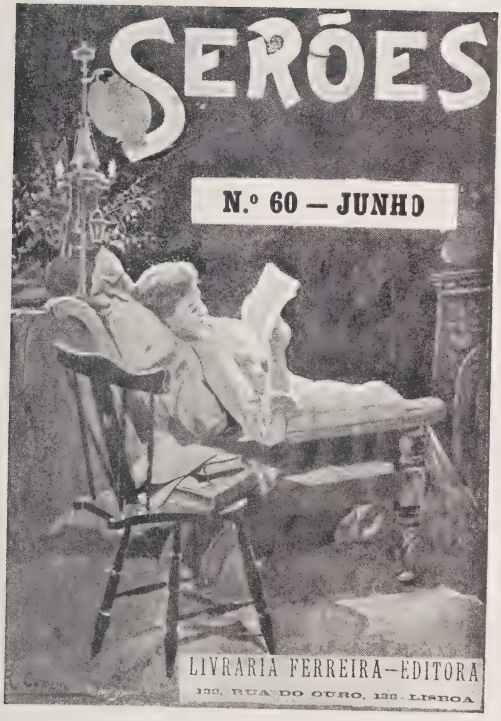
Brinde dos SERÕES

BONUS para o desconto de **10 por 100** em qualquer compra feita pelo portador, em instrumentos de precisão na

CASA MIRAMON

46, Praça D. Pedro, 48

durante o mez de junho de 1910.


SERÕES
N.º 60 — JUNHO
LIVRARIA FERREIRA—EDITORA
136, RUA DO OURO, 136 - LISBOA

Mademoiselle Ernestina Voget

Formosa senhora argentina

RIA MARGINAL

HONOLULU

A ilha da miseria — O padre Damião — Bil Ragsdale

ESTAVA a bordo do *Oceanic*, um dos maiores *steamers*, da mala Americana, que se dirigia de Hong-Kong a S. Francisco da California.

Dentro d'aquelle hotel fluctuante, não havia tristezas; tocava-se, dançava-se, jogava-se, conversava-se. Nada vinha perturbar aquelle viver de todos os dias, e só havia n'uns o desejo de chegarem a ver em pouco tempo as pessoas queridas de familia, n'outros o de aportarem a terras desconhecidas, para pôrem na sua carteira de *touriste* mais alguns traços da vida oriental. Eu pertencia a ambos os grupos: queria alliar ao prazer de abraçar os meus o de ver o desconhecido.

O *Oceanic* seguia com a regularidade das suas 16 milhas por hora.

Nem uma aragem enrugava a superficie das tranquillas aguas do Pacifico, nem uma nuvem escurecia aquelle bello sol tropical, nem uma estrella deixava de apparecer na abobada celeste nas amenas noites d'aquella longa travessia.

N'um dia resoou pelo navio a noticia de tocarmos nas Sandwichs, n'esse agrupamento de ilhas que formam o Paraiso do Pacifico.

Ricas, bellas e amenas, onde uma raça, que se extingue, vivia entregue ás delicias do seu paiz, isempta dos ataques das nações que lhe levaram com a civilisação o peor dos *virus*, essas ilhas tinham para

mim o encanto de ir ver milhares de portuguezes que formam uma das mais bellas agremiações espalhadas pelo mundo.

Fundeamos em Honolulu, e como curiosidade nunca vista em outros mares, tinhamos as limpidas aguas côr de saphira deixando ver por transparencia o seu leito de coral e os inumeros habitantes aquaticos, rodeando, boiando ou mergulhando em volta do navio na lucta constante da vida. Que bello que era aquelle mar! e que bello que era o aspecto que da bahia se gosava, das ilhas que nos rodeavam!

UMA RUA E ARVORE COQUEIRO DO MAR

Não entro na descripção d'essas tão encantadoras ilhas, cheias de curiosidade para o *touriste;* a sua vegetação luxuriante; os picos de altissimas montanhas, vomitando lava em cascatas de fogo; a vida estranha dos Kanakas, os seus usos e costumes semi-selvagens; a esplendida colonia portugueza; finalmente, tudo o que fez dar áquelle logar, que apparece no vasto oceano, o nome de Paraiso do Pacifico.

Ao longe via-se o cume elevado de Kalaï, na tetrica ilha de Molokaï, a ilha chamada da miseria e do terror, cujas descripções mais ou menos phantasiosas nos faziam arripiar os cabellos.

Mas como poderia em tão bello clima haver motivos para tão triste fama?

E' que no Paraiso do Pacifico não ha sómente aves de variegadas côres, flôres do mais fino aroma, homens de epiderme d'ourada, danças, cantos; não ha sómente noites diaphanas e perfumadas; lentas ondulações do mar nas costas de coral. Sobre tudo isso, sobre as florestas mysteriosas, na amorosa indolencia das noites, acima das residencias escondidas na sombra fresca das acacias, por cima de cabanas de palha ou de relva, paira um phantasma destruidor, terrivel, inexoravel: a lepra!

*

Ha 50 annos que um chinez ao serviço da casa real se viu atacado da terrivel molestia, e d'esse foi passando aos outros, não poupando indigenas nem estrangeiros. Do pouco cuidado dos habitantes e da relaxação dos costumes passou-se a tomar medidas energicas; e como o mal se roubasse caprichoso ás investigações da sciencia, as medidas foram brutaes, esmagadoras, mas necessarias.

O processo era simples: não podendo curar os doentes, supprimiam-os. E o logar que lhes serviria de tumulo era a ilha que se nos afigurava um jardim de flôres, era a ilha de Molokaï. Ahi viviriam, ou antes ahi acabariam de morrer.

E' terrivel a selecção: velhos sequestrados aos carinhos da familia; maridos separados das esposas, filhos arrancados dos seios das mães, tudo para ali é arrebatado com a triste certeza de que jámais sahirão d'aquelle recinto, cujas muralhas são inaccessiveis: o mar em toda a volta. Todos estes seres, de faces avermelhadas, tumefactas e luzidias, objectos de horror uns para os outros, esperam como o ultimo dos remedios, o allivio final: a Morte.

Quando os que ainda apresentam os primeiros symptomas, vêem os seus companheiros d'infortunio deixando atraz de si a mão que se desloca, um braço que cae, com as orbitas vasias, ou cheias do virulento puz, com que pungente dôr não dirão elles: *E' assim que nós estaremos ámanhã.* E no meio d'este esphacelar continuo, em que muitas vezes só resta parte do esqueleto, com a pelle fendida e sêcca, a

carne comida de tuberculos, com um entorpecimento completo, no meio d'essa massa informe, que foi um homem, um só orgão fica intacto, o cerebro.

E' o cumulo da desgraça!

E é n'este estado de podridão que começa para o leproso a ultima etape da via dolorosa.

Levados para o sanctuario dos mortos, até que Deus lhes ponha um ponto final na vida, ali são acompanhados e cuidados por um pessoal que será ámanhã o que elle está sendo hoje. Enfermeiros, creados, tudo quanto ha na ilha é leproso; e todos, qualquer que seja a sua categoria n'aquella necropole, estão á mercê da mais poderosa soberana: a Morte.

*

Para os grandes soffrimentos ha as grandes dedicações, as grandes consolações; nem tudo são agonias; ha abnegações extremas, unicas que se põem á cabeceira d'aquelles miseraveis seres esphacelados.

Havia em Honolulu um homem novo, instruido; d'uma rara distincção de espirito e de maneiras; as suas eminentes qualidades destinavam-no a um futuro brilhante; padre, podia aspirar aos mais elevados cargos da egreja.

Era o padre Damião.

Este espirito superior soube que na immensidade do Oceano Pacifico e nas asperezas das montanhas de Molokaï existiam centenas de desgraçados, roubados aos carinhos da familia, e aos braços dos amigos, a quem a terrivel doença roia de dia para dia, tendo por unica consolação os seus companheiros d'infortunio, por unico allivio, a morte.

Esse moço, cheio de saude e de vida, veiu sentar-se á cabeceira d'aquelles espectros, servindo-lhes de medico e de enfermeiro; de pae, de irmão e de amigo.

Bem sabia elle que bastava entrar na chalupa que conduzia os leprosos de Honolulu para Molokaï, para que nunca mais pudesse voltar aos braços dos que com lagrimas de dôr o viram partir.

Nada o atemorisou. Se chorava, era com saudades dos que ficavam na praia, banhados de lagrimas; porque no coração levava a alegria que trazem as grandes acções humanitarias.

Em vez de mãos esperas ou pouco adestradas no penso das chagas, encontravam elles, os seus queridos doentes, mãos pacientes, ao passo que lhes fazia ouvir palavras de consolação e de amor, n'aquella longa agonia, como uma canção de mãe sobre o berço de seu querido filho.

Quantos atheus, protestantes ou inimigos da religião, não se descobrem, reverentes, ao ouvirem pronunciar o nome do padre Damião? Não ha ninguem, viajantes, marinheiros colonos de todas as nações e de todas as seitas que não conheça o nome do Apostolo dos leprosos de Molokaï.

JARDIM PUBLICO

No demorado cahir de carnes pódres e de membros que se destacam, era preciso entreter-lhes o cerebro, que recebe todas as impressões até ao ultimo signal de vida. Não se esqueceu aquelle martyr de os entreter na escola, de lhes ensinar musicas. Um dia o padre Damião viu em si os primeiros symptomas da terrivel doença. Já os esperava, e se não os sentiu por si, sentiu os pelos desgraçados que iam ficar privados do mais disvelado companheiro, do melhor dos amigos. O mal progrediu, e ao vel-o definhar, corroer-se, aquelles que ainda tinham olhos para o verem e glandulas lacrimaes para o chorarem, addicionaram ao

seu infortunio outro não menos lamentavel, o da perda do medico, do enfermeiro, do Pae e do Amigo.

Morreu. A noticia correu com a rapidez do raio, não só por todo o archipelago, mas por toda a parte aonde tinha chegado a fama do seu nome. Todos o choraram, porque todos sabiam a que terrivel sacrificio se submetteu aquelle bondoso coração.

Eu não sei se houve sacrificio maior, e se o exemplo que deu foi seguido. Sei apenas que a espontaneidade d'elle é uma gloria para a humanidade inteira.

•

Todos os annos se faz uma caça ao homem como a um animal feroz. A lei não poupa ninguem, ricos ou pobres, indigenas ou estrangeiros. E' inexoravel, ferindo até a realeza.

Um primo da rainha Emma partiu para o triste valle de Kalawao, logo que a commissão sanitaria soube que o terrivel virus lhe ia corroendo inexoravelmente as carnes.

A ilha de Molokaï encerra um numero superior a mil leprosos, e a cada passo são mandados para lá aquelles que se acham espalhados por todo o archipelago, e que fogem á vigilancia da lei. Muitos entregam-se espontaneamente, e no numero destes encontra-se um dos homens mais eminentes do paiz, Bill Ragsdale.

EGREJA CATHOLICA

E' triste a historia d'elle, mas digna de menção:

Bill Ragsdale era um dos homens mais considerados pela sua fortuna, pelas suas relações e pelo seu talento como legista. Sendo mestiço parecia um branco.

Conhecendo bem o paiz, as tradições e os usos, valeu-lhe a estima de todos os habitantes do paiz e da colonia estrangeira.

Generoso, serviçal, esmoler, era adorado pelo povo. Ministro, tornou-se notavel como legista, creando medidas de grande alcance para o seu paiz, que o adorava. Tinha como todo homem, defeitos: de costumes faceis, rico e elegante, passava uma vida estragada, tendo de renunciar d'ella com um estoicismo admiravel.

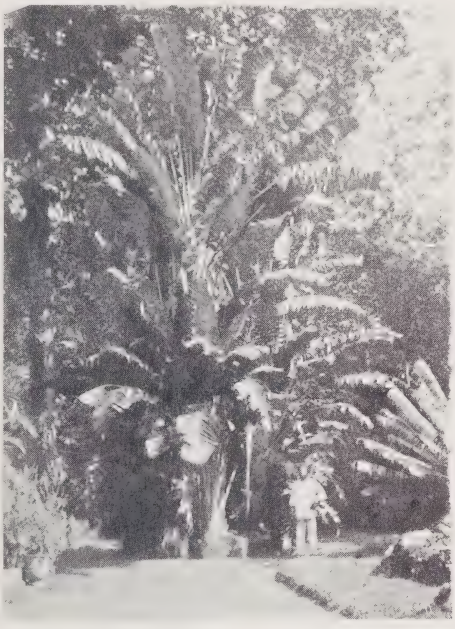
Um dia, vendo-se com os primeiros symptomas da lepra, escreveu á commissão de saude, denunciando-se como leproso, e querendo, dizia, dar o exemplo de submissão ás leis, pediu para embarcar com os outros infelizes, para a ilha de Molokaï. Desejava, porém, que se guardasse sigilo até á hora da partida, e que o deixassem ir directamente á chalupa, sem passar pelo lazareto.

Na manhã seguinte vestiu-se com todo o esmero, montou a cavallo, percorreu pela ultima vez as floridas avenidas da cidade, e dirigiu-se aos amigos com quem conversava, abraçando-os ternamente.

De tarde, á hora aprasada, seguiu para a praia, levando por bagagem uma Biblia e por companheiros alguns leprosos!

Nessa tarde já a noticia da partida para o eterno exilio tinha echoado por toda a cidade, e, como ninguem se convencesse, todos se dirigiram á praia.

Quando a multidão agglomerada o viu chegar, a comoção foi indiscriptivel. As lagrimas saltaram copiosas dos olhos compadecidos d'aquelle povo, que, como signal de amisade, lhe dava corôas e lhe dirigia palavras amigas. Elle, sereno, com um rosto cheio de bondade, pediu silencio, e de pé, no meio da chalupa, dirigiu ao povo uma pequena allocução, em que o exhortava a submetter-se á lei do exilio, terminando por estas palavras: «Paz, meus irmãos; pedi não só por mim, mas por todos aquelles, que, vivos, descerem ao tumulo! Que Deus vos proteja sempre de tamanha desgraça! Adeus!»



PAIZAGEM

A chalupa affastou-se e com elle Bill Ragsdale. Como o leproso d'Aosta, bem merecia que um Xavier de Maistre puzesse em relevo a abnegação d'este martyr.

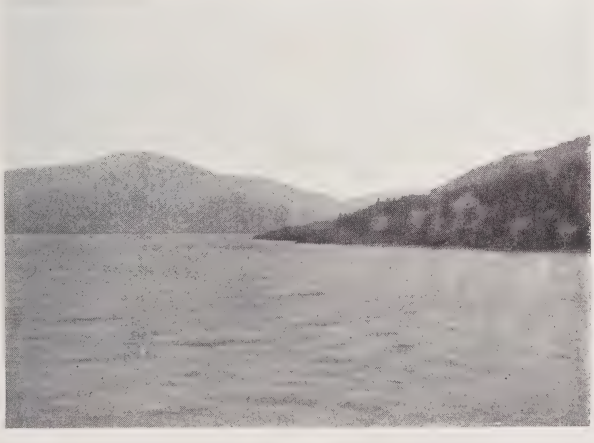
*

Nos suburbios de Honolulu estabeleceu-se o hospital e lazareto de leprosos. Tinha na minha passagem por ali algumas centenas de infelizes, jazendo uns em catres nús, outros esperando a sorte dos primeiros, até que a todos chegasse a hora do esphacelamento final.

Um padre e algumas irmãs de caridade dirigiam o hospital. N'um laboratorio, dois medicos, um allemão e outro brazileiro, recolhiam em placas o virus d'aquellas chagas abertas, á espera que a sciencia dê a solução do problema.

O hospital e o lazareto tem a apparencia dum pequeno bairro indigena. Cabanas de madeira e de bambu a seguir umas ás outras, formando pequenas ruas que se cortam em angulos rectos, tendo a um lado a capella, a outro o laboratorio, e ao centro uma escola, é tudo o que compõe aquelle estabelecimento.

Tudo isto é cercado por um fosso que intercepta qualquer communicação com o resto da ilha.



ILHA DE MALAHAI NA EXTREMIDADE E POR DETRAZ DA ILHA DE HONOLULU

Todo caiado, sem moveis, nos quartos não ha nem camas, nem roupas, nem cortinas para que o pó não se possa asylar ali. A ventilação faz-se por um systema de aberturas, de modo a estabelecer constantes correntes d'ar fresco. No meio

das pequenas enfermarias, jardins que os mais validos regam e cuidam com esmero.

Dentro das casas estão os novos atacados; em uma mais ampla sala jazem os que estão n'um periodo adeantado da doença, e que por uma concessão especial ali são conservados. Este hospital, que d'antes era um alojamento provisorio para os atacados ou suspeitos, tornou-se hoje definitivo, afim de estar mais ao alcance das medidas de qualquer nação que queira estudar a doença.

UMA AVENIDA DE PALMEIRAS

Entramos na sala dos que estão no ultimo periodo da molestia.

Que horror! O quadro mais medonho, mais desolador, patenteou-se-nos á vista com as côres mais sinistras! Desde a creança de peito até ao homem de avançada edade, tudo ali jazia, meio comido, n'uma disformidade tal que chegava a não ter fórma humana!

Uma mãe amamentava uma filha, d'uma graça infinita, que, ao ver-nos, fazia esforços para saltar aos nossos braços. A mãe era um monstro, e mostrava-nos já sem poder chorar, uma mancha redonda, azulada, em uma das pernas da creança, primeiros signaes da fatal doença, que o havia de victimar.

Talvez seja aquelle o primeiro membro a destacar-se, se a morte inexoravel como sempre, a não arrebatar primeiro.

Estirado em uma cadeira de bambu, agonisava, meio esphacelado, um branco. Era um americano. Estava no periodo agudo da doença. As reliquias da sua opulencia e as mil lembranças da sua existencia feliz são mais mil espinhos na sua atroz agonia. Já não tinha um braço, as phalanges da mão do outro braço tinham desapparecido; os olhos eram duas chagas abertas.

Que medonho espectaculo!

Passamos, ao deixarmos este horroroso logar, por uma escola. Parece um coreto d'uma orchestra, tendo algumas mezas e uma louza. N'esta, uma menina escreveu com letras enormes, em lingua ingleza:

— *Padre nosso que estaes no Ceu...*

O *Padre Nosso!* O appello commovente da creatura ao Creador; ironia amarga n'este logar maldito!

E sem nos dar grande attenção, ia proseguindo:

— *Seja feita a vossa vontade...*

Honolulu — 1890.

DR. GONÇALVES PEREIRA.

Mysticismo christão

III

A comunhão da Terra

Antigamente a Terra era mais só
Do que um orphão sem mãe e sem carinhos
Um deserto sem fim. Calhaus e pó
Lançavam maldições pelos caminhos.

Nem lyrios, nem jasmins, nem rosmaninhos,
Nem sorrisos de flôr, a flôr do pó...
Nem a orchestra musical dos ninhos...
A Terra era mais pobre do que Job...

Ora um dia, porém, cheio de luz,
Christo desceu do céo, subiu á cruz
Para abrir os portaes da Nova Vida...

Seu sangue gottejou, correu no chão
Em vermelho caudal e foi então
Que a Terra começou a ser florida.

IV

O Christo dos pequeninos

No Levante, ao sol-pôr, quando esmorece,
Pelo crepuscular, nas vagas kerulas
Um diluvio phantastico de perolas
Irisa todo o mar que um beijo aquece...

A Noite lenta vem! Como uma prece
Do moribundo á hora da agonia
Com tremulos convulsos desfallece
N'um poente de angustia a luz do dia.

Era por essas tardes sob os lindos
Olhares hebraicos de gentis morenas
Que o bom do Christo ao pé dos tamarindos

Tinha a hysteria dos impetos divinos
E afogando as coleras serenas,
Falava ao coração dos pequeninos...

Eduardo Metzner.

SOUBERA QUEM ELLA ERA ANTES DE SAIR DA OPERA . . .

LADRA!

O sol escoava-se por entre os telhados vizinhos e uns raiositos pallidos procuravam, vagabundos, levar um pouco de luz a um quarto n'um terceiro andar. Era um typico escriptorio londrino, tendo por unico ornamento as flôres côr de rosa que se espalhavam no papel da parede, desenhadas por mãos de um genio desconhecido. A pedra do fogão sustentava um grande numero de livros de commercio. Caixas pretas de folha forravam os cantos. As mesas e secretarias estavam cheias de massos e massos de papeis, no meio dos quaes se erguia o telephone como um pharol em miniatura.

Quem estava no quarto era tão pouco attrahente como este. Havia tempo que esse sujeito estava assentado á secretaria, preoccupado e sombrio. Apesar de tudo quanto tinha conseguido João Chubb não se impunha. O seu pequeno bigode, os seus raros cabellos davam-lhe um ar humilde e inoffensivo que a sua pallidez, os hombros curvados pela vida sedentaria completavam. Um observador casual podia não ver a força e decisão que se lia na fronte e no queixo. Ninguem subia, como elle subira de negociante de louça a retalho, á altiva posição de um principe do commercio, administrando fabricas, sem essa qualidade.

N'este momento em que João Chubb meditava taciturno, havia um certo apertar de labios que denotava decisão. Tinha o habito de levar a cabo as suas ambições por mais impossiveis que parecessem, comtudo ha coisas que estão fóra do alcance do homem mais energico, e uma d'ellas, é a sympathia de uma rapariga.

Na sua mocidade trabalhosa, João não ti-

nha tido tempo para romances. Talvez fôsse essa a razão porque João Chubb na sua edade madura se rendera tão extraordinaria e rapidamente. Entre os seus livros de contas e elle, tinha-se mettido um rosto de mulher e para procurar possuil-o, tinha deliberadamente deixado a sua provincia, e posto de lado os seus deveres de cidadão.

Fizera as malas, levando para Londres o seu coração apaixonado, para principiar a subir a escada do amor desde o primeiro degrau. E era bem alta a escada que separava o vereador municipal João Chubb, da muito nobre fidalga Phillis Chisholm, tão alta, como é grande a distancia que separa a Camara Municipal de Birmigham, do foyer da Opera do Convent Garden, onde pela primeira vez esse rosto puro e infantil cercado de cabellos loiros, deslumbrára o seu olhar. Soubéra quem ella era antes de sair da Opera, e, apesar d'isso, não desistira do seu intento. Homens tão desastrados e ignorantes dos usos da sociedade como elle, tinham conseguido introduzir-se na atmosphera rarefeita, onde Miss Phyllis e suas eguaes viviam. Com inalteravel resolução João começou a caminhar tambem.

Um anno de incessante trabalho tinha-o levado gradualmente até ao alvo dos seus desejos. Depois de ter perseguido Miss Chisholm com uma insistencia que não reconhecia desfeitas, conseguira encontral-a na festa de caridade a mais cara da estação e por meio das suas prodigalidades ganhára as sympathias na barraca que tinha em Miss Chisholm o seu mais formoso ornamento. Os sorrisos que aquella tarde lhe tinha grangeado, animaram-n'o a approximar-se d'ella; e á noite quando se juntaram n'uma outra festa egualmente imponente, conseguiu, com infinita diplomacia, ter um *tête-à-tête* com Phyllis e aproveitou a occasião para se declarar. A recusa formal de Miss Chisholm tinha sido acompanhada de um certo despreso que ainda n'este momento, ao recordar-se d'isso, lhe agitava o sangue nas veias.

E apesar de tudo João Chubb não tinha em nada desistido do seu proposito. Miss Chisholm era pobre para a sociedade em que vivia e por emquanto não pertencia a nenhum outro homem; e por isso João Chubb assentado á sua secretaria, ainda fazia castellos no ar. Desde o *lunch* que não trabalhava.

Mostrou a importancia que dava aos seus sonhos pela irritação que manifestou quando ouviu abrir a porta. Voltou-se com uma severa reprehensão nos labios, reprimenda que morreu, sem ser ouvida, emquanto olhava espavorido para o cartão de visita que o empregado tinha posto sobre a secretaria. Porque déra mais um passo para o seu alvo, mas um passo estonteador, um salto immenso. Tão inesperado e tão grande que se sentia quasi fulminado. O bilhete era de Miss Chisholm!

— Disse-lhe que V. Ex.ª só recebia visitas a horas marcadas, mas essa senhora insistiu, dizendo que a receberia.

— Mande-a entrar.

O empregado saíu, Chubb ficou só tentando recuperar o sangue frio... D'ahi a um momento Miss Chisholm estaria ali! Não só estariam os dois sósinhos — um facto bastante significativo — mas tinha sido ella que o procurára. Tinha deixado os parques floridos e as praças luxuosas e aventurára-se na sordida City, no seu eterno rugido e no seu traffico! Tinha-o procurado a elle, João Chubb; esse intangivel pirilampo que perseguira tão desesperadamente durante este anno d'angustia. Readquirira já o sangue frio quando a porta se tornou a abrir e levantou-se para lhe falar com a sua impassibilidade de todos os dias. Miss Chisholm adeantou-se com um ar um pouco embaraçado apesar do seu natural sangue frio.

— Espero que não estivesse muito occupado, Mr. Chubb. Não o demorarei. Era... era... Precisava falar lhe com urgencia.

Chubb voltou para a secretaria observando a sua subtil elegancia com renovada admiração. Cada um dos seus movimentos era uma revelação; o menear da sua cabeça tão bem feita, a inclinação do seu chapéo, o indiscriptivel alvejar de vaporosas rendas que se viam quando ella cruzava as pernas mostrando um pouco o pé bem calçado e tendo atravessado sobre os joelhos, o chapéo de sol, procurando parecer á vontade.

E o seu rosto esquizito como uma petala de rosa brava, voltava-se para elle, mostrando a curva altiva do pescoço, o nariz pequeno e mobil, a bocca docemente expressiva. Havia muitas raparigas tão bonitas como Phyllis Chisholm, algumas muito mais bonitas que ella, mil tão bem vestidas, mas, para João Chubb, bastavam os atribu-

tos da sua classe para a separar e distinguir das outras mulheres.

Apesar da importancia do seu negocio, Miss Chisholm não parecia ter pressa de o revelar. As mãos brincavam nervosamente com a sombrinha, com o olhar percorria o quarto como procurando um objecto que a distrahisse.

— Como este quarto revela uma vida de trabalho! Tem a certeza que o não incommodo?

— Estou ao seu dispôr, toda a tarde, se quizer.

— Oh! não; tenho de me ir embora já, — d'aqui a boccadinho.

As palavras saíam-lhe febrilmente, e estava muito córada. O peito arfava-lhe com evidente agitação. Sentia zumbidos nos ouvidos, um murmurio monotono e constante que provinha, provavelmente, da difficuldade que tinha em respirar. Obrigou-se a olhar para o homem que lhe estava fronteiro e o seu aspecto banal tornava-lhe a tarefa mais facil, mas mais odiosa. Se olhasse muito mais tempo para elle não o poderia fazer.

Tinha vencido o seu orgulho e os seus preconceitos a ponto de vir a este escriptorio. Agora que ali estava era absurdo hesitar. As delicadas feições tomavam uma expressão dura. Quando se está resolvido ao suicidio é melhor acabar com isso o mais depressa possivel. Seus labios seccos pronunciaram as palavras:

— A semana passada perguntou-me se queria casar comsigo.

Estas palavras eccoaram no silencio. Não podia olhar para aquelle rosto sem expressão. Conservava os olhos meio cerrados. Agora que a sua tenção se revelára em toda a hidionda nudez, faltou-lhe a coragem. Oh! mas faltou-lhe de todo. Se ao menos um tremor mandasse um terremoto serviçal que a soterrasse, ou rebentasse um incendio que a consumisse ali, no mesmo instantante, antes que aquelle provinciano timido e boçal pudesse responder.

A natureza comtudo é parcimoniosa com os seus cataclismos; nada aconteceu, a resposta que ella esperava, veiu.

Levou tempo em vir, mas é preciso lembrar que as grandes alegrias paralysam tanto as faculdades como os grandes desgostos. Agora que Miss Chisholm estava ao seu alcance, parecia-lhe mais impossivel de a obter do que n'aquella primeira noite em que a via tão longe, embora uns metros apenas separassem a sua cadeira de balcão do camarote onde ella estava. Mas ali era parte d'uma architectura social que se podia vencer, aqui era ella propria em todo o deslumbramento da sua belleza, infinitamente separada de toda a sordidez d'este mundo.

Mas o facto d'ali estar só podia ter uma significação; a mais estupenda de todas. D'alguma maneira precisava d'elle; precisava, d'uma maneira tão desesperada que não tivera tempo de o mandar chamar. Tinha vindo ella propria offerecer se.

Houve jamais coisa assim tão fóra do natural e das convenções!

— Sim, minha senhora, perguntei e pergunto-lhe ainda.

Por sua felicidade, a voz não revelou a grande commoção que sentia. Essa tranquillidade serenou a rapariga. Tratava a sua visita como um assumpto puramente commercial. Ella tinha de a considerar da mesma maneira.

— E eu venho dizer-lhe que sim.

Miss Chisholm não tinha para a auxiliar tanta força de vontade como Chubb. E mau grado seu, titubiou. Mas... as palavras tinham sido ditas.

Houve uma pequena, mas terrivel pausa. Nos olhos d'esse homem brilhára uma chamma e corára d'uma maneira ridicula. Apesar dos seus cabellos brancos, era um homem de imaginação e estava realisando o que significavam aquellas palavras. O seu instincto comtudo era muito fino e sabia que não a devia assustar. Falou por intuição:

— Muito obrigado. Sabe quanto lhe serei sempre grato.

A rapariga estava em pé. O vestido fluctuava-lhe em volta como um véo diaphano. Um chapéo de leves plumas ensombrava o dourado de seus cabellos e o rosto delicado estava pallido e resoluto n'este momento.

Deitou a cabeça para traz n'um gesto subito e disse bruscamente o motivo da sua visita:

— Se eu estivesse n'uma afflicção... o senhor... o senhor... ajudar-me-hia, não é verdade?

Uma onda de compaixão invadiu esse cora-

ção de homem, ella estava em terrivel afflicção via-se isso escripto na intensidade do seu olhar. E viera ter com elle!

— Sem duvida nenhuma.

— Sabia que me ajudaria. Preciso de cem libras, agora, n'este momento.

Já adivinhára que era dinheiro que ella queria, mas podia-lh'o dar e n'isso estava a sua gloria, o seu triumpho. Viera ter com elle no seu desespero, tinha vindo e tornaria a vir, certa sempre da sua generosidade, nenhum outro homem daria como elle dava.

Nunca João Chubb sentira, em toda a sua vida, tal orgulho nos seus milhões; porque hoje podiam-lhe comprar o desejo do seu coração; gastos assim, sem conto, estravagantemente, prodigamente, obter-lhe-iam com o tempo a gratidão d'ella, a sua absoluta dependencia... quem sabe! o seu amor, talvez...

Puxou para si o livro de cheques como um feiticeiro puxaria a sua varinha de condão. Viera buscar dinheiro e isso era a unica coisa que lhe poderia dar — e com que abundancia! Cem libras! Que pena! era tão pouco! era uma somma tão pequena.

— Pago ao portador.

— Um cheque não, não ha tempo.

Este modo de falar attrahiu-lhe a attenção, ficou com a penna suspensa no ar. Ella sentiu uma mudança, e falou com rapidez febril.

— Os bancos fecham ás quatro, faltam só dez minutos. Não posso de modo nenhum chegar a tempo de o receber. E'-me preciso dinheiro. Ouro, prata, muita prata, e algum cobre, não muito, mas algum, e uma ou duas notas de cinco libras. Parece-me que havia tres.

Levou as mãos á cabeça, apertando-a, com um gesto louco, como procurando concentrar as recordações, e não viu a suspeita insinuar-se no olhar do homem que a observava. Que divida tão exquizita era esta que ella queria pagar!

— Porque deseja dinheiro?

Phyllis perdia o sangue frio.

— Isso não importa.

A prudencia que o tinha ajudado a ganhar os seus milhões manifestou-se, assim como a teimosia tão conhecida dos seus antagonistas.

— Desculpe-me, disse, importa-me tanto que não mando ao banco sem saber a razão.

— Será já tarde!

Os olhos da rapariga fixavam-se no relogio, o seu tic-tac parecia escarnecel-a. Cada pancada era mais um momento que a approximava da vergonha! A frieza de Chubb, assentado na sua cadeira, com os olhos fitos n'ella, a expressão sombria e condemnatoria augmentava com a agitação da rapariga. Havia ali um erro e erro grave; lia-se medo nos olhos de Miss Chisholm.

— Já lhe disse que lh'o dava se me der a sua rasão.

Quando se está entre o remedio amargo e a morte, não se hesita.

Miss Chisholm, muito pallida, disse pronunciando distinctamente cada palavra.

— O *comité* do bazar reune ás cinco, e eu tenho de lh'o restituir.

Ainda bem estas palavras não tinham sido ditas, já o telephone trabalhava. Mr. Chubb dava as suas ordens e Miss Chisholm ouvia-as como em sonhos, tinha a consciencia d'um allivio infinito, sentindo-se comtudo como que opprimida por insupportavel horror. Tinha comprado esse allivio bem caro.

— Estará aqui em dez minutos.

Acordou percebendo que Chubb lhe falava, era preciso dizer alguma coisa, agradecer, explicar-se.

A sua voz não estava muito firme.

— Não sei como agradecer-lhe. Só sube hoje que seria discutido no *comité*. Ninguem me disse nada. Isto mostra o que valem os amigos, não é verdade? Ouvi-o por acaso no meu club; é uma mulher que está fazendo tudo isto, já se vê. Não sei como fui assim tão tola. Não posso imaginar como o fiz.

Apertou as mãos n'um gesto de angustia. Parecia ainda mais creança ali assentada, tão fragil na sua dispendiosa belleza. Tinha de se justificar mesmo para salvar o seu orgulho; não podia supportar a idéa de ser julgada por aquella creatura tão vulgar, que ali estava. Além d'isso era um allivio falar, emquanto falava, evitava pensar.

— Ganhou-me muito dinheiro ao *bridge*, tenho a certeza que faz trapaça, ninguem tem assim tanta sorte! Podia-lhe ter pago se ella tivesse tido a decencia de esperar, mas é um perfeito demonio. Tem sempre tido ciumes de mim por causa de Re... de meu primo. Pensou em envergonhar-me deante d'elle. Ai, como é mes-

quinha! E está no *comité* do bazar, já lhe paguei, de modo que me não podia atacar por causa da divida do jogo; e é esta a sua vingança. Ah, meu Deus, meu Deus! como pude fazer semelhante coisa, como pude! estava doida com certeza.

— Tirou cem libras?

A pobre rapariga empallideceu.

— Na... não, isto é, são todos muito descuidados nos bazares. Não queria tirar. Tinha mettido muito dinheiro no saquinho que trago á cintura e quando dei contas esqueci-me d'elle; só o achei quando cheguei a casa. Supponho que o devia ter mandado a Mrs. Copper — sei que o devia ter feito — mas essa mulher tinha-me tornado a escrever... o dinheiro estava ali em cima da meza; eu já tinha dado as contas — ninguem dissera nada — oh! porque é que Mrs. Copper na occasião de dar as contas não havia de dizer que era pouco! mas, não disse nada... agradeceu-me; ninguem teria suspeitado se não tivesse pago immediatamente a minha divida. Fui uma parva!

— Disse que o *comité* do bazar reune hoje; é para discutir esse assumpto?

— Não. E' uma reunião para receber as contas, mas sei que essa mulher vae levantar a questão. Ai, mas agora vou-lhe trocar as vasas; vou mandar o sacco a Mrs. Copper dizendo que só hoje foi encontrado pela minha creada. Bemdito seja Deus! Muito e muito obrigada, sr. Chubb. Senão m'o tivesse dado...

Fechou os olhos e balançou-se ligeiramente, estremecendo.

— Mas deu-o, deu-o! Ninguem o saberá nunca. Como lhe estou grata! Cumprirei a minha palavra, direi a todos que sou sua noiva; se quizer pode mandar a noticia para os jornaes. Viverei em Birmingham. Verá que não faltarei á minha palavra!

Mas o horror d'essa vida era tão intenso e tão claro, que o homem menos sensivel se sentiria magoado com aquella promessa, e Chubb era profundamente sensivel.

Raro era, comtudo, que qualquer manifestação d'isso se revelasse exteriormente. A natureza envolvera n'um envolucro tão rude, essa alma forte e honesta que mesmo agora, na incommensuravel amargura que o invadia, a sua voz conservava-se banal e impassivel.

— Ha uma coisa que não posso comprehender. V. Ex.ª mostra bem claramente a sua opinião a meu respeito — ou antes, o que sente por mim. Eu não lhe sou nada. Tem muitos amigos e amigos ricos, para quem cem libras é uma bagatella. A tia, com quem vive.

— Essa falaria.

De novo o rosto de Miss Chisholm empallideceu de terror só com essa idéa, e articulou com difficuldade estas palavras:

— Não tenho confiança n'ella.

A suspeita infame levantava a cabeça. N'esse appello que lhe era feito escondia-se alguma coisa. Quanto mais contemplava a sua belleza, mais realisava com amargura que devia haver centenares d'homens na sua esphera — amigos intimos — que se teriam considerado felizes por lhe emprestarem essa insignificante somma, porque preferira então immolar-se assim —, vindo como supplicante junto d'elle, a quem desprezava e por quem sentia repulsão? A gloria do seu triumpho desapparecia. Qualquer coisa lhe dizia que não era um triumpho mas sim um escuro mysterio que elle tinha de desvendar.

— Mas não havia outros — outros homens.

— Todos elles conhecem Rex.

Miss Chisholm tinha apenas vinte annos e a arte de enganar era-lhe ainda desconhecida. A vergonha da sua queda pesava sobre ella em ondas que submergiam a prudencia. Só um pensamento a dominava. «E' preciso que Rex não saiba». Esta era a rasão que a trouxera ali áquelle mundo tão distante, tão differente do seu. Chubb leva-la-hia para longe, enterra-la-hia no lodaçal d'uma monotona cidade de provincia, longe de todo o brilho da sua vida radiante, longe de todo o calor e de todo o amor e alegria, nos quaes se tinha deleitado durante esses dois ultimos annos. Mas isso era melhor que... Sentiu a colera domina-la perante a estupidez d'esse homem que não comprehendia quão inevitavel o seu passo tinha sido. Pois elle não comprehendia como estava affastado do seu mundo? Como era certo o enterrar-se com todas as suas faltas se casasse com elle? Já dissemos que Miss Chisholm não era versada na diplomacia. Era nova, e a mocidade poucas vezes reconhece que os outros tambem podem sentir; as suas proprias emoções

são tão empolgantes, o seu egoismo tão absorvente.

A rapariga estava dominada pela vergonha, parecia-lhe que o mundo não continha senão essa tragedia. E aquelle homem que tinha de desempenhar um papel n'ella, estava estupidamente assentado sem comprehender quanto era inevitavel a crise.

— Ah! não pode comprehender!

E inconsciente no seu desgosto, deu um murro, sobre a secretaria, com a sua mão-sinha fechada:

— O senhor não está no nosso mundo. Não nos conhece, veiu de Birmingham! deestavamos para casar no outomno — mas teria sabido e isso é que eu não posso supportar. Prefiro perdel-o a perder a sua estima.

— Vale a pena casar... mesmo comsigo!... Não havia mais ninguem?

Miss Chisholm não reparou no cynismo com que estas palavras foram ditas. A sua preoccupação era demasiada intensa para pensar.

— Não, não havia nada a fazer. Pensei no suicidio, mas seria mais escandaloso ainda e daria que pensar. Parece-me que isso havia de custar mais a Rex, o casar

TIROU CEM LIBRAS?

certo que tenho amigos que m'o teriam emprestado. Mas todos elles conhecem essa mulher e teriam adivinhado a verdade. Mas se eu confessasse e pedisse segredo — elles sem quererem, fracos perante a tentação, ora! diriam. Essas coisas sempre se veem a saber! Nunca estaria socegada.

— Mas não disse que já se falava?

— Sim. Mas por emquanto é apenas um boato e Rex não acredita esses boatos. Elle ama-me, ama-me, ama-me! Ficará furioso com esses bisbilhoteiros. Ficará furioso com essa mulher, e acreditará em mim, estimar-me-ha e isso é tudo que me importa. Elle mesmo m'o teria emprestado — pois se nós comsigo é uma coisa honesta, julgar-me-ha inconstante. Ha tantas mulheres que o são. Ficará zangado, mas não lhe fará mal. Não acha que não lhe fará mal? Eu não posso pensar, sinto a cabeça esvaída. Tenho chorado tanto!

O seu orgulho desapparecera, varrido pela desolação que a consumia. Esse boçal que ali estava a olhar para ella, era apenas um fantoche, uma coisa que pertencia á *mise-en-scène* que a cercava. As lagrimas deslisavam-lhe pelas faces, chorava com inteiro abandono, esquecendo tudo o que não fosse a sua magoa. Pois havia de renunciar a tudo que amava; de se sacrificar, de

sahir do paraizo para entrar na escuridão e no horror, tinha de se dar a João Chubb. Comtudo ás vezes encontram-se d'esses fantoches boçaes com sentimentos, sentimentos que devastam ferozmente esses seres inertes. Um incendio causado pelo ciume e pelo amor invadiu João Chubb. Apezar da sua apparencia insignificante, era homem e um homem forte e dominador. O mais fraco dos fracos não pode deixar de estremecer com o desprezo da mulher a quem deu o seu coração pusilanime; quando um homem do calibre de João Chubb é tratado como por demais, desgraçada da mulher que assim lhe mostra o pouco apreço em que o tem.

A sua virilidade revoltou-se e foi mais forte que a sua paixão. Como poderia um amor, como o d'elle contentar-se simplesmente com o desejo satisfeito? Tinha edificado um templo feito de todos os seus ideaes para ali dar abrigo e render homenagem ao objecto do seu amor e... oh! desgraça, esse idolo era de barro e os seus ideaes tinham-se feito em pó em volta d'elle. Em pé, sobre essas ruinas, ousava ainda escarnece-lo e desprezar o seu amor! *Ella* que tinha caido tão baixo!!

O instincto animal que existe em todo o homem, que é verdadeiramente homem, fez-se sentir no coração de Chubb, um instincto que lhe gritava mostrasse o seu poder voltando-se e dilacerando a presa que o escarnecia.

Sentiu como que um nó na garganta que lhe tornava a voz rouca; a mão tremia-lhe sobre a secretaria.

— Um momento. V. Ex.ª tem sido a unica a falar, mas eu tambem tenho que dizer. Pode ser que lhe valha a pena casar — mesmo commigo — e eu? Supponha que tenho cá uma idéa de desejar para minha mulher uma mulher honesta? Supponha que recalcitro — como qualquer dos seus amigos da alta, faria — como faria o seu primo — com a idéa de casar com uma ladra.

— Uma ladra!

Phyllis em pé olhava-o espantada. Elle obrigára-a a encaral-o. A rapariga, observava-o como se fôsse um objecto monstruoso que se tivesse entromettido obscurecendo tudo mais.

— Uma ladra! Uma mulher que recebe os agradecimentos do publico e a sua caridade, e sorripia o dinheiro das amigas para pagar as suas dividas de jogo. A minha nota de cinco libras não lhe sujou os delicados dedos. E veiu ter commigo offerecendo-se-me, como se me conferisse um favor. Olhe, está tudo muito bem; eu darei o dinheiro; mas dou-o como preço da minha liberdade.

Eram asperas estas palavras mas os factos de que se tratavam eram tambem bem asperos. Ha certas situações nuas e elementares, nas quaes as delicadezas sociaes se desvanecem e a crueldade polida encontra o seu egual n'uma investida grosseira de animal ferido.

— O senhor... não... me quer?

— Querêl-a, a si?!

A porta abriu-se e felizmente a palavra que estava prestes a sair dos labios de João Chubb, não foi pronunciada; ha certas coisas que uma mulher nunca esquece, e a João Chubb, foi poupada a amargura da recordação que teria vivido com elle toda a sua vida, se o empregado não tem entrado n'aquelle momento.

Trazia o dinheiro que tinham mandado do banco, collocou-o sobre a secretaria e saíu fechando a porta atraz de si.

Este momento de intervallo deu tempo a Chubb para recuperar o seu sangue frio. Agarrou o sacco de dinheiro e atirou-o n'um movimento brusco para a rapariga.

— Ahi o tem, tome-o e vá-se embora.

— Agora, não posso!

Conservava-se immovel, olhando para elle com os olhos muito abertos e os labios brancos, desolada.

— Que quer dizer?

Falava com selvagem dureza porque o olhar para ella dilacerava-lhe o coração.

— O que quero dizer? exactamente o que disse. Agora, não posso receber o seu dinheiro, disse que não me queria, não tenho nada... que lhe dar em troca.

— Mas o escandalo?

— Tenho de o afrontar.

O pae de Phyllis tinha morrido na guerra e n'este momento ella parecia-se extranhamente com elle; procurando ás apalpadelas a sua sombrinha.

Aquelles olhos infantis estavam dilatados pelo mêdo e comtudo lia-se n'elles uma inalteravel resignação. Tinha de afrontar o fogo.

— Espere, espere, mas seu primo saberá.

— Bem sei.

— Aqui tem o dinheiro, eu prometti-lh'o.

— Sim, mas foi quando me julgou digna de ser sua mulher. Como se chama isto?... Fraude? Roubei uma vez mas não sou uma ladra, abusaria da sua promessa se não lh'a devolvesse. Foi porque não pensei, não comprehendi.

Com um pequeno soluço voltou-se para a porta procurando ás cegas o fecho. De repente o seu caminho foi impedido. João Chubb estava entre ella e a porta.

— Espere ahi!

A sua voz ainda estava rouca, mas não estava ridiculo. Graças a Deus! Ha momentos em que a humanidade irrompe viva e palpitante e as convenções feitas pelo homem mostram o que são; apenas umas pobres cinzas. N'estes momentos Deus dá dignidade a todo o homen.

— Tem de receber aquelle dinheiro, contrahiu essa divida para commigo, tem de o receber.

— Não posso.

—Pode, sim. Escute-me. V. Ex.ª e a sua roda, quando pensam êm mim, se é que pensam, julgam-me um ambicioso banal, Não o sou. Sou apenas um homem apaixonado. Apaixonei-me por si á primeira vista. Via-a na Opera a primeira vez que lá fui. Tinha vindo a Londres tratar d'um negocio e quiz ver o que aquillo era: e via-a. Nada tenho que lhe dizer senão... que a amei — que me apaixonei como qualquer rapazola se apaixonaria — como deve ter acontecido a muitos, sem duvida. Mas estava acostumado a luctar por tudo quanto queria e a obtel-o. Eu, um homem rico, um vereador, director d'um hospital geral, um dos homens importantes de Birmingham; e comtudo estava tão affastado de si e do seu mundo como se fosse um varredor de ruas. Mas tinha dinheiro, e o dinheiro tem ajudado muita gente a approximar-se das suas eguaes e ajudou-me a mim tambem. Foi um trabalho arduo. Caridade, politica — luvas para mãos titulares — não houve nada a que me não abaixasse. Subi! subi até chegar a falar-lhe. Pelo meus calculos este ultimo anno deve ter-me custado cincoenta mil libras — mais ainda, muito mais — e que ganhei eu? Subi até á sua indifferença, e da sua indifferença até ao seu desprezo. Só isso — agora em paga de tudo quanto gastei para me approximar de si — em paga de tudo quanto perdi — receba estas miseraveis cem libras e deixe-me a consolação de sentir que lhe prestei um serviço. Nada mais quero.

— Casarei comsigo se me quer.

— Oh! meu Deus, meu Deus, se a quero!... Mas quero antes de tudo, quero que seja feliz. Tome esse dinheiro, faça calar essas linguas viperinas. Não discuta!

— Sim, mas o senhor?

Apesar de nova, o seu instincto de mulher tinha accordado. Com um pequeno grito d'angustia voltou-se para elle pondo as mãos n'um sentimento de piedade pelo seu amor.

— Eu, o quê? Pois tem pena de mim! Levarei commigo essa recordação. Não lhe falei no meu amor para isso. Só queria mostrar-lhe que devia deixar que a ajudasse. Julguei que me desprezaria ainda mais. E... tem pena de mim. Vá-se embora, vá, quero ficar com a recordação d'esse ultimo olhar. Não se demore, pode tornar a lembrar-se da grande distancia que ha entre nós.

Avançou um passo affastando-se d'ella como para tirar o seu corpo desgeitoso da sua vista; mas uma mãosinha febril apertando a sua chamou-o de novo.

— Acceitarei, e ser-lhe-hei grata toda a minha vida. Como me poderá perdoar o ter sido tão mesquinha e cega? Oh! por favor deixe-me dizer-lhe — obrigada.

Chubb pegou no sacco e poz-lh'o nas mãos. Dominava perfeitamente a sua commoção, mas a sua recente dignidade ainda o cercava.

— Tome, minha filha, disse elle, olhe que pode chegar tarde. Seja feliz.

— Uma ladra feliz?!

— Não é uma ladra, é apenas uma creança que se viu entre a espada e a parede e estendeu cegamente a mão em defeza propria — não pensando — como disse. Quando pensou, foi bem honesta. Veiu comprar esse dinheiro com a sua pessoa. Fui brutal para comsigo e nunca o perdoarei a mim mesmo.

Parou subitamente. Aquelle rosto inundado de lagrimas teria suavisado um coração mais duro do que o de João Chubb.

— Fui brutal, repetiu elle com voz rouca. Mas quando se está torturado, bate-se ao acaso, sem saber, sem pensar... Vá...

veiu para se enterrar. Enterre a sua falta. Deixe-a commigo. Pode confiar em mim, não lhe parece? Deixe-a e vá viver no seu mundo, vá para o seu primo que a ama... que a ama... que a ama... Não lhe diga nada por emquanto, elle é apenas uma creança, espere até que elle a conheça bem, depois de terem vivido juntos. Prometta-me isso para mostrar que me perdoou!

— Nada tenho a perdoar, mereci tudo quanto me disse. Mas comprehende que eu não queria roubar? perguntou ella.

João Chubb fez um signal affirmativo, não podia falar.

Em breve — muito breve — a porta tinha-se fechado e ella desapparecera. Elle conservou-se por algum tempo no quarto, d'onde a luz do sol fugira havia muito; depois voltou para o seu logar e puxou para si as cartas que descuidára. Era difficil concentrar n'ellas o seu pensamento. Tivera ao alcance da mão o seu desejo; comtudo ás vezes ganha se mais perdendo do que conservando.

AMALIA BARBOSA.

A TROCA

(Versão de «L'Échange», de A. Dumas)

Hoje na praia, e sempre em ti a ideia,
vendo o porvir em intenso regalo,
deixei cahir o coração na areia,
e tu passando lá, foste apanhal-o.

Como ha-de agora esta questão sanar-se?
Descobre tu um meio; vá, só um!
Vê que é urgente o caso liquidar-se...
Tens lá dois corações e eu, nenhum!

Vamos nós isto, aqui, harmonisar?
Ha mal's que vem por bens, digo-t'o eu.
Propónho-te... queres tu? Vamos trocar?...
Dá-me o teu coração e guarda o meu.

Porto.

JULIO MARTINHO.

ENTRADA DO LARGO DE SANTA APOLONIA

Arsenal do Exercito

(CONCLUSÃO)

Antes de entrar, porêm, examinemos a porta que fica no Largo do Arsenal do Exercito; foi delineada por Larre e é toda em cantaria, com columnas corinthias e tropheus militares a encimál-a.

Esse portico é tambem attribuido a Carlos Mardel, um hungaro que veiu para Portugal em 1733, com a patente de capitão-engenheiro.

D'ambos os lados d'essa entrada se vêem um morteiro de ferro, e perto da casa da guarda ainda outro. Estes tres morteiros foram trazidos do antigo baluarte d'Alcantara e mandados alli collocar pelo barão de Almofala — coronel Antonio José da Silva Leão — que foi inspector geral d'artilheria de 1834 a 1836.

Penetremos agora no vestibulo, cuja decoração mereceu a maxima attenção de Castelbranco. Consiste ella em excellentes obras de talha e magnificos azulejos, coevos da sua fundação, estatuas, panoplias, trophéus, milhares de objectos de material de guerra engenhosamente applicados, e por pinturas a oleo.

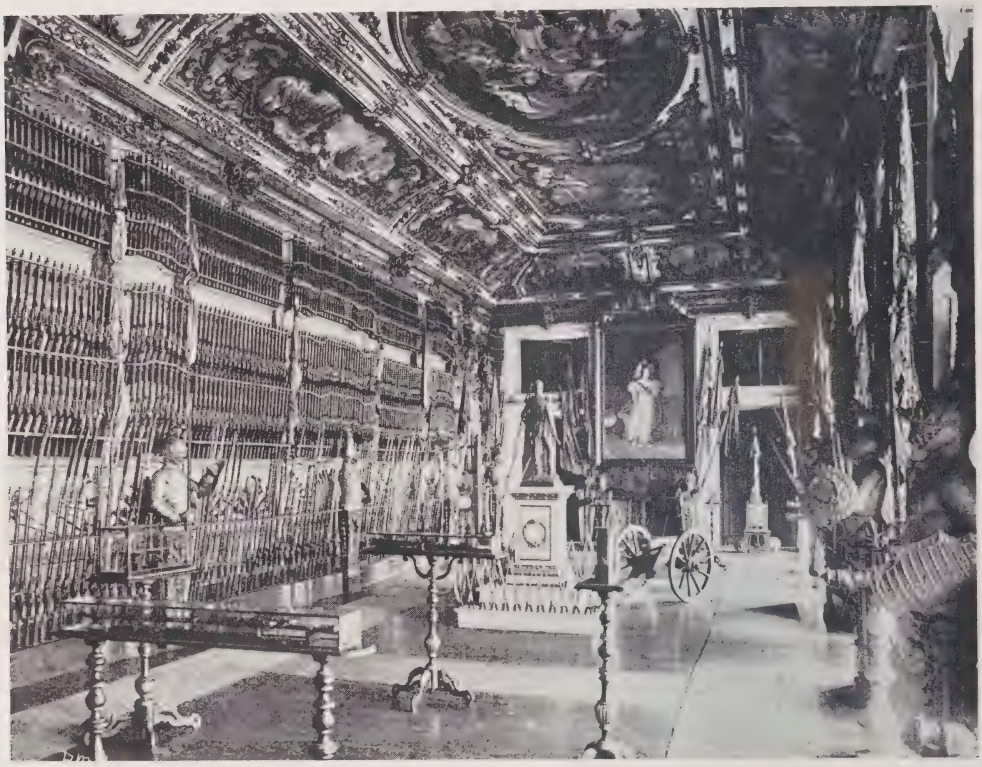
O guarda-vento — que logo se vê ao entrar do edificio — portas, tecto e paredes do vestibulo são ornamentados com objectos varios pertencentes ao antigo material de guerra.

A decoração do tecto apresenta ao centro uma figura de mulher — a *Historia* — tendo aos pés um genio que segura uma palma da victoria, e empunha na mão esquerda um distico com as palavras: *Descobertas e conquistas.* Na parte de cima, dois

genios suspensos no azul: um mostrando uma fita com a palavra *Portugalia* e o outro segurando em cada mão uma corôa de louro. A cercadura é de folhas de carvalho, e os quatro cantos têem os medalhões de D. João I, D. Nuno Alvares Pereira, D. Manuel e Vasco da Gama. Faltam ainda duas composições, visto serem tres as que se destinam a substituir a antiga decoração do tecto. Este trabalho é do distincto pintor Sousa Rodrigues.

vel, uma porta que communica para a *Bibliotheca do Museu*... que é só para vista, pois que querendo nós compulsar algum livro que nos esclarecesse ácêrca do edificio que estamos descrevendo, nos foi dicto que *só os officiaes da arma de artilheria é que podiam lêr e consultar livros!! E' do regulamento!* Vimos em casa o regulamento, que confirmou a asserção que nos fôra feita.

A' nossa esquerda temos a sala chamada de *Vasco da Gama*.



SALA D. MARIA II

N'este vestibulo encontram-se varios utensilios de guerra, de que se destacam: dois *pedreiros*, que datam de 1670; dois *trons* ou *bombardas*, dos fins do seculo XIV; e dois *pelouros*, um arremessado pelos mouros contra a fortaleza de Ormuz em 1552, e outro tambem arremessado pelos mouros contra a fortaleza de Çafim em 1534.

Deixando á nossa direita um bofete em pau-sancto — a que está sentado um primeiro sargento d'armada reformado que faz de porteiro — vêmos, ao lado direito d'esse movel, uma porta que communica para a *Bibliotheca do Museu*... que é só para vista, pois que querendo nós compulsar algum livro que nos esclarecesse ácêrca do edificio que estamos descrevendo, nos foi dicto que *só os officiaes da arma de artilheria é que podiam lêr e consultar livros!! E' do regulamento!* Vimos em casa o regulamento, que confirmou a asserção que nos fôra feita.

A' nossa esquerda temos a sala chamada de *Vasco da Gama*.

A decoração é do insigne artista Carlos Reis: na parede principal ostenta-se o mappa de Moçambique, e ao topo vêem-se — em medalhão — os retratos de Andrade Corvo e Mendes Leal, a quem se deve a delimitação d'aquella ilha. A' esquerda ha uma pintura toda camoneana: suppõe-se a audiencia solemne de Jupiter no Olympo, que, sentado n'um throno de nuvens, escuta Venus a dirigir-lhe uma supplica a favor dos portuguezes, apontando as naus que os levam á India e que estão na parte inferior

da tela. Venus está rodeada pelas tres Charites.

O tecto é uma grande parte da composição que tambem serviu de tecto á secção portugueza de terra e mar na exposição de Paris, em 1900. E' obra de Manini e foi offerecida a este Museu pelo Ministerio das Obras Publicas. Estão no citado tecto descriptas as viagens de exploração maritima, levadas a cabo por Vasco da Gama, Pedro Alvares Cabral, Côrte-Real e Fernão de Magalhães, e bem assim as travessías de Africa realizadas por Capello, Ivens e Serpa Pinto.

Ao centro da sala vê-se o busto de Vasco da Gama; é executado em marmore por Simões de Almeida, sobrinho.

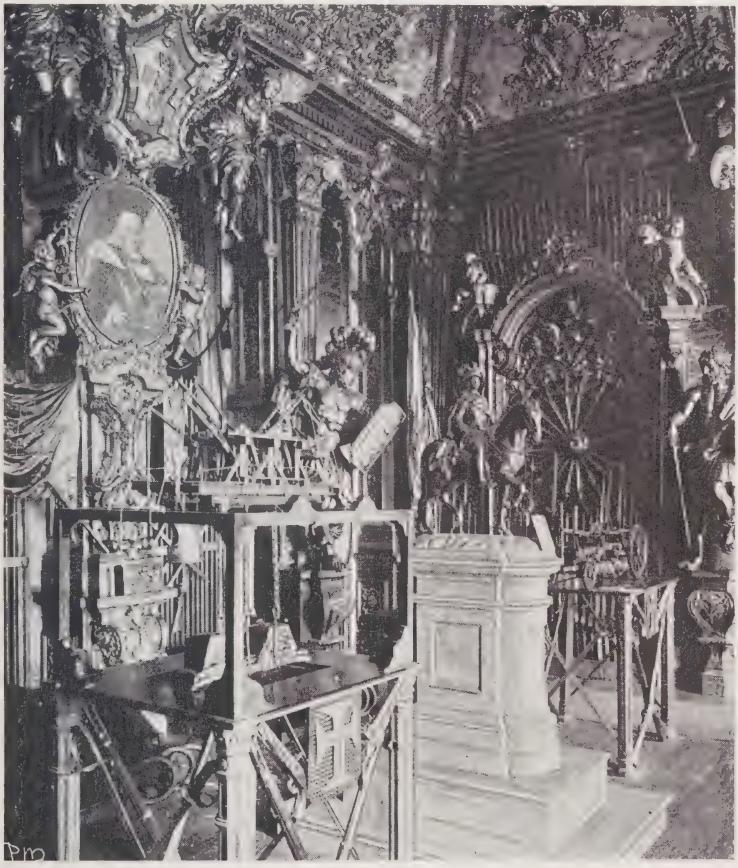
No espelho das duas portas que abrem para o interior estão baixos-relevos representando: um a Africa e o outro a Asia; ambos são fundidos, segundo moldes de Costa Motta, sobrinho. no Arsenal do Exercito.

N'esta sala estão dois paineis, cuja pintura é egualmente de Carlos Reis.

Ha de curioso n'esta sala: *meio-canhão pedreiro; canhão-pedreiro,* que datam de 1495-1580; *bombarda grossa,* tomada em 1511 por Affonso de Albuquerque ao rei de Malaca, a quem foi offerecido pelo rei de Calecut; *colubrina; falconete; espingardas,* que pertencem ao seculo XV e quatro *pelouros* da praça de Diu.

Subindo a escada, chega-se ao patim onde se encontram: *peças de campanha,* de 1762, 1769, 1774 e 1775; *bacamartes,* de 1706, 1714, etc., modelo do monumento ao Marechal Saldanha, completo; modelo do monumento que se pretendeu erigir ao Duque de Palmella, etc.

A' direita d'esse patim encontra-se a sala *D. Carlos I* — que em breve deve tomar o nome de *D. Manuel II* — que tem logo em frente um quadro de Ramalho: uma sentinella vestida com o uniforme moderno, que



SALA D. JOSÉ I

está juncto do monumento do Bussaco, divisa por entre nuvens pouco densas o desenrolar d'uma phase da guerra de 27 de setembro de 1810. Desce sobre o exercito alliado uma figura alada — a *Nação Portugueza* — ostentando no peito a cruz de Aviz pintada na tunica; na mão direita segura uma corôa de louro, e na esquerda a bandeira nacional desfraldada. No tecto irregular vêem-se dois consolos que apoiam um ar-

chitrave dividindo a parte apainelada da parte plana. Nas faces d'esses consolos estas allegorías: a *Guerra,* a *Paz*, a *Gloria* e o *Patriotismo*. A parte plana é constituida por uma tela de Luciano Freire — que tambem pintou as figuras retro-mencionadas —

SALA D. JOÃO V

em que se faz a apotheose a alguns dos principaes heroes da nossa epopêa, entre os quaes: D. Duarte de Menezes, Affonso de Albuquerque, D. João de Castro, Ruy Freire d'Andrade, etc. Vêem-se os retratos de D. Carlos na parede principal, e o busto de D. Manuel II, obra de Francisco Franco, esculptor moderno, encimado pelo retrato a oleo do mesmo soberano, de Felix da Costa, que pintou tambem o de D. Carlos.

As portas da parede principal são rematadas pelos esboços dos baixos-relevos de Costa Motta e que circumdam a estatua de Affonso de Albuquerque, em Belem.

Esta sala — que é a do *Supremo Conselho de Defeza Nacional* — não está patente ao publico; só por amavel deferencia do director do Museu, é que póde visitar-se.

A sala pegada a esta — que é mais pequena e aonde se realiza a reunião dos generaes do *Supremo Conselho de Defeza Nacional* — tem o tecto decorado com dois quadros de Teixeira Bastos, allusivos ao valor militar do general Gomes Freire.

Saindo da sala *D. Carlos,* entramos na de *D. Maria II,* cujo tecto é pintado por Bruno José do Valle, Bernardino Pereira Pegado e Pedro Alexandrino. Ao topo depara-se com o retrato de D. Maria II, de pé, devido ao artistico pincel de José Raphael. Os paineis do tecto — que são allegoricos — têem grande merito e foram desenhados por Feliciano Narciso que na pintura foi auxiliado por Bruno do Valle, Caetano da Silva, Santos Joaquim e Carvalho Rosa.

Como objectos de mais curiosidade que n'esta sala estão patentes destacam-se: modelo em gesso da estatua do Duque da Terceira; modelo em marfim da espada de honra offerecida pelos negociantes portuguezes no Rio de Janeiro ao capitão de mar e guerra Joaquim Marques Lisboa,

pelos serviços por este official prestados na occasião do naufragio da nau *Vasco da Gama*, em 1849; peças de montanha, carabinas, espingardas, bacamartes, clavinas, pistolas, espadas, floretes e sabres.

D'esta sala, passa-se á de *D. José I*, que é unicamente ornamentada em obra de talha. Tem o retrato de D. José e o busto de D. Pedro III; o resto da decoração é constituido por quatro estatuas de madeira dourada: *Valor*, *Fidelidade*, *Vulcano* e *Marte*, devidas ao esculptor Francisco Antonio. Ao centro d'esta sala vêem-se os modelos do carro e da machina para tirar da cova a estatua de D. José, a que alludimos, quando falámos do Arsenal do Exercito; um d'esses modelos figura no retrato que de Bartholomeu da Costa publicamos e que amavelmente nos foi cedido pelo nosso particular amigo e primeiro iconographo portuguez, Annibal Fernandes Thomaz, a quem — de passagem — agradecemos a deferencia. Alêm dos modelos referidos ha mais o da estatua d'aquelle soberano. N'essa sala ha ainda: pistolas, revolvers, carabinas, espingardas de epochas differentes.

SALA AFFONSO D'ALBUQUERQUE

Logo em seguida vemos a sala *D. João V*, que tem o retrato d'este monarcha e a fôrma — depois dourada — que serviu para o busto destinado á sala de exposição dos paramentos da capella de S. João Baptista, em S. Roque, e alêm do que fica dicto vêem-se mais, em madeira, *Minerva* e *Neptuno*, assim como duas pequenas telas: o *combate de Matapan*, e o *embarque do conde de Rio Grande*. A primeira é de Arthur de Mello e a segunda de Luciano Freire.

Tem em exposição varios modelos de machinas, cabrestantes, cabrilhas, reparos, e uma vitrine com o estandarte de damasco encarnado que estava para ser hasteado nas festas reaes. E' de 1750.

Saindo d'aqui entramos na sala *D. Maria Pia*. Ornamentam-n'a os retratos d'esta rainha e do principe D. Affonso, ambos trabalhos eximios de D. Emilia dos Santos Braga. A decoração da sala consiste: nos medalhões de André de Albuquerque e Duarte Pacheco; e dois quadros: *Affonso de Albuquerque na conquista de Malaca* e a *tomada de Socotorá*. O primeiro é trabalho de Condeixa e o segundo de Jorge Colaço. N'esta sala expõem-se modelos de machinas de brocar, de peças, de reparos, de obúzes, etc.

Temos agora ante nossos olhos a sala *D. Amelia*. Alêm do retrato d'esta soberana, vê-se o de D. Luiz Filippe. As portas são encimadas com os medalhões de D. João de Castro e Nun'Alvares. A terminar a ornamentação ha quatro estatuas de madeira: *Minerva*, *Hercules*, *Lisboa* — que tem ao lado um corvo — e *Brazil*.

Objectos expostos n'esta sala: modelos de peças, de reparos, de canhões-obúzes,

revólver Franter's, estojo com a espada do infante D. João, e chapeu armado, espada e pistola do general Antonio Candido da Costa.

Saindo d'aqui, penetramos na sala *Barão de Monte-Pedral*, o fundador d'este Museu.

SALA DA AMERICA

A sua unica decoração — alêm do retrato do barão de Monte-Pedral — é uma tela pequena com o retrato de Costa Cascaes, os modelos da capella de Nossa Senhora da Victoria, do monumento do Bussaco e do das Linhas de Torres-Vedras. Esses tres modelos estão sob um pequeno estrado polido que assenta sobre as quatro arestas que constituiam, com outras, a estrella do monumento do Bussaco e que foram derrubadas por um raio. Ao centro ostenta-se um busto do general Castelbranco — a quem este Museu tanto deve — executado na officina de Germano José de Salles & Filhos.

Tem varias curiosidades expostas, de que se destacam: cartuchos, balas, capsulas, espoletas, cocharras, foguetes, granadas, etc., etc., alêm de instrumentos musicos antigos e pertencentes á bandas marciaes.

A seguir é a sala *Europa* — a primeira das salas novas. Esta e as tres que se seguem são todas decoradas com pinturas do mestre Columbano. A meio do tecto d'esta sala ha uma allusão a *Aljubarrota;* aos lados: *Europa; voto de Nun'Alvares; batalha dos Montes-Claros* e *tomada de Lisboa.* Afóra isso ha uma outra tela de Sousa Rodrigues: *Episodio do assedio de Lisboa;* e em frente vê-se outra de L Freire: *Nun'Alvares.*

N'esta sala vêem-se: pendulas para marcar segundos; graphometros, verificadores, alças, trabalhos artisticos representando: a *instituição da Eucharistia* e a *Abundancia,* cunhos, bandeiras historicas, etc.

Sala *Africa.* Ao centro do tecto, allusão a *Ceuta;* aos lados: *Africa; descobrimento do cabo da Boa-Esperança; entrada de D. Affonso V em Tanger,* e *conquista de Ceuta.* Na parede principal, *D. Duarte de Menezes defendendo a retirada de D. Affonso V,* pintado por Accacio Lino; em frente, outra tela do mesmo artista, allusiva ao *Infante Sancto.* Na parede principal ainda se vê um medalhão de D. Duarte de Menezes, assim como á porta que dá para a sala immediata se depara com o busto d'este insigne cavalleiro, executado por Costa Motta, sobrinho.

Expõem-se n'esta sala: modelos varios; a espada que Mousinho d'Albuquerque empunhava quando a 28 de dezembro de 1895 aprisionou o Gungunhana, em Chaimite; a espada do almirante Baptista d'Andrade, quando effectuou a occupação de Ambriz; bandeiras; a lança que pertenceu ao soldado n.º 96 do 2.º esquadrão de lanceiros 1 — Francisco Relvas — um dos mais arrojados combatentes da campanha do Barué, em 1902; espada que pertenceu ao ha pouco fallecido general Galhardo que d'ella se serviu nas operações de Gaza, etc., etc.

Sala *Asia.* Ao meio do tecto, uma allusão a *Gôa;* dos lados: *Asia; desembarque de*

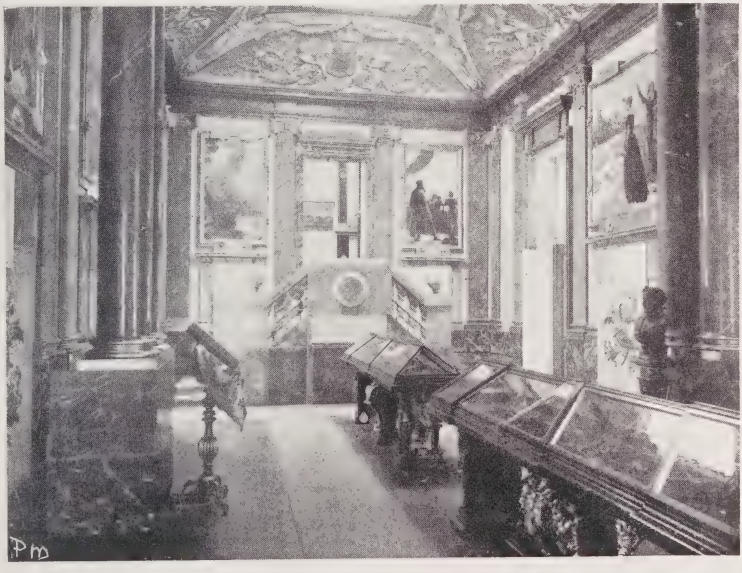
Vasco da Gama em Calecut; embaixada do Xeque Ismael a Albuquerque, e o *cêrco de Diu.* Na parede principal o retrato de D. João de Castro, pintado por Mello Trigoso, copia do que se suppõe authentico e que pertence a D. Thereza de Saldanha e Castro. Dois medalhões de Albuquerque e D. Francisco d'Almeida completam a ornamentação d'esta sala que contêm: espoletas, granadas, lanternetas, amostras de varios minerios, bandeiras historicas, etc.

Sala *America.* A meio do tecto, allusão ao *Brazil;* dos lados: *America; collocação do primeiro padrão no Brazil; capitulação de Pernambuco em 1654,* e os *Montes-Gararapes.* Na parede principal o retrato do general Castelbranco; os bustos de D. Luiz e D. Pedro V completam a decoração da sala que apresenta capacetes, pelouros, moldes para fundição, em cêra, dragonas, charlateiras, livros com aguarellas representando varios uniformes, etc., etc.

Sala *D. Pedro IV.* A meio do tecto: allegoria ás *campanhas da Liberdade;* é trabalho de Columbano; aos lados: os retratos de *Saldanha, Terceira, Sá da Bandeira* e *D. Pedro IV.* Uma das paredes é quasi toda revestida por uma primorosa tela de Velloso Salgado: a *Patria coroando os heroes da Liberdade.* Enfeitam as restantes paredes os retratos de *José Jorge Loureiro,* de Mattoso da Fonseca; *conde das Antas,* de Ribeiro Junior; e o de *Saldanha,* offerecido ao Museu pelo commendador Guilherme João Carlos Henriques. Ha tambem um painel pintado pelo general estrangeiro Hoffmmann: o *combate de Ponte Ferreira;* uma pequena tela representa a *acção da Villa da Victoria,* em 1829, offerecida ao Museu pela filha do conselheiro Luiz José da Silva, um dos que acompanharam D. Pedro IV á ilha Terceira. Ao centro d'esta sala ergue-se o busto, em marmore, de Sá da Bandeira, trabalho executado e offerecido a este estabelecimento pela fallecida titular duqueza de Palmella. Estas as decorações da sala que expõe uma collecção de artigos que foram pertença de Saldanha; manequins com uniformes do exercito de 1833; o bastão do duque da Terceira; a espada que acompanhou Saldanha na batalha de Almoster, bandeiras historicas, etc.

Sala *Pimentel Pinto.* Tem um aspecto primoroso esta sala com columnas em escaiola, imitando marmore, e que encerra trabalhos picturaes de Columbano e Domingos Costa. Aquelle apresenta telas de assumpto camoneano e este brazões d'armas de Gôa, Funchal, etc. Mostra-se n'esta sala: medalhas, lanças, ferros de lanças, dois modelos em cêra representando a machina inventada por Bartholomeu da Costa, etc.

Sala *D. João IV.* E' pequena esta sala, mas sufficiente para ostentar os retratos dos principaes vultos da Restauração de 1640, e uma tela de Salgado: a *coroação de D. João IV.* As portas são encimadas por duas pequenas telas de Gomes Fernandes e Antonio Carneiro: a *tomada de Salvaterra* e o *general Mathias de Albuquerque na ba-*



SALA PIMENTEL PINTO

talha do Montijo. O tecto é pintado por João Vaz, sendo o chão em corticite. Vêem-se n'esta sala: quatro obúzes de 1666-67 e quatro peças de bronze encontradas nos depositos militares ao tempo da Restauração de Portugal, alêm de panoplias, baixos-relevos, etc., que ornam as paredes.

Sala *Infante D. Henrique*. E' — pelo seu aspecto — similhante á sala *Pimentel Pinto*. As pinturas do tecto são devidas a Domingos Costa; são medalhões de Gil Eannes, Gonçalo Velho Cabral, Diogo Cão, Bartholomeu Dias e varios outros navegadores portuguezes; a parede fronteira tem uma enorme tela de Malhôa, allusiva ao infante D. Henrique e ao lendario promontorio de Sagres; tem mais cinco telas do mesmo artista, todas com epigraphes do immortal cantor dos *Lusiadas*. N'esta sala vêem-se actualmente — embora não esteja ainda aberta ao publico — os projectos dos monumentos á Guerra Peninsular, entre os quaes se destaca, pela sua grandiosidade, o do architecto Ventura Terra.

Segundo nos confiou o general sr. Arbués Moreira, vae alli realizar-se em breve uma exposição de todos os projectos de monumentos e mais curiosidades d'essa patriota commemoração.

Em seguida é o *Gabinete do Director*, que não está patente; peçamos-lhe, porêm, vénia e entremos. E' elegante, amplo, bonito, tem algumas decorações pelo tecto, e o

SALA D. PEDRO IV

retrato de Castelbranco. A mobilia é toda em pau-sancto.

Ahi ha uma saída particular para o pateo aonde estão as peças mais notaveis, como as de Diu por exemplo, ficando o projecto da estatua a D. Pedro IV ao centro do citado pateo

Em seguida tomemos pela escada que ha a um dos lados e vejamos uma tela de Luciano Freire, figurando *Portugal militar e a Balistica*. O tecto — que é apainelado —

tem a figura da *Fama,* retocada pelo professor da Academia, Pietro; nos paineis vêem-se quatro medalhões com os retratos de *D. José, Machado de Castro, Marquez de Pombal* e *Bartholomeu da Costa;* esses medalhões são executados por Columbano. No patim está o busto de *D. Manuel,* esculpido por Fernandes de Sá, distincto artista portuense. A' nossa esquerda fica o *Gabinete do Inspector.*

Do pateo — a que acima alludimos — sae-se pelo portico moderno, da iniciativa do devotado general Castelbranco, que ainda a 8 de outubro de 1900 assistiu ao lançamento da primeira pedra d'esta fachada que dá para o largo dos Caminhos de Ferro (Sancta Apolonia). Foi encarregado do projecto o insigne esculptor Teixeira Lopes, que n'este trabalho demonstrou o quanto póde o seu talento, prenda d'essa afamada familia de artistas.

GENERAL PEDRO D'ALCANTARA GOMES

O portico é uma excellente peça architectonica, destacando-se, especialmente, o bem elaborado grupo allegorico que o remata e em que a figura da *Patria* — empunhando na mão direita uma espada, e na esquerda uma bandeira — se impõe pela sua magestade. O grupo é todo em marmore, salvo a haste da bandeira e a espada, que são em bronze. Na manufactura d'esta figura foram empregados enormes blócos de marmore, e — para se ajuizar do que affirmamos — basta dizer que o blóco que abrange parte da perna esquerda péza seis toneladas!

A construcção do portico foi feita sob a direcção do mestre do Arsenal do Exercito, Antonio Joaquim, que se houve muito bem na ardua tarefa de que foi incumbido.

Para fechar o portico foi executado na fundição de canhões um portão de ferro todo ornamentado com diversas armas guerreiras de bem acabado desenho.

Antes de encerrar este já longo artigo, cumpre-nos dizer que o general Pedro d'Alcantara Gomes — de quem damos o retrato — foi tambem director do Museu a que nos estamos referindo; não podemos, porêm, precisar a epocha certa em que occupou tão importante cargo; suppômos que fosse desde o fallecimento do general Castelbranco, occorrido no anno de 1905, até que falleceu.

Damos a noticia de que no Arsenal do Exercito continuam com grande avanço as obras para a installação das novas officinas que substituem as antigas e que ainda se vêem no Campo de Sancta Clara, e que n'estas officinas se realisou ultimamente a fundição da estatua do bispo de Vizeu, que vae ser erigida n'um dos largos d'esta importante capital da Beira-Alta.

* *

Eis o mais resumidamente possivel a descripção do Arsenal do Exercito, do Museu d'Artilheria e das respectivas salas.

O catalogo do general Zephyrino Brandão tem mais desenvolvida noticia sobre as salas alludidas; como, porêm, o artigo já vae longo e pesado, ficamo nos por aqui, agradecendo ao amavel leitor a paciencia que teve em nos aturar no tão extenso caminho que vae da fundação do Arsenal do Exercito á inauguração do ultimo portico.

HENRIQUE MARQUES JUNIOR.

Mark Twain

Impressões de viagem — A Chicago Alleman

(CONCLUSÃO)

Haverá coisa de um mês, dispunham-se em Berlim a celebrar o septuagesimo anniversario do Professor Wirchow. Quando chegou esse dia, a quinze de outubro, afigurou-se-me que o o mundo scientifico, em pêso, se havia convocado a si proprio para um ponto de reunião; succediam-se as deputações, trazendo ao heroe a homenagem e o respeito de todas as cidades, de todos os centros scientificos; durante um dia, inolvidavel, recebeu Wirchow o incenso offerecido ao seu mérito, com uma pompa ignorada de todo e qualquer mortal, assim dos tempos modernos como da antiguidade. Prolongaram-se estas demonstrações e acabaram por confundir-se com as que eram destinadas ao gêmeo scientifico da alludida personagem, ao Professor Helmholtz, cujo anniversario distava apenas três semanas do anniversario do Professor Wirchow.

Apraz-me crer que a conclusão de semelhantes festejos seria particularmente agradavel aos nossos dois sabios: mil estudantes lhe offereceram um sumptuoso banquete que se effectuou em um immenso «Hall» comprido e espaçoso, repartido, ao alto, em cinco galerias, nas quaes tomaram logar de quatrocentas a quinhentas senhoras.

A magnificente decoração consistia em feixes de bandeiras, em escudos com variados lêmmas; e a illuminação foi brilhantissima. Em todo o comprimento da sala achavam-se dispostas mêsas de vinte e quatro talheres, pouco distantes umas das outras.

Quer ao centro quer aos lados, haviam armado um estrado, alto e ricamente adornado, medindo vinte e cinco ou trinta pés em comprimento, sobre que assentava uma grande mêsa, á qual tomaram logar os seis principaes organizadores do banquete; trajavam ao uso da edade-média, representando as diversas e respectivas corporações.

Por detrás destes mancebos achava-se encoberta uma banda de musicos. Em baixo, em frente do estrado, exactamente, meia duzia de mêsas adornadas, distinguindo-se das restantes, que tinham deixado francas; a mais central era reservada para os heroes da festa, e para os vinte professores mais eminentes da Universidade de Berlim; as outras mêsas adornadas eram destinadas a um certo numero de professores mais modestos.

Coube-me a honra de ser admittido á mêsa dos dois heroes da festa, supposto me não grangear o minimo direito a semelhante favor a minha erudição. Não negarei que experimentei um singularissimo prazer em encontrar-me em semelhante companhia, e em me associar daquella fórma a vinte e três sabios, que podem permitir-se o esquecerem num só dia mais coisas de quantas eu poderia aprender em toda a minha vida.

E não obstante, não me senti acanhado, de modo nenhum, visto como, um homem instruido e um ignorante se parecem immensamente; e tanto mais, que eu sabia que, aos olhos daquella multidão, passava por ser um erudito. Bastou-me um momento de attenção para assumir e arremedar as pausas e attitudes daquelles grandes homens, e sem custo logrei parecer tão «professor» como os professores que me rodeavam.

Chegámos cêdo, tão cêdo, até, que apenas os Professores Wirchow e Helmholtz, e mais três ou quatro estudantes, se nos haviam antecipado. Os convidados, porém, foram affluindo em ondas, e, no espaço de um quarto de hora, achavam-se as mêsas guarnecidas de todo, e a sala a abarrotar de gente. Houve quem affirmasse acharem-se ali quatro mil pessôas, A scena era animadissima, com certeza, e dava a illusão de uma immensa colmeia. A cada cabeceira de mêsa presidia um estudante, com o trajo da corporação. Estes fardamentos são de seda e veludo; o adorno de cabeça consiste em um chapeu de plumas, ou um gôrro, grande, escossês, circundado por uma grande pluma; os mais delles usam um barretinho de sêda, posto no alto da cabeça, tal qual um pires invertido. Em dados casos, os calções são de um branco deslumbrante, em outros, de diversas côres; em qualquer dos casos, porém, as botas sobem á altura do joelho, e são de rigor os guantes brancos; á laia de espadim, uma catana, cuja guarda, arredondada, comporta differentes côres.

Cada corporação usa um uniforme especial; todos elles feitos dos mais finos estofos, de colorido vistoso e de um rematado effeito pinturesco; estes trajos são dos ultimos vestigios da edade-média, e caracterizam para nós a época em que os homens eram um espectaculo digno de ser visto. O estudante, presidindo á cabeceira da nossa mêsa, tinha uns ares sérios e solemnes; o seu vulto elevado não era destituido de gracilidade. Parecer-se-ia muitissimo, sem duvida, a um dos seus antepassados; encarnava em todo o conjunto o perfeito typo medieval,

Conforme atrás fica dito, achava-se atulhada a sala. Um dos lados da mesma estava a abarrotar de estudantes; estes, levantando-se, formaram alas e impediram-nos de ver o que se passava por detrás delles.

Sem embargo, até onde alcançava a vista, notava-se que todos aquelles juvenis semblantes estavam voltados para a mesma direcção, que os olhos de todos elles, avidos e impacientes, se achavam assestados no logar occupado pelo senhor Helmholtz.

Aquella juventude parecia achar-se absorta de todo na contemplação dos grandes vultos, não lhes tiravam a vista de cima, e aquelle como que extase era para elles uma verdadeira delicia. Aquella aureola de gloria, com o seu caracter pacifico e sincero, era, a meu ver, mil vezes mais de envejar do que uma assignalada victoria, comprada a preço de combates encarniçados e de uma desoladora effusão de sangue.

Em frente de cada um de nós campava um copo para cerveja, e cada qual podia mandá-lo encher, á discreção. Distribuiam tambem uma brochurinha contendo os versos que iam ser cantados. E, por baixo dos nomes dos dignitarios da festa, liam-se as seguintes palavras, impressas em letras grandes:

— Wœhrend des Kommerses herrscht allgemeiner Burgfriede.

Como eu fosse incapaz de as traduzir, com a poesia local, prestou-me o seu auxilio um professor, e eis o que elle me explicou:

Os estudantes pertencem a diversas sociedades universitarias, mas, quem quiser fazer parte das respectivas corporações, tem que manifestar predilecção pelos exercicios fisicos e pela esgrima. Organizam duélos ao sabre, todas as semanas, e cada corporação tem obrigação de apresentar um certo numero de duelistas, para a circunstancia; e cumpre notar: que é no terreno do combate que os estudantes das diversas corporações permutam actos de cortesia.

Na vida usual, nunca falam uns com os outros, nem bebem juntos. E por isso a alludida frase significa o seguinte:

— Armisticio geral durante o banquete: treguas á guerra e praça á camaradagem.

Principiou a festa. A orquestra, encoberta, tocou uma marcha marcial; seguiu-se a isto uma pausa. Os estudantes do estrado puséram-se de pé, os do centro beberam á saúde do Imperador, depois, ergueu-se a sala em pêso, toda a gente de copo na mão: Um, dois, três! esgotaram-se os copos, de um trago, depois, poisados com fragor e em cadencia sobre as mêsas, infundindo a illusão do ribombar do trovão. A partir daquelle momento, e pelo espaço de uma hora, cantaram córos, e era de ensurdecer.

A seguir a cada canção, um numero reduzido de convidados — professores — vieram vindo, por grupos. Como que prevenidos por um signal convencionado, os estudantes do estrado saudaram a entrada do professor; levantaram-se todos, ao mesmo tempo, em attitude marcial, com os calcanhares muito juntos e desembainharam as espadas.

Os estudantes de guarda a cada mêsa fizeram outro tanto, aquella attitude marcial imprimia á festa um esplendor insolito.

Tocou três chamadas um clarim; abaixaram-se com fragôr os sabres, por duas vezes, em cima da mêsa, e ergueram-se todos, á uma. Até onde abrangia a vista, divisavam-se os uniformes de côres vistosas, e as espadas desembainhadas da guarda de honra, formando alas, á passagem de cada convidado. Eram pungentissimos os cantos; a exuberancia daquelles peitos juvenis, o retinir dos sabres, o telintar dos copos de cerveja, collidindo, impressionavam fortemente os circunstantes. E eu a suppôr que o delirio daquella assembleia havia attingido o acúme, mas nova sorpreza me aguardava, no acto de haver tomado posse do seu logar o ultimo convidado; resoaram de novo os três toques de clarim e saíram as espadas da bainha.

Quem seria, afinal, aquelle ultimo concorrente?

Os olhos dos circunstantes voltaram-se instinctivamente para a entrada; neste ensejo, a guarda de honra, com o seu luzido fardamento e de espada nua, abriu caminho por entre a multidão. Depois, lá no fundo da sala, vimos os estudantes, póstos de pé, todos, á uma, qual potente refluxo da maré, á proporção que ia avançando a guarda. Nunca se tributára a alguem semelhante honra.

Percorreu a nossa mêsa um borborinho.

— E' Mommsen! — e ergueu-se a sala, em pêso, a gritar, a estrupear, a applaudir, a entrechocar os copos; era o proprio furacão. O homenzito de semblante «Emersoniano» e de cabeleira ao vento passou ao pé de nós, para ir assumir o seu logar. E eu, quasi que a poder-lhe tocar com o dedo, naquelle homem celebre! — Mommsen!

Prodigiosa sorpreza!

A sua apparição causou um daquelles inesperados sobresaltos, que raro é o produzirem-se na vida.

Eu estava muito longe de pensar nelle; appareceu-me tal qual um mytho gigantesco, um immenso espectro cobrindo o mundo com a propria sombra, e não como uma realidade. O meu espanto só póde ser comparado áquelle que experimenta o viajante, ao acercar-se do Monte-Branco e ao ver de subito o cume a investir com o firmamento, sem suspeitar, sequer, que o tinha ali tanto á mão.

Eu haveria andado léguas e léguas para ver aquelle grande homem; e em vez disso, elle proprio viéra ter commigo, e eu, hoje, a contemplá-lo sem o minimo esforço!

Era elle, em pessôa, trajando com singeleza de pasmar e sem se differençar dos outros homens. E ali estava elle, englobando naquelle seu cérebro o mundo romano e os césares todos do império, com a mesma facilidade com que a abobada celeste carrega com a via lactea e as constellações.

Um dos professores contou-me que, noutras éras, uma juvenil Americana apresentada a Mommsen se encontrou diante deste muda e assustada. Estava aterrada pelo pensamento de que os seus labios iam descerrar-se para incetar um assunto, que ella ignorava completamente e excedendo a sua compreensão; não podia suppôr que semelhante génio fosse capaz de abaixar-se até ao nivel da terra do commum dos mortaes; porém, assim que lhe ouviu as palavras singelas: «E então, como vae? já leu o ultimo livro de Howell? Pareceu-me muitissimo bom». — esvaíram-se-lhe os preconceitos.

As solemnidades daquella noite terminaram por discursos de festiva acolhida, proferidos por dois estudantes, aos quaes responderam os professores Wirchow e Helmhotz.

Wirchow fez parte durante muito tempo do governo municipal de Berlim. Trabalha tanto como todo e qualquer védor da cidade e recebe o mesmo salario; isto é: coisa nenhuma. Não sei se poderemos arriscar-nos, na America, a pedir aos nossos mais illustres cidadãos que façam parte do conselho municipal; admittindo que aceitem, não teriamos a certeza de poder elegê-los!

Aqui, porém, a organização é de tal ordem, que os individuos mais bem conceituados da cidade consideram como uma honra o desempenhar sem remuneração as funcções de edil; os eleitores teem aliás o bom gosto de os elegerem de anno a anno.

E o resultado é ser Berlim admiravelmente administrada. E' uma cidade livre, cujos interesses se não confundem com os do Estado; são regidos pelos proprios cidadãos e por systêmas da escolha destes.

Versão de MANUEL DE MACEDO.

A comedia latina

I

Plauto e as suas obras

Memor — Vario — Plauto — «Stícho» — «Curulio» ou «Gorgulho» — O «Persa» — «Truculento» — «Amphitryão» — Sosia — «Asinaria» — «Aulularia» — «As duas Bacchis» — «Os captivos» — «Casina» — «Cistellaria» — «Epidico» — «Os Mnechmas» — «Mostellaria» — «O Mercador» — «Pseudolo» — «O soldado fanfarrão» — «Trinumo» — O «cartaginez» — «Rudens».

Antes de começarmos a tratar da comedia e dos comediógraphos romanos devemos citar o nome de mais dois escriptores de tragedia: Scæva Memor e Lucio Vario.

Scæva nasceu no seculo I da nossa era em Arunca. Apreciavam-n'o immenso; compoz entre outras tragedias um *Hercules;* Saumaise attribue-lhe a *Octavia* comprehendida entre as tragedias de Séneca. Lucio Vario nasceu no seculo I antes de Christo. Horacio e Virgilio dispensaram-lhe a sua amisade; escreveu um poema épico em honra de Agrippa e de Octavio e uma tragedia que tinha por assumpto Thyesto, que Quintiliano comparava ás obras primas gregas; salvou a *Eneida* que Virgilio moribundo queria destruir e tomou parte na publicação d'essa inolvidavel obra.

A comedia romana propriamente dita foi pouco original. A comedia *palliata* constitue o principal fundo do theatro comico latino, e é toda imitada do grego. Livio Andronio, que, como atraz dissemos, foi quem introduziu o theatro grego em Roma, escreveu, segundo todas as probabilidades algumas comedias. Nævio quiz introduzir a politica no theatro, mas esta innovação não era possivel em Roma, e os comediógraphos limitaram-se de ahi em deante a imitar as comedias *media* e *nova*. Foi o que succedeu com Plauto, Cecilio e Terencio, que seguiram de perto os auctores gregos e escreveram comedias de costumes e de caracteres. Quando elles desappareceram, a *palliata* foi abandonada. A outra fórma da comedia romana, a *comedia togata* foi explorada principalmente por Afranio. Só obteve um exito relativo. Differia muito pouco da *palliata*, não obstante parecer consagrada mais especialmente á pintura dos costumes romanos. Ainda n'esse genero serviram os gregos de modelo.

Marco Accio Plauto, um dos maiores poetas comicos latinos nasceu em Sarsinia, na Umbria, em 250 antes de Christo e morreu em Roma em 184. Brilhava no theatro quando Catão brilhava na tribuna; as suas primeiras comedias datam do fim da segunda guerra punica. Pouco se sabe da sua vida, embora tivesse uma vida accidentada. Ganhou dinheiro na construcção de theatros, perdeu-o em más especulações e tornou-se creado de moleiro, porfim entreteve-se a adaptar peças gregas. Attribuem-se a Plauto cento e trinta comedias, Varrão só reconhece como authenticas vinte e uma. Possuimos precisamente estas peças, excepto a ultima, substituida por uma outra, o *Querolo,* posterior varios seculos.

O exemplo de Nævio, legalmente chibatado por ter dito mal dos Scipiões, foi advertencia sufficiente para desviar Plauto da comedia satirica. De mais a mais, a lei

e os costumes prohibiam em Roma as liberdades da comedia antiga dos gregos. Do que traduziu das peças gregas não se deprehende que o seu theatro seja artificial e exotico. Plauto frequentara muito a plebe. Observara na sua intimidade o escravo, o parasita, o negociante, vagueando muito pelas praças publicas e pelos mercados. Ao mesmo tempo não tem nada de litterato de profissão. Foi por acaso, parece, que se tornou auctor. Dotado de imaginação, de uma veia inextinguivel, soube vivificar a intriga bebida em Menandro, em Diphilo, em Antiphane por meio de uma porção de certeiros traços de costumes, de linguagem do mais puro romano. Assim o povo revia-se na sua obra e nenhum comediógrapho foi mais applaudido que Plauto. A sua trivialidade, os seus gracejos maliciosos, mas ás vezes de um gosto duvidoso, e com frequencia de uma crueza perfeitamente antiga, eram outros tantos elementos de exito. O seu theatro acabou, todavia, por cahir em desuso quando o criterio se apurou mais. Horacio julga-o com muita severidade. Mas nem todos eram d'essa opinião, e pronunciou-se uma verdadeira reacção a favor de Plauto, quando a erudição determinou o eclectismo do gosto.

A COMEDIA
(Estatua de Duret)

A intriga das comedias de Plauto, imitador da comedia nova dos gregos, não é muito variada. Trata-se, a mais das vezes, de qualquer rapariga raptada na sua infancia por um negociante de escravos; um rapaz apaixona-se por ella, auxiliado nos seus projectos por um escravo astucioso, que prega mil partidas ao pae para lhe apanhar dinheiro. Porfim a rapariga torna a encontrar os paes e effectua-se o casamento. As suas personagens ordinarias são, álem d'esses, o parasita jogralesco, o negociante de escravos odioso, o militar fanfarrão. Existe observação moral nos papeis dos paes, finura e sentimento nos papeis dos namorados e poderosa facecia nos outros caracteres. As melhores peças de Plauto são: O *Amphytrião*, a *Aulularia*, imitadas por Molière; os *Mnechmas*, os *Captivos*, a *Casina*, o *Soldado fanfarrão*, o *Cartaginez*. As outras são: O *Asinaria*, *As duas Bacchis*, a *Cistellaria*, o *Curculio*, o *Epidico*, o *Mercator*, a *Mostellaria*, o *Persa*, o *Pseudolo*, o *Rudens*, o *Sticho*, o *Trinummos*, o *Truculento*.

Sticho é uma das comedias mais antigas de Plauto. Foi representada em 210 antes de Christo. Eis o seu entrecho: Duas mulheres vivem ha tres annos separadas dos maridos, que partiram em busca de fortuna, e que não tornaram a dar noticias suas. N'estas circunstancias a lei atheniense permittia considerar o casamento como nullo. O pae das duas juvenis esposas resolve fazê-las contrahir novas nupcias. Uma das mulheres está a ponto de ceder; a outra, mais constante, recusa e fortalece a vontade hesitante da irman. Esta situação origina uma linda scena. Depois, não se sabe porquê, o pae abandona o seu projecto. Os maridos voltam, e toda a gente rejubila. O palavrorio divertido de um parasita e os ditos alegres de um escravo a quem o dono, de regresso, deixa refastelar á vontade, enchem quasi toda a peça. Ha n'ella um episodio engraçado, o do velho Antiphon, o pae, que enlevado pela presença de uma das dansarinas, trazidas pelo genro para as vender, emprega todas as diligencias para ficar com ella. Plauto não se atreveu a desenvolver até o fim o assumpto que entrevira, muito elevado para a grosseria do publico romano. Proporcionou-lh'o conforme o seu gosto, e nós perdemos a encantadora comedia que as primeiras scenas annunciavam.

Curculio ou *Gorgulho* subiu á scena em Roma, pouco depois de 195 antes de Christo. O titulo da peça, *Gorgulho*, provém do nome de uma das principaes personagens, parasita que vive a expensas de outrem, como o gorgulho no seu monte de trigo. Phedromo, enamorado da joven Planesia, mandou a Caria o seu parasita Gorgulho, para ali arranjar o dinheiro com que ha de comprar a sua bella ao proxoneta Cappadox. Gorgulho não arranja nada, mas furta ao rival de Phedromo, um militar fanfarrão, o seu annel, graças ao qual levanta dinheiro no banqueiro Lycon. O militar chama aos tribunaes Lycon e Cappadox; mas, na rapariga a quem amava, reconhece sua irman, e dá-a em casamento a Phedromo. Os papeis conhecidos do parasita, glutão e ardiloso, do escravo insolente, do militar ga-

barola, do proxoneta covarde e cúpido, são tratados com a graça costumada de Plauto. Os quadros de costumes romanos são ahi numerosos. Ficou celebre uma situação: é o intermedio em que o director da companhia faz a descripção humorística dos differentes bairros de Roma e d'aquelles que os frequentam.

O *Persa* representou-se cêrca de 195 antes da nossa era. O titulo provém egualmente de uma das suas personagens. O assumpto é a velhacada machinada por um escravo apaixonado e de que se torna victima um proxoneta. O escravo Taxel ama uma cortezan. Necessita arranjar dinheiro. Um collega, incumbido pelo amo de comprar bois, offerece-lhe essa importancia. Mas precisa reembolsá-lo. Um dos seus companheiros disfarça-se em persa e finge querer vender uma rapariga que foi raptada. Esta é, na realidade, filha de um homem livre, parasita de profissão. O proxoneta compra a rapariga, o falso persa desapparece e surge o pae que ameaça queixar-se ao pretor. Este, atemorisado, restitue a rapariga, e toda a gente o escarnece. A comedia é muito viva e alegre. Convem notar que a rapariga de condição livre, que figura na intriga, apesar de meio singular a que as circunstancias a arrastam, sabe conservar o decôro exigido pela sua posição.

O *Truculento*, «O Brutal» foi representada em 192 antes de Christo. Esta peça não é, para falar com propriedade, mais do que um retracto em acção, o da cortezan ávida, na qual não subsiste outro sentimento que não seja o amor do ganho. Cicero aprecia esta peça como sendo uma das obras primas do seu auctor. Phronesia tem tres amantes: Dinarco, rapaz atheniense a quem arruinou; um provinciano ingenuo, Strabase, a quem trata de arruinar; um militar babylonico, a quem faz acreditar, para d'ahi tirar mais proveito, que tem um filho d'elle. Phronesia exhibe, com effeito, um recemnascido, creança que Dinarco teve d'outra mulher. Stratilax, creado do provinciano, oppõe a principio viva resistencia ás intrigas da cortezan, e é elle que dá á peça, o titulo, o *Brutal*. Mas acaba por se deixar engodar como os outros. Finalmente, o pae da joven atheniense seduzida por Dinarco encontra o seductor, e, depois de diversas peripecias, leva-o a desposar aquella a quem fez mãe. A cortezan consola-se com a perda de um amante tornando felizes os outros dois.

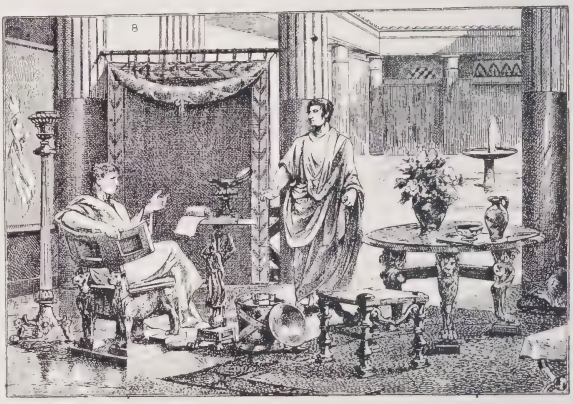
A comedia *Amphytrião* de Plauto foi imitada por Molière com tanta felicidade que excedeu o auctor latino. A peça de Plauto tornou se tão querida dos romanos, que, no tempo de Diocleciano, ainda era representada, quando succedia qualquer calamidade publica, para apaziguar Jupiter. Rotrou imitou-a tambem em verso francez e é na sua peça que se encontra o seguinte verso:

Foin d'un amphitryon où l'on ne dîne pas

Reproduziremos o entrecho da comedia quando falarmos de Molière. Todavia não nos furtamos ao desejo de falar desde já de uma das suas personagens, o celebre Sosia, de que os romancistas modernos teem usado e abusado. Jupiter que fôra um tunante de marca, lembrou-se para seduzir Alcmena de usurpar a figura de seu marido Amphitryão. Mercurio sempre chamado para essas emprezas, disfarça-se em Sosia, creado do pobre esposo enganado, que este deixara de guarda á virtude um tanto periclitante da sua cara metade. Imagine-se o desespero e o desapontamento do verdadeiro Sosia quando outro absolutamente egual a si, um desdobramento de si mesmo, lhe intercepta a entrada da casa do amo, e lhe demonstra á bordoada que não deve chamar-se Sosia. O infeliz servo não tarda em duvidar da sua propria pessoa e fica afflictissimo sem saber quem é. E' uma das personagens mais felizes de Plauto.

A comedia *Asinaria* constitue o quadro de um pae, que favorece a devassidão de um filho para partilhar d'ella, e esquecer as rabujicies da esposa. Demeneto, um velho, alugou por um anno para seu filho Argyrippo a joven Philenia, mediante vinte minas escabulidas a sua mulher Artemona, com o auxilio de escravas astuciosas. Impoz, porém, como premio á sua generosidade, que cearia uma vez com o filho e a amante do filho, com a devida recompensa da parte d'esta ultima. Argyrippo consente, embora muito contra vontade. O peor do caso é que apparece Artemona a meio d'esta festa íntima e constrange o voluvel esposo a voltar para o do-

micilio conjugal. O titulo da peça provém de uma récua de burros cuja venda forneceu a quantia empalmada. Se a comedia *Asinaria* não se recommenda pela moralidade, regorgita em compensação de scenas divertidas. O seu estylo faísca de graça scintillante. A scena em que Argyrippo, expulso, se lamenta, e a da sua despedida a Philenia, são de uma tocante sensibilidade. Encontra-se na comedia tambem um traço curioso de costumes; o contracto em boa e devida fórma que deve ligar Philenia a Diabolo. Estes contractos eram, parece, validos ante os tribunaes. A comedia *Asinaria* foi imitada do grego Demophilo. Molière inspirou-se em certas passagens d'esta peça para escrever algumas scenas das suas obras taes como, por exemplo: a scena III do primeiro acto das *Femmes savantes;* a scena V do segundo acto das *Fourberies de Scapin* e uma do *Bourgeois gentilhomme.*



UM TALLINUM ROMANO

Aulularia ou a *Panella* tem o seguinte entrecho. O avarento e velho Euclion encontra em sua casa, enterrada no chão, uma panella cheia de moedas de ouro. Não pensa em mais que a arrecadar, mas desconfia que toda a gente sabe o seu segredo e lhe quer tirar o seu thesouro. Um rapaz, Lyconide, abusou, n'um momento de embriaguez, de Phedra, filha de Euclion. Um visinho rico, Megadoro, tio de Lyconide, pede e obtem a mão da pequena. Mas esta torna-se mãe, e Lyconide consegue que o tio lhe ceda Phedra. No entrementes, um escravo de Lyconide rouba a panella. Lyconide obriga-o a restituí-la a Euclion. O sovina exlutando, dá a filha a Lyconide, e, subitamente convertido, brinda o casal com o thesouro rehavido. Molière imitou no *Avarento* bastantes scenas d'esta engraçada comedia, mas não o seu inverosimil desenlace.

Na comedia *As duas Bacchis,* Plauto desenvolveu a seguinte intriga. O moço Mnesiloco sahiu ha dois annos de Athenas, por ordem de seu pae Nicobulo, para ir a Epheso receber uma importancia. Inquieto com o destino da amante, Bacchis, Mnesiloco encarrega o seu amigo Pistoclero de se informar do que ha. Bacchis continúa a amar Mnesiloco, mas a miseria obrigou-a a contractar-se por um anno, mediante vinte minas com um militar fatuo e aborrecido. Para recuperar a sua independencia, seria necessario reembolsá-lo d'essa somma. Bacchis tem uma irman que se torna amante de Pistoclero. Mnesiloco regressa, mas, enganado pelas apparencias, julga-se trahido ao mesmo tempo pelo amigo e pela amante. Chrysalo, escravo de Mnesiloco, prototypo de Scapin, para arranjar ao amo o dinheiro necessario para o resgate da bella, engana o pae relativamente á somma trazida de Epheso. Mas Mnesiloco, desesperado, presta demasiado cedo as suas contas. Quando tudo se esclarece, desola-se e supplica a Chrysalo que lhe arranje dinheiro por meio de nova velhacada. Então Chrysalo lança mãos á obra. Todas as personagens, fechadas na sua mão, se convertem em seus instrumentos. Em resumo, tão bem enfeitiça o velho que este lhe confia uma certa quantia para livrar o filho de um perigo imaginario. Para Chrysalo não é bastante arrancar a Nicobulo as vinte minas necessarias para resgatar Bacchis; necessita ainda extorquir-lhe dinheiro que o filho dispenderá em festins e diversões. Faz mais, acaba por atirar com o velho e o pae de Pistoclero para os braços das mesmas cortezans que seduziram seus filhos. Poder se-hia classificar a comedia de immoral se a inverosimilhança e as chocarrices grosseiras d'esta peça, não lhe tirassem todo o alcance. Demais, Plauto, parece ter receado que o desenlace peccasse por demasiado forte, mesmo para os romanos, por-

que declara no fim que esta degradação dos cabellos brancos dos anciãos é para elles o castigo d'uma juventude libertina.

A comedia *Os captivos* desenvolve o seguinte enredo. O rico etolio Hegion tem dois filhos, Tyndaro e Philopolemo. Tyndaro, roubado aos quatro annos, foi vendido como escravo ao pae de Philocrates, da Elida. Tendo rebentado a guerra entre a Italia e a Elida, Philopolemo é aprisionado, e, simultaneamente Philocrates é comprado como prisioneiro de guerra, com Tyndaro, seu escravo, por Hegion, que quer libertar o filho por meio de permuta. Graças á dedicação de Tyndaro, Philocrates evade-se, mas leva a Hegion seu filho Philopolemo. O velho acaba por descobrir em Tyndaro o filho roubado. N'esta comedia não existe papel de mulher, nem de negociante de escravos, nem de soldado fanfarrão. Só a graça communicativa de um parasita alegra a peça, onde abunda a pintura dos costumes romanos. Coisa rara em Plauto, a maneira de se exprimir é da mais absoluta castidade.

Plauto imitou a *Casina* de Diphilo. Foi representada em Roma no anno 58 antes da nossa era. Um velho casado, rival do filho, ludibriado pela mulher e por este, finalmente tosado por incumbencia dos dois, tal é o assumpto da peça, que deve o seu titulo á heroina. Regnard inspirou-se n'ella para escrever as *Folies amoureuses*, e Molière aproveitou do velho Stalinon mais de um traço para o seu Chrysale. O tom não é menos ousado que o do costume; mas pela graça faceta e pelo vigor satirico, esta comedia é das mais alegres do theatro de Plauto.

Cistellaria ou o «Cofre» tem por assumpto uma rapariga, Silenia, que foi exposta, muito creança, e recolhida por uma cortezan que a educa para a fazer seguir o seu mister. Mas uma repugnancia invencivel obriga Silenia a resistir aos conselhos da peccadora. Só concede o seu carinho a um mancebo a quem ella tenciona conservar-se fiel. Reconhecida porfim pelos paes, casa com aquelle a quem ama. Ainda que o texto da *Cistellaria* esteja em muito mau estado e incompleto, existe o bastante para se reconhecer n'esta comedia uma das mais encantadoras producções de Plauto. O contraste entre a pura e terna Silenia e as cortezans, é tão original como poetico.

Epidico é a historia de um pae illudido pelo seu escravo Epidico em proveito do filho. Obrigam-no a comprar successivamente uma tocadora de lyra que lhe apresentam como uma filha que teve outr'ora em Epidauro, e que desappareceu mais tarde, depois segunda, como amante do filho, a quem elle pretende afastar. Com o dinheiro recebido para esta ultima, que, na realidade, só foi contractada para esse dia, Epidico fornece ao mancebo meio de comprar uma cortezan a quem ama e que se descobre ser sua meia-irman, filha de seu pae e da epidaura Philippa, que chega a proposito para completar esta reunião de familia. Epidico cujas multiplas velhacadas teem redundado, sem que em nada tenha concorrido para isso, em proveito do amo, recebe a alforria. Esta comedia é de uma vivacidade empolgante. Nunca Plauto conduziu um creado patife através de situações mais embaraçosas nem o fez sahir d'ellas com mais esperteza. O auctor tinha pelo *Epidico* accentuada predilecção.

Plauto escreveu *Os Mnechmas*, «Os gemeos» imitando uma comedia de Menandro. A peça assenta sobre a semelhança absoluta que existe entre dois irmãos e as confusões que d'ahi pódem resultar. Um negociante siciliano tinha dois filhos gemeos. Um d'elles foi-lhe roubado. Tendo morrido o negociante, o avô educou com cuidado a creança que restava. Este, crescendo, procurou o irmão por toda a parte. Chega a Epidamo no Epiro, onde a creança roubada fez fortuna. Todos tomam o Mnechma que desembarcou pelo que conheciam. Mulher, amante, cunhado tudo se engana. Depois de uma porção de incidentes comicos, os dois irmãos reconhecem-se. Esta concepção é tanto menos verosimil quanto Plauto não se limitou a dotar os dois irmãos apenas com a semelhança physica; outorga-lhes tambem a mais completa semelhança moral. No entanto pela vivacidade e engenho de acção, pelo comico do estylo, *Os Mnechmas* são incontestavelmente uma das melhores peças do theatro antigo. O assumpto de *Os Mnechmas* de Plauto foi reeditado pelo cardeal Bibbiena na *Calandra;* por Trissin na *I Simillimi*, (1547-1548); por Shakspeare na *Comedy of errors*, 1593; pelo escriptor francez Rotrou na comedia *Os Mnechmas*, (1632); Regnard seguiu o exemplo de tão illustres antecessores.

A *Mostellaria*, «A peça dos duendes» foi representada no anno 200 antes de Christo. Aproveitando a ausencia do pae Theropido, um rapaz, Philolaches, passa o seu tempo nas orgias e arruina-se divertidamente em companhia d'alguns amigos. O pae regressa sem ser esperado. O escravo Tranion, o espertalhão da comedia, vê-o. Trata de impedir que entre na habitação onde estão reunidos os companheiros folgazões. Tranion convence Theropido que a sua casa está cheia de duendes e que seu filho a abandonou. No entrementes, chega um uzurario que reclama o dinheiro emprestado a Philolaches. Tranion explica ao velho que o filho na verdade pedira algumas sommas, mas para effectuar um excellente negocio. Comprou por ínfimo preço a casa do vizinho Simon; o que se torna necessario, porém, é não falar a este em semelhante coisa, desesperado como está da tolice que fez. A combinação é acceita, e Theropido visita a casa do vizinho com um pretexto inventado por Tranion; os dois velhos não se podem entender e separam-se apodando-se de doidos. Mas eis que os escravos veem bater á porta da pretensa casa dos duendes, o que determina uma explicação com Theropido. Este comprehende que foi logrado. Perdôa no entanto. Esta peça tão jocosa como inverosimil, foi imitada pelo dramaturgo Regnard no *Retour imprévu* e por Destouches no *Dissipateur*.

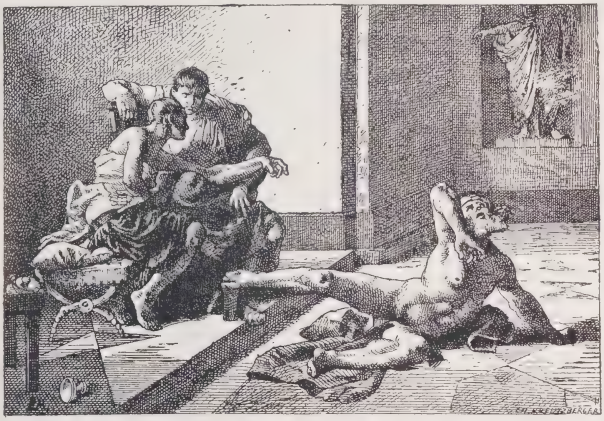
MONTE CAPITOLINO EM ROMA
(Segundo Canina)

Plauto imitou o *Mercator* «Mercador» de uma comedia do poeta grego Philemon. N'uma viagem commercial comprehendida por Charin por ordem do pae, o rapaz compra uma linda amante, que traz comsigo. Demiphon, seu pae, vê na embarcação a joven, enamora-se d'ella e pergunta quem é. Julgando andar bem, um escravo responde que é uma escrava destinada por Charin a sua mãe. Demiphon pede ao filho que não a leve para casa e que a ceda a um velho seu amigo. Tratam de se enganar um ao outro; Demiphon leva-a e confia a pequena a seu vizinho Lysimaco. Mas os ciumes de Darippa, mulher d'este ultimo provocam uma explicação geral. Lysimaco sabe que a bella é amante de Charin, e por isso não quer secundar o pae na sua empresa. Ajudado por seu filho Eutylco, amigo de Charin, exproba-lhe o proceder e Demiphon acaba por se mostrar arrependido. Esta peça é bem tratada, particularmente dramatica, e os caracteres de uma grande verdade.

Pseudolo ou o «Embusteiro» é uma comedia muito alegre. No dizer de Catão no *Dialogo sobre a velhice de Cicero*, gosava da preferencia do auctor. Calidoro ama Phenicia, rapariga em poder de um proxoneta, Ballion. Mas Calidoro não tem dinheiro e Ballion vende a rapariga a um militar, que paga quize minas, fica a dever cinco e deixa em casa de Ballion um objecto de signal, levando comsigo um semelhante. Pseudolo, escravo dedicado de Calidoro, empalma o signal ao creado do militar e faz com que lhe entreguem Phenicia. Ganhou metade da aposta que fizera com Simon, pae de Calidoro. Ganha a segunda metade, porque Simon, para sustentar a sua palavra, dá-lhe vinte minas. Ora Pseudolo jurára reembolsá-lo. Não é, seja dito em boa verdade, um enredo muito complicado. Não se comprehende tambem como o velho, primeiro tão gravemente irritado com o filho, se decide, em alguns instantes, a considerar todos esses factos como uma simples aposta feita com o escravo. Seja como fôr, o *Pseudolo* não é inferior ás outras peças de Plauto pelo estylo e pelo movimento.

O Soldado fanfarrão «Miles gloriosus», foi representado no anno 200 antes de Christo. O heroe é, como o titulo indica, um d'estes aventureiros jactanciosos, invenciveis na guerra, como no amor, pelo menos na sua bocca, e na realidade em extremo poltrões e dignos de dó, que o theatr-antigo gostava de pôr em scena. Uma cortezan, livre pelo seu nascimento, e um moço atheniense, Pleusido, amam-se perdidamente. O mancebo vae em embaixada a Naupacta. O militar Pyrgopolinicia, trava conhecimento com a bella, rapta-a e transporta-a a Epheso. Palestrion, escravo do atheniense, põe-se a

caminho para prevenir o amo, mas é aprisionado no mar e dado como tomadía ao militar. Palestrion escreve ao amo dizendo-lhe que venha a Epheso. Este accorre, aloja-se n'uma vivenda proxima, em casa de um amigo de seu pae. O escravo abre um buraco n'uma parede meia, afim de facultar aos dois amantes uma communicação secreta. O militar dá pela trama, mas alguem o convence que a amante tem uma irman gemea. Finalmente Palestrion para se desembaraçar de Pyrgopolinicia persuade-o de que uma velha rica casará com elle se despedir a amante. O fanfarrão resolve-se a isso, depois de ter enchido a joven de presentes. Surprehendido, porém, em casa de uma mulher casada é espancado como adúltero. A comedia é bem desenvolvida, os caracteres desenhados com arte. O *Soldado fanfarrão* ficou como typo que serviu de modelo aos numerosos, caracteristicos e complexos *matamouros* das comedias hespanholas e imitadas do hespanhol.



LOCUSTA E NERO EXPERIMENTANDO UM VENENO N'UM ESCRAVO
(Quadro de Sylvestre no museu de Luxembourgo)

A comedia *Trinumo*, Os «*Tres escudos*» foi traduzida do *Thesouro*, de Philemon, Esta peça contrasta com o repertorio ordinario de Plauto pela delicadeza dos sentimentos e pelas gradações dos caracteres. Exhibe-se ali um escravo dedicado aos amos, amigos leaes, mas o caracter mais notavel é o de Lesbonico, em quem a devassidão não suffocou nem a generosidade, nem o sentimento da honra. A comedia por ser menos grosseira não é menos engraçada. Eis o seu entrecho: Um rapaz, Lesbonico, dessipa a riqueza de seu pae ausente e vende a casa paterna. Ora, Charnide, seu pae, ao sahir d'ella escondera lá dentro uma somma importante; felizmente, confiara o segredo ao seu amigo Callicles. Foi este quem comprou a vivenda. No entretanto, um mancebo, Sysiteles, deseja casar com a irman de Lesbonico, mesmo sem dote. Callicles dá o seu consentimento, mas Lesbonico não quer deixar consorciar a irmã sem dinheiro. Inventa-se então um estratagema para lha fazer acreditar que Charnide mandou fundos. Paga-se para isto a um comparsa a quem se dá tres dinheiros de salario, facto que determina o titulo da peça. O dote provém, na realidade, do dinheiro deixado por Charnide, que chega a proposito e tudo se arranja. O *Trinumo* foi imitado por Destouches no *Dissipateur*.

A comedia *O Carthaginez* foi imitada de Menandro. Um rapaz de sete annos, Agorastocles, é roubado de Carthago. Compra-o um velho, que o adopta e o institue seu herdeiro. Ao mesmo tempo são tambem roubadas duas primas d'essa creança. Torna-se seu protector um proxoneta Lycus (lobo). Agorastocles apaixona-se por uma das raparigas de quem ignora o nascimento, mas as exigencias de Lycus desesperam Agorastocles, muito avarento. Este introduz astuciosamente em casa do proxoneta um serviçal seu e uma porção de dinheiro e faz com que Lycus se veja compromettido n'um processo como receptador de um escravo fugitivo e de roubo. Surge n'esta altura o cartaginez Hannon que no rapaz reconhece o sobrinho, e nas pequenas suas filhas. Agorastocles casa com a prima. E' o thema mais vulgar das comedias de Plauto. Falta-lhe a unidade, porque as duas intrigas desenvolvem-se parallelamente. Estes defeitos são em parte resgatados por um chiste endiabrado e pela divertida satira aos costumes romanos, embora os «calemburgs» ahi pullulem em excesso. Pode censurar-se a Plau-

to não ter facetado melhor o caracter do negociante cartaginez e de o sacrificar demasiado ao prejuizo popular fazendo do velho cartaginez, em busca das filhas, um farçante ridiculo.

O *Rudens* «O cabo» tem o seguinte entrecho. Um rapaz siciliano, Pleusidippo, tratou com Labrax, negociante de escravas, a compra de uma rapariga que ama, Ampelisca. Labrax depois de ter apanhado as arrhas safa-se para bordo de um navio. A embarcação naufraga. Com grande custo, Ampelisca e a sua companheira Palestra salvam-se e desembarcam perto d'um templo de Venus, ao lado da qual se ergue a casa do velho Demones. A sacerdotisa de Venus acolhe as raparigas. Ampelisca deplora a perda de um cofre que contém diversos objectos que poderiam servir para ser reconhecida pelos paes. No entrementes chega Labrax egualmente salvo do naufragio. Reclama as pequenas. Estas para escaparem ao seu tyranno, colocam-se sob a protecção de Venus. Demones defende-as, contém o negociante de escravos e manda chamar Pleusidippo, que chega e obriga Labrax a comparecer ante o juiz. Apparece Grippo, pescador, que traz na extremidade de um cabo o famoso cofre, que suppõe conter um thesouro. Mas Ampelisca reclama-o e descreve os brinquedos que ali estão encerrados. Por esta descripção o bom Demones reconhece sua filha. Esta peça imitada de Diphilo, é uma das melhores de Plauto e foi escripta nos ultimos annos do poeta.

OS MARTYRES OU A ULTIMA ORAÇÃO
(Quadro de Gérome)

Como se deprehende do que deixamos escripto, se Plauto alguma coisa copiou dos gregos os seus successores copiaram muito mais d'elle. A Historia do Theatro, bem feitas as contas, representa uma successão de plagiatos.

II

Terencio

Atellanas — Personagens tradicionaes: «Macca», «Pappo», «Bucco», «Dosseno», etc. — Pomponio — Nevio - Cecilio — Afranio — Atta — Luciano Terencio «Andriana» — «Hecyra» — «Heautontimoromeno» — «O Eunuco» — «Phormion» — «Os Adelphos» — Os mimógraphos Laberio, Marulho e Publio — Momo — Os pantomimos, comediantes e tragicos — Bathyllo de Alexandria, S. Genes, Mnester, Pylades, Catieno, Esopo, Roscio, Quintilia — A «claque» — O sipario e o «aulac» — «Acta est fabula» — Petréa.

Foi Atella, cidade da Campania, entre Napoles e Capua, no territorio dos oscos, que deu o seu nome a um certo genero de peças jocosas ou farças populares. O genero, no dizer das encyclopedias foi introduzido em Roma no seculo III antes da nossa era, em seguida ás guerras de Samnio. Ao passo que as outras peças de theatro eram representadas por escravos ou libertos, as *atellanas* foram-no sempre por mancebos romanos mascarados. Estas peças, muito livres na sua maneira, tratavam dos assumptos mais variados: eram um misto de comedia de intriga, de comedia de costumes e de satiras contra as pessoas. Punham em scena um certo numero de personagens tradiccionaes: «*Macca*», (tolo), era o prototypo do guloso, do borracho, do devasso, a quem os seus maus sentimentos arrastavam a incidentes deploraveis; o seu nome parece vir da palavra grega *macco*, que significava mulher ridicula; o latim apodava por vezes os nescios com o epitheto de *macci*, e, ainda hoje, os italianos chamam a um parvo *matto, mat-*

tacio. «*Pappo*» (barbudo), incarnava, em geral, um velho sovina e sensual, ardiloso umas vezes ingenuo, e pacovio outras; o destino obrigava-o a andar sempre enganado pelo filho, pela amante e pelo escravo. *Bucco* (guloso). *Dosseno* ou *Dossena,* simultaneamente o pedante orgulhoso e balofo, bem como o feiticeiro e o adivinho da *buenadicha,* abusava da credulidade dos pacovios para lhe extorquir bom dinheiro pelas consultas; Nevio exhibiu dois *dossenos*, émulos nas manhas; *dosseno* é sempre representado com a espinha em arco; a personagem de *dosseno* transitou para a comedia italiana no papel de doutor. Havia além d'estes o *Manduco, Lamia, Python, Mania, etc.*

As *atellanas* eram representadas depois das grandes peças, tragedias ou comedias, n'uma simples lona. Os actores improvisavam em grande parte o dialogo, intercalando-lhe cantos em versos saturninos. Devido a isto, este genero foi uma das origens da *comedia dell'arte.* No tempo de Sylla, as *atellanas* tornaram-se um genero litterario, e foram escriptas em versos iambicos ou trochaicos. Os auctores principaes das *atellanas* foram Pomponio e Nevio dos quaes chegaram até nós alguns fragmentos.

PERSONAGENS DAS «ATELLANAS»

Lucio Pomponio nasceu em Bolonha e vivia no anno 90 antes de Christo. Quinto Nevio existiu no tempo de Sylla, no seculo 1 antes de Christo; compoz não só *atellanas* mas ainda comedias *palliatas.* E' tudo quanto se sabe destes dois poetas.

Um dos comediógraphos romanos mais antigos é Estacio Cecilio, de origem gauleza. Nasceu em 219 e morreu no anno 166 antes de Christo. Embora sahido de condição servil, exerceu uma especie de censura litteraria. Os edís davam-lhe a ler as peças novas. Foi assim que animou, diz-se, os primeiros passos de Terencio. Compoz umas quarenta comedias onde, com a tradição de Plauto, se nota uma psychologia mais apurada; Varrão elogia os seus enredos. Cicero declara que elle escrevia mal o latim. Cecilio tomou em geral Menandro para seu modelo.

Em seguida temos Lucio Afranio, que vivia no anno 100 antes de Christo; foi um dos primeiros que abandonou as imitações gregas pela pintura dos costumes romanos; só nos restam d'elle fragmentos. Tito Quinto Atta morreu no anno 77 antes de Christo; foi um dos auctores mais applaudidos da comedia *togata.*

N'um logar áparte figura, não propriamente como comediógrapho, mas como historiador, critico, philosopho e rhetorico Luciano. Nasceu em Samosate, na Syria em 125 e morreu provavelmente no Egypto em 192 da nossa era. De familia humilde, foi como aprendiz para casa de um tio, fabricante de estatuetas, e depois acabou a sua educação nas escolas da Jonia. Começou por ser advogado em Antiochia, mas seduzido pelo exemplo dos sophistas viajantes, percorreu o mundo fazendo conferencias em toda a parte. Em 161, voltou ao Oriente, primeiro á Jonia, depois a Antiochia e Samosata, onde se encontrava em 163. No anno immediato resolveu estabelecer-se em Athenas onde viveu de 165 a 185 pouco mais ou menos e onde se dedicou ao pamphleto e á satira. Nos ultimos annos, retomou o seu mister de sophista ambulante, que abandonou para se tornar um alto funccionario no Egypto. Possuimos com o seu nome, oitenta e duas obras e uma collecção de epigrammas; um certo numero d'estes escriptos pertencem aos seus imitadores. Com relação ao theatro temos os seguintes trabalhos seus: *A Pantomima, Zeus tragico* e as parodias tragicas: *O pé leve* e a *Tragedia da gotta.* Na sua obra, rica e variada, Luciano toma todos os tons, remexe todas as idéas do tempo, caustíca com as suas zombarias as tradições e os prejuizos. Para o conseguir, renova varios generos litterarios, cria o dialogo satirico, que anima com o seu espirito e com a sua graça.

Publio Terencio Afer occupa na litteratura dramatica latina um logar tão notavel como Plauto. Nasceu Terencio em Carthago em 194 e morreu em 159 antes de Christo. Levado para Roma de pouca edade, venderam no como escravo ao senador Terencio Lucano, que lhe deu uma educação liberal e lhe concedeu a alforria. Terencio deve o

seu nome a esta personagem. Foi amigo de Scipião Emilio e de Lelio, e é muito possivel que estes homens illustres tenham sido seus collaboradores, senão, como se divulgou, os verdadeiros auctores das peças. A sua filha casou com um cavalleiro romano. Plauto acabava de dotar a litteratura romana com uma comedia semi-grega semi-original. Terencio enveredou pelo mesmo trilho. Mas vivendo n'um meio de muito maior relêvo, mais delicado tambem por natureza, poz de lado as intrigas de baixa comedia de Plauto, as suas facecias grosseiras, os seus trocadilhos, e, como se apregoou então, o theatro, de plebeu que era, converteu-se por sua intervenção em patricio. Terencio desvellou-se n'um fino desenho dos caracteres e na resolução de problemas moraes. As suas personagens são mais verdadeiras, mais cuidadas nos cambiantes, mais humanas que as de Plauto. Os proprios papeis secundarios são compostos com esmero.

Encarado na generalidade o theatro de Terencio é pouco jocoso. Provoca o sorriso, raras vezes a gargalhada. Psychologica, burgueza, sentimental, tal, em resumo, pode ser difinida nos seus caracteres essenciaes, a comedia de Terencio. O seu modelo grego preferido é Menandro. Sabe-se que tinha por habito fundir duas peças d'este auctor n'uma só, pelo singular processo da *contaminação*. O latim de Terencio é dos melhores. Com todas estas excellentes qualidades, custou muito a Terencio implantar-se no theatro e nunca alcançou exitos brilhantes. Na primeira representação da *Hecyra*, o povo desertou do theatro para ir ver os funambulos. O *Heautontimoromeno*, o *Phormion* e o *Eunuco*, obtiveram melhor acolhimento. No emtanto foi mais apreciado pelos patricios que pelo grande publico. Só ficaram d'elle seis peças. São ellas: *Andriana*, *Hecyra*, *Heautontimorumeno*, o *Eunuco*, *Phormion* e *Os adelphos*. Não se conhecem muito bem as circumstancias da sua morte. Uns narram que morreu n'um naufragio, outros que morreu em Leucade ou em Stymphale, de desgosto, por ter perdido n'esse naufragio a traducção que fizera de cento e trinta e oito comedias de Menandro.

TERENCIO

A *Andriana* data do anno 166 antes de Christo. Um moço cidadão de Athenas, Pamphilio, resolve casar, contra vontade de seu pae Simon, com uma juvenil andriana (insular de Andros), chamada Glyceria. Simon, desconfiando do projecto do filho, finge querer uní-lo a Philomena, filha de Chremes, seu amigo. Pamphilio consente a instigações de Davo, seu escravo, que lhe dá a entender que este casamento não passa de um fingimento. Simon, surprehendido com a resposta do filho, pensa então a serio em o consorciar com Philomena. No meio de tudo isto vem-se a saber que Glyceria, a pretendida andriana, era nem mais nem menos que Pasibula, filha segunda de Chremes, que se julgava morta, e que fôra raptada em creança. Pamphilio casa então com Glyceria, ou antes com Pasibula. O Davo de que acima falamos é o typo do escravo astucioso e intriguista, na comedia latina move-se durante cinco actos, enredando, mil intrigas. Desinquieta o pae, colloca o filho a dois dedos da sua perda sem nunca lhe faltarem recursos ou argumentos. A intriga é a sua vida. Horacio e Persio já o tinham posto em fóco nas suas satiras como typo do escravo comico. A comedia *Andriana* é habilmente entretecida; o dialogo, facil, elegante; os caracteres bem delineados. A peça foi representada no anno 588 de Roma, nos jogos megalesios, isto é, durante as festas realizadas em honra de Cybele. Em 1703 foi representada no Theatro Francez, em Paris, uma imitação franceza da *Andriana* devida ao actor Baron. Esta peça poz em moda a *andriana*, vestido completo e decotado com que appareceu no espectaculo Mademoiselle Dancourt.

A *Hecyra*, a «sogra» foi imitada de Apollodoro de Carysta e do *Conselho de familia*, de Menandro. Representou-se a primeira vez em 164 antes de Christo, mas parece que só obteve exito em 159. Pamphilio, rapaz de Athenas, amante de cortezan Bacchis, casa com Philomena a instancias do pae, mas durante os cinco primeiros mezes do casamento abstem-se por desdem de quaesquer relações íntimas com a esposa. Porfim a doçura de sua mulher acaba por vencer a sua indifferença. Pamphilio rompe com Bacchis. O marido au-

senta-se para uma viagem. No regresso vê que Philomena se retirara para casa dos paes. Laches e Phidippo, pae e cunhado, attribuem ao genio rabugento de Sostrata, sua sogra, e aos maus conselhos de Myrrhina, sua mãe, a ruptura dos conjuges. Na realidade, Philomena que fôra violentada, antes do casamento, por um desconhecido embriagado, retirou-se para casa da familia constrangida pela proximidade do parto. Apenas a mãe conhece o segredo. Na volta, Pamphilio, sabendo que não póde ser o pae da creança prestes a nascer, delibera não tornar a acceitar sua mulher. Por acaso, porém, Myrrhina descobre no dedo da cortezan Bacchis um annel tirado a sua filha por aquelle que a violentara. Bacchis recebeu esse annel de Pamphilio. Pamphilio reconhece ser o pae do recemnascido sem que ninguem, excepto Myrrhina, saiba a causa d'essa mudança. Os caracteres das mulheres são traçados com adoravel delicadeza.

A comedia O *Heautontimoromenoo,* isto é «o carrasco de si mesmo», foi representada no anno 162 antes de Christo. E' imitada de uma peça unica de Menandro, mas o escriptor latino duplicou-lhe a intriga. Menedemo, pelo rigor com que tratava seu filho Clinias, apaixonado por uma rapariga honesta, Antiphila, obriga aquelle a expatriar-se. Mas a ausencia do rapaz desespera o pae tyranno. Clinias, de volta, occulta-se em casa de um visinho, Chremes, que vem a ser o pae de Antiphila. O escravo Syrus com as suas manhas, persuade Menedemo a receber em sua casa Bacchis, cortezan amada de Clitophon, filho de Chremes, fazendo-lhe acreditar que ella é a amante de Clinias. Menedemo faz por fraqueza para uma cortezan, o que não fez por uma rapariga com juizo. Breve, porém, tudo se desvenda. Chremes, tão habil em aconselhar os outros, convence-se que se deixou illudir ainda melhor que o seu visinho. Concede a filha a Clinias, e Clitophon, receando ser desherdado, consente em desligar-se de Bacchis e a casar tambem com uma pequena das visinhanças. N'esta divertida comedia encontra-se o verso tão conhecido:

Homo sum, et humani nihil a me alienum puto.

(Sou homem, nada do que é humano me é indifferente)

A personagem Chremes perdurou até hoje como o typo do pae ridiculo á força de severidade e de rigor.

O *Eunuco* comedia imitada das peças de Menandro: *O Eunuco* e *O Adulador (Colax),* foi representada no annno 583 de Roma, Phedria ama a cortezan Thais, e, para conservar as suas boas graças, que lhe disputa um capitão impertigado da sua pessoa, compra-lhe por elevado preço um eunuco velho e feio. O capitão, pelo seu lado, offerece-lhe uma linda escrava de dezasseis annos, chamada Pamphilia. Cheréa, irmão de Phedria, vê a rapariga e apaixona-se por ella. Graças ao escravo Parmenon, introduz-se em casa de Thais fazendo-se passar por eunuco. Apanhando-se só com Pamphilia, aproveita-se do somno da joven e abusa d'ella. Mas o caso torna-se, mais grave do que pensa, Pamphilia é de condição livre. Tinha sido raptada outr'ora aos paes, de quem espera conquistar a amisade restituindo-lhes a filha. Felizmente, ha meio de arranjar as coisas: o casamento. E, com effeito Cheréa vem a casar com Pamphilia. Encontram-se n'esta comedia as personagens classicas da comedia latina: o militar fanfarrão, a cortezan, o escravo espertalhão, o parasita; mas Terencio soube manter a justa proporção do comico e não cae, como Plauto, no exagero inverosimil d'estes typos. La Fontaine, que professava viva admiração por esta comedia, fez representar, em 1656, uma imitação d'ella attenuada. Brueys e Palaprat tambem a imitaram. Em 1845 appareceu n'um dos theatros de Paris uma traducção da mesma obra por Michel Carré.

A comedia *Phormion* data do anno 162 antes da Christo. O original grego não chegou até nós. Molière tirou do *Phormion* as *Fourberies de Scapin.* O titulo provém do nome de um parasita, que é a personagem principal. Demiphon, de Athenas, parte para uma viagem e deixa n'essa cidade seu filho Antiphon. Chremes, irmão de Demiphon, tem duas mulheres, uma em Athenas e outra em Lemnos. Da primeira, existe um filho que se enamora de uma dansarina. Do segundo casamento nasceu uma filha. A esposa de Lemnos chega a Athenas e morre. A orphan, visto o pae encontrar-se ausente, encarrega-se dos funeraes. Antiphon vê-a, inflamma-se e desposa-a, graças á habilidade de Phormion. Demiphon e Chremes,

de volta, ficam desesperados. Offerecem trinta minas ao parasita para os desembaraçar da desconhecida tomando-a para si como mulher. As trinta minas servem para comprar a dansarina, e Antiphon conserva sua mulher a quem seu pae vem a reconhecer como sobrinha. O estylo da comedia é de uma graça bem equilibrada, as personagens são finamente observadas, o gosto sempre puro.

Os Adelphos ou «os irmãos» forneceram a Molière o assumpto da comedia *École des maris*. O fundo da peça de Terencio, é a opposição systhematica do caracter de dois irmãos, com opinião completamente dividida sobre os principios segundo os quaes deve ser orientada a educação; um leva a indulgencia paterna até á mais deploravel fraqueza, o outro não concebe limites á auctoridade de um pae sobre os filhos. O desenlace do escriptor latino não se assemelha nada ao de Molière: é o partido da severidade que triumpha. A comedia *Os Adelphos* foi representada um anno antes, da morte de Terencio, 594 de Roma, 160 antes de Christo.

L. J. BRUTO
(Museu de Napoles)

Não vale a pena insistir no que era o mimo, a mimica, o mimodrama, a pantomima em Roma. Os mimógraphos de mais nomeada foram: Decimo Junio Laberio, nascido no seculo I antes da nossa era; primava n'esse genero, mas informa-nos Horacio que agradava mais ao populacho que aos lettrados; Cesar, não se sabe bem porquê, obrigou-o um dia a ir para a scena e a representar uma das suas peças; existe ainda o prologo que Laberio pronunciou n'essa occasião. Mario Mazulo vivia em Roma no seculo II da nosa era; S. Jeronymo gaba a elegancia do seu estylo; ousou ridicularisar Mario Aurelio e Lucio Vero que aturaram com paciencia as suas zombarias; d'elle só resta um curto fragmento citado por Servio. Syro Publio nasceu na Syria e viveu no seculo I antes de Christo; levado como escravo para Roma, recebeu a alforria de Domicio; entregou-se á composição de mimos e introduziu n'elles um grande numero de traços moraes.

Momo era o deus da galhofa, do sarcasmo, da folia ruidosa. Hesiodo deu-lhe por pae e mãe o Somno e a Noite. Era, no dizer dos escriptores Luciano, Plutarco, Philostrate, dos poetas da *Anthologia*, o deus dos histriões, dos comediantes. Personificavam-no num mancebo, do qual se entrevia, por baixo da mascara, o rosto zombeteiro. Com uma das mãos sacudia os guizos, com a outra empunhava um sceptro coroado por uma cabeça coberta com um capuz de diversas côres e guarnecido de guizos, symbolo da folia.

Além dos histriões que representavam farças grosseiras, com acompanhamento de flauta, havia os aretalogos, especie de bobos, que divertiam os convivas durante as refeições.

Dos innumeros comediantes e pantomimos famosos que divertiram o povo romano, poucos nomes chegaram até nós. Eis os que conhecemos:

Bathyllo da Alexandria foi quem introduziu com Pylades a sua arte na scena romana. Compoz um tratado d'essa arte dividido em quatro partes; a *cordace*, para a comedia; a *emmelia*, para a tragedia; a *sicinna*, para a satira, e a *italica*, genero composito. Bathyllo primava sobretudo nos assumptos comicos. A sua rivalidade como seu antigo collaborador originou perturbações taes, que Augusto exilou Pylades, cuja insolencia para com o publico excedia todos os limites. Bathyllo foi muito protegido por Mecenas, de quem era liberto.

S. Genes ou Genert era mimo e, n'uma parodia pagan das ceremonias da Egreja, representou, em Roma, deante do imperador Diocleciano, o papel de um catechumeno em perigo de morte, Adriano, que pedia e baptismo. Mas, de subito, declarou-se realmente christão. Foi preso e julgado pelo prefeito em Roma, Plaucio, que depois de o ter torturado, lhe mandou cortar a cabeça em 286 ou 303. Este acontecimento é o assumpto da tragedia de Rotrou *O verdadeiro S. Genest*.

Mnester morreu no anno 48 da nossa era. Caligula beijou-o em pleno theatro. No tempo de Claudio, inspirou uma ardente paixão a Messalina, que, para se vingar do seu desprezo, se queixou da audacia do pantomimo, que recusara obedecer ás suas ordens. Claudio mandou-o chibatar e significou-lhe que

nunca recusasse nada á imperatriz. Quando condemnaram Messalina á morte por causa das suas devassidões, Mnester, accusado de ter tomado parte n'ellas, allegou baldadamente que só obedecera as ordens de Claudio, mas de nada lhe valeu a allegação porque soffreu a pena capital.

Pylades, liberto de Augusto, nasceu na Cilicia. Creou, ou pelo menos aperfeiçoou, esse genero de espectaculos. A sua rivalidade com Batyllo, como atraz dissemos, provocou tumultos, que o fizeram banir da Italia. O povo, porém, exigiu o seu regresso.

Catieno deve a sua celebridade a um acontecimento singular. Representava um dia com Fabio, bom comediante, mas incorrigivel beberrão. Este desempenhava um papel de mulher, Iliona, n'uma peça de Accio ou de Pacuvio. Devia fingir que dormia. Adormeceu a valer e tão profundamente que os gritos de Catieno: «Mater, te appello», não puderam acordá lo. Então os espectadores principiaram a berrar em côro: «Mater, te appello». O nome de Catieno tomou um sentido proverbial. «Ouviria tanto, escreveu Horacio, como outr'ora Fabio ébrio, que adormeceu quando representava o papel de Illiona, ouviu dois mil Catienos a gritar. «Mater, te appello.» Como toda a gente conhecia o caso, facilmente se percebia a allusão: *Catienis mille dacentis clamantibus*. Pelo que se vê o episodio attribuido a Coquelin Ainé é antiquissimo.

Esopo e Roscio foram ambos amigos e professores de declamação de Cicero. Esopo alcançou grandes triumphos na tragedia. Exaltava-se tanto na interpretação dos seus papeis, que um dia, representando o furor de Atreu, matou um espectador. Ganhou uma riqueza consideravel e deixou muitos bens, apesar da sua prodigalidade que o levava a apresentar na mesa pratos de aves canoras e a mandar derreter um dia, como Cleopatra, perolas para beber. Contava-se que na occasião em que se tratava de permittir o regresso de Cicero, representara tão pathethicamente o papel de Telamon exilado, que contribuiu com a commoção que causou, para que o decreto fosse lavrado.

Quinto Roscio nasceu em Lanuvio, em 129 antes de Christo, e morreu em 69. Foi um actor tragico e de comedia dos de mais talento e um caracter de tanta honorabilidade que conquistou a amisade da maior parte dos homens illustres do seu tempo. Deu lições de declamação, como já o fizemos sentir, a Cicero, que pleiteou a seu favor contra Faunio Cherea.

Acêrca da afamada comediante Quintilia apenas se sabe que preferiu soffrer as mais horrives torturas a revelar o que sabia da conspiração de Pompedio, seu amante, contra Calígula. O imperador, impressionado, mandou-a pôr em liberdade.

A *claque*, essa instituição theatral hoje absolutamente indispensavel aos emprezarios, aos artistas, e até ao publico, deve a sua oriagem a Nero. Suetonio assegura que este imperador, quando dava ao seu povo a honra de cantar no amphiteatro, dispunha de um batalhão de cinco mil rapazes vigorosos, encarregados de o applaudir.

Os applausos dividiam-se em tres especies: os *bombi*, ruido que imitava o zumbido das abelhas; os *imbrices*, que estrugiam como a chuva cahindo no telhado; finalmente os *testae* cujo som retumbava como uma bilha que se quebra. Os historiadores latinos chamam aos «claqueurs» *juvenes* e aos seus chefes *curatores*.

BRUTO CONDEMNANDO SEUS FILHOS A MORTE

Não descrevemos aqui o theatro romano, pois já o fizemos n'outra obra (1), mas indicaremos algumas das suas singularidades, que não foram registadas. Uma dellas era o *sipario*, ou panno de bocca, defronte da tribuna do pretor. O

(1) *Evolução do theatro.*

auleum, como tambem lhe chamavam, era um pedaço de fazenda retezado n'um caixilho e que se levantava deante da scena. Ao contrario do panno moderno, que sobe quando a peça começa, o *sipario* descia e desapparecia debaixo do chão ao nivel da scena, *aulaea premuntur* o denominou Horacio nas suas *Epistolas*. Logo que a peça ou o acto concluia, a operação realizava-se naturalmente em sentido contrario, e o *sipario* era erguido, *tolluntur*, escreve Ovidio nas *Metamorphose*. Havia ainda outro panno vertical, dividido em dois á guisa de cortinas e que se cerrava durante os entre-actos e mudança de scenario.

Um costume existia no theatro romano. Quando a representação acabava, o director vinha á frente do proscenio e declarava: *Acta est fabula*, «a peça está representada.» Esta fórmula tomou um caracter historico, commentam os eruditos, passando pela bocca do imperador Augusto, que, prestes a expirar, pediu um espelho, mandou pintar os cabellos, fazer a barba, e em seguida perguntou:

— Não representei bem o meu papel?

— Representou — respondeu-lhe alguem.

— Dêem palmas — redarguiu — a peça está acabada! *(Plaudite, acta est fabula!)*

Da mesma maneira se conta, que, Rabelais, no momento de render a alma, exclamou, n'uma íntima gargalhada d'esse riso sardonico por traz do qual abrigara a sua philosophia:

— *Tirez le rideau, la farce est jouée!*

Para terminar este capitulo esboçaremos o que era a *Petrea*. Não se trata precisamente de uma personagem de theatro. Era uma individualidade jogralesca que se exhibia em certas ceremonias em Roma. O seu papel era o de uma velha embriagada. Acompanhava-a outro typo feminino, Citeria, que fréchava os circumstantes com toda a especie de dichotes e epigrammas

Compilado por

EDUARDO DE NORONHA.

Meus sonhos

Os sonhos que sonhei são sonhos mortos,
Minha pobre alma é como um campo santo,
Tantas cruzes! deixai correr o pranto,
Vós todos que ides na illusão absortos.

De chorar tenho os olhos semi-mortos,
Se como vós amei tambem, e tanto!
Poverinho do Amor, como o pobre Anto,
A nau guiei a inaltigiveis portos!

Alguem ha de descer a estes abrolhos
Em que vivo, a fechar triste, os meus olhos,
Na beatifica paz destes meus ermos...

Doce visão do Amor e da Bondade,
E que ajudaste, irmã da caridade,
A bem morrer os meus sonhos enfermos!

S. Paulo — Brazil.

Raul do Valle.

Pobre Florinda!

Quando passou a tumba pela quelha da Hera, atalho tristonho do cemiterio, quasi todos os serviçaes da quinta subiram ao muro e, curvados, jungidos em um renque de troncos soluçantes, deram o adeus derradeiro á Florinda, a boa cachopa, a, outr'ora, mais radiosa, fúlgida serva do conselheiro Esteves Pinhão.

Mas, olhem este infortunio: ninguem do seu sangue a acompanhara! Todos repararam. De resto, natural, porque a unica pessoa que a defunta deixava no Mundo era sua Mãe e essa, muito doente, a engelhar, feita decrépita,—embora não arrostasse com mais de quatro dezenas de outubros, — estava de todo distante, para além das cordilheiras abruptas, na margem do seu nostalgico corgo. Em todo o caso, — ai! sempre era um consolo, — muitas creaturas alheias o fizeram e, olhos marejados de lagrimas, coração oppresso, lhe levaram ramos d'amarantos e de goivos ao coval. Outras, tambem, que não puderam ir, desfiaram á noute os rosarios por sua alma, em uma saudade viva, mortificadora.

Florinda deixava, como nenhuma, gratidão verdadeira no íntimo dos pobres, d'alli e de fóra, pela brôa que lhes dera sempre, pelo muito que lhes havia feito em mal proprio. E, depois, ficava a falha da sua antiga alegria, — a sua alegria, suggestiva e cantante, dissipadora de resaibos e angustias. Era de vel-a então. Era de ouvil-a, ainda melhor, ao ella reparar no franzido dolente do rosto de alguma das suas muitas amigas: «Menina! A vida não vale amargores. E a pessoa que os tem, que os procura, não sabe gosar, é tola!» E, rebentando-se-lhe a alacridade em casquinada intermina, casquinada capaz de desmanchar os mais ankylosados misantropos, agarrava a desgostosa pela cintura e fazia-a rodopiar até lhe ouvir, de permeio, a ditos contrafeitos de zanga, as mais scintillantes palavras de alegria.

Florinda, a sempre risonha, a sempre feliz, mal sabia emtanto que o raio lhe cahiria em casa. E de que modo!...

A principiar pelo encontro do seu corpo expirante debaixo da grande penedia, da alta penedia talhada a pique impetuosamente, sobre a deveza do sr. Donim.

Que encontro. Era demais para olhos humanos. A toda a creatura causara repellões de horror, magoas de rasgarem o coração. Como estava Florinda!

Ao rolar — todos já sabiam, ella atirara-se do cimo d'aquella fabulosa massa petrea — as vestes esfarripadas haviam-lhe dado, misericordiosamente, a compostura.

Mas todo o seu corpo, de estatuaria san e ondulosa, passou a um esphacelo, um chaos, um delirio...

Os cabellos, em tempo rebrilhantes como a plumagem dos corvos, viam-se, entre torgas resequidas, desnastrados, sem lustre e recamados de lichenes. A fronte mostrava, em todo o seu arco marmoreo e suave, riscas de sangue denegrido, de sangue que borbotasse dos escalavros profundos de uma

corôa de espinhos. Os olhos, cujo resplendor tantos rapazes havia enleado, não passavam de um ponto turbado, a pupilla a accenar mortiça na iris e na cornea confundidas. O nariz, que tantas vezes peccara ao aspirar a fragancia voluptuosa dos cravos da offerenda dos pretendentes, definhava, sob a cartilagem esmagada e lilaz, os ultimos suspiros da olfacção. A bocca, aquella bocca raro escassa da cantiga estrepitosa, que era como o mais elevado psalmo que ella poderia entoar á Vida, — parecia sacrificar, nos labios rebentados, uma «prece suave e carinhosa á Morte». E os seios, que nunca deixaram de socar rijo, ao menor afago, na época de nubil desejada, ondeavam agora fracamente, mal repuxavam o casaco de chita pobre, pouco diziam da sua graciosidade palpitante...

Florinda é transportada assim, em padiola d'estrumeiras, para casa dos amos.

Instantes depois de entrar no seu quarto — miseravel buraco embutido, como um nicho sob o escadario de pedra da varanda — não tem mais vida.

O conselheiro, quando soube que estava a penetrar no terreiro uma padiola com aquella serva, não gostara nada, quizera até mandar pol-a de lá fóra, pois que ella, naquelle estado, ia esmaecer o conjuncto festivo que, desde manhan cedo, havia em sua casa pelo casamento de seu filho Armando com a morgada de Rendufinho. Porém, tolerara. Tolerara a pedido da senhora, uma santa alma que já se não lembrava, nempor sombra, do que lhe fizera a criada em meio do festim.

Dias adeante. Em casa da sr.ª Carolina Rendeira, aquella excellente pessoa que, louvado Deus, sabe de toda a vida alheia, dissecando-a sempre com langor a quem quizer escutal-a devotamente, a quem quizer ouvir estuar-lhe na lingua a sua maldadesinha de serpe. Soffrendo dos olhos — que, emtanto, enxergam mais que todos os da aldeia reunidos, — tem o innocente vicio de atulhar passo a passo as narinas de simonte, com cujo distillado côr d'açafrão costuma, por descuido, besuntar os mais ao estralejar o lenço.

Tambem, é este o seu unico defeito: porque isto de se occupar com o viver dos semelhantes e de fazer alguns patacos com um lenocinio recatado — não o é, é simplesmente entretenimento, o pãosinho de cada dia, creiam, meus senhores. A sociedade que a procura é homogenea, não faz arredar deste ambiente: creadas invejosas, sempre a vomitarem intrigas d'embate á Ermelinda, que é virgem lyrial e não mente, e á Maria, que é casada e, de séria, não faz côro com ellas; recoveiras de amores maltrapilhos, caminhar leve e falas malignas; mulherio de palheiro e baiuca, na tesa lingua de trapos.

No momento só está, de fora, uma creada do conselheiro, a unica por signal que não ia muito á missa da Florinda, devido á sua belleza. E' já madura, sêcca; e, pelas suas fanfarronices vingativas, presta-se a optimo modelo d'Erinnya romana. Porfim, fraca observadora, quasi tapada. A ver. Logo ao pisar a soleira, pergunta para o circulo do borralho, onde a dona do casebre se aquece: — Porque seria, ó sr.ª Carolina, que Florinda se atirou do escarpedo abaixo? E que sitio a delambida procurou p'ra se matar! Cruzes! Só p'ra subir... tinha que dar ás pernas a bom dar e d'esticar a lingua como um cão damnado!

A sr.ª Carolina, mostrando a fieira esca-

bra dos dentes com uma gargalhada lassa, nauseante, exhibe a sua incredulidade matreira e o seu informe capcioso:

— Pois então, vocemecê, que foi parceira, não sabe?! Ora a graça. Ora a santinha de pau caruncho-so. Em todo o caso, ouça, que talvez eu saiba melhor. O que, a falar a verdade, me parece impossivel... Florinda, a grande impostora, cuido que amava um rapazola muito conhecido. Eu digo «cuido», ao contrario de muitas, que diziam que ella amava loucamente, porque tenho cá minhas razões. Sim, não sei se me entende... Vae d'ahi, como elle lhe promettesse (veja as minhas razões) mundos e fundos, — brincos de oiro, saias de velludo — entregou-se-lhe. O nome do guloso que trincou a primeira vez aquella cereja, quer saber, não é? Espante-se, minha linda: Armando Pinhão, filho do seu amo. E'. Todos o viam muito serio, um trato de senhor com rei na barriga p'r'os servos, principalmente quando estava de namoro com aquella figurita de cera que desposou n'outro dia; mas o certo é que elle era um namorador como os peiores. Eu bem quiz amanhar, sem nenhum interesse, o futuro daquella parva. — E, approximando o mocho da interlocutora, á puridade, mão curvada ao canto da bocca: — O africano de Villar, rico como era, morria d'amores por ella; porém a ingrata, affectando purezas, saccudiu-o, e ainda por cima se agoniou commigo, que lh'o havia apresentado. Saccudiu-o. E pouco depois eu sabia que andava com o fidalgote. Preferiu-o. Melhor! O pago deu-lh'o elle logo: abandonou-a com enfado, e riu-se ao depois da sua quéda. E agora, então, a forte tola, vendo que elle se lhe ia de vez com o casamento, matou-se.

O resentimento da sr.ª Carolina açulou-a á adulteração. Os motivos que impelliram Florinda até ao suicidio tiveram recortes mais puros, e o maximo fluiu ao sopro de um amor heroico e solidificou-se á tempera de um hymno de indulgencia e passividade.

Armando Pinhão, após ausencia longa, voltara á quinta havia dois annos. O pae, outras épocas remediado lavrador e tibio politico, mas um tudo-nada intellectual, com os seus requintes de artista, e hoje conselheiro, alta influencia, moeda em solidos bancos, terra feraz a espalmar-se por muitas legoas, tinha-o mandado para Coimbra, afim de o matricular na Universidade logo que fizesse os preparatorios no Lyceu.

Mas breve o manda regressar, pois o «bicho» dá só para cahir frequentemente em patuscadas infrenes, com guitarradas até horas d'alva, e para atirar p'r'os quintos os livros.

Depois fal-o seguir para Lisboa, a ver se, com o trabalho, o emendará d'aquellas estroinices, cuja repercussão se fazia sentir com estrondo na terra aonde o grave conselheiro possuia parentes por todos os angulos. O rapaz, ao tempo nos seus dezoito annos, principia a portar-se bem, por pouco com virtude de asceta, na casa commercial, de atacado, em que o arrumara um tio, grande capitalista, summo carola. Tal regimen claustral, da ordem do olympico rei dos ladrões, difundido nos conselhos bentos do tartufo, não deixa comtudo de lhe irritar os nervos; mas supporta-o alfim, resignadamente, visto não ter lá ninguem por si, nem receber um carinho compassivo do tecto, nem, ainda peor, ter dinheiro.

De certo tempo em deante, fizeram-lhe ordenado; e o pae, satisfeito, sciente do bonito comportamento do filho, passa a escrever-lhe a meude, sempre com abraços e saudades de todos.

Aquillo conforta-o, é o renascimento do antigo fervor pela borga. E, passado tempo, diz ao pae, por carta lacrimosa e bem lançada, que estava muito crescido, homem feito. Por isso, e desde que tinha o mesmo numerario na casa, que mal lhe dava para umas gaspeas, necessitava de mais dinheiro.

O pedido era rasoavel: o papá estabeleceu-lhe mesada.

E as esturdias do antigo estudante levaram, de roldão, o caixeiro a faltar ao serviço. O primeiro alarma reboou dos companheiros, ellucidando aos patrões «que o sr. Armando não estava em casa do tio, doente, como elles cuidavam, e sim a larear pelos theatros e conventilhos». Um dos socios notificou ao tio. E este, as bochechas apipadas de colera, foi logo procural-o.

Depois de espionar bairros e bairros, e plenamente exhausto, encontrou-o ás portas da cidade, em um trem aberto, enterrado no meio de duas moçoilas primaveris, bellas rosas da Tentação nos seus vestidos e chapéos d'escandalo. Mas a carruagem rodava, estrondejava, fugia por uma parelha ardente; e o tio só poude brandir a sua bengala de canna queimada, em ameaça terrivel, por entre a nuvem de poeira que os pégasos d'aluguer levantavam, sarcasticamente, em turbilhão de simum.

O pae soube, e quiz o bedelho da policia; todavia, como unico remedio, suspendeu a mesada ao borguista.

E elle, neste caso, — estava de ver, — volta ao balcão. Ia um mólho d'ossos, uma amarellencia de papyros. Ainda assim, aguenta alguns mezes na lide pezada.

Até que o pae... — sempre era pae — ao saber da derrocada do seu physico, fez recolhel-o á quinta. Desejava tufar-lhe as pellancas, occultar a carcassa, e tambem — o principal — incutir-lhe juizo, juizo ás mancheias.

Os primeiros dias foram de sécca, palavras asperas, chicoteantes, do pae, lagrimas demoradas da maman, olhares esconsos dos parentes. Mas Armando melhorou de cara, a pelle retezou e coloriu-se. E d'ahi, deliciou-se com «bons dias» contentadores do conselheiro, caricias fugidias da progenitora e perguntas sympathicas, sobre a sua saude, da infindavel parentela.

Porfim, eil-o querido de todos; e o papá, para mostrar que tudo estava esquecido, disse-lhe que queria fazel-o homem. E, como prova d'oiro, batendo-lhe na omoplata:

— Conheces a casa de Rendufinho? Rica. Muito rica. Tem as suas celebradas trezentas e sessenta e cinco janellas...

O sr. conselheiro, alheio por instantes a Lavoira e Politica, refere-se em seguida, com os seus arrebiques d'arte de tempo longinquo, ao grande luxo interior. Que de quadros d'alto valor! Os entendidos, por detraz dos seus oculos maravilhados, citavam até — seria crivel? — um pequenino Potter, — um Crepusculo com o seu moinho de vento cravando as pás no céu triste, e adejando, ronceiramente, por sobre a alfombra do prado a perder de vista, — e um motivo mystico, magico de colorido, de Goya. Mas o que lá saltava mais aos olhos do commum dos visitantes, como elle, conselheiro Esteves Pinhão, se julgava, era a disposição encantadora de tudo. Aquillo vibrava como uma flor escarlate em meio de uma mouta verdejante. E, então, as jarras, de collo elegante, com que doçura não offereciam, ao de cima de toalhinhas rendilhadas, os seus ramos eternamente aureolados de viço e perfume!

E conclue:

— Sabes a quem se deve tudo aquillo, toda aquella orchestração da Esthetica? A' Georgina, filha mais velha do sr. Morgado, joia sem preço do relicario dos de Rendufinho. Ah! como é ditoso aquelle pae... e como o será o rapaz que conseguir a mão da morgadinha! Monta e vae até lá, Armando. Entre as duas familias ha um élo d'amisade que as prende desde éra avoenga.

Armando foi.

A morgadinha, muito loira, olhos transparentes como porcellana, cintura quebradiça e voz modelada em gorgeios — fê-lo estremecer. E ao voltar pela estrada velha — toda enfileirada de carvalheiras de um verde ridente d'esperança, em cujos galhos colossaes se diluia uma peneirada de sol creador — devotou-lhe todos os sentidos. Como era extraordinaria a detença de uma rapariga de tão alta estirpe da Belleza em uma aldêola cujos de mais habitantes eram pategos de grande crosta e fidalgotes preciosos tresandando a codices e chronicas de soporiferos freires!

O conselheiro, quando o vê entrar no solar, uma doçura apprehensiva nos olhos, prediz que «Amor tece a sua rêde em torno daquelle coração».

E, affectando:

— Então, gostaste? Bello, hein? Excellente fidalguia.

Não tardou o ajuste do casamento. O bodo, a pedido de Esteves Pinhão, seria na sua quinta, porque, nessa hora, já estaria prompta a capellita que ia mandar construir por encommenda fervorosa da mystica esposa.

Entrementes, Armando vae desencadeando festivamente os dias, ou em Rendufinho, em adoração á noiva, ou na sua terra, em batidas aos coelhos, pelos montes trescalantes de joina e rosmano, sempre seguido de um moço com furão e de uma canzoada atassalhadora.

Por certa manhan gloriosa de luz e azul, em que de toda a tela rustica parecia irradiarem graças paradisiacas, elle dirige-se até ao monte do outro lado do rio: porque os montes de cá já estão sem peça, passados e repassados todos os seus estevaes, farejadas todas as suas luras.

Antes da ponte, da vereda que desce em torcicolos esburacados, enxerga um listrão de lavadeiras nas pedras do rio. Cantam; e os ouvidos do caçador deliciam-se, sentem bella inspiração nos versos e na musica, bom christal nas vozes.

Nisto, ao passar a ponte:

— Bons dias, senhor fidalgo! saúdam, unissonas, as lavadeiras. — E uma, já fóra do concerto, accrescenta: — Seja feliz na caçada, senhor! Que esse moço não possa carregar, de tantas, as lebres e as perdizes!

Armando, ao corresponder ao magote e agradecer á que, tal a sua gentilleza, lhe fazia derrear o empregado — aliás um latagão de respeito, — notou que o rosto desta era formoso, muito illuminado pelos olhos, muito rico sob o diadema dos cabellos.

E, da outra banda, encosta á riba, e pergunta ao machacaz quem era aquella prenda.

Que era antes uma alveloa, das mais adornadas d'encantos, muito estimada, vinda de terras de Traz-os-Montes, e que estava talhada para servir, lá para casa do senhor fidalgo.

Uma semana depois Florinda é creada do conselheiro Pinhão. Armando, extravasado de contentamento, trata-a com suavidade, joga-lhe ditos enleantes como liames de bruxo, fala-lhe tambem d'amor...

Ella, coitada, filha das serras, ouve-o aturdida e acha-o sincero; olha-o humildemente e acha-o escorreito, muito bello, semelhante — e não dizia de mais, agora! — aos cavalleiros das lendas que lhe contára, em tamanina, uma tiasita da sua terra...

E uma noute, apesar de tempestuosa, — vento a derrubar arvores, chuva em caudaes, trovão saccudindo casas, — a serva, consoante havia tratado de dia, lá foi a um palheiro retirado, perto do campo, a annular-se no seio de oliveiras em fructo. Chega a escorrer agua, o coração batendo.

E, ao entrar, como a rogar perdão:

— Estou toda alagada, p'r'aqui um trapo que o vae sujar... Melhor será voltar, já, meu senhor!...

— Não! Não voltes... — regougou o seductor. E logo os pulsos delle, como engates de ferro, a arrebataram...

Durante mezes o filho do conselheiro andou satisfeito. Ao passo que deixa em penumbra a imagem da morgadinha. Mas vem o enfado; e elle descobre que a serrana é

uma labrega, curvas sem cadencia, phrase asperrima e inundada de *xx*. Tempo em que a esculptura de Georgina esplende na sonoridade das suas fórmas intangiveis, soletradas ao de travez do seu vestido justo, de casimira leve, na galanteria do seu trato, e na magia do seu olhar.

Nem por isso Florinda deixa a casa onde serve: não se julga, a pobre, com forças de se furtar de ver Armando, de lhe ouvir a voz, de o adorar, feito um deus, todos os dias, de o bajular com sentido d'elle lhe dispensar uma palavra menos brutal, que, para o seu coração tresloucado, é prenuncio do antigo amor a reviver.

Quizeram mandal-a embora, por via de fazer agora tudo desordenadamente, sem asseio, e de trajar com sordidez. O sr. Armandinho chegára até a queixar-se á maman que «aquillo não tinha geito, qualquer hora o estafermo se apresentaria a servir á meza mais faruscada que os carvoeiros»! Mas a senhora disse que talvez se emendasse, que a deixassem por piedade mais algum tempo.

Veiu o dia do casamento de Armando. A senhora, na vespera, chamou Florinda e recommendou-lhe, maternalmente, que se asseiasse bem, enfiasse a sáia de panno que lhe déra a semana passada, e que, ao servir, fosse cuidadosa. Ella prometteu, apparencia muito tranquilla, obediente. Mas assim que recolheu ao quarto e considerou, de fugida, nesse casamento, cuja noiva lhe roubava para sempre Armando, rebolou-se no leito, escabujou, arrancou manadas de cabello, lacerou a cara; e só ao vir a frouxidão de todos os membros torturados, pelo abrir da madrugada, é que adormeceu.

A's sete, porém, soou uma estrupiada frenetica na porta e teve de se levantar. Antes de sahir foi olhar-se ao pequeno espelho, de casca d'estanho, para ver que tal tinha o rosto. Tinha-o muito esgadanhado, tinha... De sorte que deseja fugir, — fugir para onde ninguem a veja! com vergonha de se amostrar. Mas o coração pedelhe, contricto, novo sacrificio e ella, submissa, apresenta-se para servir, para ser util a Armando.

Ia um movimento sem treguas, ensurdecedor, por toda a quinta. O terreiro, do espaço de um campo, estava coalhado de povoleu do logar e de Rendufinho. A espaços estrugiam, em crescendo de delirio, vivas aos nubentes; e a cachopada garrida, de mãos dadas, em grande roda, trepudiava e dançava como em um arraial.

A cerimonia estava marcada para as dez; depois haveria o almoço. Florinda, até esse momento, esteve por duas vezes a querer fugir: ao deparar com a noiva, que nunca tinha visto, e cuja estatua lhe causou, de subito, o effeito de enfrentar um anjo soberanamente bello, victorioso e sarcastico; e quando os noivos voltaram, muito felizes, muito risonhos, casados da capella. Depois, pelo começo do festim, a pobre levou safanões da governanta, por entornar terrinas e deixar cahir pratos. Por ultimo a dona pôl-a de lá para fóra, porque «o estafermo, como se tivesse ensandecido, deu para estacar defronte do Armando e da Georgina, a olhá-los, a querer beber-lhes as palavras»!

Então, desrespeitada á face de todos e — era a maxima dôr! — expulsa do serviço deante dos noivos, não aguentou, não teve alma para soffrer mais aquelle inferno: desceu ao terreiro, fundiu-se no cadinho da arraia estrepitante e, tal o veio d'oiro escondido pelo escumalho, desappareceu — para reapparecer, porfim, ao largo das searas tisnadas.

Seria meio dia. Tempo toldado. Natureza morta. O sol, raro desamortalhado de grandes nuvens, pouco lobrigava os estendaes nevados da Cabreira.

Florinda, a soluçar, segue pelo carreiro da fonte do Passal: tomando este rumo, tem desejos d'encontrar, na bica, uma alma bondosa que a console e queira ouvir. Mas, espera que espera, sentada nas lages frias, e não lhe apparece ninguem.

Como era infeliz! — soluçou. Estava tudo perdido; não tinha uma unica esperança a que se pudesse apegar. Esperanças... E ella que as tivera tão viçosas, promettedoras como milharaes carregadinhos de pendões! E todas, todas mais desfeitas que o pó das estradas muito batidas! Ah! Mas a mais cara dessas esperanças é que lhe custára, é que não queria desaffeiçoar-se-lhe, fugir. Era esta.

Muitas occasiões Armando lhe promettera, pela doudice de possuir a sua carne a escaldar de volupia, que calcaria aos pés a vontade paterna e fugiriam depois ambos, para longe, casando na primeira parochia. Que felicidade, senhor Deus!... E, resignada, o mandil a colher lagrimas: «Mas que pretenção a minha! Então elle, aquelle rapaz bonito, que vi ha pouco brilhar entre todos que estavam á mesa, lá me poderia q'rer?! Que cegueira. Elle, só mesmo p'r'a outra, a morgadinha... Aquella senhora tão pura no seu vestido com flores de laranjeira, tão rica nas suas joias, tão branda, tão linda... como a vi no bodo! Eu podia-o lá merecer!... Dizei-me, ó aguas da fonte, ó lages e arvores; eu, eu o que era p'ra ter tal ventura?! Uma mulher perdida, uma reles creada, um escanzelo sujo!...»

De repente, porém, animada por uma columna de fogo vivificador, ergue-se e, mãos em garra, olhos tumidos de raiva: «Oh! Mas, antes, embora não tivesse vestidos caros e joias ricas, eu era candida, tinha tanta ou mais belleza que ella, era alegre, tinha o socego do coração! E quem me roubou tudo isso? Aquelle perjuro. Aquelle corvo! Mas — assim eu vá p'r'ó céu — hei de vingar-me!»

Senta-se de novo. Vae-se-lhe do rosto a coloração do odio. Estremece o seu ventre com um empino do filho... Embranquece. Aterrorisa-se supersticiosamente. E, pejada de lagrimas, desmancha aquella jura, pede perdão infantil, desvairadamente, ao filho do seu peccado, perdão porque desejou ensanguentar o lar do pae delle... desse filho que tem nas entranhas e que não chegará a ver a luz do mundo...

Momentos após, fraca de artelhos, mas firme, mentalmente, em certo proposito, toma para a deveza de Donim.

Era tarde. A vespera não demoraria com a sua temperatura arrefecente, congeladora do sangue mais moço.

Os trabalhadores dos campos recolhiam ao casalejo, satisfeitos, a garganta a molhar-se-lhes em canções a Pan e ao amor.

Florinda, apesar de agora mesmo deixar a chan das searas, já lá vae acima, pela quebrada que contorna, á direita, o penhasco. E ei-la no coruto. Mas como chegava cançada!

Que importava, se tinha aos olhos o céu que iria receber e apagar para sempre o seu soffrimento, que calaria aquelle coração que tão loucamente amava? Oh! E era tão enleante a paisagem que se estendia, lá baixo, até aos mares! Certo, si-

gnificava o Eden, a querer attrahil-a, arrepanhal-a, accenando-lhe com toda a evocação das suas côres, todo o concerto dos seus tons.

E Florinda olhando para os lados, socalcos de montanhas rujidoras, — mal as fustigue o vento, — sente uma serenidade primaveril em todas as cousas, na pedra bronca, no solo cascalhento, na esteva bravia; sente que tudo bemdiz o seu intento. Olha para o Ocaso e vê, na sua franja d'amethista, a côr que sagrará as ultimas saudades que enviar á Terra. Ajoelha agora, diz uma oração férvida á Immaculada. E, offertado o seu holocausto final, rola pela penedia tremenda, rola sem gemidos, insensivelmente, até baquear em baixo, no torgal da deveza do sr. Donim.

Rio de Janeiro. COSTA MACEDO.

NA VIDA

Eis a lucta: de frente, em luminosa arena
Os fracos e os heroes, o tigre real e a corça,
A manopla esmagando os ossos á pequena
E alva mão infantil, inexperta e sem força.

Acima d'isso a gloria, e todos os seus loiros
Pr'a quem fôr mais cruel, para quem fôr mais forte,
Quem não saiba vencer resvale em sorvedoiros
De apodos e labéos, em procura da morte.

E' bello. O coração — Fata no alto o proclama:
Quando invencivelmente o sentimento o impilla
Ou para o amor — chiméra, ou para a idéa — chamma,
Conte que a Força o espreita, e que a força o anniquila.

O teu dominio, Flor, esse encantado imperio
Que ao longe se entrevê e nos deslumbra o olhar,
Fica perdido além, nas regiões do mysterio
E a quem quer attingil-o é necessario voar.

Tu, que a garra, Psychê, contrapões tuas azas
De aguia, vôa, remonta, embriaga-te de luz,
Que a victoria afinal é pedestal de brazas
E o sonho, as illusões á fumaça reduz.

Tu, se queres, villão, estatuas de oiro, escuta:
Primeiro, indaga bem teu instincto o que quer,
Depois, sê mais villão e arroja-te na lucta
Que os triumphos serão teus... a Gloria é uma mulher.

Pereira Barreto

Eduardo VII, lavrador

Acaba de descer ao tumulo o mais notavel chefe d'Estado da primeira decada do seculo XX; sobre a sua campa não se ouviram maldições de vencidos, em côro, com as orações dos triumphadores; sobre ella esfolharam-se flôres em preito de saudade não apenas as de seus subditos, mas as do mundo inteiro, porque o soberano fôra chamado Eduardo VII, o Pacifico, e não o Bravo ou o Conquistador.

Não vamos fazer a biographia do grande rei; vamos apenas tornar conhecida de nossos leitores um aspecto da sua vida, geralmente desconhecido entre nós: Eduardo VII, como o seu dedicado amigo D. Carlos I, era lavrador.

O REI EDUARDO VII N'UM PONEY DE CAÇA

Durante o seu curto reinado a agricultura na Inglaterra soffreu profundas modificações, que não podiam deixar de interessar o soberano, que procurava alcançar a felicidade para o seu povo.

Nos ultimos annos, vastos terrenos, considerados improprios para a cultura, tornaram-se como por encanto em extensos campos pela cultura cuidada, feita d'accordo com as indicações da sciencia. Os campos attrahiam a população das cidades que alli vae procurar uma vida tranquilla e sã. Os grandes proprietarios associam na partilha dos lucros o pessoal da sua lavoira.

Por outro lado philantropos, como os grandes industriaes do sabão Lever & Brothers, constroem a cidade ideal, a cidade jardim de Port Sunlight para os seus operarios que alli encontram o conforto que só possuiam os ricos. Bellas casas cercadas por jardins para a cultura de flores e hortaliças formam a cidade.

A classe média aspira a ter alguma coisa semelhante: uma casa propria e um pequeno terreno para cultura, e em breve surgem as novas cidades jardins de Hampstead e Letchworth.

As revistas inglesas publicam numerosos artigos interessando o publico pela vida campestre e escriptores como o romancista Rider Haggard deixam de escrever romances para nos descreverem em bellas paginas os seus jardins e hortas nas diversas estações ou os aspectos da Inglaterra rural.

Aos que não podem viver no campo tambem se lhes offerece o ensejo de alli passarem algum tempo: algumas caixeiras e costureiras de Londres vão passar as ferias no campo occupando-se na colheita e acondicionamento de fructas destinadas aos mercados.

Um soberano, como Eduardo VII, não podia ficar indifferente deante de tal interesse pela cultura da terra e vida campesina e elle mesmo sentia de ha muito em si a paixão pelos campos.

Se foi o primeiro homem do seu paiz, foi tambem o primeiro lavrador.

UM EXEMPLAR MODELO EM SANDRINGHAM

Sandringham transformou-se numa herdade modelo, com as suas sumptuosas abegoarias, cavallariças, curraes, cortelhos e cerca de setenta casas de habitação para o pessoal.

Estas casas foram o inicio da habitação economica na Inglaterra. Neste paiz pensa-se e muito bem que nada deve ser dado; nada deve representar uma esmola. Procura-se facultar ao operario e ao homem do campo um lar confortavel e salubre, mas nunca dando-lhe. Pagará sempre uma renda, pequena de certo, não representando muitas vezes senão um juro insignificante do capital empregado na construcção; mas deverá pagá-la sempre. As casas do pessoal de Sandringham eram arrendadas pelo rei por quantias que nunca excediam quatro libras por anno.

Eduardo VII dirigiu pessoalmente a construcção d'essas casas e visitava-as a miudo, inquirindo da vida dos seus inquilinos e verificando, de visu, as reparações e modificação a fazer-lhes.

A habitação economica para as classes pobres mereceu especial attenção ao bondoso soberano; quando era ainda Principe de Galles, num dos poucos discursos que pronunciou perante os Pares, sustentou com calorosa eloquencia a necessidade absoluta de encarar a questão e resolvê-la. Quando em 1896 uma commissão parlamentar inquiriu das condições das habitações das classes pobres, o rei recebeu-a na sua herdade e mostrou-lhe como elle resolvera o problema, e a commissão affirmou publicamente que o que havia a fazer era apenas imitá-lo.

Na herdade e proximidades estabeleceu escolas e levantou egrejas, fundou um club

com uma sala de bilhar e gabinete de leitura para os seus trabalhadores, que elle desejava fossem instruidos e morigerados.

A embriaguez era punida com a expulsão de um mez, seis mezes á segunda reincidencia e despedido para sempre aquelle que pela terceira vez delinquisse.

Eduardo VII indicava as arvores a abater, os locaes onde se deviam plantar outras, escolhia os seus gados, interessava-se pelas exposições agricolas e não se dedignava de figurar entre os concorrentes.

Possuia os mais bellos exemplares da raça bovina de pontas curtas, um esplendido rebanho de carneiros de South-Down e cavallos puro-sangue Shire, que eram submettidos a mais rigorosa selecção para garantir a pureza das raças.

Na sumptuosa herdade, que se estende por cêrca de 900 hectares, ainda ha alojamentos para numerosos exemplares da raça canina e suina.

As mattas, que cercam a herdade, formam coutadas, que pertenciam ao rei, ou que elle tinha arrendadas, e onde todos os annos se soltavam 10:000 a 12:000 faisões para as caçadas.

O rei que caçava desde os sete annos d'edade era considerado uma das melhores espingardas do Reino Unido.

Em Sandringham a vida do rei era simples como a vida de qualquer abastado rendeiro inglez. Levantava-se cedo, almoçava, lia a sua correspondencia e occupava-se de assumptos de lavoira com o seu pessoal.

Ao domingo, dia de descanço para o grande reino, dirigia-se a pé, cercado pelos seus homens do campo, ou os seus hospedes, para a igreja de St. Mary Magdalene a ouvir a leitura dos textos sagrados e dirigir ao céu as suas orações. Se, porventura, alguem o desconhecesse, nem por sombras veria n'aquelle ancião de barba alvinitente o rei da primeira nação do mundo, o chefe supremo do imperio em que o sol nunca se põe.

Longe de pensar em commandar exercitos, de sonhar com cargas de cavallaria, ou com aeroplanos que espalhassem a morte sobre as cidades atterradas, Eduardo VII, o Pacifico, nas noites tranquillas de Norfolk, sonhava de certo com os seus novilhos, ou com as loiras creanças que elle via saudarem-no quando visitava as casas que construira para os seus modestos cavadores.

Quem sabe, se ao ver a sua poderosa esquadra saudando o apparecimento sobre as aguas do Dreadnought, elle não pensaria, n'esse instante, que valia bem mais para a humanidade, que o aço rutilante da armadura desse grande collosso tivesse sido empregado em enxadas e relhas d'arado?

Se não pensou assim, realisou esse pensamento, legando a seu filho os Dreadnoughts como peças caras de rica baixella destinada a nunca servir, emquanto milhões de charruas sulcavam a terra fecunda do seu enorme imperio.

Eis, porque, o excelso soberano desceu ao tumulo com a fronte cingida pela corôa d'oliveira brava, tornada immarcessivel pelo orvalho das lagrimas da humanidade.

ALVARO COELHO.

Alcobaça

Como são bonitos teus campos virentes,
Os rios de prata que te banham ledos,
E as fragrantes rosas, frescas e ridentes,
As tuas alfombras e os teus arvoredos!

Villa encantadora, branca e florescente,
Que grandes saudades eu tenho de ti!
Quando hoje recordo, ainda, ternamente,
Os tempos passados em que lá vivi...

Lembro-me d'um berço de suave encanto,
Todo azul e branco, de celeste côr,
No doce remanso d'alma, ledo e santo,
Nesses bellos dias de enlevado amor.

Fresca madre-silva trepa pelos muros,
Verdes laranjeiras cobrem-se de flores;
Ninhos perfumados, nos beiraes seguros,
Onde as andorinhas chilream amores.

Ao soar Trindades no velho Mosteiro,
Ai quanta poesia nessas badaladas!
Cantam, ao som d'ellas, aves no salgueiro,
Alegres gorgeios e canções trinadas.

Risadas sonoras estalam nos ares
De pares felizes saudando o descanso;
Ligeiros, contentes, regressam aos lares,
Ao seu ninho quente, de doce remanso.

E o sino resoa, triste sonhador,
Reportando a mente aos seculos passados,
Recordando o drama de fatal amor,
D'esses dois amantes ali sepultados.

Quando a meia noite revoa no ar,
Quando a noite tóma seu lugubre imperio,
Essas notas graves fazem-nos scismar
Nos remotos tempos, cheios de mysterio.

Perpassam as sombras, mythos e chimeras
Nas tristes ruinas onde geme o vento...
Do velho castello, de remotas eras,
Esvoaçam lendas pelo pensamento.

Erram soluçaates as mouras zelosas,
Pelo ardente mouro, o formoso Almansor
Emquanto elle sonha, n'um leito de rosas,
Com meigas donzellas perdidas d'amor.

As virgens descansam, nos seus ataúdes,
Num somno profundo de fataes augurios,
Emquanto suspiram tristes alaúdes,
Lamentos longinquos em vagos murmurios.

E o sino plangente como que se exalta,
Triste como a noite, n'um chôro sentido
Vae marcando as horas do tempo que falta,
Para mais um seculo cahir no olvido.

....
D'um sonho encantado, n'um dia desperto,
Numa manhãzinha de leda poesia,
Eu tinha a minha alma como um céu aberto,
E o sino repica nesse alegre dia.

Ternas repercutem no meu coração
As notas festivas do austero sino,
Como vozes santas, na vasta amplidão,
Annunciando, ledas, um feliz destino.

Sino da minha alma, Sino do Mosteiro,
A minha alegria como que a sentiste!
Quando o sol alegra, sabes ser fagueiro;
Quando a gente chora, como tu és triste!...

Sino do Mosteiro, de saudade infinda,
Sino do Mosteiro, de intensa poesia!
Que por mim tu chores, tristemente ainda,
Quando venha a morte buscar-me algum dia.

.....
Esvaem-se os tempos, mas nunca se esquecem
Esses que trouxeram doces emoções;
Dias enlevados sempre reflorescem
Das tépidas cinzas das recordações.

Nunca mais te esqueço terra minha amada
Nem ás tuas noites de sonho e luar!
Vejo-te em minha alma como uma alvorada,
Porque no meu peito elevo-te um altar.

Abençoada sejas, terrinha querida,
Berço do meu filho, que ali me nasceu,
Adorado berço, que é da minha vida,
Porque a minha vida é a do filho meu!

Luthegarda de Caires.

PRAIA GRANDE DE MACAU

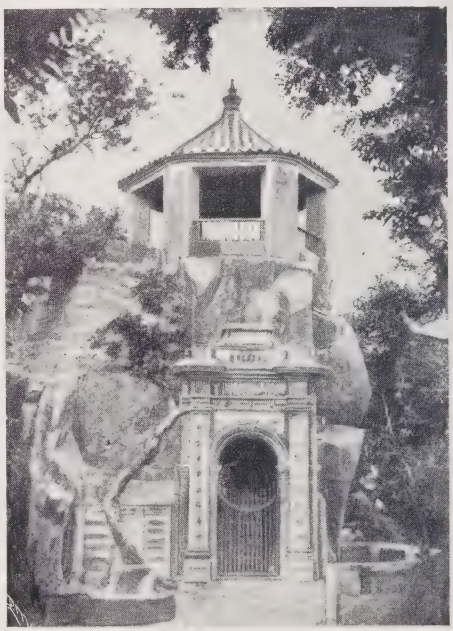
MACAU

Apontamentos historicos — A incuria portugueza nas relações com a China — De Lisboa a Macau — Macau pittoresco — O anno novo china — A procissão do Dragão

«*Leal Cidade do Santo Nome de Deus de Macau, na China, não ha outra mais leal*». Tal é a legenda que, em parte, circumda o brazão d'armas da minuscula, mas gloriosa, colonia portugueza no Extremo Oriente, e que, em extenso, se via insculpida na fachada do vetusto edificio do Leal Senado da Camara macaense.

Macau deve merecer a todos os portuguezes uma particular veneração, por ter sido o unico torrão patrio em que a bandeira das quinas não foi arriada durante a dominação castelhana.

Atacada a cidade pelos hollandezes em 1622, quando baniram o jugo da Hespanha, e querendo tomal-a, como se fôra colonia hespanhola, defendeu-se Macau heroicamente, inflingindo completa derrota aos invasores.



GRUTA DE CAMÕES EM MACAU

E' no chamado: *Campo da Victoria*, em que se feriu a batalha, que está o padrão commemorativo d'este feito guerreiro, realisando-se cada anno, a 23 de junho, uma procissão em cumprimento do voto então feito pelos macaistas, em acção de graças pelo glorioso resultado da campanha.

Mas, em especial, para os portuguezes da metropole que habitaram Macau, e mais ainda, para os que n'essa colonia passaram alguns annos da juventude, as dolorosas contingencias porque a nossa

colonia da China está passando devem ser sentidas, como se deploram os revezes experimentados por um verdadeiro amigo. E, d'envolta com o pezar, brota irreprimivel indignação contra a desalmada administração central, que tem feito ouvidos de mercador aos incessantes avisos de tantos governadores patriotas e dedicados, ha meio seculo pedindo que se puzesse termo ao proverbial desleixo com que os governos de Lisboa deixaram perder optimos e repetidos ensejos de regularisarmos as nossas relações com o Imperio Celeste, quanto ao definitivo reconhecimento da nacionalidade portugueza de Macau.

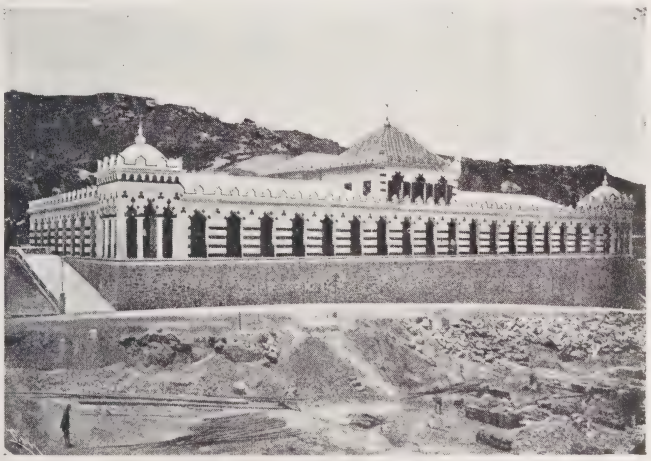
PAGODE DA BARRA

O que se tem passado é simplesmente espantoso. Todas as vezes que as nações da Europa corrigiram a China, e lhe arrancaram concessões, Portugal fez-se notar pela ausencia. Quando o Imperio do Filho do Céo, livre de conflictos com as potencias da Europa, mais arrogante se mostra na intensão de nos expoliar da colonia, cujo dominio, já inclusivamente foi por nós reivindicado pelas armas, é então que os atilados governos de Lisboa tentam negociações, que até hoje só déram em resultado escarneos e ludibrios, mas que d'esta vez prenunciam consequencias ainda mais graves.

O sudario é tremendo, mas não será ocioso desenrolal-o aos olhos de todos os portuguezes, n'este momento em que o nosso dominio sobre Macau se acha sériamente ameaçado, como acreditamos que nunca esteve, porque a China de hoje não é a mesma dos antigos tempos.

Ha trinta e tantos annos, quando habitámos Macau, podia dizer-se, com verdade, que ainda vigorava o antigo aphorismo diplomatico de que: «*A China faz tudo quanto se lhe consente e consente tudo que se lhe faz.*»

Já n'essa época, comtudo, o Imperio Celeste se armava, instruia e tratava de progredir. Por duas vezes que fomos a Cantão, como secretario de commissões encarregados de aplanar com o vice-rei dos *Dois Quangs*, difficuldades todos os dias nascidas da questão chronica do *hopú*, as alfandegas chinezas das immediações de Macau, a canhoneira *Tejo*, navio chefe da nossa exigua



QUARTEL DOS MOIROS

estação naval no Extremo Oriente, era uma unidade guerreira de muito menor valor do que os navios de guerra chinezes que ali se

PALACIO DO LEAL SENADO DA CAMARA DE MACAU

viam fundeados, na frente do Chamine, a concessão europêa.

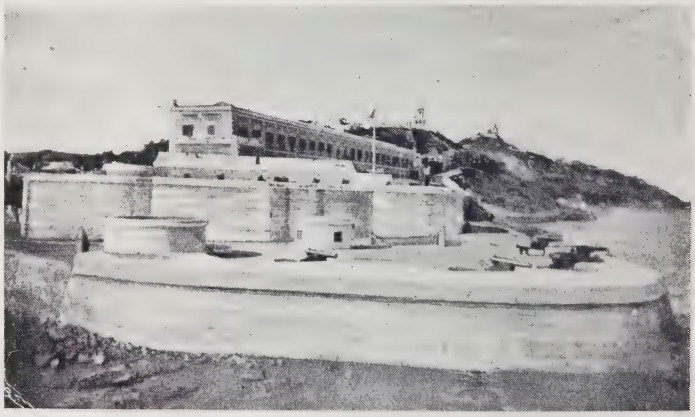
A China, desde então progrediu muito; a victoria dos japonezes sobre os russos, veiu dar mais alentos a essa propensão da raça amarella para se julgar superior aos *fanequai*, os *diabos brancos*, como os europeus ouvem chamar-se nas ruas de Cantão; finalmente, o governo de Pekim, tendo disseminado pelas côrtes da Europa a sua representação diplomatica, está hoje perfeitamente ao facto do modo de ser e do valor material e moral de cada nação europêa.

Para nós, é ponto de fé que as ousadias recentes da China, orientadas pela fórma mais perigosa que até hoje tem revestido, e dado o conhecimento directo que, por bastante tempo, tivemos do caracter e arteirices dos celestes, se não dariam, se elles não estivessem perfeitamente a par do descalabro interno que vae por este malfadado paiz.

Portugal, que nunca soube administrar-se, teve, na Edade-média, e ainda conserva, duas assignaladas aptidões: para a navegação e para a guerra. Ainda hoje, quasi sem recursos e sem material de guerra, fazemos nas colonias o que nenhuma outra nação é capaz de fazer.

Foi em premio e mercê d'essas virtudes, que n'esses tempos remotos eram primaciaes, que em 1556 limpámos os mares da China da pirateria que affrontava o commercio chinez, e nos foi concedido estabelecer-nos em *Comune*, por nós chrysmado em Macau.

Mais tarde, começou a ser-nos vedada a franca entrada na ilha de Hiang Chan, construindo-se uma muralha a separar a colonia portugueza do resto da provincia de Cantão. N'essa muralha havia uma porta, que só uma vez por semana se abria para as relações commerciaes. Veiu essa porta a denominar-se: *Porta do cerco*, não existindo já d'ella, quando habitámos Macau, vestigios, mas apenas um verdadeiro arco em seu logar. Ora, para lá d'esse arco, talvez dois kilometros, n'uma cumiada so-



QUARTEL E BATERIA DE S. FRANCISCO SOBRE A RADA DE MACAU

branceira ao rio de Macau, e fronteira á povoação chineza da *Casa Branca*, a primeira que tem mandarim na fronteira chi-

neza, fica a fortaleza de *Passaleão*, que nós tomámos pelas armas, em seguida ao assassinato do governador Ferreira do Amaral, em 22 d'agosto de 1849, quando os chinas tentaram levantar-se em Macau contra o nosso dominio.

Bastava este facto, se outros titulos não possuissemos, para nos validar a posse da colonia.

Mas o desleixo dos governos fez que sempre se negassem os meios efficazes pedidos pelos energicos governadores que Macau tem tido, para, em parte pela força, e em parte beneficiando de ensejos politicos, que mais d'uma vez se tem dado, arrancarmos á China, por via d'um tratado, o reconhecimento formal do nosso dominio.

CASA DO CONSUL DE PORTUGAL EM HONG-KONG

Um dos mais flagrantes actos do nosso relaxamento moral foi não tirarmos a devida satisfação do infame assassinato d'aquelle heroico portuguez.

João Maria Ferreira do Amaral era um illustre official superior da marinha portugueza, e um valente, em toda a extensão da palavra. Era um veterano das guerras da independencia no Brazil e um dos bravos que desembarcaram no Mindello. Chamavam-lhe na armada: *O Maneta*. No combate naval de Itaparica, em 1823, sendo guarda-marinha na guarnição do brigue *Audaz*, uma bala feriu-o gravemente no braço direito. Levado á força ao hospital de sangue, porque não queria abandonar a acção, foi-lhe o braço amputado, e soffrendo a operação com a maior serenidade, apenas lhe cahiu o braço, ergueu-se da improvisada cadeira operatoria, e atirando ao ar o ensanguentado despojo, gritou: *Viva Portugal!*

Mandado como governador para Macau, dedicou-se energicamente a restabelecer o prestigio do nome portuguez. Havia então na colonia duas alfandegas: o *hopú* chinez, cujos rendimentos eram cobrados pelos mandarins, e a alfandega portugueza, de cujas receitas se pagavam as despezas da colonia. Queria-se fazer de Macau porto franco, para lhe crear, pelo commercio livre, maiores rendimentos, e separal-o do governo da India, a que estava sujeito.

Não podia ser d'outra fórma desde que, após a guerra de 1842, a Inglaterra se assenhoreára da ilha de Hong-Kong, creando ali um porto-franco, cuja visinhança era terrivel para o commercio de Macau.

Pouco durou o energico e intelligente governo de Ferreira do Amaral. Representava o destemido marinheiro no parlamento a provincia de Angola quando, em 1848, foi nomeado governador de Macau. Apenas chegado á colonia intimou aos mandarins fiscaes a retirada, e, como lhe não obedecessem, expulsou-os, mandando picar o mastro do *hopú*. Logo se ergueu contra elle a sanha traiçoeira dos chinas, lançando-se mão do conhecido expediente das sociedades secretas, de que os estadistas celestes se valem sempre, por não terem a coragem necessaria para arrostar ás claras os adversarios.

Assim foi com a celebre revolta dos Taipings, mais tarde com a dos *Pavilhões Negros*, e lá está sendo agora o movimento da sociedade secreta intitulada *Chi-chi-Ui*, que se diz estar promovendo, além d'outros perigosos expedientes, o exodo dos chinas abastados de Macau.

No pouco tempo que governou Macau, Ferreira do Amaral tomou posse da ilha da

Taipa, organisou a defeza, lançou tributos, abriu de vez a Porta do Cerco e construiu vias de communicação no limitado territorio portuguez.

Temendo-o, os chinas resolveram matal-o traiçoeiramente. O boato da premeditada infamia divulgou-se, mas a valentia do governador tornava-o inaccessivel a conselhos de prudencia e a usar de precauções.

Em 22 de agosto de 1849, quando Ferreira do Amaral se dispunha a sair do palacio, para fazer o seu habitual passeio a cavallo até á Porta do Cerco, um *atae*, de nome Assan (que o auctor d'estas linhas, assim como o filho do assassinado, o actual vice-almirante sr. Ferreira do Amaral, ainda conheceram, já velho e alquebrado, no cargo de chefe dos criados do palacio do governo), cahindo-lhe de joelhos na frente, abraçou-se-lhe ás pernas, supplicando-lhe que não sahisse, porque n'aquelle dia planeavam tirar-lhe a vida.

CASA DO CONSUL DE PORTUGAL E EGREJA-PORTUGUEZA EM HONG-KONG

O governador não o attendeu; diz-se até que o ameaçou com o chicote para que o deixasse. Montou, seguiu pela Praia Grande, passou as Portas de S. Lazaro, o Campo da Victoria, desceu a Rampa dos Cavalleiros e, pela estrada em linha recta, entestou com a Porta do Cerco. Sahida esta, segundo a versão que é mais corrente em Macau, cavalgou ainda algumas dezenas de metros já em territorio china. Ahi o caminho é um simples carreiro. Para a esquerda, o terreno desce n'uma rampa até ás varzeas de arroz na margem do rio. A meio da encosta já então existia um agrupamento de miseraveis palhoças, habitadas por chinas leprosos e indigentes. Lá os vi muitas vezes esmolando á beira do caminho, ou ajoelhados, a *bater-cabeça*, nas sepulturas que, para a direita, se alastram pelo campo, até aos arrozaes e bambuaes que encobrem a Casa Branca.

Como de costume, os leprosos mendigos rodearam o governador, pedindo-lhe esmola; e, como de costume tambem, o valente maneta segurou as redeas sob o côto, levando á algibeira a mão direita. Immediatamente, alguns d'esses mendigos, cujas mãos se occultavam sob as *cabaias*, lhe arrojaram aos olhos punhados de cal, derribando-o logo do cavallo, acommettendo-o a golpes de *taifó*, com que lhe deceparam a cabeça.

Diz-se que, ferido tambem, o ajudante que o acompanhava não poude suster o cavallo que, espavorido, partiu em direcção á Porta do Cerco.

O corpo do valente marinheiro foi encontrado no local do crime. Só a cabeça desapparecera, naturalmente por ser necessaria como documento para se cobrar a paga da vil traição. Certo é que, passado tempo, como escreve nas *Alfandegas chinezas do porto de Macau*, ou nas *Ephemerides de Macau* (crêmos ser um d'estes o titulo da obra que ha muito lemos e não temos agora presente) Antonio Feliciano Marques Pereira, veiu descendo o rio, das aguas chinas para as aguas portuguezas, uma *champana*, pequeno barco chinez de fundo chato, ao abandono, e n'elle, sobre um monte de cal, achou-se a cabeça do assassinado governador.

Era o momento proprio, ou *jámais*, como dizem os francezes, para nós pedirmos contas aos celestes e tomal-as á força, se as não déssem completas.

Mas, n'essa contingencia, esquecemo-nos de que a unica coisa de que nós, portuguezes,

com poucos recursos, sabemos tirar grandes resultados, é o emprego da *manu militari*.

Tudo ficou na suffocação da revolta, e na gloriosa, mas esteril, jornada até á fortaleza de Passaleão!

Mas prosigamos, que a via dolorosa das nossas relações com o Imperio do Meio tem ainda outros marcos milliarios a attestarem o inqualificavel desleixo e o abastardamento da passada energia dos governos portuguezes.

MANDARINS CHINAS BATENDO CABEÇA

Mais tarde um outro governador de Macau, Izidoro Guimarães, tambem official superior da marinha, conseguiu negociar um tratado com a China, em que era reconhecida a nacionalidade portugueza de Macau. N'um dos artigos dizia-se expressamente: *Macau antigamente (jadis)* na provincia de Cantão.

Dois annos depois, ao fazer-se a troca dos exemplares do tratado para sua ratificação, o novo governador de Macau e ministro plenipotenciario de Portugal, o coronel de engenharia José Maria Coelho do Amaral, passou por novo desaire.

Salvo erro, as ratificações trocavam-se em Pekim; era secretario da missão o fallecido publicista Marques Pereira, a quem já me referi, e de memoria cito o que a tal respeito se encontra na sua obra.

Ao confrontarem-se as copias do tratado, notou Coelho do Amaral que no documento assignado pelo imperador da China faltava, na versão franceza authenticada pelos sinologos, a palavra *jadis*.

Reclamou immediata e energicamente, e após os rodeios, as hesitações, as condolencias suaves, em que a diplomacia celeste é mestra, o plenipotenciario china acabou por declarar que Macau não podia ser considerado portuguez.

Coelho do Amaral, erguendo-se arrebatadamente, exclamou indignado:

— Pois se não é portuguez, vão lá conquistal-o!

E abandonou o pavilhão em que se achavam.

COOLE

Da mesma fórma que procederamos após o assassinio do governador Amaral, nenhuma satisfação tomámos d'esta nova offensa.

Desde então a existencia de Macau ficou sendo reconhecidamente contingente, e a missão dos governadores uma lucta permanente contra os atrevimentos dos mandarins do *hopú* e as rabolices do vice rei de Cantão.

Quantas opportunidades se apresentaram desde o mallogro do tratado ne-

gociado pelo depois visconde da Praia Grande de Macau, para, á sombra de conflictos entre a China e as grandes potencias, lhe arrancarmos o reconhecimento da nacionalidade portugueza de Macau e das ilhas que temos occupado, mais ou menos effectivamente, todas foram perdidas pela incuria dos governos da metropole.

Mais ainda: emquanto a colonia teve o seu tempo aureo, o tempo da emigração chinheza para Manilla e outros pontos, não fizemos senão concitar com os abusos d'esse deshumano trafico a má vontade do governo de Pekim e da Inglaterra, sem ao menos cuidarmos em applicar a obras materiaes que melhorassem o porto e a existencia de Macau, os rendimentos provindos da emigração. Continuou o assoreamento da entrada e do porto de Macau, continuou a *Pedra d'Areca* a não permittir a passagem senão a navios de muito pequeno calado, e continuou a sugar se o rendimento da colonia em remessas para Lisboa, muito superiores ás despezas com ella feitas.

(Continúa.)

ARTHUR LOBO D'AVILA.

HOMO

Virgula que de pontos foi formada
No espaço immenso. Sempre uma energia,
Em calor e trabalho transformada,
Inconsciente pela Eterna Via...

Vem d'essa noite regelada e fria,
Onde não entra a luz da madrugada:
— Hórrido abysmo, sem caminho ou guia,
Em que se afunda a Creação e o Nada...

Parte integrante d'este grande Todo,
Espaço, inercia, onda feita lodo,
Crystal e alga, protozoario, verme,

E' na sagrada communhão da Terra
E da sidérea luz, que a vida encerra
Que existe a causa do teu ser enerme...

No emaranhado trama do teu ser,
Ha mundos de prazer e soffrimento;
Ha soes disseminados, um erguer
Intérmino de amor e pensamento.

Este mixto de goso e de tormento,
Em que a tua alma se anda a debater,
Não é mais do que força, movimento
(Acção e reacção) que herdas ao nascer.

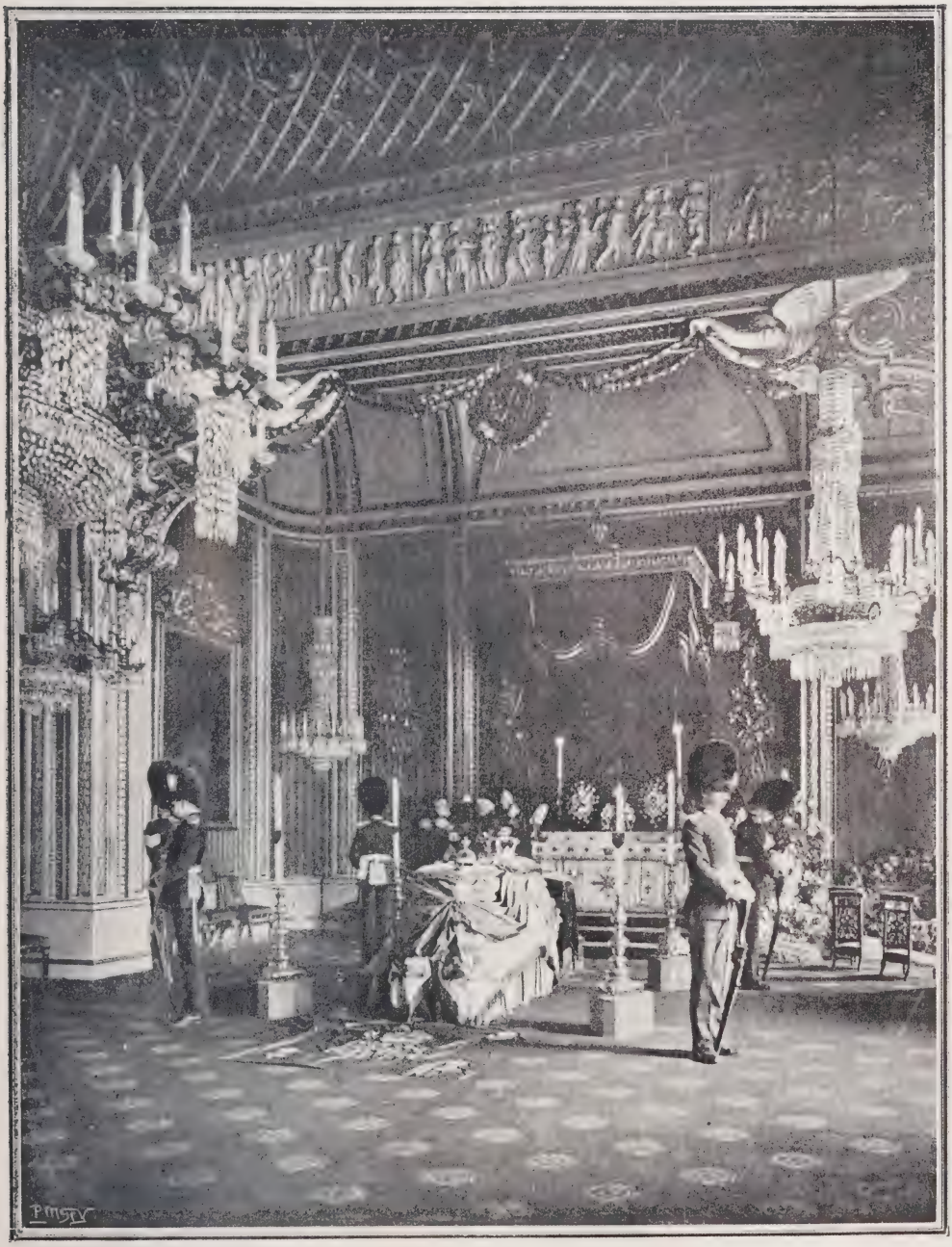
No grão que te alimenta — hóstia santa!
E na agua, que tu bebes, crystallina,
E' que o teu ser se forma e se levanta;

E' que o teu ser caminha para a Luz,
Quer sejas Galileu, Dante ou Catilina
Quer sejas tu, o pállido Jesus.

S. Paulo — Brasil.

Gervasio de Araujo.

Ultimos eccos do funeral de Eduardo VII



O CATAFALCO POUCOS MOMENTOS ANTES DO CADAVER SER CONDUZIDO A SUA DERRADEIRA MORADA

O TERREMOTO

Ao meu amigo Roque Augusto C. de Carvalho.

A terra treme. O povo espavorido
Foge. Desabam casas. Soterrados
Ficam, sem vida, pobres desgraçados
Sem tempo ter d'um ai, nem d'um gemido.

Não ha mais triste quadro dolorido
Nem scena mais cruel! São encontrados
Cadaveres de esposos abraçados;
Mães, tendo ao collo o filho estremecido!

Negro painel de angustias e de dôres!
Emtanto, é bello vêr entre os horrores
De tão profunda, asperrima desgraça:

El-Rei. — Um rei menino, um rei tão novo
Que em meio aos mais humildes do seu povo
Como um consolo, docemente passa...

Peres Junior.

Somatose
Reconstituinte de primeira ordem
Estimula fortemente o appetite
Farbenfabriken vorm. FRIEDR. BAYER & Co., Elberfeld.

Senhoras em evidencia

Arte

Portugal foi sempre terra de eleição para a cultura da Musica, quer profana, quer religiosa. Desde os tempos gloriosos do Renascimento viveram e luziram nesta linda terra portugueza musicos de fama, nacionaes e estrangeiros, que encheram os paços dos reis e dos nobres dessa suavidade encantadôra de viver, de alegria e da ventura do culto das boas e bellas-artes. D. Affonso V, D. João II e ainda D. Manuel foram amantes da boa musica, e ninguem desconhece por certo os tempos aureos de D. José e D. João V, em que, no primeiro com a musica profana e no ultimo com a musica religiosa, em Portugal brilharam os primeiros cantores do mundo culto.

D. ELISA BAPTISTA DE SOUSA PEDROZO
(CARNAXIDE)

E nunca se desmentiu essa tradição gloriosa do amôr á musica no paiz que melhor saberá comprehender sempre a sua harmonia, que nasce naturalmente da sua mesma natureza. E tanto mais valioso é esse amôr, quanto, modernamente sobretudo, se desenvolve quasi desajudado do auxilio official, que em todos os paizes, ainda nos mais modestos, procura sempre alentar a iniciativa particular e crear novos incitamentos para mais arrojadas emprezas.

Se é certo que *nem só de pão vive o homem*, porque necessita alentar o espirito para as grandes e terriveis luctas da vida, não é menos certo que nos tempos de hoje, em que a neurasthenia e o desalento invadem todas as camadas sociaes, se necessita enormemente do influxo poderoso do espirito calmo e consolado para que não falte a coragem e o valôr.

A musica é, de todas as bellas artes, a que mais profundamente fala ao nosso espirito, a que mais sabe suscitar as grandes idéas, e acalentar as suaves illusões, de que se alimenta a vida. E não é de todos a cultura da meiga harmonia da arte de Palestrina, antes exige um coração superior, um espirito delicado, uma alma eleita, para sêr comprehendida e amada.

A illustre e talentosa senhora, que a nossa modesta prosa emoldura nesta justa homenagem, é das almas que mais alto e superiormente sabem, entre nós, cultivar o suave encanto da musica. Pianista distincta, tendo feito a sua aprendizagem com mestres dum valôr incontestavel, occupa hoje um logar de destaque, conseguindo attingir a prioridade incontestavel entre as primeiras artistas portuguezas. A senhora D. Elisa Baptista de Sousa Pedrozo é hoje uma artista, na mais completa e justa accepção do termo. Quando o seu nome apparece a abrilhantar o programma vistoso d'uma festa elegante, sabe-se que, pelo menos, no desempenho do numero que lhe foi confiado se tem a certeza de receber uma fina impressão artistica, pela interpretação rigorosa e perfeita, pela execução primorosa do seu trabalho encantador. E' que não conhecemos mais fina alma de virtuose, temperamento mais pro-

fundamente amante e artistico e que, sob os seus dedos magicos, mais consiga arrancar da materialidade cruciante dum piano, por vezes tão ingrato a quem mais e melhor o conhece.

Nesta galeria, já bastante numerosa, de senhoras illustres, onde, em cada numero, vamos lançando mais uns nomes, fica bem o perfil artistico da senhora D. Elisa Baptista de Sousa Pedrozo, como das que mais merecem essa homenagem, por sincera, justa e sentida. Mais e melhor queriamos dizer da sua individualidade artistica, se o não impedisse o acanhado desta secção. O que fica, porém, simples como é, evidencia nitidamente uma impressão geral do nosso apreço e da profunda e commovida admiração que lhe devotamos.

Ninguem já conseguirá apeal-a do pedestal honroso a que ascendeu por seu proprio merito e onde esperamos continuará a patentear as suas excepcionaes qualidades da nossa primeira pianista portugueza.

Independencia da Argentina

A florescente Republica Argentina, festejou no presente mez de maio com raro esplendor, o centenario da sua independencia. No amplo porto de Buenos Ayres reuniram-se dezenas de navios, a Hespanha enviou a infanta D. Isabel, Portugal o cruzador *D. Carlos*, emfim foi uma festa em que todas as nações tomaram

DR. PABLO LASCANO
Consul General de la Republica Argentina

parte. Em Lisboa o representante da rica potencia sul-americana, sr. Sagastume, commemorou esse jubiloso acontecimento offerecendo varias outras festas. Os *Serões* associam-se gostosamente a essa commemoração publicando no frontispicio o retrato de mademoiselle Ernestina Voget, como já o fizeram de madame Sagastume, e do sr. Pablo Lascano, consul geral da Republica Argentina nesta cidade, e muito estimado aqui.

Centenario de Alexandre Herculano

CORTEJO A ALEXANDRE HERCULANO FORMANDO-SE NO TERREIRO DO PAÇO

ACADEMIA DE COIMBRA
A' frente o dr. José Maria Rodrigues, cathedratico de theologia

Chronica da moda

A anarchia na moda — A grande variedade desta estação — A affirmação pessoal das nossas leitoras, dentro dos dominios da moda — A elegancia da mulher portuguêsa é uma indiscutivel verdade — As proximidades do concurso hippico e as toilettes para então — As qualidades dos tecidos — Voile para «robes princesse». — Os vestidos «tailleur» — Os chapéos e as suas guarnições — As mangas — As luvas postas de parte — As «écharpes» — As saias curtas para recepções, etc., etc.

Com as modas actuaes a verdade é que nos encontramos em plena anarchia, mas uma anarchia graciosa e encantadora, que nos concede a liberdade e os recursos para escolhermos o que mais nos agrade e melhor nos fique . . .

Em questão de modas faz-se exclusivamente o que se quer. As senhoras que não vestirem agora segundo o seu gosto, a sua fórma particular e o estado da sua saude revelam a po-

breza duma imaginação doente ou a fraqueza duma esthetica imperfeita.

E' claro que nos referimos áquellas das nossas leitoras, cuja distincção de habitos e *raffinement* de *toillettes* as colloca em logar de destaque no mundo elegante, como *rainhas da moda*...

Para algumas foi a natureza duma prodigalidade tão exhuberante que lhes concedeu todas as graças da mulher chic, accumuladas de todos os encantos da formosura verdadeira!

Citar nomes seria indiscreção, e nós, além de não querermos ser indiscretas, conhecemos a humanidade e sabemos quanto podem as pequeninas invejas e as injustificadas malquerenças dos que não sabem perdoar os encantos alheios...

Ah! quantas coisas a proposito não poderiamos agora dizer ás nossas queridas leitoras se a nossa missão neste logar não fosse apenas fallar-lhes de modas!

Ha quem julgue este assunto uma coisa facil, e no entretanto, a nossa tarefa torna-se-nos neste momento difficultosa pela grande variedade que a estação nos apresenta e por não querermos obedecer passivamente aos decretos de qualquer autocrata *d'aiguille*.

Embora tenhamos novidades deliciosas, cheias de graça, para dar ás nossas queridas leitoras, não devem comtudo esperar revelações sensacionaes, visto como a moda actual está já completamente definida e accentuada.

Dentro della podem as nossas leitoras affirmar, cada vez mais, a sua personalidade, a sua fina intelligencia desenvolvida por uma cultura geral, o caracter formado pela alta comprehensão da vida e a perfeição da saude mantida por um profundo conhecimento da hygiene e da physiologia, conseguindo assim o *habillement raffiné* da verdadeira mulher parisiense.

Felizmente, como documento comprovativo da nossa educação esthetica, já se veem no nosso pequenino meio elegante muitas senhoras duma distincção excepcional, trajando com toda a graça e todo chic das parisienses *trop mondaines*.

Hoje — com orgulho e desvanecimento o confessamos — a elegancia da mulher portuguèsa é uma encantadora e indiscutivel verdade.

O ULTIMO MODELO DE LONDRES INTITULADO «THE CAPRICE»
Vestido de linho bordado

* * *

Mas... estamos em junho, approxima-se a epocha do concurso hippico e, soubemos — isto muito confidencialmente, — que lá serão exhibidas deliciosas *toilettes*, que já estão sendo confeccionadas como verdadeiras obras de arte maravilhosas, encommendadas por algumas das mais distinctas senhoras da nossa aristocracia, corpo diplomatico e sociedade elegante.

No proximo numero falaremos destas maravilhas da moda tão cheias de interesse.

Com relação aos tecidos é admiravel a qualidade dos que actualmente se estão empregando nas lindissimas *toilettes* e seus *dessous*, adoravelmente finos, ligeiros, flexiveis, prestando-se a todas as combinações pela sua flexibilidade e belleza.

Ha diversos tecidos que fazem as delicias da estação. *O foulard*, esse tecido encantador em côres vivas e lindas, prestando-se á *toilette* de passeio simples ou á elegante *toilette d'après-midi* fará na realidade uma estação duravel.

Alguns modelos que temos visto nas principaes casas são primorosos pelo seu *taillé* e pela sua completa novidade. Temos tambem a *voile ninon (changeant) le dernier cri*... E' lin-

Para augmentar o poder da alimentação dos caldos, leite e carnes para convalescentes, juntar **SOMATOSE.**

dissimo este tecido pela sua leveza e combinação de côres. Veem-se numa variedade enorme em todos os *tons* que nos deslumbram completamente.

A imaginação dos fabricantes tem sido fertil em constantes invenções mundanas. D'anno para anno vão-se tornando estes tecidos extraordinariamente mais bellos e sumptuosos.

Esta *voile* será adoravel para as *robes princesse* ou *robes tuniques*, imponderaveis pela sua suprema elegancia, apenas ajustadas ou franzidas, nem muito longas nem tambem desgraciosamente curtas.

A originalidade destas *toilettes* obtem-se com uma cuidadosa escolha nas duas côres em que deverão ser feitas.

Por exemplo, *fanillè rose* forrada de setim *lyberti taupe*, dá um delicioso *gris-mauve*. Obteremos assim uma infinidade de combinações lindas, suaves e cheias de vida. Com paciencia e bom gosto se conseguirão estas maravilhas... Os *tailleurs* actuaes são perfeitos; as *jaquettes* de comprimento mediano, com ou sem cintura e muito bordadas a *soutache* ou gravemente classicas na sua simplicidade fazem-se em todos os tecidos desde o linho á seda mais cara.

Estas *toilettes* são sempre redondas, não cessaremos de o repetir, tanto isto nos agrada. As saias cada vez mais justas, *les pieds entracés* (como dizem os francezes) estão em plena evolução.

Algumas ha que são elegantes, deixando em liberdade os graciosos movimentos das senhoras.

E' sempre bom e correcto não exaggerarmos a moda e não nos prestar-mos ao ridiculo. Temos deliciosas novidades e a variedade é tão extraordinaria que podemos fugir a tudo que nos possa ficar mal. Deixemos isso para as excentricas e procuremos, com alguma arte, esconder os nossos defeitos, para nos fazer-mos mais... bonitas.

* * *

Agora, gentis senhoras, trataremos um pouco dos chapéos e seus adôrnos.

Dizer que *estes* ou *aquelles* são os mais bonitos e preferidos seria pretensão da nossa parte, porque, lá diz o dictado, *os gostos não se discutem*...

Ha chapéos extraordinariamente exaggerados como grandes, mas dum *chic* que nos encanta. Estes, são naturalmente escolhidos pelas senhoras altas e magras. Pena é que muitas vezes sejam escondidos por elles, rostos de tão indiscutivel formosura...

No entanto, começam apparecendo alguns em genero mais pequeno lindos e até mesmo o elegante chapéo *toque*, que vai *marcar* época como novidade. A variedade é immensa e todos os dias chegam novas remessas com ultimas modas de Paris. Muitas das principaes casas de chapéos, especialmente a casa Mimoso, que é inegavelmente a que mais vende e maior collecção apresenta á sua elegante e numerosa clientella, recebem quasi diariamente novos modelos cheios de frescura, de beleza e de encantos.

As suas guarnições compõem-se de lindas *aigrettes*, flôres, em todas as qualidades, côres e tamanhos, sedas *pompadours* e *tulles*. As rosas serão sempre preferidas; essas bellas rosas que nos dão bem a sensação da primavera com todas as suas bellezas e alegrias.

Alguns chapéos são completamente cobertos de rosas e, como que a abrigal-os dos ardentes raios solares, teem esses finissimos *tulles malines*, que lhes dão immensa graça.

Ha tambem o indispensavel chapéo, que as nossas elegantes chamam, ligeiro e que é insubstituivel para as sahidas de manhan, passeios ao campo e mais tarde para as praias.

Fazem-se em palhas grossas ou de phantazia tendo, como unico e gracioso enfeite, um grande laço em seda, fita ou *tulle* collocado atraz sobre a copa, formando uma especie de elegante borboleta.

As mangas não se uzam compridas, sendo com prazer que lhes damos estas informações. Felizes das nossas leitoras que a estas horas não estejam *em apuros*... tendo absoluta confiança na belleza dos seus braços...

As luvas estão postas de parte; mas, não é noticia para nos alegrarmos. Tem e terá muitos *inconvenientes*. A experiencia faz-nos convencer de que entre nós não será adoptada tal moda, sobretudo por *causa do calor*... Esperemos os acontecimentos... A *écharpe* continúa sendo um dos predilectos agazalhos elegantes, embora de diversos feitios. No entanto vão apparecendo, como novidade, uns *manteaus d'interieurs* que são verdadeiramente adoraveis, feitos de tecidos suaves, flexiveis, macios e quentes. Ha modelos encantadores!

As saias curtas para recepções e para á noite não são uzadas pelas senhoras elegantes. Se são commodas e praticas para os passeios a pé, tornam-se porém desengraçadas e feias numa sala.

Para a seguinte chronica daremos informações das modas mais sensacionaes.

No Auto Palace

Exposição de rosas

UM ASPECTO

Festa em artilharia 1

No mez de maio realizou-se no regimento de artilharia 1, uma festa a que compareceu el-rei e todo o mundo militar. Tratava-se da

MARCHA EM CONTINENCIA

inauguração de uma cantina para os sargentos d'aquella briosa corporação, juramento de

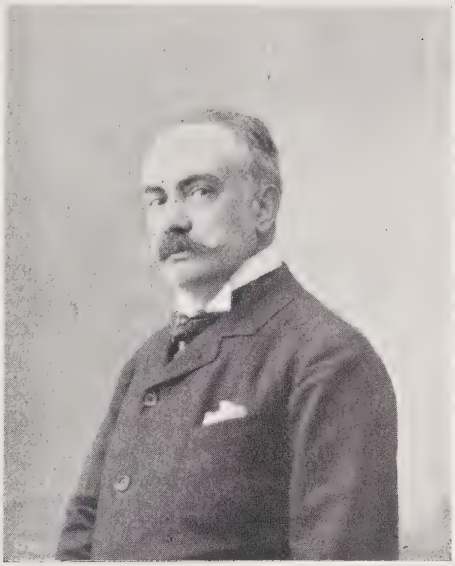
UMA BATERIA DE ARTILHARIA
DESCENDO UM PRECIPICIO

recrutas, etc. A solemnidade deixou a melhor impressão possivel em todos que a ella assistiram.

Livros

Lisboa alegre

Carlos de Moura Cabral, comediographo applaudido, jornalista espirituoso e escriptor scintillante, ha muito que não nos dava nenhuma producção sua. A demora foi generosamente compensada. O seu ultimo livro *Lisboa alegre* é um delicioso e humoristico estudo de aspectos, typos, costumes e episodios da nossa capital. *Castigat ridendo mores*. Sem empunhar o azorrague de uma critica desapiedada, assesta o seu monoculo de psychologo moderno, vê, analysa, fixa no cerebro as impressões recebidas, e rindo, sempre com o seu sorriso affabilissimo a franzir-lhe um tudo nada os labios, escreve recordando e commentando



CARLOS DE MOURA CABRAL

factos passados e incidentes modernos, e de tudo isso, com a sua prosa castiça, facil e malleavel, dá-nos um bello volume, com excellentes desenhos, que se lê de um trago e nos consola o espirito.

Na Guiné

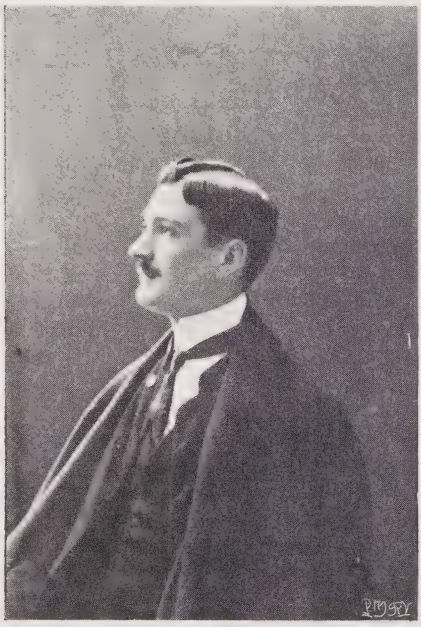
Frederico Pinheiro Chagas, filho do saudoso, do inolvidavel escriptor e orador, é official de marinha, e herdando do seu illustre progeni-

FREDERICO PINHEIRO CHAGAS

tor as suas pundonorosas qualidades de caracter, coube-lhe tambem em partilha as de estylista fluente e de observador a que nenhuma minucia escapa. Tomando parte na campanha da Guiné de 1907 a 1908, onde se portou com a galhardia e bravura peculiares aos nossos officiaes, descreve essas operações num livro extremamente bem feito e interessante. Não é um relato arido de factos de guerra, consubstancia uma serie de quadros, traçados com a alma de um poeta e o enthusiasmo de um marinheiro que adora a sua patria. E' uma obra que se deve ler e que tanto honra o seu auctor, como a corporação a que pertence, e o paiz que o viu nasceu.

Coimbra doutora

Hyppolito Raposo, o estudioso e perscrutador auctor da *Coimbra doutora*, é uma d'essas individualidades que de anno para anno vem



HIPPOLYTO RAPOSO

affirmando a sua força, a sua capacidade, a sua fé no estudo e a sua crença na regeneração da nossa terra. Estudante de direito, e dos mais considerados da sua geração, consegue com pouco vulgar habilidade, encontrar tempo para se desobrigar dos seus deveres escholasticos, proceder a investigações nos archivos e escrever livros que são lidos com affecto e discutidos com fogo. *Coimbra doutora* revela as qualidades de um erudito a par do escrupulo e da gracil facilidade de um prosador de raça.

O prefacio d'este livro, escripto por Julio Dantas, além de ser uma peça litteraria magnifica, fere com brilho e justiça a nota exacta do seu valor.

Pires Marinho

Se dissermos que a Arte no seu dominio absoluto e na parte industrial deve a Pires Marinho prestimosos serviços, não só não exaggeramos, mas registamos um facto verdadeiro e de indiscutivel justiça. Pires Marinho foi dos primeiros, senão o primeiro, que introduziu a gravura chimica em Portugal. Dotado de exce-

PIRES MARINHO

pcional força de vontade, caminhando sempre na sua frente, seguindo o trilho honrado de quem busca no labor o maior premio aos seus esforços. Pires Marinho tão modesto, como activo e intelligente, possue hoje um estabelecimento com officinas, apparelhos e pessoal que rivalisam desassombradamente com os melhores do estrangeiro.

A capa d'este numero dos *Serões*, como milhares d'outros trabalhos congeneres, demonstra á evidencia a que grau de adiantamento e de perfeição attingem as obras sahidas d'essa utilissima e importante casa.

Bibliographia

No proximo numero daremos conta dos livros que tiveram a amabilidade de nos mandar, e que por circumstancias completamente alheias ao nosso desejo não nos é possivel apreciar agora.

São elles, entre muitos outros: *Rosario de Luz*, de Mario Monteiro; *A Atlantida*, poema catalão de Jacintho Verdaguez, traduzido em verso portuguez por José M. Gomes Ribeiro; *O pintor Nuno Gonçalves*, por José de Figueiredo; *O canto da cigarra*, satira ás mulheres, de Augusto Gil; *No primeiro centenario de Alexandre Herculano*, paginas intimas, por Gomes de Brito; *La litterature portugaise*, por João de Barros, etc.

Columbano Bordallo Pinheiro

O nosso admiravel e admirado artista Columbano Bordallo Pinheiro, acaba de obter em Paris, na exposição ultimamente ali realisada, mais uma consagração do seu vigorosissimo talento. O seu quadro *Fructos* e o *retrato de Frederico Ribeiro* obtiveram dos mais abalisados criticos da grande capital francesa e da imprensa da vasta metropole elogios incondicionaes. Todos sabem quanto os francezes são parcos em encomios aos trabalhos estrangeiros e que somma de esforços é neces ario produzir para lhos arrancar. Pois d'esta vez, como de tantas outras, Columbano ficou vencedor em toda a linha.

COLUMBANO BORDALLO PINHEIRO

E' nestes certamens mundiaes, alheios completamente á influencia de considerações res rictas de meio, mas tambem fóra do dominio de amisades e de sympathias pessoaes, que se aquilata e se põe bem em relevo o verdadeiro merito. Os dois trabalhos do insigne artista assignalam mais uma radiante ascensão na sua gloriosa carreira.

Não é demais quanto se diga a respeito das faculdades de accentuada excepção do eminente pintor, que tem sabido conquistar á força de estudo, de uma «maneira» muito sua, muito especial, um logar proeminente, que o decorrer dos annos ainda ha de collocar mais alto.

RETRATO DE FREDERICO RIBEIRO

FRUCTOS

Theatros

D. Maria. — Com a peça *Filhos* corroborou o sr. Vasco Mendonça Alves, a nossa opinião sobre o drama ultimamente representado no Principe Real com o titulo *O ultimo amôr:* é dos novos, um dos que deve escrever para o theatro, genero de litteratura este, para o qual lhe sobejam aptidões; e, se nos *Filhos*, se encontram ainda defeitos proprios, de quem não está no segredo d'essa difficil arte, é certo, que nos seus cinco actos, ha scenas bem observadas, muito especialmente nos tres primeiros, e fórma litteraria bastante cuidada. No desempenho destacaram-se, em primeiro logar, Lucinda, Adelina Abranches, Brazão e Christiano, e em segundo plano, em papeis inferiores, Palmyra Torres e Carlos Santos.

Fez tambem este theatro *reprise* do lindo drama historico, do sr. Marcellino de Mesquita, *Leonor Telles*, levado á scena em recita do actor Carlos Santos, e no qual Eduardo Brazão, no papel de *D. Fernando*, tem uma das suas mais soberbas creações. O papel de *D. Diniz*, que foi creado por Augusto Rosa, teve, d'esta vez, como interprete, o actor Mendonça de Carvalho, e, é claro, sem confrontos, o seu trabalho mereceu as ovações que o publico lhe dispensou. Muito bem Ferreira da Silva e Augusta Cordeiro. Carlos Santos foi bastante brindado.

D. Amelia. — Constituiu um caso de sensação, no nosso meio theatral, as recitas das companhias, franceza, italiana e hespanhola, havendo a affirmal-o, não só a grande affluencia do publico a estes espectaculos, como, em alguns d'elles, o alto preço porque foram vendidos os bilhetes. Assim, a estreia da companhia, sob a direcção de Hertz e Jean Coquelin, com a tão reclamada peça de Edmond Rostand, *Chantecler*, attingiu um enthusiasmo desusado, vendendo-se os bilhetes com grande agio, e não cabendo na sala do D. Amelia, a cabeça d'um alfinete, como vulgarmente se diz. Justifica, como dissemos, este facto, a extraordinarissima propaganda que se tem feito, á obra de Rostand, que, já corria mundo, quando se achava ainda na sua elaboração; e sem duvida, esses excessivos reclamos deram logar ás criticas violentas e bastante severas, com que, alguns homens de lettras, apreciaram o *Chantecler*.

Pensou ou desejou, talvez, o auctor do *Cyrano* e da *Samaritaine*, fazer uma completa revolução no theatro, julgando mesmo que este seu trabalho, producto de 7 annos de estudo, teria a consagração das obras-primas, mas não basta desejar, não basta querer, pois que são, geralmente, os que tal pretendem, aquelles que o não conseguem; o exito d'uma obra anda arredio da vontade, surge quanto menos se espera, e, se o talento é factor indispensavel para a producção d'uma obra-prima, nem sempre elle consegue esse ideal.

Ninguem poderá negar o talento a Rostand, nem tão pouco que o *Chantecler*, não seja um primôr pelo lado litterario; ha em muitos d'aquelles versos, além de elegancia de estylo, conceito, e riqueza de imagens, que volitam por entre um espirito fino e delicado; o sentimento transmitte-se subtilmente ás nossas almas, fazendo-as vibrar com todo o seu poder empolgante e suggestivo, mas, como obra de theatro é — sejamos precisos — immensamente fraca.

O theatro não requer somente encantos litterarios, interessantes á leitura, mas que no tablado do palco produzem a monotonia; é preciso juntar á belleza da phrase os seus attributos — o gesto e o jogo physionomico; a proficuidade da palavra não vem só da forma como é expressa, vem — quantas vezes? — da adaptação apropriada d'um gesto e d'um olhar, e para que o theatro nos transmitta o forte poderio da sua arte, tem de se approximar da vida real intimamente e com tanta homogeneidade que o espectador sinta o seu palpitar, viva dentro da acção, esquecendo-se que está no theatro. Ora basta saber que a peça de Rostand, é symbolica, para se comprehender a mediocridade dos seus effeitos theatraes. As figuras são ridiculas e o aborrecimento invade o publico, de forma que os comprovados meritos de auctor, a sympathia que elle inspira pelo seu talento, não o conseguem demolir.

Não succede, porém, o mesmo encarada a obra pelo seu lado mercantil, pois, crêmos, que não ha peça alguma que, pelo menos, em tão pouco tempo de existencia, desse ao auctor a bagatela de seiscentos contos.

Registe-se o deslumbrante guarda-roupa e o desempenho de Marthe Mellot e Lespinasse.

Depois do *Chantecler* representou-se a comedia em 4 actos, *La petite chocolatière*, de Paul Gavault, o feliz auctor da *Mademoiselle Josette ma femme*, peça em extremo interessante, de entrêcho simples, matizada de bellos ditos de espirito e sem a menor escabrosidade. Agradou sem reservas, bem como o desempenho a cargo dos artistas, Lucile Nobert, Liceney, Bender e Paul Plan, em papeis primarios os quaes receberam nos finaes d'acto fartos applausos.

Por ultimo deu-nos a *troupe* Hertz e Jean Coquelin a conhecida peça de Caillavet, Flers e Arène, *Le Roi*, que, com o titulo *O Rei da Gafanha*, obteve grande successo no D. Amelia, pois que representa um soberbo trabalho de critica fina, levemente repassada de ironia, a que os nossos artistas juntaram uma correcta interpretação.

Como se houveram os artistas francezes n'esta peça, affirmam-n'o as ovações que receberam, e especialmente o actor Magnier a quem coube o papel principal.

A estas recitas seguiram-se as da companhia italiana da qual fazia parte o celebre tragico Ermette Zacconi, figura proeminente da scena e que, em verdade, é o que maiores sympathias captou do nosso publico pelas suas excepcionaes qualidades artisticas, que no desenho de diversas personagens attinge o sublime da arte de representar.

A estreia realisou-se com o drama em 2 actos *Pão alheio*, já representado em Lisbôa pelo proprio Zacconi e Novelli, e com a comedia, em 1 acto *O cantico dos canticos;* e, quanto possamos dizer do seu trabalho, creiam os nossos leitores, que fica muito aquém da verdade e do alto valôr que distingue esse genial artista, que se revela no mais simples pormenor. Quer no *Pão alheio*, quer na *Morte Civil*, no *Tristi amori*, *Diavolo*, *L'oscuro dominio*, *Hamlet*, *etc.*, o seu trabalho pode classificar-se de assombroso, tal é o effeito que nos produz a real interpretação das personagens, que nos prende e arrebata no seu desenho vivo e fundamentalmente humano.

Disse um dos nossos distinctos criticos ácêrca, por exemplo, da peça *L'oscuro dominio* que — «o trabalho de Zacconi no 2.º e 3.º actos não se descreve; não ha adjectivos nem imagens que transmittam uma leve, uma pallida idéa, do que elle realisou, da maneira como elle esmagou, apoquentou, pungiu o auditorio» — e assim é; a impressão que Zacconi nos transmitte e fica impressa na nossa alma, ao cahir do panno no ultimo acto, é tão intensa, que se sáe do theatro, como que esmagado pela tortura d'uma forte commoção. O thema da peça é um caso pathologico, que pode servir para estudo, mas que não realisa o fim a que deve propor-se uma obra de theatro, o que ainda mais valorisa o trabalho do eximio artista que, durante umas horas, prende o auditorio e subjuga-o pelo imperio da sua grande arte.

Se passarmos á *Morte Civil* o artista, da mesma fórma se nos patenteia com todo o vigôr do seu fulgurante talento. Como Zacconi descreve no 4.º acto a morte por envenenamento com strychnina, é simplesmente admiravel. Desde os lances menos brilhantes da peça aos mais intensos, Zacconi compõe o seu trabalho com tanta propriedade, que nem se quer se pensa em discutir a obra, cujo valôr reside especialmente como prova de talento de quem interprete esse brutal papel de *Conrado*.

O que mais distingue, esse mestre da scena, é a naturalidade, o cunho de verdade que imprime ás personagens, de maneira que, o destaque d'umas para outras, é claramente manifestado, e assim das peças citadas, o illustre artista, se nos apresenta na *Tristi amori* completamente transformado, como se obedecesse á magia da varinha de condão d'uma fada. Todo o papel de marido ultrajado, da empolgante obra de Giuseppe Giacosa, encontra em Zacconi, a mais fiel e rigorosa interpretação, transmittindo com intensissimo fulgôr e vehemencia, os fortes sentimentos e impetuosas paixões que se agitam e se chocam ante a mulher adultera.

O que foi o seu trabalho na scena capital do 2.º acto e no final do 3.º, em que ao seu espirito se apresenta todo o cortejo de vilanias e ingratidão soffridas, e a alma se fere entre o amôr e o dever, só pode aquilatar quem o presenceou; não ha uma phrase, um gesto por mais insignificante que seja, que não nos venha demonstrar a sua poderosa mestria e profundo estudo.

Descrevendo no *Hamlet* a doentia figura do principe da Dinamarca, apparece-nos egualmente como astro brilhantissimo da scena; no encontro com o espectro no 1.º acto, no dialogo com Ophelia, no extenso monologo *Ser ou não ser... etc.*, o seu talento refracta-se em raios de luz viva, traduzindo com o segredo da sua arte, essa estranha figura, tão discutida e diversamente interpretada, e na qual se encarnou de maneira a deixar a assistencia vivamente impressionada.

E assim nas peças *Ao telephone*, *D. Pietro Caruso*, *Kean*, *Diavolo*, *Os espectros* e *Collega Crampton*, Ermette Zacconi realisou a mais sublime arte de representar, imprimindo, a todas as personagens, um vinco profundo de verdade e a mais estupenda e commovedora sensação, que nos tem sido permittido experimentar em theatro. Artista de enorme envergadura, o seu talento se nos impõe na tragédia, da mesma fórma como se nos revela, nitida e brilhantemente, no drama e na comedia; não ha para elle insignificancias de detalhe, coisas minimas, tudo é aproveitado e realçado com a sua grande proficiencia artistica. Grande e sublime actor!...

Propositadamente guardamos para final a nossa apreciação sobre a actriz Ines Christina, cujo valôr foi sobejamente patenteado nas muitas ovações de que foi alvo em todas as peças. E' uma digna companheira de Zacconi, e n'isto está o seu maior elogio, pois que, em todas as peças eccentuou, d'uma fórma notavel os seus bons dotes artisticos, delineando as personagens com muita naturalidade e irreprehensivel arte. Os restantes artistas formaram sempre um bom conjunto, o que raras vezes succede ver-se em *tournés* artisticas.

Mas, nem sempre peixe, nem sempre carne, e assim a companhia hespanhola, a cujo elenco pertence a endiabrada Pilar Marti, veiu dar uma nota de extrema alegria ao elegante theatro da Rua do Thesouro Velho. No proximo numero falaremos.

Trindade. — Fechou a companhia Taveira, a serie de peças novas, na presente época, com a operetta. *S. A. o Principe Consorte*, de Xaurof e Chaucel, traducção do sr. Acacio Antunes, e musica de Garyll, agradando bastante. Successora das applaudidas peças, *Viuva Alegre* e *Sonho de Valsa*, d'ellas conserva alguma reminiscencia, a par de diversos trêchos musicaes de agradevel melodia. E' muito movimentada, tem graça, tem um bom desempenho e uma cuidada *mise-en-scene*. E agora, até outubro, em que teremos de novo, a companhia Taveira, de volta do Brazil onde foi colher, por certo, muitas ovações e alguma... massa.

Estreou-se, n'este mesmo theatro, a companhia do theatro Carlos Alberto, do Porto, com a revista, *A's armas*, de successo garantido, e da qual nos occuparemos, no proximo numero dos «Serões».

Gymnasio. — Depois d'uns annos de descanso voltou a fazer as delicias dos *habitués* do Gymnasio, a applaudida comedia, de Eduar-

do Schwalbach, *O filho da Carolina*, na qual Valle retomou o seu antigo papel de *Dr. Leonardo*, d'um comico extraordinario e a que o distincto artista dá uma feição apropriada. Cardoso, Jesuina Marques, Alda d'Aguiar, Judith, etc., formam um bello *ensemble*.

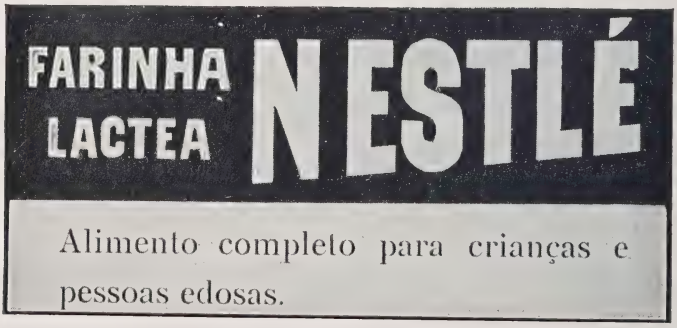
Principe Real. — Acaba de partir para o Porto a companhia d'este theatro, que vae dar uma serie de espectaculos no Aguia d'Ouro com a festejada revista *Sol e Sombra*, ultimamente ampliada com mais dois quadros novos intitulados *Uma festa á Chanteclér* e o *Hotel do Lagarto*. O primeiro quadro não foi recebido, na sua primeira exhibição, com a justiça que merecia, mas nem por isso, deixou de agradar em recitas seguintes; o segundo satisfez por completo, pois está trabalhado por mãos de mestres.

Rua dos Condes. — Retirou de scena com mais de 160 representações e ainda na força do enthusiasmo, a revista *Fado e Maxixe*, para dar logar á magica *A herança da fada*, que tem agradado extraordinariamente.

Colyseu dos Recreios. — Apezar da vastidão da sala do Colyseu, ha noites, que parece de diminutas dimensões, tal é a agglomeração do publico ás recitas da companhia d'opera, o que vem cabalmente demonstrar o agrado por estes espectaculos e que elles são constituidos com bons elementos, merecedores, sem duvida, dos elogios da critica. E de facto assim é. Já no nosso numero anterior fizemos referencias elogiosas aos principaes artistas que compõem o elenco da companhia, e hoje só temos de as confirmar nas varias operas cantadas desde então. A sr.ª Aceña nos *Palhaços*, o barytono De Gueri e o tenor Manso, formaram o bello tercetto da opera, sendo calorosamente applaudidos nos pontos capitaes do spartitto, e como se sabe, o arioso do prologo, por exemplo, tem dente de coelho, e n'elle se distinguiu o sr. De Gueri, tendo até de o bisar. A sr.ª Aceña na aria e o tenor no final do 1.º acto foram egualmente muito ovacionados. Na *Cavallaria Rusticana* o grupo de cantores foi formado pela sr.ª Albertini, tenor Mulleras e barytono Mollina que com brilho marcaram a recita, como uma das melhores da temporada lyrica. Os mesmos artistas na *Gioconda*, com a sr.ª Pangrazi, no papel de cega, e o baixo Giral, interpretaram a linda partitura de Panchielle, com bastante colorido e vigor, a que se juntou os córos muito afinados e a bôa direcção orchestral, que na *suite* dos bailados das *horas* recebeu a devida ovação. E sempre com enthusiasmo e justo louvor foram cantadas as operas, *Huguenottes, Favorita, Othelo, Fausto, Ernani, Trocodor, etc.*, que a falta de espaço não nos permitte pormenorizar.

Quando, porém, os espectaculos no Colyseu attingiram o mais subido grau de apreço, foi n'aquelles em que tomou parte a celebre cantora Maria Galvany, que o publico de Lisbôa recebe sempre em fremitos de applausos. Com a *Lucia* realisou a sua apparição, e perante uma enchente colossal, a distinctissima cantora recebeu a justa homenagem, como figura insigne da scena lyrica. No *rondó* foi puramente admiravel; a sua voz fresca, crystalina, muito bem vocalisada, de timbre agradabilissimo, adapta-se ás exigencias das partituras tão superiormente bem, que tornam Galvany uma cantora illustre e das mais apreciadas no mundo musical. Tanto n'esta opera, como no *Barbeiro de Sevilha*, na *Somnambula*, na *Traviata* e em outras, Maria Galvany encanta com a sua harmoniosa voz e methodo de canto, não havendo trêchos a especialisar. Com que brilho ella canta o *rondó* da *Somnambula*, a aria da *Flauta magica*, de Mozart e a *Valsa Cantabile Incantatrice*, de Arditi; é verdadeiramente uma garganta privilegiada que o estudo educou e aperfeiçoou. Não admira, pois, que nas recitas em que Galvany se apresente, a concorrencia do publico seja numerosissima, e a sala não chegue, apezar da sua grandeza. O sr. Mulleras merece tambem referencia especial; é um bom artista e que muito bem secundou o trabalho de Maria Galvany.

H. O.



MUSICA

DOS

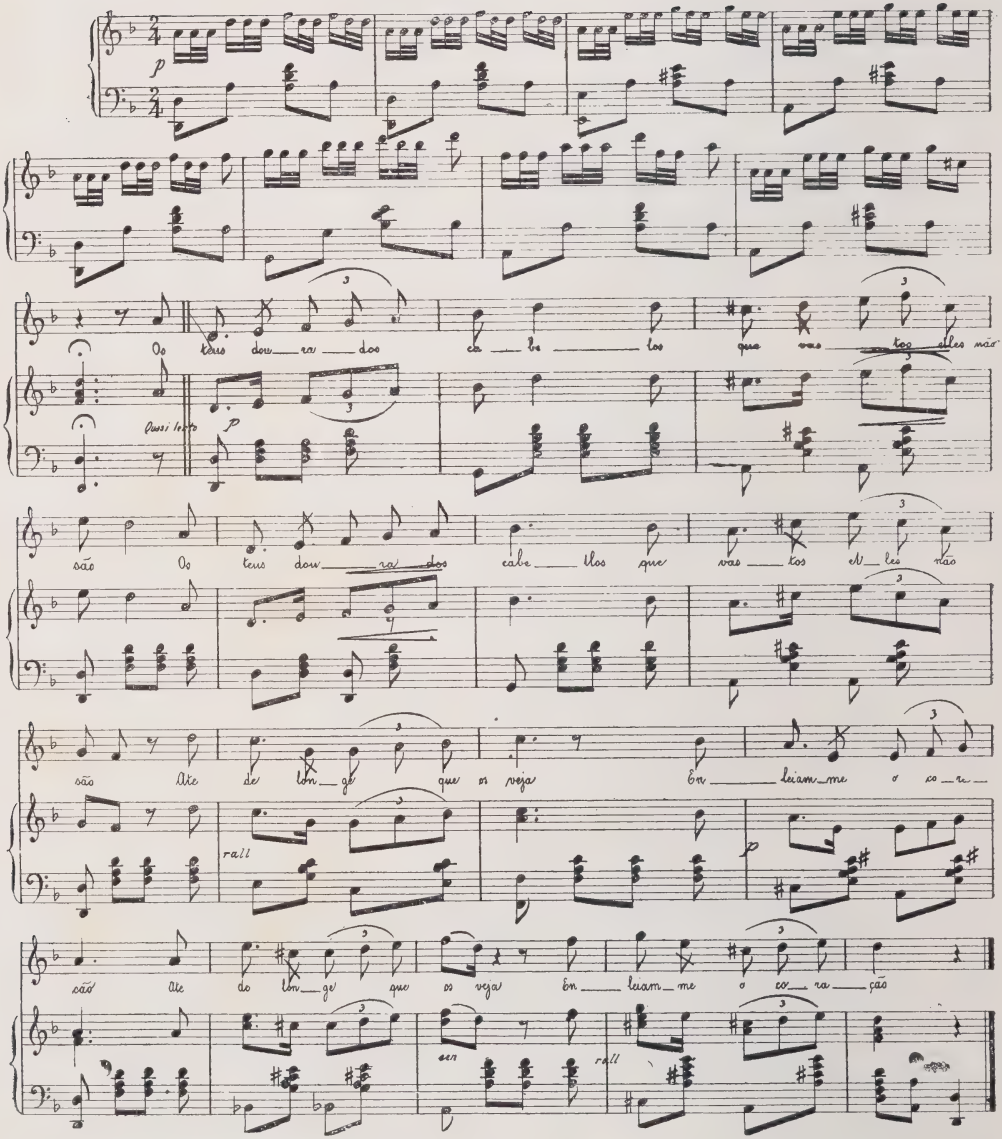
"SERÕES"

MIMOS DO CORAÇÃO

Musica do Ex.mo Sr. A. S.

Letra do Ex.mo Sr. R. F.

Mimos do Coração



FADO SLAVO

Mimos do Coração

Retrato á penna

O teu rosto virginal
Tem ainda a fresquidão
Que não conserva quem anda
Nas luctas do coração.

Que varios são esses olhos
Que nem sei de que côr são;
Mas quando os fitas nos meus,
Bem o sente o coração.

N'elles a tua alma espelha
Sua diversa feição
Que, por ser tão variada,
Sempre enleva o coração.

As lagrimas que tu choras,
Orvalhos de amor que são,
Quando te cahem dos olhos,
Cahem-me no coração.

Que meigos os teus sorrisos,
Que alentos elles me dão
São como os raios do sol
Aquecem-me o coração.

E a tua voz tambem meiga,
Quando vibra de emoção,
E' um ciciar do amôr
Que inebria o coração.

Os teus labios? Que promessas
De caricias que me dão!
Só vel-os perto dos meus
Alvoroça o coração.

Os teus cabellos dourados
Que vastos elles não são!
Até de longe que os veja,
Enleiam-me o coração.

Cingem-te a linda cabeça,
A dar-te ao rosto a expressão
Das aves 'inda no ninho.
Encanto do coração!

As tuas mãos pequeninas,
Quando em prece ou oração,
Parecem duas rolinhas,
Arrulhando o coração.

A côr que tens do jasmim,
A mais fina c'loração
Das flores mais delicadas,
Deslumbra-me o coração.

O teu corpo vaporoso,
Na sua etherea feição,
Dá bem o perfil do amôr,
Como o sonha o coração.

Quando o respiro de perto
Vem-me d'elle a sensação
D'um subtil, suave perfume
Que embalsama o coração.

'Inda esse passo onduloso
A dar-te tal distincção
Que a todos, no teu caminho,
Arrastas o coração.

*

Teu porte, tambem distincto,
Convida á meditação.
Do que ha de ser a mulher,
Na vida do coração.

E a virginal timidez
E' tambem indicação
De, nessa edade, 'inda teres
Innocente o coração.

Tantos mimos, tantas graças
São de tal fascinação,
Que só não póde sentil-a
Quem não sinta o coração.

E no seu feliz conjuncto
Deixam a vaga impressão
De um bello sonho d'amôr
Passado no coração.

Quando o que se póde vêr
Infunde tal seducção,
Que fará o que se occulta
No fundo do coração.

*

E's a virgem dos meus sonhos,
A casta revelação
Da mulher que eu ideava
Noiva do meu coração.

Que pena que o teu amôr,
Fugitiva apparição,
Se desfaça como um sonho,
Ao calôr do coração.

Para seres no teu sexo
O ideal da perfeição,
Bastava só que tivesses
Mais vida no coração.

Que haverá na tua vida
Na tua compleição
Que não permitta a ninguem
Possuir-te o coração!

Este cantico d'amôr
Traduz bem a admiração
De quem sabe apreciar-te
Os mimos do coração.

INDICE

DOS

ARTIGOS E GRAVURAS CONTIDAS NO VOLUME X

(2.ª SÉRIE)

A' OLGA — Versos de Odilan Nestor . . . 138

AI DE MIM! — Versos de Bernardo Lucas 205

ALCOBAÇA — Versos de D. Luthegarda de Caires — Com 1 illustração 456

AMOR-DEO — Versos de Alberto Corrêa 41

AMORES DE PAULO E FRANCESCA (OS) — Por B. de Salles — Com 2 illustrações e 1 vinheta 249

ANTONIO NOBRE — Por Lia — Com 11 illustrações 218

ARAGEM QUE PASSA — Versão de D. Celia Roma — Com 3 illustrações e 1 vinheta 357

ARISTOPHANES E A SUA ESCOLA — Compilado por Eduardo de Noronha — Com 6 illustrações e 1 vinheta 275

ARSENAL DO EXERCITO — Por Henrique Marques Junior — Com 15 illustrações, 257 e 419

ARTE MODERNA — Por Aquilino Ribeiro — Com 8 illustrações e 1 vinheta 337

BOERS DO CABO (OS) — Com 1 vinheta 386

BRANCA HERMINIA — Versos de Lucilio 262

CAMPO GRANDE (O) — Por Eugenio Vieira — Com 15 illustrações, 269 e 351

CAMPO DE SANT'ANNA (O) — RECORDAÇÕES DE ENTÃO — Por Carlos de Abreu — Com 10 illustrações e 1 vinheta . . 297

CARNAVAL ATRAVEZ OS TEMPOS (O) — Por A. Beldiabo — Com 9 illustrações 83

COMEDIA LATINA (A) — Compilado por Eduardo de Noronha — Com 9 illustrações e 1 vinheta 431

COMO SE PREPARA UM NECTAR — Por J. Reis Gomes . . . 3

CONQUISTA DO POLO NORTE (A) — Por A. Ramos da Costa 115

DANTE E BEATRIZ — Traducção de B. de Salles — Com 3 illustrações 171

DE INHAMBANE A LISBOA — Por Thomaz d'Almeida Garrett — Com 6 illustrações 221

DESPEDIDA DE COIMBRA — Por Sousa Costa — Com 7 illustrações 13

DEVER (O) — Versos de Ignotus 248

DESVARIO DA ZAGALA (O) — Por Costa Macedo — Com 3 illustrações 54

DILUVIO DE PARIS (O) — Por Justino de Montalvão — Com 5 illustrações e 1 vinheta 332

D. JOÃO II — Versos de Ignotus 90

DOR DE VIVER — Versos de Affonso Celso 185

ECCOS E REFLEXOS — Com 96 illustrações, 67, 141, 230, 308, 388 e 467

EDUARDO VII, LAVRADOR — Por Al-

varo Coelho — Com 2 illustrações e 1 vinheta 453

EM SURDINA — Versos de F. Carneiro . 176

EM TANAGRA — Versos de M. Cardoso Martha 268

ENTRE DOIS ORPHÃOS — Versos de Mario Florival 227

ESCOLHA DE ADUBOS PELO METHODO DO CESTO E DA PARAFINA — Pelo Visconde d'Alte — Com 2 illustrações . 306

ESMALTES ARTISTICOS — Por Arthur Lobo d'Avila — Com 11 illustrações e 1 vinheta 29

ESPERANDO — Versos de D. Domitilla de Carvalho — Com 1 illustração 170

EXEMPLOS DO BEM — Por Victor Ribeiro — Com 4 illustrações e 1 vinheta 91

EXPIAÇÃO (A) — Versos de João Penha . 376

FONTES PEREIRA DE MELLO — Por Silva Bastos — Com 2 illustrações 323

GRANDE ACTOR VALLE (O) — Por Portugal da Silva — Com 8 illustrações e 1 vinheta 48

HONOLULU — Pelo Dr. Gonçalves Pereira — Com 7 illustrações 403

HOMO — Versos de Gervasio de Araujo 461

HYBERNAI — Versos de Santos Vieira . 85

HYGIENE ESCOLAR — Por Marques Mano — Com 5 illustrações 177

IMPRESSÕES DE VIAGEM — Versão de Manuel de Macedo:

A Rainha do Oriente — Cannibalismo n'um comboio — A Chicago a' le-man — Com 3 vinhetas, 206, 263, 345 e 428

IN PULVEREM — Versos de Celestino Monteiro 12

LADRA! — Por Amelia Barbosa — Com 2 illustrações 410

LUTHERO BURBANK — Por Alvaro Coelho — Com 7 illustrações 253

MACAU — Por Arthur Lobo d'Avila — Com 10 illustrações 458

MARIA — Versão de J. d'Arruela 19

MARIA ANTONIETTA NA SUA TOILETTE — Com 1 vinheta 228

MARK TWAIN — Versão de Manuel de Macedo — Com 1 illustração e 1 vinheta . . . 45

MARTHA E MARIA — Versos de D. Maria de Carvalho 326

MENANDRO E SÉNECA — Por Eduardo de Noronha — Com 9 illustrações e 1 vinheta 364

MEU IRMÃO — Versos de Augusto Casimiro 105

MEUS SONHOS — Versos de Raul do Valle 444

MOLEIRA (A) — Versos de J. de Oliveira Simões 305

MYSTICISMO CHRISTÃO — Versos de Eduardo Metzner, 585 e 409

NA VIDA — Versos de Pereira Barreto . 452

NATAL E ANNO NOVO — De Portugal da Silva — Com 8 illustrações e 1 vinheta . . 60

NO CASTELLO — Versos de D. Maria de Carvalho 114

NOIVA — Versos de Augusto Gil 256

NOSSOS ERRANTES (OS) — Por Eugenio Vieira — Com 1 illustração e 1 vinheta . . 133

OLHOS — Versos de Eduardo Metzner . 96

ONDAS MARCONICAS — Versos de Affonso Gayo 198

OBRAS PRIMAS DO THEATRO — Compilado por Eduardo de Noronha — Com 12 illustrações e 1 vinheta 122

PAPA PIO X (O) — Por S. B. — Com 38 illustrações e 1 vinheta, 21, 97 e 287

PARADOXAL — Versos de Santos Vieira 217

POBRE FLORINDA — Por Costa Macedo — Com 6 illustrações e 1 vinheta 445

PRINCIPADO DE MONACO (O) — Por D. Cacilda de Castro — Com 7 illustrações . 163

RAINHA DO ORIENTE (A) — Versão de Manuel de Macedo 139

REPUBLICA DO URUGUAY (A) — Por Luiz Trigueiros — Com 11 illustrações 209

RISO (O) — Por Mario Monteiro — Com 12 illustrações 327

ROXO — Versos de Raul do Valle . . . 296

SARAU MEMORAVEL — Com 22 illustrações e 1 vinheta 377

SILVA PEQUENINA — Versos de J. de Oliveira Simões 36

SONETO de José Fuzeira 28

SONETO de D. Maria de Carvalho 219

SOPHOCLES E EURIPIDES — Compilado por Eduardo de Noronha — Com 9 illustrações e 1 vinheta 186

TERREMOTO (O) — Versos de Peres Junior 466

TROCA (A) — Versos de Julio Martinho . 418

ULTIMOS DIAS DE ALEXANDRE HERCULANO (OS) — Por Bulhão Pato — Com 1 illustração e 1 vinheta 243

ULTIMOS ÉCCOS DO FUNERAL DE EDUARDO VII — Com 1 illustração 465

VICTORIA DO HOMEM (A) — Versos de Augusto Casimiro . 20

VIDA NA CIDADE E NOS CAMPOS (A) — Por Carneiro de Moura — Com 11 illustrações e 2 vinhetas, 37 e 106

VINHO DO PORTO (O) — Po Almeida Bessa — Com 5 illustrações 199

VIOLINO — Versos de Raul do Valle . . . 220

VOX DEI — Versos de B. de Salles 252

MUSICAS DOS "SERÕES"

ADAGIO — Sonata em ré menor, por Beethoven 400

BOURRÈE, de Joh Sab. Bach. 160

MIMOS DO CORAÇÃO, musica do Ex.mo Sr. A. S., letra do Ex.mo Sr. R. H. 478

MINUETE de José M. Correia 318

MINUETE CELEBRE, de L. Boccherini 77

NOCTURNO, de Fr. Chopin 240

SERÕES

BRINDE

UMA VIAGEM A PARIS

(Ida e volta em 1.ª classe, partida de Lisboa), em época á escolha do favorecido pela sorte, ou o seu equivalente em moeda corrente, como em 1909.

BRINDE MENSAL A TODOS OS LEITORES

Pela apresentação de BONUS publicados em cada numero

descontos em varios estabelecimentos sobre as compras effectuadas

GRANDE VANTAGEM AOS ASSIGNANTES

Desejosa a administração dos **SERÕES** de reunir o maior numero de assignantes, em uma publicação de tanto interesse e unica no seu genero em Portugal — revista profusamente illustrada, com escolhida e escrupulosa collaboração, que se publica no primeiro de cada mez — e querendo facilitar-lhes o completar esta publicação desde o seu inicio, offerece — **a todos que assignarem a revista SERÕES por periodo não inferior a um semestre** —, o adquirir um qualquer volume publicado ou todos os treze, com um desconto de 50 %, ou seja cada volume (que corresponde a um semestre) **600 réis** ou, ainda, **1$000 réis,** lindamente encadernado em capas de luxo.

O preço da assignatura dos **SERÕES** é:

Portugal, ilhas, colonias e Hespanha	Anno	2$200 réis
	Semestre	1$200 »
	Trimestre	600 »
Para o Brazil (Moeda fraca)	Anno	12$000 »
Para outro qualquer paiz estrangeiro	Anno	15 fr.

Numero avulso, 200 réis

ANNUNCIOS

A administração dos **SERÕES,** revista mensal de importante tiragem e larga circulação — não só em Portugal (Ilhas e Colonias), como no Brazil —, offerece nas paginas supplementares dos **SERÕES,** nitidamente impressas e em optimo papel, uma **Secção especial de annuncios,** que antecederá o texto de cada numero d'esta publicação, nas seguintes condições:

Por uma só inserção		Por um anno, ou sejam 12 inserções	
1 pagina	6$000 réis	1 pagina	70$000 réis
1/2 pagina	3$500 »	1/2 pagina	40$000 »
1/4 pagina	2$000 »	1/4 pagina	20$000 »

Os clichés, quando o annuncio fôr illustrado, serão fornecidos pelo annunciante.

Administração dos SERÕES — 30, Praça dos Restauradores (Palacio Foz), 30 — LISBOA

Telephone n.º 805

(Marca registrada)

DERMOL

O remedio das familias

Precioso especifico das doenças da pelle, peculiares ou accidentaes

Em quasi todas as doenças peculiares da pelle: *herpes, dartros, empigens, frieiras, pellada, tinha, uzagre, lupus, crostas,* etc., faz o **Dermol** todos os dias curas admiraveis em casos muito antigos e rebeldes aos mais zelosos e scientificos tratamentos.

Tambem na maior parte e nas mais vulgares lesões da pelle, *golpes, excoriações, pancadas, contusões, entorses, picadas venenosas, estrepadas de ferro ou de madeira,* a acção curativa do **Dermol** é rapida e sobreleva tanto a de qualquer outro medicamento, que a sua applicação é insubstituivel

E ainda em muitos outros casos: *erysipelas, furunculos, collosidades, callos molles, rheumatismo das juntas, ulceras antigas, cancros, pequenas queimaduras,* etc., a acção do **Dermol** é benefica e muitas vezes rapida, o que é demonstrado todos os dias pela experiencia e a sua composição scientificamente justifica.

Applicado sobre a pelle em camada ligeira, o **Dermol** deixa, pela evaporação immediata, uma epiderme artificial, protectora e antiseptica, que destroe insensivelmente os tecidos morbidos e promove a formação de epiderme nova e sã.

Toda a gente que se presa deve ter um vidro de DERMOL sempre á mão

em casa, em viagem, nos escriptorios, nos armazens, nas casas de educação physica, nas escolas, nas officinas, nos exercicios de sport, em qualquer parte, emfim, onde se está sujeito a muitas lesões que exigem curativo immediato e para as quaes o DERMOL quasi sempre, é necessario e sufficiente

Cada experiencia é uma cura
Não suja a roupa nem é nojento como as pomadas

BLENOL

(Marca registrada)

Notavel especifico das doenças genito-urinarias de qualquer especie, nos homens e senhoras

Liquido agradavel para uso interno, é superior a todos os preparados de sandalo, copahiba ou cubebas, porque é infallivel, não estraga o estomago e não exige dieta.

Purgações antigas ou recentes, catarrhos da bexiga e dos rins, calculos e areias, urinas de sangue e prisão de urinas, devem ser tratadas sómente com **Blenol**.

Unico remedio neste genero que não faz mal e póde ser usado, tanto ás colheres como em injecções ou lavagens da bexiga, sem o menor ardor.

Usado em injecções produz, em muitos casos, os mesmos effeitos sem o inconveniente das injecções irritantes ou causticas e sem o risco de provocar estreitamentos nem orchitis.

Effeitos admiraveis nas *blennorrhagias, gonorrheias* e *prostatites,* recentes ou chronicas, assim como nas doenças proprias das senhoras: *leucorrheia* (flôres brancas), *metrite chronica* (inflammação do utero), etc., etc.

INFALLIVEL — INOFFENSIVO — AGRADAVEL
SEMPRE EFFICAZ — SEMPRE SEGURO

Ver instrucções especiaes que acompanham cada vidro. Pedir aos depositos folhetos gratis com instrucções e attestados.

Toda a pessoa previdente e cauta
Que a vida pauta com toda attenção,
Seja do povo ou da nobreza o escol,
Usa **DERMOL** *e sempre o tem á mão.*

Doenças da pelle, empigens, dartros, herpes,
Virus de serpes, de qualquer pancada.
Excoriação, ou golpe, ou callo molle:
Põe-se **DERMOL** *e ficam logo em nada.*

O BLENOL e o DERMOL

especificos do pharmaceutico Henrique E. N. Santos
foram premiados com medalha de ouro na Exposição do Rio de Janeiro de 1908
Vendem-se em todas as pharmacias e drogarias

Da linda Ignez os grandes soffrimentos
Do utero longo tempo se notaram.
Porém tomou **BLENOL**; *e os seus tormentos*
De antigas dôres logo se curaram.

Soffreis dos rins, do utero, das urinas,
Doenças mofinas, mal de tanta gente?
— «Um só remedio!» — diz o sabio Stoll,
«Usae **BLENOL**, *interna e externamente».*

O BLENOL e o DERMOL

especificos do pharmaceutico Henrique E. N. Santos
foram premiados com medalha de ouro na Exposição do Rio de Janeiro de 1908
Vendem-se em todas as pharmacias e drogarias

GETTY CENTER LIBRARY
3 3125 00617 7204